

HETEROTOPIA EM TORNO DOS BANHOS

Articulação entre Pré-existências e a Água

A propósito do Parque Natural do Rio Seco

Fabiana Raquel Alves Ferreira
(Licenciada)

Dissertação/Projeto para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura
(Mestrado integrado em Arquitetura)

Equipa de Orientação:

Professor Doutor Arquiteto Nuno Miguel Feio Ribeiro Mateus

Professor Doutor Arquiteto Jorge Luís Firmino Nunes

Júri:

Presidente: Professor Doutor Arquiteto José António Jacob Martins Cabido

Vogal: Professor Doutor Arquiteto Nuno Filipe Santos de Castro Montenegro

Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa
Lisboa, Julho de 2019

HETEROTOPIA EM TORNO DOS BANHOS

Articulação entre Pré-existências e a Água

A propósito do Parque Natural do Rio Seco

RESUMO

A apropriação progressiva dos solos, interstícios e dos montes, deixam sobre a topografia natural do território, vestígios de uma permanência indissociável, reflexo de memórias e identidade. Advém da artificialização e descaracterização pronunciada do vale do Rio Seco, a proposta de um Parque Natural, onde se ambiciona a renaturalização, conciliando a estrutura do tecido verde com a cidade, criando-se um limite permeável.

Perante a forte artificialização e descaracterização desta paisagem em redor de uma destas linhas de água, nasce a ambição de a renaturalizar e devolve-la aos seus valores naturais passados. Surge assim como contexto de intervenção o Vale o Rio Seco.

Em paralelo, a atuação neste vale, um *cemitério de memórias*, procura redescobrir e potenciar estas vivências e simbologias do antigamente.

É base conceptual para o desenvolvimento deste projeto a Heterotopia como geradora de forma e conteúdo. Da mesma maneira que podemos descobrir duas *memórias da água* em lados opostos do leito do vale, no que é uma simetria antiga, procura-se com a proposta criar uma outra, desta vez num eixo perpendicular ao vale.

Num vazio expectante da formação geológica do Rio Seco, esta nova simetria, num exercício heterotópico, mímica as características e valores do lugar existente na construção da proposta de uns banhos públicos que, mais uma vez, agarram a verdadeira natureza à memória deste lugar ao domesticar a água para o usufruto do Homem.

(225 palavras)

Palavras-chave: Topografia | Parque Natural | água | pré-existência | heterotopia

TÍTULO

HETEROTOPIA EM TORNO DOS BANHOS

SUBTÍTULO

Articulação entre Pré-existências e a Água
A propósito do Parque Natural do Rio Seco

AUTOR

Fabiana Raquel Alves Ferreira

EQUIPA DE ORIENTAÇÃO

Professor Doutor Arquiteto Nuno Miguel Feio Ribeiro Mateus
Professor Doutor Arquiteto Jorge Luís Firmino Nunes

Mestrado integrado | Arquitetura FAUL

Lisboa, Junho de 2019

ABSTRACT

The on-going appropriation of the soils, interstices and hills, leaves on the natural topography of the territory, traces of an inseparable permanence, reflex of memories and identity. From the excess construction and pronounced deformation of the Rio Seco valley arises the proposal of a Natural Park, where the end goal is to conciliate the structure of the green tissue with the city, creating a permeable boundary by reinstating its natural character.

Due to the strong artificialization and changes on this landscape around one of these water lines, the ambition of returning it to its natural state is born, bringing back its past natural character. The Rio Seco valley emerges as the context of this urban intervention.

At the same time, the intervention in this valley, a repository of memories, seeks to rediscover and enhance these experiences and the symbologies of the older times.

The conceptual basis for the development of this project is Heterotopia, as the generator of form and content. In the same way we can find two *memories of water* on opposite sides of the valley bed, in what constitutes an old symmetry, we try to create a new one, this time on an axis perpendicular to the valley.

In a void of the Rio Seco geological formation, this new symmetry, in a heterotopic exercise, mimics the characteristics and values of the existing place in the construction of the proposal of public baths that, once again, grasp the true nature of the memory of this place by taming the water for the benefit of Man.

(225 words)

Keywords: Topography I Natural Park I water I pré-existence I heterotopy.

TITLE

HETEROTOPY AROUND THE BATHS

SUBTITLE

Articulation between Pre-existences and Water Regarding Rio Seco Natural Park

AUTHOR

Fabiana Raquel Alves Ferreira

ADVISING TEAM

PhD Architect Nuno Miguel Feio
Ribeiro Mateus

PhD Architect Jorge Luís Firmino
Nunes

Integrated Master I Architecture
FAUL

Lisbon, June 2019

AGRADECIMENTO

Em analepse, a composição descritiva e individual, de todos os alunos da turma, fora a atenção que nos dedicara, no início desde percurso, o professor Daniel Jesus. Éramos vinte e tal. Inversamente, colmatando esta extensa etapa pela devolução da mesma, gostaria de agradecer-lhe o incentivo constante pela investigação através do desenho e da maquete, que nos inculcara¹, tal como o professor Ricardo S. Pinto. Ao professor Baptista-Bastos pelas referências bibliográficas, pelo estímulo em projeto² e pelo interesse.

Ao professor Nuno Mateus, cujas críticas ajudaram a reformular e repensar no processo conceptual, e consecutivamente nos instrumentos para a sua elaboração. Assim como, pela atenção e estímulo constante para a ‘materialização das ideias’, muitas vezes díspares e confusas, durante todo o percurso até a sua ‘finalização’.

Ao professor Nuno Firmino pela persistente disponibilidade, a defeito e no decorrer da minha ausência.

Ao professor José Aguiar pela disponibilidade na elaboração das fotografias aéreas (capturadas com o drone) nos quatro quadrantes.

Ao responsável do departamento de Recursos Humanos, Nuno Reis, da fundação liga/JF pela informação disponibilizada.

Aos acolhedores “vizinhos do Rio seco”, que até guarida nos queriam oferecer.

Ao Baltazar, João A., João Jorge e Isras pelo estímulo permanente, pela assídua e generosa atenção, que cansa deve ter proporcionado, e pela troca de conversas enriquecedoras.

Ao André L., Inês, Joana Cardão, Joana P., Rita Carvalho e Sofia pela disponibilidade.

À Carolina pela dedicada ajuda com o escrito, como também à Luz, Margarida e João V. pela generosidade e pelos painéis.

Ao André P. pelos estimulantes esboços e conversas no bar. À Carlota, João G., Maria, Nêwa, Patrícia e à Rita pela lealdade constante e sucessivos telefonemas ‘mudos’, pela paciência.

Agradeço-vos, todos os concelhos e tentativas de organizar a minha ‘desorganizada organização’ e aos restantes demais que estiveram presentes durante todo este percurso.

Por último, à minha família, aos tios e avós – Rosa e Ângela – à Jessi e ao Willi. Sobretudo ao meu Pai - pela auto-derisão, o humor e pelo entusiasmo que tanto o revelam como me ofereceram empenho e motivação – e à minha Mãe – pelo desmedido e estóico carinho de que sempre foi a personificação. Pela compreensão incondicional.

Por tudo, obrigada.

¹ A descoberta de Tati e consecutiva ‘sobreposição caótico-ordenada’ em ‘*Mon Oncle*’ e Corbusier, fazem ainda parte do imaginário para o projeto.

² Como, *e.g.*, a descoberta das obras de Peter and Alison Smithson, Archigram ou ainda a obra do Museu Kunsthall.

ABREVIATURAS E ACRÓNIMOS

ANTT	Arquivo Nacional da Torre do Tombo
EPAL	Empresa Portuguesa das Águas Livres
APIA	Associação de Proteção à Infância da Ajuda
[et al.]	[e outros]
[s.d.]	[Sem data]
[s.a.]	[Sem autor]
[s.n.]	[Sem nome]
[s.l.]	[Sem local]
[s.e.]	[Sem editora]
[e.a.]	Elaborado pelo autor
M ^a	Maria
S ^a	Senhora
.e.	<i>Id est</i> = isto é
DN	Diário de Notícias
Dr	Doutor
ACML	Arquivo da Câmara Municipal de Lisboa
CM	Câmara Municipal
CML	Câmara Municipal de Lisboa
Nº	Número
In	Em
p.	Página
pp.	Páginas
par.	Parágrafo
FAULT	Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa
e.g.	<i>Exempli gratia</i> = Por exemplo
Conv.	Conversa
MUrb	Morfologia Urbana
s. f.	Substantivo feminino
JN	Jornal de Negócios
CITAR	Centro de Investigação em Ciências e Tecnologias das Artes da Universidade Católica Portuguesa.
Freg.	Freguesia
DGOTDU	Direcção-Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano
IGOT	Instituto de Geografia e Ordenamento do Território
MoMA	<i>The Museum of Modern Art</i>
UNL	Universidade Nova de Lisboa
FMDUL	Faculdade de Medicina Dentária da Universidade de Lisboa
OMA	<i>Office for Metropolitan Architecture</i>
AML	Área Metropolitana de Lisboa
USP	Universidade de São Paulo
cop.	<i>copyright</i> (eng.)
cap.	Capítulo

□ ÍNDICE

RESUMO E PALAVRAS-CHAVE	III
ABSTRACT E KEYWORDS	V
AGRADECIMENTOS	VII
ABREVIATURAS E ACRÓNIMOS	IX
INTRODUÇÃO	1

I PARTE

CAPÍTULO 1	TERRITÓRIO – Topografia natural <i>versus</i> artificial	7
1.1	Água e expansão pelos vales	12
1.1.1	Topografias naturais	14
1.1.2	Volumetrias artificiais	15
1.1.3	Abastecimento de água na cidade	17
1.2	Estrutura verde	21
1.2.1	Jardim: Natural e artificial	21
1.2.1.1	Passeio Público	22
1.2.2	Das Avenidas ao Parque Florestal de Monsanto	23
1.2.2.1	Sistema Misto e de Recreio – Conversão	23
1.2.2.2	Sistema Contínuo Periférico	24
1.2.2.3	Corredor verde de Monsanto - Coesão dos sistemas	25
1.3	Fecho do Anel Verde - Parque Natural do Rio Seco	26

II PARTE

CAPÍTULO 2	ESTADO DO SÍTIO – Na Freguesia da Ajuda	33
2.1	Fixação da urbe	37
2.2	Rua do Cruzeiro	41
2.2.1	<i>Praemissa</i>	42
2.2.1.1	Analepse	43
2.2.1.1.1	Percurso	44
2.3	Imaginar o vivido	48
2.3.1	Proposta consolidação do Cruzeiro – O largo	55
2.3.1.1	Processo de aglomeração	56
2.3.2	Acessibilidades	57
2.3.3	A Praça D.Diogo de Menezes	62
2.3.4	Matéria	71
2.3.5	A ‘Nova’ Ponte	73
CAPÍTULO 3	MEMÓRIA – Pré-existência	79
3.1	Edificado do Bairro da Ajuda	83
3.1.1	Frente de Rua	84
3.1.2	‘Intercalar’	87
3.1.3	De Limite	90

□	3.2	Túneis	93
□	3.2.1	I <i>Locus</i>	94
	3.2.2	II <i>Locus</i>	94
	3.2.3	III <i>Locus</i>	95
	3.3	Caso de estudo	96
	3.3.1	Capela De Notre-Dame du Haut – Volumetria de iluminação	97
	3.4	Muros	100
	3.4.1	Tipo I	101
	3.4.2	Tipo II	101
	3.4.3	Koluma, Diocesan Museum – Fachadas	109
	3.5	Proposta de requalificação do muro II.2	110
	CAPÍTULO 4	IMAGINÁRIO – Culto dos Banhos	113
	4.1	Simbologia <i>universal</i> da água	117
	4.2	Termalismo	118
	4.2.1	Banhos e movimentação	118
	4.2.2	Ritual do passeio	120
	4.3	Termas Romanas de Lisboa	122
	4.3.1	Banhos de Alfama	123
	4.4	Notas conclusivas	124
		III PARTE	
	CAPÍTULO 5	PROCESSO CONCEPTUAL – O ‘Açude’ popular como origem da ideia	129
	5.1	Metodologia para um significado – I Fase	136
	5.1.1	Método «Paranóico-Crítico»	136
	5.1.1.1	Aplicação do método – Desenho de permanência	137
	5.1.2	O movimento	139
	5.1.2.1	Aplicação do método – O limite	141
	5.2	Morfologia I	143
	5.2.1	Heterotopia na Justaposição – II Fase	146
	5.2.2.1	Casos de estudos	149
	5.2.2.1.1	Residência Miller (House III) da <i>serie</i> “Cardboard Architecture” – Espacialidade interna	149
	5.2.2.1.2	‘ <i>Les bains des Docks</i> ’ – Fragmentação e justaposição espacial	151
	5.3	Aplicação do método – O reflexo	152
	CAPÍTULO 6	PROJETO – Heterotopia em torno dos banhos	155
	6.1	Consolidação urbana	160
	6.2	Morfologia II	165
	6.3	Programa	171
	6.3.1	Estacionamento e galeria	171
	6.3.2	Auditório	174
	6.3.3	Os Banhos	176

CONSIDERAÇÕES FINAIS	181
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	183
ÍNDICE DE IMAGENS	191

ANEXOS 215

I.	Fotografias do Lugar	217
	I.1 - Ancestral – Pré-existente	219
	I.2 - Atual – <i>In situ</i>	235
II.	Documentação de apoio	249
	II.1 - Arquivo cartográfico / Desenho técnico do edificado – CML	251
III.	Processo de trabalho evolutivo	267
	III.1 - Em desenho – ‘Imagem provisoriamente definitiva’ ³	269
	III.1.1 - Diário(s) de Bordo(s) – O Momentâneo	271
	III.1.1.1 - Projecto I	272
	III.1.1.2 - Projecto II	283
	III.1.1.3 - Caderno 1	295
	III.1.1.4 - Caderno 2	307
	III.1.1.5 - Caderno 3 – Esquissos de permanência ≠ □ Esquissos de viagem I	319
	III.1.1.6 - Caderno 4 – Esquissos de permanência ≠ Esquissos de viagem II	331
	III.1.1.7 - <i>Carnet de la recherche patiente I</i> – Esqui- ssos de permanência ≠ Esquissos de via- gem	343
	III.1.1.8 - <i>Carnet de la recherche patiente II</i> – Esqui- ssos ≠ □ de permanência eterna ≠ Esquissos de viagem	355
	III.2 - Em Maquete – Conceito/Concreto	365
	III.2.1 - Sumário ilustrado – Paralelismo com o texto	366
	III.2.2 - Maquetes – Sequência	367
	III.2.3 - Resumo esquemático – Paralelismo com as maquetes e o texto	374
IV.	Apresentação	377
	IV.1 - Elementos gráficos – Painéis	379
	IV.1.1 - Índice de Painéis – Paralelismo com o texto	380
	IV.1.2 - Sumário ilustrado	381

³ ABRANTES, Francisca, 'O esquisso como instrumento do pensamento projectual', p. 83, II. 12-17. / Nota: Expressão de Siza Vieira, no contexto do esquisso enquanto processo.

INTRODUÇÃO

O presente Trabalho Final de Mestrado desenrola-se na continuidade do tema lançado na cadeira de Projeto VI que, no âmbito do Anel verde de Lisboa, propunha um olhar e intervenção crítica para a conclusão desta estrutura verde, idealizada à várias décadas.

Com enfoque particular no Vale do Rio Seco, na Ajuda, esta paisagem justifica uma análise cuidada face à sua situação atual de um tecido desfragmentado, o qual se quer estruturar e dotar de uma lógica mais em consonância com o seu carácter natural.

Desta forma, ambiciona esta proposta por um lado compreender e operar novas e mais estruturadas ligações entre o sistema natural e o sistema artificial deste conjunto urbano. Por outro a procura sistemática pelo entendimento dos vetores identitários deste lugar sejam históricos, da memória coletiva, do habitar ou naturais e as relações entre estes com o *tempo* informal e materializar, através da metodologia projetual, a proposta para um equipamento de banhos públicos.

Enraizada numa profusa ligação à presença da água e de elementos históricos e morfológicos do lugar, a ela adjacentes, a proposta convoca de novo memórias para um programa contemporâneo ligado ao uso da água como elemento lúdico no limite do novo contexto de um vale do Rio Seco, agora renaturalizado.

O trabalho propõe uma indissociável ligação entre a componente teórica explorada – heterotopia – e a parte prática em constante diálogo como forma de obtenção de resultados enquanto fundamentação da proposta. Com recurso a cartografia, à consulta de cartografia, visitas ao lugar e o seu levantamento arquitetónico detalhado, conversas com os residentes, consulta de imagens, relatos históricos e registos fotográficos procura-se a essência e memória deste sítio. Posteriormente é desenvolvida uma breve pesquisa sobre os conceitos filosóficos e possíveis paralelismos que alimentaram a abordagem ao projeto enraizada no ponto anterior e materializada através de desenhos, esboços, esquemas e maquetes como forma de validação e produção da proposta arquitetónica.

O primeiro capítulo “ TERRITÓRIO – Topografia natural *versus* artificial” debruça-se justamente sobre as questões da natureza do território para melhor se compreender o suporte no qual se vai atuar. Sendo nítida a sua profunda interdependência com a atuação humana constituem em conjunto a paisagem construída. Influencia e condiciona a transformação do território pelo homem e a sua fixação neste. As consequências desta artificialização resultam aqui em situações desconexas nas quais se pretende intervir.

No capítulo ‘ESTADO DO SÍTIO – Na freguesia da Ajuda’, realiza-se uma perspetiva global sobre a história / acontecimentos do lugar da

Ajuda como resultado da mudança consequente do tecido urbano. Após esta primeira abordagem, é desenvolvida uma análise morfológica dos elementos urbanos de relevância que marcaram o Rio Seco e a sua envolvente, nomeadamente as ruas estruturantes e largos para um conhecimento das valências morfológicas e posterior aplicação na proposta.

No seguinte capítulo ‘MEMÓRIA – Pré-existência’ foca-se na arquitetura do lugar, vernacular e erudita, e as pré-existências pré-existências e procura descobrir os antigos caminhos e pontos da água como linhas ou troços, fontes ou caneiros, muros e açudes. A sua força como motores de alteração da paisagem, das vivências e dos hábitos populares no decorrer das sucessivas gerações enraizadas no local. Encontram-se aqui pontes para revivalismos simbólicos da água com as pré-existências.

O capítulo ‘IMAGINÁRIO – Culto dos Banhos’ serve de investigação base ao programa proposto para este projeto de banhos públicos. A relação do homem com a água na perspetiva simbólica, tradicional e lúdica. Sustenta um imaginário que se ira aliar à memória e ao processo conceptual para fundamentar a proposta projetual

Por último surge, o ‘PROJETO – Heterotopia em torno dos banho’, capítulo onde se demonstra o resultado e a informação adquirida no decorrer da investigação, articulados à metodologia e ao imaginário como uma síntese do resultado projetual obtido relativo aos banhos públicos no contexto da renaturalização do Vale do Rio Reco.

I PARTE

I. CAPÍTULO 1 TERRITÓRIO

*“Sentado num socalco da colina contempla o virar das
manhãs e o morrer das tardes, e sabe que ninguém vê duas vezes
o mesmo rio.”¹*

¹ BAPTISTA-BASTOS, Armando, ‘A colina de cristal’, p. 9.



Fig. 1 – Natural: Zabriskie Point, Death Valley (Califórnia), Ansel Adams, 1948.

Fig. 2 – Artificial: Transformação da superfície da terra, em socalcos, para reter a água e possibilitar a sua captação, à escala do Homem. Montanha em Honnan (China), s.a., s.d.



1. Topografia natural *versus* artificial

Formada por curvas de nível, entendemos por “topografia natural” (Fig. 3,4) todos os vales e as linhas de fecho existentes na cidade, visível sobretudo a macro escala. O termo “*sistema inicial*”, mencionado por Carrilho da Graça², indica a importância dos pontos notáveis nestes declives naturais para o assentamento e fixação da urbe, em Lisboa. Ao resultado desta fixação, chamaremos de “*volumetria artificial*”, todos os marcos geométricos, construídos pelo Homem, no território (Fig. 5,6). Segundo Rossi³, podemos constatar que estes dois termos urbanos representam, grosso modo, uma forma coesa ou ainda por Luís Afonso, “um corpo indivisível”⁴.

Pretender-se-á perceber, por um lado, de que modo o natural e o artificial estão intrinsecamente interligados como uma “*estrutura esquelética*”¹, e por outro, estando o território em consecutiva transformação derivado ao crescimento da cidade, compreender o motivo da fixação do povo e o que implica a artificialização do natural na morfologia do território.



Fig. 3 – Topografia natural de Lisboa, Duque de Wellington, 1812.



Fig. 4 – Panorâmica do território: Topografia Natural / ‘*sistema inicial*’, Franz Hogenberg, c. 1572-1618.

Fig. 5 – Fixação da urbe: ‘*Volumetria artificial*’ na cidade, Franz Hogenberg, c. 1572-1618.

Fig. 6 – Morfologia assimétrica da cidade e das suas colinas e assentamento da população, c. 1593.

² CARRILHO DA GRAÇA, João, ‘Carrilho da Graça: Lisboa’, p. 25.

³ ROSSI, Aldo, ‘A Arquitectura da Cidade’, p. 43.

⁴ AFONSO, Luís, ‘Arquitectura da Cidade, Limite e Forma Urbana’, p. 36.

“Cidade Disposta em anfiteatros, em sucessivos terraços, em todas as orientações imagináveis e as variadíssimas alturas, ora perdendo-se lá longe, numa colina distante, vestida de arvoredo, ora avançado sobre o rio como o estreito tombadilho de uma nau, os seus prospectos, variadíssimos, não se repetem uns aos outros.”⁵



Fig. 7 – Vista da Cidade consolidada / Artificialização do natural, 3º Quartel do séc. XVIII.

1.1. Água e expansão pelos vales

“As colinas, os vales, as planícies, os terraços, associam-se com o rio; a agitação do solo coberto de verdura torna a paisagem risonha.”⁶

Vinda dos interflúvios e dos montes, as águas escorrem até se encontrarem no Rio. Em Lisboa, a topografia encarada como que um grande talude, de pendente para o Tejo, faz com que sejam levemente encaminhadas ao seu encontro. Ao contrário de outras regiões, como em Nonácris, onde as águas se esparramam, de forma abrupta, nas encostas das rochas. Esperemos que as que banham o Tejo e que compõem a “paisagem risonha”, dita por Proença, não sejam equivalentes, inversamente, às águas chamadas *Stygos Hydor*⁷. Ao mesmo passo que as estas levavam à salvação dos Homens, as outras nem um vaso em prata, bronze ou ferro deixavam ileso⁸. Até Alexandre Magno levou. Estará, por esta diferença, expressa a sua importância nas terras da cidade Portuguesa?

Com os pés submersos e com vista para Lisboa edificada (Fig. 7), avistamos uma topografia ora acentuada ora atenuada pelas respectivas linhas de festo e de água. Não são somente os vales, que distam a riqueza da orografia da urbe, segundo Proença, são também as colinas e os sucessivos terraços, todos eles diferentes – pela orientação, forma ou pela altura – que marcam a singularidade do território. Deste último, em constante relação com a água, destacam-se as colinas como: a “Estrêla; as Albertas; Ajuda; S.Vicente; O Castelo; a Graça e S.Gens”⁹ (Fig. 5), promontórios e pontos notáveis de ligação entre - terra e água. Consta no artigo de Maria Saraiva¹⁰ a ideia de paisagem enquanto cultura.

⁵ PROENÇA, Raúl, ‘Grande enciclopédia’, p. 202.

⁶ *Id.*, DIONÍSIO, Santana, ‘Guia de Portugal – Generalidades- Lisboa e arredores – I volume’, p. 450.

⁷ Águas presentes na Grécia, no Nordeste de Arcária, na cidade de Nonácris.

⁸ MACIEL, M. Justino, ‘Vitrúvio: Tratado de Arquitectura’, p. 305.

⁹ CORREIA, António Mendes, et al., ‘Grande enciclopédia portuguesa e brasileira – ilustrada com cerca de 1.000 gravuras, vol. XV’, p. 202.

¹⁰ SARAIVA, Maria, ‘Da paisagem à arquitectura. Um percurso através da água’ in ‘Arquitetura, paisagem e água’, p. 21.

Prossegue afirmando que o líquido presente no território, é um dos recursos que mais o altera e *per si* “constitui o quadro territorial e referencial das vivências da sociedade”¹¹. Mais ou menos visível pelo relevo, que tanto nos oferece como nos retira a visão sobre o seu interior. O autor Jorge Pinto¹², acrescenta que a poética da água, está ligada à sua vital e utilidade terapêutica, arquitetando o clima com os caminhos que franqueia oferecendo uma estética própria e singular.

*“(…), mas, a água? Aonde ir busca-la para os desgastes contínuos dessas fontes espectaculares? (...) A Câmara teve de defender a cidade dos desvios, desperdícios e roubos de água: havia os ladrões de água na origem e os ladrões na venda do precioso líquido;(…) os aguadeiros profissionais ou de ocasião, (...)”*¹³

A ocupação dos vales pelo Homem (Fig. 8 e 9), não caiu em desuso ao longo dos tempos. Segundo Jorge Gaspar, o Império Romano fixou-se nas encostas e no fundo dos vales ditos “*valóides*”¹⁴, numa ocupação esparsa. O primeiro motivo de apropriação dessas terras, dever-se-ia ao microclima temperado. A circulação das brisas na encosta criaria o chamado “(...) *thermal belt*”, ou *zona quente da encosta* (...)”¹⁵, causado pela existência de relevo, zona considerada de conforto. Numa segunda instância, Carrilho da Graça¹⁶ sustenta que a regularidade sequencial das linhas de cumeada acompanhadas, é certo, de ravinas e picos eram consideradas, no entanto como caminhos mais seguros uma vez que poderiam ser visíveis os vales que as dividem¹⁷. De acordo com Marta Sequeira, nos talvegues as terras eram espessas e férteis, posta a possibilidade à atividade agrícola, i.é, à vida rural. Consoante o autor Cristóvão Pereira¹⁸, a ocupação das colinas nas encostas mais insoladas (como é o caso do vale do Rio seco (Fig. 8)), era uma condição geográfico determinante na Idade Média. Mas a razão fundamental na época, dever-se-ia ao simples facto, de acordo com os historiadores, da existência de um recurso de difícil obtenção e conservação no interior de Lisboa – a água. Mais tarde, no século XVIII, o surgimento de uma profissão ligada ao líquido e à sua distribuição, denunciara a sua importância. Emergem assim os ditos – “Aguadeiros” – que, de modo a tirarem proveito monetário, vendiam a água “ao barril”, captada das fontes, chafarizes ou bicas públicas. Segundo Luís Conceição¹⁹, em 1868 existiam 3126



Fig. 8 – Linhas de água da Cidade: Contextualização do vale do Rio Seco.

¹¹ *Ibid.*

¹² CRUZ PINTO, Jorge da, ‘Poética da água na arquitectura’ in *Ibid.*, p. 114.

¹³ CHAVES, Luís ‘Chafarizes de Lisboa’, p. 10-11.

¹⁴ Termo para designar depressões menores na geografia. SCHWALBACH, Luís, ‘Os vales’, p. 6.

¹⁵ MAGALHÃES, Manuela Raposo, ‘A Arquitectura Paisagista – Morfologia e complexidades’, p. 344.

¹⁶ CARRILHO DA GRAÇA, João Luís, ‘Metamorfose’ in ‘Lisboa’, p. 28.

¹⁷ SEQUEIRA, Marta, ‘O território como Invariável’ in *Ibid.* p. 51.

¹⁸ PEREIRA, Cristóvão Valente, ‘Chafarizes de Lisboa – Monumento e função prática – A importância das funções dos equipamentos e mobiliários urbano para a sustentabilidade do espaço público’, p. 2.

¹⁹ PIRES DA CONCEIÇÃO, Luís Filipe, ‘A consagração da água através da arquitectura - para uma arquitectura da água’, p. 318.

aguadeiros com 48 bicas somente destinadas aos seus labores, sendo nove reservadas para encher pipas. Para além desses profissionais, também existiam os ladrões de água.

Outros relatos²⁰ apontam, curiosamente para as freiras. Foi-lhes concedida, em 1634, a permissão para extraírem água até o lavatório da sacristia, mas como se lhes fizesse grande falta surrupiavam, apesar de tudo, as águas para desfruto próprio, apesar da existência de uma fonte no interior do claustro e na portaria um abundante poço. Essas ações, com direito a punição²¹, acusam a importância dada à água na cidade, justamente pelo facto da sua não abundância.

“As relações que os assentamentos humanos foram estabelecendo com a água moldam a forma da cidade, o seu local e sítio.”²²

Segundo vestígios arqueológicos, dir-se-ia que os Romanos “(...) dispunham de uma notável capacidade técnica de captação das águas”²³. Este elemento, considerado importante, não só por motivos óbvios de hidratação, como também para o usufruto essencial, independente do estatuto ou fortuna, de um lugar de prazer ligado ao ócio – os Banhos – considerado um dos “maiores prazeres que poderia oferecer-se a um romano”²⁴.

“(...) pontuada pelas infraestruturas que mais marcavam uma civilização: as termas, junto ao estreito da Baixa, o Teatro, na encosta do oppidum que olhava o Rio, a fortificação principal no cimo da colina original.”²⁵

Segundo Jorge Gaspar, a nova urbe dos Romanos era orientada a sul, justamente com o olhar sobre o Mar de Palha.

1.1.1. Topografias naturais

“Os rios podem ser correntes benéficas, ou dar abrigo a monstros. As águas agitadas significam mal, a desordem.”²⁶(Fig. 8)

Rio Tejo, um grande “tanque” do Oceano Atlântico, este “Mar Palha” que se espalha até chegar a Sacavém, onde está marcado o limite

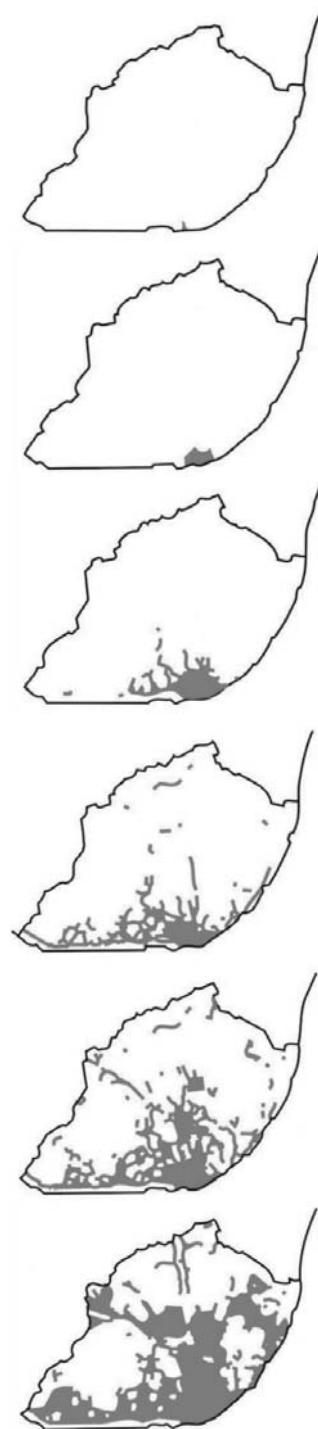


Fig. 9 – Crescimento do artificial: Desenvolvimento urbano de Lisboa entre o séc. XII/XX junto ao Tejo e posteriormente às linhas de água, Gabinete de estudos Olisiponenses da AML, s.d.

²⁰ VIEIRA DA SILVA, Augusto ‘Dispersos, vol. III’, p. 89.

²¹ *Ibid.* Por consequência dos seus atos, o a estrutura de abastecimento foi tapada dando-se o encanamento das águas, impossibilitando-as de roubar água que, em princípio, só deveriam servir à sacristia.

²² LAMAS, José, ‘Arquitectura e água’ in ‘Arquitectura, paisagem e água’ p. 51.

²³ CARDOSO, João Luís, [et. al.], ‘A água – os Romanos e a Água’ in ‘Portugal Romano - A exploração dos recursos naturais’, p. 18.

²⁴ *Ibid.*

²⁵ GASPAR, Jorge, ‘Lisboa, o sítio: ocupação e organização do território’ in ‘Lisboa subterrânea’, p. 15.

²⁶ CHEVALIER, Jean, GHEERBRANT, Alain, ‘Dicionário dos símbolos’, p. 40.

desta bacia. Percorrendo-o desde a parte Oriente de Lisboa, a sua forma, inicialmente com seis quilómetros, sofre um estrangulamento progressivo até chegar a Belém, ao gargalo do Tejo, onde apenas resta um mísero quilómetro até a outra margem.

Esta frente marítimo-fluvial da cidade, favoreceu a presença humana, é certo. O facto de estarem reunidas condições de navegabilidade e segurança no estuário do Tejo, porém, não nos permite alegar que “(...) *Lisboa sempre esteve ligada à água*(...)”²⁷

Ao longo da história, a cidade surge e cresce em detrimento de um elemento principal designado – Água. Utilizada para a sua defesa, consumo, saneamento, manufaturas, produção e fabrico bem como pela conversão da sua força em energia para a urbe, concedeu-lhe desde logo grande valor. Observou-se que o fluído teve um papel fulcral no desenvolvimento e na organização dos primeiros burgos junto aos rios, tendo em vista, a título de exemplo, o engrandecimento da volumetria artificial junto ao Mar Palha (Fig. 8 e 9), condicionando o aglomerado em torno das suas acessibilidades, escoamento e distribuição²⁸.

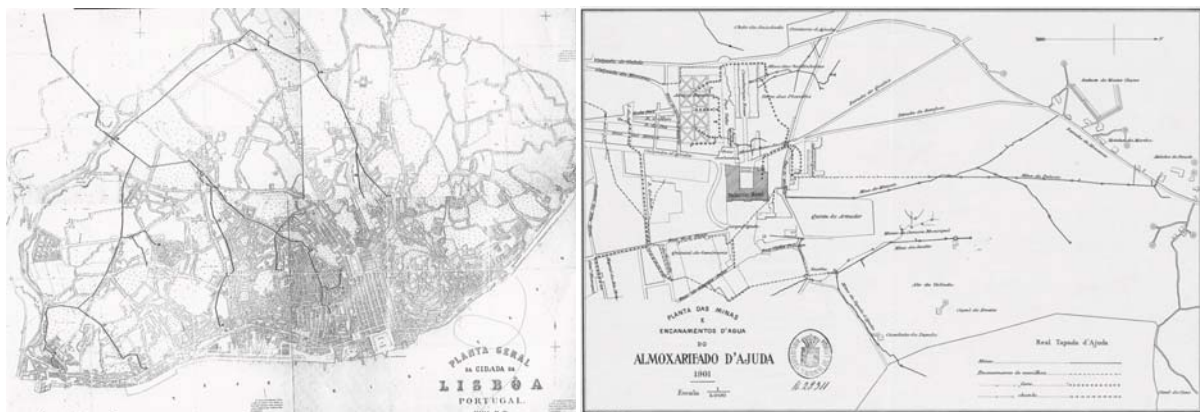
Pela ausência de Estações de Tratamento de Água²⁹, para de salgada extrair-se água doce do Tejo, na Idade Média, os romanos abasteciam-se através de poços ou cisternas, coletores de água da chuva.

1.1.2. Volumetrias artificiais

O provimento da urbe engrandecida, localizada junto à água, com povoações da antiguidade³⁰, modificou uma vez mais o solo de Lisboa, através de escavações³¹, uma vez que a instalação de uma infraestrutura de canalização subterrânea (Fig. 10 e 11) foi construída para abastecimento público e privado. Segundo Joaquim Caetano³², o seu trajeto desembocava na zona das Portas de Santo André com origem nas fontes das Águas Livres.

Fig. 10 – Traçado do Aqueduto das Águas Livres, Galerias e Chafarizes emissários, Nuno Rodrigues, litografia do séc. XIX.

Fig. 11 – Traçado do Almoarifado (planta das minas e encanamento de água) específico ‘colina da Ajuda’, s.a., 1901.



²⁷ PIRES, Mariana, “Água e luz – O imaginário dos Banhos. Projecto nas carreiras da Rocha Conde D’Óbidos”, p. 17.

²⁸ PEREIRA, Cristovão, *op. cit.*, p. 2.

²⁹ Segundo abreviatura: ETA.

³⁰ PIRES DA CONCEIÇÃO, Luís Filipe, *op. cit.*, p. 311.

³¹ MAGALHÃES, Manuela Raposo, ‘*op. cit.*’, p. 344.

³² CAETANO, Joaquim Oliveira, ‘Chafarizes de Lisboa’, p. 10.

Constitui, parte integrante da memória da cidade tão importante como os seus afloramentos superficiais (Fig. 13, 14, 15, 16, 17 e 18). Estas peças de grande pendor arquitetónico, presentes na cidade romana dita de Olisipo – hoje chamada Lisboa – são por vezes pontualmente obsoletas e outras deslembadas do passado ou até mesmo demolidas. O surgimento de um imposto denominado “Real Da Água”, no século XVI, serviu para resolver o carecimento do líquido dado ao abastecimento defeituoso. Retrato de uma população em sucessivo crescimento, segundo Luís Chaves³³, este facto dever-se-ia à vinda de estrangeiros associados às atividades comerciais dos Descobrimentos portugueses. Tal fenómeno verificado principalmente na zona Ocidental da cidade.

“Carta de Filipe II à Câmara de Lisboa, em 6 de junho de 1617

...Sendo essa carta tão grande, tem a falta de agoa e fontes públicas que sabeis; e a importaria muito trazer-se a ella, quantidade de agoa para fazer algumas fontes nos lugares de mais concurso, pelo que vos encomendo que trateis logo com o Presidente, e oficiais da Câmara, o modo em que isto se poderá encaminhar; que agoas das que há fora dessa cidade serão mais a propósito. E que despesa se fará em as trazer...”³⁴

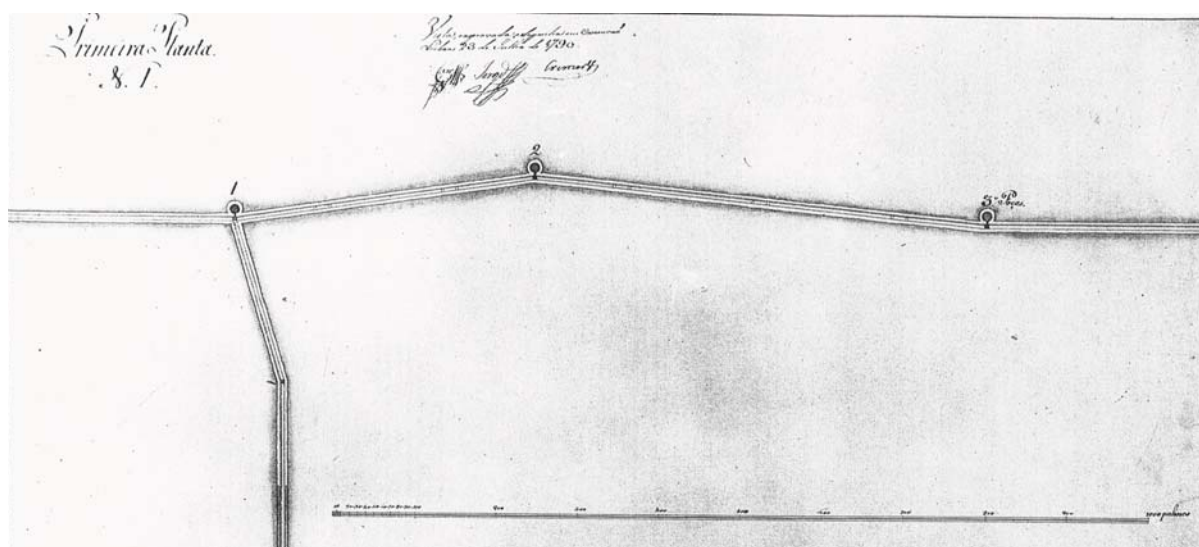


Fig. 12 – Eg. de um *Specus*: Planta do encanamento das águas dos poços (São Braz e Galegas) para o aqueduto das Águas livres, M.C.L., 1790.

Em 1731, depois de reunidas durante duzentos anos, fortunas do povo, mandou-se construir o “Aqueduto” para “abastecimento de água sem interrupção”³⁵ de onde perdura a toponímia – *Ágoa Libera*³⁶. Verificou-se, contudo, que até o século XIX e apesar de construído o maior afloramento superficial – o Aqueduto –, a carência de água persistiu nalguns pontos da cidade. A adução de “*specus*”³⁷ (Fig. 12) ao aqueduto

³³ CHAVES, Luís, ‘Chafarizes de Lisboa’, p. 6.

³⁴ Carta para se aumentarem os recursos de água pouco abundantes no séc. XVII. CAETANO, Joaquim Oliveira, *op. cit.*, p. 15.

³⁵ PIRES DA CONCEIÇÃO, Luís Filipe, *op. cit.*, p. 284.

³⁶ CAETANO, Joaquim Oliveira, *op. cit.*, p. 10.

³⁷ Expressão que significa: galeria(s), aqueduto(s) subterrâneo(s), túnei(s). MACIEL, M. Justino, *op. cit.*, p. 29

geral, tais como – “Galeria do Loreto; da Esperança; da Necessidade; e Galeria do Campo de Santa Ana”³⁸, enfim, promoveu o aprovisionamento de água necessário.

Apesar de, em 1868, já haver distribuição direta ao domicílio, a maioria da população ainda recorria aos serviços dos “aguadeiros” pelo que quarenta das, noventa e sete bicas construídas, eram destinadas aos particulares. Conforme Luís Conceição, existiam, contudo, seis poços públicos e outros mil e duzentos particulares.

No entanto, o líquido proveniente do Aqueduto não acompanhava o crescimento demográfico assim, tendo em vista a diminuição progressiva da água, foi necessário desativá-lo, a meados do século XX.

1.1.3. Abastecimento de água na cidade

*“Le fleuve, malgré ses mille visages, reçoit une unique destinée; sa source a la responsabilité et le mérite du cours entier. La force vient de la source.”*³⁹

O sistema de transporte e captação de água possui uma estrutura vasta e muito ramificada. Os diversos afloramentos deste sistema, permitem perceber a sua complexidade. Com o objetivo de simplificar a sua leitura, e possibilitar uma explicação válida do pensamento projetual, *à posteriori*, será necessário perceber o seu funcionamento. Desta maneira, tentar-se-á perceber, como se associam elementos construídos ao sistema natural, *i.é.*, como se relacionam cisternas, poço, bicas, chafarizes e minas às nascentes naturais.

*“Se dermos o lugar justo à imaginação material nas cosmogonias imaginárias, compreenderemos que a água doce é a verdadeira água mítica¹⁸⁷. É a nascente que se evoca, quando se refere o rio, é à água doce, pura e transparente, que se aspira, quando se tem sede. É com esta que se confrontam paraísos imaginários em claustros e jardins, é por ela que se desenham e edificam bicas, fontanários, chafarizes, aquedutos.”*⁴⁰

A existência das nascentes é condição necessária para ‘percurso’ lógico pelo sistema abastecimento de Lisboa. Vistas como afloramento naturais cuja origem deriva do lençol freático, é nelas onde alvorece a trajetória. Estas águas presentes no subsolo, podem emergir de duas formas distinta ditas de – represa e regato⁴¹ –, a primeira associada ao fluido acumulado no interior de uma bacia natural e a segunda a um curso de água, ambos tipos chamados de – nascentes. No entanto,

³⁸ CAETANO, Joaquim Oliveira, ‘D.João V e o abastecimento de Água Lisboa’, p. 54.

³⁹ BACHELARD, Gaston, ‘L’eau et les rêves – Essai sur l’imagination de la matière’, p. 176.

⁴⁰ Nota 187: Expressões transcritas pelo autor a partir de: BACHELARD, Gaston, *ibidem*. PIRES DA CONCEIÇÃO, Luís Filipe, ‘Poética da água’ *in op. cit.*, p. 59.

⁴¹ CALHEIROS, Rinaldo de Oliveira, ‘Cadernos da Mata Ciliar – Preservação e recuperação das nascentes de água e vida, n. 1’, p. 4.



Fig. 13 – E.g.: Tipo de afloramento superficiais nas imediações da 'Colina da Ajuda': **Fonte** (tipo) do Palácio da Ajuda, s.a., 1969.

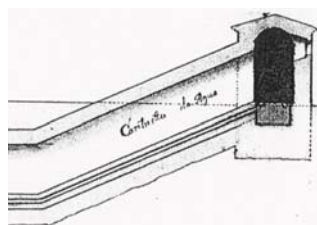


Fig. 14 – E.g.: **Respiradouro ou Claraboia** (tipo) de S. Bento, s.a., s.d.



Fig. 15 – E.g.: **Chafariz** do Rio Seco, Eduardo Portugal, 190-1958.

independentemente da gênese, o líquido que corre nos vales acaba, no território de Lisboa, por desaguar na foz do Rio Tejo. Naturalmente, partindo de uma cota de elevada topografia, permite que até ao rio, percorra longas distâncias sem gastos de energia, por meio da gravidade.

Baseado no sistema natural, criaram-se “apêndices” para resolver os problemas, já tão falados anteriormente, da escassez de água. Atendendo que o sistema começa nas “*caput aquae*”⁴², as “próteses” construídas para a sua extensão, dizem respeito a encanamentos soterrados (Fig. 12), de onde é recolhida a água das bacias e fontes naturais⁴³. Até chegar à próxima “rótula”, do encanamento são erigidas fontes (Fig. 13) que emergem do canal de água, cuja a *utilitas*, é abastecer a população em derredor dessa pequena construção. Nos flancos do vale, nasce o maior e mais imponente projeto deste sistema. Uma espécie de cano dessoterrado sustentado por trinta e cinco arcos (de volta perfeita e em ogiva). Como o nome indica, o aqueduto funciona como que uma “rótula” elemento central, onde são concentrados todos os esforços e de onde bifurcam vários caminhos. Foi sobreposto a esse elemento, torreões e claraboias⁴⁴ (Fig. 14), sobretudo por efeitos estéticos, mas também para ventila e iluminação. No entanto, o primeiro, concerna, os – Aquedutos subsidiários –, pequenas ampliações da rede de abastecimento, com o objetivo de aumentar a captação das águas, vindas das outras nascentes, e encaminhando-as para o Aqueduto principal²¹.

O segundo embargo visa o maior tanque cujo longo aqueduto culmina, vertendo nele a água. Supõe-se que as águas no interior de um tanque, não podem permanecer estagnadas. Para evitar que se tornem eutróficas e se mantenham afluentes e potáveis ao consumo, seria necessário, segundo Cristóvão Pereira⁴⁵ acrescentar, a esta “colossal bacia”, um edifício que albergasse o líquido provido do reservatório designado por – Estação Elevatória. O propósito seria abrigar nele a maquinaria de bombagem para a conduzir, por intermédio da gravidade⁴⁶, até reservatório afim de filtrar as suas partículas e possíveis substâncias não desejadas. Esta coesão é garantida através de um cano. Do grande reservatório partem, quatro galerias percorríveis, todas elas munidas de canalização que desramam para diversos chafarizes⁴⁷ (Fig. 15), dispersos criteriosamente por todo o território lisboeta. Confundido na maior parte do tempo com fonte ou nascentes, esta construção, por onde corre água

⁴² Nota: Expressão significa: captação de água, nascente. MACIEL, M. Justino, ‘Vitrúvio, *op. cit.*, p. 296.

⁴³ BARBOSA, Inácio de Vilhena, LIMA, Henrique de Campos Ferreira, ‘Universo Pittoresco: Jornal de Instrução e Recreio, tomo 2’, p. 353.

⁴⁴ Projetadas pelo Arq. Carlos Mardel. FERREIRA DA SILVA, João António, ‘O Aqueduto das Águas Livres e os espaços públicos’, p. 87.

⁴⁵ PEREIRA, Cristóvão Valente, ‘Chafarizes de Lisboa – Monumento e função prática – A importância das funções dos equipamentos e mobiliários urbano para a sustentabilidade do espaço público’, p. 6-7.

⁴⁶ BACHELARD, Gaston, *op. cit.*, p. 285.

⁴⁷ Segundo Ribeiro Telles, os poços e as fontes surgiram antes da edificação dos chafarizes. Segundo consta no artigo: “(...) o poço ou fonte central deu lugar a ricos chafarizes (...)”. TELLES, Gonçalo Ribeiro, ‘Evolução dos espaços verdes de Lisboa’ in ‘Arquitetura - Arquitectura, Planeamento, Design e Artes plásticas, n. 108’, p. 46.

potável, está sempre associada a lugares públicos⁴⁸, ao contrário do caso anterior. O percurso da água não se encontra num circuito fechado ou cíclico, que permitiria voltar ao depósito final, por conseguinte, a existência de minas (Fig. 16) é essencial no intercâmbio destes ramais com o objetivo de retirar, armazenar e expelir as aguadas até término nos Chafarizes.



Fig. 16 – E.g.: Mina (tipo) do rio seco, s.d.

“(…) previa-se a construção de novas bicas naquele chafariz, onde até as moças pequenas poderiam recolher a água, o que parece não acontecia até então, e a construção de chafarizes mais pequenos subsidiários, para o que mandava recolher todas as águas que andavam abandonadas pela praia, ficando a rua limpa”(Moita, 1990, p.14).”⁴⁹

Segundo Moita, para reaproveitamento das águas, que em 1494, ainda não eram captadas, foram criados chafarizes de menor escala, chamados de – Chafarizes subsidiários⁵⁰. Conforme Da Silva, a mandato do monarca D. João II, no mesmo século XV, foram feitas obras nos principais chafarizes⁵¹. Para permitir maior raio de abastecimento ao povo e aos animais, foram construídas bicas (Fig. 17), conexas aos chafarizes, cujo intuito seria que o líquido corresse continuamente por uma torneira, embora tal feito não se proporcionasse.

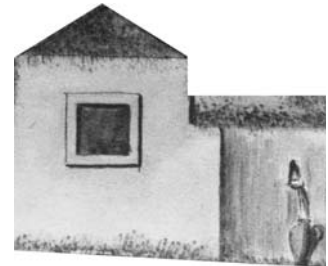


Fig. 17 – E.g.: Bica (tipo) do rio seco, s.a., s.d.

“Em 1551, para evitar desacatos, a Câmara viu-se obrigada a legislar, dividindo as seis bicas que o chafariz então possuía, segundo a seguinte serventia: Na primeira bica abasteciam-se os negros, forros e cativos, os mulatos e os índios; na segunda, os moiros das galés, e os da primeira bica, quando fosse necessário; a terceira e a quarta estavam reservadas aos homens e moços brancos; na quinta enchiam as mulheres pretas e na sexta as mulheres e moças brancas.(...) Só os mais pobres, no entanto se abasteciam directamente nos chafarizes.”⁵²

Constata-se curiosamente, que quanto maior era o número de bicas adossadas aos chafarizes, maior era a sua importância na cidade. A elevada presença das torneiras secundárias, permitia perceber que daquele determinado chafariz, muitas águas eram extraídas, posta a necessidade da construção desses pequenos afloramentos. Ela era de tal importância, que causava confrontos por parte de povos de diferentes estatutos e etnias. Verifica-se contudo, que as bicas vieram facilitar o entendimento entre a população, dividindo-se segundo os critérios socioeconómico, sendo os mais pobres direccionados para os chafarizes. Luís Pinto acrescenta - *“(…) diante de cada bica intermináveis bichas de clientes, fossem eles as modestas donas de casa, os criados da fidalguia, do clero ou burguesia rica, as lavadeiras, os marítimos das embarcações ancoradas no porto ou os aguadeiros (...).”*

⁴⁸ PIRES DA CONCEIÇÃO, Luís Filipe, *op. cit.*, p. 339.

⁴⁹ FERREIRA DA SILVA, João António, *op. cit.*, p. 58.

⁵⁰ Os chafarizes em questão são: dos Paus ou das Aguadas e da Praia ou Novo.

⁵¹ Os chafarizes em questão são: Chafariz De El Rei e dos Cavalos.

⁵² CAETANO, Joaquim Oliveira, 'Chafarizes de Lisboa', p. 12.

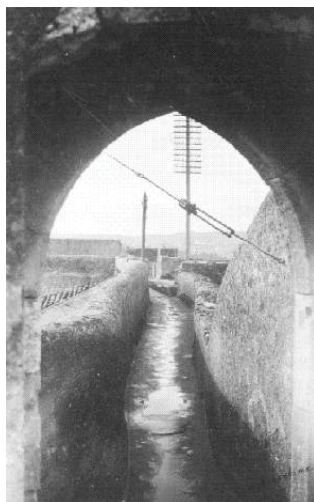


Fig. 18 – E.g.: Cisterna (tipo) do Castelo de São Jorge, Eduardo Portugal, 1939.

Segundo Luís Conceição, contabilizaram-se em 1868, 26 chafarizes com nascentes próprias em Lisboa e 97 bicas⁵³. Assim finda esta segunda viagem, no interior do abastecimento, nos chafarizes e bicas. Num terceiro momento, a bipartição direciona o encanamento para cisternas (Fig. 18), construídas para captar e conservar as águas pluviais. Supõe-se, atendendo às frases - “(...) *mas depois interrompida, do encanamento da água dos três poços(...) para serem introduzidas no Aqueduto geral; (...) trabalhava-se no cabouco de Vila Chã, junto ao poço que aí se abriu para descobrir mais água (...)*”⁵⁴ - que a estrutura deste percurso é finalizada, aquando da chegada, através de canalização soterrada, num poço.

“(...) *escavar-se-á, então, um poço nesse lugar e, se aí se descobrir uma nascente de água, abrir-se-ão outros em volta e, através de galerias, conduzir-se-ão todos os veios para o mesmo ponto.*”⁵⁵

O objetivo consiste em extrair água do subsolo, encaminhando-a de volta para a cisterna, com fecho do ciclo no aqueduto. Segundo Caetano, ambos elementos de captação da água, recorriam quando necessário às nascentes, por consequência, ligadas através de canalização. Todavia, de acordo com Chaves, junto aos poços aprontavam-se, por vezes, minas “*para uso de proprietários de hortas e quintas e também obrigatória serventia pública por ordem do concelho*”⁵⁶. Dada a escassez de informação, presume-se que não havia retorno das águas presentes nas minas. Considera-se, portanto, que desta ramificação, apenas está incluída a renovação do ciclo de água encanada até ao(s) culminante(s) – “*Puteus*”⁵⁷.

Em suma, o concelho abordado, tem sido fortemente alterado pela ação antrópica. As sucessivas mudanças no território⁵⁸, por um lado, pela construção escavada, e por outro, pela impermeabilização dos solos, segundo Pais, para além das “(...) *alterações muito grandes no escoamento hídrico subterrâneo original(...)*”⁵⁹, os vales e respectivas linhas de água, viram-se fortemente descaracterizado.

⁵³ Id. Ibid., p. 318.

⁵⁴ CAETANO, Joaquim Oliveira, ‘D.João V e o abastecimento de Água Lisboa’, p. 12.

⁵⁵ MACIEL, M. Justino, *op. cit.*, p. 296.

⁵⁶ CHAVES, Luís, *op. cit.*, p. 9.

⁵⁷ Expressão grega que significa: poço(s). / Nota: Segundo Luís Da Conceição, não sendo possível a utilização das águas do Rio Tejo, “(...) *tiveram de recorrer primeiro à das ribeiras, aumentando depois sucessivamente o seu abastecimento com a abertura de poços e com reservas guardadas em cisternas, que lhes iam fornecendo água precisa para alimentação rudimentar.*”

⁵⁸ Esta complexa estrutura de abastecimento requereu uma organização específica da cidade lisboeta. Foi necessária a setorização do Olisipo em três zonas, para permitir a alimentação de água à cidade, somente com dois reservatórios ou Mães de Água. Uma seria para abastecer as zonas altas de alto relevo da cidade, com projeção na Quinta do Seabra, numa cota estratégica de maior elevação relativamente ao nível da chegada das águas às Amoreiras. O segundo nutre as zonas médias situado no terreno sobranceiro ao arco das Amoreiras, adossado ao Aqueduto. Faltaria, então, resolver a terceira zona dita de – baixo relevo – recorrendo a um reservatório de menor escala ligado à Casa de Água das Amoreiras.

⁵⁹ CUIÇA, Pedro, ‘Ameaças à Geodiversidade – Cavidade subterrânea do Concelho de Lisboa – Trabalho de Campos II’, p. 19.

1.2. Estrutura verde

“une composition architecturale et végétale qui, du point de vue de l’histoire ou de l’art, présente un intérêt public.”

*In Dictionnaire mondial des images*⁶⁰

O solo de Lisboa, pode ser visto como uma ‘manta de retalhes’ verdes, vindos desde a ruralidade até o espaço urbano (Fig. 19). Chamar-lhe-emos, segundo Keil Do Amaral de – natureza doméstica – pressupondo, para o seguimento lógico desde raciocínio, que os espaços “verdes públicos”⁶¹ existentes no urbanismo da cidade, são necessários para considera-los como espaços urbanos qualificados. Superfícies essas, igualmente valorizados pela Carta de Atenas, em 1933⁶². Mais que um simples espaço verde, o conceito de natural é substancialmente importante no interior da cidade. Segundo Araújo⁶³, com base em Erick Kuhn, ao invés de uma canalização com desfecho numa torneira de fontanário preferir-se-ia um manancial natural que jorra pela encosta de uma rocha. O mesmo acontece com a estética da artificialidade, dos lençóis verdejantes citadinos, o gosto tenderia para superfícies verdes de um prado natural. No entanto ser-nos-á o contato com a natureza, assim como aquele que temos com a água, marcante para a fixação dos povos?

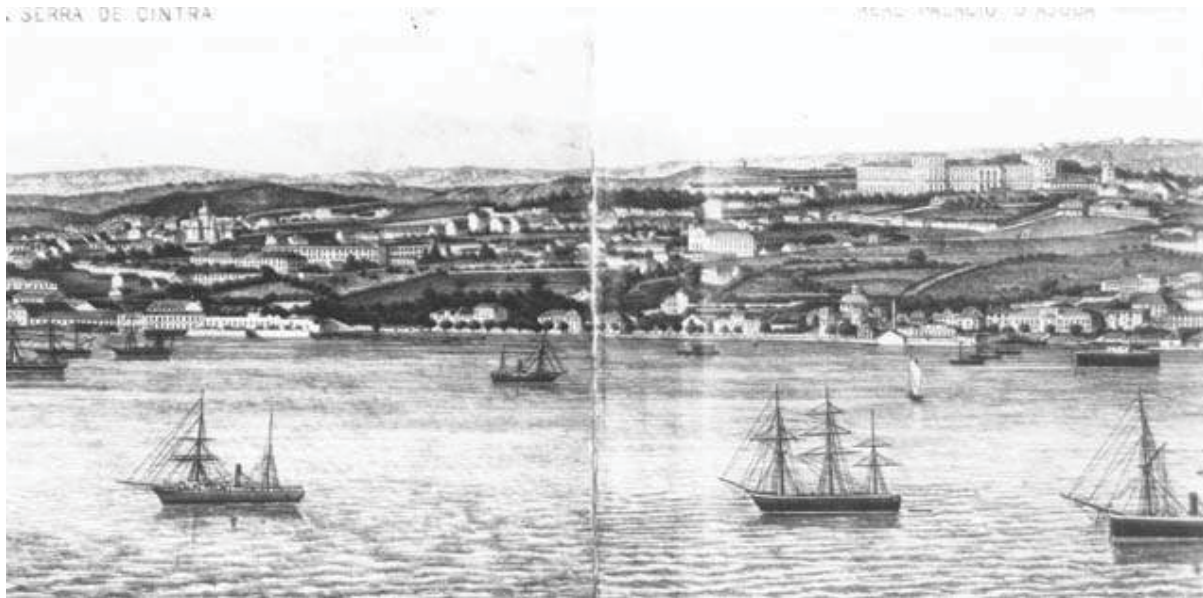


Fig. 19 – Solos Naturais e construídos de Lisboa ocidental: Panorâmica sobre a zona Ocidental da cidade (Junqueira, Ajuda, Palácio Nacional), Eduardo Portugal, 1900-1958.

1.2.1. Jardim: Natural e artificial

O Homem ligado à natureza, não é fator existente somente no nosso século. O panorama verde, no início dos anos 30, surge ao acaso, acompanhando o desenvolvimento da malha urbana da cidade e

⁶⁰ GERVEREAU, Laurent; LÉGÉ, Bernard, *Dictionnaire mondial des images*, p. 579.

⁶¹ TOSTÕES, Ana, 'Monsanto, parque Eduardo VII, Campo-Grande – Keil Do Amaral, Arquitecto dos Espaços Verdes de Lisboa', p. 9.

⁶² TELLES, Gonçalo Ribeiro, 'A utopia e os pés na terra', p. 138.

⁶³ O autor refere-se às propostas elaboradas por Pezerat.

aproveitando os espaços vazios com vistas desafogadas. O conceito de jardim surge antes pela abordagem inconsciente do retorno ao jardim de éden⁶⁴. Este traduz na nossa metrópole, segundo Ana Tostões⁶⁵, bolsas de respiração verde. Postas as topografias modificadas e as imaginárias curvas de nível modeladas, não se pode afirmar que a ideia de jardim é natural. Baseado sobretudo em estética, o jardim surge, defendido anteriormente, como espaço natural aperfeiçoado pelo Homem. Trata-se então da paisagem enquanto artifício com predomínio da pura e beleza. Mas é a partir da Idade Moderna que a ideia de privacidade, quanto aos espaços verdes, é estabelecida.

“O espaço refina-se, o ar rural é domesticado com aparato, seguindo uma composição, um quadro, uma pintura.”⁶⁶

Passou de uma poética do usufruto próprio das sensações e do bem-estar para uma demonstração ostentosa da riqueza. Inicialmente, o jardim privado aristocrata, era para ser vivido no interior, de pendor mais arquitetónico, em Portugal, que paisagístico⁶⁷ e não estava concebido para ser visto do exterior. Mais tarde fora projetado para ser contemplado desde de fora para dentro, símbolo do poder humano e da saúde pública.

Num cenário sumptuoso, berço de uma importante escala “royal”⁶⁸, é considerado como luxuoso e uma arte de minúcia racional. Pressupõe-se a simulação do natural, um quanto contraditório, pela existência de regras, tais como no séc. XVIII a estruturação de um eixo principal, de composição, proporção e simetria, contrariamente à natureza selvagem e irregular. Harmonioso na medida em que deveriam estar em relação com o edificado e o sítio. É o caso dos Jardins das Tulherias de André Le Nôtre (Fig. 20). O paisagista, definiu no séc. XVII, segundo a escritora⁶⁹, aquele que é o paradigma do jardim à francesa, pelo qual surgiram as características anteriores. Considerada, elemento importante no meio natural, a água era essencial para o enquadramento desse tipo de paisagem para a sensação de uma perspectiva natural, completando esse quadro.



Fig. 20 – Jardim das Tulherias (Paris), 1664, André Le Nôtre.

1.2.1.1. Passeio Público

“O jardim privado aristocrata dá lugar ao Parque Público popular.”⁷⁰

No panorama da cidade em reconstrução foi criado em 1764, sobre o entulho de Lisboa de pós-terramoto, com base na primeira cidade jardim de Washington e com a idealização do futuro Marquês de Pombal,

⁶⁴ Abordado na literatura religiosa, mais recentemente em “Caim” de autoria de José Saramago.

⁶⁵ TOSTÕES, Ana, *op. cit.*, p. 10.

⁶⁶ *Id.*, *ibid.*, p. 12.

⁶⁷ *Id.*, *ibid.*, p. 18. / A autora apoia-se em Helder Carita.

⁶⁸ Do latim *regalis*, o que diz respeito ao rei; Digno de um rei e que possui carácter de magnífica majestuosidade.

⁶⁹ TOSTÕES, Ana, *op. cit.*, p. 14.

⁷⁰ *Id.*, *ibid.*, p. 18.

o conceito de “*passeio público*”. O objetivo da sua construção visava promover: um lugar com carácter institucional e as relações sociais (Fig. 21), entre classes dominantes - lugar este inexistente até então no Olisipo.

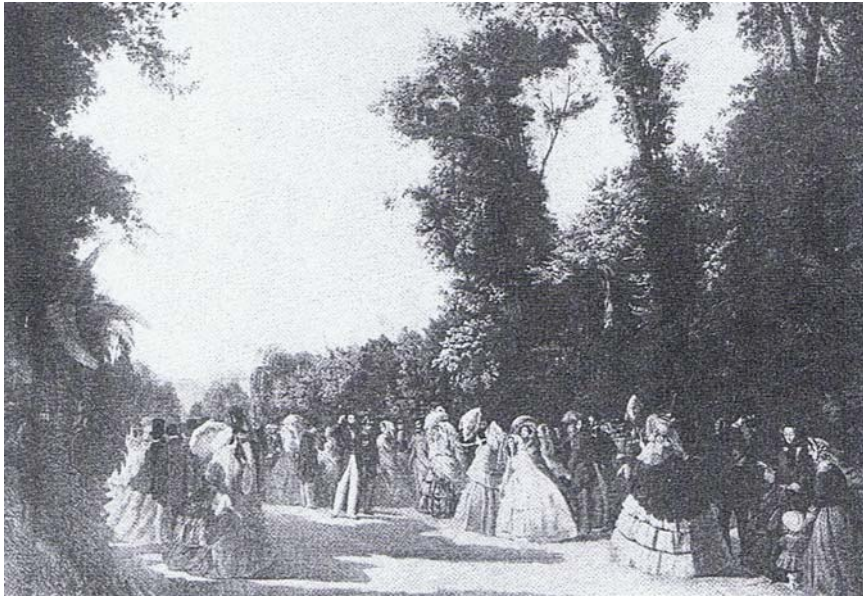


Fig. 21 – Passeio público: Estrutura verde e convívio da população, s.a., s.d.

Dos verdes de maior ou menor escala⁷¹, surge então o primeiro espaço verde público da cidade dito – Passeio público – fruto do traçado do arquiteto Reinaldo dos Santos. Com base em Françoise Le Cunff⁷², era uma alameda por onde passava um eixo central, e lateralmente, duas ruas secundárias rodeadas por altos muros que mais tarde foram substituídos por gradeamentos (Fig. 22) permeáveis ao exterior. Parte integrante do Sistema Misto⁷³ da estrutura verde de Lisboa, foi criado para recreio, para promover as relações sociais e o repouso ligado ao conceito da *promenade*, predominante no século XIX e XX.



Fig. 22 – Gradeamento da entrada a sul do passeio público, Eduardo Portugal, s.d.

1.2.2. Das Avenidas ao Parque Florestal de Monsanto

*“A Avenida ocupa o maior e mais importante vale de Lisboa que se desenha a partir da Praça Marquês de Pombal, espraia-se no Rossio e Baixa terminando no Terreiro do Paço.”*⁷⁴

1.2.2.1. Conversão do Sistema Misto em Sistema de Recreio

No final do século XIX, este jardim e a oferta da *promenade* com diversos pontos de “*cours*” e de “*malls*”⁷⁵, já não satisfaziam a população.

⁷¹ Tais como: Jardins privados presentes em palácios, quintais, hortas etc.

⁷² LE CUNFF, Françoise, ‘Do Passeio Público ao Parque da Liberdade’ in ‘Revista Camões’, n.15/16, p. 181.

⁷³ Sistemas de utilização, do PVL, para a proposta da Estrutura Verde em Lisboa.

⁷⁴ TELLES, Gonçalo Ribeiro, ‘Evolução dos espaços verdes de Lisboa’ in ‘Arquitectura, Planeamento, Design e Artes Plásticas’, p. 48.

⁷⁵ CUNFF, Françoise Le, *op. cit.*, p.180. / Conceitos do século XVII dos jardins “à francesa”. “*Malls*” é um tipo de jogo; “*Cours*” eram “*de dois tipos: concebidos para passeios a pé e, outros, para passeios de coche.*”

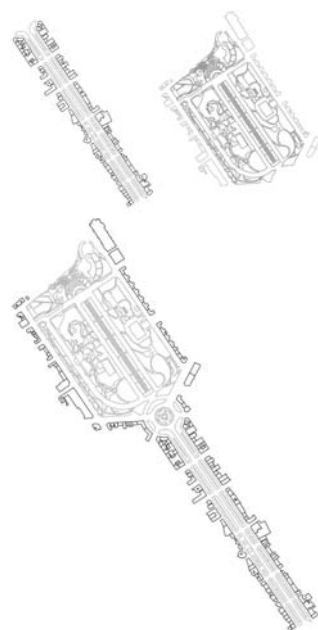


Fig. 23 – Sistema de Recreio: Expansão para norte com a adição do Parque da Liberdade à Avenida.



Fig. 24 – Alameda antes da demolição, Eduardo Portugal, s.d.

A exuberância da burguesia perante as classes inferiores, assim como o constrangimento dos horários de abertura “a todos”, geravam perplexidade na dinâmica do passeio público. Em 1882, o plano de Ressano Garcia, previsto na CML, antevia a expansão da cidade para norte, com desfecho no Parque da Liberdade⁷⁶ (Fig. 23), desenhado pelo Arq. Keil do Amaral, herdeiro direto do passeio público. Todavia, foi sacrificado este último conceito, remove e prolongando-se o verde ao longo do vale surgindo assim a ideia de – Avenida – como sistema de recreio⁷⁷ abandonando assim a função de “*malls*”.

*“(...)il va falloir séparer le cheminement des piétons de la trajectoire des véhicules(...)”*⁷⁸

No entanto, esta alameda principal altera novamente a sua utilização e consequentemente a estrutura verde (Fig. 24), com o aparecimento do automóvel. Surgem faixas de rodagem e respetivos estacionamentos ao ar livre, onde a pacata alameda se transformará no local de maior fluxo da cidade à semelhança dos *Champs-Élysées*, em Paris. Com a previsão deste acontecimento, em 1879 no plano de Ressano Garcia, já estavam previstos espaços verdes no atual Parque Eduardo VII como – Primeiro “*Pulmão verde*” – visão que se prolonga pelo pensamento de *Bardet*:

*“Le véritable moyen d’aérer, d’enseillier, d’assainir la ville, chimiquement et physiquement, c’est en réalité son mariage avec la verdure.”*⁷⁹

1.2.2.2. Sistema Contínuo Periférico

A ocidente do Oisipo, a antiga serra de Monsanto, fazia parte das terras que foram conquistadas progressivamente pelo povo. Segundo Baptista-Bastos⁸⁰, apoiado em histórias populares, menciona que os homens percorreriam os outeiros de Monsanto desbravando-o da sua floração. Fê-los avançar de forma lenta, é certo, mas prudente. Esta mancha predominantemente verde sobre Lisboa, selvagem, passará a ser objeto de um pensamento racional. Dessa forma, qual a guisa desse raciocínio?

Este conjunto de paisagens humanizadas⁸¹- referindo-nos à estrutura verde da cidade – são até então pontuadas por todo o território de forma individualizada com áreas delimitadas (Fig. 26). Com o objetivo de continuidade física destas paisagens, através de um sistema contínuo

⁷⁶ Atual Parque Eduardo VII (equivalente a uma acrópole grega, sobre a cidade).

⁷⁷ Sistemas de utilização, do PVL, para a proposta da Estrutura Verde em Lisboa.

⁷⁸ BARDET, Gaston, ‘*L’urbanisme - <<Que sais-je?>> Le point des connaissances actuelles*, n. 187’, p. 32.

⁷⁹ Id., *ibid.*, p. 35.

⁸⁰ BAPTISTA-BASTOS, Armando, ‘A colina de cristal’, p. 21.

⁸¹ TELLES, Gonçalo Ribeiro, *op. cit.*, p. 49.

periférico, foi estabelecido em 1938, o redesenho do verde em Monsanto pelo Arq. Keil do Amaral. Foi nessa altura, sobre o regime do Estado Novo e no mandato do Engº Duarte Pacheco (1932-36) para o Ministério das Obras Públicas, feitas as primeiras plantações⁸² (Fig. 25) de Monsanto afim de torna-lo num Parque Florestal, de acordo com os valores do sistema misto. Este serviria para promover o equilíbrio psicossomático, social e cultural da população sendo o “segundo pulmão” (Fig. 26) da cidade.



Fig. 25 – Arborização da Serra de Monsanto, Mário Novais, 1938.

“(...) corpo das grandes cidades seja penetrado em todos os sentidos por uma teia contínua de espaços verdes, (...) vantagem em que o sejam, penetrações das vizinhas zonas agrícolas ou florestais.”⁸³

Deste modo, pressupõe-se segundo Araújo e pelo que consta no PVL⁴² que seja um “lençol” verdejante ininterrupto com a estrutura de um parque urbano, interligado através de inúmeros pontos – “Algés, Ajuda, Benfica(...), Praça de Espanha e Parque Eduardo VII e plataforma das necessidades”⁸⁴ – da malha urbana da cidade permitindo a permeabilidade e o passeio desde a cidade edificada, à aparente ruralidade urbana.



Fig. 26 – Estrutura verde ‘descontinua’ da cidade: Mancha predominante do Parque Florestal de Monsanto, ‘Primeiro pulmão verde’ e restantes espaços verdes.

1.2.2.3 - Corredor verde de Monsanto - Coesão dos sistemas

“(...) agora a dois passos do coração da cidade, ostenta a mais bela coleção de cenários e perspectivas (...) esta impulsão atávica para o regresso do homem a um contacto mais íntimo com a Natureza. (...) a Serra hoje é o grande parque da cidade.”⁸⁵

A tomada de consciência, segundo Gonçalo Ribeiro⁸⁶ da diminuição da mancha rural, engolida progressivamente pela outra edificada, permitiu a valorização dos seus benefícios na cidade, implicando como tal grandes mudanças no panorama político e ecológico do burgo.

Em resposta a esse paradigma, o ordenamento do território, tende a ser “*continuum naturale*”, através da união de ecossistemas naturais, formados por – Sebes, leitos de cheia de água, maciços de árvores, linhas de cumeadas, revestimento por vegetação, etc⁴⁷ – cuja função é regularizar os microclimas existentes no interior da cidade. A pouco e pouco o burgo fora pontuada por equipamentos, inicialmente edificadas no centro, sem qualquer critério que somente o da

⁸² Id., *op. cit.*, p. 38.

⁸³ ARAÚJO, Ilídio de, ‘Problemas da paisagem urbana’ in ‘Revista Municipal, n.41’, p. 98.

⁸⁴ TELLES, Gonçalo Ribeiro, *et. al.*, ‘Plano verde de Lisboa – Componente do Plano Director Municipal de Lisboa’, p. 92.

⁸⁵ PINTO, Américo Cortês, ‘Monsanto a paisagem e o espírito’ in ‘Revista Municipal, separata n. 41’, p. 5.

⁸⁶ TELLES, Gonçalo Ribeiro, *et. al.*, *op. cit.*, p. 21.



Fig. 27 – ‘*Continuum naturale*’: ‘Corredor verde de Monsanto’ como rótula entre o sistema de recreio (Parque Eduardo VII e Av. Liberdade) com o contínuo periférico (Parque Florestal Monsanto): Localização geral.

monumentalidade³ e cujo intuito seria de promover a interação e a cultura, paralelamente existente no passeio público. O “*continuum aedificandi*” a ela subjaz, surge assim como uma importante barreira entre o espaço público e o habitat íntimo do Homem. Após a construção do Parque Florestal de Monsanto, em 1977. Iniciar-se-ão estudos sobre a possibilidade de conexão do sistema periférico juntamente com o outro de recreio formando-se a ideia de “corredor verde de Monsanto”⁸⁷ (Fig. 27 e 28).

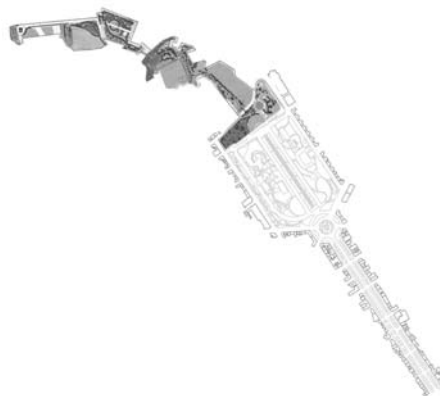


Fig. 28 – ‘Corredor verde de Monsanto’: Implantação.

1.3. Fecho do Anel Verde - Parque Natural do Rio Seco

A Artificialização e a renaturalização, foram duas questões abordadas ao longo deste capítulo. Percebeu-se que o desenvolvimento da cidade contemporânea, tende para o retorno ao contato íntimo com a natureza.

Neste sentido, acompanhando a estratégia do ‘*continuum naturale*’, pretender-se-á a renaturalização do vale do Rio Seco⁸⁸ cujo objetivo visa o ‘fecho do anel verde’. Este agregar-se-á ao sistema contínuo de Telles colmatando as extremidades das duas linhas de água, com a margem ribeirinha, ‘agrafando’ as ‘periferias centrais’ (Fig. 29), à cidade consolidada (Fig. 30).



Fig. 29 – Esquízo das ‘Periferias centrais’, Nuno Mateus, 2015.



Fig. 30 – Fecho do Anel Verde: Esquema da agregação das estruturas verdes, à cidade de frente Rio.

⁸⁷ Supõe-se que o conceito só tenha surgido, por Gonçalo Ribeiro Telles (em 1938), quando este se apercebeu de que a “continuidade do campo” só seria possível aquando do reconhecimento das suas descontinuidades na urbe.

⁸⁸ Um dos vales mais alterados a ocidente de Lisboa.

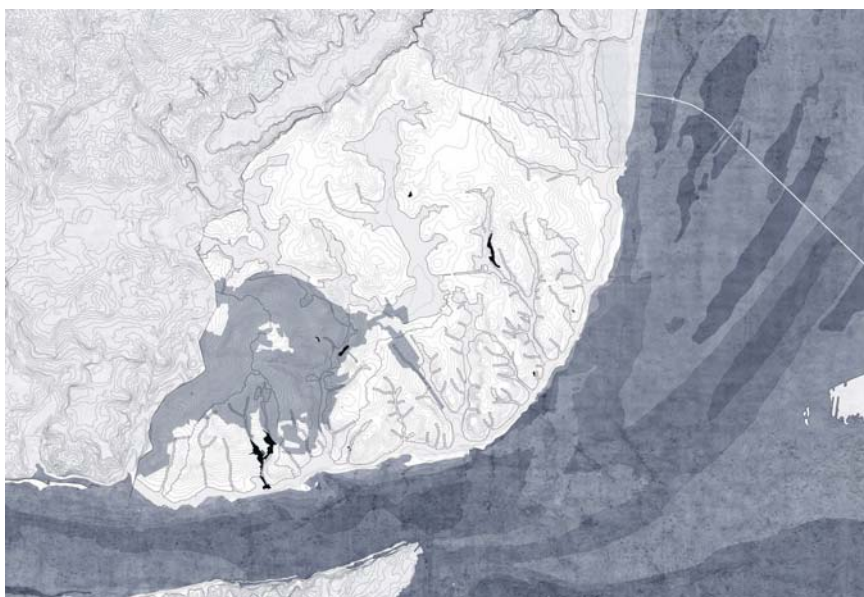


Fig. 31 – Enquadramento natural no contexto da topografia do território: Fecho do anel verde de Lisboa. [7]

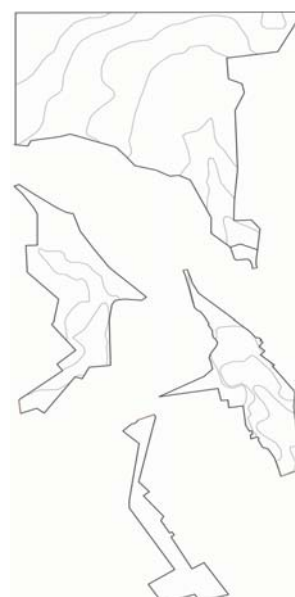


Fig. 32 – Os diferentes fragmentos de parque / que compõem o anel verde, respetivamente: Polo Universitário da Ajuda, Tapada, Rio Seco e 'corredor urbano'.

A transição desde o Parque Florestal de Monsanto até ao Parque do Rio Seco será resolvido, a Sudoeste, por intermédio de duas 'rótulas' tangentes ao 'segundo pulmão' da cidade, junto – ao 'Parque do Polo Universitário da Ajuda, e ao 'Parque da Tapada'. Acompanhando a topografia do vale, até ao centro da estrutura – o 'Parque do Rio Seco' – o verde prolongar-se-á, a sul, ao longo de um 'corredor' contíguo à malha urbana consolidada (Fig. 32), interrompendo-se à superfície, pela Cordoaria Nacional, fluindo até ao Tejo (Fig. 33).

Estas quatro 'apêndice', contribuem, *per si*, ao 'ecossistema' idealizado pelo autor, mediante características particulares. São elas, respetivamente – Os equipamentos de cultura, a área agrícola (hortas), o geomonumento, e o "*continuum aedificandi*"⁸⁹ – conexas por uma infraestrutura de transportes sustentáveis, tais como – o elétrico⁹⁰, os percursos pedonais e cicláveis, e de manutenção.

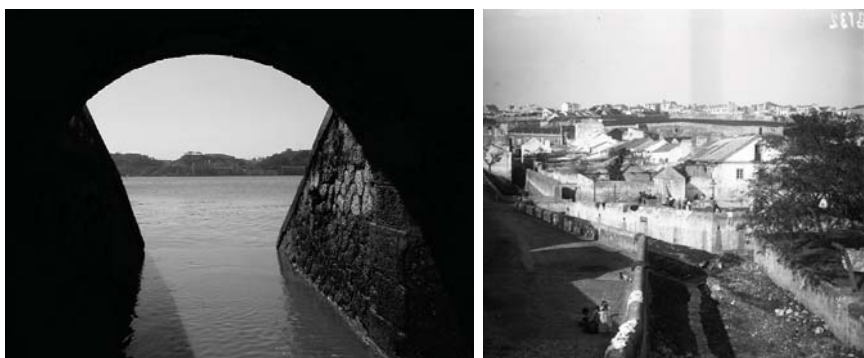


Fig. 33 – 'Galeria subterrânea' aberta sob a Cordoaria Nacional, onde desaguam as águas vindas da ribeira, Rui Barata, 2014.

Fig. 34 – Antiga linha de água no sítio do Rio Seco, Paulo Guedes, 1886-1947. [7]

Encoberto e oculto por entulho⁹¹ e suporte da atual infraestrutura rodoviária⁹², a estratégia para o Parque Natural do Rio Seco visa, a

⁸⁹ Garantido a esta '*periferia central*', o contacto com a cidade.

⁹⁰ Com base no projeto de Keil do Amaral.

⁹¹ Com cerca de quatro metros de profundidade.

⁹² Com cerca de doze metros de largura.

restituição do antigo leito, outrora a descoberto (Fig. 34), como mote para o ordenamento natural, sublimando os flancos geológicos (Fig. 35) e a integração de novos equipamentos à paisagem, que fomentam as histórias e os vestígios da sua ocupação.

Fig. 35 – Antiga pedreira junto à linha de água (ribeira da Sacôta), ainda em destaque, Eduardo Portugal, 1900-1958.



Fig. 36 – (Direita) Vestígios do leito do rio de 1911 a 1983, como base para o novo traçado da linha de água do Parque Natural do Rio seco e envolvente.

Fig. 37 – (Esquerda) Enquadramento da proposta do Parque Natural do Rio Seco: Restituição do curso de água e bacias de retenção.

Parte da memória coletiva, a antiga erosão provocada pela caudal de água, (Fig. 36) será a base do seu novo traçado assim como os elementos que compunham o sistema de abastecimento à Colina da Ajuda, – Chafarizes, tanques, bicas, minas e lavadouros – de captação e retenção – bacias ⁹³ (Fig. 37 e 38).



⁹³ São quatro: uma em cada Parque desta nova estrutura verde.



Fig. 38 – Proposta do Parque Natural do Rio Seco: Mancha arbórea; Restituição da linha de água e da bacia de retenção.

Para regular o clima - brisas e *thermal belt* – e reter as águas do lençol freático natural, pensou-se nas espécies arbóreas segundo o tipo de clima húmido e de solo⁹⁴ calcário e granítico (segundo CML) – já que reúnem condições “(...) férteis, quando ao calcário se associam outros elementos”⁹⁵. Os carvalhos⁹⁶ e pinheiro mansos surgem em continuidade o Parque Florestal de Monsanto e do Parque universitário. Junto às margens da ribeira, serão pontualmente vegetação rasteira, e choupos, próprios para climas húmidos e bétulas juntos aos limites naturais, dos flancos (Fig. 38 e 39).



Fig. 39 – Espécies arbóreas do Parque: Carvalho-negral, pinheiro manso, choupo e bétula.

Em suma, supõe-se que a regeneração e qualificação pela devolução parcial da sua topografia natural e da estrutura verde do vale – enaltece a água – tal como acontecia nos jardins e – valoriza o tecido urbano envolvente – à semelhança do sucedido no Parque da Liberdade. Assim, à proposta do Parque Natural do Rio Seco surgem, desde 2013, outros projetos de âmbito académico que visam intervenções sobre o território adjacente, destinados justamente à reestruturação dos bairros envolvente descaracterizados.

⁹⁴ CABRAL, Francisco Caldeira; TELLES, Gonçalo Ribeiro, ‘A árvore em Portugal’, p.15.

⁹⁵ PINTO, Américo Cortês, ‘Monsanto a paisagem e o espírito’ in ‘Revista Municipal, separata n. 41’, p. 19.

⁹⁶ Cerquinho, negral e roble - Existentes na mancha verde de Monsanto. Cerquinho, negral e roble. Segundo CML: <http://www.cm-lisboa.pt/viver/ambiente/parque-florestal-de-monsanto/fauna-e-flora>

II PARTE

II. CAPÍTULO 2

ESTADO DO SÍTIO

“(…) imagine-se o percurso de um transeunte a atravessar uma cidade. [...] embora o transeunte possa atravessar a cidade a passo uniforme, a paisagem urbana surge na maioria das vezes como uma sucessão de surpresas ou revelações súbitas.”¹

¹ CULLEN, Gordon, *'Paisagem urbana'*, p. 22.



Fig. 1 – Colina da Ajuda, Mário Oliveira, 1941.

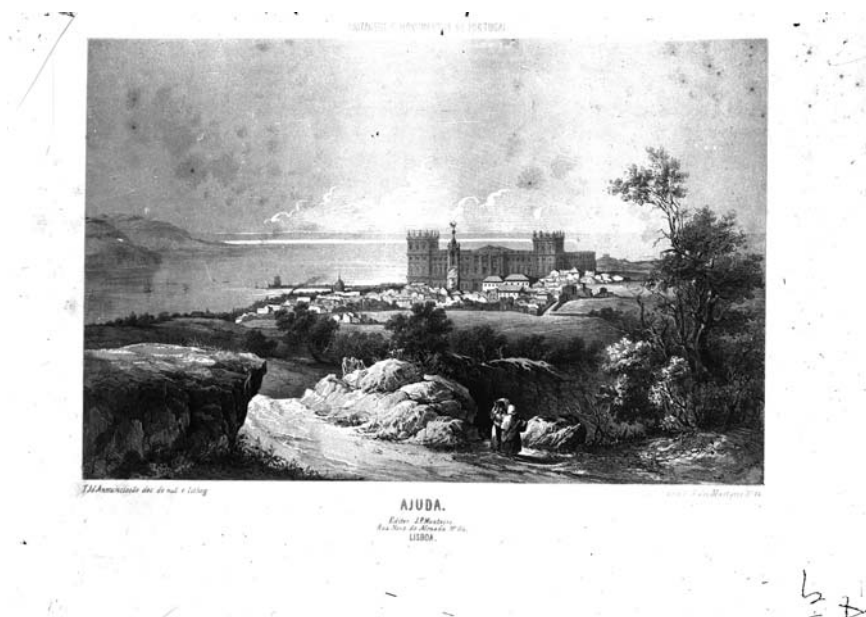


Fig. 2 – Panorâmica da Ajuda, José Bárcia, 1900-1945.

2. Na Freguesia da Ajuda

A Oeste da cidade de Lisboa, com apoio em Bártolo, pressupõe-se que sítios, de altas topografias da cidade, sendo para o efeito - o Alto da Ajuda e Monsanto - são lugares de “*alimento* do espírito”². Embora se mantenham parcialmente ocultos, pequenos indícios nos remetem para a existência de acontecimentos ou histórias sagradas em seus redores. Com origem no latim *mons sacer*, define etimologicamente o sítio de Monsanto como ‘monte sagrado’ ou ‘monte santo’. A espiritualidade ancestral destes territórios pode justificar-se, aquando da descoberta de vestígios de necrópoles, da época romana ou até mesmo pré-histórica, no setor da Tapada da Ajuda, como também as vivências de carácter mais troglodita, nestas imediações.

Tencionar-se-á, com base na exploração teórica, compreender o motivo e a forma do desenvolvimento progressivo do assentamento da povoação Portuguesa, na Freguesia da Ajuda, situada entre a de Benfica, Alcântara e Belém a ocidente do concelho do burgo. Pretender-se-á, para isso, a análise urbana da génese do percurso até a chegada e/ou fixação no sítio da Colina da Ajuda e de que modo os sucessivos marcos ao longo da sua extensão, poderão influenciar no pensamento de projeto.

Iniciar-se-á o princípio histórico em torno de uma lenda relativa a uma construção religiosa.

2.1. Fixação da urbe

Durante o séc. XV, entre o lugar da Ajuda e do Rio Seco presume-se, segundo rezava a lenda, que um pastor teria encontrado, entre a fenda de uma rocha ou em frente a uma gruta, a que se julgava estar presente na intermitência do sítio do Penedo, a imagem de uma Virgem, tornando o local num ponto de referência do povo, para ver e venerar a imagem como se de um culto se tratasse. A adesão do povo e da corte, tendo em vista as oferendas, várias, surgidas nesse local, pela vinda dos “(...) *fiéis oriundos de vários lugares* (...)”³ deu origem à construção de uma pequena ermida que “(...) acomodava cerca de 300 fiéis (...)”⁴ – a da Nossa Senhora da Ajuda. Segundo Carlos Bártolo, “(...) iria ser construída em frente a uma gruta (...)”⁵. Desta corrente devocional, em derredor da ermida, começaram a surgir tendas de venda, incrementando a fixação, nesse território, de pessoas devotas. Traduz-se-ia no surgimento de barracas e casas⁶, cujo objetivo seria viver sob proteção do santuário. Em prol do sucedido, este local, na segunda metade do séc. XVI, fará parte, da recente criação da Freguesia da Nossa Senhora da Ajuda.

² MONTEIRO, Pedro Duarte Cortesão, ‘*Arlíquido: revista de design da universidade Lusíada de Lisboa*, n.1’, p.35.

³ COELHO, Ana Cristina, ‘*A Freguesia da Ajuda no Tempo e no Espaço*’, p. 11.

⁴ Informação retirada do site da Junta de Freguesia da Ajuda

⁵ MONTEIRO, Pedro Duarte Cortesão, ‘*Arlíquido: revista de design da universidade Lusíada de Lisboa*, n.1’, p.35.

⁶ Informação retirada do site da Junta de Freguesia da Ajuda.

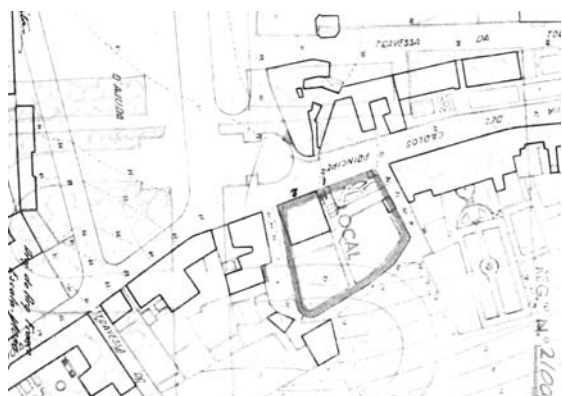


Fig. 3 – Sítio da implantação: Primitiva Igreja Paroquial da Ajuda (escala 1/1000), Mário Oliveira, 1941.



Fig. 4 – Traçado Aparente: Primitiva Igreja da Ajuda (escala 1/500), Largo Ajuda, 3 E 5 e Travessa Ajuda, n. 2; Frederico Eanes, 1892.



Fig. 5 – Largo da Ajuda: Primitiva Igreja Paroquial da Ajuda (atual sede da APIA), Eduardo Portugal, 1939.

O sucessivo aumento da população, ligado ao culto, atrai particular devoção e visitas constantes da rainha D.Catarina, esposa do rei D.João III. A necessidade de substituir a antiga ermida por uma nova Igreja (Fig. 3, 4 e 5), surgira já que a crescente popularidade não viria a diminuir. A vinda da corte para o local, engendrou, uma urbanização empírica através da construção de casas de campo, de muitos fidalgos, elevando a nova construção de índole religioso à categoria de paróquia. Todavia, o verdadeiro desenvolvimento, no lugar da Ajuda, surgira aquando da grande catástrofe que assolou a cidade.

O grande terramoto de 1755, transformaria a zona baixa e costeira de Lisboa, onde a família real se tinha estabelecido, como também o resto da cidade, num cenário de escombros. Por consequência, a receio de novas inundações, a corte vir-se-ia na obrigada a fugir, desde o Palácio da Ribeira, cujo relevo onde se implantava era nulo, até a zona ocidental da urbe, no alto da colina (Fig. 7). Por conseguinte, viu-se erguer em 1756, no Alto da Ajuda e no reinado de D.José I, a 'Real Barraca', 'Paço de Madeira' ou 'Palacete', no - *Real Paço da Nossa Senhora da Ajuda* (Fig. 6). Este palácio, de madeira e lona serviria tanto para residência régia da família real como também para a instalação dos serviços imprescindível à governação do Reino⁷. No entanto, como que



Fig. 6 – Alçado da 'Real Barraca' ou 'Real Paço de Madeira': Ajuda (Gravura), s. a., Séc. XVIII.

⁷ Informação retirada do site da Junta de Freguesia da Ajuda.

de um mau presságio se tratasse, a primeira catástrofe traria outra. Acontecido o incêndio de 1794⁸, no reinado de D. Maria I, da Real Barraca, foi imprescindível erigir, para a sua substituição, o chamado Palácio da Ajuda, cujo carácter já não seria temporário. Um ano após a tragédia⁹, fora cravada em solo firme, a primeira pedra pela autoria Manuel Caetano de Sousa, conquanto caracterizada pelas numerosas interrupções e atrasos na sua conceção, incumbindo, em 1802, aos arquitetos Francisco Fabri José Silva a proposta para um projeto com pendor neo-classicista. O projeto não seria concluído, pelo que apenas o primeiro pátio fora abrangido pela construção, mantendo-se no mesmo estado em que se encontra na atualidade. Não obstante, foi motivo, paralelo ao Paço de Madeira, para a crescente fixação da população em seu redor (Fig. 7).

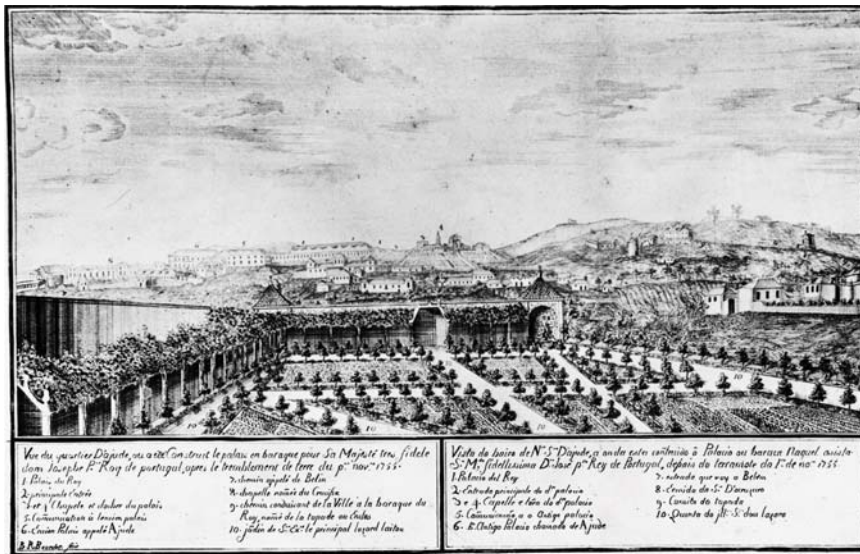


Fig. 7 – Panorâmico do Bairro da Ajuda: Vista no topo da 'Real barraca da Ajuda' (gravura, 6x9 cm), Filmarte, s. d.



Fig. 8 – Carta topográfica de Lisboa e os seus subúrbios: Expansão da cidade desde a zona Ribeirinha até a colina da Ajuda, Duarte Fava, 1807.

Constata-se, ainda assim, a expansão dos bairros da cidade para a zona ocidental do burgo paralelamente ao Tejo (Fig. 8), ao longo da Avenida 24 de Julho acompanhando tanto a margem do rio como a linha das docas. Em 1807, à semelhança dos romanos, ao longo das linhas de água, distinguem-se os terrenos vagos ou naturais, dos elementos construídos e erguidos ao longo da encosta (Fig. 9 e 10), da colina no

⁸ De 7 de novembro in (freguesia da ajuda – No tempo e no espaço), p.19.

⁹ Em 17 de julho de 1795 - Informação retirada do site da Junta de Freguesia da Ajuda.

sentido nascente-poente, separadas cerca de um século mais tarde por uma linha de caminho de ferro elétrico do Estoril¹⁰.

Fig. 9 – Perspetiva da Junqueira na «vista» de Lisboa que o Ex.^{mo} Sr. Dr. Perry Vidal estudou. Vêem-se entre outros: o palácio dos Saldanhas (nº35), hoje Arquivo Histórico Colonial, a casa de Lázaro Leitão (nº32); o forte de S.João, quando prisão de Estado (à beira do rio), o atual palácio Burnay (nº 36), e a quinta dos Álamos (hoje estação dos «elétricos») (nº40), Eduardo Portugal, s.d.

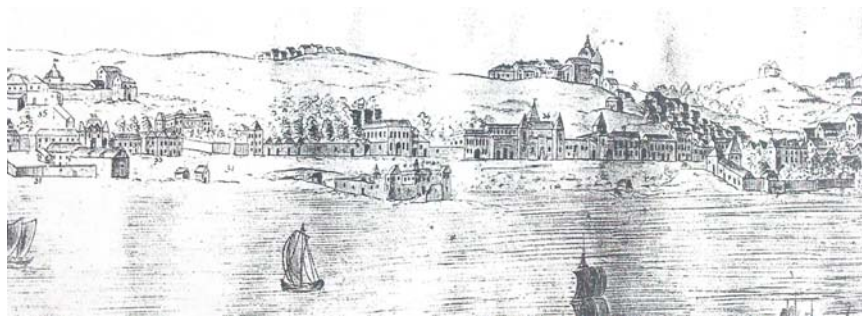
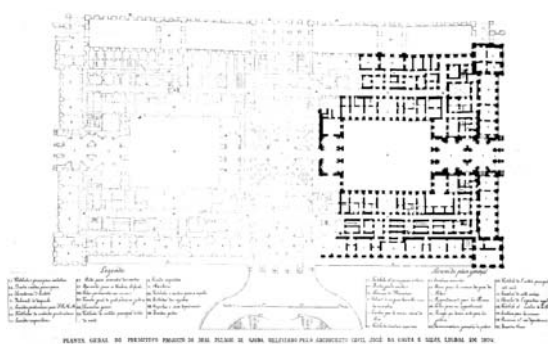


Fig. 10 – Relação da Colina da Ajuda com a topografia: Palácio da Ajuda visto desde o Tejo (Pintura), Charles Landseer, 1825.



Impulsionados pela presença do soberano, a vontade por parte da nobreza¹¹, em querer estabelecer-se no território sobranceiro, tornará as imediações tais como Belém e a Ajuda, num centro burocrático, caracterizando-o num “(...)local mais aristocrático de um Reino que ainda possuía sobre o seu domínio um vasto Império espalhado pelos “Quatro Cantos do Mundo”¹². Este novo centro, não só atrairia as classes mais altas, como também os comerciantes, as instituições militares (situadas na calçada da Ajuda) e os artífices, levando D.Luis I¹³, no séc. XIX, a instalar-se no território cuja sua residência oficial passaria a ser o Palácio da Ajuda (Fig. 1, 2, 10 e 11). Ainda assim, para as classes mais elevadas, era local de refúgio “(...) usando estas quintas de recreio, como espaço de fuga aos dias quentes ou enfadonhos da capital”¹⁴. Estes fatores foram determinantes, até então, para considerar este território uma nova centralidade coesa e integrante da cidade de Lisboa.

Fig. 11 – Planta geral do primitivo projeto do Real Palácio de Ajuda: Arq. José da Costa e Silva, Arq. José Silva, 1802.



¹⁰ CORREIA, António Mendes, ‘Grande enciclopédia portuguesa e brasileira’, p. 252.

¹¹ São caso, os novos monarcas, D. Carlos e D. Amélia cujo local de predileção foi Belém in ‘Freguesia da Ajuda’ p. 23.

¹² COELHO, Ana Cristina, ‘A Freguesia da Ajuda no Tempo e no Espaço’, p. 7.

¹³ Foi o último rei de Portugal a residir no Palácio Nacional da Ajuda.

¹⁴ MONTEIRO, Pedro Duarte Cortesão, ‘Arlíquido: revista de design da universidade Lusíada de Lisboa, n. 1’, p.38.

A infraestrutura viária, fora incrementada para satisfazer as exigências da mobilidade na relação com o rio Tejo. A meados do séc. XIX, foi incrementado, pela Companhia de Carruagem de Lisboa, uma carreira para Belém que garantiria “(...) pelo menos dez viagens de ida e de volta diárias”¹⁵. Todavia, devido ao índice elevado da população local, a presença de inúmeras viaturas, afetava grandemente a mobilidade. O surgimento do novo meio de transporte dito ‘Americano’ viria, em finais de séc. XIX, a inaugurar uma linha de Caminho-de-ferro, que faria ligação entre o Rossio e Belém. A densificação populacional a partir da década de 30, surge aquando da ampliação fiscal dos limites compreendido entre – a zona ribeirinha ocidental de Lisboa até a ponte de Algés – em 1885.

A zona da colina da Ajuda, ainda à espera de resolução em 1927, viria a estabelecer uma linha de elétrico acentuando, no séc. XX, a fixação das classes laboriosas, nas suas imediações, caracterizando-a como, ainda na atualidade, num bairro de cariz mais popular.

O desenvolvimento da Ajuda fora assim motivado pelo culto e pela fixação aristocrática no local. No entanto, nos povos primitivos, pressupomos que a essência da implantação neste local, fora influenciada pela topografia acentuada, motivando o rei a instalar-se nestas terras. Todavia, os motivos de urgência e de rápido desenvolvimento, gerou zonas desorganizadas, com aglomerados de casas, possíveis habitações trogloditas, cursos de água, naturais e artificializados, pedreiras, fornos de cal e moinhos. Estes elementos marcarão a riqueza orográfica deste território, engolidas pelas sucessivas camadas ‘do construído’ ano após ano.

2.2. Rua do Cruzeiro

“De um Sítio amplo com muitas hortas bem tratadas, com uma paisagem maravilhosa onde se vislumbrava a Tapada da Ajuda, Monsanto, Palácio da Ajuda e o Rio Tejo, surgiu então um aglomerado de barracas com gente a desesperar com o tempo que levavam a fazer o bairro prometido.”¹⁶

Delimitado, pela Rua do Guarda-Jóias, da Aliança Operária e do Cruzeiro, a *pari passu* com a permanência do poder soberano, e, por conseguinte, à construção de habitações em seu derredor, originaram aquele que hoje é mais popularmente designado por Bairro do Rio Seco.

A partir da década de 20 e 30 surgira a possibilidade, por parte de particulares, de adquirir terrenos cuja módica quantia seria apelativa. Mais tarde na segunda metade do séc. XX, o movimento migratório, vindo do interior para a ‘periferia urbana’ da cidade, intensificar-se-ia, traduzindo-se num território pontuado onde estaria, sobre este ‘natural adquirido’, numerosas construções a que se julgam marginais, já que

¹⁵ COELHO, Ana Cristina, ‘A Freguesia da Ajuda no Tempo e no Espaço’, p. 38.

¹⁶ REIS, Nuno... [et al.], ‘Casalinho da Ajuda...da ruralidade à multiculturalidade’, p. 65. Testemunho popular de: Adelaide Silva (65 anos), natural da aldeia da Ponte Sabugal na Guarda (1945).

foram alvo de “(...) *auto-construção*, destinada para habitação *permanente*”¹⁷. Todavia surgiram por parte das mesmas classes laboriosas, após trinta anos, as primeiras barracas clandestinas¹⁸ nos terrenos compreendidos entre o Casalinho da Ajuda até o Cruzeiro. Porém, só dois anos ulteriormente viriam, oriundas de diversas proveniências, entre o Palácio da Ajuda e os aforamentos do *Rio Seco*, o assentamento de numerosas famílias. Desta forte concorrência na ocupação do território surgiria um elevado número de habitações, como que de um bairro abarracado se tratasse, do qual as memórias da sua precariedade, marcariam e originaria o bairro do Rio Seco, evidentemente de carácter popular. Contudo, verificar-se-á na atualidade, a presença destas habitações ‘*marginais*’ mudando-se-lhe a resistência dos materiais de construção.

No Estado Novo, surgira a ideia de “habitação para todos”, na perspectiva de renovar as periferias da cidade. Apesar de ter sido, a colina da Ajuda, considerada uma nova centralidade, no reinado de D.Luís I, não deixaria, no entanto de ser considerada periferia urbana, da cidade de Lisboa.

Assim, pelos princípios políticos, começaram a ser construídos, nesta e nas outras periferias de Lisboa, de forma massiva, habitação de carácter coletivo. Na zona baixa do Rio Seco, começa a surgir na skyline, no fim dos anos 50, “(...) novas tipologias de prédio em altura (...), por indução mesmo passiva da Carta de Atenas, desistiram das referências precedente, caras ao regime – (...) com equipamento insuficientes”¹⁹.

1.1.1. *Praemissa*²⁰

*“Solidária e itinerante, aqui. Se sobrevivi é porque há alguma razão para isso. Os antigos diziam que existe uma só estrada para entrar na colina, mas numerosas para sair.”*²¹

Numa perspectiva diacrónica, considerado génese, na estruturação da morfologia urbana do ‘alto da colina’, o principal vetor de mobilidade entre a cidade de extra-muros até as ‘*periferias urbanas*’ e rurais viria a influenciar fortemente a entrada e saída da ‘*al-Ushbuna*’²². Através de uma abordagem à *vol d’oiseau* sobre o nome das ruas, focar-nos-emos numa breve abordagem sobre os seus respetivos e presumidos silogismos, entendidos como mote para a suposição de elementos arquitetónicos extintos.

Em conformidade com Celina Bastos as ruas e os caminhos empedrados das calçadas, vias vistas como reflexo dos depósitos da memória coletiva, haviam marcado nas imediações do ‘Palacete’, espaço

¹⁷ REIS, Nuno... [et al.], ‘Casalinho da Ajuda...da ruralidade à multiculturalidade’, p. 22.

¹⁸ Construções desprovidas da autorização da Polícia Municipal.

¹⁹ COELHO, Ana Cristina, ‘A Freguesia da Ajuda no Tempo e no Espaço’, pp.43-44.

²⁰ Latim de **premissa**, s. f. com origem no participio passado de *praemitto*, significa enviar antecipadamente, prevenir.

²¹ BAPTISTA-BASTOS, Armando, ‘A Colina de Cristal’, p. 207.

²² Nome árabe dado à cidade aquando da conquista de Lisboa pelos mouros.

e temporalmente, os nossos antepassados. Segundo consta na sua investigação, dezassete²³ anos antes do sinistro que viria a abalar o Paço e aproveitando a estada da corte numa vila do concelho de Sintra, a rainha encomendará decorações, *en vogue*²⁴, a Paris. Traduzir-se-ia numa “(...)vasta correspondência trocada entre o guarda-jóias²⁵ e o embaixador (...)”²⁶. Tal troca, confirmar-se-ia, numa carta destinada a João Coutinho (guarda-jóias), onde constava: “Mande pelo primeiro Navio que sahir de Havre a Moquette para a sua Magestade (...)”²⁷, sendo uma significativa relação mercantil entre duas entidades cujas nacionalidades e mares são desiguais. Em correlação e por coincidência, subsiste, desde 1812, a rua com o mesmo nome estabelecida, de frente, ao largo da N. S^a. da Ajuda.

Para Moisés Espírito Santo, a toponímia parte invariavelmente do “(...)conhecimento profundo dos lugares (...)”²⁸, com origem na “(...)observação cuidada e experimentada (...)”²⁹, *in loco*, das vivências envolvidas. Porém, sabendo-se-lhe a aceção, com o nome de guarda-jóias (rua de), na literatura a sua toponímia permanecerá, para nós, oculta.

2.2.1.1. Analepse



Fig. 12 – Mapa da Cidade de Lisboa e de Belém em 1812: Implantação da rua do Cruzeiro (escala 1:8000), Duque de Wellington, 1812.^[2]

²³ Em conformidade com a data do incendio da Real Barraca.

²⁴ *Em referência ao século XVI.*

²⁵ **Guarda-joias** (ghu-ár-da-jó-i-as), s. m. oficial da casa real encarregado da conservação das joias. // (...) in CALDAS, Francisco Júlio... [et al.], ‘Diccionario contemporaneo da Lingua Portugeza’, p. 884.

²⁶ BASTOS, Celina, ‘A Real Barraca no sítio de Nossa Senhora da Ajuda e as encomendas da Casa Real: alguns elementos para o seu estudo, n. 1’, p. 196.

²⁷ BASTOS, Celina, ‘A Real Barraca no sítio de Nossa Senhora da Ajuda e as encomendas da Casa Real: alguns elementos para o seu estudo, n. 1’, p. 220, l. 29. “Carta do Embaixador D. Vicente de Sousa Coutinho para o guarda-jóias João da Silva datada de 15 de setembro de 1777. ANTT, Casa Real, ex. 3506.”

²⁸ BEIRÃO, Caetano, ‘D. Maria I, 1777-1792: Subsídios para a revisão da história do seu reinado’, p.439. Carta destinada a D. Maria I, de uma prima, emitida em Queluz, 7 de Julho de 1783.

²⁹ Informação retirada do site do arquivo de Renato Suttana.



Fig. 13 – Principal Vetor de entrada e saída de Lisboa no séc. XIX: Interpretação das possíveis terras que ladeavam a rua primitiva, destinadas para cultivo, (com base) Duarte Fava, 1807.

Estabelecida aquando da ocupação dos mouros, segundo Alexandre Herculano³⁰, saber-se-á que, no séc. XIV, habitariam na aldeia vizinha, a do Restelo (onde hoje é Belém), entre livres e escravos, mouros que do lugarejo partiam para a pesca no Tejo. Sem precisão e com base em João Nêu³¹, sabe-se que cultivavam terras nos arredores (Fig. 13), podendo-se supor veracidade pela existência, desde essa época, de uma infraestrutura viária que possibilitava a mobilidade de lés-a-lés (Fig. 13). Segundo aponta a cartografia de Wellington (Fig. 12), dada a sua orientação – Nascente-Poente – implantada na extensão de uma linha de cumeada, este caminho seria, somente na segunda década do séc. XIX, o único troço cujo itinerário levar-nos-ia para ‘além-fronteiras’, desde o centro da cidade até Queluz. Denominar-se-ia – Calçada do Cruzeiro³².

Veremos de que forma poder-se-á restituir a sua memória, já que a *“Rua(...)era(...)comparativamente mais importante que hoje(...)”*,³³ por intermédio, em analepse, da compreensão de alguns fatores históricos, a ela subjaz, através da *“mise en scène de la pert et du vide pour mieux restaurer la mémoire dans les interstices du construit”*³⁴.

2.2.1.1.1. Percurso

Impressa relevância dada ao percurso (em análise), na literatura, o símbolo e funcionalismo, a ele associado, estarão coadunados a fatores de mobilidade, por parte da corte, no decurso progressivo dos sítios da sua permanência. Perceber-se-á, através dos escritos de José Sanches, que após a noite fatídica da ventania que culminará no temeroso incêndio, reduzindo-se o Paço de Madeira a cinzas, à semelhança de um monte de carvão, levava as Infantas e os restantes membros da família Real a transferirem-se *“(...)para o Palácio de Queluz”*³⁵. A propensão geográfica justificar-se-ia pelo facto de se encontrarem, no sítio, outros parentes.

A defeito da escassez de dados toponímicos, paralelamente ao guarda-joias (rua de) saber-se-á, com base nos escritos de Santana e Suecena, que o seu nome não advém ironicamente de uma coincidência relativa à expressão: «em velocidade cruzeiro», equivalente à velocidade constante de uma viagem. Paralelismo esse que não pareceria descabido e paradoxal, estando em causa um percurso. No entanto estará adstrita a fatores, subsequentes em todo o território da cidade, predominantemente religiosos. De entre os diversos tipos de Cruzeiros, Luís Chaves distingue ainda aqueles que serão – *“(...) mais ou menos monumentais, de*

³⁰ HERCULANO, Alexandre, ‘O Monge de Cister, tomo I.’ p. 73 in NÊU, João B. M., ‘Em volta da Torre de Belém – Evolução da zona ocidental de Lisboa’, p. 18.

³¹ NÊU, João B. M., ‘Em volta da Torre de Belém – Evolução da zona ocidental de Lisboa’, p. 18.

³² Segundo a CML, também denominada por Rua Direita do Cruzeiro, *“(...) antes da publicação do Edital de 08/06/1889 (...)”*.

³³ NÊU, João B. M., ‘Em volta da Torre de Belém – Evolução da zona ocidental de Lisboa’, p. 49.

³⁴ SIMONOT, Béatrice, ‘Avant- Propos’ in BARRY, Judith; CONVERT, Pascal; PFNÜR, Rainer, ‘Genius Loci’, p.7.

³⁵ SANCHES, José Dias, ‘Belém e arredores através dos tempos’, p. 138.

material duradouro como a pedra, ou mais económico e mezinho como a madeira (...)”³⁶ deduzem que independentemente da forma, englobam uma – Cruz intrínseca à generalidade dos Cruzeiros³⁷.

Não obstante o episódio que se sucedera na colina, a locomoção a partir da ‘Rua Direita’ não seria a única circunstância que lhe conferia tamanho importância. Tal qual uma premissa de bom augúrio, segundo Nuno Reis, D. M^a I, até uma capela mandara erigir, em 1609, afim de “(...) *proteger o cruzeiro*(...)”³⁸, subentendendo-se da fé, uma medida de precaução de que optou, a Rainha, para ‘eventualidades’ futuras.

Crer-se-á que perduraria, no edifício religioso, uma cruz que lhe viria a dar nome e cujo seu “(...) *cruzeiro*”³⁹ da Ajuda está no museu”⁴⁰. Clarificando em parte, a suposição toponímica e conferindo-se-lhe relevância histórico-simbólica, atribuído, outrossim, pelo *Guia de Portugal*, quando o referencia como – “(...) «um famoso cruzeiro, melhor de Lisboa»”⁴¹, inferindo-se tal valia. Porém, segundo consta na definição, o seu significado tenderá, de outra forma, para aquilo “que cruza”⁴², o que viria a acrescentar dados para enriquecer a interpretação, *à posteriori*, da sua toponímia.

O traçado do percurso ligado à primitiva rua, como referido, ajusta-se à topografia criando-se “(...) *um efeito e convergência no traçado quando (...) o topo de uma elevação, é exacerbado na composição urbana*”⁴³, i.é, quando se recorre ao intermédio de ‘plataformas de união’ (Fig. 14) relevantes, para vencer os desníveis acentuados pelas linhas de água que se interpõem no decurso da série de cumes, no decorrer do seu traçado. Estas ligarão o topo de uma elevação a outro.

Por sua vez, o assentamento urbano engendrado, de forma espontânea e linear, pela extensão do eixo, gerador das atuais pré-existências que, à rua do Cruzeiro⁴⁴, foram tangenciadas por sucessivas adições, ocasionam aquilo a que chamaremos de – núcleos – populacionais mais densos. Estes localizar-se-iam, justa e curiosamente, nas zonas de quebra da linearidade axial, mais precisamente, no sítio onde se cruzam ou concorrem as ruas (envolventes) com o eixo (Fig. 15), sobre o qual se julgavam existir estes ‘passadiços’.

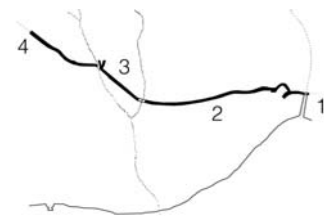


Fig. 14 – ‘Plataformas de união’ («pontes») e respetivo cruzamento com linhas de água: ligação de uma margem à outra.

Legenda:

- 1 Alcântara;
- 2 Calçada da Tapada;
- 3 Calçada do Cruzeiro;
- 4 Queluz.

³⁶ SANTANA, Francisco; SUECENA, Eduardo, *‘Dicionário da história de Lisboa’*, p. 325, II. 3-4.

³⁷ SANTANA, Francisco; SUECENA, Eduardo, *‘Dicionário da história de Lisboa’*, p. 325, I. 5. No entendimento das ruas, estradas ou caminhos // **Cruzeiro** (kru-zei-ri-nha), s. m. grande cruz de pedra que se arvora nos ardos de algumas igrejas, em praças, estradas, cemitérios, etc. // (...) // -, adj. Que tem cruz. / Que é marcado com uma cruz. // (...). in CALDAS, Francisco Júlio... [et al.], *‘Diccionario contemporaneo da Lingua Portugeza’*, p. 428.

³⁸ SUECENA, Eduardo; SANTANA, Francisco, *‘Dicionário da história de Lisboa’*, p. 47.

³⁹ No sentido de cruz.

⁴⁰ SANTANA, Francisco; SUECENA, Eduardo, *‘Dicionário da história de Lisboa’*, p.325. Relativo ao museu do Carmo.

⁴¹ SANTANA, Francisco; SUECENA, Eduardo, *‘Dicionário da história de Lisboa’*, p. 326.

⁴² **Cruzeiro**, s. m. (encontrar definição Gulbenkian).

⁴³ FERNANDES, Sérgio Padrão, *‘O Traçado. O sítio e a forma da cidade’* in Os Elementos Urbanos, Cadernos MURb – Estudos da Cidade Portuguesa (volume 1), p. 45.

⁴⁴ COSTA, Carlos... [et al.], *‘Análise urbana: Rio Seco – 94/95’*. Assim como a Rua da Junqueira e a Calçada da Ajuda.



Fig. 15 – Diferentes troços de rua, e.a., 2017

Legenda:

Demolições

Adições

Núcleos / Densidade

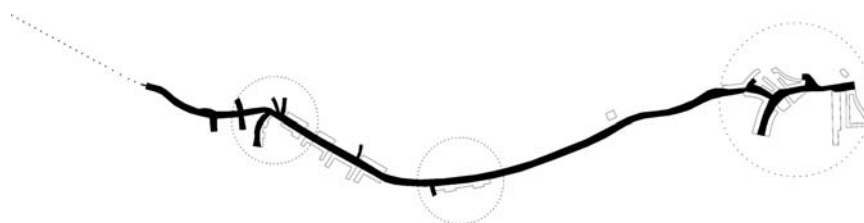


Fig. 16 – Evolução histórica do assentamento urbano: Volumetria tangentes à: R.do Cruzeiro e Calçada da Tapada até Alcântara, (sobreposição do Mapa da Cidade de Lisboa e de Belém) Duque de Wellington, 1812.⁴⁵



Fig. 17 – Evolução histórica do assentamento urbano: Volumetria sucessivas por adição à: R.do Cruzeiro e Calçada da Tapada até Alcântara, (Sobreposição da Carta topográfica, de Lisboa e os seus subúrbios) Jozé Fava, 1807.⁴⁵

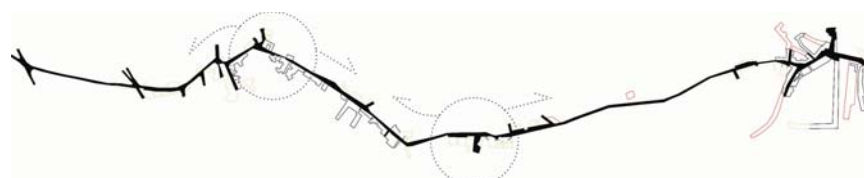


Fig. 18 – Evolução histórica do assentamento urbano: Volumetria sucessivas por adição à: R.do Cruzeiro e Calçada da Tapada até Alcântara, (Sobreposição da Planta da Cidade de Lisboa e Belém) s. a., 1834.



Fig. 19 – Evolução histórica do assentamento urbano: Volumetria sucessivas por adição à: R.do Cruzeiro e Calçada da Tapada até Alcântara, (Sobreposição da Planta da Cidade de Lisboa e Belém) Silva Pinto, 1911.



Fig. 20 – Evolução histórica do assentamento urbano: Volumetria sucessivas por adição à: R.do Cruzeiro e Calçada da Tapada até Alcântara. (Sobreposição da Planta da Cidade de Lisboa) artº 91-PDM, 1970-1983.



Fig. 21 – Evolução histórica do assentamento urbano: Volumetria atuais tangentes R.do Cruzeiro e Calçada da Tapada até Alcântara, (Sobreposição da Planta da Cidade de Lisboa) CML, 2016.

⁴⁵ A evolução histórica da fixação urbana, em torno da rua do Cruzeiro, tem início na data de 1812 seguindo para 1807, considerando-se 'idiosincrasias' na representação das cartografias de cada autor. Assim a primeira, estava mais desenvolvida comparativamente com a segunda.

Constatar-se-á, a partir de 1812, o alastramento das construções com origem nos ditos ‘núcleos’ (Fig. 16-21). A partir desses pontos, a tendência da fixação, jaz-se predominantemente até 1911, no troço do Cruzeiro. Dada consolidação do ramal abordado, a partir da segunda década do séc. XX até os anos 70, surgirão múltiplos arruamentos e travessas. À *posteriori* e a defeito de espaço vago (frente de rua) viriam a ser tangenciados nos novos arruamentos, volumes edificadas, marcando o alvedrio de permanência no território. As alterações produzidas, num intervalo de cerca de 105 anos⁴⁶ revelam-se, única e exclusivamente, no construído de adição ‘parasítica’, concomitante às cêrceas pré-existentes, ocupando-se-lhe os respetivos logradouros e tardoz dos edifícios adjacentes à antiga Calçada. Tendo sido o primeiro troço (Fig. 15) a consolidar-se (a Sudoeste) tornar-se-á, por conseguinte, o mais antigo, o qual perdurará verosímil, desde 1983 até a atualidade, comparativamente ao ‘segmento’ da Calçada da Tapada, cujos interstícios que ladeiam a rua, a sul, só viriam a ser totalmente preenchido a meados dos anos 80.

Com base na reminiscência de Natália Ramos⁴⁷, atestar-se-á tal similitude quando mencionara que: – “*A rua do Cruzeiro foi a que menos mudou*”. Todavia, em harmonia com Duarte Leão, bastariam trinta anos para que os costumes portugueses já não fossem os mesmos⁴⁸ constatando-se, segundo confissões da residente, que a rua perderia o fulgor, vivido em época, que em parte, a caracterizava. Acreditar-se-ia que os fatores de vivências populares a que se julgam ter existido desde 1812 foram sendo, desde o séc. XX, gradualmente reduzidos através da introdução de lugares de estacionamento, à retaguarda, diminuindo-se-lhe a área de recreio decorrente da permanência popular. No entanto Cullen considera que o caso de Bankside, no Tamisa, é um paradigma na medida em que a sobreposição de usos, no recinto de uma antiga zona de armazéns, é a síntese da atitude “(...) *que considera o espaço exterior como propriedade de todos: dos jogadores de boules, mas também do comboio (...)*”⁴⁹ igualmente entendido como prolongação do interior doméstico. Deste modo à noção de permanência estará, segundo Rossi, ligada a características particulares acontecendo que as “(...) *ruas resistiram ao longo do tempo e fixaram a configuração da cidade (...)* *garantindo uma sensação de continuidade*”⁵⁰, das formas urbanas e por conseguinte uma ‘paisagem urbana’⁵¹.

⁴⁶ Intervalo de verossimilhança (anos) = data (ano) da última planta da evolução histórica do assentamento urbano (fig. 21) – data (ano) de consolidação do ramal da R. do Cruzeiro <=> 2016 – 1911 = 205 anos.

⁴⁷ A propósito de conversas informais com os habitantes do bairro do Rio Seco - Residente de 70 anos (em 2017); Número de polícia: 6.

⁴⁸ BASTOS, Magalhães, ‘Da vida e dos costumes da sociedade portuguesa no século XVII’, p.11. / Referente ao séc. XVII.

⁴⁹ CULLEN, Gordon, ‘Paisagem urbana’, p.78.

⁵⁰ LOPES, Diogo Seixas, ‘Melancolia e arquitectura em Aldo Rossi’, p.141/142. / À noção de permanência, do autor referenciado, advém dos estudos sobre a história do urbanismo de Pierre Laverdan e Marcel Pöete.

⁵¹ CULLEN, Gordon, ‘Paisagem urbana’, p. 135. Conceito usado pelo autor que pressupõe que um conjunto de edifícios próximos ao invés da construção isolada, são ‘paisagem urbana’.

Para além de funcionar como serviço para a corte, do aglomerado resultariam vivências populares tornando-se, a rua do Cruzeiro, num prolongamento do ‘lar’, desde o interior doméstico até o espaço exterior público e por conseguinte palco de recreio multigeracional da comunidade. Este fornecer-lhe-á, *de per si*, valor acrescido, já que apelava *inclusive os mais* pueris. Testemunhava Fernanda Pena⁵², aquando da puerícia, que após a azafama dos deveres escolar concluídos, na terceira década dos séc. XX, sem permissão “(...)fugia e vinha brincar para a rua”⁵³, promovendo-se, sem embargo, as relações de vizinhança.

2.3. Imaginar o vivido

“Há uma «experiência da cidade» que constitui um conjunto continuo em que o tempo da nossa leitura humana se acorda com o tempo histórico da própria cidade. Assim a nossa experiência ao nível do quotidiano não é mais do que a representação possível duma experiência ancestral. (...)A perda destes documentos não pode deixar de atingir os destinatários, que são os habitantes presentes e futuros da cidade”⁵⁴.

A praça, ainda que não seja um tema abordado adiante, no país nosso vizinho Ibérico⁵⁵, havia marcado a comunidade promovendo-se-lhe a vida pública urbana.

Ao passo que é entendida, para os espanhóis como «fórum» da interação social, os portugueses, segundo Tudela, “(...) sempre utilizaram as ruas para essa mesma função”⁵⁶. O autor subsegue contudo, que foram apropriadas de forma espontânea por consequência de recorrentes variações climáticas e pela exiguidade dos espaços que lhes são próprios, no interior da urbe, conferindo-lhes “(...)feição tradicional e pautando o seu estilo de vida (...)como palco aonde se desenrola as cenas marcantes da vida pública.

Deste modo, com base nos estudos de Carlos Dias Coelho⁵⁷, para a DGOTDV, e com a pretensão de continuar com a sua abordagem relativa aos ‘vazios’ urbanos⁵⁸, pretende-se comprovar sistematização desses ‘fóruns de permanência’. O enfoque fazer-se-á nas imediações da

⁵² Testemunha popular, natural do Casalinho da Ajuda de 84 anos (em 2010), que cresceu nos arredores da rua do Cruzeiro.

⁵³ REIS, Nuno... [et al.], ‘Casalinho da Ajuda...da ruralidade à multiculturalidade’, p. 27.

⁵⁴ FRANÇA, José-Augusto, ‘A cidade e as suas imagens’, in ‘Arquitectura, N°104’, p.146.

⁵⁵ Da península Ibérica constam: Portugal e Espanha.

⁵⁶ TUDELA, José, ‘As praças e largos de Lisboa: Esboço para uma sistematização caracterológica’, p.1.

⁵⁷ LAMAS, José, ed. Lit; COELHO, Carlos Dias, ed. Lit., ‘A praça em Portugal: Inventário de espaços públicos – Continente. Vol. I’, pp. 29-47.

⁵⁸ De forma genérica e pouco aprofundada, ao contrário do autor mencionado. Sendo que, no caso da cidade de Lisboa, apenas estão patentes casos como: o **Largo** de São Miguel; a praça do Comércio / Terreiro do Paço; Rossio / Praça D.Pedro IV; Praça do Areeiro / Praça Francisco de Sá Carneiro; Marquês de Pombal e o cruzamento as Avenida dos Estados Unidos da América / Avenida de Roma in ‘A praça em Portugal: Inventário de espaços públicos – Continente. Vol. I’, pp. 468-500.

Ajuda⁵⁹, com base nos restantes, espalhados pelo território a ocidente, noroeste e centro da urbe (Fig. 22).

Tendo em vista o aumento da densidade populacional e consequente acréscimo do povo nos espaços públicos da metrópole, das ruas, por necessidade de desafogo, irromper-se-iam nos locais de confluência – espaços de exequível permanência ou ‘*ideia colectiva do objecto urbano*’⁶⁰. Dessas superfícies revelar-se-iam os ditos – largos – a elas sobranceiros, o que incomumente não se sucedera no caso da rua do Cruzeiro⁶¹. Introduzidos e ajustados em malhas consolidadas, são-lhes resultantes formas irregulares e de dissemelhantes escalas resultantes dos constrangimentos urbanos singulares de cada lugar não havendo, por conseguinte, coesão formal e morfológica entre eles (Fig. 23). Apesar das particularidades, segundo Coelho, “(...) *contribuem para que um tecido homogeneidade formal* (...)”⁶², i.é, para a sua identidade.



Fig. 22 - Largos no território da cidade (Relevantes para o estudo)⁶³.

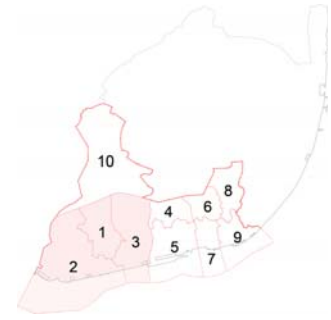


Fig. 23 – Organização administrativa de Lisboa: Limites físicos das freguesias onde estão localizados os largos, à posteriori.

Legenda:

- 1- Ajuda;
- 2- Santa Maria de Belém;
- 3- Alcântara;
- 4- Campo de Ourique;
- 5- Estrela;
- 6- Santo António;
- 7- Misericórdia;
- 8- Arroios;
- 9- Santa Maria Maior;
- 10- Benfica.

Legenda:

- Freg. de enfoque
- Limite Freg. no Rio
- Largo(s)
- Construído adjacente
- Limite(s) do(s) largo(s)
- Palácio
- Monumento religioso
- Bica / Fontanário / Chafariz

⁵⁹ Relevância nas freguesias de Santa Maria de Belém e Alcântara, atendendo proximidade.

⁶⁰ SANTANA, Francisco; SUECENA, Eduardo, ‘*Dicionário da história de Lisboa*’, p. 325, l. 5. No entendimento das ruas, estradas ou caminhos // **Cruzeiro** (kru-zei-ri-nha), s. m. grande cruz de pedra que se arvora nos ardos de algumas igrejas, em praças, estradas, cemitérios, etc. // (...) // –, adj. Que tem cruz. / Que é marcado com uma cruz. // (...). in CALDAS, Francisco Júlio... [et al.], ‘*Diccionario contemporaneo da Lingua Portugeza*’, p. 428.

⁶¹ Considerando a definição de – “**Largo**, s. m. adv. Área urbana espaçosa na confluência de ruas” – aplicável ao caso do Cruzeiro, pela bifurcação existente.

⁶² COELHO, Carlos Dias, ‘*Os Elementos Urbanos, Cadernos MUrb – Estudos da Cidade Portuguesa (volume 1)*’, p.21.

⁶³ Exceto freguesia como – a Ajuda e Alcântara – não foram seleccionados todos os largos existentes nos restantes limites administrativos da cidade.

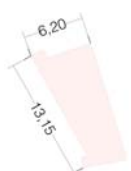


Fig. 24 – Dimensão(m) do largo de menor escala (Lisboa): Largo das Gralhas, em São Cristóvão.

Através do levantamento dos respetivos perímetros constatar-se-á, comparativamente aos tecidos urbanos mais regulares e/ou planeados (Fig. 25 e 26), que aos outros de índole mais orgânicos e/ou não planeados (Fig. 26), tal como se sucede em Alfama, (e. g.: colina do Castelo), são-lhes característicos largos de menor escala (Fig. 27). Com cerca de 62,40 m², o largo das Gralhas (Fig. 24) corresponde ao mais exíguo da cidade.

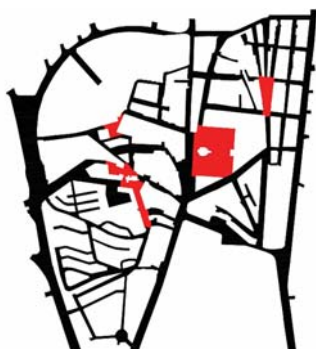


Fig. 25 – Largo de grande escala: Malha urbana reticulada, não ortogonal (planeada) - Sudoeste da freg. da Ajuda.

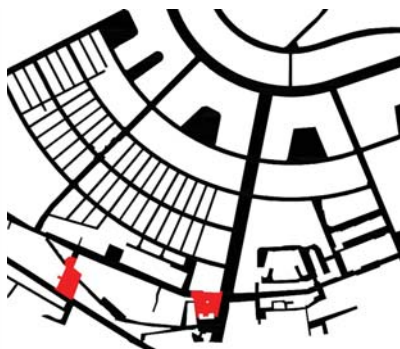


Fig. 26 – Largo de escala intermédia: Malha urbana reticulada, radial (planeada) - Restelo, Sudoeste da freg. de Santa Maria de Belém.

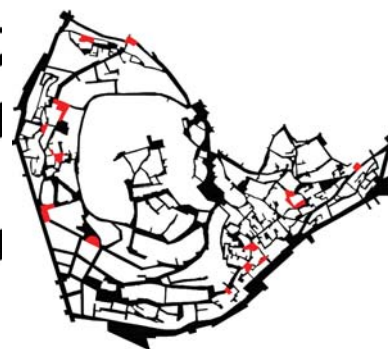


Fig. 27 – Largos de pequena escala: Malha urbana não reticulada, orgânica (não planeada) - Alfama, Nordeste da freg. de Santa Maria Maior.

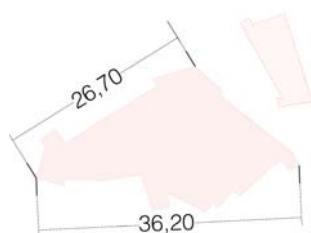


Fig. 28 – Dimensão(m) do largo de maior escala, no panorama dos menores: Largo de São Miguel, em Santa Maria Maior.

De entre esse panorama e antagónico ao antecedente destacar-se-á, de maior dimensão, o largo da São Miguel (Fig. 28) cuja área corresponde sensivelmente a seis vezes ao das Gralhas⁶⁴. Excluído da hipótese de um possível 'acidente fomal'⁶⁵, admite-se curiosamente, que a dissemelhança entre estes dois paradigmas, tende para o edificado envolvente. Conforme generalidades, adossados aos largos de maior escala, tais como – do Rato, da Memória, da Torre⁶⁶, da Boa-Hora e ao da Ajuda, das Necessidades e do Rilvas – correspondem, respetivamente, monumentos religiosos (ou parte deles) e casas régias.

Com base neste raciocínio e atendendo ao contexto dos largos menos espaçosos (Fig.30), destacar-se-á o de São Miguel, como sendo o mais amplo. Deste modo, com aprox. 375,60 m², a tamanha discrepância, comparativamente ao das Gralhas, poder-se-á legitimar através da presença da Igreja do mesmo nome (Fig.29), à semelhança dos exemplificados anteriormente.



Fig. 29 – Largo de São Miguel: Relação com o construído envolvente.

Legenda:

- Via de circulação automóvel
- Construído adjacente
- Limite(s) do(s) largo(s)
- Palácio
- † Monumento religioso

Todavia para além da monumentalidade do construído envolvente, ressaltar-se-á um segundo fator determinante a que se julga estar associado, à proporção destas 'reduzidas praças'. Admitindo-se, na perspetiva dos largos de maior escala (Fig.31), que a defeito da ausência monumental estarão associadas a inúmeras eflorescências superficiais, traduzidas em marcos de água, tais como – bicas, fontanários ou

⁶⁴ 62,40 (área do largo das Gralhas) x 6 = 374,40 m² <=> Área aprox. do Largo de São Miguel = 375,20 m².

⁶⁵ COELHO, Carlos Dias, 'Os Elementos Urbanos, Cadernos MURB – Estudos da Cidade Portuguesa (volume 1)', p.21. O termo refere-se ao surgimento, não desejado, de um vazio urbano resultante de um erro.

⁶⁶ O que ainda resta da Capela Real da Ajuda, demolida em 1834.

chafarizes – como são casos nos largos – do Rio Seco, do Intendente, Vitorino Damásio, da Boa-Hora, da Princesa, do Calvário, Ocidental, do Doutor José de Figueiredo, da Paz e do cemitério⁶⁷.

Legenda (Fig(s) abaixo):

- Via de circulação automóvel
- Construído adjacente
- Limite(s) do(s) largo(s)
- Palácio
- † Monumento religioso
- ◇ Bica / Fontanário / Chafariz

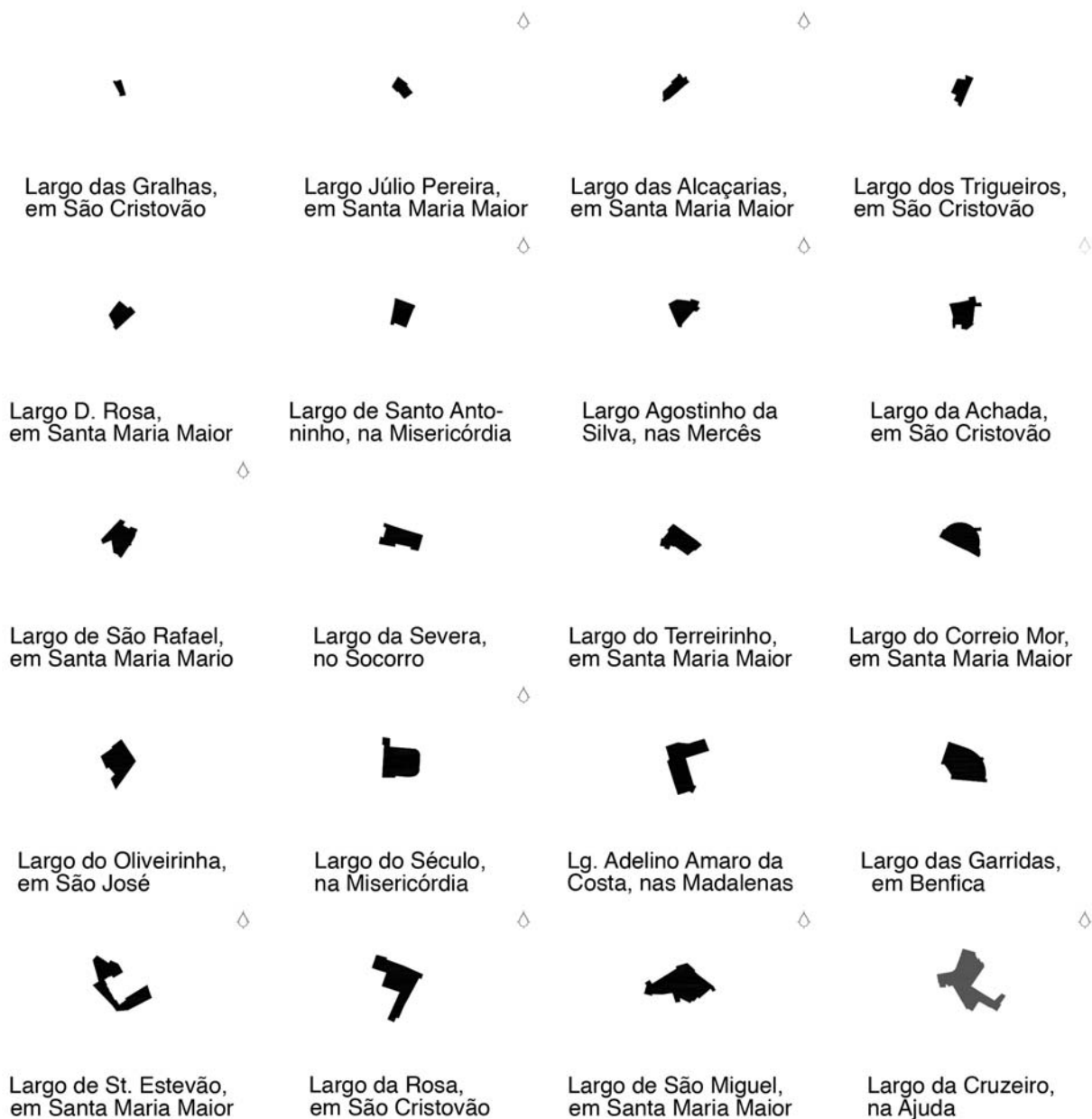


Fig. 30 – Largo(s) de pequena escala em Lisboa.⁶⁷

⁶⁷ Por ordem decrescente (áreas).

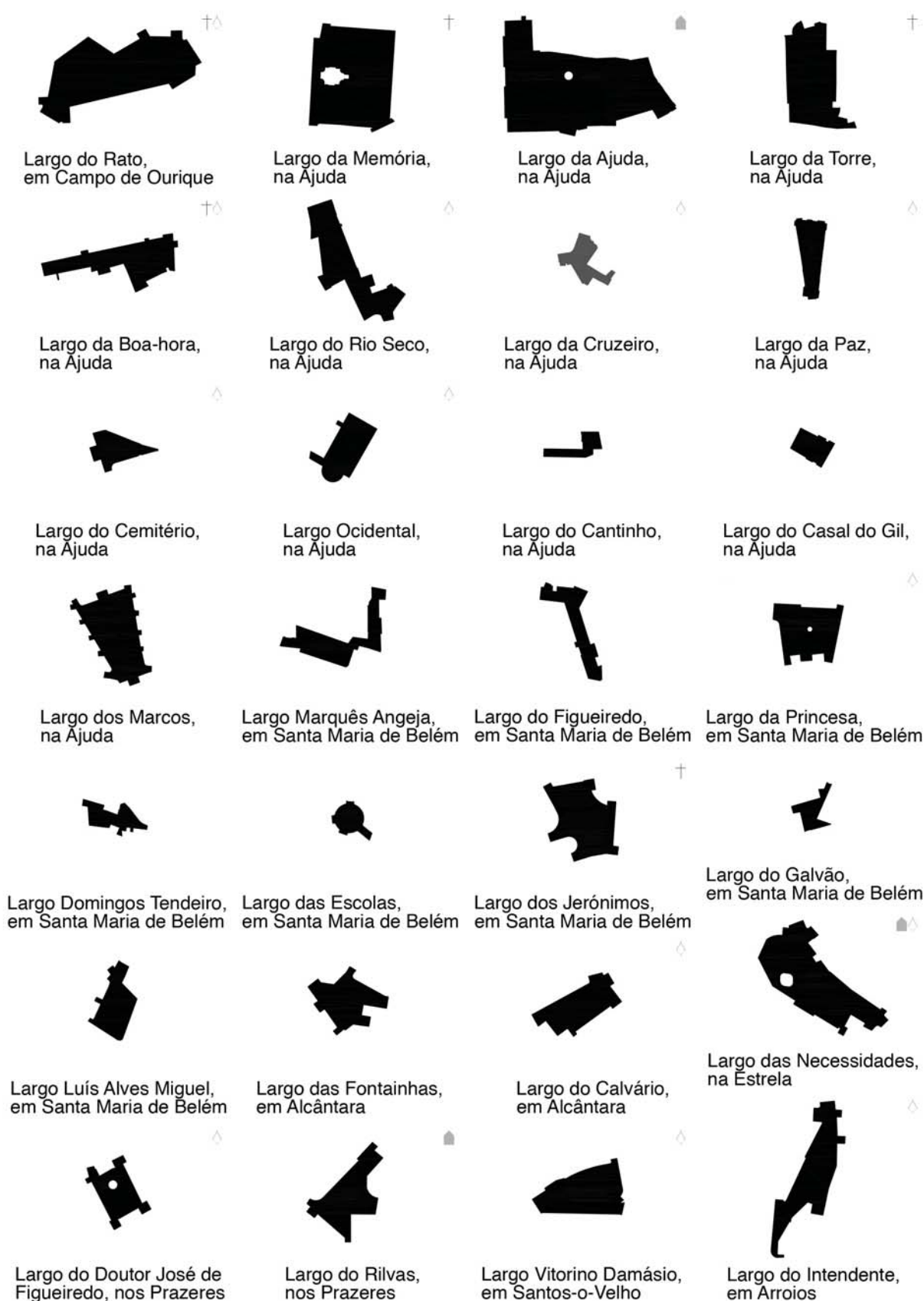


Fig. 31 – Limites dos Largos: Pontuados no território e nas imediações da Ajuda,

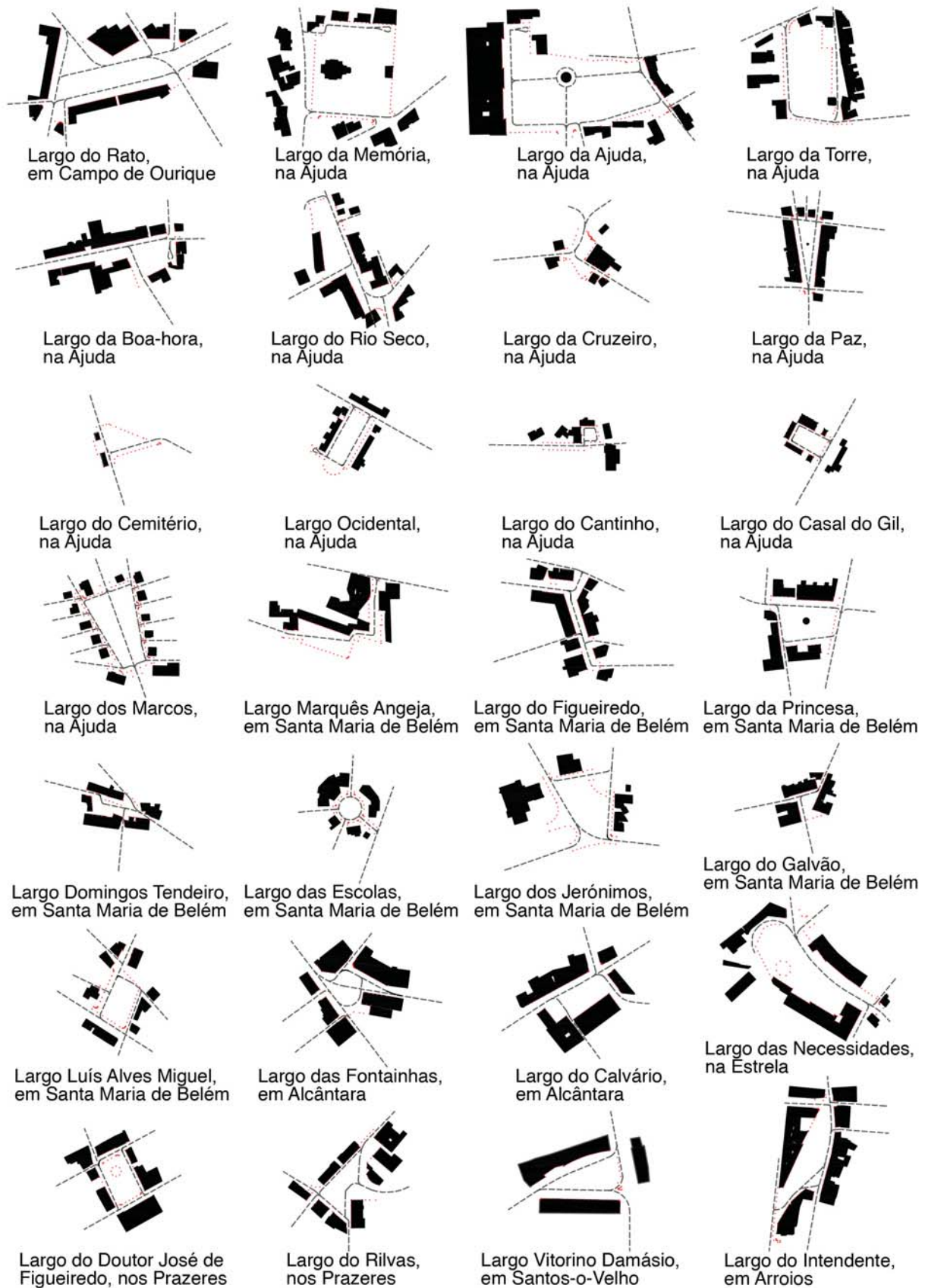


Fig. 32 – Traçado rodoviário contidos no limite dos largos.

Ver-se-á, contudo, que independentemente da escala, existe uma característica genérica, presente em todos estes espaços. Pelo facto de estarem contidos vulgarmente nas bifurcações entre ruas, originam vias de circulação destinadas a viaturas (Fig.32) onde curiosamente a uniformidade matérica do pavimento, pedonal e automóvel são recorrentes na atualidade. Esta ocorrência, nossa contemporânea, deve-se ao panorama de recuperação urbana, no quadro do programa Bip-Zip com base na ‘Estratégia Europa 2020’, da iniciativa da CML, cujo plano intitulado ‘uma Praça em Cada Bairro’⁶⁸ focar-se-á fundamentalmente na regeneração das ‘pequenas e grandes praças’.

De entre os largos intervencionados, tais como – da Memória, das Fontainhas, do Calvário e de Santa Isabel – as remodelações foram sobretudo ao nível do pavimento e do mobiliário urbano fixo. Verifica-se que fora substituído o pavimento alcatroado (via automóvel) por calçada basáltica e calcária ou ambas em simultâneo (Fig.41), de *idem* forma para o revestimento dos passeios a ele subjaz, como *modus operandi* que visa unificar a materialidade do pavimento pedonal e rodoviário. A transição entre estes dois tipos de circulação (Fig. 33 a 41), apesar de serem expressas por estereotomias diferenciadas (Fig. 33), à semelhança de um ‘*trompe l’oeil*’, proporcionam uma noção de ‘limite de largo’ de certa forma errónea, traduzindo-se na perceção da sua escala, aparentemente mais exacerbada. Ao contrário desta característica, evidente em todos os largos, abaixo representados, sobrepõe-se à estereotomia e ao emprego diferenciado da matéria pétrea, uma intenção de revivalismo pré-existente.

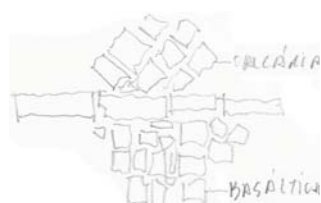


Fig. 33 – Transição entre pavimento pedonal e rodoviário: Estereotomia genérica da colocação da calçada.

Legendas (Fig(s) abaixo):

■ Via(s) automóvel(eis)

■ Vias(s) Pedonal(ais)

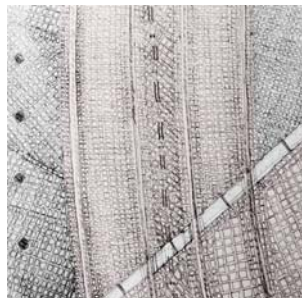


Fig. 34 – Largo da Memória: Regeneração Bip-zip 2020 / Reabilitação dos pavimentos: Concluído em Dezembro 2017.

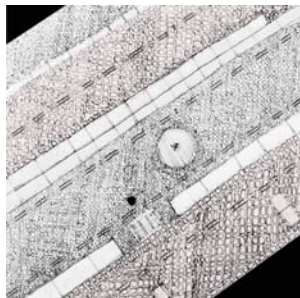


Fig. 35 – Largo da Paz: Regeneração Bip-zip 2020 / Reabilitação dos pavimentos: Concluído em 2012.

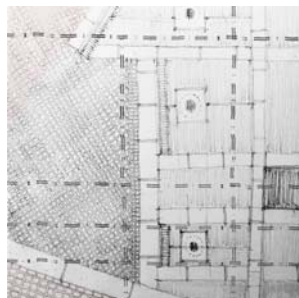


Fig. 36 – Largo das Fontainhas: Regeneração Bip-zip 2020 / Reabilitação dos pavimentos: Concluído em Outubro 2017.



Fig. 37 – Largo do Calvário: Regeneração Bip-zip 2020 / Reabilitação dos pavimentos: Concluído em Outubro 2017.

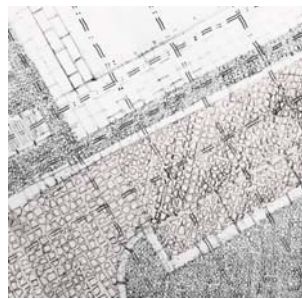


Fig. 38 – Largo Vitorino Damásio: Regeneração Bip-zip 2020 / Reabilitação dos pavimentos: Concluído em Dezembro 2003.

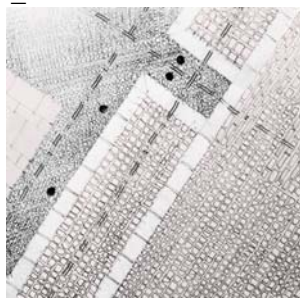


Fig. 39 – Largo do Intendente: Regeneração Bip-zip 2020 / Reabilitação dos pavimentos: Concluído em Julho 2012.

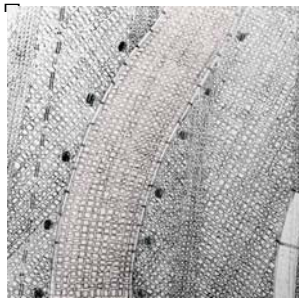


Fig. 40 – Largo de São Miguel: Regeneração Bip-zip 2020 / Reabilitação dos pavimentos: Concluído em Julho 2012.

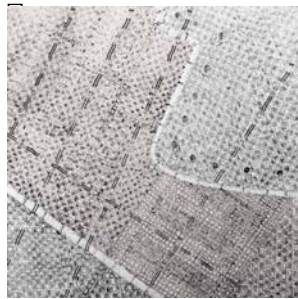


Fig. 41 – Largo de Santa Isabel: Regeneração Bip-zip 2020 / Reabilitação dos pavimentos: Concluído em Junho 2017.

⁶⁸ “(...) integrado no conceito Lisboa Cidade de Bairros (...)”.

Assegurar a coesão territorial e identitária de cada Bairro da Cidade, valorizando um polo referenciador em cada um destes bairros, seja em espaço público, equipamento social/comunitário e/ou de atividade comercial.”, in ‘Lx-Europa 2020: Áreas de Intervenção na Cidade de Lisboa Parceiros, Projectos e Governança’ p. 67.

Demonstrada no largo do Intendente (Fig. 39 – À esquerda), não fosse o revestimento em lioz, o carácter excecional do largo já que se apropria da vetusta via de circulação, ante e posteriormente destinada aos coches e automóveis, absorvendo-a como um marco temporal claramente identificável, *in situ*.

2.3.1. Proposta de consolidação do Cruzeiro – O largo

Em concordância com José França, o autor de – ‘*As praças e largos de Lisboa*’ menciona que a criação dos novos «*boulevard*»⁶⁹, de inspiração hausemaniana, em nada contribuíram para a representação catalisadora “(...)da vida cívica e comercial urbana. Esta permanece nos velhos centros de ruas estreitas e largas, ou se desenvolve nas urbanizações novas, em locais cujas proporções e configurações façam de algum modo recordar esses velhos ambientes”⁷⁰.

«*Une cité doit être construite pour la convenance de ceux qui y vivent et pour la plus grande surprise des étrangers qui la visitent*», disait San Sauvino au XVI^e siècle.⁷¹

Afim de providenciar e devolver o ‘tecido’ social, «antigamente» fulgurante, procura-se que o ‘Ancião’⁷² do Cruzeiro não tenha a infelicidade de dá-lo por resignado ao luto da “(...)memória que ninguém conservará”⁷³. Por conseguinte, pretender-se-á para os mais imberbes, que já não dispõem, conforme romantizava o cronista da JN, “(...)de uma lembrança consciente dos caminhos percorridos”⁷⁴, restituir parcialmente a superfície volvida aos habitantes e consecutivamente a memória do lugar pela atmosfera (de vizinhança) entendida como mote para a qualificação do espaço público envolvente à Calçada.

No contexto do Cruzeiro e por conseguinte do bairro, o conceito de largo foi paulatinamente introduzido como espaço de recreio e convivialidade entre os habitantes. Segundo Ana Conceição⁷⁵, “no largo da Ajuda faziam coletividades de dança onde se reuniam muitos moradores”, sendo os acontecimentos remiiscentes para outro morador⁷⁶, que acrescentara: - “O largo ao lado tinha muita vida”. Deste modo fora, proposta urbana, a criação de um largo visto como união das

⁶⁹ É de exemplo a Avenida da Liberdade.

⁷⁰ TUDELA, José, ‘*As praças e largos de Lisboa: Esboço para uma sistematização caracterológica*’, p. 3.

⁷¹ MURET, Jean-Pierre; ALLAIN, Yves-Marie; SABRIE, Marie-Lise, ‘*Les Espaces Urbains: Concevoir, realizer, gerer*’, p. 95.

⁷² 1- No entendimento do ‘Homem’, que vira a Calçada do Cruzeiro, em mutação. 2- Habitante de “idade e de respeito” da época em que ainda existiam as práticas ou hábitos autênticos, no sítio da Ajuda.

⁷³ BAPTISTA-BASTOS, Armando, ‘*A Colina de Cristal*’, p. 211.

⁷⁴ BAPTISTA-BASTOS, Armando, ‘*A Colina de Cristal*’, p.211.

⁷⁵ A propósito de conversas informais com os habitantes do bairro do Rio Seco – acompanhada com José Rocha (em 2017); Número de polícia: 241

⁷⁶ A propósito de conversas informais com os habitantes do bairro do Rio Seco – Nome desconhecido (em 2017); Número de polícia: 7.

triangular. Por coincidência, o único traçado regular, presente no conjunto enunciado, corresponde à tese do mesmo autor. Este triângulo será assim considerado o ponto central do Largo. No entanto, visto a sua escala exígua, ainda assim viável no contexto dos largos de menor proporção de Lisboa (Fig. 30), comparativamente ao largo das Gralhas (Fig. 27), mais reduzido, para o topo da Rua Eduardo Bairrada seria necessário a agregação das restantes parcelas afim que a leitura ‘do todo’, enquanto largo, fosse legível e clara.



Fig. 45 – Largo do Cruzeiro: Esquema da fusão das distintas parcelas.

Estando a Rua do Cruzeiro, a meio-termo entre as parcelas a sul e a norte do eixo de circulação automóvel seria porém, inevitável a junção do último fragmento restante a norte. Para tal fim, proceder-se-á, à semelhança do sucedido no contexto do programa Bip-Zip (fig.34 a 41), ao envolvimento da rua como suporte ou prolongamento do largo (Fig. 45)⁸⁰, servindo de ‘*ponte*’ entre as parcelas inicialmente autónomas. Num quarto momento atendendo que este espaço público servirá de rótula de ligação entre a orla super e inferior do parque, fora previsto uma estrutura pedonal composta por diversos acessos, estabelecidos nas extremidades do mesmo.

Assim sendo, os limites do espaço urbano tratado, abarca todos estes ‘*apêndices*’, tornando a sua área útil mais ampla. Contudo constatar-se-á que, apesar da sua escala, compreendida no panorama dos menores largos da cidade, com sensivelmente 1662,50 m², supera o largo de São Miguel (Fig. 28) considerando-o, dentro dos parâmetros, exequível.

2.3.2. Acessibilidades

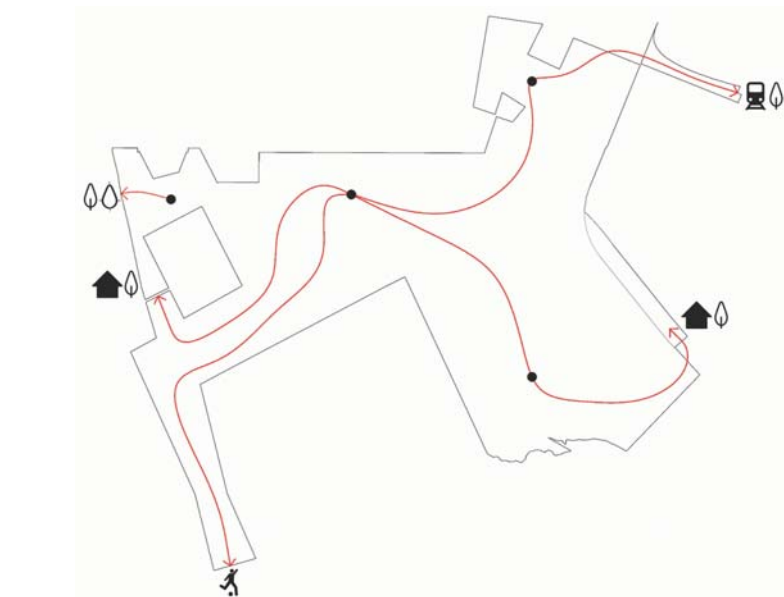


Fig. 46 – Acessibilidade desde o largo, nos diversos momentos: Circulação pedonal.

Legendas:

- Parque Natural do Rio Seco
- Elétrico
- Clube desportivo: Império do Cruzeiro
- Cafeteria do Largo
- Chafariz da Rua: Eduardo Bairrada

⁸⁰ Veremos, *á posteriori*, qual será o procedimento para a unificação dos mesmos.

Percorrendo, em ana e prolepse, a antiga Calçada do Cruzeiro em direção a Queluz, deparar-nos-emos com o **primeiro acesso** que culminará num clube desportivo. Estando à cinquenta e setes anos⁸¹ (Fig. 46), implantado no território, o Império do Cruzeiro, fora um dos principais motivos para a consagração do espaço exterior, entre a vizinhança. Em conformidade com o primeiro fundador⁸², em paralelo ao largo da Ajuda, era no Cruzeiro “(...) *que nós fazíamos as nossas festas e as reuniões de moradores. Aos domingos e feriados, (...), eu tocava o meu acordeão e punha toda a gente a dançar*”. Desta forma, considerando a memória como mote para o largo, fora mantido o clube criando-se este acesso principal. Sendo o Futebol, o desporto praticado na instituição, este perfaz-se na zona pública, junto à bancada. Outro acesso, secundário, estará previsto a noroeste. Quanto à infraestrutura, tanto o campo como o edificado a ele ‘agrafada’ (anos 60, Fig. 47), de apoio aos jogadores, foram conservados.

Fig. 47 – Implantação do Clube desportivo: Ampliação da cartografia histórica, s. a., 1970-83.



Fig. 48 – Traçado do vão de escadas do séc. XX: Ampliação da cartografia histórica, Silva Pinto, 1911.



Fig. 49 – ‘Moldura’ sobre as Faraglioni: Casa Malaparte, Adalberto Libera, 1937.



Fig. 50 – Enquadramento da paisagem: (Frame-time: 1:26:53) Le mépris, Jean-Luc Godard, 1963.

Em **segunda instância** e defronte ao precedente, restituir-se-ia, sobre o traçado da primeira década do séc. XX, outro acesso formado por um vão de escadas (Fig. 48 e 52) cujo o propósito visa o acoplamento da cota superior do largo ao ífero do Parque natural do Rio Seco.

Partindo do pressuposto que os monumentos religiosos, recostado aos largos (Fig. 32), são recorrentes na urbe, de forma a operar como ‘*clin d’oeil*’ ao de – São Miguel, do Rato, da Boa-hora, da Memória, etc. – fora manipulado o olhar do observador afim de incidir sobre o edifício religioso, presente no lugar. Ora, a parede aquando do início da descida, delimitar-se-á, por analogia ao enquadramento da paisagem através do vão (Fig. 49 e 50), presente na Casa Malaparte, por uma ‘moldura’ (Fig. 51 e 52) que substituiria a rocha, do pintor Curzio, por outro monumento pétreo – a torre do Galo. Antecipado à chegada da zona verde, na cota intermédia, localizar-se-á a cafetaria de apoio ao largo, que colmata a carência de infraestrutura de consumo, no local. O pavimento do largo, na zona triangular, servir-lhe-á de ‘abrigo’.

⁸¹ O clube foi fundado em 1961.

⁸² REIS, Nuno... [et al.], ‘Casalinho da Ajuda...da ruralidade à multiculturalidade’, p. 61, ll. 20-23. Teste'munho de José da Costa, de 75 anos.

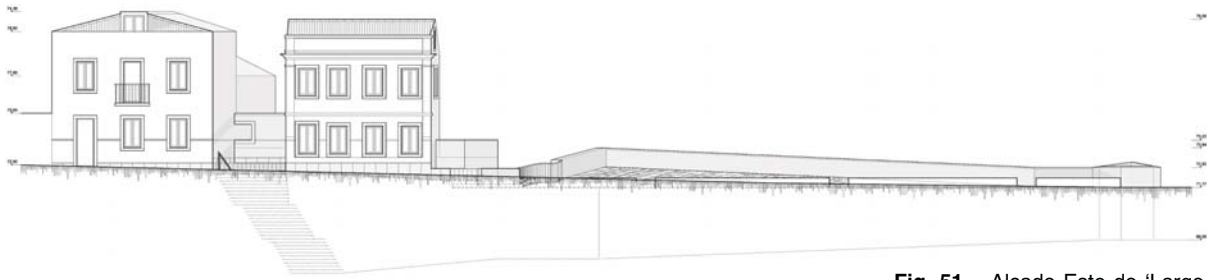


Fig. 51 – Alçado Este do 'Largo do Cruzeiro', junto à Rua do Cruzeiro: 'Moldura' de enquadramento da Torre do Galo, presente entre edifícios.

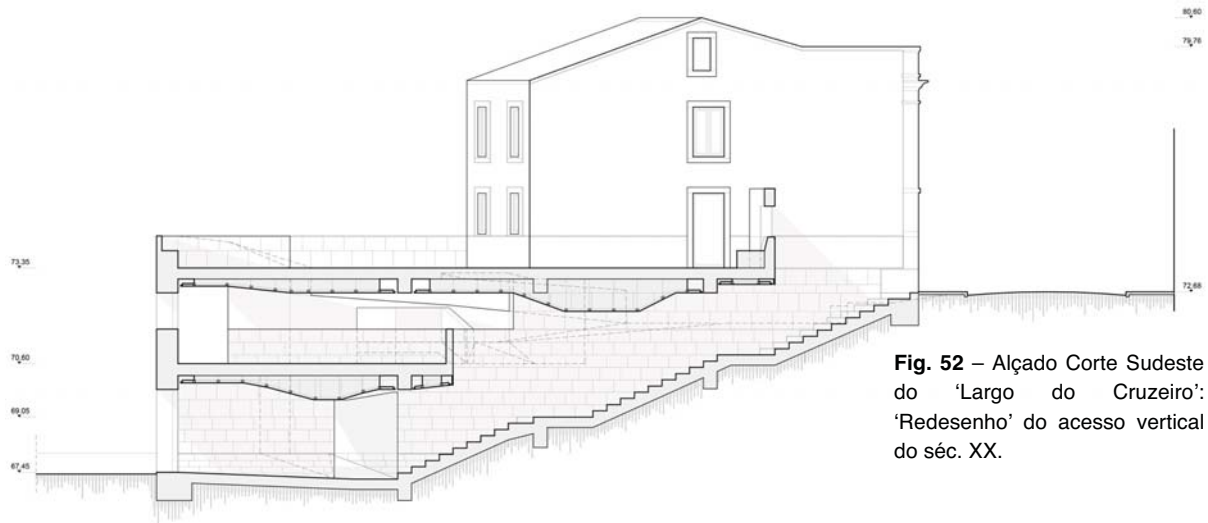


Fig. 52 – Alçado Corte Sudeste do 'Largo do Cruzeiro': 'Redesenho' do acesso vertical do séc. XX.

Mediante a análise dos largos constatou-se, na grande maioria, afinidades em torno da água (Fig. 53 e 54), sendo os de menor dimensão mais propensos para essa consagração. Desta forma estando, o largo do Cruzeiro, compreendido nesse grupo, ter-se-á em conta a rede hídrica que o pontua. Assim no **momento subsequente** do percurso, fora previsto um acesso para a mobilidade reduzida (Fig. 55), até o interior do vale passando pelo antigo chafariz da Rua Eduardo Bairrada situado à cerca de 23 m.



Fig. 53 – Tanque da Travessa do Chafariz: Vista para sudoeste, a. d., c. 1940.

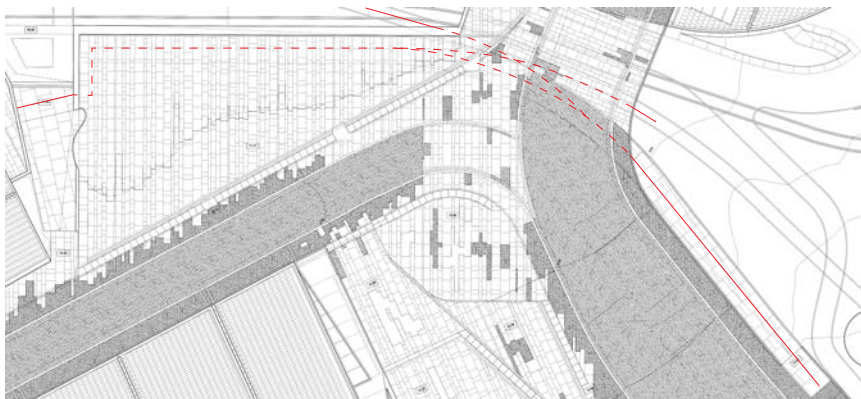


Fig. 55 – Segundo momento: Percurso previsto para mobilidade reduzido até ao interior do vale.



Fig. 54 – Tanque da Travessa do Chafariz: Vista antiga sobre o local onde fora projetada a rampa, a. d., 1940.



Fig. 56 – Planta de pavimentos
 no contexto do Plano Urbano:
 Proposta do 'Largo do Cruzeiro'
 e da 'Ponte Nova'.



Fig. 57 – Chafariz da R. Eduardo Bairrada: Terceiro momento: Rampa de acesso.

Estando a passagem, coberta por uma consola (miradouro sobre a Torre do Galo) será previsto o respetivo encerramento. Na estação do ano mais fria, estará acessível das 08:00 às 17:00, e no verão das 08:00 às 20:00⁸³. Recorrer-se-á ao sistema em cassete⁸⁴, para as duas portas de correr, projetadas nas extremidades.



Fig. 58 – Poço primitivo: Ampliação da cartografia histórica, a. d., 1950.

Posteriormente, seria imprescindível solucionar a entrada de carácter temporário surgindo, na **próxima ligação**, outra rampa (Fig. 57) no 'estrangulamento' do vale, a norte. Nesta ocasião, com olhos postos sobre a linha de água confrontar-nos-emos, à chegada do patamar de encontro com o parque, ao traçado primitivo de um poço (Fig. 58) cujo ramal era parte integrante do sistema hídrico do Chafariz. O desenho do arrampado permitiria a chegada à cafetaria bem como a abertura de um rasgo, por ela formado, sobre a fração do anel verde.

O percurso, nos limites do largo, **finda** no último 'acesso oblíquo', tendo sido projetado para facilitar a circulação entre o Largo da Ajuda e as cotas do interior do Parque.

2.3.3. A Praça D. Diogo de Menezes

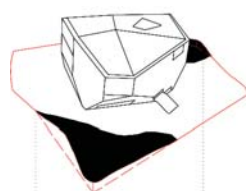


Fig. 59 – Esquema da fluidez do pavimento: Casa da Música.

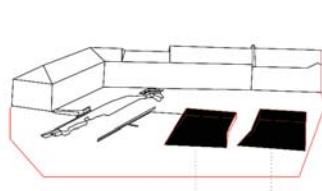


Fig. 60 – Esquema da fluidez do pavimento: Ribeira das Naus.

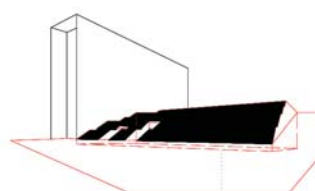


Fig. 61 – Esquema da fluidez do pavimento: Auditórios da Reitoria da UNL.

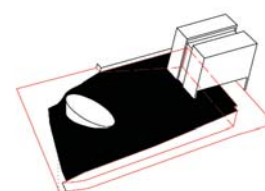


Fig. 62 – Esquema da fluidez do pavimento: Auditórios da FMDUL.

Legenda:

■ Elementos verticais

■ Possível imaginário soterrado

⁸³ Nascer e pôr do sol (Inverno/Verão): 07:55 e 17:30 – 06:38 e 20:46 (valores aprox. relativos a 2018)

⁸⁴Estrutura tipo: BOXKEL MITO / Portas de 1 folha - Para reboco.

O relevo artificial da matéria, presente em Koolhaas, no Porto ‘musical’ (Fig. 59)⁸⁵; pelo Talude da Ribeira das Naus (Fig. 60)⁸⁶ ou aquele que envolve os auditórios da Reitoria da UNL (Fig. 61)⁸⁷; o declive da praça (Fig. 62)⁸⁸ dos arquitetos Soalheiro e Castro representam, no continente lusitano, um porto de abrigo ao urbana.

Pretenderemos demonstrar de que modo, todas estas ‘elevações plásticas’ poderão irromper-se no território e por conseguinte o que lhes está subjacente.

Observar-se-ão que as passagens do pavimento, acima ilustradas, ora natural, ora habitado, quando associadas ao relevo criam, ‘estrias’ ou ‘vincos’ no território, símbolos claros dessa alteração. Neste entendimento, à semelhança da instalação de Serra, os planos verticais que se irrompem na paisagem natural permitir-nos-iam estabelecer um limite definidor entre as duas naturezas. Outrossim, se procedermos ao exercício de projeção de um imaginário soterrado, ainda na obra do escultor presente na Fig. 63, tender-se-ia a imagina-lo na zona posterior às ‘rugos’ (Fig. 64, 65, 66 e 67).

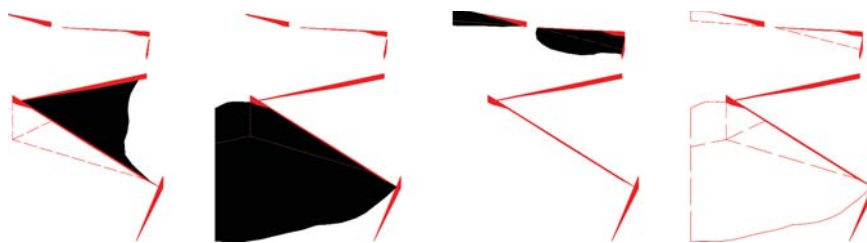


Fig. 64 – Exercício de projeção: 1º Imaginário soterrado.

Fig. 65 – Exercício de projeção: 2º Imaginário soterrado.

Fig. 66 – Exercício de projeção: 3º Imaginário soterrado.

Fig. 67 – Exercício visto na globalidade.



Fig. 63 – Shift (‘Deslocamento’) Instalação em King City, ontario (Canadá), Richard Serra, 1970-1972.

A raiz deste conceito, tem origem na filosofia de Leibniz retomada por Gilles Deleuze, aquando da publicação do livro com o mesmo nome – *‘Le pli’*⁸⁹ – tratando-se de um debate, vanguardista na década de 80, sobre a metáfora estética do barroco abordada, grosso modo, nos setores da literatura, das artes, cinematografia e da moda. Ao passo que a visão do Leibniz apontava para a essência entre o corpo e a alma, bem como o espírito e a matéria, para Deleuze, a correspondência do concreto/físico (corpo e matéria) e do abstrato/metafísico (alma e espírito) repousa na ‘dobra’. Esta seria, para o francês, o vetor de divisão entre o mundo visível e palpável ao invisível.

No contexto do exercício contemporâneo antecedente, segunda perspectiva de Barrés, debruçado sobre o entendimento do camarada de

⁸⁵ Casa da Música, Avenida da Boavista, Porto. Obra concluída: 2005.

⁸⁶ Requalificação do Espaço Público da Ribeira das Naus, Proap, 2009.

⁸⁷ Prémio Valmor: Campus de Campolide, São Sebastião Lisboa. Aires Mateus. Obra Construída 1998-2002.

⁸⁸ Cobertura dos auditórios, projetados aquando da ampliação da FMDUL, de “(...)modo a permitir uma continuidade com a rua Prof. António Flores(...)” Cidade Universitária, 1999-2001. In *‘Guia de Arquitetura de Lisboa: 1948-2013’*, p. 224.

⁸⁹ DELEUZE, Gilles, *‘Le pli: Leibniz et le baroque’*, Paris: Minuit, 1988.

Foucault, “(...) le motif du pli coordonne et mobilise les différents termes qui assurent le passage de l’objet à l’entité spatiale.”⁹⁰, ao qual depreendemos que ‘a dobra Deleuziana’⁹¹, no âmbito da arquitetura, crer-se-á geradora de espaço. Afim de demonstrar, de forma alegórica a sua teoria, baseada no pensador, Deleuze desenvolve a ‘casa barroca’ (Fig. 68)⁹², cujo critério de fluidez espacial, seja ele físico ou virtual, funciona como um operático.

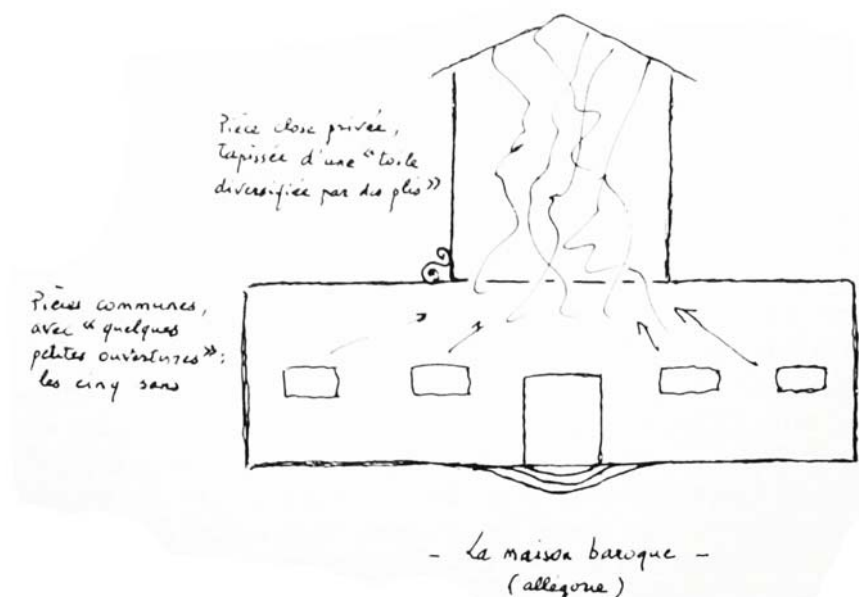


Fig. 68 – Alegoria da fluidez espacial segundo Deleuze: A ‘casa barroca’, Gilles Deleuze, s. d.

Composto por dois pisos dissonantes, este habitáculo representa dois universos que, postos em paralelo, se complementam. O arquétipo, erguer-se-ia acima, num espaço aparentemente oculto e opaco, cuja iluminação adviria dos vazios presentes, na fachada do rés-de-chão. Forrado pelas consecutivas telas dobradas espontaneamente, esta espécie de ‘velaturas’, presentes no primeiro andar, traduzirão à semelhança de um salão musical, “(...)en sons les mouvements visibles d’en bas”⁹³, i.é, a dissipação do eco produzido pelas vivências do piso térreo. Gilles Deleuze, mencionara que o conceito de ‘dobra’ permitiria a fluidez espacial e, por conseguinte, o prolongamento virtual do piso térreo até ao primeiro andar. Desta forma, de dois pisos a que julgávamos autónomos, resultaria uma casa, una. Todavia, ao debruçar-se sobre o espaço, o autor admite: “(...)que le concept de pli reste à son tour trop large(...)”⁹⁴. Deste modo, procurar-se-á interpretar o facto da fluidez espacial poder, *inclusive*, ser considerada física, segundo a definição do seu criador.

Através da análise de Patrick Barrès perceber-se-á que o vetor resultante da ação de dobrar “(...)permet de construire un espace fluide

⁹⁰ BARRÈS, Patrick, ‘L’espace architectural en pli: Pratiques du lieu et du flux’, p. 13, II. 7-9.

⁹¹ Tradução livre do autor, relativamente a: ‘Le pli’.

⁹² Tradução livre do autor, relativamente a: ‘maison Baroque’/ ZAINTER, Rainer, ‘Le pli: Deleuze et le baroque’, p. 163, I. 14.

⁹³ DELEUZE, Gilles, ‘Le pli: Leibniz et le baroque’, p. 6, II. 22-23.

⁹⁴ DELEUZE, Gilles, ‘Le pli: Leibniz et le baroque’, p. 48, I. 7.

de lieux en lien, um espace de plis-sur-plis⁹⁵ cuja correlação com a arquitetura estará inerente ao conceito de *promenade architecturale*⁹⁶, presente na obra de Le Corbusier. De acordo com o nosso entendimento, tende para a circulação do peão e o consequente movimento do corpo, através de diferentes ritmos provocados, assim como se sucedera com as telas da ‘casa barroca’, pela construção. Para que tal aconteça, requer que o plano de locomoção, da *promenade*, seja contínuo e sem obstáculos afim de considera-la fluída. Em harmonia com Holl, “the essence, of a work of architecture is an organic link between concept and form”⁹⁷, à qual pressupõe-se que o plano de locomoção, da ‘promenade’, seja contínuo e sem obstáculos afim de considera-lo fluído e orgânico.

Os movimentos ilustrados nas Fig. 69, revelam a dialética defendida por estes autores. A seta representará o deslocamento que será efetuado nos dois tipos de superfícies. Ao passo que locomoção descontínua, propende para espaços urbanos quebrados, pelo contrário, e em paralelo aos projetos apresentados, acima (Fig. 59 a 62), a sinuosidade contínua tende para superfícies fluídas (Fig. 63). Apoiando-nos em Barrès constatar-se-á, curiosamente, a viabilidade da fluidez urbana, pelo recurso à rampa. Esta surgiria por intermédio da dobra originária do vértice permitindo a passagem “(...)du vecteur d’inflexion à un espace plissé, voilé ou enroulé, modelé de plis en plis(...)”⁹⁸. Ao espaço *plissé*, idealizado por Deleuze, estará inerente a sucessão de dobras cuja sua simplificação resultaria num plano oblíquo (Fig. 70). Ao ocorrer uma rotação, com génese no eixo da dobra, surge um espaço intersticial (Fig. 71) gerando-se assim ‘espaço vago’.

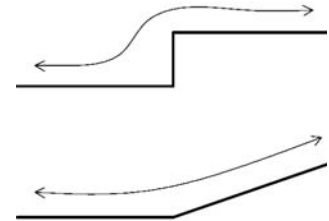


Fig. 69 – Espaço quebrado / segmentado; Espaço fluído.

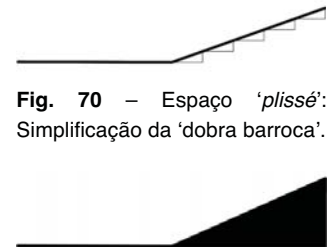


Fig. 70 – Espaço ‘plissé’: Simplificação da ‘dobra barroca’.



Fig. 71 – ‘Le pli’: Espaço intersticial.

Ainda que, na prática, o Kunsthal⁹⁹ seja um exemplar clarividente do paradigma, empregue no interior do edifício, quando a teoria é posta à prova, apresenta-se por vezes dispare e contraditória. Ao mencionar o procedimento elaborado para o laboratório brutalista de Koolhaas, Gadano indica que estiveram presentes “(...)mecanismos como a quebra da linearidade da *promenade architecturale*(...)”¹⁰⁰, à qual subentendeu-se o oposto. Pressupõe-se, justamente, que a contínua ou linearidade, existentes neste tipo de pavimentos, são tão fluídas que acabariam por atrair apreciadores de skate e patins. Este fenómeno, aplicado ao primeiro museu do OMA¹⁰¹ pode sintetizar, segundo o autor, “(...)a *disrupção da legibilidade do edifício como uma totalidade estável*”¹⁰² indicando, *á priori* o antagonismo daquilo que dissera. Depreende-se que o caos proporcionado pela ‘dobra’ é, no edifício, aparentemente visto num todo

⁹⁵ BARRÈS, Patrick, ‘L’espace architectural em pli: Pratiques du lieu et du flux’, p. 3, Il. 36-37.

⁹⁶ A e.g: ‘La Maison La Roche’ (1923-1925).

⁹⁷ Tradução livre do autor: “a essência de uma obra de arquitetura é a associação orgânica entre o conceito e a forma” in HOLL, Steven, ‘Anchoring’, p. 10, Il. 33-35.

⁹⁸ BARRÈS, Patrick, ‘L’espace architectural em pli: Pratiques du lieu et du flux’, p. 3, Il. 37-38.

⁹⁹ Construído em Roterdão em 1992.

¹⁰⁰ GADANO, Pedro, ‘As Arquitecturas de Rem Koolhaas: Uma recordação pessoal’ in ‘Koolhaas Tangram’, p.13, Il. 34-35.

¹⁰¹ Atelier de arquitetura tendo sido um dos seus fundadores, em 1975, Reem Koolhaas.

¹⁰² GADANO, Pedro, ‘As Arquitecturas de Rem Koolhaas: Uma recordação pessoal’ in ‘Koolhaas Tangram’, p.13, Il. 35-36.

(ordem), uno, à semelhança da ‘casa barroca’. Assim a teoria tornar-se-á, dispare entrando, por vezes em conflito.

Ao passo que a composição musical 4’33”¹⁰³, cujo eufonia do silêncio a torna linear pela ausência de vibração instrumental, e por isso fluente pela sua regularidade, mas invisível. No caso da arquitetura, a e.g., a ‘ondulação’ do pavimento da Casa da Música, torna-o fluido pela anulação dos espaços ‘quebrados’, não sendo uma superfície regular, mas visível e palpável. Ocasionalmente num piso orgânico, a sua homogeneidade favorece ao fenómeno do recreio das ‘quatro rodas’, *idem* nas obras de Holl, como e.g., na *Cité de L’Ocean et du Surf*¹⁰⁴

Em analepse, veremos de que forma a ‘teoria Deleuziana’, surgira no âmbito do projeto, sob pretexto de melhoramento da proposta.

Pensou-se para o sítio a nordeste do Rio Seco, na implantação de um núcleo de estacionamento. Este surgiria, de forma a colmatar o défice de lugares, acentuado pelos outros que iriam ser retirados à R. do Cruzeiro, bem como suporte ao equipamento a projetar na orla contigua do vale.

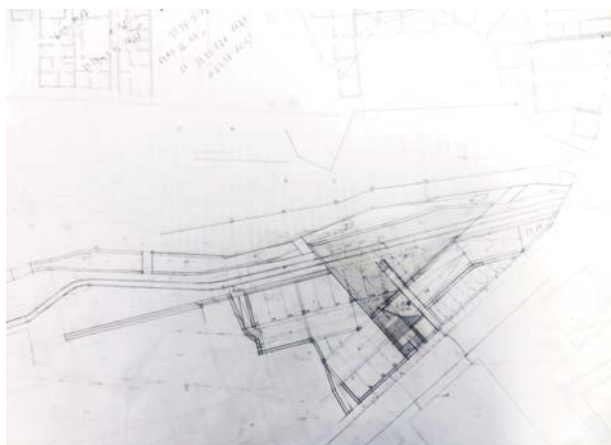


Fig. 72 – Esqueto da primeira fase.

Fig. 73 – Planta ao nível da Rua (à cota 71,77): Entrada para o parque de estacionamento.

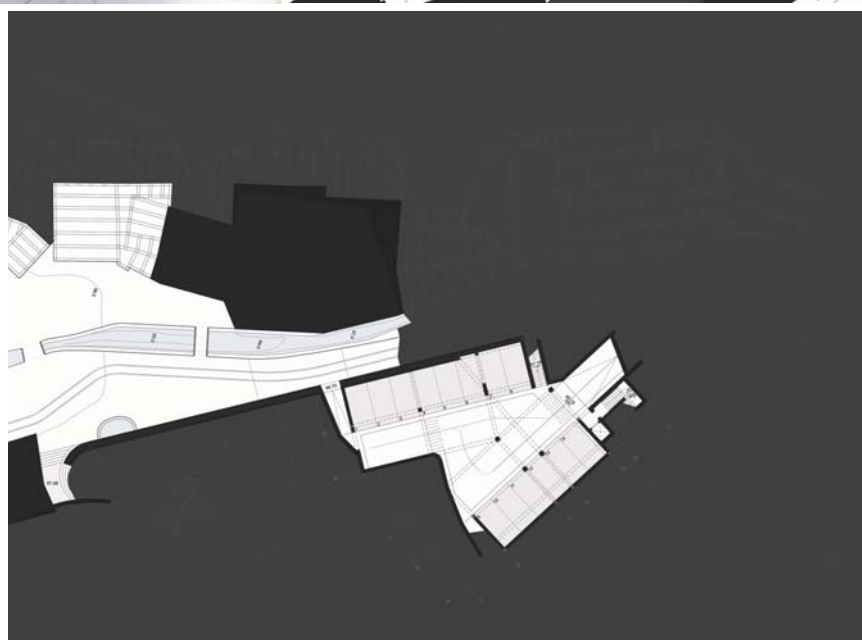


Fig. 74 – Planta do Parque de estacionamento (cota 65,75).

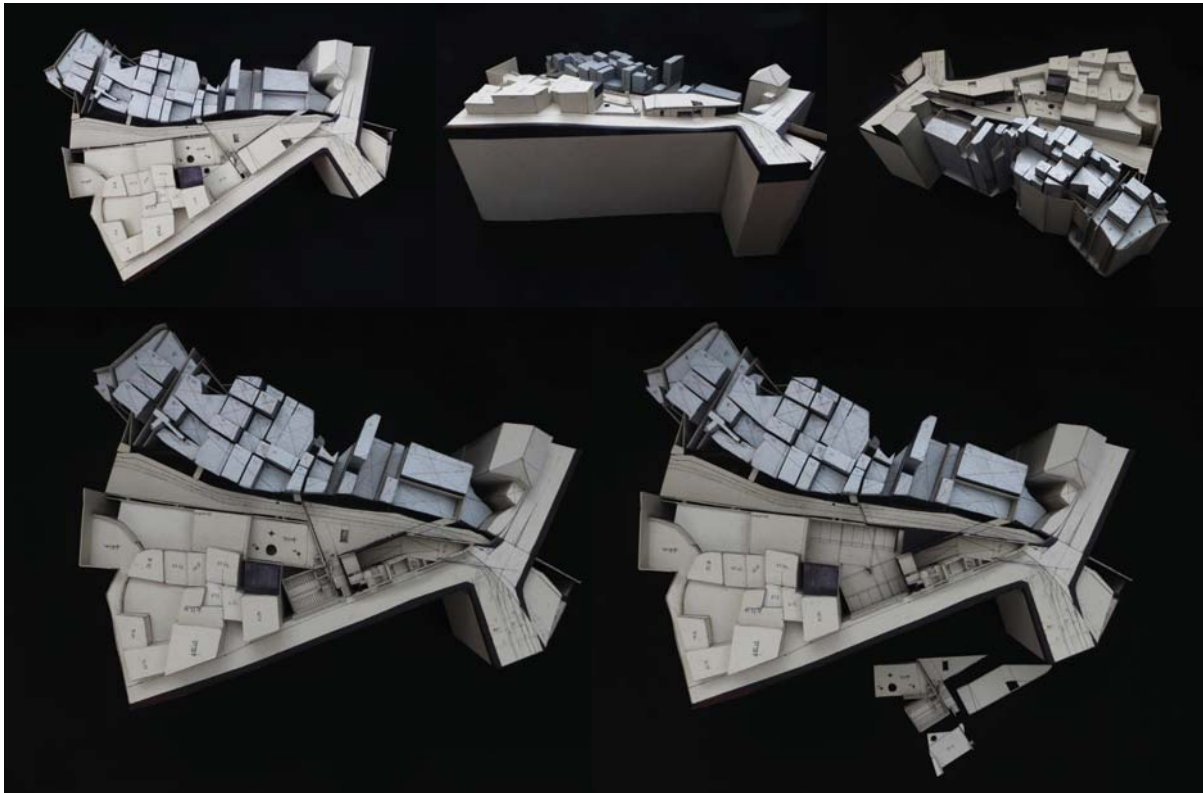
¹⁰³ Com autoria do compositor e maestro John Cage, em 1952.

¹⁰⁴ Obra concluída em 2011, em Biarritz (França).

“(...)De desenhos que não têm nada a ver surgem coisas(...)”¹⁰⁵

Este não passaria de um ‘Delírio Nova-iorquino’, na medida em que o piso de entrada, destinado aos automóveis (Fig. 73 e 76), proporcionaria a sobre-elevação da fachada e por conseguinte, uma ‘barreira visual’ ou um ‘arranha-céus horizontal’ (Fig. 75), sobre a envolvente. Da área irrisória de estacionamento, alcançar-se-á quatorze lugares destinados às viaturas (Fig. 72 ,74 e 76) e vinte e oito, para as bicicletas. Estes últimos, serviriam de apoio à ciclovia, projetada no interior do vale. Todavia, tais factos não justificariam a projeção de um ‘mono’ no Cruzeiro.

Fig. 75 – Maquete de implantação (escala 1:200): Vista exterior: Em planta; Vista perspetiva a sudoeste e Nordeste.



Num passo subsequente e abolido o estudo prévio, pretender-se-ia um edifício cuja fluidez se confundiria com a cota da Rua sobranceira. Dessarte, afim de privilegiar as relações visuais com o vale e o edificado envolvente fora empregue o conceito filosófico, como ferramenta de desenho, congénere ao critério pretendido. Primordiais para colmatar o seu estrangulamento e, por conseguinte, enfatizar o vetusto troço e suas respetivas vivências.

Presumir-se-ia, a aplicação do mesmo, na obra de Arruda, para os arranjos das superfícies da Praça D. Diogo de Menezes (Fig. 77) onde, por coincidência ou intenção, é notório o recurso ‘à doba’ (Fig. 78) do pavimento. Como referenciado, permitiria um edifício *quasi*, soterrado

Fig. 76 – Maquete da proposta de primeira fase: Vista interior: Piso de estacionamento para bicicletas e veículos.

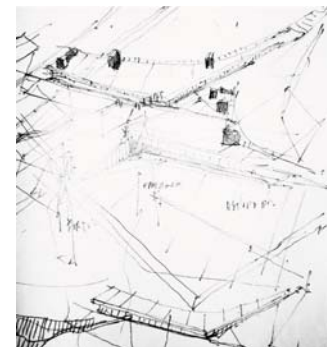


Fig. 77 – Esquízo da praça D. Diogo de Menezes: Vista aérea das superfícies.

¹⁰⁵ Palavras de Siza Vieira, aquando da entrevista de Raul Betti e Greta Ruffino para a exposição “Álvaro Siza: Viagem sem programa, Maio em Lisboa”, realizada em 2018.

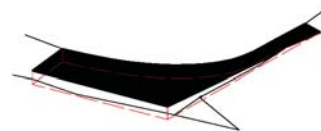


Fig. 78 – Esquema da praça D. Diogo de Menezes: 'Dobras'.



Fig. 79 – Limite Praça / largo: Relação de proporcionalidade.

possibilitando a “(...)leitura pétrea da muralha da fortaleza(...)”¹⁰⁶, localizada no centro histórico, que lhe é limítrofe (Fig. 79 e 80). A Praça, onde outrora operava um parque de estacionamento superficial é, desde 2010, a laje de cobertura que abrange o mesmo programa, tornando-a um elemento urbanístico multifuncional, à semelhança daquilo que iria ser proposto.

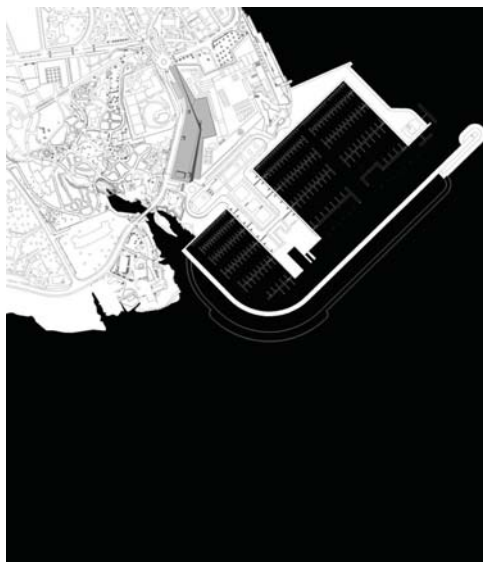


Fig. 80 – Praça D. Diogo de Menezes: Planta de Implantação, Miguel Arruda, 2010.

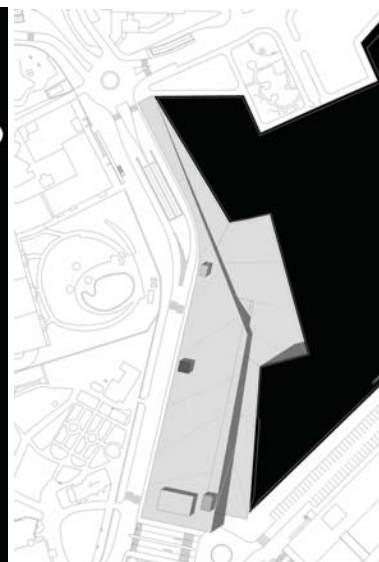


Fig. 81 – Praça D. Diogo de Menezes: Planta de Cobertura, Miguel Arruda, 2010.

Definido o perímetro do largo, nos limites da AML, apesar da discrepância das escalas, ambos os arranjos urbanísticos assomam pelo mesmo subterfúgio. Sendo o espaço do Rio Seco, três vezes e um quinto (aprox./Fig. 81) mais pequeno que o de Cascais surgiriam, ambos, à razão da carência de espaço exterior dito ‘de permanência’. Pretender-se-ia assim um lugar “(...)com vocação explícita de Praça”¹⁰⁷, para um, e largo, para outro.

“(...) «les plis d’une feuille de papier, d’une étoffe» ou d’une «jupe à plis».”¹⁰⁸



Fig. 82 – Dobra como um pano retalhado: Maquete de *Standed Sears Tower*, Greg Lynn, 1992 (Chicago).

¹⁰⁶ Miguel Arruda Arquitectos & assoc.^{os}, l. 5.

Disponível em WWW<URL:

<http://www.miguelarruda.com/Portfolio.aspx?Lista=ListaPracaDDiogoDeMenezes&id=1>>.

¹⁰⁷ *Idem*, l. 8.

¹⁰⁸ ZAINER, Rainer, ‘*Le pli: Deleuze et le baroque*’, p.160, ll. 7-8.

Segundo depreendido das convicções de Deleuze, a ‘dobra’ resumir-se-ia genericamente, a duas grandes categorias, sendo: a Feita para a exposição do redesenho de edifícios históricos da cidade de Chicago, a deformação biomórfica ou a mutação dos “(...)‘*bundled tubes*’ of the tower horizontally(...)”¹⁰⁹(Fig. 82), pode representar a visão do filósofo sobre a sua reprodução física, equivalente aos vincos dos lençóis *plissés* do barroco, aplicada à arquitetura. Porém, incidente sobre a simplificação da ‘dobra barroca’ (Fig. 69), a proposta para o Largo do Cruzeiro, semelhante à ‘inflexão’ de uma folha de chumbo (Fig. 83) fora reproduzida, inicialmente, no pavimento do mesmo. Ver-se-á, em maquete (Fig. 84), à medida que fora evoluindo o seu desenho, que de um vetor tenderá para a sinuosidade de uma curva irregular, também presente em Lynn (Fig. 82).



Fig. 83 – Dobra ortogonal: *Right Angle Prop* (Chumbo antimónio), Richard Serra, 1969

Fig. 84 – Maquetes evolutivas do Largo do Cruzeiro (1:100): Vista da cobertura.

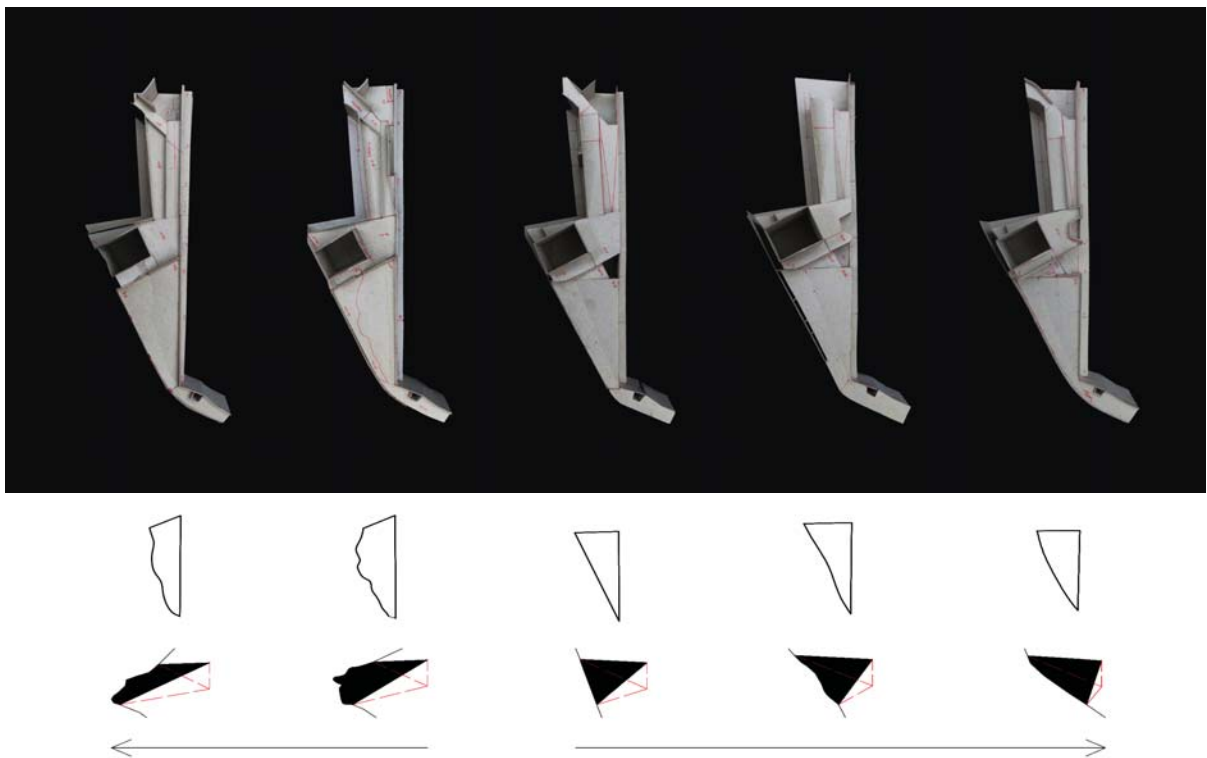


Fig. 85 – Espaço intersticial pelo recurso à ‘dobra’ -Esquematização da evolução do conceito e da sua respetiva ‘charneira’.

No caso da bifurcação do Cruzeiro, o recurso à ‘dobra’ asseguraria o alongamento do pé direito, à cota inferior, criando-se espaço intersticial (Fig. 85) que ‘acolheria’ uma cafetaria. O traçado da charneira, decorrente do processo de maquete, teria inícios num vetor retilíneo modelado, *au fure et à mesure*, no sentido de uma curva.

Deformada em diferentes vértices, e mais próximo ao esquema da Casa da Música (Fig. 59), esta resultaria numa superfície irregular e fluída. Acima, a laje de cobertura acarretaria com o mirante sobre o vale e a ‘religião’, a Torre do Galo (Fig. 86, 87 e 88).



Fig. 86 – Vista obstruída do local de implantação do mirante sobre a Torre do Galo, 2017.

¹⁰⁹ Tradução livre do autor: “(...) ‘*tubos empacotados*’ da torre na horizontal(...)”, l.4. Disponível em WWW:<URL: <http://glform.com/buildings/stranded-sears-tower/>>.



Fig. 89 – Maquete de estudo mais próxima do projeto final.

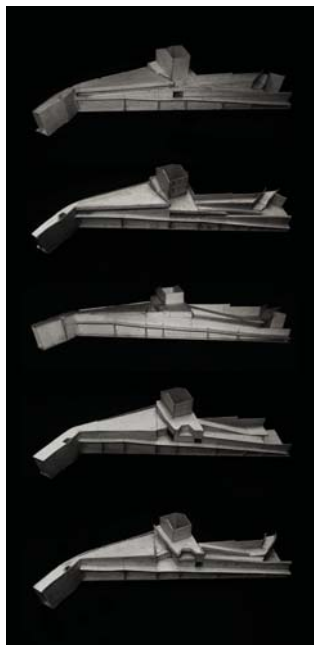


Fig. 90 – Maquetes evolutivas do Largo do Cruzeiro: Vista da fachada Este: Estudo do rompimento dos planos de rampa.

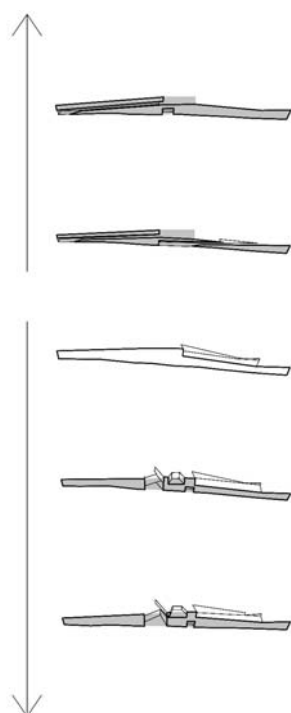


Fig. 91 – Esquematização da evolução dos cheios e vazios na fachada.



Fig. 87 – Posicionamento do miradouro em relação à torre do galo.

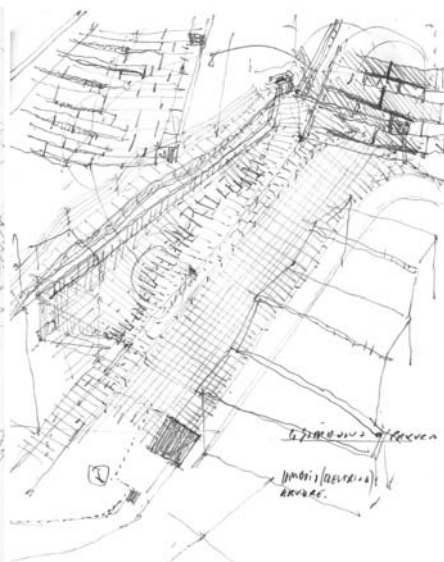


Fig. 88 – Esqueto geral da dobra do pavimento final.

A inclinação dos planos de rampa, permeáveis a qualquer tipo de deslocação, presente à proximidade da Muralha quinhentista de Cascais, permitiriam a obtenção de frestas, funcionando como um ‘candelabro’ sobre o Forte. O edificado destaca-lo-ia, tanto pela luz que sobre ele emana, como pela cromaticidade clara do piso (betão branco), “(...)o antigo pelo novo...”¹¹⁰. Deste modo e com base em Arruda, fora elaborado um estudo incidente na fachada Este, recostada na orla interior do Parque (Fig. 90¹¹¹). O recurso aos cheios e vazios, proporcionados pela escavação dos planos de rampa, permitiriam a iluminação incidente sobre a penumbra, derivada do estrangulamento do vale. Partindo do esquema central às extremidades, os modelos demonstram a tentativa de escavação do muro (Fig. 91). A simbiose do último traçado com as vertentes inclinadas do primeiro, representariam o projeto final (Fig. 89 e 92).

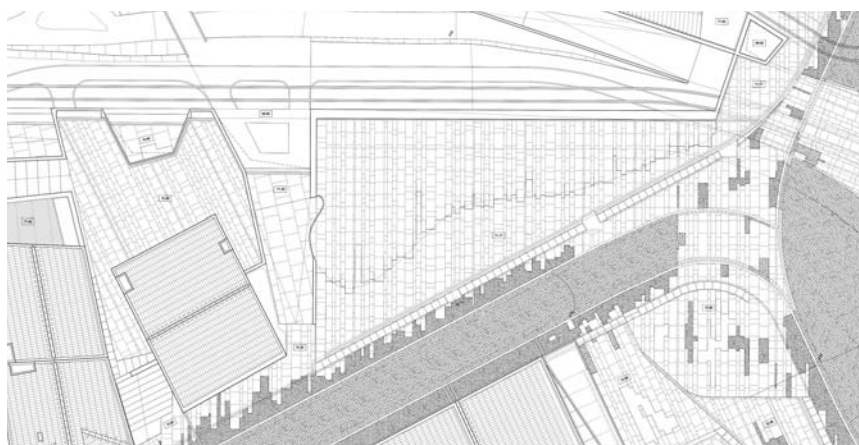


Fig. 92 – Planta final de pavimentos do Largo do Cruzeiro no contexto urbano (1:125): Traçado final da ‘dobra’ sobre o mirante.

¹¹⁰ Conforme confidenciou, Miguel Arruda, ao DN., I. 10.

Disponível em WWW:<URL: <http://www.arquitectura.pt/forum/forums/topic/11452-cascais-projecto-de-arranjos-de-superf%C3%ADcie-da-praça-d-diogo-de-menezes-miguel-arruda/>>.

¹¹¹ A maquete da proposta final, não estando figurada é uma simbiose: das rampas presentes na segunda com os planos horizontais da última.

2.3.4. Matéria

O pavimento urbano contribui fortemente para a criação da natureza dos espaços exteriores públicos. Conforme, Muret, a concepção do solo, na generalidade mineral, “(...) *dépend essentiellement de l'image qui en est fait.*”¹¹²

Segundo a tese do autor, para que os peões tenham a perceção da prolongação do largo, como previamente mencionada, a superfície ínfima seria fundamental para a uniformização do solo, afim de criar um efeito de ‘trompe l’oeil’ e, por conseguinte, a ilusão de amplidão. O urbanista, subsegue aduzindo que o resultado seria penosamente exequível sem o recurso à cota única, i.é, à supressão dos passeios ou o uso de um revestimento uniforme. A relação peão/espço urbano estará, para o historiado, intimamente contigua com o pavimento, ou seja, “*Le piéton (...) adopte un comportement différent selon que le sol est uni ou diversifié, neutre, brillant, coloré, sale, glissant ou rugueux*”¹¹³.

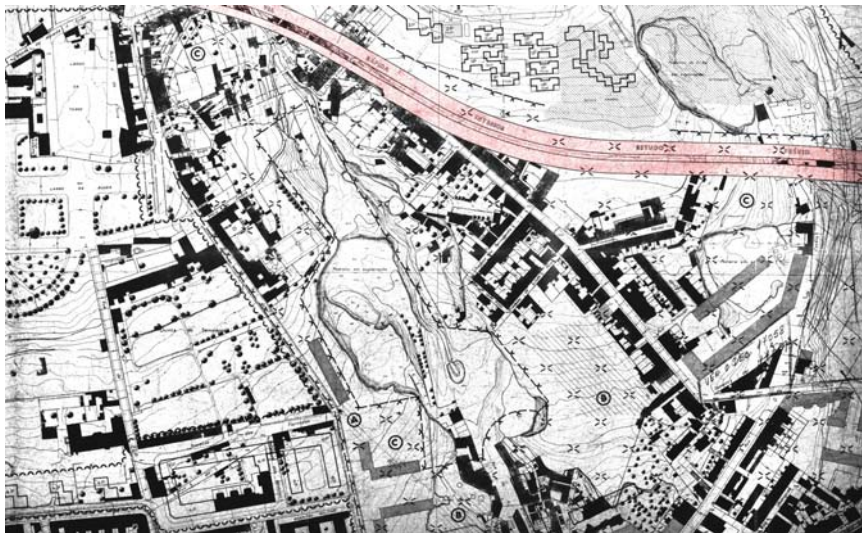


Fig. 93 – Estudo prévio da ‘via rápida interior’, Levantamento e desenho de IGOT, 1948.

A estratégia a usar, no caso do Cruzeiro, estaria longe do estudo prévio da via rápida, prevista para o local em 1948 (Fig. 93). Como já referenciado, a primitiva rua paradoxalmente ao viaduto, tende a conservar a escala dos quarteirões, presente neste centro periférico e manter o plano contíguo ao largo criado. Como primeira abordagem, “(...) *il faut éviter l'accumulation de relations qui finissent par créer la confusion et le chaos visuel*”¹¹⁴, mantendo o sentido único da via, de forma a controlar o tráfego, e desobstruí-la do estacionamento acumulado, ao longo dos anos, à retaguarda.

A R. Eduardo Bairrada, localizada no interior do vale, sobre a linha de água, ‘esteiaria’ do arquiteto que lhe conferira a toponímia (Fig. 94). Curiosamente, o funcionário da CML, ter-se-ia dedicado, em plenitude, ao

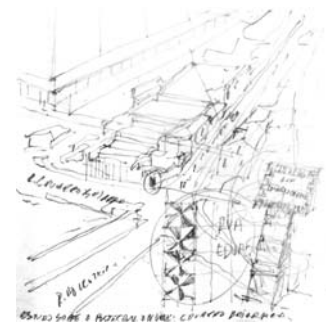


Fig. 94 – Placa da R. Eduardo Bairrada: Moldura com base na arte da calçada-mosaico.

¹¹² - MURET, Jean-Pierre; ALLAIN, Yves-Marie; SABRIE, Marie-Lise, ‘*Les Espaces Urbains: Concevoir, réaliser, gérer*’, p. 111, Il. 1-3.

¹¹³ *Op. cit.*, p. 112, Il. 21-25.

¹¹⁴ *Idem*, p. 111 Il. 43-45.



Fig. 95 – Vestígios do antigo pavimento: ‘Camada basáltica’ encoberta por alcatrão/Travessa do Pátio Seabra.



Fig. 96 – Materialidades não Uniformes.



Fig. 97 – ‘Dégrader’: Uniformização da matéria.

Fig. 98 – Suprematist Composition: White on White, Óleo sobre tela, 78.7 x 78.7 cm, Kazimir Malevich, 1950.

Fig. 99 – Fotomontagem do pavimento (zona somente pedonal): Calcário sobre calcário.

estudo da calçada portuguesa pelo que, remeter-nos-á a vestígios teóricos da matéria no território. Observou-se, contudo, *in situ*, a existência de calçada basáltica, absorvida progressivamente pelo alcatrão (Fig. 95). Assim considerar-se-á, em conformidade com o olisipógrafo, e segundo Yazigi, “(...)a importância da calcetaria(...)como a mesma pode e deve ser objecto da composição da paisagem”¹¹⁵.

*“(...)la matière même la plus subtile soit parfaitement fluide et perde ainsi sa texture(...)”*¹¹⁶

Atendendo a comparência de “(...)calcário e basalto nas cercanias de Lisboa(...)” fora “(...)destas pedras que o mosaico português se serviu”¹¹⁷. Desta forma o revestimento do pavimento seria pontuado somente por minerais sendo os espaços desguarnecidos, previstos como canteiros ocupados por elementos verdejantes e vidraça (Fig. 102) afim de desconstruir o excesso de lioz. De forma a induzir um carácter menos derrapante fora, na rodovia, devolvida a calçada basáltica, ‘engolida’ pela camada asfáltica que lhe serve, na atualidade, de cobertor. Por sua vez, e tendo em consideração a extração de minerais calcários, abduzidos outrora no local, todas as zonas de permanência e exclusivamente pedestres foram revestidas com a mesma pedra calcária. Assim sendo, a cromaticidade pétrea não seria conforme à abordagem do autor. Como tal, usou-se uma técnica empregue na pintura a óleo que consiste no ‘dégrader’ da cor (Fig. 96). A dissipação resultante do amálgama cromático, uniformiza o pavimento, tornando duas matérias confundíveis (Fig. 96), uniformes (Fig. 97).



Destarte trasladando, do MoMA, tudo o que a primeira monocromia contemporânea pode abrilhantar (Fig. 98) pretender-se-á para o pavimento cuja cromia é aproximada (Fig. 99): 1- A desconstrução sucessiva das pedras que pontuam o pavimento; 2- O jogo de texturas ora, para o lioz¹¹⁸, com acabamento a jato de areia, escovada; 2.1 – Ora,

[?]

¹¹⁵ YAZIGI, Eduardo, ‘Breve Histórico sobre a arte de Calcetaria em Portugal e no Brasil: O caso do mosaico in Paisagem em Ambiente Ensaio’, p. 115, Il. 8-10.

¹¹⁶ DELEUZE, Gilles, ‘Le pli: Leibniz et le baroque’, p. 8, Il. 16-18.

¹¹⁷ YAZIGI, Eduardo, ‘Breve Histórico sobre a arte de Calcetaria em Portugal e no Brasil: O caso do mosaico in Paisagem em Ambiente Ensaio’, p. 113, Il.13-14.

¹¹⁸ Tipo: Moca Creme

para a vidraça¹¹⁹, amaciada. Quanto ao desenho do pavimento, o largo do Calvário ilustra a comunhão, entre matérias, pretendida.

Tendo em vista a percepção dos limites do largo, o caminho, fora asfaltado, sendo a calçada basáltica gradualmente absorvida pelo alcatrão (Fig. 100 e 101). Estas serão, grosso modo, os tipos de ‘dégrader’ empregues na conceção do revestimento. Já o granito, empregue na passeadeira foram, permitem, *idem*, a união da cor.

Vistas as condições reunidas, a Rua será assim o prolongamento do largo e ponte entre as diferentes parcelas, admitindo-se a tese de Jean-Pierre Muret como definidora do conceito de limite através da matéria.

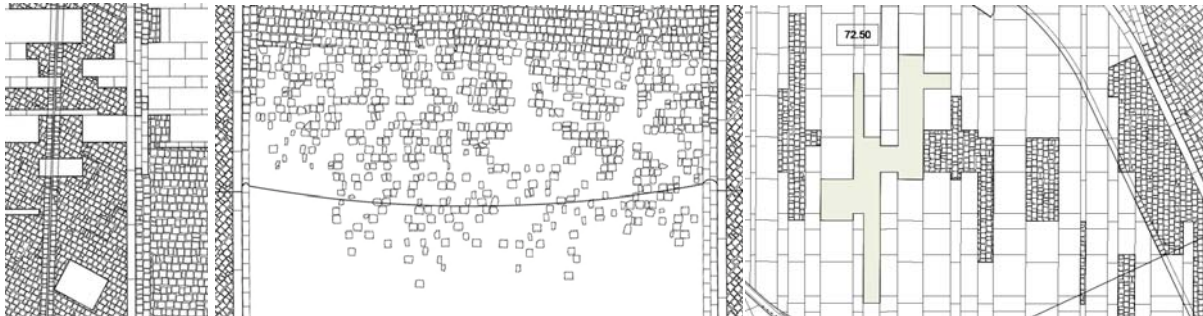


Fig. 100 – ‘Dégrader’ no Cruzeiro (proposta): Passeio em Lioz a esvanecer-se na Calçada em Vidraça. **Fig. 101** – ‘Dégrader’ no Cruzeiro (proposta): Matéria na rodovia - Calçada basáltica dissipada no asfalto. **Fig. 102** – ‘Dégrader’ no Cruzeiro (proposta): Espaço desguarnecido - Espaço verde/calçada em vidraça.

2.3.5. A ‘Nova’ Ponte

“Aqui é antigamente, sobre o qua agora me debruço com perseverança; mas não disponho de uma memória muito consistente: a memória, por livre, é perdulária. E é a última a morrer.”¹²⁰

Pontuado por duas linhas de água, a topografia natural, compreendida nos limites do Rio Seco (quatro quadrantes), engendraria três aberturas para o interior do território (Fig. 103). Infraestruturas ter-se-lhes sido cravadas, às quais interpretar-se-iam como símbolos de entrada, para a área de intervenção, tal como se sucede no Cais das Coluna.

Chevalier mencionara a importância dada outrora a essas ‘plataformas’ que funcionariam como *Pontifex*, “(...)reservado ao imperador romano e agora continua a ser ao Papa (...)”. Segundo o autor, este conceito estaria intrínseco ao *construttore* de pontes, um símbolo de “(...) mediador entre céu e terra”, i.é, unificador entre duas entidades opostas. Afim ao acoplamento uma margem à outra, surgiria uma ‘rótula’, intermédia que as interligariam. Estas traduz-se-iam em dois

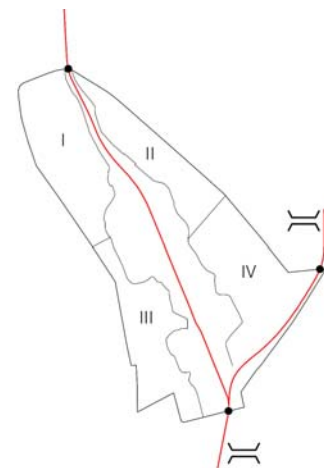


Fig. 103 – Esquema das entradas existentes no limite do território.

Legenda:

≡ Ponte / viadutos.

¹¹⁹ Pedra calcária de cor branca, 4-6 cm.

¹²⁰ BAPTISTA-BASTOS, Armando, ‘A Colina de Cristal’, p. 207.

viadutos, a sudeste e a Sul, referentes respetivamente, ao da R. Dom João de Castro (Fig. 104) e da R. Diogo Cão (Fig. 105). No entanto faltaria colmatar a ‘entrada’, referente ao intervalo demográfico, a sul.

Desta forma, procurar-se-á perceber o que existira antigamente no local, afim de (re)instituir o *Pontifex*, a Norte.

Fig. 104 – Fotografia do arco / ponte da Rua Dom João de Castro (Zona S-E): Tabuleiro da Cruzeiro, Fernando Pozal, 1953



Fig. 105 – Fotografia viaduto do Rio Seco (Zona S.): Zona baixa do vale, Fernando Pozal, 1953



Fig. 106 – Ponte de Alcântara (gravura), José Bárcia, s. d.



Fig. 107 – Ampliação da 1ª bifurcação entre Alcântara: Ponte sobre a linha de água, Duque de Wellington, 1812.

De encontro à colina, a via iniciar-se-ia como se do significado, de ‘Alcântara’¹²¹, resultaria a forma, onde se principiava. Assim, estreando-se sobre uma «ponte» (Fig. 106), a caminhada de encontro ao egresso da cidade, nascia numa bifurcação existente, entre a – Rua de Alcântara e a Calçada da Tapada (Fig. 107) – gerando-se, a presença pontual do primeiro aglomerado urbano. Da morfologia produzida, no decorrer da Calçada da Tapada, surgem descontinuidades urbanas, sendo que os volumes construídos ladeariam somente os entroncamentos. Conforme Sérgio Fernandes, este fenómeno da atração na malha não terá somente a ver com a topografia como poderia, de *idem* forma, ser “(...)desencadeado pela acção produzida por um objecto arquitectónico singular(...)”¹²², e.g., o “(...)atravessamento de uma ponte sobre um rio”¹²³.

Prosseguindo-se o roteiro, chegar-se-á a outra ramificação cujas peculiaridades precedentes dar-se-ão iteradas, neste caso entre a – Calçada do Cruzeiro (atual R. do Cruzeiro), ora com destino a Queluz ora para ao Palácio da Ajuda; e a Calçada do Casalinho da Ajuda (atual R. do Casalinho da Ajuda) (Fig. 108 e 111) – cujo cruzamento resultaria, segundo se julga, numa tabuleiro que o sustenta.

A veracidade desta suposição, poder-se-á sustentar na análise dos mapas de inícios de séc. XIX e XX. Atendendo que a construção da ‘plataforma’ de Alcântara (Fig. 106) fora reconhecida pela CML, quando mencionara que junto da mesma “(...)deram-se três batalhas(...)em(...)1580”¹²⁴ ver-se-á que Wellington representaria a linha

¹²¹ “Alcântara, s. m. (do ár. al-kantil, de canto). Ant. Ponte de Pedra. (...)” in SILVA, António de Moraes ‘Grande Dicionário da língua Portuguesa – 10ª Edição revista, corrigida muito aumentada e actualizada. Vol I’, p. 575, Il. 56-57.

¹²² FERNANDES, Sérgio Padrão, ‘O Traçado. O sítio e a forma da cidade’ in Os Elementos Urbanos, Cadernos MURB – Estudos da Cidade Portuguesa (volume 1), p. 46, Il. 2-3.

¹²³ Op. cit., p. 46, Il. 4-5.

¹²⁴ Informação retirada do site da AML, Il.13-15.

de água, interrompida por um plano que a encobre, i.é, a ponte. Supondo-se um fio condutor, coerente entre desenhos de *idem* autoria, no caso da bifurcação do Cruzeiro, suceder-se-á precisamente o mesmo (Fig. 108, a 110).

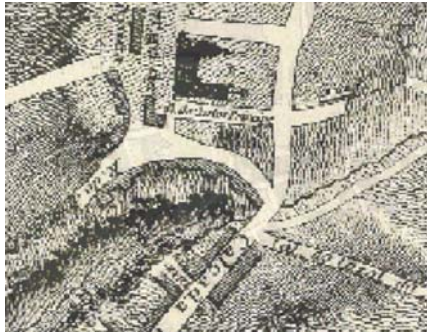


Fig. 108 – Ampliação da bifurcação da R. do Cruzeiro, onde se pensa ter sido localizada a Ponte Nôva do Rio Seco, Duque de Wellington, 1812.



Fig. 109 – Ampliação da Bifurcação da R. do Cruzeiro, onde se pensa ter sido localizada a Ponte Nôva do Rio Seco, Silva Pinto, 1911.



Fig. 110 – Pormenor da ponte proveniente da planta geral do Real Palácio D'Ajuda, Inácio de Sousa, 1818-1821.

Legenda:

- 11 Calçada do Cruzeiro;
- 12 Caminho do Casal d'Ajuda;
- 13 Estrada nova pela frente do edifício da Igreja Patriarcal, visto da ponte do Norte;
- 27 Dito de correspondência;
- 28 Pedreira do Rio Seco.

Ao longo de um século a evolução urbana, no local da bifurcação, tenderia para um núcleo populacional mais denso. Como visto, *a priori*, esta será outra característica propícia à suspeição. Em 1818-21, Rosa e Sousa, elaborariam a planta geral do Real Palácio, onde estaria ilustrada uma 'plataforma', com a legenda – 'ponte do Norte'(Fig. 110) – coincidente com a orientação do local.

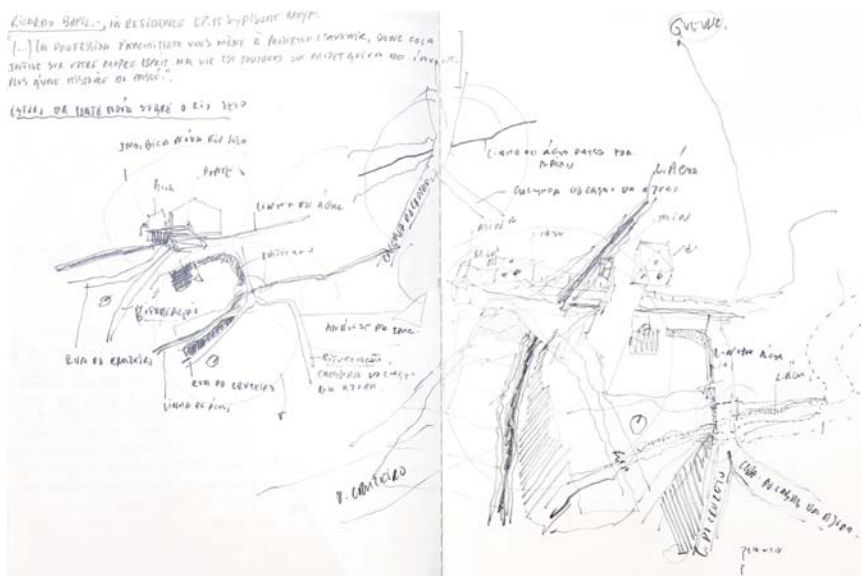


Fig. 111 – Esquisso (grafite sobre papel) sobre a possível implantação da "Ponte Nôva do Rio Seco": Interpretação das cartografias em paralelo à gravura. À esquerda: Gravura e cartografia de 1911, de Silva Pinto; ao centro: Cartografia de 1812, de Duque de Wellington; à direita: Tentativa de perspectiva destas imagens bidimensionais e planta da bifurcação.

Segunda gravura, seria factual a presença de uma bica no local (Fig. 112), paralela à planta de Nunes (Fig. 113), da primeira década do séc. XIX. Contudo, a representação de troços divergentes entre si, poderiam indiciar, de forma naïve, a intersecção da Calçada do Casalinho da Ajuda com a vetusta do Cruzeiro (Fig. 111). A que se julga definida por



Fig. 112 – Bica da Ponte Nôva do Rio Seco (gravura), s. a., s. d.

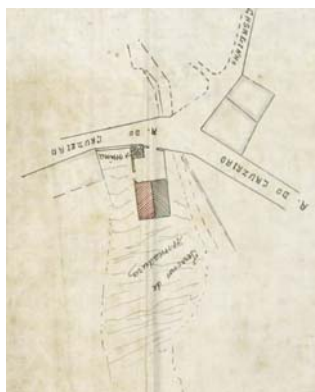


Fig. 113 – Ampliação da planta de 1912: Posição da bica: Projeto para a construção de uma casa situada na rua do Cruzeiro D'Ajuda em frente ao nº 118 (Troço da ponte), Luís Nunes, 1912.

meio de um taludo, foi nomeada na gravura por – ‘Ponte Nôva do Rio Seco’– não se tratando do troço onde a bica em questão estaria localizada. Com base no Edital Municipal¹²⁵, saber-se-á que o arruamento só perpetuaria o nome do olisipógrafo, em 1988, sendo até então cognominado por R. do Rio Seco, evidente em 1912 (Fig. 113).

Fernanda Pena, uma anciã do Casalinho da Ajuda, escodar-se-á da “(...)regueira que passava no cruzamento com a rua do Cruzeiro(...)mas que foi tapada(...)”, elucidara o sumiço da ponte. A moradora acrescentara que, em tempos, “(...)exista uma pontesinha pequena”¹²⁶ confinante com um “(...)prédio do “Zé das ovelhas”¹²⁷, *sui generis* pelos seus acrotérios (Fig. 114) e os três vãos, delimitados na gravura (Fig. 112), ainda presentes na atualidade. Ainda assim, o trecho do Cruzeiro, contará com a reminiscência coletiva, concomitante, de moradores como Helena a Rodrigues¹²⁸, cuja descrição da evolução urbana seria análoga à de Pena.

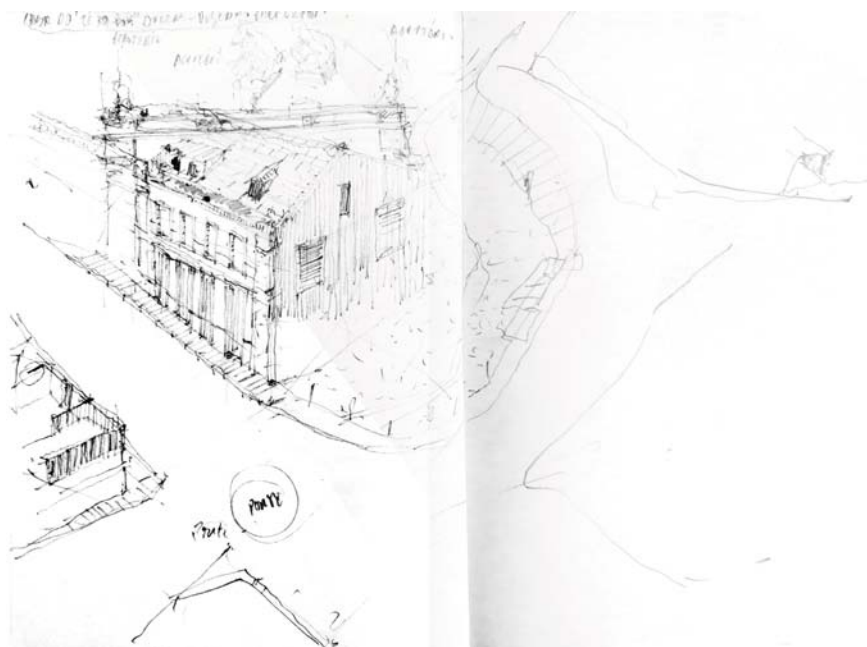


Fig. 114 – Esquisso (grafite sobre papel) atual do prédio do “Zé das ovelhas”: Acrotérios.



Fig. 115 – Ampliação de cartografia: Suposta “Ponte” e respetiva cota alta do tabuleiro de 71,77 m e baixa do vale de 67 m, CML, 1950.

Em virtude dos factos exposto, prever-se-á, após a restituição das respetivas topografias do vale e consequente aparição da arriba, a restituição da nova Ponte como parte integrante do ‘Largo do Cruzeiro’. Prevista como rótula de ajuntamento, entre as duas extremidades (Fig. 117), seria restituído, ao seu tabuleiro, a cota de 71,77

¹²⁵ De 29/09/1988, I. 7.

Disponível em

WWW:<URL: <https://toponimialisboa.wordpress.com/category/olisipografos/>>.

¹²⁶ REIS, Nuno... [et al.], ‘Casalinho da Ajuda...da ruralidade à multiculturalidade’, p. 27, II.2-3.

¹²⁷ REIS, Nuno... [et al.], ‘Casalinho da Ajuda...da ruralidade à multiculturalidade’, p. 27, I. 4.

¹²⁸ REIS, Nuno... [et al.], ‘Casalinho da Ajuda...da ruralidade à multiculturalidade’, p. 47, II. 4-6. Testemunho de M^a Helena Alves Rodrigues Nogueira de 78 anos. Natural do Casalinho da Ajuda / “A rua do Cruzeiro tinha neste cruzamento uma ponte, por causa das águas. Mais tarde foi tapada e fechada, ainda era eu solteira”.

(Fig. 115), evidente nos anos cinquenta. Com início no traçado do avito viaduto, a sinuosidade do segundo estudo acabaria por ser mais conveniente à locomoção automóvel. O tratamento do alçado, com base na ponte do Vale da Figueira (Fig. 116) acolherá dois arcos. A circunscrição da linha de água, será somente a utilidade da primeira passagem sendo a outro, sua oposta destinado à locomoção pedestre, e viária reservada a elétricos e viaturas de manutenção do Parque Florestal.



Fig. 116 – Intermédio entre duas margens: Ponte do Vale da Figueira. Golegã, s.a., s.d.



“La mémoire n’est donc à aucun degré une émanation de la matière; bien au contraire, la matière, telle que nous la saisissons dans une perception concrète qui occupe toujours une certaine durée, dérive en grande partie de la mémoire.”¹⁴⁸

Fig. 117 – Maquetes de estudo evolutivas da ‘Ponte Nova’ (1:200): Do vetusto viaduto à consequente desconstrução.

Estando a matéria, segundo Bergson, a par e passo com a matéria, considerar-se-á o facto da sua extinção, para supor que a ‘mono matéria’ será representativa de um objeto, hodierno, que tombou no território. Presume-se, curiosamente, que o recurso a apenas uma materialidade na ponte da Golegã, ainda que construída antes da década de 50, pareça uma peça escultórica que se sobrepôs à natureza. Deste modo, o betão branco, uno, será o revestimento do alçado sul e norte da ponte.

Funcionando como uma rótula, as pontes referenciadas explicam o facto pelo qual, o conceito de «Memória colectiva»¹²⁹, foi segundo Baptista-Bastos, tão marcada pelo que “(...)os antigos diziam(...)”¹³⁰, quanto pelos nossos contemporâneos, já que com base em Halbwachs, ela é justamente a paisagem urbana transformada por um dado grupo, cuja adaptação advém, no entanto “(...)des choses matérielles qui lui résistante”¹³¹. Em parte, contraditório na medida em que falar-se-ia de um objeto que ‘padeceu’, mas que sem ele não existiria, até a data, a memória de um percurso que marcara fortemente a sua envolvente e, por conseguinte, a paisagem urbana.

¹²⁹ Tradução livre elaborada pelo autor: «La Mémoire collective» / Título dado à tese de Maurice Halbwachs.

¹³⁰ BAPTISTA-BASTOS, Armando, ‘A Colina de Cristal’, p. 207.

¹³¹ HALBWACHS, Maurice, ‘la mémoire collective’ in ROSSI, Aldo, ‘A Arquitectura da Cidade’, p. 192, ll. 7-10.

II. CAPÍTULO 3

MEMÓRIA

“(...) imagine-se o percurso de um transeunte a atravessar uma cidade. [...] embora o transeunte possa atravessar a cidade a passo uniforme, a paisagem urbana surge na maioria das vezes como uma sucessão de surpresas ou revelações súbitas.”¹

¹ CULLEN, Gordon, *'Paisagem urbana'*, p. 22.



Fig. 1 – Vista do Palácio da Ajuda e zona envolvente: R. do Cruzeiro no troço Noroeste, séc. XIX (5,5 x 18,2 cm), Francisco Rocchini, 1822-1895.



Fig. 2 – Vista do Palácio e Bairro da Ajuda: R. do Cruzeiro no troço Nordeste, séc. XIX, s.a., 1852.

3. Pré-existência

O lugar da Ajuda, tornado culto pela fixação do poder soberano no Alto da Colina engendraria a Oeste, ao longo da primitiva Rua do Cruzeiro, a construção de casarios e quintas de férias para a nobreza e consecutivas residências destinadas aos criados do Palácio. *A posteriori*, em seu derredor, dar-se-ia a expansão da construção popular, para Este e Sul até as ‘franjas’ da escarpa rochosa do Vale do Rio Seco.

Assim as casas compreendidas, entre o limite construído de frente de rua, e o natural, originariam aquele que hoje é apelidado de Bairro do Rio Seco (Fig. 1 e 2).

3.1. Edificado do Bairro da Ajuda

“De um Sítio amplo com muitas hortas bem tratadas, com uma paisagem maravilhosa onde se vislumbrava a Tapada da Ajuda, Monsanto, Palácio da Ajuda e o Rio Tejo, surgiu então um aglomerado de barracas (...).”²

Delimitado pela Rua do Cruzeiro, Augusto Gomes Ferreira e do Guarda-Jóias, a definição do limite pelo construído concluir-se-ia em 1911 (Fig. 3) dando-se, nove anos posteriores, a substituição do verde pelas primeiras auto-construções clandestina. Estabelecidas pelas classes laboriosas, oriundas de diversas proveniências, erguer-se-iam pelo “(...)pulsar de um generoso coração colectivo”³, e consequente amparo de uns e de outros. Assim as consecutivas adições, alastrar-se-iam, no sentido dos afloramentos rochosos, até meados dos anos 80 (Fig. 4). Estas habitações de carácter permanente, conhecera nos seus ‘exórdios’ condições precárias, pelas quais se julga, ocasionadoras de ínfimas demolições, após 1983.

Todavia, esta estrutura não definiria, de *per si*, o chamado Bairro do Rio Seco. Coadunado, segundo Baptista-Bastos, com a *mixité-social*, i.é, o convívio entre nobres e os moradores, a “(...)táctica e benevolente aquiescência das entidades eclesiásticas(...)”⁴, as trocas entre vizinhança e o espírito de camaradagem incrementariam uma atmosfera, que, adstritos o caracterizariam.

No Estado Novo, surgira a ideia de “habitação para todos”, na perspectiva de renovar as periferias da cidade. Apesar de ter sido, a Colina da Ajuda, considerada uma nova centralidade, no reinado de D.Luís I, não deixaria, no entanto de ser considerada periferia urbana, da cidade de Lisboa. Assim, pelos princípios políticos, começaram a ser construídos, nesta e nas outras periferias da urbe, de forma massiva, habitação de carácter coletivo. Na zona baixa do Rio Seco, começa a surgir na skyline,



Fig. 3 – Limite do Bairro do Rio Seco: Construído / natural.

Legendas:

1- Rua do Cruzeiro; 2- Rua Augusto Gomes Ferreira; 3- Rua do Guarda-Jóias.

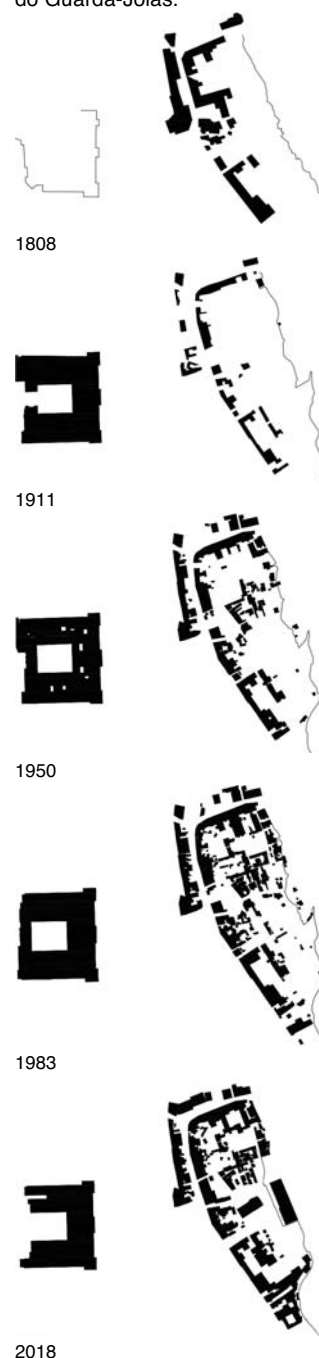


Fig. 4 – Evolução urbana do Bairro do Rio Seco: Adição das habitações marginais.

² REIS, Nuno... [et al.], ‘Casalinho da Ajuda...da ruralidade à multiculturalidade’, p. 65, Il.17-20. Testemunho popular de: Adelaide Silva (65 anos), natural da aldeia da Ponte Sabugal na Guarda (1945).

³ BAPTISTA-BASTOS, Armando, ‘A Colina de Cristal’, p. 28, Il. 1-2.

⁴ BAPTISTA-BASTOS, Armando, ‘A Colina de Cristal’, p. 20, Il. 20-21.

no fim dos anos 50, “(...) novas tipologias de prédio em altura (...), por indução mesmo passiva da Carta de Atenas, desistiram das referências precedente, caras ao regime – (...) com equipamento insuficientes”.⁵

Apesar da queda do regime e vista a construção em massa diminuída, no entanto, os volumes de habitação coletiva continuavam a irromper-se por todo o território do Rio Seco. Assim em 1989 e 90, brotariam no centro do convívio popular, dois edifícios. Segundo os residentes, a ‘colina de cristal’ perdera, o fulgor vivido e retratado pelo romancista.

3.1.1. Frente de Rua



Fig. 5 – Panorâmica sobre a Ajuda com o Palácio ao fundo: Com vista sobre o construído a N-O do terreno e a R. do Guarda-Jóias, s.a., s.d.

Por intermédio de visitas, *in situ*, as informações providas de conversas informais com os moradores do bairro, permitir-nos-iam comprovar a génese das construções de frente de rua. Numa segunda instância, mediante o auxílio coletivo de Dinis Ricardo, Joana Cardão e João Alves, fora efetuado um levantamento de todos os fogos e respetivas plantas das tipologias habitadas⁶ (até a data). Este facilitar-nos-ia a análise da estrutura complexa do território urbanizado, procedimento *sine qua non*, para o seu entendimento, formal e teórico.

Contemplar-se-ia além, na panorâmica ao lado (Fig. 5) e junto à Rua do Guarda-Jóias, uma casa que corresponderia, segundo os moradores, “à mais valiosa do sítio”. Com base no antigo cocheiro do Rei (tio), Helena Ribeiro⁷, referi-la como moradia do Conde Seabra (Fig. 6). À



Fig. 6 – Fotografia da Rua do Guarda-Jóias e largo da Ajuda (1948-12): Antiga casa dos Conde Seabra / Testemunho: Helena e Palmira Ribeiro, Eduardo Portugal, 1948-12.

⁵ COELHO, Ana Cristina, ‘A Freguesia da Ajuda no Tempo e no Espaço’, pp.43-44; Il. 30 a 33 – 1 a 5.

⁶ De entre as tipologias não será, para algumas, garantida fidelidade atendendo que advieram de descrições orais ou desenho manuais, por parte dos proprietários.

⁷ A propósito de conversas informais com os habitantes do bairro do Rio Seco – Residente acompanhada com Palmira Ribeiro (mãe) de 80 anos (em 2017); Número de polícia: 6. [Conv. 5 fév. 2017].

posteriori, questionar-se-ia outra residente, Ana Conceição⁸, que retorquiria:

- “Os diplomáticos que viviam no Palácio passavam por aqui, por isso era considerada uma casa de hóspedes” - Sustentando-se, deste modo, a ideia de habitação nobre. Consoante Palmeira⁹, a presença, *in loco*, de marcos pétreos (Fig. 7) coincidiria com a entrada para as desaparecidas cavaliças, as quais se julgam, estarem pontuadas geralmente nos domicílios de pendor aristocráticos.

Prosseguir-se-ia para a Rua Augusto Gomes Ferreira onde saber-se-ia, por intermédio de Eduardo Ferreira¹⁰, que sobre a assolada Igreja da Ajuda (atual APIA), construir-se-iam “(...)na verdade duas casas(...)” que juntas corresponderiam “(...)a casa do coronel” (Fig. 8). Em continuidade, a presença das hortas, na construção de maior cércea, remontam ao séc. XIX, entre 22 e 95, como prolongação do edificado. (Fig. 9 e 10).



Fig. 9 – Vista do Palácio da Ajuda e zona envolvente: Vista atual sobre as hortas da residência dos criados, séc. XXI, José Aguiar, 2017.

Considerando-se segundo, Amaral¹¹, a presença de “(...)diversos jardins privados(...)integravam-se no conjunto de um palácio ou, mais humildemente desenvolvidos em pequenos quintais(...)mantendo o sentido tradicional do “horto” e da “horta rural(...)”¹², estas poderiam

⁸ A propósito de conversas informais com os habitantes do bairro do Rio Seco – Residente acompanhada com José Rocha (filho), [s.d.] (em 2017); Número de polícia: 241. [Conv. 5 fév. 2017].

⁹ A propósito de conversas informais com os habitantes do bairro do Rio Seco – Residente acompanhada com Palmira Ribeiro (mãe) de 80 anos (em 2017); Número de polícia: 6. [Conv. 5 fév. 2017].

¹⁰ A propósito de conversas informais com os habitantes do bairro do Rio Seco – Residente acompanhado com a esposa (antga fotógrafa), de respetivamente, 85 e 87 anos (em 2017); Número de polícia: 249. [Conv. 5 fév. 2017].

¹¹ COELHO, Ana Cristina, ‘A Freguesia da Ajuda no Tempo e no Espaço’, p. 11, l.5.

¹² AMARAL, Keil Do, “Monsanto, parque Eduardo VII, Campo Grande- Keil Do Amaral, Arquitecto dos Espaços Verdes de Lisboa”, p. 10.



Fig. 7 – Travessa do Páteo Seabra- Marcos pétreos: Vetusta entrada para as cavaliças, e. a., 2017.



Fig. 8 – Vista sobre Torre do Galo e a rua Augusto Gomes Ferreira: Antiga habitação de um coronel. Testemunho: Eduardo Ferreira, Paulo Guedes, s. d.



Fig. 10 – Fotografia da rua Augusto Gomes Ferreira: Antiga residência dos criados. Testemunho Luís Ribeiro, Vasco de Figueiredo, s. d.



Fig. 11 – Rua do Cruzeiro, 235-237: Vivência nas hortas da vizinhança, ACM, 2002.

indicar os usos a que se destinavam, mais ‘humildemente populares’, constatado *idem*, num prédio presente na Rua do Cruzeiro (Fig. 11). Esta afirmação poder-se-ia justificar pelo testemunho de Luís Ribeiro, quando mencionara que os três pisos, corresponderiam à antiga “(...)residência dos criados do Palácio”¹³ (Fig. 9 e 10) justificando-se as onze hortas, pelo que se julgavam ser para subsistência do Reino e da famulagem. O facto de Maria Rodrigues¹⁴ afirmar que “havia um chafariz encostado à cresce” ao que se crê tratar-se de uma bica, explicaria a sua função nas suas imediações.



Fig. 12 – Fotografia com vista sobre a Rua Augusto Gomes Ferreira (1964-08): Habitação (atual zona situada no vazio) onde fora encontrada, aquando da reabilitação uma bola de canhão. Testemunho: José Carlos, Paulo Guedes, 1964-08.

Em continuidade e no prolongamento da rua, José Carlos¹⁵ contara que no ato da reabilitação contemporânea do domicílio vizinho deparar-se-ia, aquando da demolição de uma parede¹⁶ interna, com uma bola de canhão, auspícia de uma época remota. Segundo o residente, “esta seria a casa dos caseiros”¹⁷ (Fig. 12).

Por entre a junção progressiva dos testemunhos, averiguar-se-ia que dos vinte e oito volumes erguidos¹⁸, três seriam propriedades aristocráticas, sendo os restantes destinados aos servos do Reino. Contudo, poder-se-á supor que quanto mais próximas estiverem as habitações ao Palácio, mais afinidades terão os seus residentes, à casa Real, supondo-se como tal, que o limite construído do bairro (Fig. 13), será o mais ancestral. Por este motivo e sem embargo, colocar-se-á a viabilidade, de existirem marcos temporais nestas localidades.



Fig. 13 – Planta do levantamento das tipologias do edificado e limites fundiários.

Legendas:

- Edificado devoluto;
- Edificado de Frente de Rua;
- Edificado envolvente.

¹³ A propósito de conversas informais com os habitantes do bairro do Rio Seco: Residente, do prédio em questão, de 50 anos (em 2017); Número de polícia: 8. [Conv. 5 fév. 2017].^[2]

¹⁴ *Idem*: Residente de 47 anos (em 2017); Número de polícia: 45. [Conv. 5 fév. 2017].

¹⁵ *Idem*: Residente acompanhado com Patrícia (esposa), com cerca de 37 anos (em 2017); Número de polícia: 18. [Conv. 5 fév. 2017].

¹⁶ Parede de cerca de 50 cm de espessura.

¹⁷ Segundo proprietário, o atual jardim era o antigo ‘cemitério’: “Metiam no quintal as ossadas dos criados.”

¹⁸ Estando incluído o ‘Páteo Alfacinha’ criado em 1981, tendo em consideração, que na cartografia de 1983, fora ilustrado volumes construído, ao que se sabe, destinados aos ‘Alfacinhas’, segundo a contemporânea empresa, I.1-7. [Consult. 7 Fév. 2017]. Disponível em WWW:<URL: http://www.pateoalfacinha.com/#/page_Home>.^[2]

3.1.2. 'Intercalar'



Fig. 14 – Panorâmica sobre a Ajuda com o Palácio: Com vista sobre o construído a N-O do terreno e a Rua do Guarda-Jóias, José Aguiar, 2017.

Deixadas as primitivas ruas e renunciando, sucessivamente, à altitude, deambular-se-ia pelas habitações de carácter marginal. A dita 'topografia artificial', cuja simetria em nada a define, evidenciara volumes construídos por sucessivas adições, suscetíveis de ampliar as áreas úteis habitáveis, mas que, no entanto, tornam o território num aparente 'emaranhado' de sobreposições e retalhos (Fig. 14).

Tendo em vista o planeamento urbano ausente, os vazios proporcionados entre as 'âncoras', de umas casas às outras, transformar-se-iam em oportunidades previsíveis para vulneráveis 'pátios e galerias, destinados às respetivas acessibilidades. Estes ocasionariam passagens ora desafogadas, ora estreitas e afuniladas ao passo que os 'cheios', ora esguios, ora tacanhos, traduzir-se-iam em singulares volumetrias 'a gosto do freguês'. Similarmente sem a intervenção do arquiteto, o sistema volumétrico complexo e peculiar da Fortaleza de Marrocos (Fig. 15) traduz, segundo Rudofsky, a singeleza dos espaços internos, "(...) *labirínticos e câmaras secretas, passagens obscuras e lances vertiginosos de degraus(...)*"¹⁹, denotando-se as mesmas particularidades no bairro (Fig. 16).



Fig. 15 – Fortaleza do deserto, no sul de Marrocos: Volumetrias *sui generis*, Bernard Rudofsky, 1964.

Fig. 16 – Montagem do abarracado do Bairro do Rio Seco: Analogia volumétrica, e. a., 2017.

¹⁹ Tradução livre do autor: "(...)labyrinths and secret chambers, of murky passages and vertiginous flights of steps(...)" in RUDOFSKY, Bernard, 'Architecture without architects: A Short Introduction to Non-Pedigreed Architecture', p. 60, ll. 6-7.

Ao passo que os volumes, erigidos pelos marroquinos, transporiam da imaginação lumínica, a espacialidade paralelepípedica pretendida, apenas estariam patentes nos outros, a inquietação pelo espaço de ‘abrigo’, ocultando-se-lhes noções, tais como, a luz natural.



Fig. 17 – Travessa da Ajuda: Volu-
mes construídos, Fernando Pozal, c. (umas às outras) nº 22, e. a., 2016.
1953. [?]



Fig. 18 – Pátio de distribuição: Ancoragens das casas
Fig. 19 – Galeria de acesso a
8 habitações, e. a., 2016. [?]



Fig. 20 – Galeria interior: Volu-
metrias construídas da casa n. 49; 50; 47, e. a., 2016.
36, e. a., 2016.



Fig. 22 – Distensão da galeria de
acesso a três casas n.13, 16, 17,
e. a., 2016.



Fig. 23 – Lance exíguo de acesso ao
‘pátio’ desservidor: Cérceas eleva-
das e assimétricas, e. a., 2016. [?]



Fig. 24 – Pátio: Entrada comum para quatro
residências n. 5, 6, 7 e 8, e. a., 2016. [?]



Fig. 25 – Panorâmica das casas surgidas por adição: n. 37, 38A e 39, e. a., 2017.

Visto o desenrolar contínuo da *flânerie* (Fig. , deparar-nos-emos novamente com relatos de lembranças individuais, deformadas ou parciais. Juntas, esta inércia da memória coletiva, por entre becos e encruzilhadas, reconstituíam vagarosamente, segundo Haldwachs²⁰, o objeto (bairro) na sua integridade.

Bernardo Mendes, aquando da puerícia, vivia, na margem vizinha, “num pátio muito pequeno, com apenas sete pequeninas casas”²¹. Equitativamente, na zona Noroeste, do vale, Esmeralda Correia²², por analogia às ‘ilhas’ do Porto, apesar de não estarem situadas no interior de quarteirão, confirmar-nos-ia, e.g., que “*chega ao número de cinco*” as casas desservidas por somente ‘um pátio’ (Fig. 24 e 26). Com as mesmas características, e através da análise dos limites fundiários (Fig. 27), verificar-se-ão que num total de dezanove parcelas, treze tenderão para esse padrão, cuja variação estará compreendida num intervalo de 2-7 fogos ‘concorrentes’. Pela contagem, apontar-se-ão um total de 68 fogos clandestinos (Fig. 26 e 27) estando cinco devolutos.



Fig. 26 – Planta das habitações clandestinas mais antigas do bairro (5 fogos): Organização dos acessos exteriores das casas.

Legenda:

- Abarracado: Arrumos;
- ▲ Local de entrada: Núcleo(s)
- Pátio, núcleo ou Galeria de acesso;
- Limite fundiário.



Fig. 27– Planta da habitação clandestina (63 fogos): Limite fundiário das habitações agrupadas por um acesso comum.

²⁰ HALBWACHS, Maurice, ‘A memória coletiva’, pp. 54 a 55, II. 39 a 1-5.

²¹ Testemunho, do Coronel da Guarda Nacional Republicana. COELHO, Ana Cristina, ‘A Freguesia da Ajuda no Tempo e no Espaço’, p. 9.

²² A propósito de conversas informais com os habitantes do bairro do Rio Seco: Residente, de 80 anos (em 2017), da casa desservida pelo pátio, por ela descrito; Número de polícia: 233. [Conv. 5 fév. 2017].

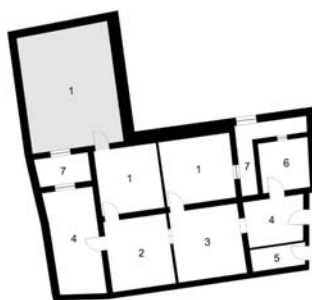


Fig. 28 – Casa de Palmira Ribeiro: Quarto com cerca de cem anos.

Legendas:

- 1 Quarto;
- 2 Cozinha;
- 3 Quarto de jantar;
- 4 Hall;
- 5 Arrumos
- 6 Instalação Sanitária;
- 7 Saguão.

Estes loteamentos acolheriam “*famílias numerosas e com (...) dificuldades económicas*”²³, sustentando-se afirmação por Palmira Ribeiro²⁴ quando mencionara, em relação à sua habitação, que “*são seis pessoas a viverem nesta casa*”, com cerca de 106 m² (úteis) atendendo a inexistência de corredores. No entanto, estas condicionantes negativas não seriam, segundo Fernanda Feliciano²⁵, motivos de depreciação do bairro, pois, “*apesar de tudo não gostaria de sair daqui*”.

Tendo sido facto, a localização de habitações nobres a sudoeste do quadrante, Ribeiro dir-nos-ia que o quarto, recostado à quinta do Conde Seabra, teria cerca de cem anos (Fig. 28 / em 2017). Associada informação à cartografia histórica de Silva Pinto, julgar-se-á, como tal, que estes seriam os primeiros assentamentos autoconstruídos, passíveis de ocultarem marcos históricos ligados à ‘Mansão’ do Rei.

3.1.3. De Limite

Dos indícios da ruralidade presentes nesta ‘periferia central’ ditos por Dionísio, de ‘paisagem risonha’²⁶, sobreviriam dos solos verdejantes, volumes e vias impermeáveis, a defeito das habitações pré-existentis cujos charcos, para umas, eram seus inquilinos²⁷. Não seriam apenas os solos alcatroados, bem como as relações visuais ‘impermeabilizadas’ à envolvente.



Fig. 29 – Volumes de habitação coletiva no interior, CML, 1989.

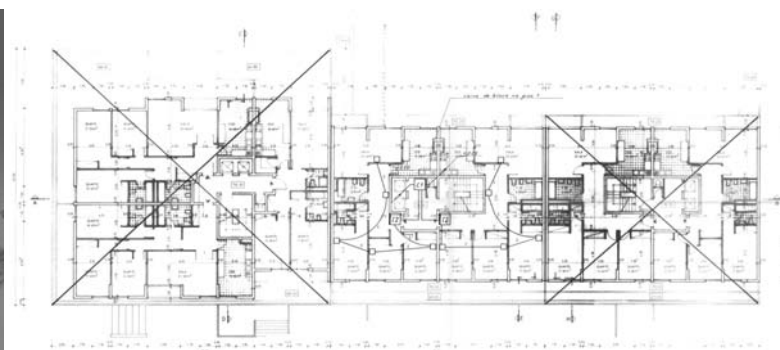


Fig. 30 – Planta do mamarracho no prolongamento da rua do Rio Seco, CML, s. d.

Na transição da década de 80 e 90, estaríamos longe do cenário de séc. XVI, referido por Monzón de que “*(...)ao redor de Lisboa de seu*

²³ COELHO, Ana Cristina, ‘A Freguesia da Ajuda no Tempo e no Espaço’, p. 9.

²⁴ A propósito de conversas informais com os habitantes do bairro do Rio Seco: Residente acompanhada com Helena Ribeiro (filha) de 60 anos (em 2017); Número de polícia: 6. [Conv. 5 fév. 2017].

²⁵ *Idem*: Residente de 83 anos (em 2017); Número de polícia: 4. [Conv. 6 fév. 2017].

²⁶ DIONÍSIO, Santana; PROENÇA, Raúl, “Guia de Portugal – Generalidades -Lisboa e arredores, vol. 1”, p. 450,

²⁷ Nos dias de chuva, Eduardo dir-nos-ia que derramava água dentro da cozinha, como se estivéssemos no exterior. /

A propósito de conversas informais com os habitantes do bairro do Rio Seco: Eduardo Ferreira e mulher de, respetivamente, 85 e 87 anos (em 2017); Número de polícia: 249. [Conv. 5 fév. 2017].

[?]

*tempo tudo eram casas de regalo(...)*²⁸. Surgiriam no centro deste ‘prado’, ao contrário de um âmagô, dois volumes homogêneos, destinado a habitação coletiva (Fig. 29 e 30) de cinco a seis vezes²⁹ a envergadura das pré-existências, deturpando-se-lhe a escala e o cunho rural, até então, identitário do lugar.

Como não haverá dois sem três, no último decénio do séc. XIX, os habitantes voltariam a estar vigilantes na eventualidade de haver um ‘toque da corneta’³⁰, sinal de que rebentamentos iriam ocorrer. As cacofonias, ressonantes por todo o vale, diriam respeito a explosivos que arrasavam, progressivamente, a encosta. Por esta ocasião, não seria a Cordoaria Nacional³¹ o motivo da intervenção, nem tão pouco dever-se-ia ao fabrico da cal, pertencentes aos FH de Oliveira³². Seria a CML, dada ao interesse do alojamento em massa, protagonista deste desguarnecimento (Fig. 31).



Fig. 31 – ‘Cavidade artificial escavada’: Vazio resultante dos explosivos.



Fig. 32 – ‘Abrigo artificial’: Aperfeiçoamento da superfície pelo engenho do Homem.

Deste modo, do vazio ou ‘cavidade artificial escavada’³³ (Fig. 31 e 32) resultante, encobrir-se-iam os flancos da rocha, assentando-se, na orla inferior do parque, um ‘mono’ de oito a dez pisos, transpassando a margem superior do vale. Dessarte, a CML ter-se-ia deslembado de que Christo (Fig. 33), apesar de não contribuir para a criação de ‘abrigo artificial’³⁴, ainda de *notre vivant*, poderia estar incumbido da tarefa a que se destinava a encosta rochosa.

Em suma, dos volumes edificadas e destinados para habitação, tais como os de – frente de rua, abarracados e ‘mamarrachos’ – contabilizar-se-ão, em conjunto, cerca de 161 fogos cujo 39 estão inabitados ou de vóluto. No entanto, desses 122 ‘abrigos’ a estimativa da população residente é de 273 indivíduos sendo que a média de habitante



Fig. 33 – Esquismo para a instalação: Wrapped Coast, One Million Square Feet, Little Bay, Sydney, Australia. Christo and Jeanne-Claude, 1968-69.

[?]

²⁸ RIBEIRO, Mário De Sampaio, ‘Do sítio da Junqueira- Conferência realizada no salão nobre dos Paços do Concelho na tarde de 8 de Junho de 1939’, p. 11, par. 5.

²⁹ Edificado com 6 pisos habitáveis e um dedicado ao estacionamento.

³⁰ REIS, Nuno... [et al.], ‘Casalinho da Ajuda...da ruralidade à multiculturalidade’, p. 38, II.5. Testemunho popular de: Amélia Ribeiro (83 anos), natural da aldeia de Santa Cruz do Douro.

³¹ “Para a sua construção será posteriormente concebida por D.Maria I a exploração da Pedreira do Vale do Rio Seco.” in MAGALHÃES, Ana Manuela... [et al.], ‘Projecto V – IIº exercício, 1ª fase in Vale do Rio Seco e área envolvente’, p. 5.

³² As explorações de vaias pedreiras, pertenciam-lhes, nestas zonas. Segundo se julga, viriam posteriormente à da pedreira do Rio Seco pela Rainha.

³³ Termo de Pedro Cuiça, para referir a intervenção humana na alteração da geologia. / CUIÇA, Pedro, ‘Ameaças à Geodiversidade – Cavidade subterrâneos do Concelho de Lisboa: Trabalho de Campo II’, p. 3.1

³⁴ Termo referido pelo autor, no contexto da “da tipologia mais remota, rústica e simples de habitação humana, permanente ou estacional”. / CUIÇA, Pedro, ‘Ameaças à Geodiversidade – Cavidade subterrâneos do Concelho de Lisboa: Trabalho de Campo II’, p. 31-32.

por fogo é sensivelmente de 2,23. Verificar-se-á, deste modo, que as exíguas habitações, existentes no interior de bairro estão, na generalidade, sobrelotadas.



Fig. 34 – Fotografia com vista para Sul do I e II quadrante: Rocha do vale do Rio Seco sem intervenção da mão humana, Ana Magalhães, 1995.



Fig. 35 – Fotografia com vista para Norte do I e II quadrante: Encosta à esquerda sem a intervenção da mão humana, Ana Magalhães, 1995.



Fig. 36 – Fotomontagem com vista para Este do I quadrante: Rocha do vale do Rio Seco, 2017 + Encosta sem a intervenção da mão humana, Ana Magalhães, 1995.



Fig. 37 – Fotografia com vista para Este do I quadrante – Rocha do vale do Rio Seco, e. a., 2017.

3.2. Túneis

“(...) «a diferença entre passado e futuro(...)reflecte em larga medida que o passado está, em parte, a ser vivido agora, e isto pode ser significado a atribuir às permanências: são um passado por que estamos ainda a passar.»”³⁵

Com base no conceito de Halbwachs, o recurso assíduo da ‘memória coletiva’ enquanto instrumento e interpretação de Rossi, servir-nos-ia de *modus operandi* para fomentar uma imagem passada, alusiva a um lugar particular. Conforme o criador de ‘abrigos puristas’, a ferramenta do estrato emocional, permitiria *«uma relação entre determinada localização específica e os edifícios que se encontram nela»*³⁶ pela qual, de uma descrição generalizada e vaga³⁷ obter-se-iam informações acrescidas e direcionadas para um espaço pontual, ao qual o – *locus* – será, em concordância com os autores, sua denominação. As *“(...)grandes ideias fluem através da história da cidade e dão-lhe forma”*, i.é, os ‘contos’ vividos, diferem das escritas. Com base no primeiro autor, estas constituiriam *“(...)um quadro vivo e natural em que um pensamento pode se apoiar, para conservar e reencontrar a imagem de seu passado(...)”*³⁸, constituindo o panorama das permanências no território, e por sua vez a identidade que o caracteriza.

Deste modo, as histórias testemunhadas apoiadas com o estudo de campo, servirão paulatinamente, de ‘prelúdios’ para a reconstituição plausível do obsoleto.

Ao que tudo indica, a ocupação das *“bancadas da rocha mais brandas do cretáceo”*³⁹, fossem elas naturais ou trogloditas, semi ou artificiais, com a finalidade de abrigo ou armazenamento, não tenderiam, segundo se julga, a serem os únicos escopos do recurso ao engenho do Homem. Conforme Custódio, é facto o reconhecimento de um mundo subterrâneo na cidade de pré-terramoto sendo que as escavações artificiais sobre as formações geológicas ou solos muratorianos⁴⁰ ocultariam na urbe, como que um sistema ‘venoso’ subterrâneo. Nela *“conviviam canalizações de eras diferentes(...)construídas pelos homens e túneis de organização defensiva da cidade ou de ligação entre conventos”*⁴¹, pressupondo, através das continuas conversas de campo, que também seriam vetores de ligação entre residências aristocráticas.

³⁵ ROSSI, Aldo, ‘*L’architettura della città*’ pp. 57-9 in LOPES, Diogo Seixas, ‘*Melancolia e architettura*’, p. 142, Il. 3-7.

³⁶ LOPES, Diogo Seixas, ‘*Melancolia e architettura*’, p. 142, Il. 23-24.

³⁷ Presente nos escritos baseados em factos históricos e/ou romaneados.

³⁸ HALBWACHS, Maurice, ‘*A memória coletiva*’, p. 145, Il. 19-20.

³⁹ CUIÇA, Pedro, ‘*Ameaças à Geodiversidade – Cavidade subterrâneas do Concheiro de Lisboa: Trabalho de Campo II*’, p. 32,

⁴⁰ Teoria que descreve as primeiras ocupações do solo como sendo: “nos planaltos, terrenos delgados e pobres, deram origem aos primeiros assentamentos e à vida urbana”. / SEQUEIRA, Marta, ‘*O território como invariável*’ in ‘*Lisboa*’, p. 51

⁴¹ CUSTÓDIO, Jorge, ‘*As infraestruturas: os canais de Lisboa*’ in “*Lisboa em movimento – Lisbon in motion 1850-1920*”, p. 94,



Fig. 38 – Fotografia da Primeira entrada de túnel descobertas no Bairro do Rio Seco, e. a., 2017.

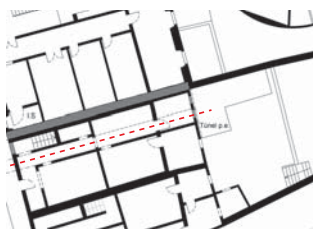


Fig. 39 – Planta da primeira entrada de túnel descobertas no Bairro do Rio Seco: Situado no tardo do edifício de frente ao Cruzeiro e desboca para o exterior, e. a., 2017.



Fig. 40 – Fotografia da segunda entrada de túnel descobertas no Bairro do Rio Seco, Joana Cardão, 2017.

Segundo moradoras da primeira serie de abarracados construídos⁴² dir-nos-iam, com base nos rumores, entre vizinhanças, de que no sítio da “*provável residência temporária do Marques de Pombal, de séc. XVIII*”⁴³, mais precisamente no “*Pátio das Damas(...)estava um túnel ligado ao Palácio da Ajuda*”, encontrando-se o edifício, ocluso e devoluto, não seria possível a visualização de uma ‘eflorescência superficial’, no que concerne à sua entrada *in situ*. Curiosamente, relatos de passagens subterrâneas, voltariam a encontrar o nosso trâmite.

3.2.1. I Locus

Situado nos limites fundiários do pressuposto edifício destinado à estada dos criados do Reino, avistar-se-ia um vão claramente delimitado, emparedado a tijolo e betão projetado (Fig. 38). A menos que adviesse da punição de um religioso pecador⁴⁴ o uso do material cerâmico, nosso contemporâneo, indicar-nos-ia a existência hipotética, de um espaço que estivera funcional, em tempos. Segundo Luís Ribeiro⁴⁵, o vão representaria a entrada de “*(...)um túnel(...) que se suspeita ir até o Palácio*”. Sustentando-nos na reminiscência do inveterado Manuel Granito⁴⁶, existiria efetivamente um “*túnel muito fundo*”, no local. Deste modo, pôr-se-ia a possibilidade da subsistência de uma passagem subterrânea, reservada aos servos e com destino ao Paço (Fig. 39).

3.2.2. II Locus

Encontrar-nos-íamos, em segundo instância, no interior de uma das habitações marginais, que se acreditam mais vetustas do bairro. Por entre anamneses, aquando da exposição sobre a Garrafeira que permaneceria, em tempos, nas Furnas do Rio Seco⁴⁷, Natália Ramos⁴⁸, expusera o facto da “*existência de galerias dentro das pedreiras*”. Após assunto reavivado deparar-nos-íamos, curiosamente, com uma espécie de arco de berço ou canhão (Fig. 40) ante e sucedido, respetivamente, por um nicho e uma abóboda de aresta, tangentes a um corredor interior que culminara, por entre a desordem, num outro emparedamento. Ora,

⁴² A propósito de conversas informais com os habitantes do bairro do Rio Seco: Residente acompanhada com Helena Ribeiro (filha) de 60 anos (em 2017); Número de polícia: 6. [Conv. 6 fév. 2017].

⁴³ “*Situado na Rua D. Vasco, nº73.*” / Informação retirada do site da Junta de Freguesia da Ajuda [Il. 30-32] [Consult. 24 Mar. 2017]. Disponível em WWW:<URL: <https://jf-ajuda.pt/monumentos/>>.

⁴⁴ Método usado pela Igreja Católica, na Idade Média, conhecido por ‘*vade in pacem*’.

⁴⁵ A propósito de conversas informais com os habitantes do bairro do Rio Seco: Residente, do prédio em questão, de 50 anos (em 2017); Número de polícia: 8. [Conv. 5 fév. 2017].

⁴⁶ A propósito de conversas informais com os habitantes do bairro do Rio Seco: Residente acompanhado com a mulher de, respetivamente, 80 e 82 anos (em 2017); Número de polícia: 4 (rés-de-chão) [Conv. 6 fév. 2017].

⁴⁷ Garrafeira Real: Marquês do Rio Seco, 12º2 (1300 Lisboa).

⁴⁸ A propósito de conversas informais com os habitantes do bairro do Rio Seco: Residente de 70 anos (em 2017); Número de polícia: 6. [Conv. fév. 2017].

não seria apenas o geomonumento, alvo de escavações artificiais bem como parte das terras, sobre ele depositadas.

Com base na proprietária, estes resquícios deixariam prever um acesso recôndito (Fig. 41), situado sob o lance de escadas externas, o qual corresponderia à segunda entrada para uma galeria, compreendida nos limites de bairro. Estabelecida como que um enclave no território, a sua posição poder-nos-ia indicar, uma função similar à que fora descoberta antecedente.

3.2.3. III Locus

Ao contrário das hortas destinadas à prática da horticultura, as influências renascentistas, de meados de séc. XV, sobreviriam nas «quintas de prazer», presentes no bairro. Segundo Ribeiro Telles, “(...)as hortas começaram a enriquecer-se com elementos escultóricos e a ver valorizados artisticamente os seus elementos constantes e fundamentais: fontes, tanques, latadas, caramanchões, caleiras de rega, casas de fresco (bocas de minas), etc”⁴⁹, visíveis a sudeste, na antiga casa dos Conde Seabra (Fig. 42).

Subsequente às revelações, Maria Neves⁵⁰, consideraria que não seria apenas a terra vegetal a preencher o subsolo, do plano de nível onde assentam as fontes (Fig. 42) que pontuam o vergel, da habitação. De encontro à própria, estas seriam alimentadas por uma mina, traduzindo-se numa infraestrutura de passagem para o Homem e a água, i.é, num túnel subterrâneo⁵¹ que iria “(...)parar à prisão do Palácio da Ajuda”. Contudo o seu filho adiantará, através de memórias, que dantes graúdo, a camaradagem do bairro, diletantes por explorações frutuosas e por demonstração de virilidade individual, percorriam o “tecido” subterrâneo existente nas imediações. Vagamente, este último mencionara: – “Nos levávamos cordéis para não nos perdermos” – sendo que do fruto das suas aventuras concluiria que: – “as minas davam até belas, a mãe de água(...)eu corria todas(...)esta ligava-se ao Palácio da Ajuda” – à qual, atendendo a relação histórica, do sítio com Sintra, considerar-se-á plausível uma galeria que bifurca, já que prosseguindo dissera: – “quando damos por nos já estávamos no Palácio de Queluz”.

Postas as descrições de Neves em paralelo com o estudo de campo, presumir-se-ia que o traçado hipotético de um corredor soterrado, poderia coincidir com a projeção horizontal das duas fontes (Fig. 43). Este manifestar-se-ia, à superfície, por meio de um vão, parte integrante de um muro de suporte (Fig. 44 e 45), presente no território desde a primeira

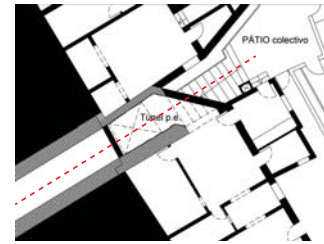


Fig. 41 – Planta da segunda entrada de túnel descobertas no Bairro do Rio Seco: Interior de uma habitação de pequena escala e desboca para o quarto de jantar, e. a., 2017.



Fig. 42 – Ampliação da cartografia Histórica: Pormenor das fontes, Silva Pinto, 1911.

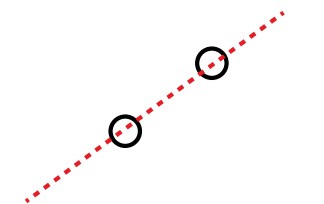


Fig. 43 – Suposição corredor soterrado: Projeção do traçado sob as duas fontes.



Fig. 44 – Fotografia da terceira entrada de túnel descobertas no Bairro do Rio Seco, e. a., 2017.

⁴⁹ TELLES, Gonçalo Ribeiro, ‘Evolução dos espaços verdes de Lisboa’ in ‘Arquitetura: Arquitectura, Planeamento, Design e Artes plásticas, n.º108. Março-Abril’, p. 46,

⁵⁰ A propósito de conversas informais com os habitantes do bairro do Rio Seco - Residente acompanhada com o seu filho [s.n.]; Número de polícia: 23. [Conv. 6 fév. 2017].

⁵¹ “Nascente de água e, p. ext., caminho subterrâneo que se abre para a condução dela” [II.8-9] [Consult. 15 Mar. 2018].

Disponível em WWW:<URL: <https://www.dicio.com.br/mina/>>.

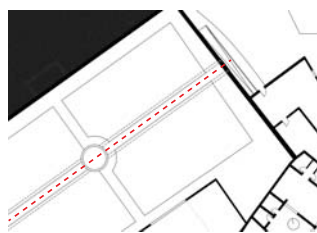


Fig. 45 – Planta da terceira entrada de túnel descobertas no Bairro do Rio Seco: Situado no muro de suporte do jardim, junto ao Guarda-Joias, e. a., 2017.

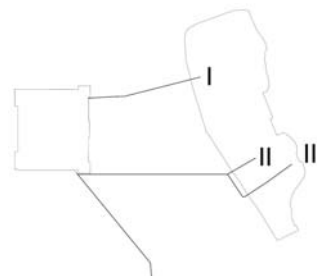


Fig. 46 – Nomenclaturas do 'locus'.



Fig. 47 – Classificação das terras a manter, (com base) PDM, 26 de Abril de 2001.

Legendas:

- Áreas históricas cujas cotas têm de ser preservadas;
- Áreas históricas verdes;
- Zonas suscetíveis de movimentação de terras;

década do séc. XX⁵². Esta seria então a terceira entrada identificada no território.

Deste modo, pondo a hipótese da veracidade dos relatos, estes revelariam, não só um sistema interligado, presente no substrato, bem como a sua longa extensão. Assim, por intermédio das pré-existências reveladas, fora elaborado um mapeamento dos túneis (Fig. 46 e 48,), servindo de alicerce para as terras que poderão ou não ser movimentadas aquando do plano urbano (Fig. 47), afim de os preservar.



Fig. 48 – Mapeamento dos túneis obsoletos: Abordagem interpretativa do traçado, e.a., 2017.

3.3. Caso de Estudo

Surgido por advento da imaginação e consecutiva construção humana, o burgo seria também, conforme aponta Seixas Lopes⁵³, repositório da adição de memórias individuais. Tendo em consideração o ponto de vista do historiador, as avitas pré-existências 'obsoletas' e/ou perceptíveis, tais como os 'muros das águas', que se julgam, partes integrantes do lugar há mais de uma década, seriam elementos singulares que confeririam ao território, por meio das recordações, identidade.

Deste modo, apoiar-nos-emos na proposição do consorte de Maria Antónia, por forma a prevalecer o lugar 'da colina'. Para tal, procurar-se-á preservar os elementos reminiscetes, pondo-os "(...)em

⁵² Data coincidente com a construção do Palácio Nacional da Ajuda, sendo por este motivo viável a ligação do corredor com a mansão real.

⁵³ LOPES, Diogo Seixas, 'Melancolia e arquitectura em Aldo Rossi', p. 30.

*confronto com as exigências e as condições; mas também elevar as exigências e as condições ao nível da sua real complexidade, e por fim restitui-las na simplicidade oblíqua do projecto*⁵⁴. Dessarte, funcionando como mote para o plano urbano, das remotas pré-existências soterradas, incluir-se-á uma na proposta de projeto.

Tendo em vista a carência de lugares dedicados a estacionamento fora previsto, para esse efeito, um parque coberto nos intramuros fundiários da habitação nobre situada a norte, estando incluída a III galeria (Fig. 42, 46 e 48). Com base nos ramais subterrâneos de abastecimento de água a Lisboa, em similitude com a que fora erguida em 1773 (Fig. 49), constatar-se-á o uso sistemático da abóboda de berço. Por analogia, pensar-se-á que a simbiose do III túnel com a laje do parque, resultaria num teto dicotômico, i.é, numa laje plana que conglomerava um arco de volta perfeita, sendo que as paredes verticais que o sustentavam, seriam parcialmente removidas (Fig. 50) afim de asseverar a circulação automóvel. A preservação do eixo onde está contida a abóboda, permitiria distinguir, pelo interior, o antigo do hodierno cujo encadeamento luminoso, na sua extremidade, indicaria o sentido da saída.

De acordo com a expressão de Le Corbusier⁵⁵, Estrada menciona as nuances luminosas do interior edificado, como responsável por incitar à contemplação⁵⁶. Conforme o autor, à semelhança do alçado da mesquita de Sidi Brahim d'El Atteuf⁵⁷ (Fig. 51), tanto a escala como os jogos de cheios/vazios, presentes nos vãos da fachada, traduziriam o edificado, num aparente volume ocluso. Esta percepção, equiparável a um *trompe l'oeil*, dever-se-ia à repetição da escala irrisória e aos cheios/vazios, dos vãos presentes na fachada. Intercalados ora por uns encerrados, ocasionando nichos, ora por outros destapados, propiciando a intensa luminescência no âmago da mesquita, 'submergi-la-ia' de claridade (Fig. 52), sendo este o seu paradoxo.

3.3.1. Capela De Notre-Dame du Haut – Volumetria de iluminação

*“«En 1910, j'avais repéré un truc comme ça creusé dans une grotte romaine à Tivoli»”*⁵⁸

À semelhança do contraste entre a aparência e a projeção lumínica do lugar de culto islâmico, Jeanneret-Gris avistara ao longe, por entre os vestígios italianos da Villa Adriana, um poço de luz natural cuja entrada estaria dissimulada por detrás da cúpula (Fig. 53). Impulsionado pela memória das suas viagens, o escultor suíço projetara a Capela de

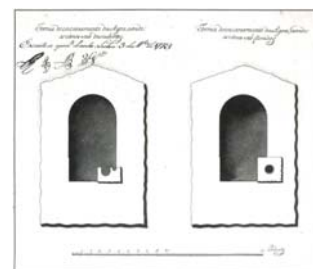


Fig. 49 – Projeto para galerias subterrâneas acompanhadas com canos para a “agoa”. Abóboda em canhão característica, s. a., (aprovado) 3 de março de 1773.



Fig. 50 – Esquema da simbiose ente a III galeria e a laje do parque.



Fig. 51 – Fotografia da mesquita de Sidi Brahim d'El Atteuf, s. a., s. d.



Fig. 52 – Vista interior da Mesquita: iluminação pontual, Fátima Chaoui, 2016.

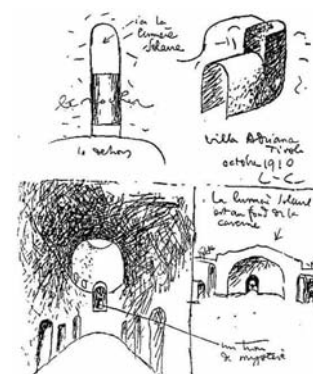


Fig. 53 – Croquis elaborados em 1910 em Tivoli, na Villa Adriana: Estudo da entrada de luz.

⁵⁴ SIZA, Álvaro, 'Imaginar a Evidência', p. 10, Il. 4-6.

⁵⁵ Corbusier, Le, 'Ronchamp: les carnets de la recherche patiente, n°2', p.11.

⁵⁶ ESTRADA, Jérôme, 'Lumière sur une oeuvre unique' in 'Ronchamp entre ciel et terre: Le Corbusier, les 60 ans de Notre-Dame du Haut de Le Corbusier à Renzo Piano', p.18, Il. 75-76.

⁵⁷ Situada no vale de M'zab em Argélia. Esta fora a obra que Le Corbusier visitara em 1931. In ESTRADA, Jérôme 'Le Corbusier: Ronchamp, entre ciel et terre – Les 60 ans de Notre-Dame Du Haut de Le Corbusier à Renzo Piano', p. 19, Il. 81-84.

⁵⁸ ESTRADA, Jérôme, 'Lumière sur une oeuvre unique' in 'Ronchamp entre ciel et terre: Le Corbusier, les 60 ans de Notre-Dame du Haut de Le Corbusier à Renzo Piano', p. 18, Il. 61-62.

Notre-Dame-du-Haut onde transpusera a ‘densidade opaca’ das construções visitadas, num semblante brutalista do betão bruto, para a cobertura e os as suas três tores hemisféricas. Da mesma forma, “«(...) *la lumière entrera partout comme un ruissellement*»”⁵⁹, sendo dois os tipos de aberturas zenitais (Fig. 54), cujo foco do balbucio incidiria sobre a impercetibilidade dos seus vãos na perspetiva inter e exterior. O primeiro tipo de iluminação dar-se-á por meio da sobre elevação da cobertura que, como uma espécie de ‘barca armada’, permitiria um interstício entre o seu ‘envelope’ e as extremidades dos muros, dissimulando-se uma fresta ao longo da construção⁶⁰ (Fig. 55).



Fig. 54 – Capela de Notre-Dame-du-Haut, Ronchamp: Destaque das volumetrias para entrada luminosa, Anna & Eugeni Bach, s. d.



Fig. 55 – Vista Interior dos tipos de iluminações zenitais: Pela fresta e pelos volumes em torre, s. a., s. d.

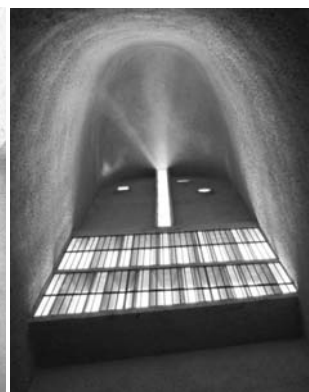


Fig. 56 – Campanários ilusórios de Notre-Dame-du-Haut : Iluminação interior, s. a., s.d.

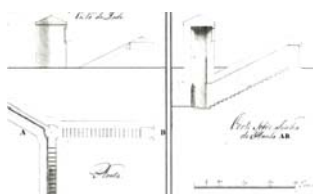


Fig. 57 – Planta e corte de um torreão uma torre de ventilação do aqueduto, Carlos Mardel, s. d.

Em alternativa, posicionados no alçado tardo dos ilusórios campanários, i.é, dos volumes destacados de maior cêrcea, a luminosidade ocorreria por meio de vãos encimados à cobertura, encontrando-se como tal recônditos (Fig. 56). Ao passo que na capela de pós-guerra, a intensidade da reflexão lumínica seria controlada pelo altear de massas (torres) outrossim nas clarabóias ou torreões⁶¹ (Fig. 57), projetadas por Carlos Mardel aquando “(...)do fecho da arcaria(...)que vence a ribeira de Alcântara(...)”⁶², presentes nas galerias que estabelecem o acoplamento entre os diversos troços do Aqueduto⁶³, seria de igual modo recorrente. Estes asseverariam a ventilação e a iluminação pontual até a interseção dos túneis subsequentes, concebidos mormente para albergar caleiras.

Dessarte, parafraseando Caetano, “(...) doze quilómetros de túneis (...) abasteciam os diversos chafarizes da cidade”⁶⁴, supor-se-ia que a natureza das condutas, no subsolo da metrópole, seriam na sua pluralidade, destinadas à circulação das águas. Como tal, evidenciando-

⁵⁹ ESTRADA, Jérôme, ‘Lumière sur une oeuvre unique’ in ‘Ronchamp entre ciel et terre: Le Corbusier, les 60 ans de Notre-Dame du Haut de Le Corbusier à Renzo Piano’, p. 18, l. 81.

⁶⁰ Ensaio incorporado cinco anos à posteriori, no Convento Sainte-Marie de la Tourette.

⁶¹ No aqueduto das Águas Livres, contabilizar-se-iam 137 clarabóias, considerando-se elementos fundamentais. CAETANO, Joaquim, ‘Aquedutos em Portugal’, p. 60, ll. 6.

⁶² SILVA, João António Ferreira Da, ‘O Aqueduto das Águas Livres e os espaços públicos’, p. 87, ll. 4-5.

⁶³ MOITA, Ana Paula; BOAS, Ana Vilas... [et al.], ‘Lisboa e o Aqueduto’, p.26, ll.3.

⁶⁴ CAETANO, Joaquim, ‘Aquedutos em Portugal’, p. 60, ll. 29-32.

se o padrão na conjectura do sistema hídrico, existente no III corredor soterrado, fora projetado no prolongamento, a ponte, do seu traçado hipotético, uma espécie de 'torreão' (Fig. 58). Posicionado num ponto estratégico, i.é, no entrecruzamento entre a saída e entrada, respetivamente, do parque de estacionamento e da galeria de acesso ao equipamento, por onde emana um foco luminoso outorgado por aberturas esconsas (Fig. 59 e 60).

Legendas:

- Segmentos de parede demolidas que, segundo suposições, o sustentavam;
- Paredes projetadas, a construir.

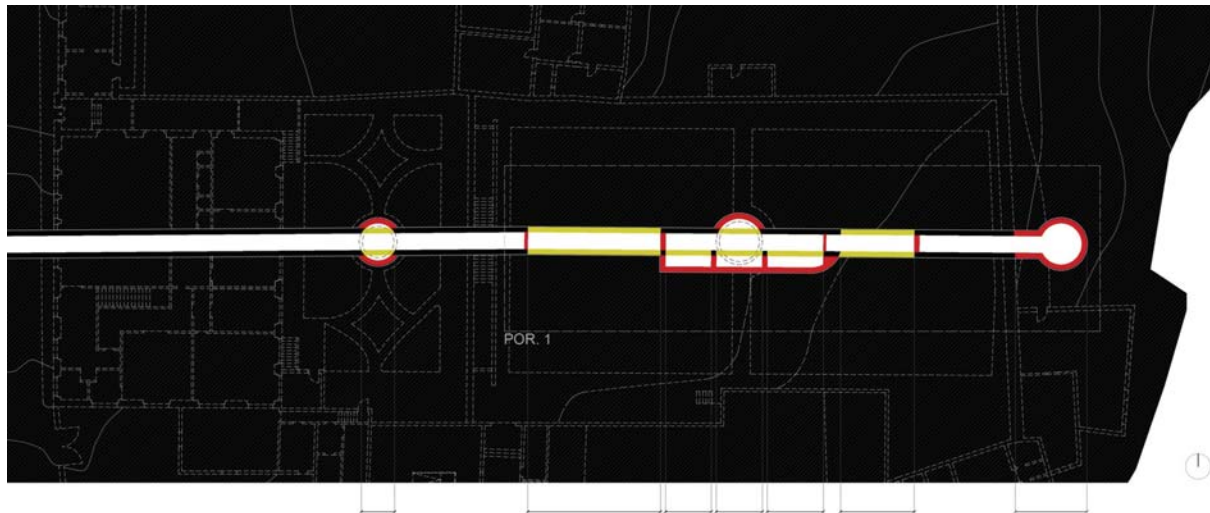


Fig. 58 – Túnel III: Proposta de Intervenção.

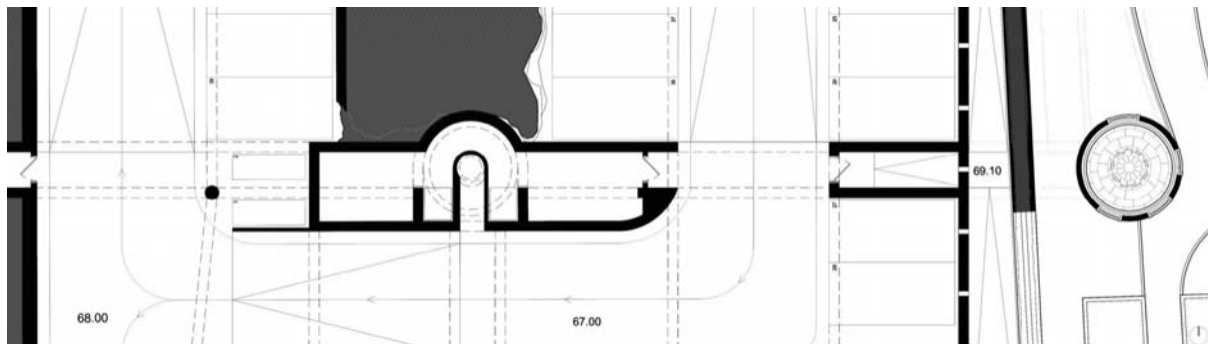


Fig. 59 – POR. 1 - Planta de estacionamento e túnel: Traçado sobre a suposição.

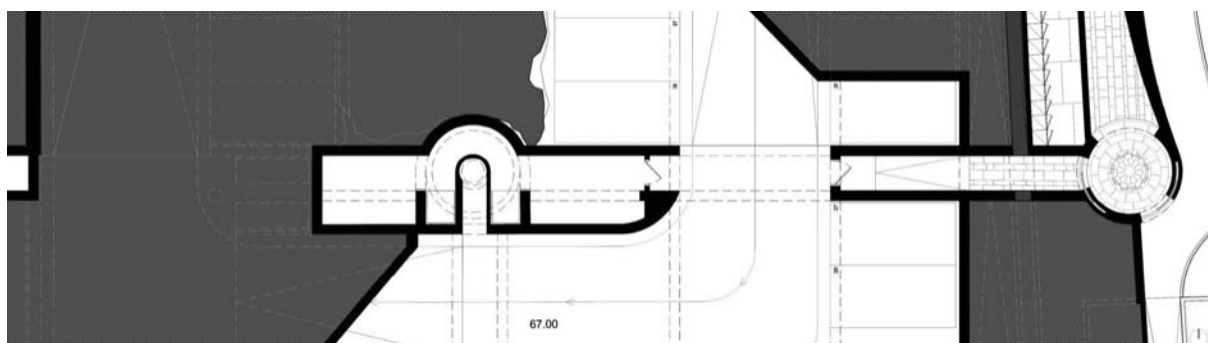


Fig. 60 – POR. 1 - Planta de piso térreo e túnel: Corte cota 68.50.

3.4. Muros



Fig. 61 – Muro existente na zona de intervenção, AML, s. d.

Do limite artificial, *in locus*, subentender-se-ão os elementos cuja conceção tenha origem na dialética entre o ‘objeto’ de divisão e a sua consequente evolução morfológica, incidente sobre o território natural. Lévi-Strauss mencionara a dualidade dos componentes naturais e artificiais da cidade como sendo, respetivamente, “«(...) *objecto de natureza e sujeito de cultura*(...)»⁶⁵, considerando-os essenciais como qualquer obra de arte que a ponteia e caracteriza. Deste modo, veremos de que forma o conceito de ‘limite murado’, contribuiria para a identidade do lugar.

O ‘sitio da colina’, fora desde inícios de séc. XIX, pontuado por muros (Fig. 61 a 66), cujo estudo de campo permitir-nos-ia presumir a existência de duas variantes. O primeiro tipo, em betão ou em blocos de cimento rebocados a jato, destinar-se-ia à contenção de terras vegetais com o objetivo de estabelecer limites fundiários das propriedades. Por sua vez, mais robusto e em alvenaria de pedra rebocado, os segundos deixariam entrever um sistema canalizado ao que tudo indicara destinarem-se ao suporte para as águas.



Fig. 62 – Evolução dos muros de inícios de séc. XIX: Surgimento dos primeiros limites fundiários, rios das propriedades de Duarte Fava, 1807. **Fig. 63** – Evolução dos muros de suporte: Definição dos limites fundiários, rios das propriedades de Duarte Fava, 1807. **Fig. 64** – Evolução dos muros de suporte: Acrecento tangentes aos pré-existentes, subtração e quebra, CML, PDM, 1970-83. **Fig. 65** – Evolução dos muros de suporte: Diminuição dos acrescentos e quebra, CML, Artº 91-nais, CML, 2016. **Fig. 66** – Muros no estado atual de conservação: Acrescentos finais, CML, 2016.

⁶⁵ MAGALHÃES, Manuela Raposo, ‘A *Arquitectura Paisagista – Morfologia e complexidades*’, p. 223, ll. 17-20 in LÉVI-STRAUSS, Claude, ‘*Tristes Tropismos*’, p. 23.



3.4.1. Tipo I

Com base nas cartografias históricas (Fig. 61 e 62), perceber-se-á que a origem dos murados dar-se-ia aquando da definição de lotes alusivos às habitações de frentes de rua⁶⁶, sendo a fixação das entes, no alto do vale, *leitmotiv* para a sua conceção. Colmatada consolidação no ‘estrangulamento’ do mesmo, em finais de séc. XIX⁶⁷, surgiriam novos muros – I e I.1 (Fig. 68/69 e 70/71). Tratando-se dos últimos a movimentarem as anosas terras de sementeiras, estes não se destinariam, originalmente, à formação de parcelas residenciais. Confinantes à ribeira do Rio Seco, ambos serviriam de limite entre o natural e o artificial bem como de sustento da linha de fecho, a poente. O I sofrera alterações na primeira metade do séc. XX, quando entre os anos 70 até a atualidade, a sua extremidade sul fora demolida. Quanto ao I.1 (Fig. 67 e 70/71), conforme Silva Pinto, surgido em 1911, o seu prolongamento, resultante do vazio proporcionado pela demolição da rocha, dar-se-á precedente a 1995⁶⁸.

Contudo, entre a primeira década de séc. XX e os anos 50, genericamente menos consequentes, estes tipos de paredes passariam a ser somente de limitação de lote, tangenciando-se paulatinamente às pré-existentes (Fig. 63 e 64). Ao contrário dos seus primórdios, estes não implicariam a modificação da topografia. No intervalo compreendido entre 1970 até a atualidade (Fig. 65 e 66), estes ‘alicerces’ de contiguidade, incidentes na orla oposta (quadrante II), tenderiam para a sucessiva desmaterialização, traduzindo-se em elementos prescindíveis do território.

Conforme interpretação, a cultura dita por Lévi-Strauss, destes símbolos de artificialização do limite natural, marcarão fortemente a orografia do vale e a memória⁶⁹ do bairro, sendo retidos, para o efeito.

3.4.2. Tipo II

Representados por Duarte Fava deste 1807 (Fig. 62) e enraizados desde os seus primatas, com apoio no Almoxarifado d’Ajuda, revelar-se-iam o interior de três muros, sendo – II, II.1 e II. 2 (Fig.72 a 77) – nos quais fluiriam as águas provenientes, respetivamente, da mina da CM⁷⁰, a norte do vale, da provável mina do Mirante e da Sacôta.



Fig. 67 – Origem do fragmento sul do muro I.1, E. Portugal, 1936.

⁶⁶ Referente à rua do Cruzeiro e do Guarda-Jóias.

⁶⁷ Com base em duas obras da ACML, cuja referência é: Obra: 6598. Processo: 5057-1ªREP. -PG.-1912-Folha 2. e 14563. Processo: 1006-DAG-PG.-1900-Folha 2, julga-se que a data destes arquivos aproximar-se-ão, grosso modo, do intervalo da construção do muro. Este último, parte integrante, de uma habitação unifamiliar que já tivera sido implantada em 1912 (data de construção inexistente) e que integra nos seus limites um marco histórico, referente à mina da Sacôta, já edificada em 1900. Como tal, considerar-se-á a sua construção anterior ao século XX. [Consult. 19 Julho 2017].

⁶⁸ Com base na obra de habitação, consultada na ACML, cuja referência é: Obra: 65255. Processo: 232-DMPGU-OB-1995-Folha 16.

⁶⁹ SILVA, António de Moraes, ‘Grande dicionário da língua Portuguesa, vol. III’, p.751, ll. 14-15.

⁷⁰ Onde consta uma placa cuja inscrição: C.M.L, comprova o troço da mina.



Fig. 68 – Vista panorâmica sobre o muro I, e. a., 2017.

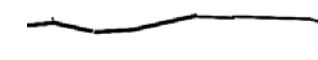


Fig. 69 – Orientação do muro I.

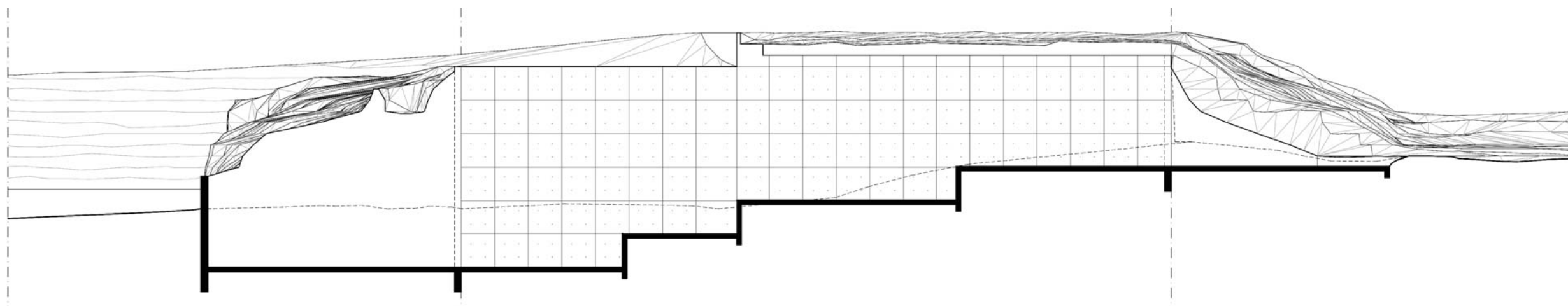


Fig. 70 – Suposição do alçado relativo ao muro I.1, e. a., 2017.

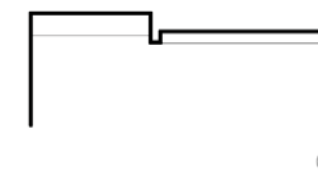


Fig. 71 – Orientação do muro I.1.

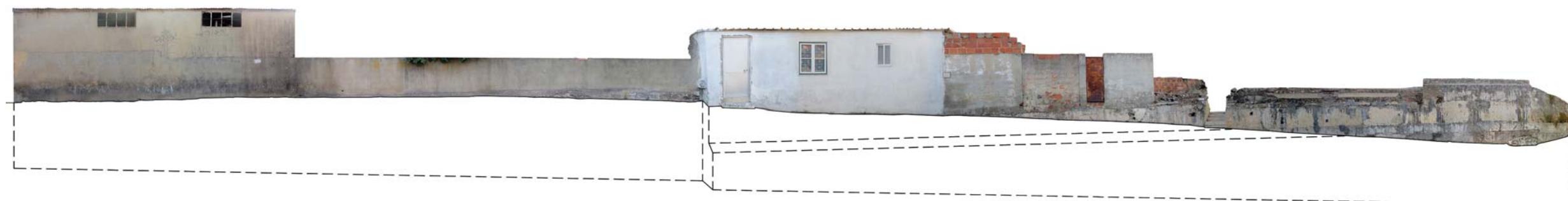


Fig. 72 – Vista panorâmica sobre o muro II, e. a., 2017.



Fig. 73 – Orientação do muro II.



Fig. 74 – Vista panorâmica sobre o muro II.1, e. a., 2017.

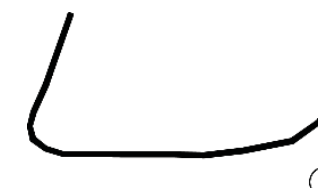


Fig. 75 – Orientação do muro II.1.



Fig. 76 – Vista panorâmica sobre o muro II.2, e. a., 2017.

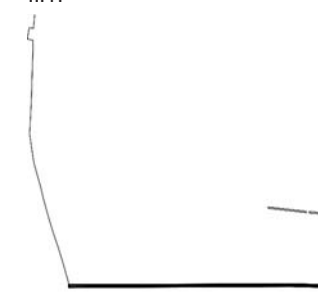


Fig. 77 – Orientação do muro II.2.

Segundo Maria Gaudência⁷¹, “a água canalizada só seria de atualidade em 1970 pelo que usávamos, até então, os chafarizes”. A residente elucidara a construção do II troço que conduziria a água até o Chafariz da Travessa do Chafariz (Fig. 72/73), onde Amélia Rodrigues⁷², confirmara abastecimento. No entanto, conforme o autor Caetano, no alto da ajuda, esta ocorrência satisfaria as necessidades da “(...)população do alto da colina(...)com águas extraídas de poços ou recolhido em pequenas cisternas(...)durante toda a Idade Média,”⁷³ considerando-se esta ação uma constante do lugar.

Fig. 78 – Chafariz da Travessa do Chafariz: Tanque a Este, s. a., 1940.



Fig. 79 – Chafariz em estado de ruína: Interior da mina, parcialmente a descoberto, e. a., 2018.

A importância que prevalece deste muro, que adossara o Chafariz e as águas, que por ele jorravam para dois tanques a Este (Fig. 78 e 79) e a Oeste (Fig. 80 e 81), era de tal modo crucial que o perigo de queda, encosta abaixo, com intuito de abastecer não seria uma adversidade. Conforme explanaria Fernanda⁷⁴, “(...)não haveria forma de passar, era muito íngreme e irregular”, no entanto, Joaquina⁷⁵ afirmara que “quando os homens regressavam do trabalho, vinham com a água proveniente desses chafarizes, aproveitando-a para regar as hortas”. Eflorescente à superfície, desde o topo do vale, com remate na Travessa do seu topónimo, este vetor fora decisivo para o povo (I quadrante) e para o sustento e limite da ribeira do Rio seco.

Fig. 80 – Gravura nº24 do Chafariz da Ajuda: Vista sobre o tanque de encosto a Oeste, s. a., s.d.



Fig. 81 – Vista sobre a fachada e o tanque a Oeste do muro II, s. a., 1940.

Assim, com a tentativa de preservar a memória do lugar, este muro II será, para o projeto urbano, estruturador do espaço público,

⁷¹ A propósito de conversas informais com os habitantes do bairro do Rio Seco: Residente Investigadora em biologia, s.d.; Número de polícia: 4 da Travessa da Ajuda [Conv. 8 fév. 2017].

⁷² REIS, Nuno... [et al.], ‘Casalinho da Ajuda...da ruralidade à multiculturalidade’, p. 37, ll. 27-29. Testemunho popular de residente com 83 anos (em 2010).

⁷³ CAETANO, Joaquim Oliveira, ‘D. João V e o abastecimento de Água Lisboa’, p. 9, ll.

⁷⁴ A propósito de conversas informais com os habitantes do bairro do Rio Seco – Residente Fernanda Feliciano de 83 anos (em 2017); Número de polícia: 4. [Conv. 9 fév. 2017].

⁷⁵ A propósito de conversas informais com os habitantes do bairro do Rio Seco: Residente há 48 anos, Fernanda Oliveira de 80 anos (em 2017); Número de polícia: 4. [Conv. 9 fév. 2017].

instituindo-se a utilidade inicial do Chafariz da Travessa. Os dois tanques, de encosto serão, respetivamente, preservados e restituídos, segundo o traçado inicial (Fig. 82 e 83).

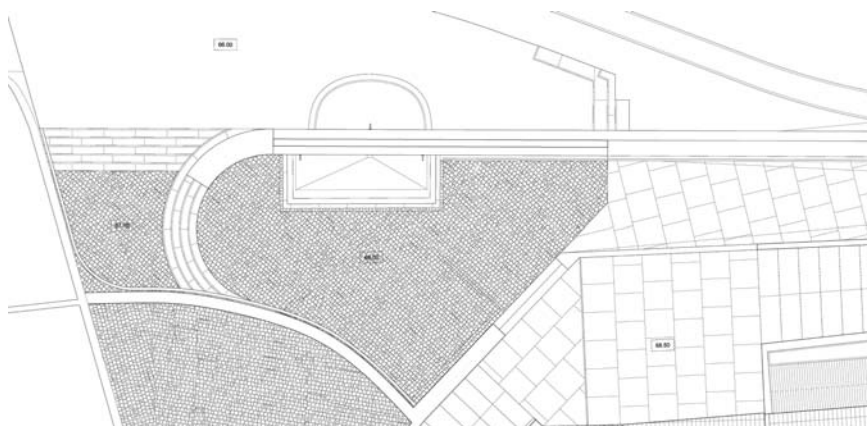


Fig. 83 – Muro Chafariz da Travessa do Chafariz: Restituição dos dois tanques 'de encosto'.



Fig. 82 – Tanque Este e Oeste do Chafariz da Travessa do Chafariz: Corte transversal.

Seu semblante, o muro da APIA⁷⁶(Il.1), não sofrera alterações desde 1834, todavia, vinte e sete anos precedentes, fora visível a adição e a subtração das extremidades (Fig. 62 a 64).

Aparentemente irrelevante, a existência de uma 'mácula' a Este (Fig. 84), viria a ser referida por diversos residentes. Curiosamente e a seu propósito, a investigadora⁷⁷ referia:

- *"O marco no pavimento era uma mina".*

Mais abaixo, na porta 19, de encontro a Gaudência, Maria⁷⁸ referia a existência de um *"chafariz que ficava à frente da vizinha do lado"*. Esta afirmação seria referente ao muro em questão, já que Rodrigues⁷⁹ enunciara a presença, outrora, de *"(...)um chafariz encostado à cresce"*, de igual modo, reconhecido por Ema⁸⁰. Curiosamente, constatou-se na cartografia de 1970-83, a presença de um tanque, recostado ao muro, coincidente com a mácula, existente na atualidade (Fig. 85).



Fig. 84 – Zona da mácula referenciada pelos habitantes, e. a., 2017.

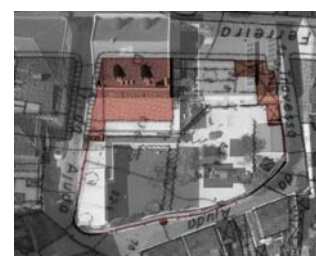


Fig. 85 – Tanque da Travessa da Ajuda, e. a., 2018.

Esta sobreposição permitir-nos-ia comprovar veracidade das reminiscências e assim considerar, o suporte, como encanado de manilhas com o propósito de prover o Chafariz, hipoteticamente rudimentar (Fig. 86 e 87). Por consequência, o traçado deste 'muro das águas', será assim preservado aquando do plano urbano.

⁷⁶ Na atualidade.

⁷⁷ A propósito de conversas informais com os habitantes do bairro do Rio Seco: Residente Investigadora em biologia, [s.d.]; Número de polícia: 4 da Travessa da Ajuda [Conv. 8 fév. 2017].

⁷⁸ A propósito de conversas informais com os habitantes do bairro do Rio Seco: Residente da Travessa da Ajuda, Maria Cruz de 43 anos (em 2017); Número de polícia: 19. [Conv. 9 fév. 2017].

⁷⁹ A propósito de conversas informais com os habitantes do bairro do Rio Seco: Residente da Travessa da Ajuda, Maria Rodrigues de 47 anos (em 2017); Número de polícia: 47. [Conv. 9 fév. 2017].

⁸⁰ A propósito de conversas informais com os habitantes do bairro do Rio Seco: Residente da Travessa da Ajuda, Ema de 83 anos (em 2018); Número de polícia em falta. [Conv. 10 Ago. 2018].

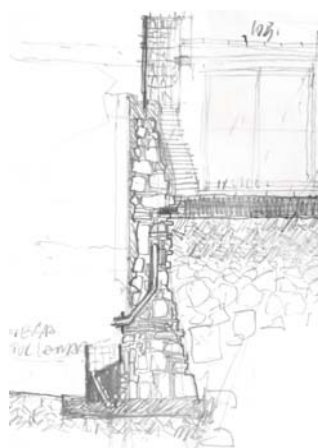


Fig. 86 – Canalização e tanque:
Corte transversal pelo muro II.1.

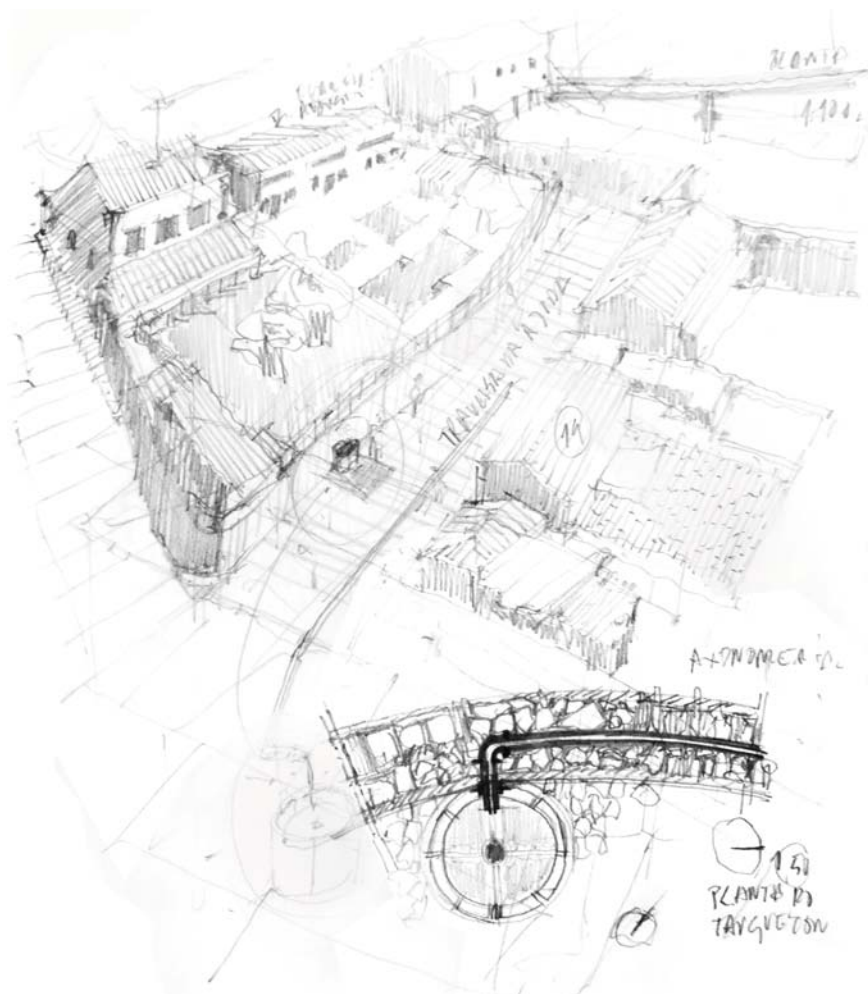


Fig. 87 – Imaginário do local do Chafariz com base nos testemunhos.

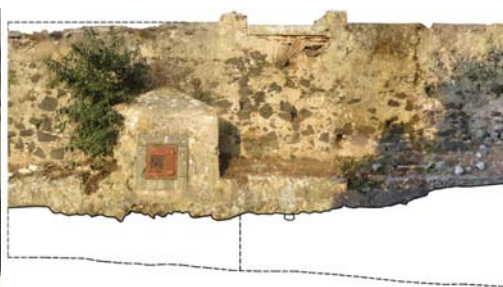
“O trabalho do arquitecto torna-se portanto um trabalho de detective, que procura restabelecer correspondências antigas e vitais, traumáticamente cortadas e mal perceptíveis.”⁸¹

Prolongando-se de encontro à Rua do Guarda-Jóias, na primeira década de séc. XIX, a divisão territorial II.1, referente à habitação vizinha à dos Seabra, permaneceria congénere até a atualidade. Vigorante à 211 anos, a sua verdadeira relevância repousaria sobre uma gravura, cuja ilustração da Bica do Rio Seco (Fig. 88), estaria certamente, correlacionada.

Fig. 88 – Gravura nº96 do
Chafariz da Bica do Rio Seco, s.
a., s. d.



Fig. 89 – Zona a extremo norte
do muro II.2: Bica do Rio Seco na
atualidade, e. a., 2017.



⁸¹ VIEIRA, Siza, ‘Imaginar a evidência’, p.99

Com base no almoxarifado, constatar-se-á, no sítio da sua implantação, a existência de canos em manilha. A incontestável similitude do sítio da Bica (Fig. 89), com a extremidade norte do muro, levar-nos-ia a viabilizá-lo enquanto suporte do respeitante encanamento. Os dois ressaltos triangulares, proeminente no topo do muro; o volume arquetípico, de menor escala, de um respiradouro⁸²(ex. Fig. 90 e 91) de aqueduto ou possível zona técnica (Fig. 92), *inclusive*, a representação de um ‘dente’, na sua base, são respetivas, as correlações patentes em ambas realidades (Fig. 88 e 89). Contudo, na sequência do mesmo, surge uma moldura cujo seu frontão seria, conforme Nunes⁸³, curiosamente análogo à de um chafariz de encosto ou conforme Luís Conceição⁸⁴ de ‘espaldar’.

Se observarmos atentamente a Fig. 88 deparar-nos-emos inesperadamente, no mesmo local e em segundo plano, com o seu perímetro mais proeminente e munido de um volume destacado, na base (Fig. 89).



Fig. 90 – Respiradouro / Clarabóias da galeria de abastecimento de água do aqueduto das águas livres na estrada de Caneças, João Goulart, 1940.

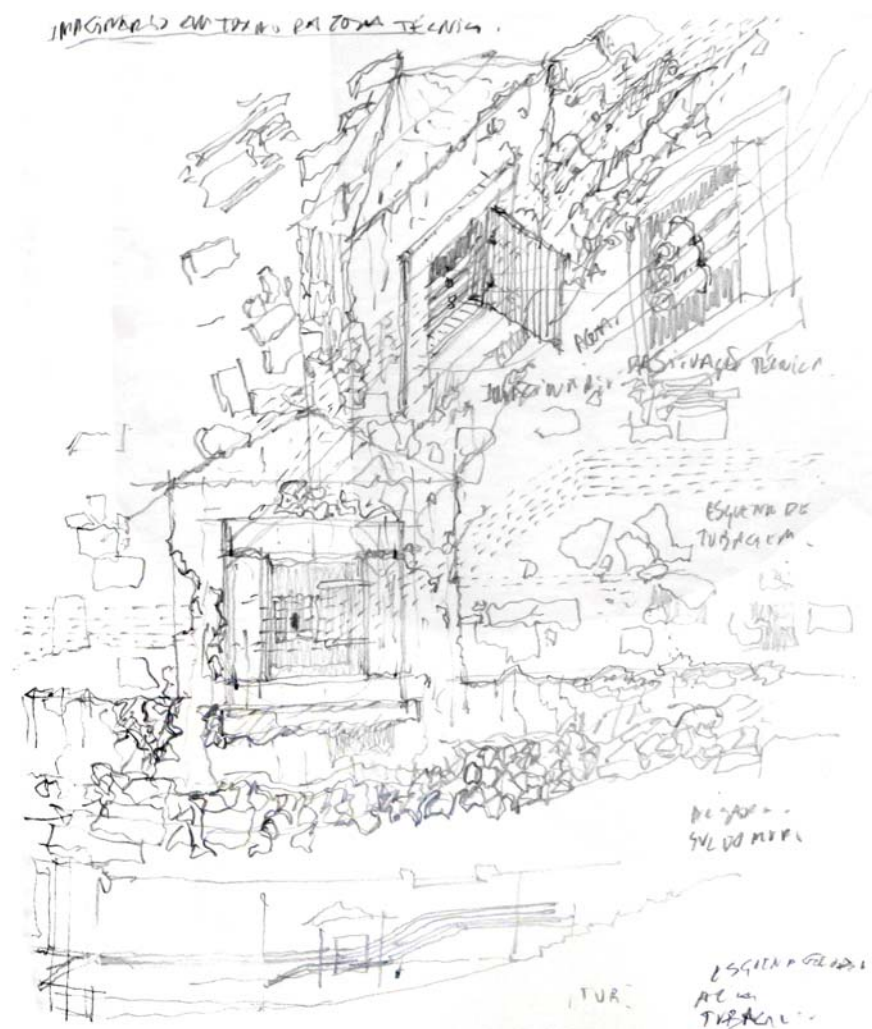


Fig. 91 – Arquétipo junto à galeria e reservatório de abastecimento de água do aqueduto das Águas Livres na estrada de Caneças, Rita Gomes, 2017.

Fig. 92 – Esquisso de pormenor do muro II.2: Zona técnica para as águas, e. a., 2017.

⁸² Assumem função de ventilação das Caleiras de um aqueduto.

⁸³ NUNES, Isabel, 'Um estudo sobre os chafarizes de Lisboa – de 1886 A 1913, uma etapa no abastecimento de água a Lisboa' in 'Lisboa Revista Municipal', p. 31

⁸⁴ PRATA, Cristina, 'Arquitectura da água: Fontes, Chafarizes e tanques: para o inventário do património histórico edificado do concelho de Palmela, +museu: separata do boletim do Museu Municipal de Palmela nº8', p. 4, ll. 1-5.



Fig. 93 – Tipo de encosto ou espaldar: Gravura do Chafariz da Junqueira ou da Cordoaria nº25, s. a., 1821-1828.

Obstante a omissão, segundo a ACML, o título dado à imagem preceder-se-ia por “Chafariz(...)”⁸⁵. De acordo com Augusto Silva, os antigos bebedouros públicos de Lisboa estariam “(...)encostados a muros de prédios ou de quintas(...)”⁸⁶ ladeando a via pública⁸⁷, (ex: Chafariz da Junqueira (Fig. 93⁸⁸)) tendo sido o emprego de uma ou mais bicas, necessário para sua definição. Como tal, imaginar-se-ia, com maior clarividência, a circulação de água, desde o interior do muro até uma segunda e/ou terceira carranca (Fig. 94), situada por entre os resquícios da moldura (Fig. 95), onde os sobejos verteriam para um tanque ou uma pia, possivelmente retangular ou semicircular⁸⁹ (Fig. 96 e 97).

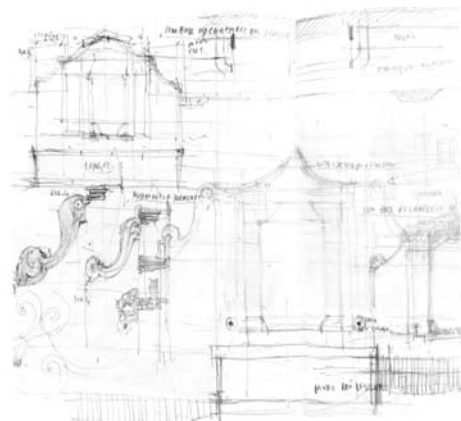


Fig. 94 – Imaginário do pressuposto Chafariz: Composição da moldura com duas carrancas e um tanque, e. a., 2018.



Fig. 95 – Alçado sul: resquícios da moldura encastrada no muro II, e. a., 2018.

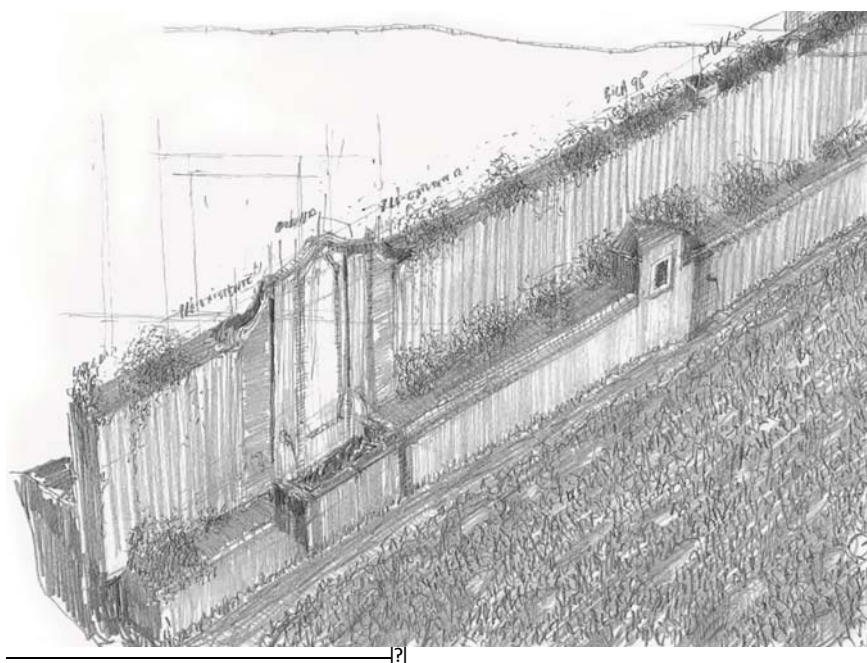


Fig. 96 – Imaginário sobre o hipotético Chafariz com base na gravura anônima.

⁸⁵ Título segundo ACML: “Chafariz da Bica do Rio Seco”, I. 1, [Consult. 11 Jul. 2018]. Disponível em WWW:<URL: <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/sala/online/ui/searchbasic.aspx?filter=AH;AI;AC;AF>>.

⁸⁶ SILVA, Augusto Vieira, ‘Dispersos, vol. III’, pg. 79, II.

⁸⁷ PRATA, Cristina, ‘Arquitectura da água: Fontes, Chafarizes e tanques: para o inventário do património histórico edificado do concelho de Palmela, +museu: separata do boletim do Museu Municipal de Palmela nº8’, p. 4, II. 1-5.

⁸⁸ I. 1-2, [Consult. 13 Jul. 2018].

Disponível em WWW:<URL: <http://www.historiadeportugal.info/chafariz-da-junqueira/>>.

⁸⁹ NUNES, Isabel, ‘Um estudo sobre os chafarizes de Lisboa – de 1886 A 1913, uma etapa no abastecimento de água a Lisboa’ in ‘Lisboa Revista Municipal’, p. 31²

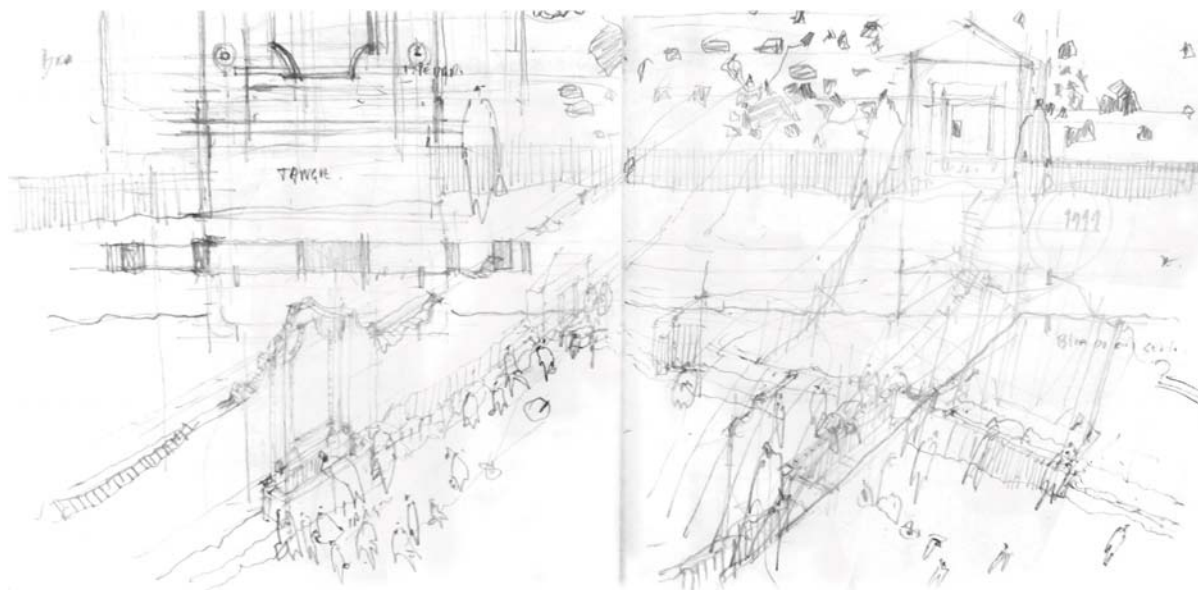


Fig. 97 – Imaginário das vivências em torno do sistema de abastecimento, e. a., 2018.

3.4.3- Kolumba, Diocesan Museum – Fachadas

“Architecture, as with all art, is fundamentally confronted with questions of human existence in space and time, it expresses and relates man's being in the world.”⁹⁰

A atitude dita de ‘Baumeister’⁹¹, transposta para os muros do *Kolumba Art Museum*, passaria pela integração das pré-existências, relativas à Igreja tardo-gótica de St. Kolumba (demolida na Segunda Guerra), com o novo, recorrendo à justaposição da substância unificando-se-lhe os fragmentos num todo⁹² (Fig. 98 e 101). Com base em Pallasmaa, a integração dos elementos resultantes da tragédia traria à população, ao invés de reminiscências indesejadas, um sentimento de conquista positiva em vista a um futuro mais espetável.

Assim, o estudo de pigmenta e dimensão, que recai sobre o tijolo⁹³ (Fig. 99 e 100), seria fundamental para a diferenciação da obra no espaço e no tempo de modo a enaltecer a memória coletiva.

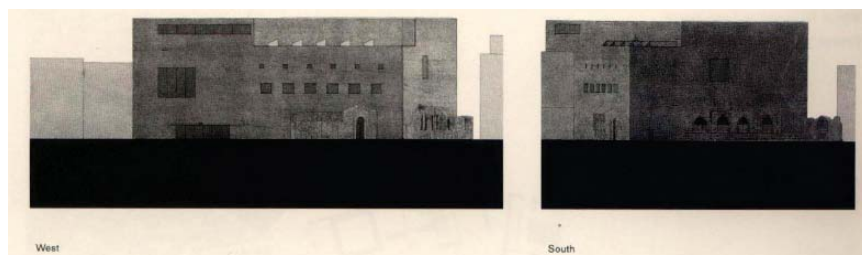


Fig. 98 – Kolumba, Diocesab Museum, Cologne, Alemanha: Alçado Oeste e Sul, Peter Zumthor, 1997.

⁹⁰ PALLASMAA, Juhani, ‘*The eyes of the skin. Architecture and the Senses*’, p. 16, Il. 28-30

⁹¹ Tradução livre do autor: Construção / O emprego do termo vai de encontro à atitude em busca da obra de arte total aliada a outro dito – ‘*Gesamtkunstwerk*’ – que pretende a clareza e heterogeneidade dos diferentes elementos integrados de modo dito – *Gestalt* – unitário.

⁹² ZUMTHOR, Peter, ‘*Peter Zumthor Works – Buildings and Projects 1979-1997*’, p. 286, Il. 1-24.

⁹³ 26- Desenvolvido pelo fabricante Dinamarquês: Petersen Tegl / cor: Bege claro / Kolumba brick (Formato romano: 528x108x37 mm).



Fig. 99 – Integração da Matéria/substância: Pormenor Alçado Este, David Giebel, 2009.



Fig. 100 – Novo e antigo: Pormenor da pigmentação bege claro da matéria sobreposta: Alçado Norte, David Giebel, 2009.

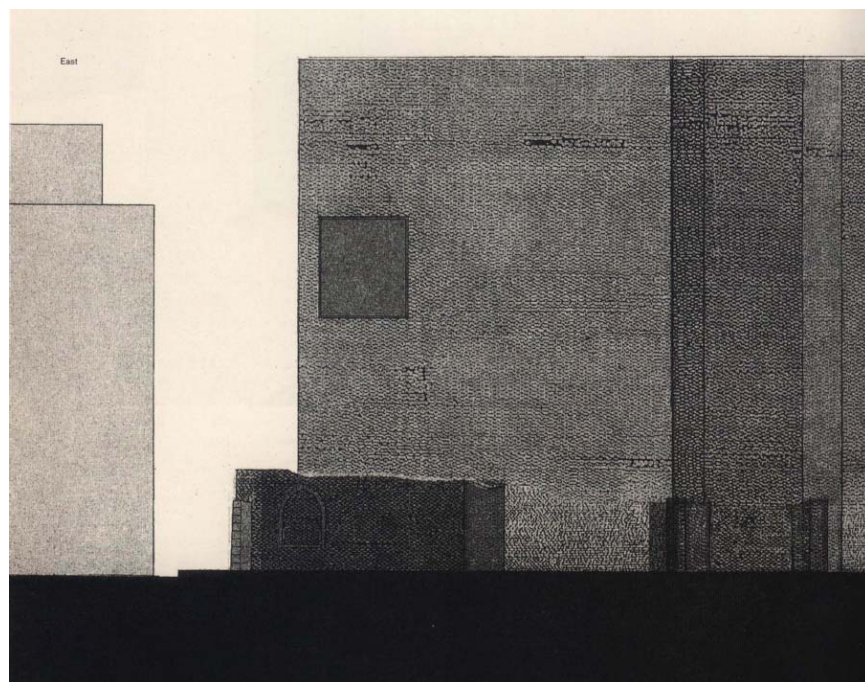


Fig. 101 – Kolumba, Diocesab Museum: Alçado Este (Alemanha, Cologne), Peter Zumthor, 1997.

3.5. Proposta de requalificação do muro II.2

Posto o imaginário resultante da análise, a estampa do Chafariz do Rio Seco careceria de um fragmento, a sul (do muro), para eventualmente considerámo-la completa. Parte integrante de um sistema de abastecimento, vital à população do bairro no reinado de D. Luís I, as ruínas deste antigo ‘transitário’ para a água, serão parcialmente rebocadas, restituindo-se os fragmentos demolidos através de uma nova matéria.

Em conformidade com a obra de Peter Zumthor, surge o tijolo tipo – Petersen Tegl, Kolumbattm, k31 – destaca e adaptando-se ao muro antigo, em alvenaria de pedra e tijolo. Por sua vez, incluir-se-á na proposta de projeto com o objetivo de preservar a identidade do lugar.

O ressalto, junto à bica do Rio Seco (Fig. 97 e 98) será demolido e substituído por uma calha à face, que por um lado, delimita a sua altimetria através de uma linha e por outro, disponibiliza espaço para a circulação pedonal.

Assim o muro II.2 corresponderá ao alçado sul de um parque de estacionamento automóvel cuja abertura de vãos permitirá o acesso, ora para o espaço exterior de contemplação sobre as águas do vale e do Tejo, ora para uma galeria semi-soterrada, de acesso ao equipamento (Fig. 102

Fig. 102 – Muro II.2 adaptado à proposta de projeto: Alçado sul e

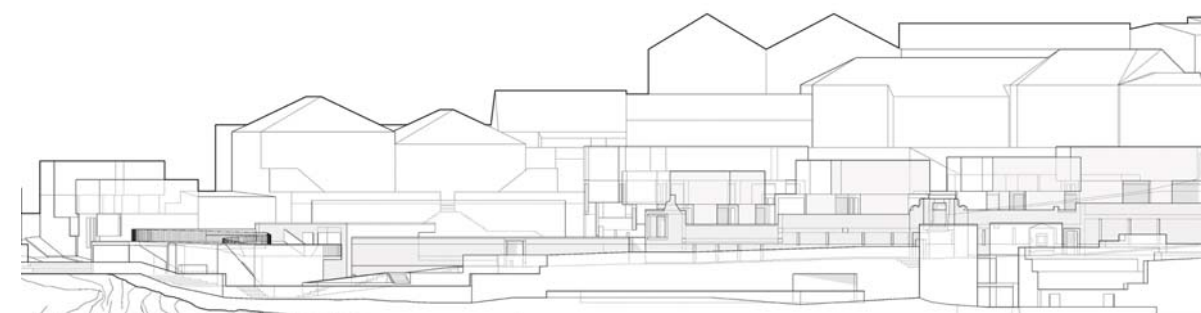
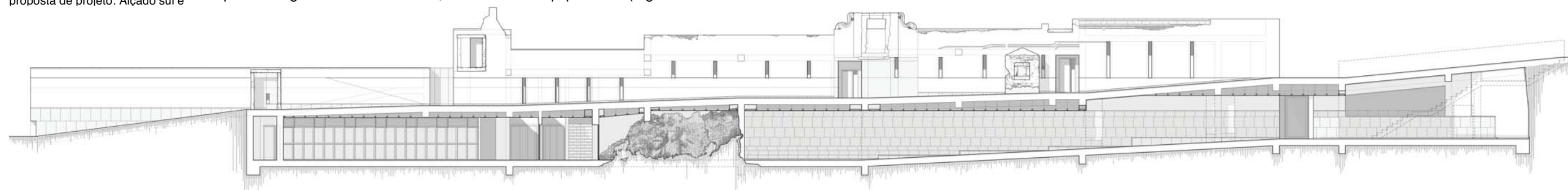


Fig. 103 – Enquadramento urbano do Muro II.2 (1:500)



II. CAPÍTULO 4 IMAGINÁRIO

“(…) a água assume-se enquanto espaço e enquanto lugar, ou melhor, a água, a sua acepção de líquido primordial que precede toda a forma, é condição essencial para a conformação do sentido do lugar.”¹

¹ CONCEIÇÃO, Luís Da, ‘A consagração da água através da arquitectura – para uma arquitectura da água’, p. 776.



Fig. 1 – Apropriação da água nos Banhos: Exemplo de um Duche, s. a., s. d.¹

¹ No contexto das termas Romanas / “(...) tipo de banhos processava-se de acordo com o testemunho documentado na pintura do vaso grego (...)”

4. Culto dos Banhos

As ‘descobertas’, *in situ*, dos vestígios pré-existentes pelo território, a macro e micro-escala, traduzem a importância da água perante a civilização. No entanto e conforme descrito, *à priori*², perceber-se-ão, das construções a elas adjacentes – muros e Chafarizes³ – que cumpririam funções essencialmente vitais, *i.é.* de abastecimento destinado à população e aos animais. No entanto, desde os primórdios, ela estará intimamente ligada a tradições de purificação e regeneração elevando-a, segundo França⁴, para além da sua função vital.

Dessarte, pretender-se-á neste capítulo, uma breve abordagem sobre a água enquanto, – símbolo universal e divinal – proveniente de crenças ancestrais, contos populares, mitos e cultos, de modo a sustentar as diversas construções que dela surgiriam, para além de ‘muros canalizados’⁵, como resposta de um imaginário e de uma nova função.

4.1. Simbologia *universal* da água

*“L’eau est la **matéria prima**, la **Prakriti**: Tout était eau, disent les textes hindous; les vastes eaux n’avaient pas de rives..., dit un texte taoïste. **Brahmânda**, l’Oeuf du monde, est couvé à la surface des Eaux. De même, le Souffle ou l’Esprit de Dieu, dans la **Genèse** couve à la surface des Eaux. L’eau est Wou-ki, disent les Chinois (...)”*⁶

Os rituais de – purificação – são para os muçulmanos ou japoneses, veículos para a prática dos ritos antigos e de aspersão. Para os tibetanos os rituais de saudações não seriam possíveis sem a existência do elemento. Todavia, no caso dos judaicos ou cristãos, ela é considerada sagrada para a história das religiões, *i.é.* hierofânica. Estas práticas, símbolo de pureza, eram consideradas *loco motiv* para uma vida espiritual. Entendida como elemento que permite imersão, é também abordada pela religião como regeneradora. O batismo, feito com a água sagrada, é um rito de imersão (Fig. 2) da cabeça, símbolo da sua ‘adesão’.



Fig. 2 – Piero Della Francesca: O Baptismo de Cristo por João Baptista nas águas do Rio Jordão, s.a., s.d.

De – regeneração – correspondiam, segundo Chevalier, ao uso dos banhos, nas tradições místicas islâmicas⁷, já que a água seria entendida como fonte vital, e por isso sinónimo de ‘nova vida’ e sensualidade⁸. Curiosamente, o tipo de misticismo, das diversas imersões, era determinado pela temperatura das águas de cada tanque. Assim na Idade Média, distinguiram-se apenas como banhos – quentes e frios.

² Ver alínea 3.2.3 e 3.4.

³ No sítio de intervenção.

⁴ DORIA, Miguel de França, ‘O culto da água, a água como culto’, p. 38.

⁵ Remete para a alínea acima.

⁶ CHEVALIER, Jean, ‘*Dictionnaire des symboles*’, p. 303.

⁷ *Id.*, *Ibid.*, p. 306.

⁸ Por influência da temperatura.

A distinção de quatro tipos de Banhos, por Clément D’Alexandrie, indicados para - “(...) o prazer, para se aquecer, para a higiene, ou para motivos de saúde”⁹ - já enunciavam os usos de diferentes temperaturas, pelo que, os dois primeiros eram esquentados ao contrário dos restantes. Sendo apenas o último, de acordo com os islâmicos, considerado digno para o homem.



Fig. 3 – *Shintô misogi*: O banho frio na cultura japonesa ato psíquico e o espiritual, James Arendt, 2018.

O banho frio destaca-se na cultura japonesa um ato psicológico e espiritual tendo em vista a prática da religião nacional *Shintô misogi* (Fig. 3). Já para os gregos, era apontado como ato religioso de purificação da noiva, *à posteriori*, do seu casamento. Teria de tomar um banho, numa água gélida, cuja origem viria de uma fonte especial.

Assim, a versatilidade, no emprego da água e da sua simbologia, é paralela aos povos, tendo sido expresso somente alguns exemplos de pensamento simbólico em torno da ‘água vital’. A crença na sua eficácia curativa, era tão elevada que se transforma noutra de índole religiosa.

4.2. Termalismo

Com base nos escritos de Mangorrinha¹⁰, as primeiras apropriações de nascentes, deram-se no período Lusitano-Romano, pretexto para a fixação das civilizações, no território. O uso crescente e o aumento do culto dos *banhos públicos* para gregos e romanos, e dos *hammams*, para os árabes, foram considerados expoentes lúdicos, sendo os efeitos terapêuticos, de encontro a Hale White, significativos desde as primitivas tribos selvagens. Estes, no sentido lato, desempenhavam funções muito limitadas e específicas. À finalidade do prazer, juntavam-se práticas de tabernas, bordéis e casa de jogo sendo a organização espacial, desenvolvida por um percurso ou ‘*promenade architecturale*’¹¹ que se acreditava benéfico para a saúde¹².

4.2.1. Banhos e movimentação

O ritual do percurso, consistia na passagem do banho morno para o de vapor finalizando-se no banho de água fria⁶.

O banho turco, por sua vez, é situado “(...) na primeira sala, numa sala grande, com coxins e cadeiras em toda a volta, e usualmente uma fonte com água a correr no centro”¹³. É neste primeiro espaço, totalmente revestido a mármore, onde se despem os banhistas, à semelhança do balneário contemporâneo, e onde recolhem as toalhas. A sala que se prossegue, na pluralidade dos casos, tem a mesma estrutura, onde a

⁹ Ibid., p. 83. / Tradução livre do autor: “(...) pour le plaisir, pour se réchauffer, pour la propreté, ou pour raison e santé.”

¹⁰ MANGORRINHA, Jorge, *O Lugar das Termas*.

¹¹ Termo desenvolvido por Le Corbusier.

¹² WHITE, Hale, ‘Banhos’, p. 7. / Nota: Advém deste percurso, segundo o autor, a causa para a cura da doença de Santo Augusto.

¹³ Ibid., p. 52.

temperatura é mais elevada que a antecedente. A estada, neste espaço, é mais fugaz. Prossegue-se o deambulamento, para o espaço de massagens corporais onde se segue, adjacente à sala de lavagem, cuja escolha do banho, de dois tipos – imersão ou duche frio – é livre. O banhista não permaneceria neste espaço, supondo-se que a tipologia arquitetónica será distinta de outros esquentados tendo em vista o seu uso efêmero. É nesta fase da trajetória que volta para a primeira sala, de vestir, onde se culmina o percurso.

De encontro à morfologia (Fig. 4), podemos classificar estes tipos de banho como gerais (*geraes*) – quando o corpo encontra-se imergido e – local (*locaes*) – para aqueles cujo o corpo não fica completamente imerso. Estes últimos denominados: “(...)occipital, o do cotovello, o da mão, o do calcanhar e o banho do pé”¹⁴, aplicado ao corpo em modo de aspersão ou duches.

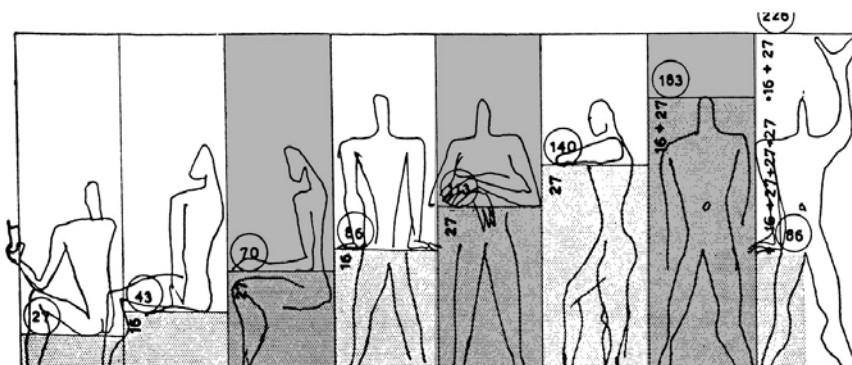


Fig. 4 – Modulor como exemplo de sistema de proporções para a profundidade dos Tanques: As duas à esquerda, relativas à morfologia: Local (*Locaes*) 0,70 e 1,13 m; à direita, relativa à morfologia – Geral (*geraes*) 1,83 m, Le Corbusier, 1950.

Segundo Helena Pinto, o século 19 a.C., marca uma época de transição do pensamento higienista. Os banhos, da Idade Média, viriam a ser considerados como insalubres e por esse motivo “«*Nul bain pendant mille ans*»”¹⁵, presumindo que a estância da cidade de Mohenjo-Daro (Fig. 5, 6 e 7), um dos vestígios mais antigos, datados de 2000 a.C., fora mandada encerrar por essa causa. No entanto, em resposta a esta problemática e com vista no uso crescente dos banhos públicos da Antiga Roma, outros são criados com infraestruturas que viriam a resolver, o infortúnio.



Fig. 5 – Fotografia aérea do monte da cidade de Mohenjo-Daro, Michael Jansen, s.d.

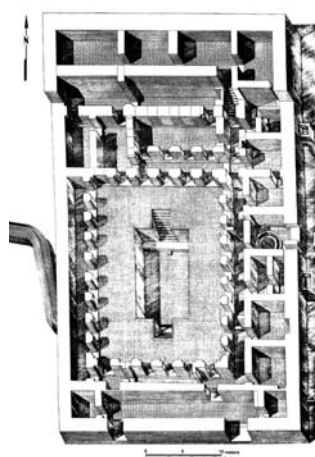


Fig. 6 – Implantação dos banhos público: *The Great Bath*, de Mohenjodaro, Michael Jansen, s.d.

Fig. 7 – Planta axonométrica dos banhos públicos: *The Great Bath*, de Mohenjodaro – Planta axonométrica, Iravatham Mahadevan, 1931.

¹⁴ Id., Ibid., p. 9.

¹⁵ SOUTO, Meyrelles Do, ‘Estudos medievais – Os banhos’ in ‘Separata da Revista Ocidente – Volume LXXVIII’, p. 194.

O gosto pelo seu desenho refinado, levou à construção de inúmeros balneários (*balnea*), *edifícios apropriados para a cura* e termas (*thermae*), *espaço próprio para banhos*, cujo significado do radical etimológico - “calor” - viria a marcar o aperfeiçoamento da hidrotermia e dos seus espaços¹⁶, aquecidos natural e artificialmente. A evolução programática e morfológica, serão respetivamente, marcadas pelo crescimento da própria atividades e pela escala, essa de maior dimensão adquirindo sistemas de captação inteligente cujos esgotos e as águas já lhe eram adossados.

Este pensamento arquitetónico tornar-se-á, agregado à evolução da visão católica, para com os banhos e as suas imoralidades, um *ex-libris* na relação do homem com o culto banho. Santo Agrelo de Nápoles, por exemplo, passa a obrigar os padres e os cônegos a se renderem ao hábito no exercício do banho. Percebe-se, segundo os escritos de Souto, que a regularização dos balneários fora estabelecendo-se nos mosteiros, símbolo do prático recorrente do seu uso.

4.2.2. Ritual do passeio

Nos banhos romanos, o lado lúdico-terapêutico não seria verdadeiramente profícuo se não fosse acompanhado de exercício físico. Tendo em vista o crescente aumento na escala do equipamento, a introdução de piscinas, *i.é.*, de banhos de maior dimensão, lúdico-terapêutico e desportivos, assim como outras fases de aplicação hidroterapêutica, tais como - a estufa húmida e seca, banhos de lama e outras de ingestão – agregou-se, contrária à noção de repouso, a ideia de movimento, percurso e de passeio permanece, mudando-se-lhe a forma da sua distribuição.

Assim no séc. XIX, surgem nos balneários, galerias interiores ou exteriores destinadas, segundo a historiadora Pinto¹⁷, ao passeio em torno da água. Não só pelo facto de existirem banhos e piscinas, que a organizavam, mas também pelo surgimento, no séc. XVIII, das *buvettes*¹⁸, *interiores ou exteriores*, que ponteiavam o percurso e que lhe dão esse nome. Segundo Mangorrinha¹⁹, este iniciar-se-ia no vestíbulo (*apodyterium*) e passaria agora pelo banho de maior dimensão dito – *spheristerium* – *destinado ao exercício. Culminaria como visto, à priori, onde se inicia.*

¹⁶ Vestígios ainda estão presentes pelo território da Lusitânia.

¹⁷ PINTO, Helena Gonçalves, MANGORRINHA, Jorge, ‘*O Desenho das Termas – História da Arquitectura Termal Portuguesa*’, p. 19.

¹⁸ “*Buvette* s. f. *Dans les stations thermals, endroit où l'on va boire de l'eaux*”.

¹⁹ 14-(bibliografia às termas- the spa photo álbum- coleção do centro portugues) pg. 173. “(...) dirigia-se para o *apodyterium*, onde se despia; entrava no *unctorium*, afim de ser untado com óleo perfumado; fazia exercícios no *spheristerium*; seguia para o *laconicum*, estufa de ar quente; depois, coberto de suor, lançava-se no *caldarium*, ampla banheira, cuja água era bastante quente; passava ao *tepidarium*, com água de temperatura inferior àquela; antes e depois deste era friccionado no *dstrictarium*, e, depois de enxuto e perfumado, seguia para o *apodyterium*, onde se vestia.”

O átrio de entrada, junto aos balneários ganhou escala e importância estando nele projetado o vestíbulo da recepção, onde se reúnem os banhistas para iniciar a *promenade*. A luz, direta ou zenital, propõe ao utente, espaços de recolha ou contemplação até aos balneários, divididos por sua vez em duas frações destinadas ao homem (*androniceum*) e à mulher (*gineceum*)²⁰. A partir dos vestíbulos, que o acompanha ao longo da galeria surge “(...)A piscina é quase sempre, o elemento principal à volta do qual se instalam as galerias de banho (...)”²¹, e se rege toda a organização.

O ritual do banho árabe, inicia-se, como na Europa, pelo culto da religião. No mundo Islâmico, como símbolo de respeito a Maomé, mandava a lavagem diária do corpo, antes das práticas religiosas²². Com vista o crescente aumento dos ritos, construiu-se, como uma “«antecâmara da mesquita »”²³ otomana e bizantinas (séc. XIII), o – *Hammam* – espécie de banhos públicos de acesso livre.



Fig. 8 – A cúpula perfurada, Rudas Bath, Budapest, s.d., s.a.

Fig. 9 – Atmosfera de ‘opacidade’, Király Bath house, s.d., s.a.

A defeito da sua existência, a temperatura da água era aquecida através de recursos tais como: “(...) serradura, a madeira e o estrume seco (...)”²⁶, condição necessária para o vapor característico. Localizavam-se à proximidade com uma fonte natural. sendo de igual modo a proximidade de uma fonte natural.

Outra idiosincrasia do *Hammam*, remete para a cúpula ‘perfurada’ (Fig. 8) como é evidente, no *Hammam* de Rudac, em Budapeste. A luz penetra no espaço, de modo controlado, não influenciando na atmosfera de ‘opacidade’ (Fig. 9), produzida pelo vapor, como que uma presença ‘cavernosa’. O percurso, no interior desta tipologia de banho, culmina na ablução e na passagem com a ingestão de chá.²⁴

“ (...) atravessar um rio sem primeiro o contemplar religiosamente, dirigindo-lhe orações e purificando as más na águas.”²⁵

²⁰ PINTO, Helena Gonçalves, ‘The spas photo album: na colecção do Centre Português de Fotografia’, p. 173.

²² Ainda de atualidade.

²³ DORIA, Miguel de França, *op. cit.*, p. 54.

²⁴ Às abluções, do latim, *abluvo*, dar-se-á signífico de *lavado*, cuja ação era pontuada por rituais de purificação da alma e do corpo, através da *água sagrada* e da celebração ligada ao culto.

²⁵ DORIA, Miguel de França, *op. cit.*, p. 56, ll. 10-11, *cit. In* J. Leite de Vasconcelos, ‘Religiões, v.2’, p. 227.

Também em Portugal, acreditar-se-ia, no milagre pois subsistia os ditos «*banhos santos*», que segundo Luís Conceição, eram inúmeras as águas termais associadas “à Senhora, segundo a linguagem dos panegiristas, *é uma piscina de saúde*.”

4.3. Termas Romanas de Lisboa



Fig. 10 – Fachada do prédio dos Almada: Lápide romana, s.a., s.d.

Entre prováveis construções ligadas ao santuário de Esculápio²⁶, entre inscrições e presumíveis conexões subterrâneas, do território de Lisboa, continuariam a irromper-se suposições ou pré-existências obductas ligadas à água.

De duas casinhotas, uma. O cabouco resultante das obras de ampliação de umas residências (Fig. 10), junto à R. da Prata, teriam por desfecho a descoberta²⁷ de diversas colunas e uma pedra, onde constavam as seguintes descrições:

“MATRI DE
VM MAG. ID Æ
A FRHYG. T. L.
LYCH CERNO
P. H. R. PERN. IIVI
CASS. ET CASS. STA
M. AT. ET AP. COSS. GAI.”²⁸

Segundo a camara municipal, esta corresponderia à primeira fase das descobertas das Termas Romanas dedicadas a esculápio²⁹ (Fig.12 e 13), diziam tratar-se somente de uma prolongação das *Thermae de Cássiorum* (Fig. 11). No entanto, o segundo o resquício público³⁰, ligado ao túnel da Rua da Conceição (Fig. 14), dar-lhe-ia a classificação de ‘*thermae*’. Junto à galeria estariam tanques retangulares “(...) colocados em locais recônditos (...) descritos como *tinas para banhos* (...)”³¹, ao longo de uma rede de múltiplas galerias sustentadas por contraforte, sob a R. da Prata e dos Retroseiros. Neste conjunto seria visível, um Alvéo ou Tanque retangular para banhos e outro tanque dito Galeria de esgoto, acompanhado por uma claraboia.

Pelo desenho de D. Tomás de Caetano (Fig. 11) deixou-se imaginar, nas primeiras de Cássios, um *caldarium de forma cilíndrica*, situado na R. das Pedras Negras.

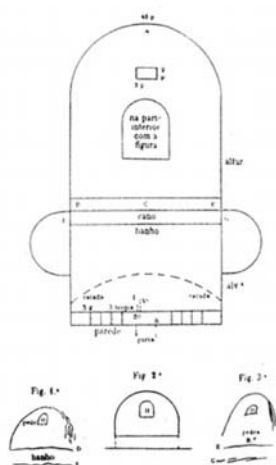


Fig. 11 – ‘Termas dos Cássios’: Desenho do troço das termas de Cassios, situado na R. das Pedras Negras e levantada por D.Tomás Caetano de bem, 1771.

²⁶ Id., *ibid.*, p. 46. / Miguel Doria julga que as *Thermae Cassiorum* da Pedras Negras, estejam ligadas às termas da R. da Prata pelos vestígios de três inscrições ligadas ao Deus Romano da Saúde: uma, junto à R. da Prata e as outras a *Cassiorum*.

²⁷ (rua das pedras negras) pg. 32, l. 13. / Foram compradas em 1749 por João de Almada. Foram encontradas várias pedras, colunas partidas e fragmentos de capiteis. Pensava-se que, soterrada, estaria uma grande fábrica Romana.

²⁸ A expressão que nos interessa vai de encontro a Miguel Doria, mostrando a referência de uma sexta parte: “*mui nobres duonviros Cassion e Cassiano*”, remetendo para a provável consagração. Tendo sido esta construção inicial de séc. I. a sua lápide, foi expressa na fachada (Fig. 10).

²⁹ Localizadas na Rua da Prata

³⁰ Surge por motivos de manutenção aquando da abertura dos coletores.

³¹ MOITA, Irisalva, ‘*As Termas Romanas da Rua da Prata*’, p. 9.

?

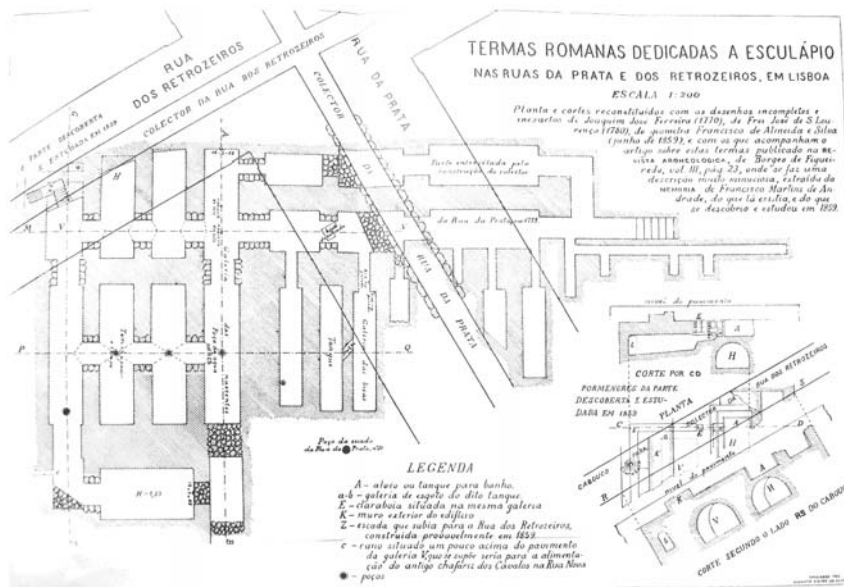


Fig. 12 – Termas Romanas dedicadas a Esculápio: planta e posicionamento em relação à R. da Prata, Augusto da Silva, 1936.

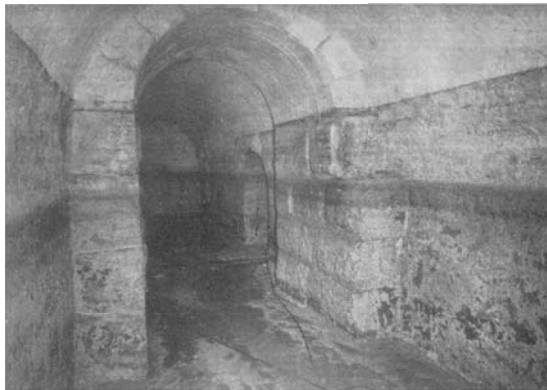


Fig. 13 – Termas Romanas dedicadas a 'Esculápio': Cortes verticais atualmente visíveis na atualidade, Augusto da Silva, 1936.

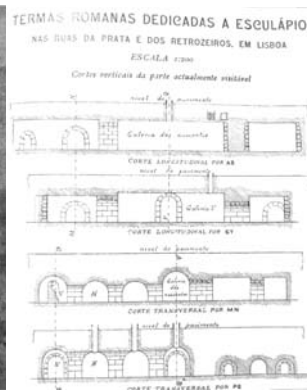


Fig. 14 – Túnel da Rua da Conceição: Parte das Termas descobertas, s.a., s.d.

?

4.3.1. Banhos de Alfama

Do árabe *Al-hammâ*³², significa “fonte de água quente”, as águas termais, presentes nas cercanias do território de Alfama eram desde o período árabe, atingiram notoriedade (séc. XVIII), “popularizando-se o grupo termal de Alfama (ou das Alcaçarias). No séc. XIX o Arsenal da Marinha deu origem ao “estabelecimento Hidroterápico de Alcaçaria do Duque e aos Banhos de São Paulo.”³³

Estas águas minero-medicinais, teriam sido reaproveitadas para alimentar o sistema hidráulico de quatro “Balneários público”.³⁴, já que, “(...) todas as casas das Frangas da Farinha tinham poços para abastecimento próprio, distinguindo, por serem de utilidade pública, um poço pegado aos Tanoeiros, outro situado junto do arco do Palácio dos Cortes Reais(...)”.³⁵

Os banhos mais rudimentares chamados Alcaçarias, como é o caso das Alcaçarias do Duque, composto por dois tanques.

?

³² Origem etimológico da palavra Alfama

³³ Localidade: “Rua do Terreiro do Trigo, nº 52 a 60. *Encontrando-se os reservatórios destes banhos De frente dos Banhos de D. Clara* (Andrade, 1933)”

³⁴ Mantiveram-se ativos durante algumas décadas.

³⁵ CAETANO, Joaquim Oliveira, ‘D. João V e o abastecimento de Água Lisboa’, p. 13.

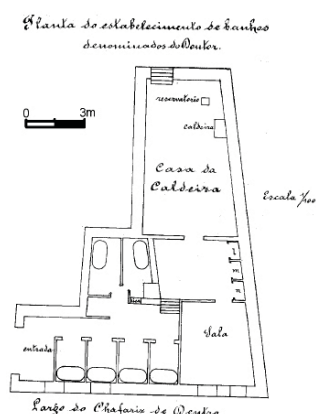


Fig. 15 – Planta dos “banhos público”: Banhos do Doutor, Cristina Ramalho, s. d.

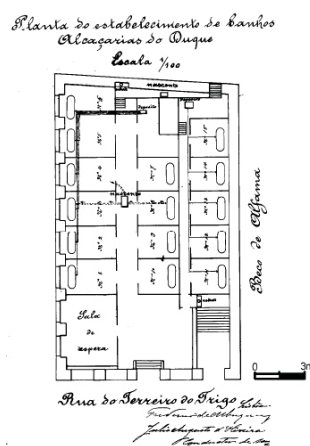


Fig. 16 – Planta do “Banho público”: Alcaçarias do Duque, Cristina Ramalho, s. d.



Fig. 17 – Planta do “Banho público”: Alcaçarias de D. Clara, Cristina Ramalho, s. d.

As temperaturas quentes e sulfúreas no caso específico deste banho, – 30°C e 34°C – fazia dele um lugar ideal para o seu usufruto. Outras, como é o caso do lavadouro público presente nas Alcaçarias da Freguesia de S. Pedro, limitar-se-iam a limpeza das vestes: “*serviam às mulheres de serviços para ensaboarem a roupa, por escusarem aquestar a água, a qual se se bebesse, parecia que faria algum bom efeito*”³⁶.

“Tanque das lavadeiras é um vasto recinto formado por casas de habitação e por um muro feito pelo lado da rua.”³⁷

Mais tarde, a renovação³⁸ de todas as Alcaçarias, transforma-las exclusivamente em banhos, tornando-se Alfama num ‘estabelecimento *hydrotherapeuticos*’³⁹ e abandonando a prática da lavagem das vestes, nomeadamente o caso dos Banhos do Doutor (Fig. 15)⁴⁰. Estes eram consideradas as termas mais pequenas de Alfama, divididas em cinco quartos. Contrariamente, os de maior dimensão correspondiam às Alcaçarias do Duque (Fig. 16), com quinze quartos e com nove o das D. Clara (Fig. 17)³². De planta simples e muito fragmentada, os banhos eram geralmente compostos por: Sala de espera, uma zona de caldeira, e pequenos compartimentos de banho interligados por um corredor de distribuição.

4.4. Nota conclusiva

Os vestígios em torno da ‘arquitetura da água’ pontuaram todo o território, como uma estratificação de épocas, cujo recurso à água, enquanto substância espiritual ou matéria termal (em torno do qual a cultura, a higiene e o lazer), é tangível a todas as civilizações.

Serve de exemplo para o âmbito de projeto, as termas romanas cuja introdução da noção de desporto foi visível na estrutura do edificado. De pequenos tanques, para uma piscina desportiva (de grande escala), domina o espaço e rege a movimentação interna através de um percurso permeável a espaços mais íntimos (de menor escala). A água é assim um ponto central nos equipamentos deste tipo e no fundo para a definição do – Programa.

Por outro lado, a iluminação ‘pontual’ da cúpula no interior do *Hammam*, assim no fim de um túnel uma claraboia existente nas termas Romanas portuguesas serão ponto de partida para a – ‘Atmosfera’.

Por último, ter-se-á em conta a importância dada ao ‘tosco ou rude’. Mais precisamente, à constatação da valorização de simples e

³⁶ RAMALHO, Elsa Cristina, LOURENÇO, Maria Carla, ‘As águas de alfama – memória do passado da cidade de Lisboa’, p.3.

³⁷ Id., *ibid.*, p.5.

³⁸ Segunda metade do séc. XVIII.

³⁹ Estas alterações formam, *inclusive*, fortemente marcadas pelo terramoto de 1775, que naturalmente levou a pensar nestas novas infraestruturas básicas da renovação destes equipamentos.

⁴⁰ *Localidade*: “Largo do Chafariz de Dentro, nº 19e 20, loja de bebidas. Com poço (Andrade, 1933). Esta água ainda corre na Bica do Grupo Sportivo Adicense.

rudimentares ‘arquitetura da água’ tais como – Anexos (Mesquita) ou tanques (Alçaçarias) – transformados em Hammam ou Banhos público.

Assim surge o imaginário para a evolução ‘hipotética’ do pré-existente, dos vestígios, da água (escala).

III PARTE

III. CAPÍTULO 5

PROCESSO CONCEPTUAL

“(...) encontrar nuevos significados a partir de unos constructos formales –, sería necesario un primer paso, pues a presencia de unas relaciones físicas reales em arquitectura proporcionaría um medio a través del cual las relaciones abstractas podrían concebirse independientemente de dichas relaciones reales.”¹

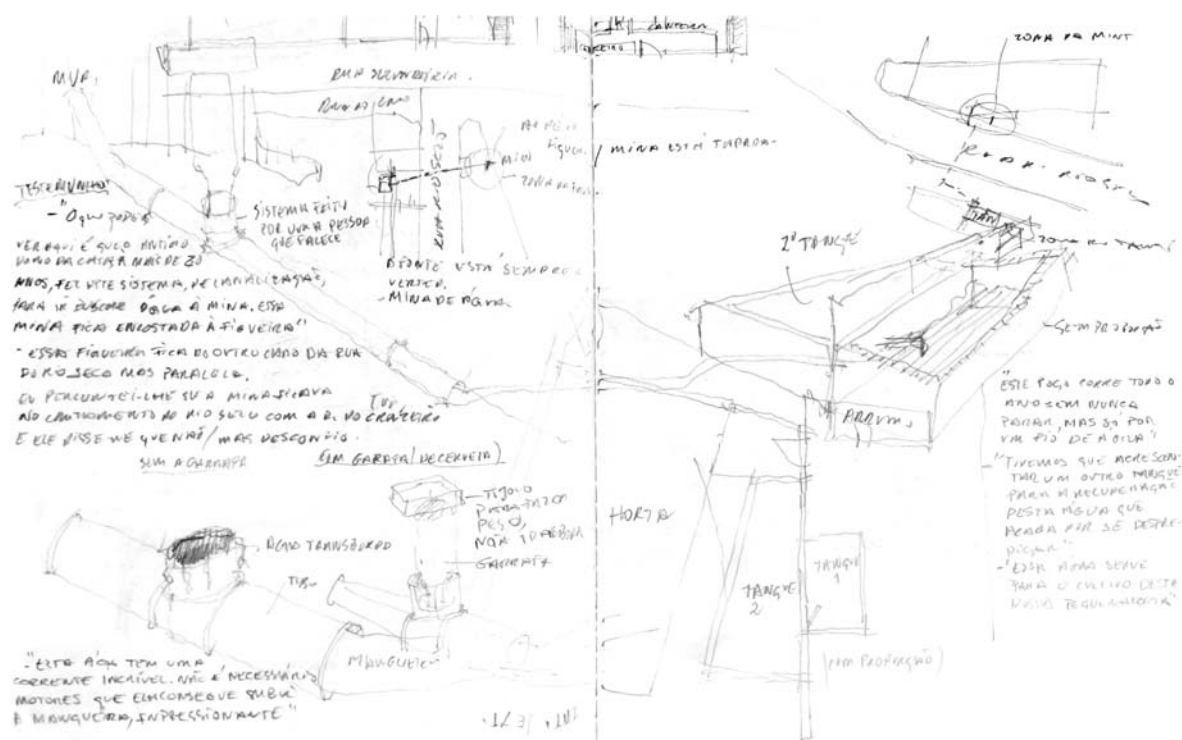
¹ EISENMAN, Peter, ‘Uma antología de ensayos’, pp. 43-44.



Fig. 1 – O reflexo, a duplica e sobreposição. São dois ou um? Quantos tanques vê? Ele(s) te(ê)m fundo, sobre o qual repousam águas estagnadas ou são as mesmas que as do 'Mar Palha' que o envolvem? Então, e se...

5. O ‘Açude’ popular como origem da ideia

Dado por encerradas as *flaneuries* neste ‘cemitério das memórias’ e iniciando o trajeto vale abaixo, uma simples fresta presente no muro l. permitiria entrever um morador a lavrar penosamente as suas terras. Interpolando-o, constatou-se a existência de um tanque rudimentar, conveniente para a irrigação da horta. Todavia, não sendo este tipo de quadrela encanada, de onde viria a água?



Paralelamente ao seu convite a deambular pelos estreitos carreiros de terra batida, Rui Branquina², revelaria a concepção de um sistema astucioso e elementar de captação de água³ (Fig. 2 e 3), a partir da rede pública – o açude. Este engenho era composto por um tubo inclinado, que pousaria numa mina⁴ localizada, segundo o próprio, “(...) do outro lado da R. Eduardo Bairrada, na paralela, junto à figueira”, de onde era retirado o líquido com destino ao tanque (Este); e por uma garrafa de vidro⁵ (invertida) sob um tijolo, á semelhança do sifão tradicional, que permitiria transvazar-lo, se necessário. Todavia, o ‘aguadeiro contemporâneo’, afirmara que essa correria por um fio o ano todo sem nunca sustar, causando o transbordo recorrente, da água para as sementeiras, inundando inevitavelmente o plano da horta.

Fig. 2 – Sistema encontrado no local: Desenho in situ.

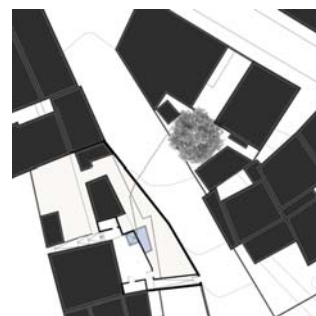


Fig. 3 – Localização do sistema de captação de água: Tanque este / Oeste, junto à atual R. Eduardo Bairrada (topo do Vale do Rio Seco), e. a., 2017.

² Filho e proprietário da casa n. 59, acompanhado com o pai José Pais. O alçado Oeste da sua residência faz frente com a R. Particular à Travessa da Ajuda. Já a Este, com a R. Eduardo Bairrada (topo do vale do Rio Seco).

³ Elaborado há mais de vinte anos (em 2017).

⁴ Não indicado no almoxarifado.

⁵ Tipo: Bordelesa 375ml Corcho STD 185.

“Tivemos que acrescentar outro tanque para a recuperação desta água de modo a minimizar os desperdícios.”⁶

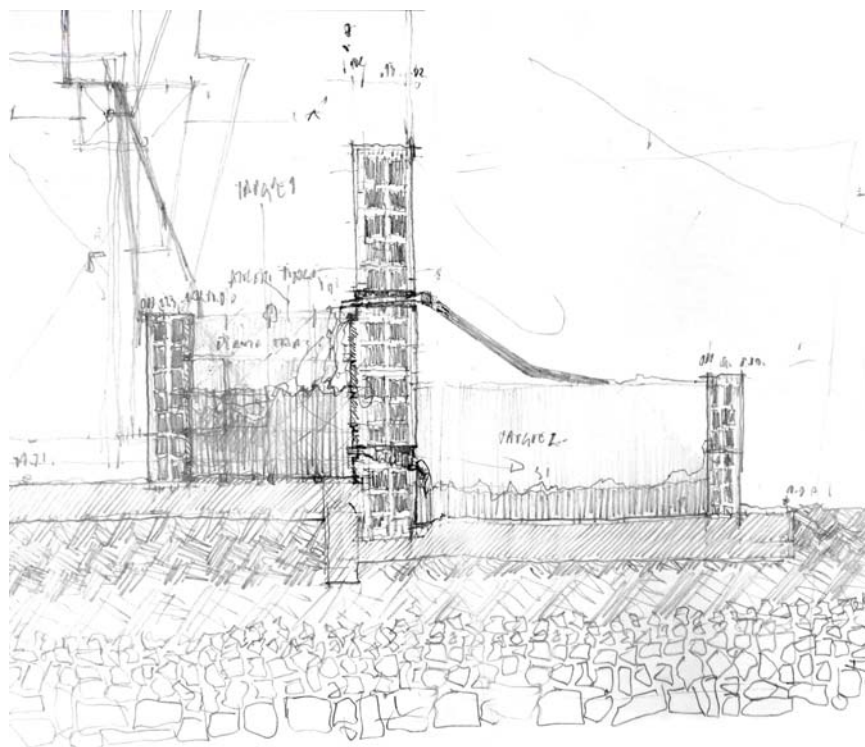


Fig. 4 – Corte transversal do sistema de captação de água.

Inesperadamente, o artífice teria fabricado, sem intenção, uma *espécie* de Chafariz popular como resposta à problemática das cheias rotineiras. Ao criar um tanque suplementar (de maior dimensão) recostado ao primeiro, por intermédio de um muro perfurado, permitiria o escoamento do sobejo de água para o mesmo, assente mais abaixo (Fig. 4). De um tanque para outro, bizarramente congénere ao Chafariz da Travessa do Chafariz, este tipo de intervenção no território tenderia a colocar as águas, presentes nas cercanias do acidente geológico, em sucessivos planos horizontais (Fig. 6 e 7) ao invés de fluírem naturalmente, vertente abaixo.

Ainda que na generalidade, a água tenha sido proeminente na colina da Ajuda, constatou-se que na zona Noroeste do I quadrante, as construções ‘à son efígie’, estariam predominantemente em torno da invenção de Branquina. Contudo, a catarse produzida pelo resultado da agregação dos volumes habitacionais singulares, de maior ou menor envergadura, transformaria a experiência da locomoção pelos primitivos prados, em novos labirintos pétreos⁷ (Fig. 5). Este padrão, evidente somente na agregação das habitações marginais, manifestar-se-ia sobretudo no construído a Noroeste (Fig. 8).



Fig. 5 – Cetto di Burri: Metáfora à transformação do território natural. Artificialização do solo enquanto memória da antiga aldeia Gibelina (Sicília) devastado pelo terramoto em 1968, Alberto Burri, 1995.

Procurou-se assim na primeira fase, intervir em derredor do sistema de captação rudimentar sobre as pegadas históricas e populares.

⁶ Testemunho de Rui Branquina.

⁷ Ora estreitos ou amplos, ora permeáveis, ora opacos à envolvente.

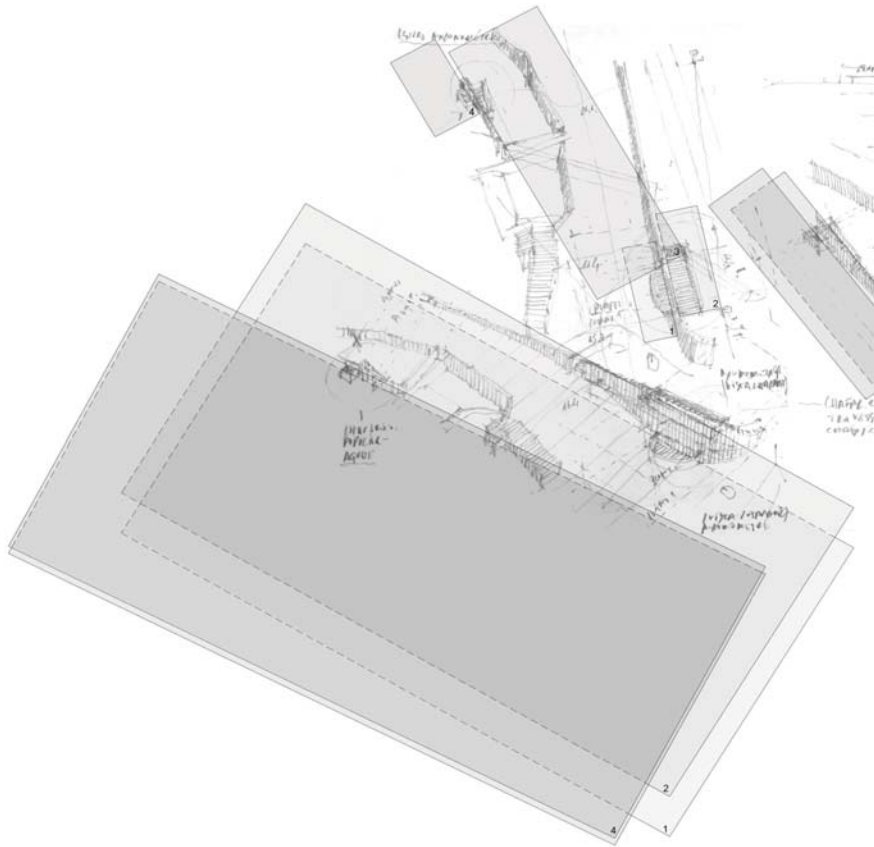


Fig. 6 – Vistas gerais e corte da sobreposição dos tanques onde assentam as águas: Açude e Chafariz da Travessa do Chafariz.

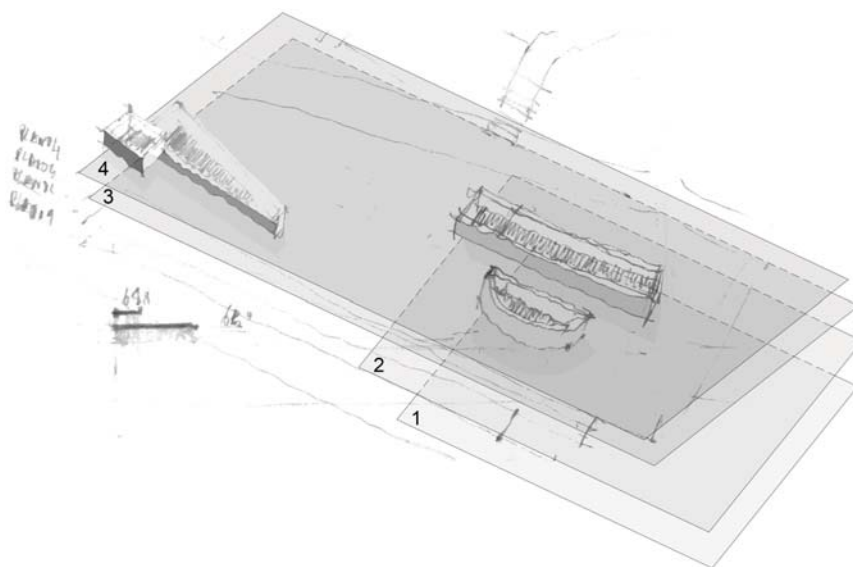


Fig. 7 – Esquema da sobreposição dos planos: Tanques.

Legenda:

- 1 Plano do Chafariz da Travessa do Chafariz: Tanque Oeste do;
- 2 Plano do Chafariz da Travessa do Chafariz: Tanque Este do;
- 3 Plano do Açude: Tanque acrescentado a Este;
- 4 Plano do Açude: Tanque inicial a Oeste.

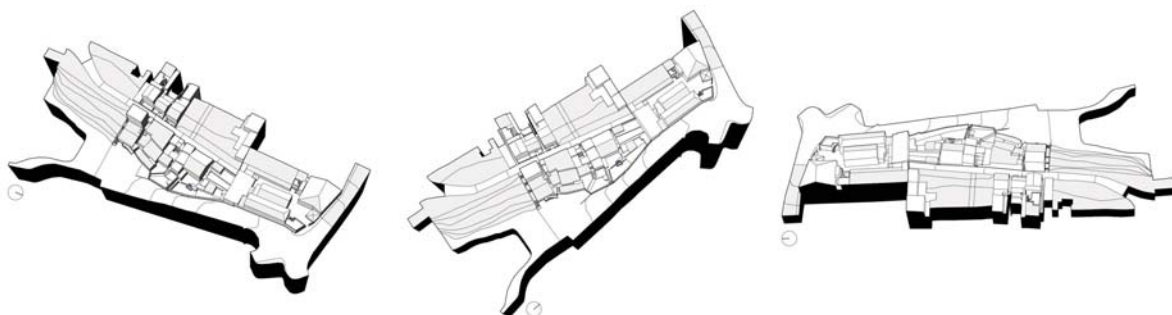


Fig. 8 – Construído a Noroeste: Habitação marginal e frente de Rua do Cruzeiro, e. a., 2017.

5.1. Metodologia para um significado – I Fase

O intuito de estabelecer uma estratégia de projeto visa a interpretação conceptual da experiência do lugar (território), em grande parte resultante do confronto entre a volumetria singular do construído e a topografia dos solos. Como tal, para a construção da sua poética, pensou-se na criação de um amalgame ou 'bivalência' da realidade urbana e arquitetónica do lugar, recorrendo ao 'método' como gerador de uma nova morfologia espacial. Veremos, através do processo, de que modo se poderá visualizar o território como um 'todo', sem a 'descriminação' das partes⁸ e se os resultados, por ele produzidos são válidos para a definição de projeto.

5.1.1. Método << paranóico-critico>>

Com base nos textos de Sigmund Freud, sobre a psicanálise, Dalí desenvolve um processo criativo dito – '*método paranóico-critico*' - cujo fundamento baseia-se essencialmente sobre a origem do surgimento das formas dadas pelo acaso (Fig. 9, 10 e 11), suscitadas inconscientemente por associações de livros ou imagens. Segundo André Breton, este é o principal instrumento do surrealismo para uma *espécie* de exegese da realidade⁹.

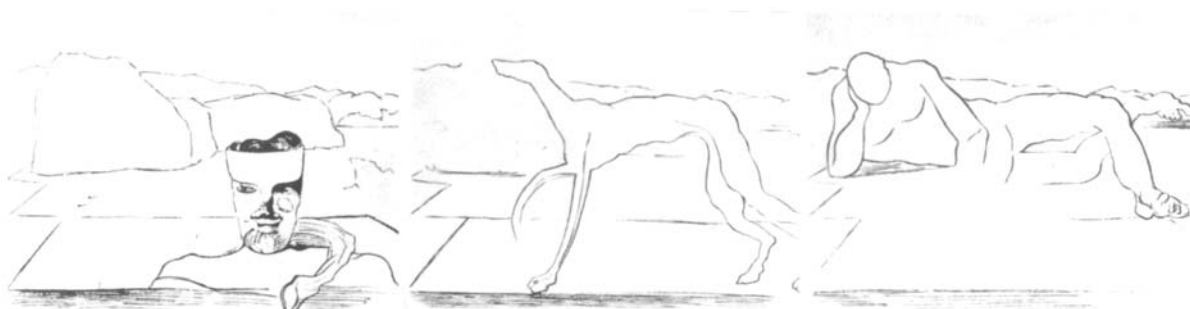


Fig. 9 – Estudo da forma para a obra: 'O enigma sem fim, versão: 'Rosto do grande ciclope cretino (papel sobre grafite), Salvador Dalí, 1938.

Fig. 10 – Estudo da forma para a obra: 'O enigma sem fim', versão: Galo (papel sobre grafite), Salvador Dalí 1938.

Fig. 11 – Estudo da forma para a obra: 'O enigma sem fim', versão: Filósofo encostado (Grafite sobre papel), Salvador Dalí, 1938.

A fase inicial do procedimento dito – o paranóico – estará diretamente ligado à "(...)capacidade de simular a mente desordenada(...)"¹⁰, i.é, à capacidade de demonstrar um objeto afim de se obter uma imagem "*duplicada*"¹¹ e intuitiva que advém, como tal, da criatividade individual de cada observador. Esta última, neste tipo de abordagem, rompe com a atmosfera exterior, apresentando uma imagem completamente outra, como um género de simulacro, de onde "*la furie*"¹², ou seja, a intensidade do pensamento desorganizado, é combustível para o aparecimento de algo em concreto. Segundo o pintor é, um "*<<métode spontanée de connaissances irrationnelles fondée sur l'association*

⁸ Entende-se por descriminação, a distinção de todos os elementos que compõem a paisagem do território, tais como: o edificado, os solos dos percursos impermeabilizados e dos espaços verdes, a hidrografia, etc.

⁹ DESCHARNES, Robert; NÉRET, Gilles, 'Dalí a obra pintada', p. 288.

¹⁰ TAMEN, Pedro, 'Os grandes artistas modernos - Klee, Hopper, Lowry, Dalí', p. 86. / Nota: A frase entre "<<>>" provém dos textos originais de Dalí.

¹¹ PUPPO, Alessandro Del, 'Dalí et le surréalisme', p. 45, l. 40.

¹² Id., ibid., p. 46.

interprétative-critique des phénomènes délirants>>”¹³. Por outras palavras, o processo estará ligado ao ato de fazer compulsivo, contrário à dificuldade de esboçar sobre um suporte imaculadamente branco, mais popularmente dito - síndrome da folha branca. À azáfama de riscar, riscar e riscar, sem questionamento, resultaria num objeto válido, a posteriori, aquando da produção, desprendida do pensamento.

Por sua vez – a crítica – “(...)ao <<perceber por meio das aparências>>”¹⁴, induzir-nos-ia à noção de intelectualização racional, dado que a incrementação da lucidez é necessária para controlar a materialização do delírio. Ela surge, de encontro ao pensamento, como um automatismo para dar significado ao já existente objeto concreto.

“Dalí finaliza el ensayo sobre El Ángelus diciendo que agradecería a los lectores que considerasen los límites estrictos, modestos y muy especiales de su interpretación, que sólo es recomendable por su valor eminentemente experimental.”¹⁵

As novas interpretações requerem, para Dalí, um estudo psicanalítico cuja finalidade seria descobrir, no lugar, fatores desconhecidos ou singulares intrínsecos a ele. Como tal estes seriam, ocultos para uma maioria, mas visíveis à singularidade de cada indivíduo.

“O homem, apesar de ver, sofria de cegueira... E, para ele, encontrei o Número, a mais pura invenção.”¹⁶

Por outras palavras, com base em Corbusier, descobrir os elementos específicos de encontro ao sentido do lugar são essenciais para este tipo de aproximação projetual. Ora para um, a interpretação individual dos elementos característicos e para o outro fazer da habitação um pequeno templo, mais do que uma simples escultura, pintura ou construção provida de significado, é entendido como um modo de conceção válido e ponderado. O objetivo deste procedimento serviria para atingir um resultado complexo e cognitivo. Não obstante à ideia de carácter experimental do método, o autor nunca questionara a sua viabilidade. Ao passo que para outros autores, tal como, António D., o método paranoico-crítico tem valor meramente poético¹⁷.

5.1.1.1. Aplicação do método – Desenho de permanência

“(...) a sensação irreprimível e determinante de que a arquitectura não termina em ponto algum, vai do objeto ao espaço

¹³ Id., ibid., p. 45, ll. 30-32.

¹⁴ TAMEN, Pedro, ‘Os grandes artistas modernos - Klee, Hopper, Lowry, Dalí’, p. 86, ll. 2-3.

Nota: A frase entre “<<.>>” provém dos textos originais de Dalí.

¹⁵ IBARZ, Virgili; VILLEGAS, Manuel, ‘El método paranoico-crítico de Salvador Dalí’ in ‘Revista de Historia de la Psicología’, vol.28, p. 111.

¹⁶ CORBUSIER, Le, ‘Le Modulor I Modulor 2’, p. 176.

¹⁷ A crítica dada ao processo, pelo historiador, é tão contraditória quanto considerá-lo preponderantemente iconográfico sendo que, anteriormente mencionava, as associações históricas como relevantes para o procedimento. Por este motivo, acrescenta que a metodologia, na sua generalidade, tem validade relativa.

e, por consequência, à relação entre os espaços, até ao encontro com a natureza."¹⁸

Com base nos escritos de Juan Domínguez, a primeira fase (paranóica) do procedimento, atuaria objetivamente sobre o levantamento dos elementos evidentes, descritivos e elementares do sítio de intervenção, até aos outros mais ocultos e simbólicos. À posteriori, a análise crítica, implicaria revelar conceitos e associações históricas do manifesto revelado na fase anteriormente, sem intenção.

Neste entendimento, numa primeira abordagem ao território, pelo meio da observação direta dos elementos evidentes, *in situ*, produziu-se uma *série* de croquis espontâneos (Fig.13), desprovidos do conhecimento aprofundado sobre o lugar. Observou-se, ulteriormente, por advento da representação naïf e dúbia da realidade, que a expressão das sucessivas sobreposições volumétricas (Noroeste do I quadrante), deixariam confundir a topografia com o invólucro construído. Nos esboços, cujo amalgama é perceptível (Fig.12), a paisagem exacerbada tende a dinamizar a imagem induzindo à noção de movimento. Segundo Gilles Deleuze, com base na segunda tese de Bergson¹⁹, a dialética das formas enquanto síntese ideal é exprimida pelo 'movimento', que lhes conferem regra²⁰.

Nesse sentido, o amalgama resultante do desenho genérico do confronto entre o natural e construído, tende a dinamizar a paisagem, induzindo à noção de movimento.

1	2	3	4	5
6	7	8	9	10
11	12	13	14	15
16	17	18	19	20
21	22	23	24	25
26	27	28	29	30
31	32	33	34	35

Fig. 12 – Seleção crítica dos desenhos: Ideia de fusão do natural com o construído.

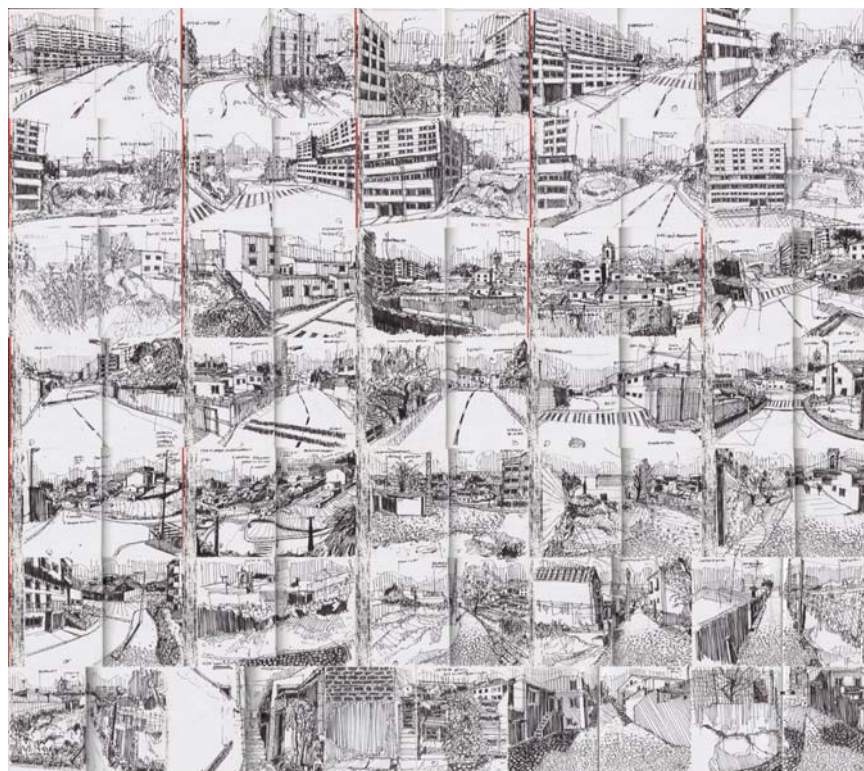


Fig. 13 – Esquços de permanência: Elementos evidentes do lugar.

¹⁸ VIEIRA, Siza, 'Imaginar a evidência', p. 31.

¹⁹ BERGSON, Henri, 'L'Évolution créatrice', p. 774.

²⁰ DELEUZE, Gilles, 'L'Image-Mouvement' p.13.

5.1.2. O movimento

No séc. XIX, a decomposição das fases do ‘movimento’ de um cavalo em *galope* (Fig. 14), pelo meio da captura de diversas fotografias instantâneas, relevantes no trabalho de Eadweard Muybridge, permitiriam o surgimento de um método científico dito – *Chronophotografie*. Por intermédio da sobreposição de fotogramas, num suporte único²¹, Étienne-Jules M. determinaria, com exatidão, o carácter da trajetória de um corpo humano no espaço (Fig. 15)²². Segundo o fisiologista, as linhas geométricas e pontos resultantes do método, permitiriam sintetizar o movimento dos diferentes membros²³ em quatro curvas imaginárias²⁴. Nas artes, esta descoberta inspirara, no início de séc. XX, pintores tais como Giacoma Balla que de imaginárias a físicas, ilustrara linhas sinuosas representativa da aglomeração dos elementos de uma ave, em movimento²⁵(Fig. 16).

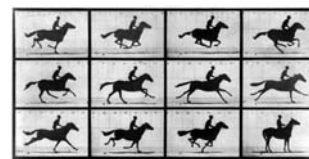


Fig. 14 – Decomposição do movimento: «The Horse in Motion», Eadweard Muybridge, 1878.

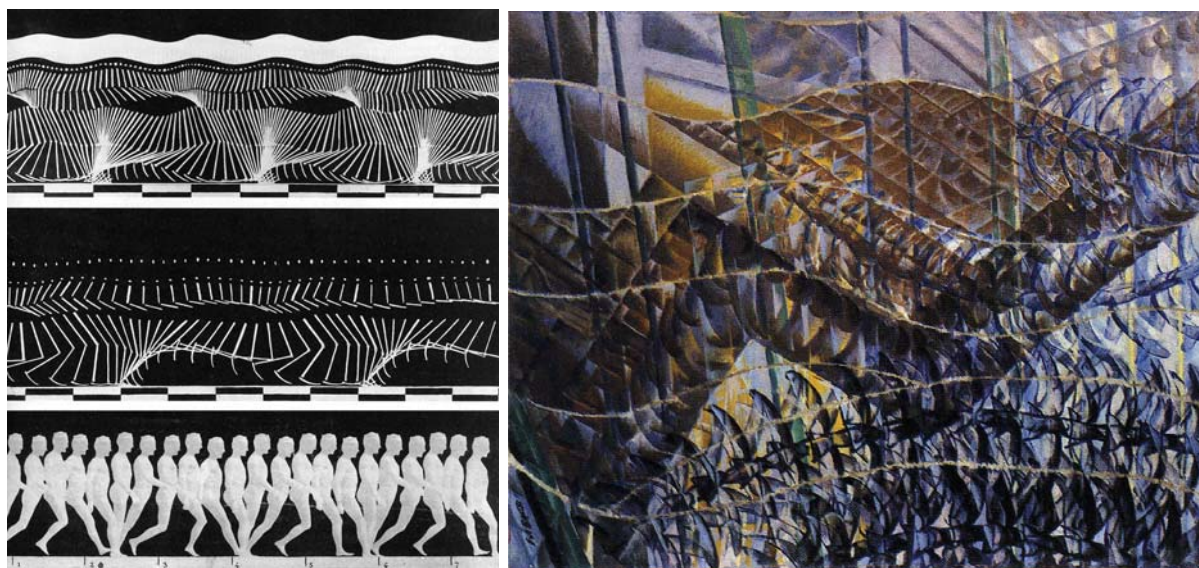


Fig. 15 – Sobreposição de frames: Estudo Chronophotographique sobre «La Loco-motion Humaine», Étienne-Jules Marey, 1886.

Em finais de séc. XX, na arquitetura, seria visível em Eisenman a abordagem sintética do movimento, numa visão de ‘conjunto aglutinado’. O recurso ao diagrama, como ferramenta gráfica, interporia linhas no território que poderiam, com facilidade, correlacionarem-se com as paralelas de fumo, projetadas na investigação de Marey, em torno do movimento do ar contra corpos fixos (Fig. 18). Com base em Mayka Hípola, o autor do diagrama para a Biblioteca de l’Huei (Fig. 17), introduziria a noção de movimento, no *topos*, convertendo os vetores em linhas tortuosas. Em ambos, a tridimensionalidade obtida, viria a romper com a planura das réticulas²⁶, introduzindo a noção de forma, de morfologia.

Fig. 16 – «Caminhos de Movimento + seqüências dinâmicas», Giacoma Balla, 1913.

²¹ MAREY, Étienne-Jules, ‘Le Mouvement’, p.54, Il. 5-6.

²² Id., *ibid.*, p. 54, Il. 10-15.

²³ MAREY, Étienne-Jules, *op. cit.*, p. 61.

²⁴ Referentes aos: pés, cotovelos, ombros e cabeça.

²⁵ GRAHAM-DIXON, Andrew, ‘Art: The definitive visual guide’, p. 429.

²⁶ HÍPOLA, Mayka García, ‘Peter Eisenman: herramientas gráficas y estrategias proyectuales. De lo analítico a lo operativo, de lo manual a lo maquínico, Congreso Ega’, in EVANS, Robin, ‘Translations from drawing to building and other Essays’, p. 5, Il. 2-6.

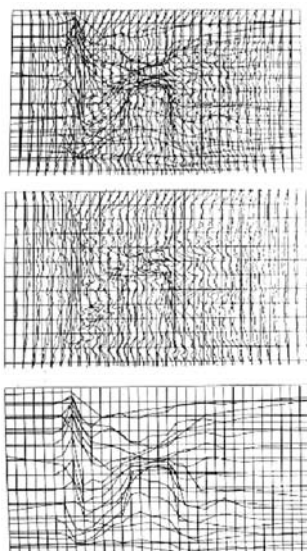
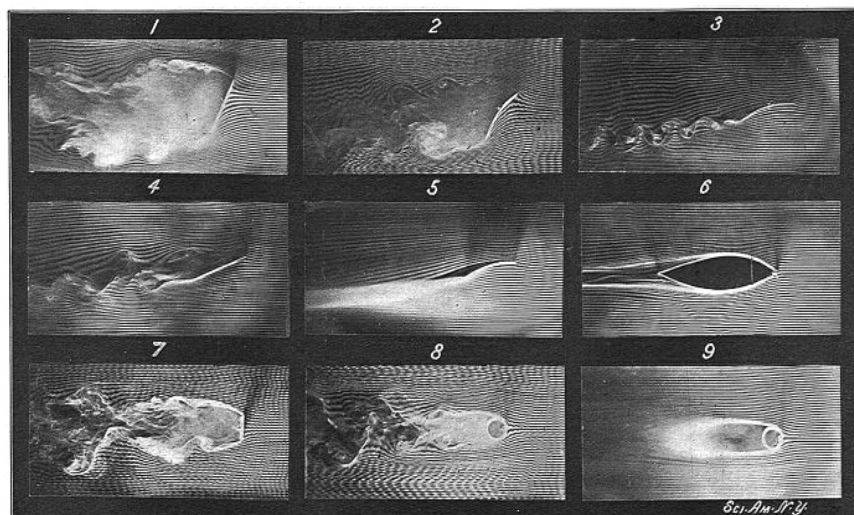


Fig.17 – Diagrama para a Biblioteca de l'Huei (Gene-bra, Suíça), Peter Eisenman, 1997. (Em cima)

Fig. 18 – 'Photographs of the air streams under varying conditions', Étienne-Jules Marey, 1900-1901. (À esquerda)



PHOTOGRAPHS OF THE AIR STREAMS UNDER VARYING CONDITIONS.

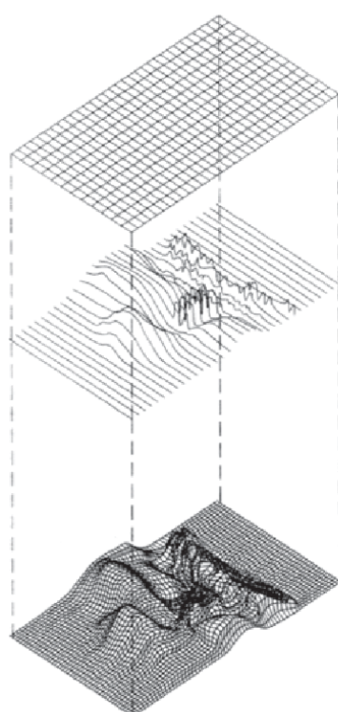
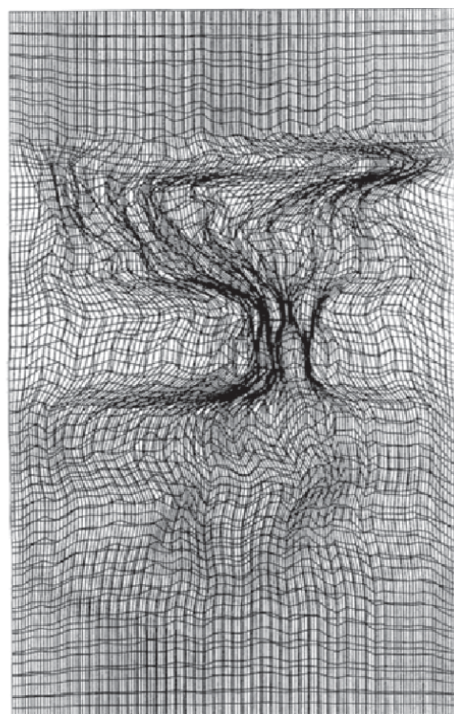


Fig. 19 – Superposição de diagramas conceituais: Biblioteca de l'Huei, Peter Eisenman, 1996-1997.



Do seu primórdio Goethe²⁷, a publicação '*The Morphology of Landscape*', do autor Carl O. Sauer menciona que "A geografia baseia-se, na realidade, na união dos elementos físicos e culturais da paisagem"²⁸, sendo metodologia, segundo interpretação de Miquel Lacasta, pela qual a paisagem cultural é criada com base nas formas sobrepostas à paisagem natural²⁹. Pressupõe-se, o uso da mesma estratégia para o diagrama de superposição (Fig. 19), projetada na obra de Genebra, onde a decomposição das linhas perpendiculares, da réticula, em camadas sobrepostas, compostas por vetores paralelos, permitiriam evidenciar a tridimensionalidade do movimento dado ao plano.

²⁷ SAUER, Carl Ortwin, '*A Morfologia da Paisagem*', p. 31. / Nota: O autor Johann Goethe, originou o termo 'morfologia' cujo objeto de estudo posaria sobre a forma e as suas homologias.

²⁸ Id., *ibid.*, p. 29.

²⁹ *Ibid.*, l. 5-7.

5.1.2.1. Aplicação do método – O limite

Transversal aos autores mencionados, presumir-se-ia que o movimento veiculado pela sobreposição e união de realidades estaria, *inclusive*, patente no surrealismo Daliano, *de part* o método ‘paranóico-crítico’, aquando do estudo final sobre a forma. Nele constaria a silhueta humana, fundida nos limites da colina (Fig. 11). Neste entendimento, a abordagem sintética do movimento numa visão de ‘conjunto aglutinado’, do ‘todo pela parte’ permitir-nos-ia, em segunda instância, traçar um plano de linhas paralelas a Noroeste da área de influência, identificando-se os ‘pontos intermédios’ da paisagem natural (topografia) e cultural (construído) (Fig. 20 e 21).



Fig. 20 – Plano de linhas a sobrepor sobre o território, e. a., 2018.

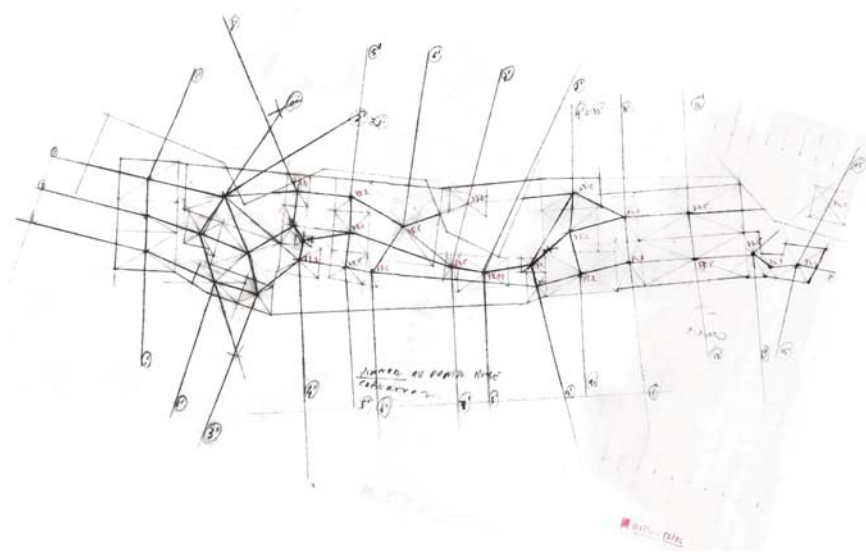


Fig. 21 – Plano de linhas a sobrepor sobre o território.

“(...)différents points de la plaque sensible, on trouvera sur cette plaque une ligne continue (...)”³⁰

Mediante a premissa, com base no método da *Chronophotographie*, foram realizadas duas maquetes heterotópicas (Fig. 24) recorrendo aos pontos de maior cércea (topografia/construído) presentes no cruzamento com os vetores (Fig. 25). Ao passo que para Marey o movimento de um objeto no espaço, *“(...)retracera exactement la*

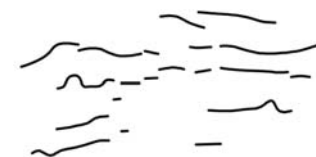


Fig. 22 – Conjunto de linhas resultantes: Primeira maquete.



Fig. 23 – Trajetória conceptual do movimento dado ao território: Linhas resultantes da segunda maquete.

³⁰ MAREY, Étienne-Jules, *op. cit.*, p. 54, Il. 20-22.

*trajectoire suivie par le corps brillant*³¹, para o estudo (em maquete) do território enquanto suporte conceptual, apenas no segundo modelo³² destacar-se-ia, com clareza, uma linha continua (Fig. 22 e 23).

Fig. 24 – Maquetes conceptuais do território, segundo traçado planimétrico. Escala 1:500.

Legenda:

1 Simplificação dos pontos intermédios: volumetria do construído e generalização das superfícies;
2 Aglomeração dos pontos intermédios do natural e construído enquanto superfícies ou sólidos autónomos.

(ver esquemas na página anterior).

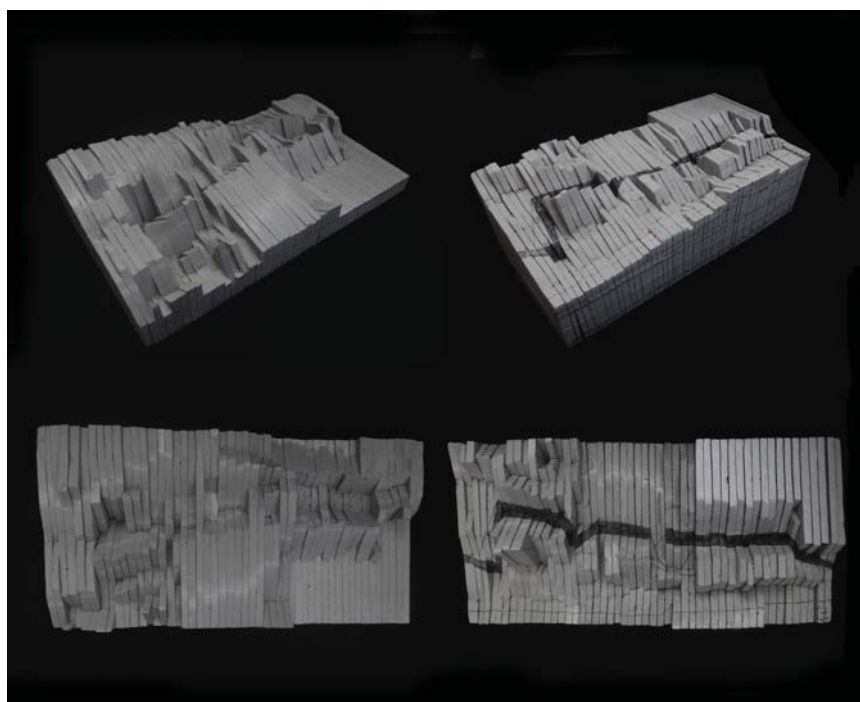
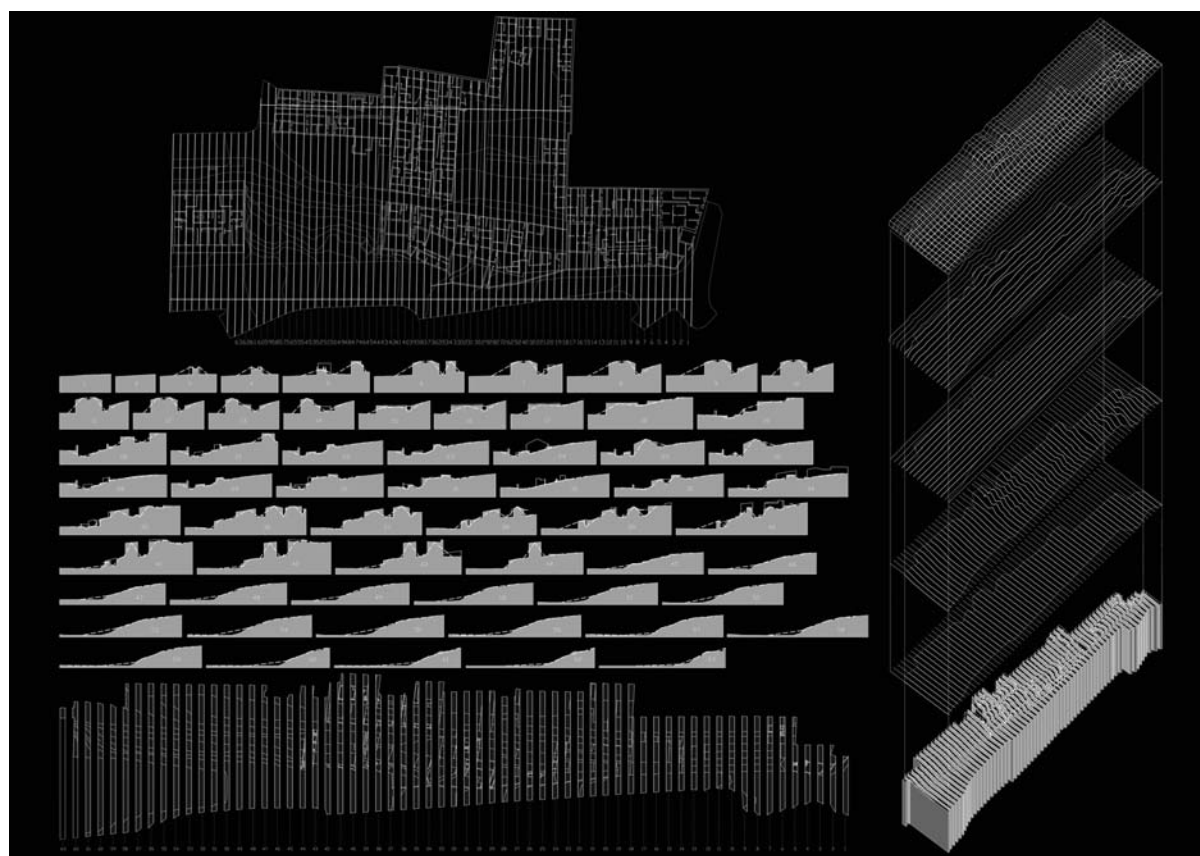


Fig. 25 – Axonometria a Noroeste do I quadrante: Diagrama da sobreposição da junção dos pontos intermédios no espaço, e. a., 2017.



³¹ *Ibid.*, l. 24-25.

³² Análoga à sequência dinâmica de um pássaro, a primeira mais simplificada, não permitiria identificar uma trajetória continua. Na elaboração dos perfis, considerou-se as construções tangentes, cujas cérceas são congêneres, como volumes únicos traduzindo-se num só ponto. Na segunda, o construído foi considerado heterotópico, entre si.

Ao resultado da adição das duas paisagens heterotópicas chamou-se assim de – **limite** – da paisagem homogénea, i.é, a separação entre o natural e o contruído (Fig. 26 e 27).

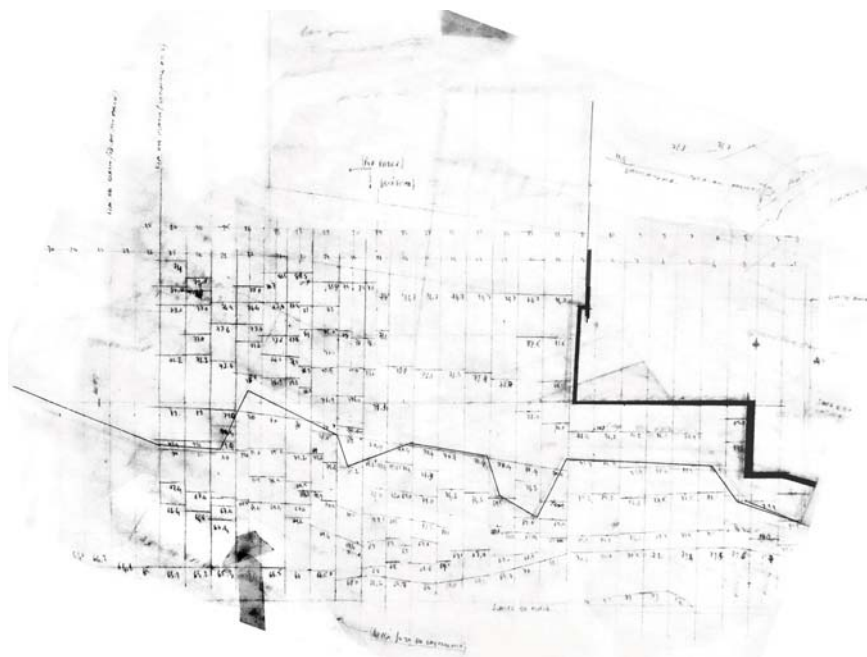


Fig. 26 – O limite como resultado do método: Grelha de pontos intermédios de maior cêrcea e cota, respetivamente, do construído e do natural.

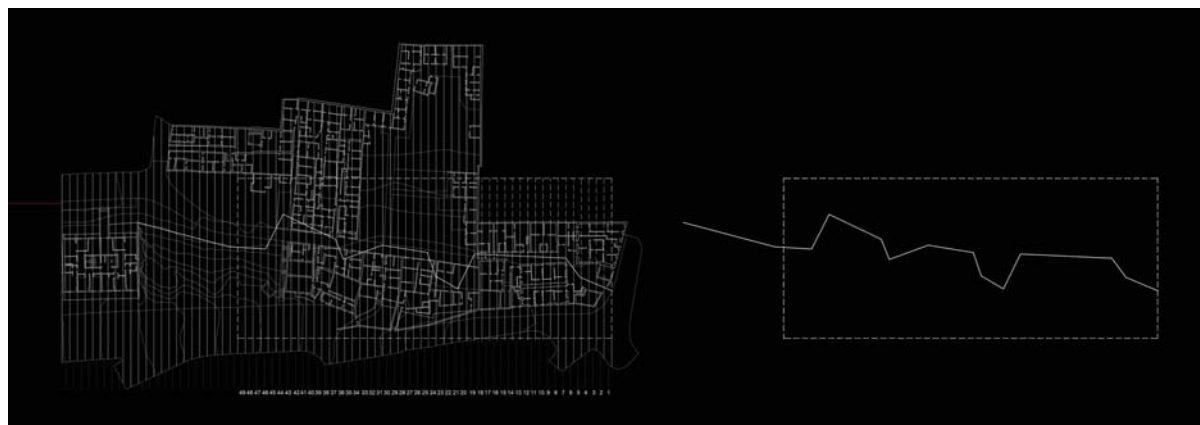


Fig. 27 – Planta final do limite através do traçado planimétrico, e. a., 2017.

5.2. Morfologia I

Segundo consta no livro ‘*Pour une ar(t)chitecture subtil*’, a visão de Éric Cassar sobre a forma, tende para uma ‘arquitetura movimento’. Menciona que os movimentos complexos de um edifício permitiriam “(...) *réduire (ou affirmer) les limites qu’elle est susceptible de créer avec et pour les autres “acteurs” de la ville*”³³, fomentando a sua ideia aos objetivos de Rem Koolhaas³⁴ que consistiriam em adicionar e fundir/dissipar o construído na paisagem pré-existente, num conjunto híbrido traduzindo-se num todo dinâmico, em movimento, antagónico à “(...) *juxtaposition d’éléments cristallisés*”³⁵.

³³ *Ibid.*, II. 39-40.

³⁴ LARICE, Michael, MACDONALD, Elizabeth, ‘*The Urban Design Reader*’, p. 371, II. 46-48.

/ Nota: frase usada por Koolhaas: “*The neatness of architecture is its seduction; it defines, excludes, limits, separates from the “rest” – but it also consumes.*”

³⁵ Disponível em WWW:<URL: <http://www.arkhenspaces.net/fr/architecture-mouvement/>>.

“La implicación del movimiento ficticio puede ser sugerido por el texto pero ha de ser igualmente experimentado en el edificio.”³⁶

Fig. 28 – Maquetes conceituais para a «*structure de surface*». Escala 1:500.

Legenda:

- 1 Seccionamento da base em bruta;
- 2 Terreno original: Cotas de referência;
- 3 Coberturas do edificado com cêrceas equiparadas;
- 4 União das arestas e vértices com a envolvente.

Pensa-se que o movimento empregue na forma exterior do edificado assente na cidade seria, para Robin Evans e Nuno Mateus³⁷, reflexo simbiótico da articulação com a vivência e o espaço interno do contruído. Neste sentido, conforme aponta Cassar, à implicação deste último, estaria inerente uma dada complexidade morfológico cujo manifesto espelhar-se-ia na composição/desenho interior do projeto e logo na sua experiência, gerando espaços intrincados. Segundo Nora Perarnaud³⁸, também para Peter Eisenman, a relação da estrutura conceptual e da forma física do objeto seria fruto, respetivamente, da ‘*sintaxe*’ produzida pela «*struture profonde*»³⁹ refletida na «*structure de surface*»⁴⁰.

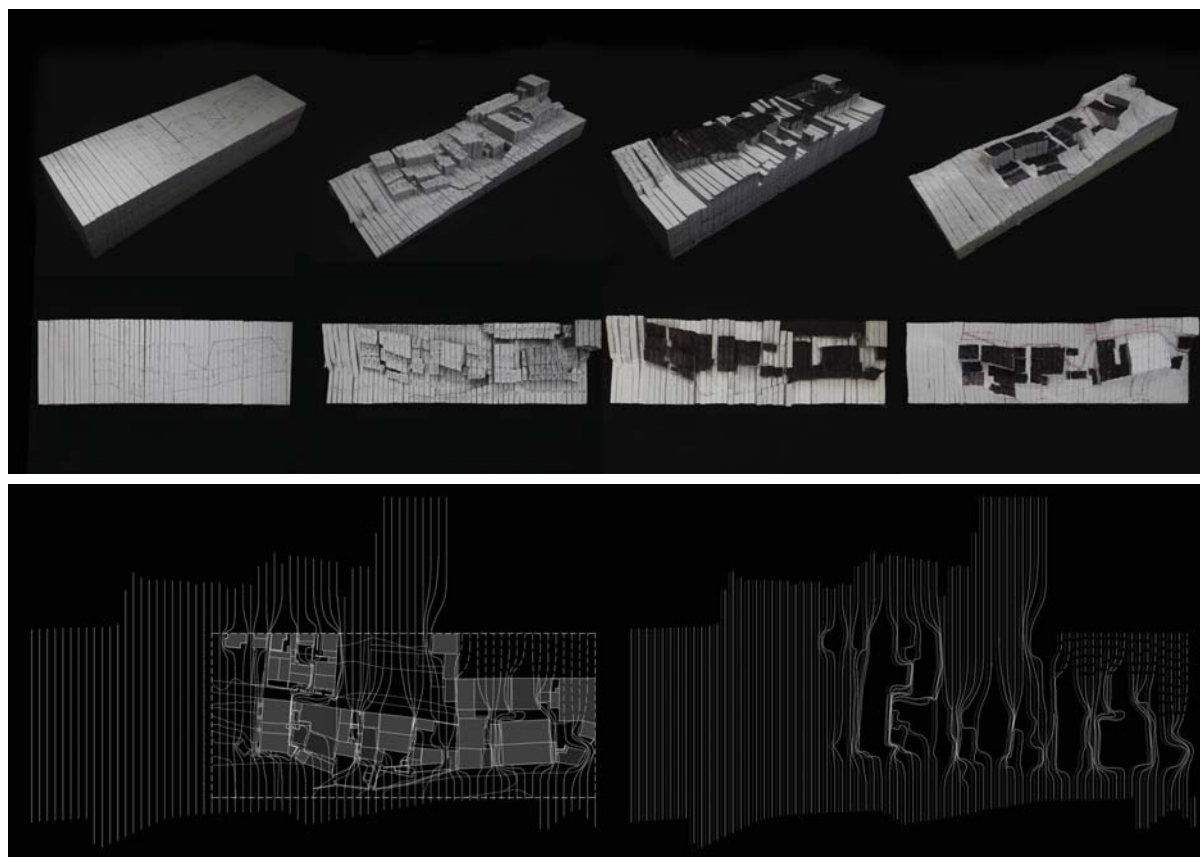


Fig. 29 – Esquema para a composição da maquete 4: Vetores análogos ao estudo de Étienne-J. Marey.

Conforme o arquiteto Americano, a composição formal seria obtida pelo advento das sucessivas experiências no emprego do método⁴¹. Deste modo, estremado o limite da cêrcea do projeto,

³⁶ HÍPOLA, Mayla García, *ibid.*, p. 5, ll. 8-9.

³⁷ MATEUS, Nuno, 'Taxonomia e Operatividade do Pensamento Arquitectónico ARX: Desenhar em Maqueta', p. 135.

³⁸ PERARNAUD, Nora, 'Au-delà du formalisme, une architecture complexe et contradictoire – Peter Eisenman Cardboard Architecture, 1969', p.15-16, ll. 6-31 a 1-13.

³⁹ Conjunto de regras que definem a composição formal.

⁴⁰ A estrutura formal perceptível.

⁴¹ PERARNAUD, Nora, *ibid.*, p.15, ll. 24.25.

procedeu-se à elaboração de uma serie de maquetes (Fig. 28) que surgem como tentativa conceptual de fundir os volumes pré-existentes no território envolvente, de modo a se lhe obter a sintaxe.

Paralelo às ‘linhas de fumos’ (Fig. 29) do fisiologista francês, a tridimensionalidade empregue nos perfis do último exemplar, permitiriam romper com a planura dos solos, discernir genericamente a estrutura formal. Todavia, aquando do estudo para a «*struture profonde*» (Fig. 30 e 31), os ‘constrangimentos’ proporcionados por uma cobertura permeável com a envolvente, teriam por consequência o aumento da área soterrada do equipamento. Outrossim, a imediação da linha de água junto ao cabouco, cuja a profundidade insensata de, sensivelmente, dois pisos abaixo do seu sopé (original)⁴² acrescidos à necessidade do aumento das suas profundidades, levantariam questões relativamente à locomoção no interior do Parque do Rio Seco. Deste modo, com o espaço livre compreendido num intervalo de 3.60 a 2 metros (de largura), ocasionaria o estrangulamento do Vale, sendo, as projeções de via de manutenção, ferro e ciclovia e o espaço pedestre – inconcebíveis (Fig. 30).

Dessarte, supõe-se que o emprego do método a Noroeste do sítio de intervenção, não seria válido para a questão de projeto refugiando o seu desenvolvimento, *a posteriori*, num outro dito – heterotópico.

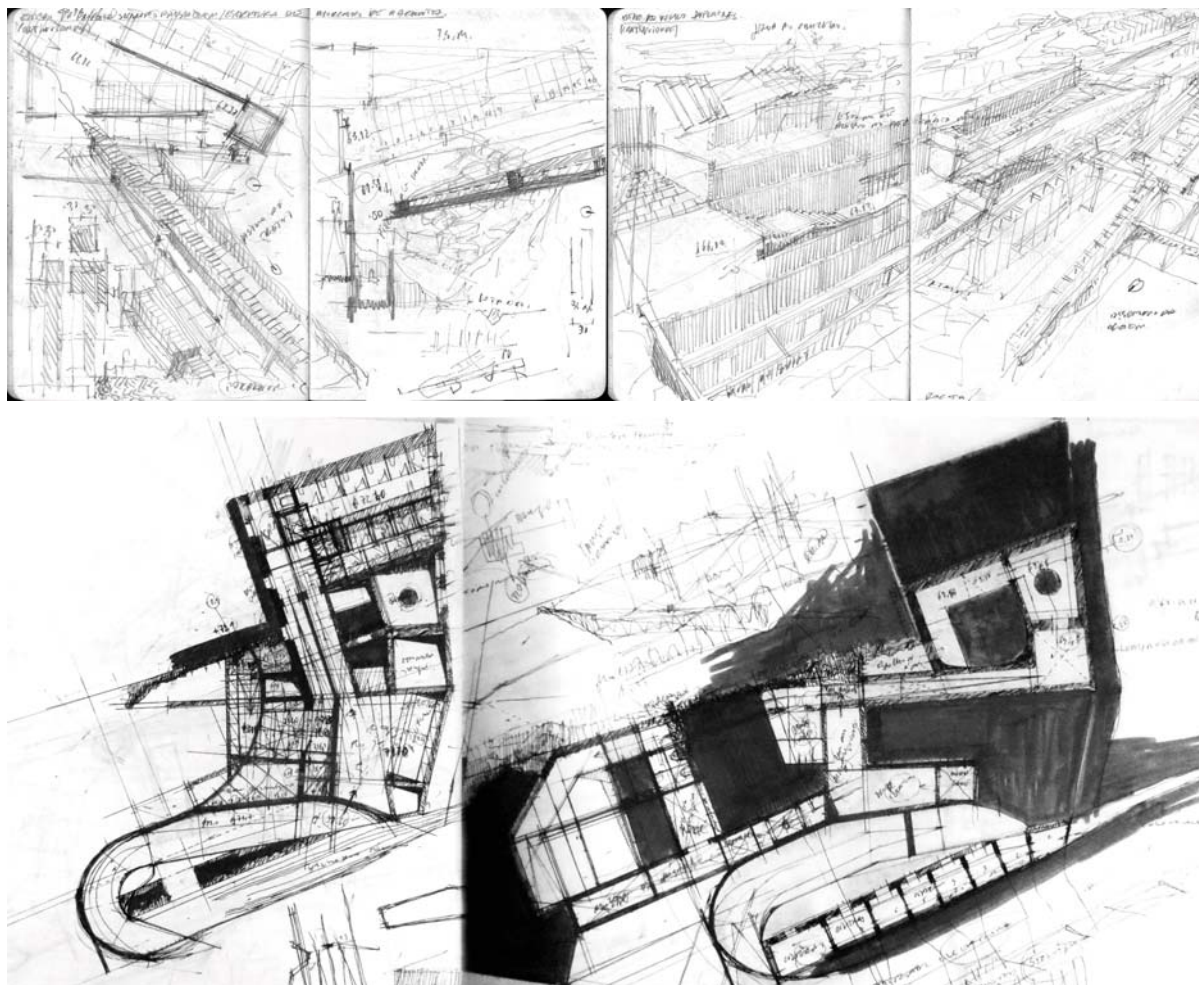
Fig. 30 – O estrangulamento do vale e espaços exíguos:

Em cima:

Esquissos perspectivos com vista para norte, junto à atual, R. Eduardo Bairrada;

Em baixo:

Receção, balneários e rampas e nichos soterradas; O estrangulamento do vale e espaços exíguos.



⁴² Atendendo a remoção do aterro do Vale do Rio Seco, de modo a reaver a cota original da linha de água, soterrada.



Fig. 31 – Estudo da «*structure profonde*» em confronto com a linha de água do Vale do Rio Seco. Escala 1:200.

Legenda:

- 1** Composição do espaço interior em simbiose com a cobertura (em desenvolvimento);
- 2** Definição mais elaborada do espaço interno e cobertura (em bruto) por modelar.

5.2.1. Heterotopia na Justaposição – II Fase

Procurando-se estabelecer um novo sítio de implantação para o projeto com as premissas precedentes, considerou-se a ideia de – heterotopia – como mote para o processo de conceção da «*structure profonde*». Veremos de que modo, a visão filosófica de Foucault⁴³, sobre o ‘espaço’, pode ser veículo de definição da forma por intermédio da justaposição, noutra lugar.

⁴³ Surge, em 1967, através de um artigo denominado “*Des espaces autres*”, in ‘Architecture, Mouvement, Continuité n°5’.

“Or Michel de Certeau a proposé (...) L’espace, pour lui, est un <<lieu pratiqué>> (...) <<L’espace serait au lieu ce que devient le mot quando il est parlé, c’est-à-dire quando il est saisi dans l’ambiguïté d’une effectuation, mué (...)>>.”⁴⁴

Estes novos ‘espaços’, definidos pelo autor, coesos a todos os outros e que por sua vez põem em causa a veracidade dos primeiros são de dois tipos – *As utopias e as heterotopias*. As utopias, ao contrário das héteros, são segundo o filósofo, espaços irreais, não-lugares ou “contre-emplacements”⁴⁵ que remetem para analogias direta ou invertidas das sociedades, se bem que localizáveis. Ao passo que as heterotopias, são ‘lugares’ que comunicam com os elementos onde se situam, a que Michel Foucault chamará de “emplacements absolument autres”⁴⁶, partindo do pressuposto que a justaposição, num único ‘lugar’ de vários espaços criaria uma unidade entre elementos autônomos. Em conformidade com o sentido etimológico da palavra, o radical do grego *héteros* remete para a ideia do desigual, diferente ou diversificado. De igual origem *Topos* significa “lugar”. Pressupomos pela junção dos radicais, que heterotopia ganha significado quando estes espaços, por ela criados, são lugares onde diversas topias concorrem. A *sensibilidade heterotópica*, teorizada por Demetri Porphyrios reforça que o método projetual, da discriminação de elementos coerentes, mas independentes, podem ser entendidos, através da *adjacência espacial*, como um todo, uma unidade.

Depreende-se, da abordagem do escultor Rinke, que a relação do indivíduo com o espaço exterior, pela justaposição do acontecimento – *passeio* – induzindo a noção de tempo, espaço e lugar (Fig. 32), pode evidenciar, de certo modo, o conceito no sentido figurativa. A representação da ação num suporte único, visível ao observador, seria a medida *sin qua non* para visualizar os diferentes espaços percorrido, no tempo e no lugar, reportando-se a uma dimensão virtual do ‘todo’ visto em simultâneo.

Segundo interpretação, a transposição de um contexto para outra topia, evidenciar-se-ia, *idem*, na obra do pintor surrealista. Segundo Roumeguère, “Dalí ressemblait à l’autre “comme une image dans la glace”, comme deux jumeaux se ressemblent”⁴⁷, pressupondo-se a existência oculta de dois ‘Salvadores Dalís’. O teórico Pierre R. demonstra, o dualismo de dois seres, cuja identidade e a aparência seriam semelhantes. O singular cuidado materno, em preservar a onnipresença dos dois seres, cujo primeiro ausente por consequência de

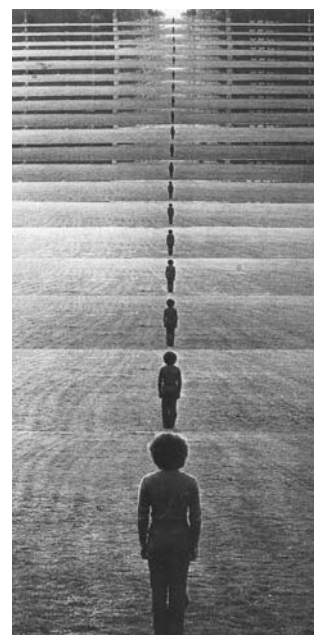


Fig. 32 – Mudança de localização em Intervalos, (Fotografia em papel), Klaus Rinke, 1972.

⁴⁴ AUGÉ, Marc, ‘Non-lieux- Introduction à une anthropologie de la surmodernité’, p. 102-103. / Nota: Frase transcrita por Marc Augé in CERTEAU, Michel de, ‘L’Invention du quotidien. 1. Arts de faire <<Folio-Essais>>’.

⁴⁵ “Les non-lieux, ce sont aussi bien les installations nécessaires à la circulation accélérée des personnes et des biens (voies rapides, échangeurs, aéroports) que les moyens de transport eux-mêmes ou les grands centres commerciaux, ou encore les camps de transit prolongé où sont parqués les réfugiés de la planète.” in AUGÉ, Marc, “Non-lieux- introduction à une anthropologie de la surmodernité”, p. 48, ll. 10-17.

⁴⁶ Tradução livre do autor original: “local absolutamente outro”.

⁴⁷ DALÍ, Salvador; ROUMEGUÈRE, Pierre, ‘Dali par Dali’, p. IV.



Fig. 33 – *Les trois Sphinx de Bikini* (Óleo sobre tela), Salvador Dalí, 1947.



Fig. 34 – *La métamorphose de Narcisse*, (Óleo sobre tela), Salvador Dalí, 1937.

uma meningite que o levou, era primordial⁴⁸ à progenitora. A justaposição virtual, expressar-se-ia na obra '*Les trois Sphinx de Bikini*' ou '*La métamorphose de Narcisse*' (Fig. 33 e 34), alusiva à projeção do seu reflexo, num imaginário outro, mais obscuro. Todos estes fatores, criam em Dalí a noção de existência para além do 'primeiro quadrante' – do real – com resultado na *duplicação* da imagem. Incontestável substância do delírio e do fator interpretativo.

*"L'architecture piranésienne des étagements et des niveaux, démultipliant les plans et les décors, métaphorise l'espace imaginaire de la création(...) d'une infinie complexité. (...) obligent le regard à un permanente va-et-vient entre des scènes multiples, superposées ou entremêlées."*⁴⁹

Consta do congresso, '*Piranèse et les poètes romantique*'⁵⁰, a visão de '*répétition infinie*'⁵¹, recorrendo à sobreposição do construído⁵², demonstrado nas vedutas dos *Carceri* (Fig. 35), de Giovanni Piranesi. Segundo Stéphane Mallarmé, os espaços labirínticos 'imbuídos' num universo caótico, seriam resultado de um lugar no qual assentariam ações temporais, cujo tempo é tornado visível e espacializado⁵³, congênere ao desígnio da heterotopia.

De encontro ao mesmo escritor Durand, a visão do filósofo Remo Bodei, sobre '*L'espace piranésien*', aproximar-se-ia com precisão à ideologia do seu criador: "*On aspire(...) à un décentrement, on choisit le terrain de la désagrégation consciente, contrôlée, et dédramatisée*"⁵⁴. Em continuidade e com base em Giono, o mesmo autor expõe: "*Le MOI éclate en plusieurs representations, qui correspondent à des états anciens de la subjectivité, ou figurent au contraire le Moi nouveau (...)*"⁵⁵ A visão, de ambos os pensadores, remete para a duplicação, respetivamente, de um lugar e de uma entidade situados em tempos diferentes. Ora, se a repetição mencionada pelo primeiro autor, remeteria para o caso da transposição do germano, idêntico ao seu reflexo até uma localização nova e '*absolument autre*' (outro terreno), o segundo colocá-lo-ia, em simultâneo, por meio da justaposição no lugar do seu revérbero.

Sendo os autores mencionados, 'pontes' concordantes entre si, concluir-se-ia que a duplicação de Klaus Rinke e Salvador Dalí bem como

⁴⁸ Transcrito a partir da gravação em megafone, compreendido entre 1954 e 1958, descoberta por Pierre Roumequère, onde Dalí expõe: "(...) *en fondo de mí, de mi hermano muerto, tan abordada por mis padres que, al nacer yo me pusieron el mismo nombre, Salvador. El choque foi violento, como el de una revelación.*" In DALÍ, Salvador; ROUMEGUÈRE, Pierre, '*Dalí par Dalí*', p. 3.

⁴⁹ DURAND, Jean-François, 'Cap. 5. Noé: les paysages de l'Ironie' in '*Les métamorfoses de l'artiste: l'esthétique de Jean Giono. De Naissance de l'Odyssée à l'Iris de Susé*', p. 13.

⁵⁰ KELLER, M. Luzius, '*Piranèse et les poètes romantique*' in '*Cahier de l'Association Internationale des études française*, n.18', 1966.

⁵¹ Tradução livre do autor original: 'repetição infinita' / Segundo autores, tais como: Coleridge e De Guincey (criadores na literatura da dita: '*sensibilité piranésienne*').

⁵² VENTURI, Robert, 'Complexidade e contradição em arquitetura, p. 94.

⁵³ *Id.*, *ibid.*, p. 187.

⁵⁴ DURAND, Jean-François, *op. cit.*, p. 25, ll. 12-14.

⁵⁵ *Id. Ibid.*, p. 25, ll. 23-25.

as justaposições conspícuas dos *Carceri d'invenzione*, representariam, nas artes, o emprego da heterotopia enquanto método para criação espacial.



Fig. 35 – «El arco gótico» (1.º estado): ‘*Carceri d'invenzione*’- *Vedute dos espaços piranesianos da sobreposição*, Giovanni Piranesi, 1720-1778.

5.2.2.1. Casos de estudos

A reflexão sobre a residência privada de Miller e o equipamento de banhos do Havre, tem por foco, independentemente do programa⁵⁶, o estudo dos espaços internos que se julgam, direta ou indiretamente, resultantes do método ou *sensibilidade heterotópica* de Michel Foucault.

5.2.2.1.1. Residência Miller (House III) da *serie* “Cardboard Architecture” – Espacialidade interna.

Terceira de uma série de onze casas cuja investigação de Peter Eisenman: ‘*Cardboard architecture*’ - debruçar-se-ia sobre a natureza entre a forma e o significado, em arquitetura.

Segundo o teórico Durand, a ausência de centralidade, de *foyer*, tornaria o espaço dito ‘*piranésien*’, num palco da pluralidade cenográfica. Para o autor, os *Carceri*, obrigariam o observador a uma atenção



Fig. 36 – Vista sobre o alçado principal: *House III* (residência Miller), Lakeville, Connecticut. Peter Eisenman, 1969-1971.

⁵⁶ Sendo que o programa do ‘complexo aquático’, será abordado adiante.

obsessiva sobre as múltiplas cenas, sobrepostas ou intercaladas⁵⁷, com efeitos de continuidade e rotura⁵⁸ à semelhança da obra *Miller House* (Fig. 36).

Fig. 37 – Vista interior ascendente da «*struture profonde*». (À esquerda, em cima)



Fig. 38 – Axonometria da residência: Conjunção das estruturas. (À esquerda, em baixo)

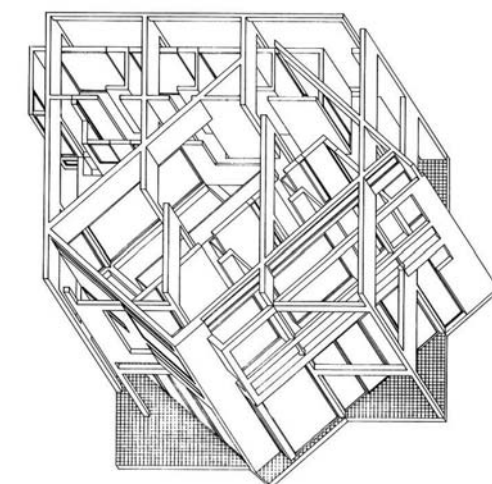


Fig. 39 – Perspetiva interior ascendente da «*struture profonde*». (À direita, em cima)

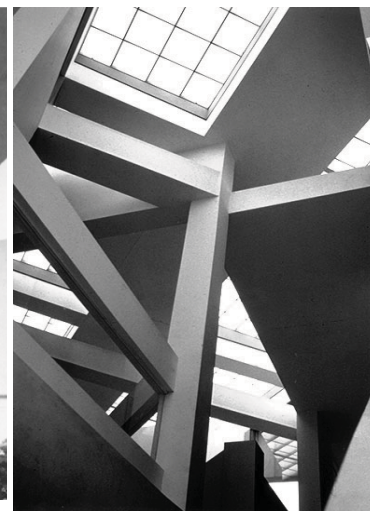


Fig. 40 – Perspetiva interior descendente sobre a sala de estar. (À direita, em baixo)



*“(...) il est possible de transformer un décor en espace piranésien, modelé par la subjectivité du regard, et “ouvert” sur l’infini du temps et des livres. Le décor est devenu um pur enchantement.”*⁵⁹

O dinamismo e movimento, evidente no ‘*espace piranésien*’, refletir-se-ia na abordagem experimental de arquitetos, tais como: Rem Koolhaas, Daniel Libeskind, Lebbeus Woods ou Thom Mayne. Todavia, em Eisenman, a duplicação (visível em Dali) entrecruzada (método heterotópico), a 45°, de duas estruturas cúbicas, presentes na sua obra (Fig. 38) exemplificariam, com maior clareza, a espacialidade interna (Fig. 37, 38 e 39). do gravurista. Os múltiplos vazamentos resultantes da interceção das duas estruturas, produzidas pelas regras consequentes do diagrama, traduzir-se-iam, num universo de ordem (regras estruturais) e o caos (visual)⁶⁰. Caracterizado por diagonais (grealha estrutural)

⁵⁷ *Id.*, *ibid.*, p.13, ll. 7-12.

⁵⁸ *Ibid.*, p. 14, ll. 6-7.

⁵⁹ *Ibid.*, p. 25, ll. 12-14.

⁶⁰ EISENMAN, Peter, ‘*Diagram Diaries*’, p.9, ll. 46-51. / “For between the destruction wich conserves and perpetuates the established order of representations, models and copies, and

concorrentes com ângulos retos, confrontaria o espectador, paralelamente às ‘Prisões’ de Giovanni Battista, à descoberta consecutiva das volumetrias internas. Nesta ocasião, os pés direitos duplos, os meios pisos e os corredores de circulação ‘desintegrados’, atuariam como pano de fundo, distraindo o ator do espaço da sua permanência.

Assim, esta relação de pluralidade espacial com o indivíduo, remeteria para a adjacência espacial derivada, *à priori*, da *sensibilidade heterotópica*.

5.2.2.1.2. ‘Les bains des Docks’ – Fragmentação e justaposição espacial

Em continua muta e artificialização das docas da margem ribeirinha do Havre, irrompe-se sobre ele um ‘complexo aquático’, pela necessidade de devolver ao rio, parte da sua identidade.

“Le hall et les espaces intérieurs sont conçus comme des blocs massifs aux géométries inattendues qui articulent les bassins.”⁶¹

Imaginado como um ‘*épaississement*’⁶² das Docas, o equipamento de banhos ‘des Docks’ (Fig. 42), de Jean Nouvel, multiplica a experiência em torno da água não só pela sua localização, como pelo recurso à justaposição de massas no seu amago, cujos fragmentos resultam em meios pisos (Fig. 41 e 43) ‘habitáveis’ que pontuam o espaço e justapõem os usos (Fig 43).

Como se sucede no caso anterior, a espacialidade interna torna-se dificilmente fotografável e por isso, os diversos ‘frames’ necessário para a visualização total sobre a amplitude dos espaços intersticiais, torna-o irremediavelmente dinâmico apesar da expressão de ‘bloco massivo’, dado aos volumes.



Fig. 41 – Vista sobre a volumetria adjacente à piscina interior lúdica: Concurso para o ‘Complexo aquático’ da *Ville du Havre, France*, Jean Nouvel, 2004 - 2008.

Fig. 42 – Vista Frontal exterior sobre espaço da piscina desportiva de 50 m: Nichos como resultado de subtração da massas e extrusões decorrente da adição por justaposição dos corpos que compõem o espaço interno, s.d., s.a.

the destruction of models and copies wich sets up a creative chaos, there is a great difference.” Gilles Deleuze.

⁶¹ A propósito da memória descritiva do projeto, pelo AJN (Atelier Jean Nouvel). Disponível em: <http://www.jeannouvel.com/en/projects/aquatic-complex-les-bains-des-docks/>

⁶² Tradução livre do autor original: ‘espessamento ou engrossar’.

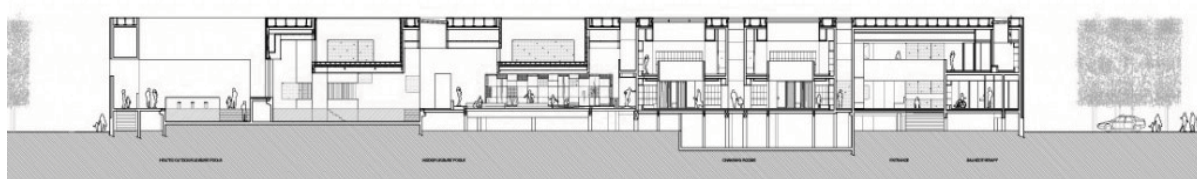


Fig. 43 – Corte longitudinal do equipamento de banhos, AJN, 2004-2018.

Grosso modo, a concorrência destas diversas *topias*, abordadas por Porphyrrios, remetem para a noção de tempo, abordado na obra de Rinke (Fig. 32), *i.é.*, a redescoberta sucessivas de novos espaços não espectáveis ao deambular por entre os volumes (Fig. 45). Os vestiários desconectados entre si deixam por momentos entrever o tanque que ora encastrado e esmagado (Fig. 44 e 43) pela massa dão lugar a espaços de contemplação, repouso e lazer.

A estas características, julga-se esta subjacente a sensibilidade heterotópica, mote para o que se segue.



Fig. 44 – Justaposição de escadas: Tanque sobre piscina. Observa-se o esmagamento deste primeiro e os diferentes pés direitos da segunda, AJN, 2004-2018.

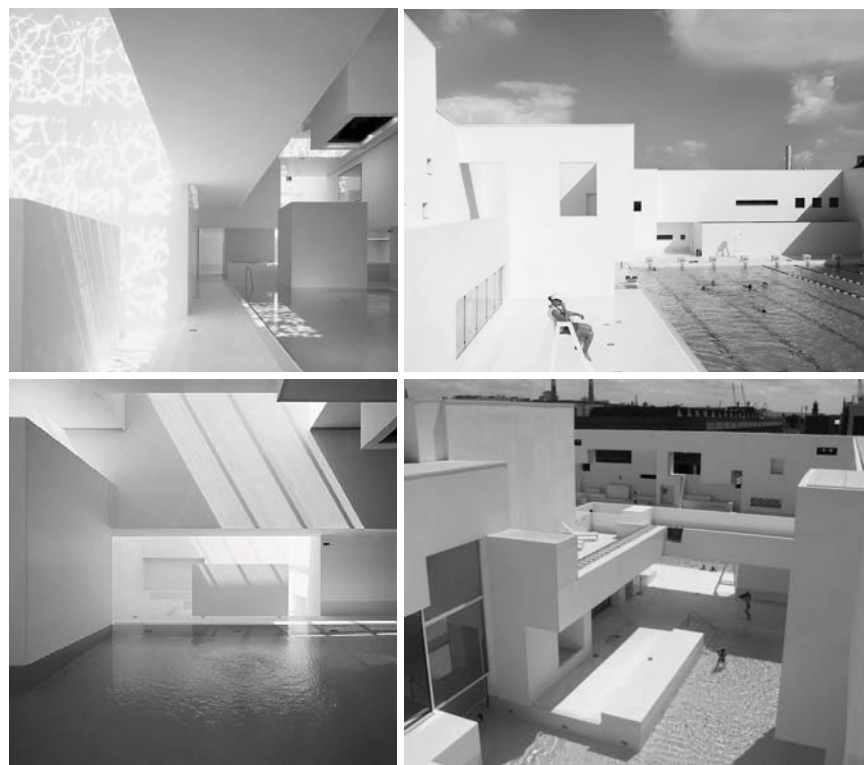


Fig. 45 – Vistas interiores e exteriores, Jean Angelini, 2008.

5.3. Aplicação do método – O reflexo

Fig. 46 – Emprego entre técnicas variadas, provocam uma metamorfose da forma submetida a processos de desmaterialização / Imagem duplicada com base nas mesmas propriedades formais = DALÍ e Dalí, s.t., Abde-Ikader Benchadi, 2011.



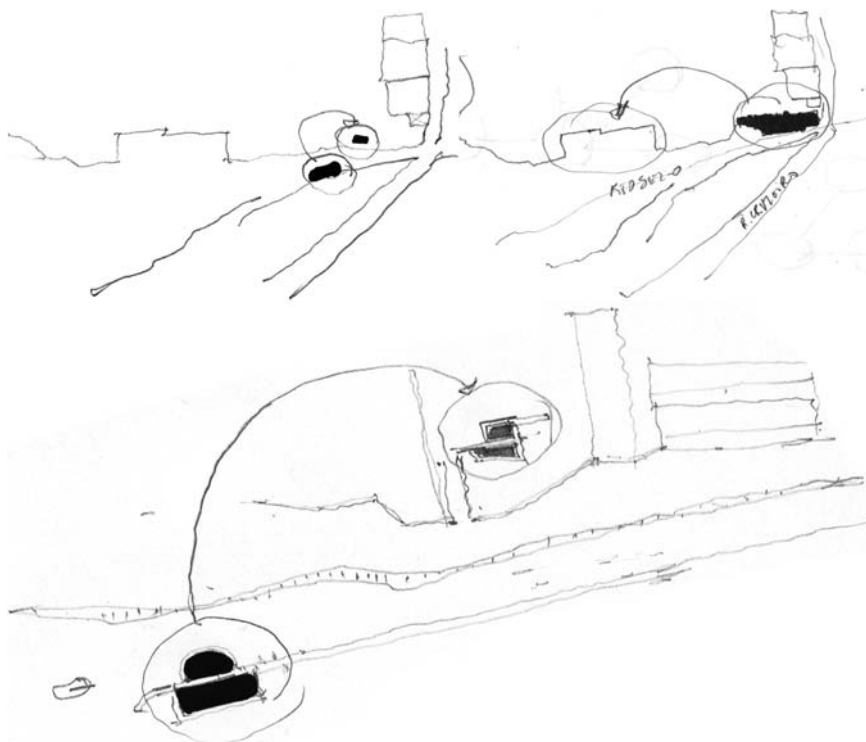


Fig. 47 – Esquema de reflexo entre pré-existências - o Chafariz da Travessa do Chafariz e o Açude - e repetição do mesmo esquema a outra escala - equipamento de banhos para outro, desta vez de maior dimensão.

Fig. 48 – Ampliação do reflexo da pré-existência: de maior escala o - Chafariz da Travessa do Chafariz - e menor - o açude.

A metodologia aplicada ao raciocínio projetual da I fase despoletou-se, quando o paralelo entre: o ‘açude’ de Rui Branquina e o Chafariz da Travessa do Chafariz, surgiu como analogia à ‘germinação surrealista’, no sítio de intervenção.

A morfologia espacial passaria então pela desconstrução do pensamento, num universo repetitivamente infinito - Tanque sobre tanque, consequente num chafariz que por sua vez, reflexo de outro, justapor-se-ia, entre dois acabando entre muitos numa completude, produto do método de Foucault e consecutivamente ‘*structure profonde*’ do objeto de projeto. Por motivos previamente referidos, a II etapa do processo consistiria, assim como em Benchadi (Fig. 46), na transposição da sua integralidade, numa zona de implantação distinta e pertinente, complexificando o seu imaginário, dando-se a prolongação do limite (I) de encontro ao vazio da escarpa rochosa (II, Fig. 49).

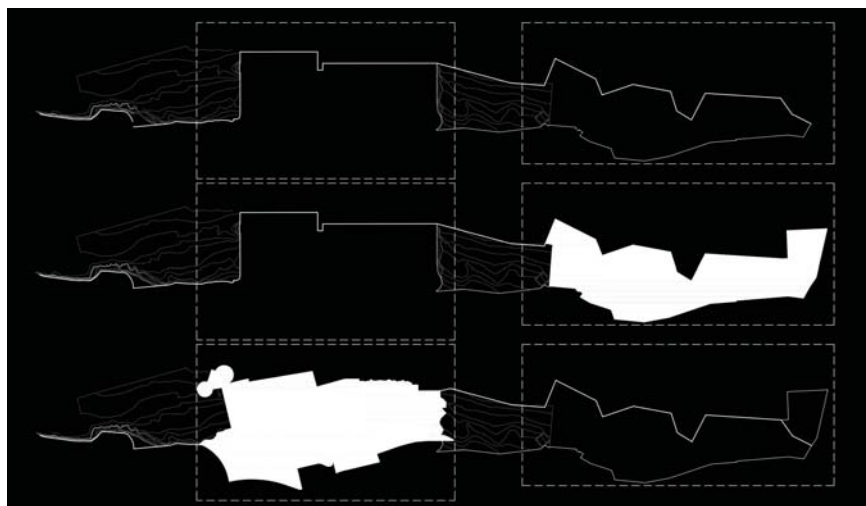


Fig. 49 – Limites (II e I): Transposição do *Topos* para a implantação do projeto.

Conclui-se nesta etapa, que os vestígios⁶³ das pré-existências, junto ao estrangulamento do Vale do Rio Seco, foram determinantes para a origem do problema de projeto e desenvolvimento do método, para a sua resolução. No entanto, não tendo sido o estudo da sua morfologia (l) válido e tendo somente resolvido a questão do limite entre o natural (Parque Natural do Rio Seco) e artificial (muro de contenção) percebeu-se que a heterotopia, enquanto 'reflexo e repetição' permitiria continuar com o mesmo fio conduto abordado ao longo deste capítulo tendo por foco a transladação, logo abaixo, para o vazio expectante.

⁶³ Ligados a construções em torno da água.

III. CAPÍTULO 6 PROJETO

“La capacidad de descifrar um texto como tal, sin superponerle una interpretación, es la forma última de experiência interior.”¹

¹NIETZSCHEM, Friederich, ‘La voluntad de poder’ in EISENMAN, Peter, ‘Uma antologia de ensayos’, p. 173.



Fig. 1 – Imagem de um ‘filme’: Ação focada numa determinada ação (segundo Berger), s. a., s. d.

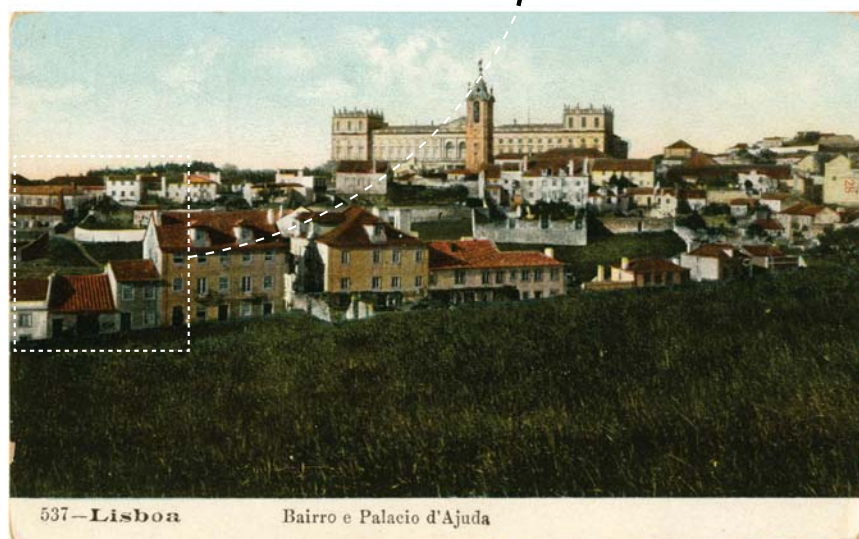


Fig. 2 – Imagem de ‘uma pintura’: Ação simultaneamente dispersa (segundo Berger), s. a., s. d.

6. Heterotopia em torno dos banhos

A abordagem do projeto, no decorrer deste trabalho, foi organizada, por comparação a uma imagem cinematográfica ou de uma pintura. Ao passo que, na imagem de um filme é focada uma só ação, num quadro “(...) *todos os elementos encontram-se expostos a fim de serem vistos simultaneamente*(...)”² (Fig. 1 e 2). Nesse sentido, no decorrer da investigação foram expostos, da ‘parte pelo todo’, pequenos indícios de projeto, cuja relevância, sobre o ponto de vista da memória coletiva e por sua vez da identidade, foram significativas.

No entanto, tendo sido abordada a proposta de consolidação do Largo do Cruzeiro (2.3.1) e da ponte (2.3.5), estes pequenos apontamentos, serviam de apoio e ‘amarração’ à primeira fase projectual (5.3), não sendo por isso mais aprofundada neste capítulo. Outros, de maior pertinência, tal como: o muro II (3.5) e o túnel I (3.2.1) - já serviriam para compor o panorama da ‘pintura’ do Vale do Rio Seco (Fig. 1 e 2).

Surgido por advento de um erro, incompatibilidade ou falha do processo projetual (5.2), agora num *topos* mais abaixo, surge no vazio expectante do vale, o resultado final do método – o equipamento de Banhos do Rio Seco.

O método heterotópico, surge como veículo teórico para sustentar a ideia de ‘transladação’, de um primeiro objeto de projeto (I fase): composto por valências próprias, resultantes por sua vez, da comunicação com os elementos que a envolvem³ (Chafariz da travessa do Chafariz com o açude); para outro (II fase) partindo do pressuposto que a união num determinado lugar de vários elementos onde se situa cria no fundo uma unicidade entre elementos autónomos. Por outras palavras, pretendia-se do primeiro estudo reunir todas as pré-existências num mesmo espaço, como interpretação de uma ‘memória da água penetrável’.

Neste sentido, sendo a Heterotopia um ‘lugar’, um ponto nevrálgico onde comunicam todos os elementos que a envolvem, como que um elemento indivisível, pretende-se propor sobre o território o equipamento de banho termo-lúdico e desportivo que reúna as águas e construções que se julgam identidade do Rio Seco, num só centro dinâmico e com ela devolver ao ‘ancião do Rio Seco’ espaço de encontro e bem estar.

Pretender-se-á, sob a forma de memória descritiva, descrever a proposta de projeto, partindo da escala do parque à do equipamento

² BERGER, John, ‘Modos de ver’, p. 39.

³ Ver Cap. 5, Fig. 48.

6.1. Consolidação urbana

O plano urbano reger-se-á pelo limite obtido na 'I fase da metodologia'(4.1.2.1.), como eixo estruturante entre, a orla inferior e superior do Parque Natural do Rio Seco, *i.é*, como *continuum aedificandi* e de interstício entre a cota alta e baixa, mais precisamente entre – A escala Monumental (Palácio e Torre do Galo); histórica (Consolidação de frente de Rua); residencial de baixa densidade (proposta urbana); de lazer e desporto (equipamento); e natural (o Parque) – o natural e o artificial.

Não tendo sido válida a proposta obtida aquando da 'Morfologia I'(4.2.), e tendo as pré-existências, um papel fulcral no que toca à identidade do lugar, da transladação do projeto para outra 'topia', apenas restará o traçado de limite. Assim, constam dos vestígios a manter – o açude e o Chafariz (da Travessa) – como resquício da origem e simultaneamente resposta ao problema e – os muros de tipo I e tipo II (1 e 2)⁴ - notáveis no panorama do bairro.

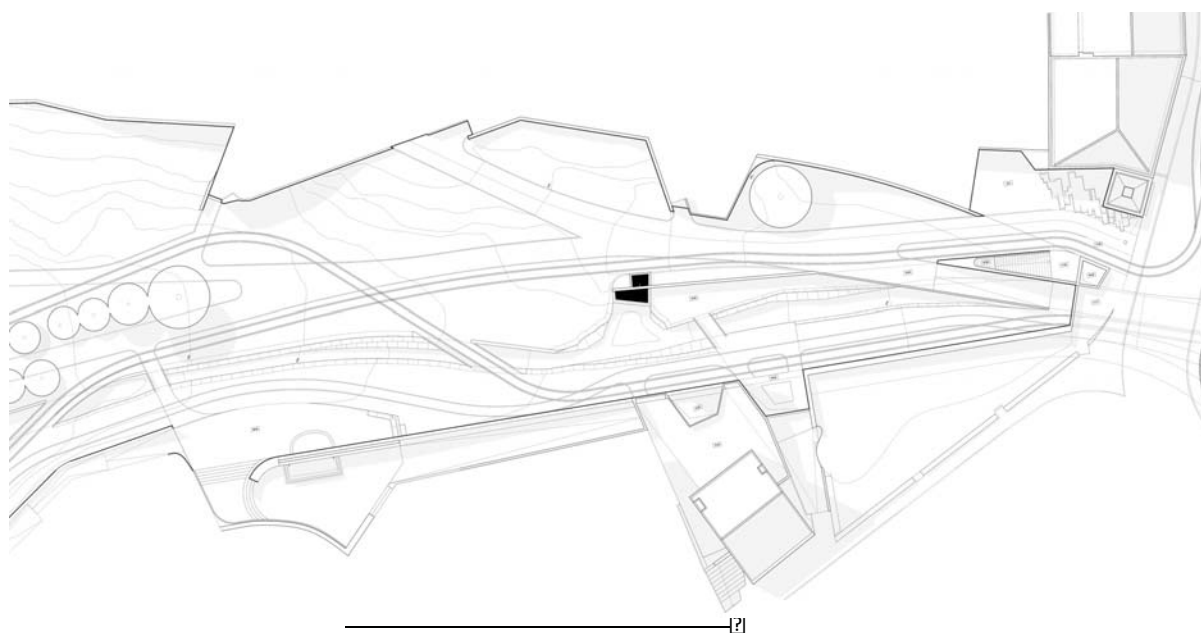
No Parque, junto à R. do Cruzeiro, o 'muro I' (3.4.1.) será parcialmente preservado. Iniciar-se-á na antiga mina do Cruzeiro cuja sua prolongação culminara no **Açude** (Fig. 3), tornando-o numa espécie de muro canalizado (tipo I). No entanto, destacando-se do solo, funcionaria como um "outeiro"(1.2.1./existentes nos jardins) servindo de ponto de encontro já que é garantida, em frente, a ligação da cota baixo do Parque, com a R. do Cruzeiro com o objetivo de encurtar a distância até o 'Clube desportivo Império do Cruzeiro'(2.3.2). Por consequência, ao Chafariz serão devolvidas as cotas originais do vale e destapado o seu tanque de encosto. A remoção da barreira visual, atualmente existente entre eles, permite a fluidez entre ambos. O limite, penetrável por quatro frentes e com acesso a duas cotas distintas, são elas - a baixa e alta (Fig. 5) – são destinadas, respetivamente – à *promenade pública*⁵ (Fig. 4) – de encontro ao equipamento, e de acesso às habitações unifamiliares.

Fig. 3 – Origem da Ideia: Posicionamento do Chafariz da Travessa do Chafariz e do Açude; Linha de água e Muro I, na Orla inferior do Parque Natural do Rio Seco.

Legenda:

■ O Açude

— 'Limite penetrável'



⁴ Ver alínea 3.4.1 e 3.4.2.

⁵ Previsto para ser de acesso condicionada a automóveis de manutenção de espaço público

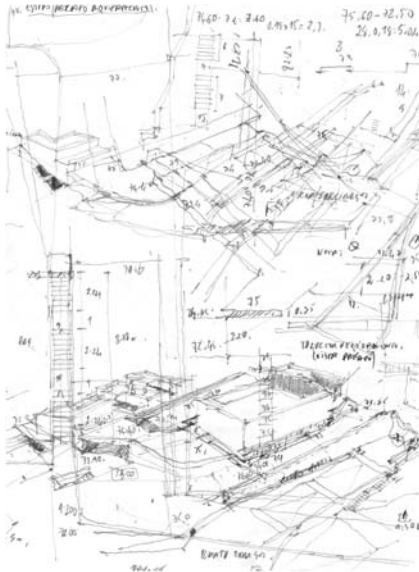


Fig. 4 – À direita: Esquízo da promenade à cota baixa (Zona centro).

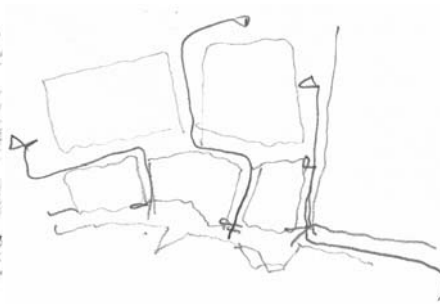
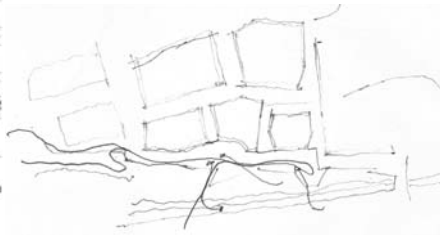


Fig. 5 – Em baixo: Limite penetrável: cota baixa, de transição entre o parque o a promenade pública;



Em cima: Estratificação do limite: Acesso à cota alta.

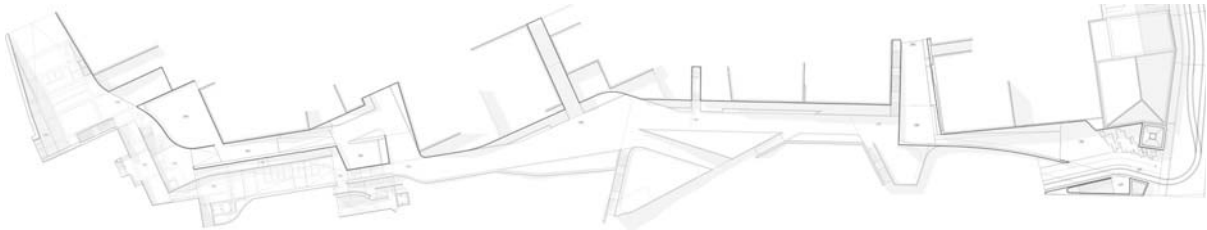
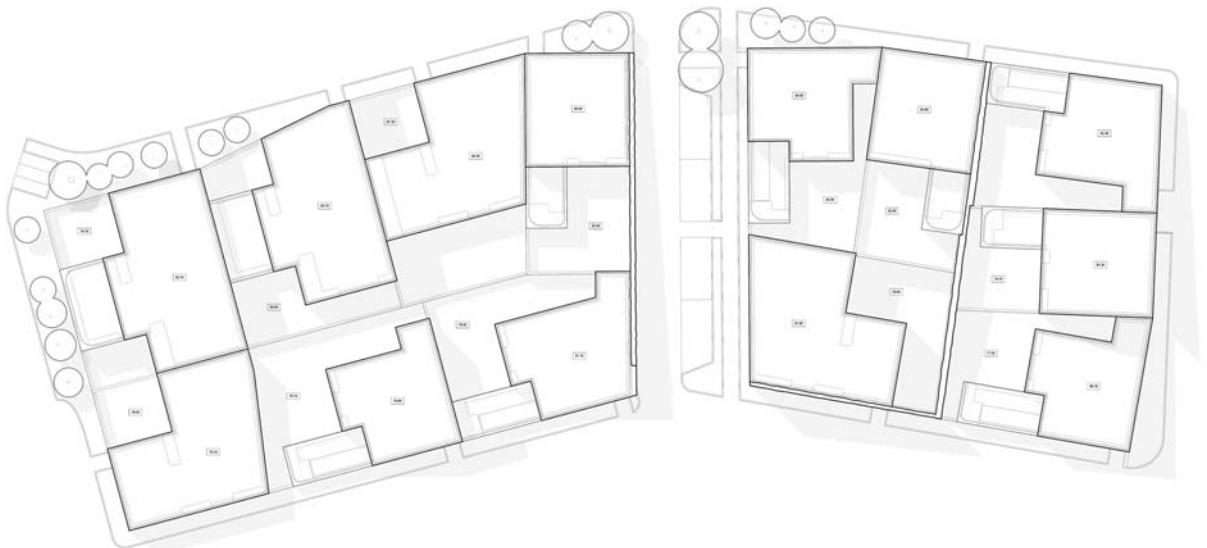


Fig. 6 – Limite penetrável, e. a., 2017.

Projetaram-se um total de cinquenta casas, de dois pisos, ‘agrafadas’, por um lado, às propriedades fundiárias do edificado de frente rua, e por outro, entre si, formando um conjunto de – sete bandas, três quarteirões e outros tantos que rematam as pré-existências.

As demolições de todo o aglomerado urbano dito ‘intercalar’⁶, poria em evidência os muros ‘hortícolas’ de séc. XIX (Fig. 7), dissimulados por entre o amalgama contruído. O desenho dos quarteirões, a norte, propõe a orientação das casas segundos os seus eixos. Neste sentido, serão parcialmente englobados (em dois quarteirões) cuja bivalência do antigo e do novo, confrontam o espectador com os resquícios da história sobre o território.

Fig. 7 – Dois quarteirões a norte do Terreno de intervenção: Muros de séc. XIX integrados na divisão de lotes, e. a., 2017



⁶ Ora estreitos ou amplos, ora permeáveis ora opacos à envolvente.



Fig. 8 – Plano Urbano: Planta de cobertura e infraestrutura de interior de Parque (1.500).

Com vista na ‘descoberta’ dos ‘muros encanados’ (tipo II.1 e II.2), como parte integrante do sistema de abastecimento identitário do sítio da colina e da memória coletiva, de modo a preservar e destacá-los, criaram-se sobre eles três miradouros⁷ – a norte (pequeno), centro Oeste (médio) e extremo sul (grande) – cuja escala difere gradualmente, conforme relação de proximidade com a estrutura verde. Para reforçar a correlação, foi ainda criado um eixo pedonal (Fig. 8 e 9) ou de acesso restrito, que culmina justamente na fonte do miradouro de maior escala, fechando-se, simbolicamente, sobre ele o percurso soterrado da água.

Ao longo da R. Augusto Gomes Ferreira e do Guarda-Jóias, são garantidas seis entradas sendo as duas a Noroeste e outra a sul, de acessibilidade condicionada a veículos residências e de emergência⁸. Sendo que as restantes apenas não porque a elas está associada a entrada e saída do Parque de Estacionamento para utentes do equipamento.

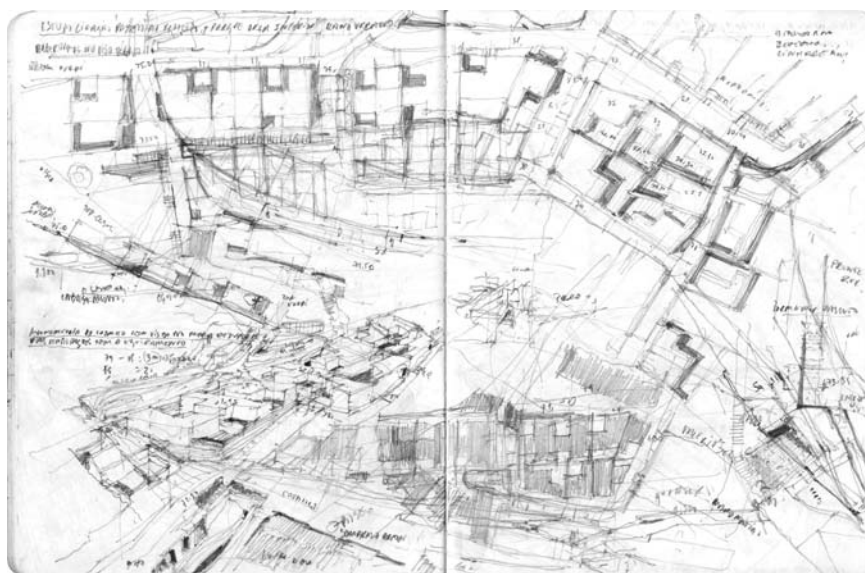


Fig. 9 – Limite penetrável.

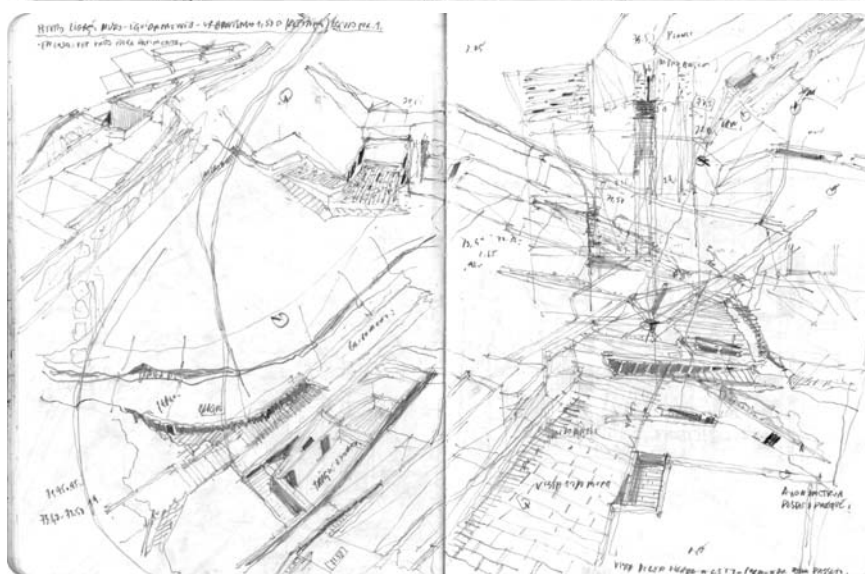


Fig. 10 – Perspetivas da cota baixa: Promenade, junto ao equipamento.

⁷ O miradouro a norte vem por acréscimo.

⁸ Sendo que as restantes apenas não porque a elas está associada a entrada e saída do Parque de Estacionamento para utentes do equipamento.

6.2. Morfologia II

Subdividido em 4 corpos (Fig. 11), o equipamento seria composto pelos seguintes núcleos: principal e secundário, da piscina em linha e de interstício. De modo a prevalecer os sistemas visuais, existentes nos limites de bairro, com olhos postos sobre as águas do vale e do tejo, querer-se-iam volumes cujas cérceas não extrapolassem a cota do Miradouro, a sul. Por conseguinte, de forma a vencer a diferença de cotas, procedeu-se à ocupação do vazio rochoso, espraçando-se os volumes, orla abaixo, até ao encontro com o vale. Progressivamente mais ténues os corpos que ‘abraçam’ a escarpa seriam assim de maior envergadura.

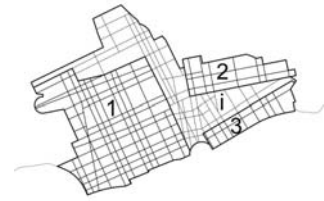
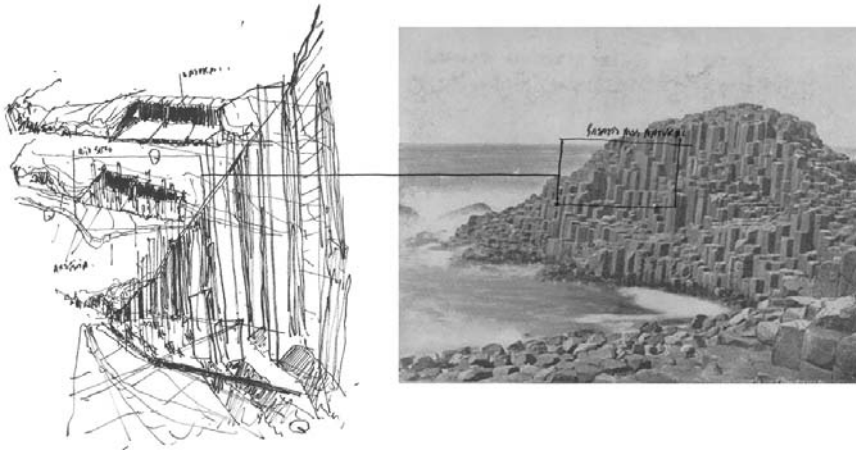


Fig. 11 – Volumes dos 4 corpos: ‘Grelha estrutural’.

Legenda:

- 1 Principal;
- 2 Secundário;
- 3 Piscina em linha;
- i De Interstício.

Fig. 12 – Fotomontagem conceptual com vista sobre a ‘Calçada do Gigante’, Antrim, Irlanda do Norte (Reino Unido): Primas naturais, e. a., 2017.

Para uma espécie de ‘prótese rochosa’, a morfologia do conjunto repousaria sobre a formação basáltica natural da ‘Calçada do Gigante’ (Fig. 12) recorrendo ao imaginário de Alberto Burri no uso da pré-existência, como mote para o emprego do método heterotópico. Pensou-se no invólucro exterior como uma reiteração dos sólidos de auto-produção, desconstruídos segundo uma grelha estrutural (Fig. 13 e 20). Esta possibilitar-nos-ia a procura de espacialidade, por intermédio da ‘extrusão’, criando-se interstícios que se manifestariam em meios pisos ou poço de luz natural (Fig. 14 e 15). Desta forma, dos sólidos puros ‘eclodiriam’ outros de menor escala.

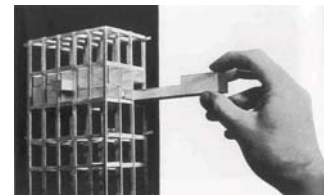


Fig. 13 – ‘Grelha estrutural’ tipo-Maquete de estudo para a *Unité d’habitation de Marseille*. Le Corbusier, 1947-1953.

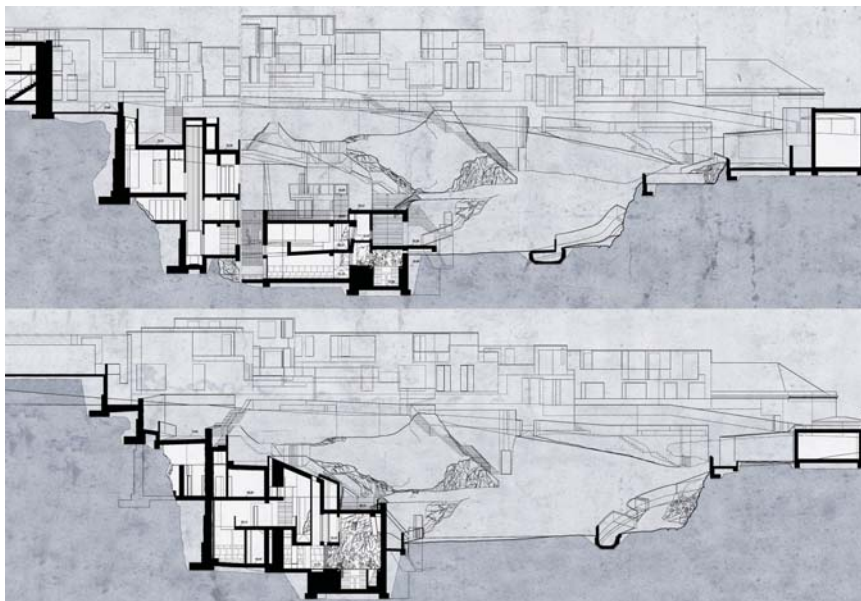


Fig. 14 – Cortes Transversais pelo corpo ‘secundário’ (2), de ‘interstício’ (i) e da ‘piscina em linha’ (3: (com destaque) Poço(s) de luz natural. 1.200.

O **corpo 'principal'** abarcaria a maior complexidade espacial da proposta, justamente onde se apresentam os tanques, em maior número.

O dinamismo pretendido, que lhe confere destaque, seria obtido pela formação de pés direitos duplos, triplos e meios pisos que assomam como um 'pixelamento', de onde se difundiriam as vigas, assimétricas, que os sustenta (Fig. 15 e 16).

Fig. 15 – Corte longitudinal pelo corpo 'principal' (1) e 'de interstício' (2): (com destaque) Poço(s) de luz natural e meios pisos. 1.200.

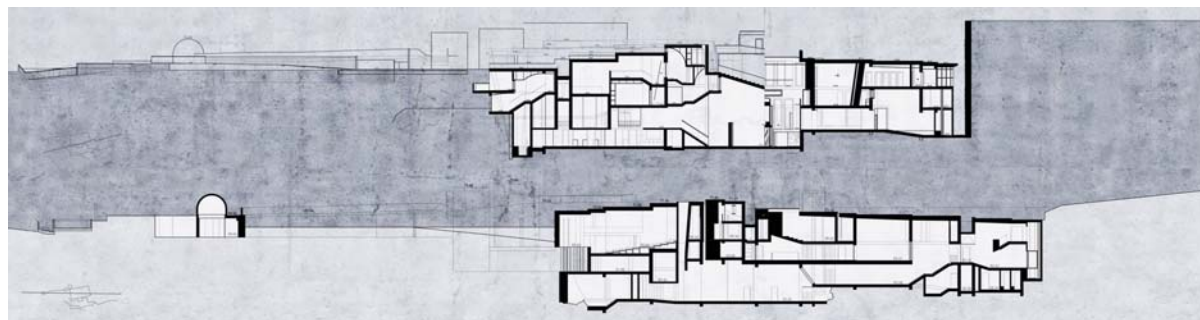


Fig. 16 – Corte longitudinal pelo corpo 'principal' (1) e 'secundário' (2): (com destaque) Meios pisos. 1.200.

Apesar do contexto assombroso⁹, o manifesto de Woods em *'The Sarajevo Window'* (Fig. 17), resulta da transformação das ruínas e restos, em composições volumétricas que pretendiam romper com o quotidiano corriqueiro e degradado das construções, conferindo à população momentos outros, de distração e orgulhos¹⁰. Neste entendimento, os elementos de exceção por advento da matéria do 'pré-existente', confeririam ao espaço uma experiência de igual pendor.

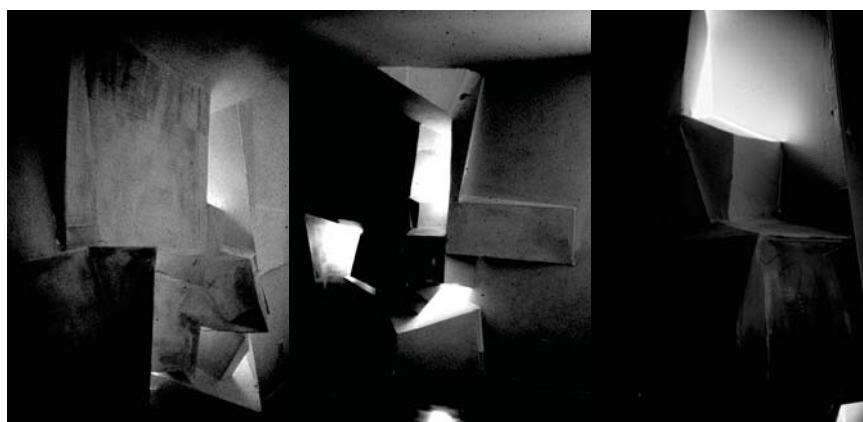


Fig. 17 – Manifesto: *'WAR AND ARCHITECTURE: The Sarajevo window'* - Paredes Prototípicas vistas pelo interior. Lebbe Woods, Bósnia, 1994.

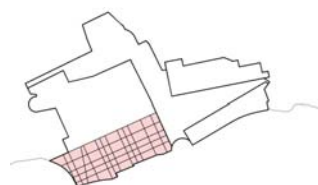


Fig. 18 – Corpo principal: localização da piscina de 25 m.

Neste entendimento, considerou-se pertinente o 'destaque' da piscina principal (25 m / Fig. 18), de maior escala, propondo-se o tratamento dos tetos, segundo transposição das pendentes existentes nas coberturas do

aglomerado de produção autónoma, refletindo-se na água, as 'memórias'. A par e passo com Étienne-Jules, os vértices médios das cumeeiras seriam alinhados segundo um plano (de nível / Fig. 15 e 16), de modo a extrair-se-lhe um molde inverso (Fig. 19 e 21). À *posteriori*, a intersecção com a grelha (Fig. 21 e 22) resultaria em módulos para proceder ao estudo da extrusão.

⁹ Em resultado aos conflitos da Bósnia

¹⁰ De modo a facilitar a leitura da proposta, os espaços serão abordados conforme a ordem coerente do percurso.

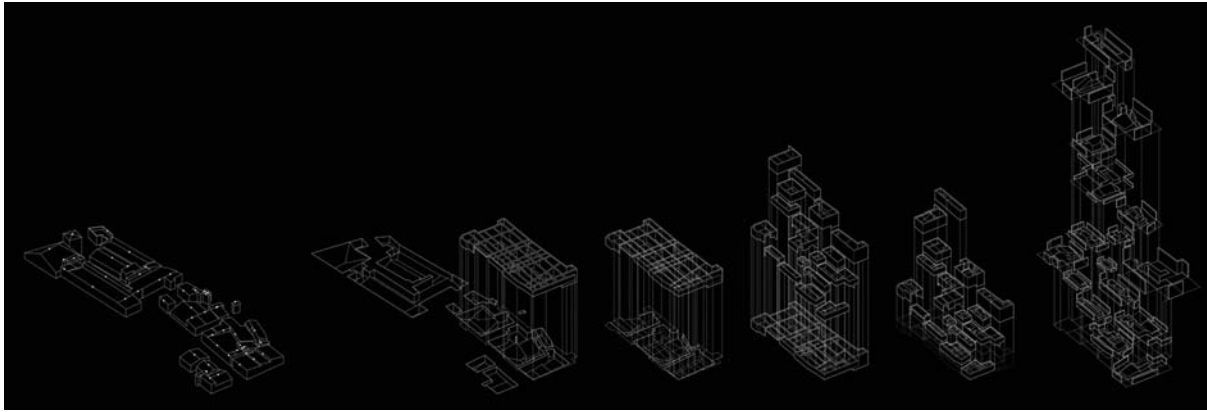


Fig. 19 – Decomposição das pré-existências através da 'grelha estrutural'.
(Em cima)

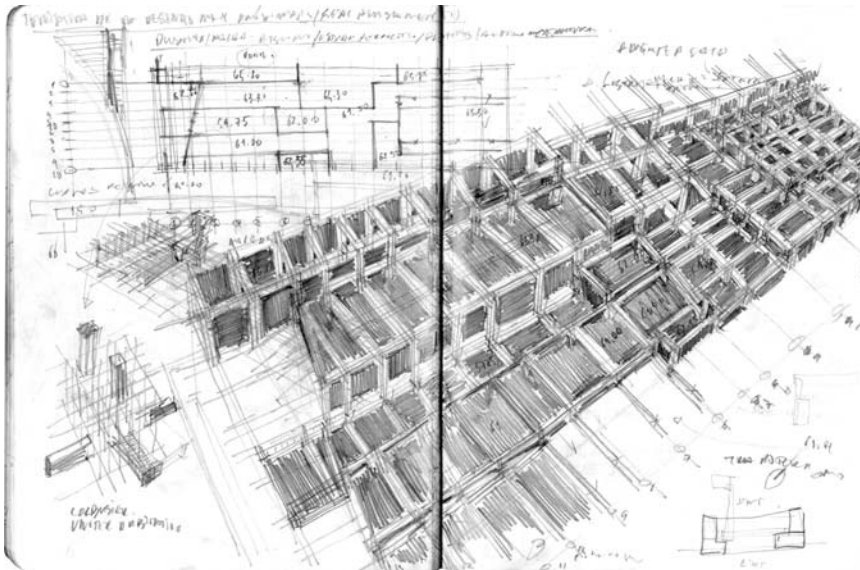


Fig. 20 – Esboço da estrutura: 'Grelha estrutural'.
(À esquerda)

Fig. 21 – Maquete do molde negativo do aglomerado de produção autônoma (escala 1:100): Linhas de interseção com a grelha.
(em baixo à direita)

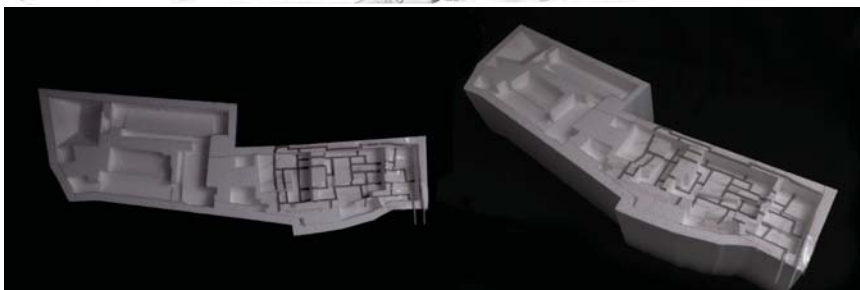


Fig. 22 – Maquetes do Prisma resultantes da interseção (escala 1:100): Estudo dos tetos da piscina principal.

Legenda:

- 1 Volumetrias gerais através da extrusão;
 - 2 Volumetria dos tetos.
- (Em baixo)

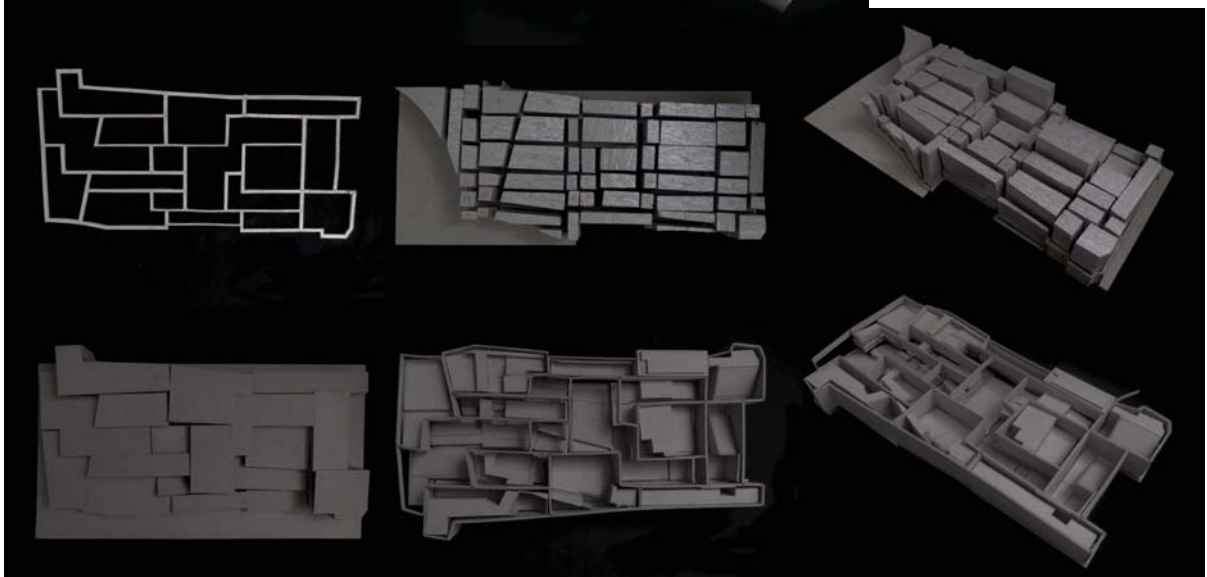


Fig. 23 – Esboço perspético da ideia dos tetos piscina de 25 m.

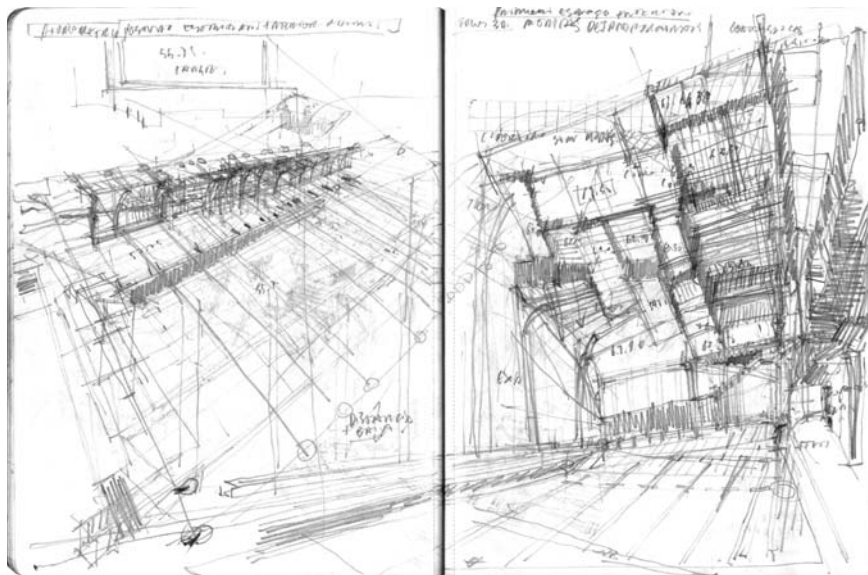


Fig. 24 – Tetos da piscina de principal (25 m): Planta e axonometria.

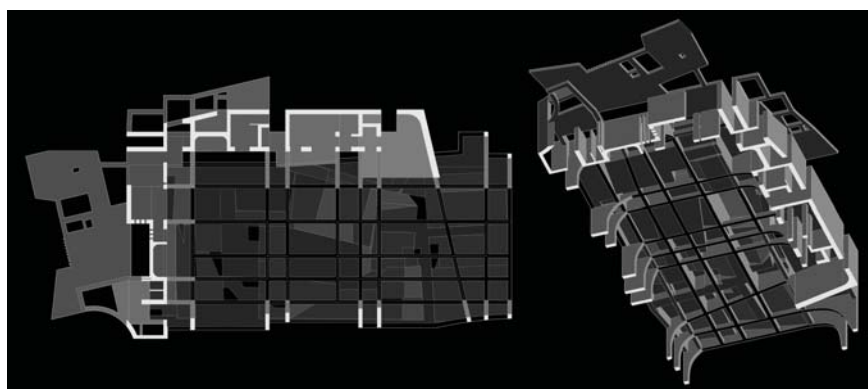
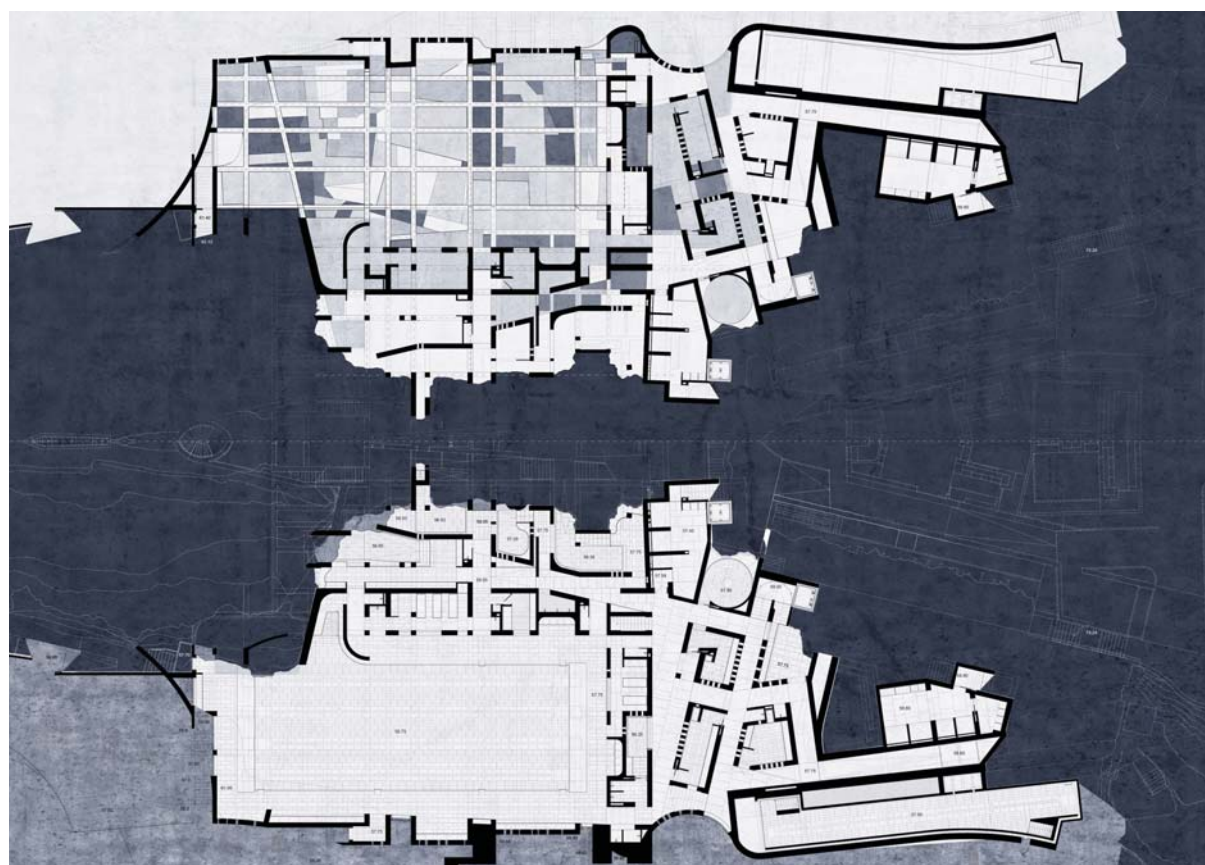


Fig. 25 – Planta de tetos e pavimento da piscina de principal (25 m): Contexto topográfico. 1:120.



Como visto, *à priori*, o fascínio pelos temas do movimento/tempo teriam sido empregues por inúmeros autores, *inclusive por* Gottfried Böhm e Lyonel Feininger. As suas obras destacar-se-iam, nesta fase, pela curiosa empatia com as espacialidades parasíticas do arquiteto experimentalista. Segundo Macarena de León, os quadros do pintor Feininger teriam também como principal metodologia a distorção, baseada na decomposição de planos¹¹. O estudo dos telhados invertidos correlacionar-se-ia com este procedimento, tendo por consequência a interseção de planos dispares visíveis tanto na sua obra (Fig. 26), nos tetos da Catedral de Sta Maria de Neviges (Fig. 27), como na parede prototípica. No entanto, de encontro às faces, de nível, do geomonumento da ‘Calçada do Gigante’, se por um o lado os interiores da piscina (Fig. 23 a 25) repousam sobre a Catedral, por outro seriam encimadas por planos de nível, mais proeminente na obra do arquiteto alemão relativa à Igreja Católica de Cologne (Fig. 28). Segundo o autor, estas composições resultariam na entrada irregular de luz, exacerbando-se a expressão da volumetria interna.

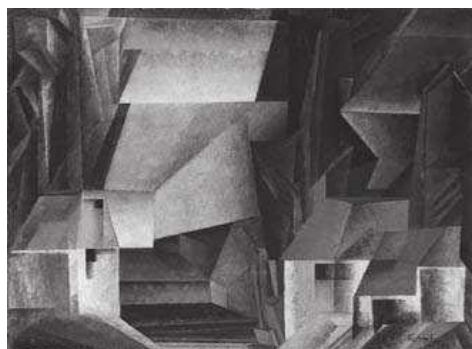


Fig. 26 – Pintura que se pressupõe representar um ambiente arquitetónico: Decomposição dos planos, Lyonel Feininger, s.d.



Fig. 27 – Catedral de Santa Maria de Neviges, Alemanha: Alçado, de Cristo, Cologne, Alemanha: Corte Gottfried Böhm, 1963-1964.

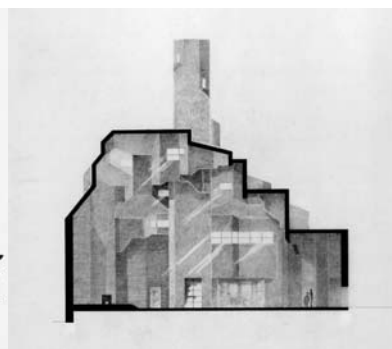


Fig. 28 – Igreja Católica da Ressurreição de Cristo, Cologne, Alemanha: Corte transversal, Gottfried Böhm, 1963-1970.

Tendo sido transposta a mesma metodologia por decomposição e exibido o resultado nas obras, acima referidas, *a posteriori*, com base nos edifícios religiosos, abrir-se-iam nos tetos da piscina principal ‘rascos luminosos’, entre os desfasamentos volumétricos existente no núcleo de cada módulo. Estes permitiriam, à semelhança da parede prototípica, a entrada pontual de luz de este, sul e zenital.

“(...) estabeleci uma relação muito mais no essencial entre o edifício e a paisagem, portanto era como que procurar linhas de agarramento do edifício essenciais, naquele caso o muro de suporte (...)”¹²

O volume situado no topo do corpo principal integra o fragmento a sul do muro I.1 (Fig. 29 e 30), permitindo a sua orientação a Norte-Sul, tendo como ‘pano de fundo’ a vista sobre a envolvente (Fig. 31).

¹¹ LEÓN, Macarena de, ‘Gottfried Böhm y la Iglesia de Peregrinación en Neviges (1963/1972)’, p. 201, Il. 4-11 in PRADA, Manuel de, ‘Arte, Arquitectura y Mimesis’.

¹² Curtametragem: ALVES, Luis, BILHETE, Víctor, ‘Álvaro Siza, obras e projectos’, 2001.

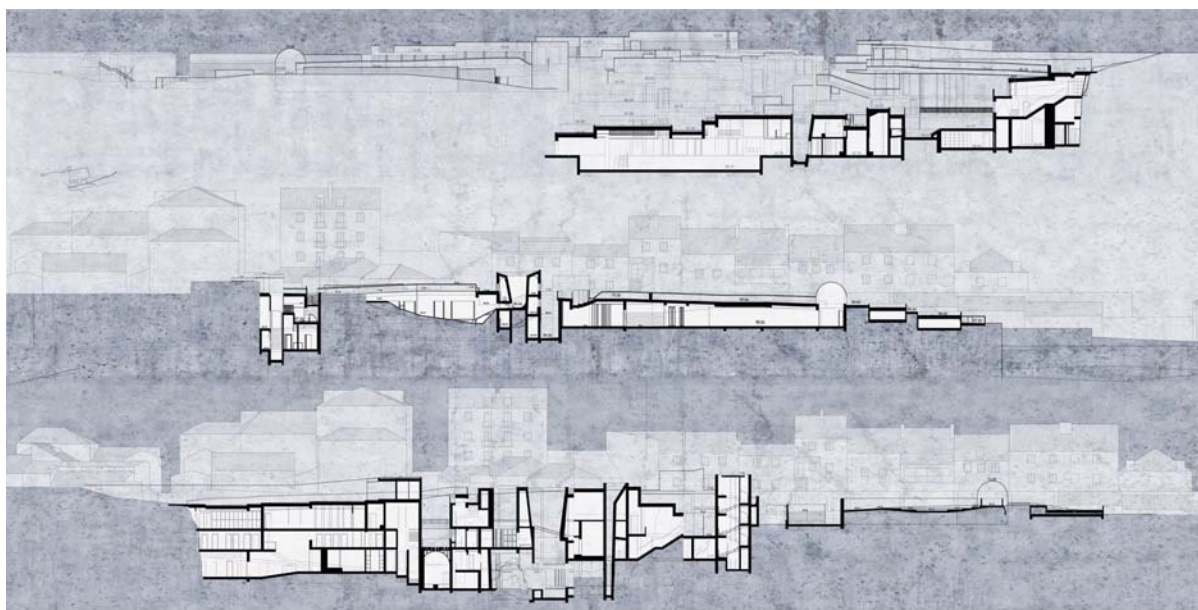


Fig. 29 – Corte/Alçado Este longitudinal pelo corpo ‘principal’ (1) e ‘de interstício’ (3): Vista sobre o muro I.1. 1.200.

Fig. 30 – Corte Longitudinal (parcial) do volume situado no topo junto ao muro I.1: Galeria de circulação e vista sobre o II quadrante (lado oposto do vale). 1.200.

Fig. 31 – Corte longitudinal pelo corpo ‘principal’ (1) e ‘secundário’ (2): (com destaque) Poço(s) de luz natural; Vista sobre a envolvente: II quadrante. 1.200.

Menos pronunciados, os **núcleos secundários e da piscina em linha**, interligar-se-iam por intermédio de uma rampa, com o objetivo de promover a *promenade architecturale* ao longo do **núcleo intersticial**. Este, por sua vez, garantiria a simbiose e o encerramento do espaço entre os três corpos, agrupando-os num todo tornando-se essencialmente numa zona de transição e circulação entre unidades.

6.3. Programa¹³

Reunindo-se os temas das reminiscências coletivas em torno da pré-existência e da água, o percurso deambulatório inicia-se pelo advento da galeria, recostada aos antigos alicerces, que articula o estacionamento aos dois momentos do programa, ditos de – Auditório Autônomo – pousado no topo do corpo principal e nos restantes os – Banhos Públicos termo-lúdicos e desportivo.

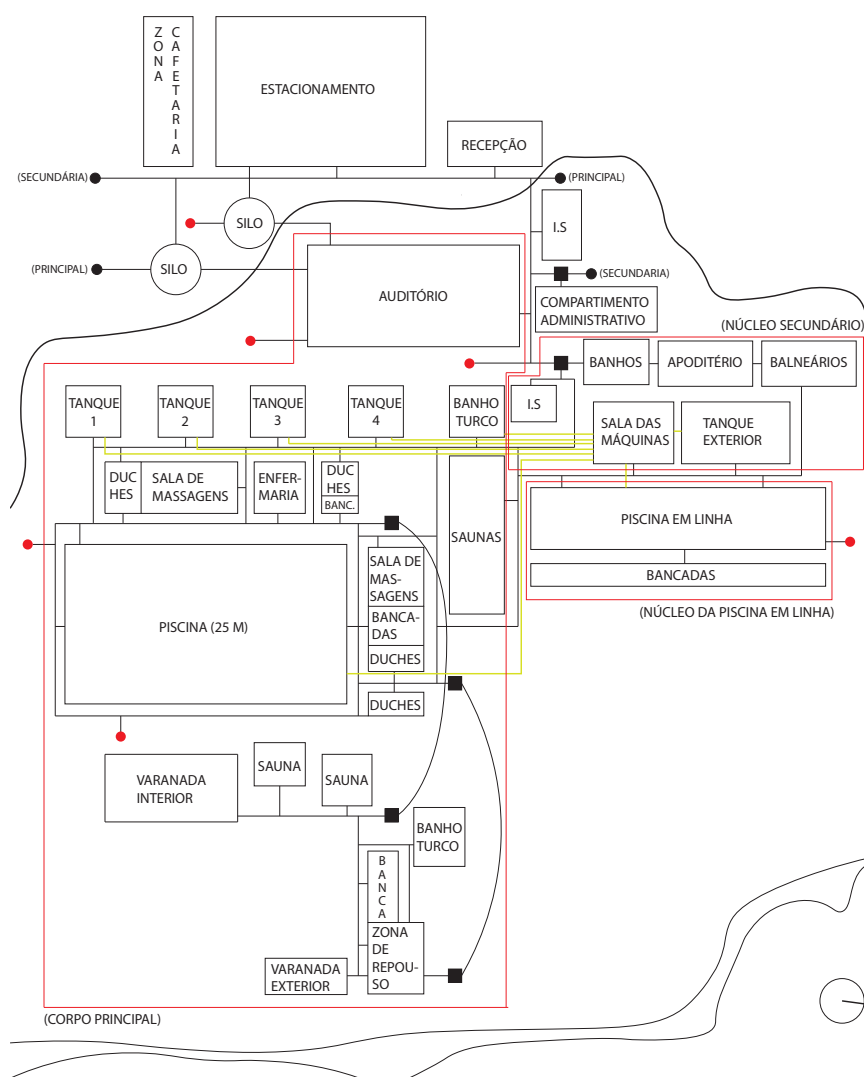


Fig. 32 – Diagrama programático do equipamento de banhos públicos do Rio Seco.

Legendas:

- Saída(s) semi e pública(s) de emergência;
- Entrada(s) pública(s) ou aos oradores;
- Acesso(s) vertical(ais);
- Ligações técnicas.

6.3.1. Estacionamento e galeria

Com o intuito de restituir o jardim da vetusta quinta do Conde Seabra e os seus importantes marcos históricos, tais como: o muro canalizado II.2, que o envolve e o túnel III (Fig. 33 e 36), presumidamente estabelecido no subsolo – nasceria ‘entre-muros’, o parque de

¹³ De modo a facilitar a leitura da proposta, os espaços serão abordados conforme a ordem coerente do percurso.

estacionamento semi-soterrado, de apoio ao espaço cultural e recreativo. Porém, afim de preservar as pré-existências, estas implicariam manter as cotas do antigo espaço verde a 70.00 e 71.00m, restituindo-as através da laje da cobertura (Fig. 34 e 35). A capacidade máx. seria de 46 lugares sendo: 4 reservados aos moradores, 2 para mobilidade condicionada, 10 para funcionários¹⁴ e os restantes para utentes, que pagariam pelo lugar.

Fig. 33 – Esboço do estacionamento, com apontamentos do túnel III e axonometria do miradouro.

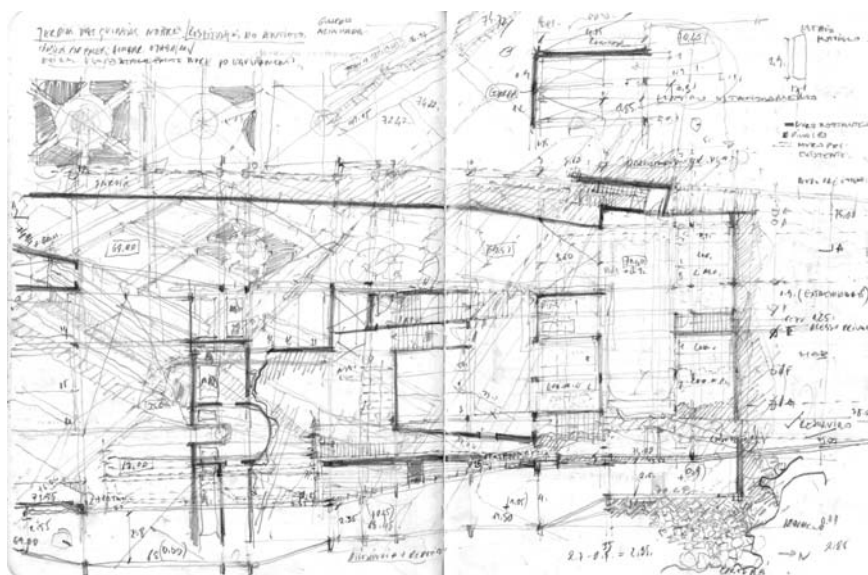


Fig. 34 – Planta da cobertura do parque de cafetaria / estacionamento / galeria e equipamento. 1.200.

Legenda:

- Projeção horizontal do parque de estacionamento.



¹⁴ A características geológicas e tipológicas do lugar, não permitiriam de forma pouco invasiva, a projeção de lugares de estacionamento suficientes, tendo sido o elétrico pensado, inclusive, para o transporte dos utentes.



Atuando como uma rótula na topografia, este asseguraria a transição pedonal desde o seu âmbito até - os Miradouros (Fig. 34) do jardim Oeste e Este (Fig. 35); a zona das cafetarias (sul / Fig. 36); às habitações sobranceiras ao Pátio Seabra (Noroeste) e por fim à galeria. Por sua vez, 3 aberturas no muro II.2 permitiriam o acesso à galeria soterrada que abarcaria – os arrumos – de apoio aos banhos e – a Entrada Principal – junto à Rua do Pátio Seabra, à cota 73.26 e 70,75 m, permitindo por intermédio de dois lances de escadas, o acesso à receção posicionada a 4,85m abaixo¹⁵.

¹⁵ Os acessos à mobilidade reduzida seriam assegurados: pela primeira saída, ainda no muro II.2, através de uma rampa de encontro à galeria e outra, por intermédio de um acesso

Fig. 35 – Planta parcial do Parque de estacionamento (Entrada / cota 72.70): Contextualização da cobertura ajardinada (redesenho do antigo jardim e dos miradouros a Este) e abertura sobre o muro II.2. 1.200. (em cima)

Fig. 36 – Planta parcial do Parque de estacionamento (Saída / cota 70.00): Contextualização do Túnel III, cafetarias a Sul e aberturas sobre o muro II.2. 1.200. (em baixo)

6.3.2. Auditório

Legenda:

- 1 Área lateral de apoio ao palco;
- 2 Escadas de serviço;
- 3 Palco;
- 4 Estrados com movimento vertical;
- 5 Recinto técnico
- 6 Sala com instalações para direção;
- 7 Cabine de som;
- 8 Plateia;
- 9 Varanda para oradores / artistas;
- 10 Varanda para espectadores;
- 11 Balcões;
- 12 Mostrador, Guarda roupa;
- 13 Saída para oradores/artistas;
- 14 Saída de emergência;
- 15 Elevador para cargas e descargas;
- 16 Galeria;
- 17 Vestíbulo;

“Antes as ruas eram alegres e vividas até íamos bordar juntas e falávamos muito uns com os outros, agora...”¹⁶

Tendo em vista a relação de vizinhança, presente à ainda bem pouco tempo no local, bem como o espírito de entreajuda que imana do ‘ancião do Rio Seco’ (memória coletiva) deixariam, com base na residente Ema, imaginar a troca de conhecimento veiculada no bairro. Todavia, pressupõe-se que a mudança progressiva do paradigma popular fora impulsionada, entre outras, pelo surgimento da gentrificação. Por conseguinte, avizinha-se, o aparecimento de ‘novas’ gerações de moradores tendo por consequência, a perda do cenário identitário do lugar, constatado na atualidade.

Neste sentido, atendendo ao contexto do construído de proximidade, referente a instituições de ensino e cultura, tais como: o Polo Universitário e o Palácio da Ajuda, pretender-se-ia, através de um espaço cultural a redinamização do bairro da Ajuda por meio de um – Auditório autónomo (Fig. 37, 38 e 39).

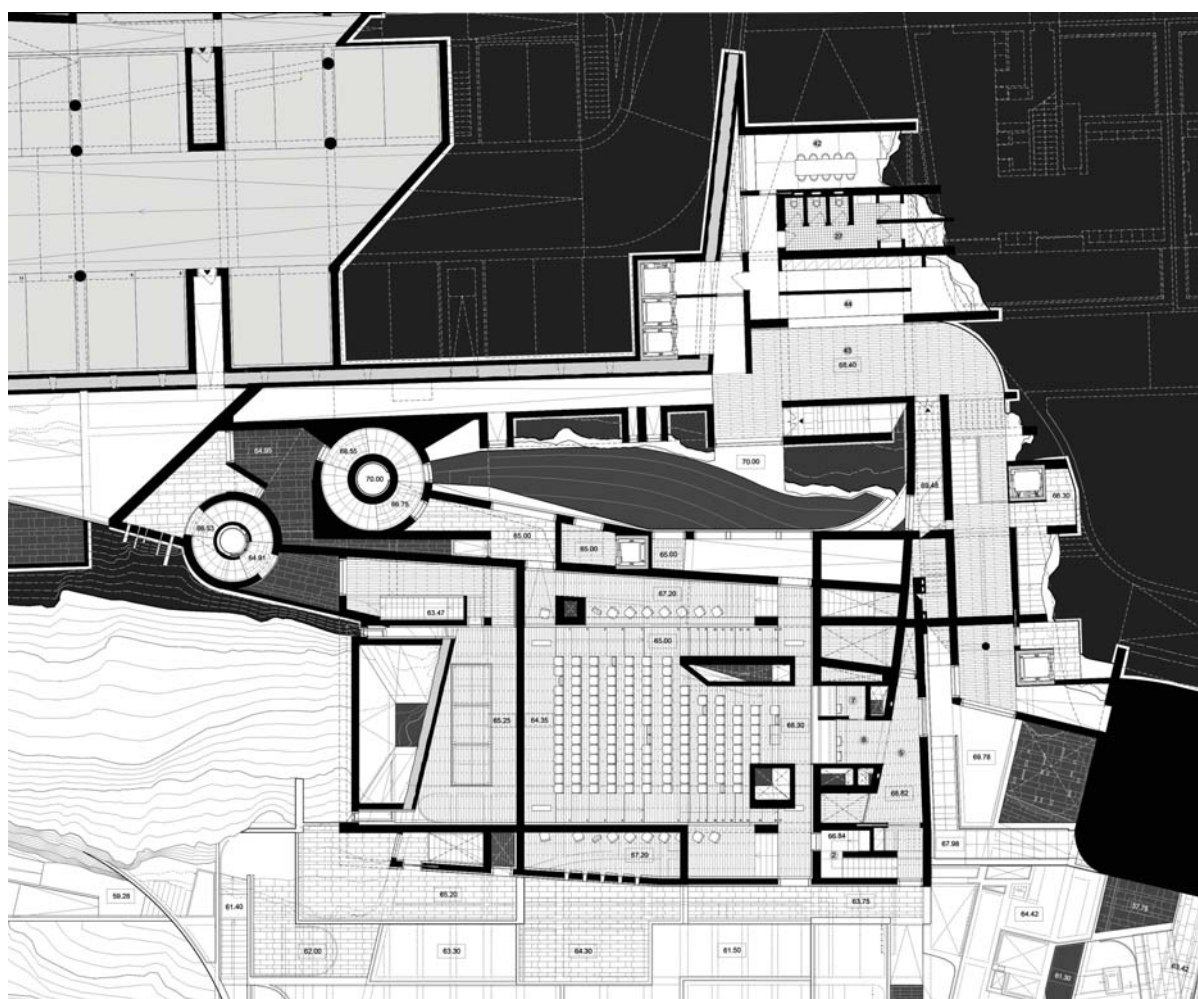
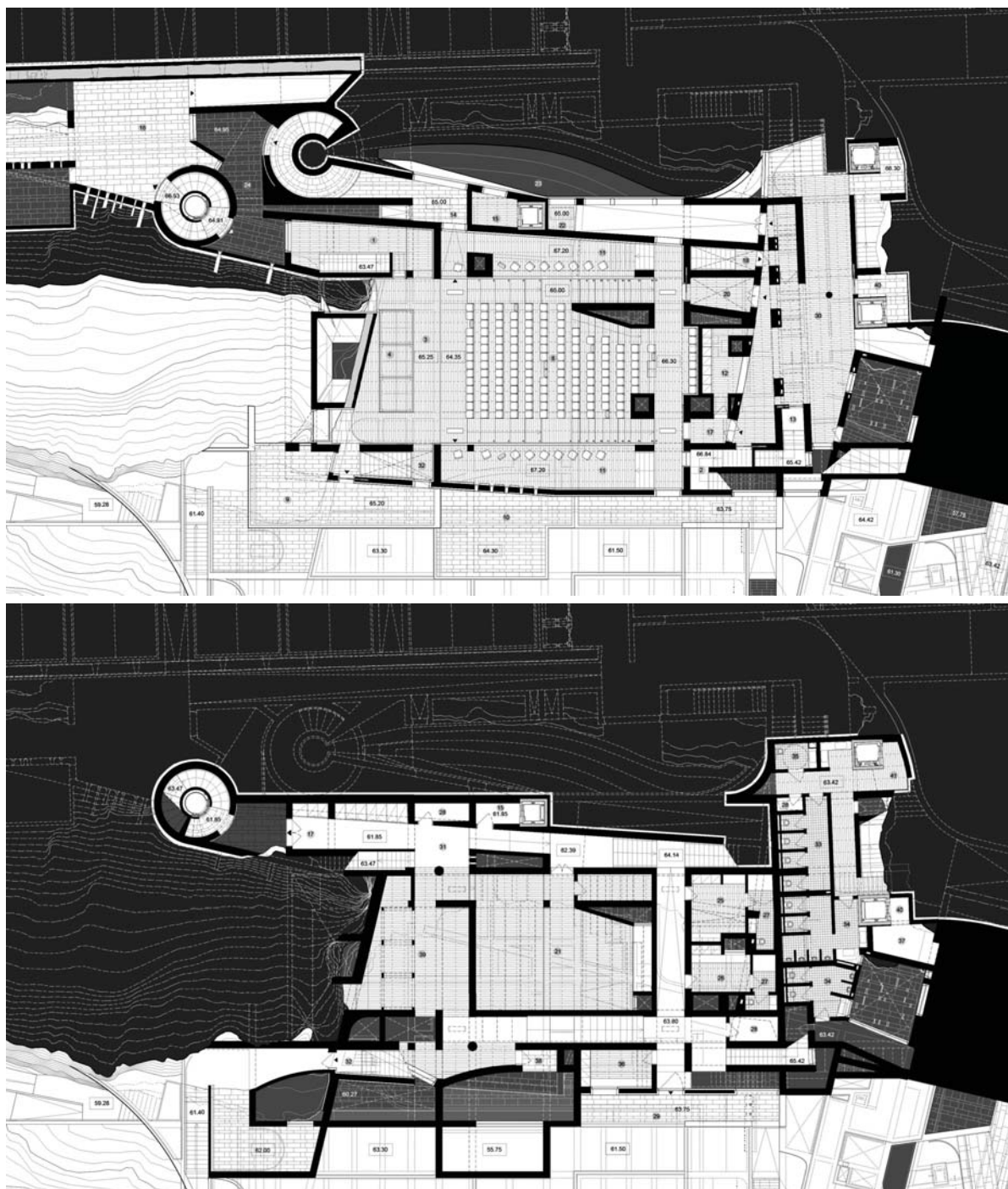


Fig. 37 – Piso da receção: Cota 68.40.

vertical mecânico, disposto no espaço público de miradouro, daria acesso direto ao hall da receção.

¹⁶ A propósito de conversas informais com os habitantes do bairro do Rio Seco – Residente da Travessa da Ajuda, Ema de 83 anos (em 2018); Número de polícia em falta.



Legenda (continuidade):

18 Entrada secundária: Oradores;
19 Acesso principal: Oradores;
20 Antecâmara pública;
21 Sala de ensaio;
22 Acesso ao corredor central da plateia;
23 Tanque de recuperação de água;
24 Pátio;
25 Camarim masculino;
26 Camarim feminino;
27 I.S. / Duche F./M.;
28 Arrumos;
29 Varanda sobre o parque: Oradores;
30 Foyer;
31 Circulação: Oradores;

32. Saída de emergência: espectadores;
33 I.S. feminino: Espectadores / utentes dos banhos;
34 I.S. masculino: Espectadores / utentes dos banhos;
35 I.S. M. R.;
36 Camarim individua;
37 Armazém;
38 Varanda de contemplação para a piscina;
39 Porão;
40 Elevador de entrada: Funcionários / público;
41 Acesso vertical: M.R;
42 Sala de refeições: Funcionários;
43 Receção;
44 Balcão informativo, Guarda roupa.

Fig. 38 – Piso de entrada do auditório: Cota 66.30. (Em cima).

Fig. 39 – Piso inferior: Cota 61.85. (Em baixo).

Projetou-se dois tipos de entradas destinadas a: Oradores ou ao público. Os dois silos (Fig. 37), articulariam por um lado a entrada dos Oradores e por outro a saída direta do público com desfecho no miradouro Sul. Ainda assim, desde a galeria, estariam desservidas: 2 para os conferentes e 3 para o egresso dos espectadores ao cume e centro da plateia (Fig. 38). Por sua vez, esta seria composta por 164 lugares, incluindo-se 2 para mobilidade condicionada. As saídas de emergência far-se-iam a sul: através de um segundo silo com destino ao miradouro e outro de encontro à orla inferior do vale (Fig. 38 e 39).

Previstos para um contexto de ciclo de palestra, abrir-se-iam dois espaços exteriores a Este, previstos para pausas.

É a partir do ‘volume 2’ (Fg, que se inicia a *promenade* pelos Banhos do Rio Seco. Nele está concentrado o ‘motor das águas’ – Duche e instalações sanitárias’.

O trajeto parte da recepção, comum com o auditório, até chegar aos balneários femininos ou masculinos. Deles irrompem-se dois percursos – interno e externo – ora para a ‘piscina em linha’ cuja cobertura é o negativo de uma escadaria pública, ora para o tanque aquecido e aberto ao exterior bem como para um patamar de contemplação (Fig. 40).



¹⁷ Decreto-Lei n. 9/2007 de 17 de Janeiro. *Diário da república nº12 – I Série*. Ministério do Ambiente, do Ordenamento do Território do Desenvolvimento Regional. Lisboa.

?

A ligação interna ao piso inferior é garantida por um lance de escadas e um elevador de acesso a mobilidade reduzida onde se subseguem, respetivamente, um patamar com ligação a uma escadaria¹⁸ e outro com desfecho numa rampa. A ligação entre ambos é garantida a Norte onde alvorece o declive do pavimento. Com base na circulação do museu Kunsthal, a rampa é ‘infinitamente percorrível’ em torno do volume dito – de interstício (Fig. 41 e 42).

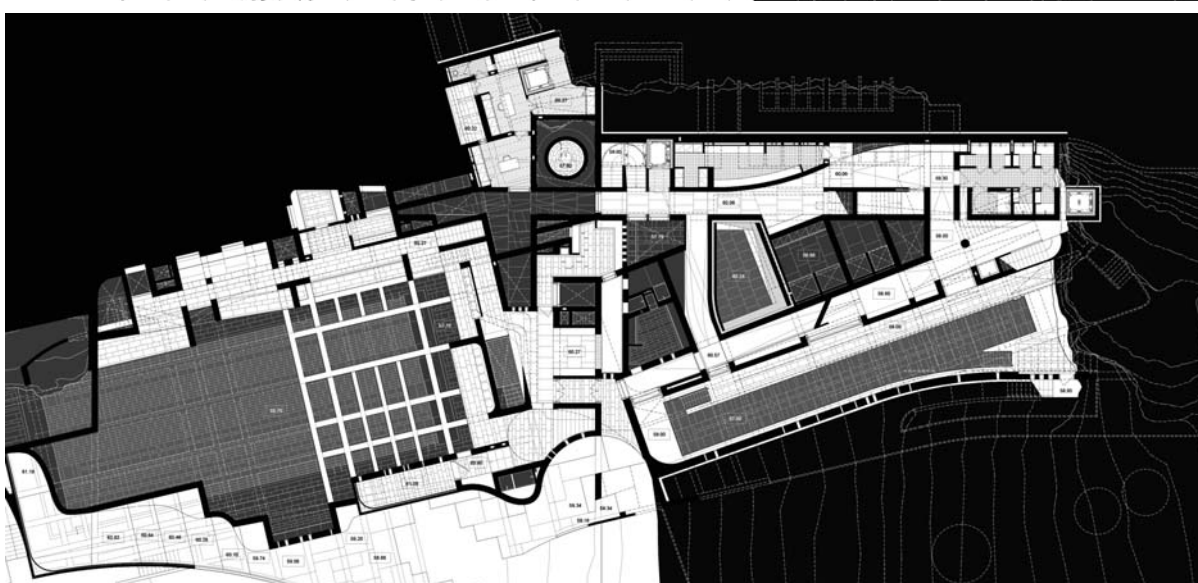
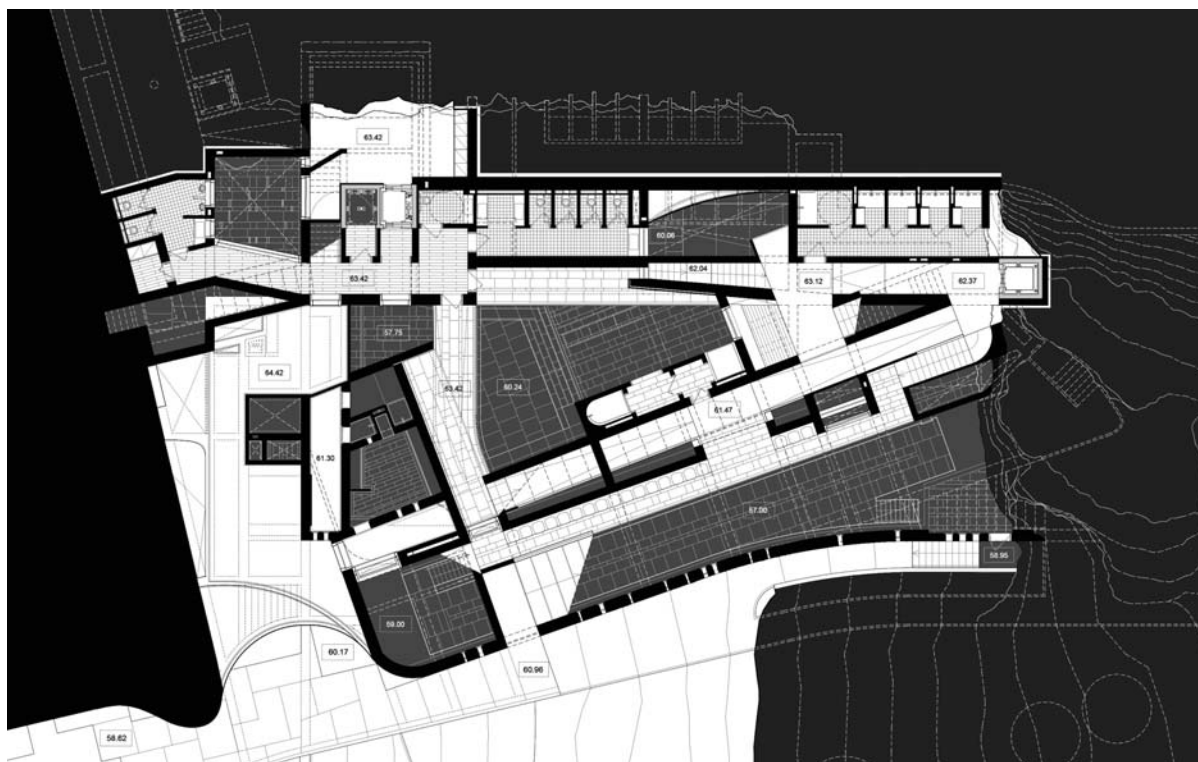
Abrem-se ‘poços de luz’ afim de pontuar o percurso. A segunda rampa, culmina num eixo onde estão situadas as saunas e o banho turco, cuja cobertura em cúpula perfurada, deixaria entrar luz natural. Mantendo um ambiente cavernoso (Fig. 42 e 43).

Fig. 41 – Piso do tanque exterior e da bancada da piscina em linha. (Em cima)

Fig. 42 – Meios pisos: Zona da bancada ou contemplação, sauna e repouso.

Legenda:

■ Zona do equipamento oculta-da, de modo a facilitar a compreensão em planta dos pisos referentes na(s) legenda(s)



A esse nível da viagem, começam a ser notórios os meios pisos ligados – à zona de bancada de contemplação sobre a piscina de vinte e cinco m e outra área de administração cujo acesso é feito á cota da receção (Fig. 42 e 43).

Conta ainda, com a zona de tanque de imersão e aspersão sendo considerada a relação da escala do homem e da profundidade do tanque com – 0,70; 1,13; 1,40; 1,83 – iluminado pontualmente. Junto ao Parque está posicionada a piscina de 25 m, onde a luz e o som são mais exacerbados (Fig. 43).

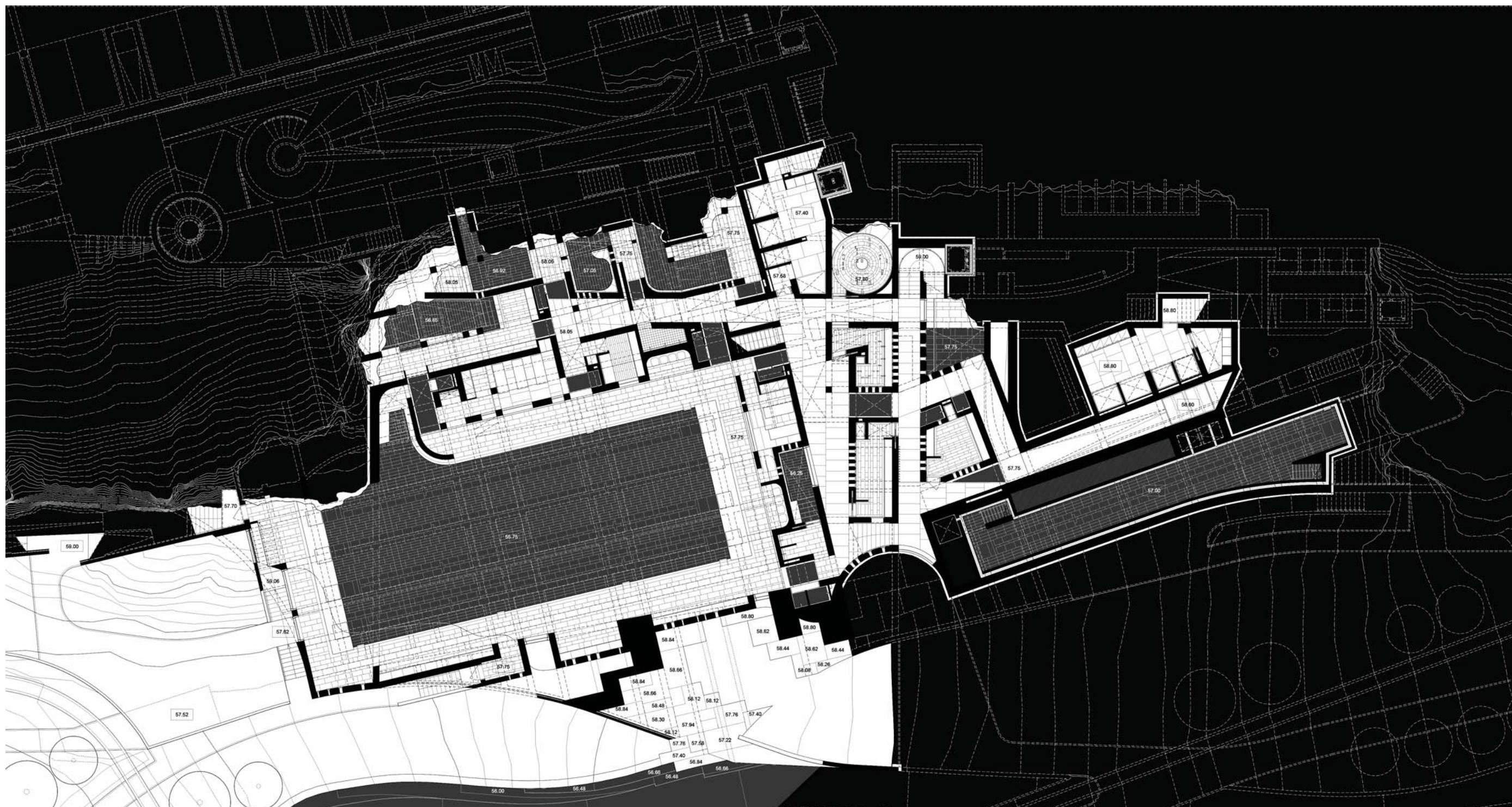


Fig. 43 – Piso térreo, à cota do Parque Natural do Rio Seco.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação evidenciou a importância dada à água na cidade de Lisboa, partindo da macro escala (vales e linhas de fecho) à micro (sistemas de abastecimento). Percebeu-se que a origem e a evolução do tecido da urbe, regeram-se essencialmente pelo seu traçado, tendo sido objeto de maior artificialização no território (encanamentos).

Graças à proposta do Parque Natural do Rio Seco, foi possível a recuperação do traçado da linha de água desde Monsanto até o culminar no Tejo, articulando os espaços verdes desagregados da cidade através do anel verde, assim como da sua área limítrofe, referente ao Bairro do Rio Seco, onde se insere o Equipamento de Banhos. Contou ainda, a análise das descobertas, *in situ*, dos vestígios e das suas histórias, identidade do Rio Seco. Configurou-se ainda o redesenho de espaços públicos e privados relacionados com o sistema de abastecimento público do local.

O recurso ao método conceptual, para a resolução de projeto, permitiu numa primeira fase, a definição sobre a qual recaíam o limite do Parque Natural do Rio Seco. Ainda que tenha sido para isso necessária ‘abolir’ o objeto de projeto. Percebeu-se, contudo, que as condições, dele resultantes, constrangeram o desenvolvimento da proposta, pela introdução sucessiva de regras impostas pelo próprio método. Assim para além do problema de conteúdo programático surgiu outro, da forma que o condicionou e pela qual teve de se adaptar. Ressaltou-se, no entanto, que a notória fluidez do equipamento com os espaços público onde se inseria (R. do Cruzeiro e frente de Parque a Norte), permitiria, por um lado, a simbiose da massa construída (proposta) com o Natural, funcionando como um marco indissociável (coeso / embutido) sobre o território, à semelhança da relação entre: a Topografia Natural e a Volumetria artificial, mais precisamente dos solos e das pré-existências, que dele se irrompiam e moldavam os flancos; e por outro, garantia a circulação fluida e desobstruída do movimento dos corpos¹. Assim, como resposta aos critérios anteriores a proposta final, ao fim ao cabo, é representativa do mesmo processo de ‘simbiose’.

O presente trabalho deixa como contributo, uma possível interpretação conceptual, por advento da heterotopia, como imaginário para um equipamento de Banhos. Tendo sido a investigação, destinada a cidade cujo território, de topografia acentuada, esteja em diálogo com afloramentos (pré-existente) construídos do antigamente.

¹ Pavimento propício para a prática do skate, evidentes nas obras de Steven Holl.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LIVROS E MONOGRAFIAS

ALCARCÃO, Jorge de – *Lisboa Subterrânea*. Lisboa: Sociedade Lisboa 94, cop. Milão: Electa, 1994.

ARAÚJO, Ilídio de – *Problemas da paisagem urbana*. Lisboa: Direcção-geral dos Serviços de Urbanização, 1961.

ARNHEIM, Rudolf – *A dinâmica da Forma Arquitectónica*. Lisboa: Editorial Presença, 1988.

BACHELARD, Gaston – *L'eau et les rêves - Essai sur l'imagination de la matière*. Paris: Librairie José Corti, 1942.

BAPTISTA-BASTOS, Armando – *A colina de cristal*. Lisboa: O Jornal, 1988.

BARDET, Gaston – *L'urbanisme - <<Que sais-je?>> Le point des connaissances actuelles, n. 187'*. Paris: Presses Universitaires de France, 1975.

BARRY, Judith; CONVERT, Pascal; PFNÜR, Rainer – *Genius Loci*. Paris: (mobile, matière) La Différence, 1993.

BASTOS, Magalhães – *Da vida e dos costumes da sociedade portuguesa no século XVII*. Porto: F. C. G., 1940.

BEIRÃO, Caetano – *D. Maria I, 1777-1792: Subsídios para a revisão da história do seu reinado*. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade, 1934.

BERGSON, Henri – *Matière et mémoire: Essai sur la relation du corps a l'esprit*. Paris: (3ª edição) Félix Alcan, 1903.

BOESIGER, Willy – *Le Corbusier*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

CABRAL, Francisco Caldeira; TELLES, Gonçalo Ribeiro – *A árvore em Portugal*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1999.

CAETANO, Joaquim Oliveira – *Aquedutos em Portugal*. Lisboa: Lider/Epal, cop., 1991.

CAETANO, Joaquim Oliveira – *Chafarizes de Lisboa*. Sacavém: Distri, D.L. 1991.

CAETANO, Joaquim Oliveira – *D. João V e o abastecimento de Água Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa (CML), 1990.

CALDAS, Francisco Júlio; GARCIA, Amilcal; NASCENTES, Antenor – *Diccionario contemporaneo da Lingua Portuguesa*. [s.l.]: [s.e.], [s.d.].

CARRILHO DA GRAÇA, João – *Carrilho da Graça: Lisboa*. Lisboa: Dafne Editora, 2015.

CHAVES, Luís – *Chafarizes de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal, 1962.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain – *Dictionnaire des symboles – Mythes, rêves, coutumes, gestes, forms, figures, couleurs, nombres*. Paris: Editions Robert Laffont, 1969.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain – *Dicionário dos símbolos*. Lisboa: Editorial teorema, 1994.

COELHO, Ana Cristina – *A Freguesia da Ajuda no Tempo e no Espaço*. Lisboa: Ramiro Leão (1ª edição), 2013.

COELHO, Carlos Dias – *Os Elementos Urbanos, Cadernos MUrb - Estudos da Cidade Portuguesa (volume 1)*. Lisboa: Argumentum, 2015.

CORBUSIER, Le – *Ronchamp: les carnets de la recherche patiente, n. 2*. Zurich: Editions Girsberger 1957.

CORBUSIER, Le – *Le Modulor I Modulor 2*. Lisboa: Orfeu Negro, 2010.

CORREIA, António Mendes – *Grande enciclopédia portuguesa e brasileira – ilustrada com cerca de 1.000 gravuras, vol. XV*. Lisboa: Editorial Enciclopédia, limitada, 1981.

CULLEN, Gordon – *Paisagem urbana (coleção Architectura & urbanismo)*. Lisboa: Edições 70, 2015.

DALI, Salvador; ROUMEGUÈRE, Pierre – *Dali par Dali*. Paris: Draeger - le soleil noir, 1978.

DELEUZE, Gilles – *Cinéma 1: L'Image-Mouvement, Collection «Critique»*. Paris: Minuit, 1983.

DELEUZE, Gilles – *Diférence et répétition*. Paris: Presses Universitaires de France (PUF), 1968.

DELEUZE, Gilles – *Le pli: Leibniz et le baroque*. Paris: Les éditions de minuit, 1988.

DESHARNES, Robert; NÉRET, Gilles – *Dalí a obra pintada*. Lisboa: Taschen, 2001.

DIONÍSIO, Santana; PROENÇA, Raúl – *Guia de Portugal: Generalidades - Lisboa e arredores, vol. 1*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1924-1944.

DORIA, Miguel de França – *O Culto da Água & A Água do Culto*. Lisboa: (1ª edição) EPAL – Empresa Portuguesa das Águas Livres, 1998.

DURAND, Jean-François – *Les metamorfoses de l'artiste: l'esthétique de Jean Giono. De Naissance de l'Odyssée à l'Iris de Susé*. Provence: Presses universitaires de Provence, 2000.

EISENMAN, Peter – *Diagram Diaries*. New York: Universe, 1999.

GÉRARD, Max; ROUMEGUÈRE, Pierre – *Dali...Dali...Dali*. Barcelona: Editorial Galaxis, S.A. (1ª edição), 1974.

GERVEREAU, Laurent; LÉGÉ, Bernard – *Dictionnaire mondial des images*. Paris: Nouveau Monde éditions, 2006.

HALBWACHS, Maurice – *A memória coletiva*. São Paulo: Revista dos Tribunais LTDA., 1990.

LOPES, Diogo Seixas – *Melancolia e arquitectura em Aldo Rossi*. Lisboa: (1ª edição) Orfeu Negro, 2016.

MACEDO, Luiz De – *A Rua das Pedras negras*. Lisboa: Miscelania, 1931.

MACIEL, M. Justino – *Vitrúvio: Tratado de Arquitectura*. Lisboa: Instituto Superior Técnico Press, 2006.

MAGALHÃES, Manuela Raposo – *Arquitectura Paisagista - Morfologia e complexidades*. Lisboa: Editorial Estampa, 2001.

MANGORRINHA, Jorge – *À Volta das Termas- Viagens no Espaço e no Tempo*. Caldas Da Rainha: Livraria Nova Galáxia, 2002.

MANGORRINHA, Jorge – *O Lugar das Termas - Património e Desenvolvimento regional / As Estâncias Termas da Região Oeste*. Lisboa: Livros Horizonte, 2000.

MOITA, Ana Paula; BOAS, Ana Vilas, [et al.] – *Lisboa e o Aqueduto*. Lisboa: CML, 1997.

MOITA, Irisalva – *As Termas Romanas da Rua da Prata*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, [s.d.].

MURET, Jean-Pierre; ALLAIN, Yves-Marie; SABRIE, Marie-Lise – *Les Espaces Urbains: Concevoir, realizer, gerer*. Paris: Le Moniteur, 1987.

NÉU, João B. M. – *Em volta da Torre de Belém - Evolução da zona ocidental de Lisboa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1994.

PALLASMAA, Juhani – *The eyes of the skin. Architecture and the Senses*. London: John Wiley & Sons Ltd, 2005.

PINTO, Helena Gonçalves; MANGORRINHA, Jorge – *O Desenho das Termas – História da Arquitectura Termal Portuguesa*. Lisboa: Ministério da Economia e da Inovação, 2009.

PROENÇA, Raúl – *Grande enciclopédia* (VER NO DISCO)

PUPPO, Alessandro Del – *Dalí et le surréalisme*. Paris: Le Figaro, 2008.

REIS, Nuno, [et al.] – *Casalinho da Ajuda...da ruralidade à multiculturalidade*. Lisboa: Fundação Liga/JF da Ajuda, 2010.

RIBEIRO, Mário De Sampayo – *Do sítio da Junqueira- Conferência realizada no salão nobre dos Paços do Concelho na tarde de 8 de Junho de 1939*. Lisboa: Publicações culturais da Câmara Municipal de Lisboa, 1939.

RODRIGO, Joaquim José – *O Parque Florestal de Monsanto*. Lisboa: C.M.L, 1952.

ROSSI, Aldo – *A Architectura da Cidade*. Lisboa: Edições Cosmos, 2001.

RUDOLFSKY, Bernard – *Architecture without architects: A Short Introduction to Non-Pedigreed Architecture*. New York: MOMA, 1964.

SANCHES, José Dias – *Belém e arredores através dos tempos*. Lisboa: Livraria Universal-Editora, 1940.

SANTANA, Francisco; SUECENA, Eduardo – *Dicionário da história de Lisboa*. Lisboa: Carlos Quintas & Associados, 1994.

SARAMAGO, José – *O caderno: Textos escritos para o blog. Setembro de 2008 - Março de 2009*. Lisboa: Caminho, 2009.

SILVA, António de Moraes – *Grande Dicionário da língua Portuguesa - 10ª Edição revista, corrigida, muito aumentada e actualizada, vol. I*. Rio de Janeiro: Editorial CONFLUÊNCIA, 1922.

SOARES, João – *D.João V e o abastecimento de Água Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1990.

TAMEN, Pedro – *Os grandes artistas modernos - Klee, Hopper, Lowry, Dali*. Lisboa: Difusão Cultural, 1990.

TELLES, Gonçalo Ribeiro – *Plano verde de Lisboa - Componente do Plano Director Municipal de Lisboa*. Lisboa: Edições Colibri, 1997.

TELLES, Gonçalo Ribeiro – *A utopia e os pés na terra*. Lisboa: Instituto Português de Museus, 2003.

TOSTÕES, Ana – *Monsanto, parque Eduardo VII, Campo-Grande - Keil Do Amaral, Arquitecto dos Espaços Verdes de Lisboa*. Lisboa: Salamandra, 1992.

TOUSSAINT, Michel; D'ALMEIDA, Patrícia; ALCÂNTARA, Maria – *Guia de Arquitetura de Lisboa: 1948-2013*. Lisboa: A+A Books, 2013.

TUDELA, José – *As praças e largos de Lisboa: Esboço para uma sistematização caracterológica*. Lisboa: CML, 1977.

VENTURI, Robert – *Complexidade e contradição em arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

VIEIRA DA SILVA, Augusto – *Dispersos, vol. III*. Lisboa: CML, 1960.

WHITE, Hale – *Banhos*. Lisboa: Tipographia do Diario Illustrado, 1906.

ZUMTHOR, Peter – *Peter Zumthor Works - Buildings and Projects 1979-1997*. Berlin: Birkhauser, 1999.

REVISTAS E ARTIGOS

ABRAM, Joseph; ESTRADA, Jérôme – Analyse; Lumière sur eu oeuvre unique in *Le Corbusier: Ronchamp, entre ciel et terre - Les 60 ans de Notre-Dame Du Haut de Le Corbusier à Renzo Piano*, Haute Saône: L'Este Républicain, Vosges matin, (Junho) 2015, p.11 e p.18.

BARBOSA, Inácio de Vilhena; LIMA, Henrique de Campos Ferreira – *Universo Pittoresco: Jornal de Instrução e Recreio, tomo 2*. Lisboa: Imprensa nacional, 1941-1942, p. 353.

BASTOS, Celina – *A Real Barraca no sítio de Nossa Senhora da Ajuda e as encomendas da Casa Real: alguns elementos para o seu estudo - Revista de Artes Decorativas, n. 1*. Porto: CITAR, 2007, p. 196 e 220.

CALHEIROS, Rinaldo de Oliveira – *Cadernos da Mata Ciliar - Preservação e recuperação das nascentes de água e vida, n. 1*. São Paulo: DPB, 2009, p. 4.

CARDOSO, João Luís, [et. al.] – *A água - os Romanos e a Água in Portugal Romano - A exploração dos recursos naturais*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, 1997, p. 18.

COSTA, Francisco; JUNIOR, Manuel Coutinho, [et al.] – *Arquitectura, n. 104*. Lisboa: [s.n.], (Março/Abril) 1968, p.146.

CRESTI, Carlo – *Forma e colore, I grandi cicli dell'arte. Le Corbusier: la Cappella di Ronchamp, n. 58*. Milano: Sadea/Sansoni Editori, 1968, p. 74

CRUZ PINTO, Jorge da – *Poética da água na arquitectura in Ar. Cadernos da Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, n. 4*. Lisboa: Fautl, (Abril) 2005, p. 114.

CUSTÓDIO, Jorge – *As infraestruturas: os canais de Lisboa in Lisboa em movimento - Lisbon in motion 1850-1920*. Lisboa: Livros horizonte, (Junho/Outubro) 1994, p.94.

D'ENCARNAÇÃO, José – *As Termas dos Cássios em Lisboa - Ficção ou realidade? in Lusitânia Romana - Entre o mito e a realidade - Actas da VI Mesa Redonda Internacional sobre a Lusitânia Romana*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais, 2009, pp. 481-493.

DOMÍNGUEZ, Juan Antonio Ramírez – *El Metodo iconológico y el paranoico-critico*. Madrid: Universidad Autónoma de Madrid, 1990, pp.15-20.

FERNANDES, Lídia – *Capitel das Thermae Cassiorum de Olisipo in Revista Portuguesa de Arqueologia, vol.12, núm. 2*. Lisboa: DGPC: Direção-Geral do Património Cultural, 2009, pp. 191-207.

IBARZ, Virgili; VILLEGAS, Manuel – *El método paranoico-crítico de Salvador Dalí, in Revista de Historia de la Psicología, vol. 28, núm. 2/3*. Barcelona: Universidad Ramón Llull, 2007, pg.107-112.

JANSEN, Michael – *Mohenjo-Daro, city of the Indus Valley in Endeavour, vol. 9, núm. 4*. Grã-Bretanha: Pergamon Press, 1985, pp.161-169.

CUNFF, Françoise Le – *Do Passeio Público ao Parque da Liberdade in Revista Camões, n.15/16*. Lisboa: [s.n.], 2003, pp.180 e 181.

MAHADEVAN, Iravatham – *Bulletin of the Indus Research Centre, núm. 2*. Índia: Indus Research Centre, Roja Muthiah Research Library, August 2011.

MANSO, Joaquim, [et al.] – *O homem pré-histórico em Alcântara? in Diário de Notícias, n. 5452*. Lisboa: D.N, (24 de janeiro) 1938, p. 8.

MONTEIRO, Pedro Duarte Cortesão – *Breve história deste sítio: entre o sólido, o líquido e o gasoso in Arlíquido: revista de design da universidade Lusíada de Lisboa, n. 1*. Lisboa: Universidade Lusíada Editora, (Outono) 2005.

SOUTO, Meyrelles Do – Estudos medievais - Os banhos, *in Separata da Revista Ocidente, Volume LXXVIII*. Lisboa: [s.n.], 1970, pp. 193-208.

PINTO, Américo Cortês – Monsanto: a paisagem e o espírito *in Revista Municipal, separata n. 41*. Lisboa: Revista Municipal, 1950, pp. 5-98.

SARAIVA, Maria – Da paisagem à arquitectura. Um percurso através da água *in Ar. Cadernos da Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, n. 4*. Lisboa: Fautl, (Abril) 2005, p. 21.

TELLES, Gonçalo Ribeiro – Evolução dos espaços verdes de Lisboa *in Arquitectura, Planeamento, Design e Artes plásticas, n. 108*. Lisboa: Março/Abril, 1969, pp. 46-48.

YAZIGI, Eduardo – Breve Histórico sobre a arte de calcetaria em Portugal e no Brasil: O caso do mosaico *in Paisagem em Ambiente Ensaios, n. 09*. São Paulo: USP, (Dezembro) 1996, pp. 115 e 113.

TESES E PROVAS ACADÉMICAS

AFONSO, Luís – *Arquitectura da Cidade, Limite e Forma Urbana*. Lisboa: FAUL, 1991. Tese de Doutoramento.

COSTA, Carlos, [et al.] – *Análise urbana: Rio Seco - 94/95*. Lisboa: FAULT, 1995. Trabalho de grupo para a cadeira de Projecto V.

CUIÇA, Pedro – *Ameaças à Geodiversidade - Cavidade subterrâneas do Concelho de Lisboa, Trabalho de Campo II*. Lisboa: Universidade Aberta, 2012. Tese de Mestrado.

MAGALHÃES, Ana Manuela... [et al.] – *Projecto V - IIº exercício, 1ª fase in Vale do Rio Seco e área envolvente*. Lisboa: FAUL, 1995. Trabalho realizado no âmbito da cadeira de Arquitectura Tropical.

PIRES DA CONCEIÇÃO, Luís Filipe Pires da – *A consagração da água através da arquitectura – Para uma arquitectura da água*. Lisboa: FAUL, 1997. Tese de Doutoramento.

FERREIRA DA SILVA, João António – *O Aqueduto das Águas Livres e os espaços públicos*. Lisboa: Universidade Lusíada, 2016. Tese de Mestrado.

PIRES, Mariana, *Água e luz – O imaginário dos Banhos. Projecto nas carreiras da Rocha Conde D'Óbidos*. Lisboa: FAUL, 2014. Tese de Mestrado.

ELECTRÓNICA

PEREIRA, Cristóvão Valente – Chafarizes de Lisboa - Monumento e função prática - A importância das funções dos equipamentos e mobiliários urbano para a sustentabilidade do espaço público, Lisboa: FBA, [s. d.] - [Em linha] [Consult. 5 JAN. 2017].

Consulta disponível em:

<https://www.academia.edu/895036/CHAFARIZES_DE_LISBOA_MONUMENTO_E_FUNÇÃO_PRÁTICA>.

Espécies arbóreas do Parque Florestal de Monsanto - [Em linha] [Consult. 12 DEZ. 2016].

Consulta disponível em: <<http://www.cm-lisboa.pt/viver/ambiente/parque-florestal-de-monsanto/fauna-e-flora>>.

Junta de Freguesia da Ajuda. *História da Freguesia da Ajuda* - [Em linha] [Consult. 10 Fév. 2017].

Consulta disponível em: <<http://jf-ajuda.pt/historia-da-freguesia/>>.

Junta de Freguesia da Ajuda. *Pátio das Damas* - [l. 30] [Consult. 3 set. 2017].

Consulta disponível em: <<http://jf-ajuda.pt/monumentos/>>.

Arquivo de Renato Suttana. *O estudo da toponímia* [Il.165-166] [Consult. 5 Mar. 2017].

Consulta disponível em: <<http://www.arquivors.com/ruyvent20.htm>>.

CML. *Toponímia*. [Il.10-11] [Consult. 8 Mar. 2017].

<http://www.cm-lisboa.pt/toponimia>

ÍNDICE DE IMAGENS

I. CAPÍTULO 1

- Fig. 1** – Natural: *Zabriskie Point, Death Valley* (Califórnia), Ansel Adams, 1948.
In RUHRBERG, Karl, *et.al.*, 'Arte do século XX: Pintura – Escultura – Novos Media – Fotografia', p. 668. 10
- Fig. 2** – Artificial: Transformação da superfície da terra, em socacos, para reter a água e possibilitar a sua captação, à escala do Homem. Montanha em *Honnan* (China).
In RUDOFISKY, Bernard, 'Architecture without architects', p. 30. 10
- Fig. 3** – Topografia natural de Lisboa, Duque de Wellington, 1812.
<http://lxi.cm-lisboa.pt/lxi/> 11
- Fig. 4** – Panorâmica do território: Topografia Natural / 'sistema inicial', Franz Hogenberg, c. 1572-1618.
<http://www.museudelisboa.pt/pecas/detalhe/news/panoramica-de-lisboa-e-cascais.html> 11
- Fig. 5** – Fixação da urbe: 'Volumetria artificial' na cidade, Franz Hogenberg, c. 1572-1618.
<http://www.museudelisboa.pt/pecas/detalhe/news/panoramica-de-lisboa-e-cascais.html> 11
- Fig. 6** – Morfologia assimétrica da cidade e das suas colinas e assentamento da população, Franz Hogenberg, c. 1593.
[tp://www.museudelisboa.pt/pecas/detalhe/news/perspetiva-de-lisboa.html](http://www.museudelisboa.pt/pecas/detalhe/news/perspetiva-de-lisboa.html) 11
- Fig. 7** – Vista da Cidade consolidada / Artificialização do natural, s.a., 3º Quartel do séc. XVIII
In VIEIRA DA SILVA, Augusto, 'Dispersos, vol. III', p. 15. 12
- Fig. 8** – Linhas de água da Cidade: Contextualização do vale do Rio Seco.
Elaborado pelo autor. 13
- Fig. 9** – Crescimento do artificial: Desenvolvimento urbano de Lisboa entre o séc. XII/XX junto ao Tejo e posteriormente às linhas de água, Gabinete de estudos Olisiponenses da AML, s.d.
In MARQUES, A. H. de Oliveira, 'Enquadramento HÍSTÓRICO', p. 22. 14
- Fig. 10** – Traçado do Aqueduto das Águas Livres, Galerias e Chafarizes emissários, Nuno Rodrigues, litografia do séc. XIX.
In CAETANO, Joaquim Oliveira, 'D.João V e o abastecimento de Água Lisboa', p. 346 15
- Fig. 11** – Traçado do Almojarifado (planta das minas e encanamento de água) específico 'colina da Ajuda', s.a., 1901.
In *id.*, *ibid.*, p. 35. 15
- Fig. 12** – *Eg.* de um *Specus*: Planta do encanamento das águas dos poços (São Braz e Galegas) para o aqueduto das Águas livres, M.C.L., 1790.
In CAETANO, Joaquim Oliveira, *ibid.*, p. 35. 16
- Fig. 13** – *E.g.*: Tipo de afloramento superficiais nas imediações da 'Colina da Ajuda':
Fonte (tipo) do Palácio da Ajuda, s.a., 1969.
<http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/sala/online/ui/searchbasic.aspx?filter=AH;AI;AC;AF> 18

- Fig. 14** – E.g.: **Respiradouro ou claraboia** (tipo) de S. bento, s.a., s.d.
In CAETANO, Joaquim Oliveira, *op. cit.*, p. 107. 18
- Fig. 15** – E.g.: **Chafariz** do Rio Seco, Eduardo Portugal, 190-1958, Eduardo Portugal, 190-1958.
<http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=345650&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=>. 18
- Fig. 16** – E.g.: **Mina** (tipo) do rio seco, e.a., 2016.
Fotografia do autor. 19
- Fig. 17**– E.g.: **Bica** (tipo) do rio seco, s.a., s.d.
<http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=345650&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=> 19
- Fig. 18** – E.g.: **Cisterna** (tipo) do Castelo de São Jorge, Eduardo Portugal, 1939.
<http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/sala/online/ui/SearchBasic.aspx> 20
- Fig. 19** – Solos Naturais e construídos de Lisboa ocidental: Panorâmica sobre a zona Ocidental da cidade (Junqueira, Ajuda, Palácio Nacional), Eduardo Portugal, 1900-1958.
<http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/sala/online/ui/searchbasic.aspx?filter=AH;AI;AC;AF> 21
- Fig. 20** – Jardim das Tulherias (Paris), André Le Nôtre, 1664
<http://paixaoporparis.blogspot.com/2012/09/jardim-das-tulherias.html> 22
- Fig. 21** – Passeio público: Estrutura verde e convívio da população, s.a., s.d.
In ¹ TELLES, Gonçalo Ribeiro, 'Evolução dos espaços verdes de Lisboa' in 'Arquitectura, Planeamento, Design e Artes Plásticas', p. 45. 23
- Fig. 22** – Gradeamento da entrada a sul do passeio público, Eduardo Portugal, s.d.
<http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=254552&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=> 23
- Fig. 23** – Sistema de Recreio: Expansão para norte com a adição do Parque da Liberdade à Avenida.
Elaborado pelo autor. 24
- Fig. 24** – Alameda antes da demolição, Eduardo Portugal, s.d.
<http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=254553&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=> 24
- Fig. 25** – Arborização da Serra de Monsanto, Mário Novais, 1938.
<http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=265694&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=> 25
- Fig. 26** – Estrutura verde 'descontinua' da cidade: Mancha predominante do Parque Florestal de Monsanto, 'Primeiro 'pulmão verde' e restantes espaços verdes, 2016.
Elaborado pelo autor. 25
- Fig. 27** – 'Continuum naturale': 'Corredor verde de Monsanto' como rótula entre o sistema de recreio (Parque Eduardo VII e Av. Liberdade) com o contínuo periférico (Parque Florestal Monsanto): Localização geral.
Elaborado pelo autor. 26
- Fig. 28** – 'Corredor verde de Monsanto': Implantação.
Manipulado pelo autor. 26

- Fig. 29** – Esquício das ‘Periferias centrais’, Nuno Mateus, 2015.
In MATEUS, Nuno, ‘Doc. 2 – O projecto, contexto e programa’, p. 1. 26
- Fig. 30** – Fecho do Anel Verde: Esquema da agregação das estruturas verdes, à cidade de frente Rio.
Elaborado pelo autor. 26
- Fig. 31** – Enquadramento natural no contexto da topografia do território: Fecho do anel verde de Lisboa.
Elaborado pelo autor. 27
- Fig. 32** – Os diferentes fragmentos de parque / que compõem o anel verde, respetivamente: Polo Universitário da Ajuda, Tapada, Rio Seco e ‘corredor urbano’.
Elaborado pelo autor. 27
- Fig. 33** – ‘Galeria subterrânea aberta sob a Cordoaria Nacional, onde desagüam as águas vindas da ribeira, Rui Barata, 2014.
Fotografia do autor referido. 27
- Fig. 34** – Antiga linha de água no sítio do Rio Seco, Paulo Guedes, 1886-1947.
<http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=267766&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1>. 27
- Fig. 35** – Antiga pedreira junto à linha de água (ribeira da Sacôta), ainda em destaque, Eduardo Portugal, 1900-1958.
http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/sala/online/ui/searchbas_ic.aspx?filter=AH;AI;AC;AF. 28
- Fig. 36** – Vestígios do leito do rio de 1911 a 1983, como base para o novo traçado da linha de água do Parque Natural do Rio seco e envolvente.
Fotomontagem elaborada pelo autor. 28
- Fig. 37** – Enquadramento da proposta do Parque Natural do Rio Seco: Restituição do curso de água e bacias de retenção.
Elaborado pelo autor. 28
- Fig. 38** – Proposta do Parque Natural do Rio Seco: Mancha arbórea; Restituição da linha de água e da bacia de retenção.
Elaborado pelo autor. 29
- Fig. 39** – Espécies arbóreas do Parque: Carvalho-negral, pinheiro manso, choupo e bétula, Francisco Cabral, s.d.
<http://flores.culturamix.com/flores/carvalho-negral-arvore-portuguesa> ;
In CABRAL, Francisco Caldeira, ‘A árvore em Portugal’, p. 69. ; in *id.*, *ibid.*, p. 65.;
<https://www.planfor.pt/comprar/betula-branca,1634,PO>. 29

II. CAPÍTULO 2

- Fig. 1** – Colina da Ajuda, Mário Oliveira, 1941.
Arquivo Municipal de Lisboa (AML).
<http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=278253&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1> 36
- Fig. 2** – Panorâmica da Ajuda, José Bárcia, 1900-1945.
Arquivo Municipal de Lisboa (AML).
<http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt> 36
- xFig. 3** – Sítio da implantação: Primitiva Igreja Paroquial da Ajuda (escala 1/1000), Mário Oliveira, 1941.
Arquivo Municipal de Lisboa (AML). 38

- Fig. 4** – Traçado Aparente: Primitiva Igreja da Ajuda (escala 1/500), Largo Ajuda, 3 E 5 e Travessa Ajuda, n. 2; Frederico Eanes, 1892.
Arquivo Municipal de Lisboa (AML). 38
- Fig. 5** – Largo da Ajuda: Primitiva Igreja Paroquial da Ajuda (atual sede da APIA), Eduardo Portugal, 1939.
Arquivo Municipal de Lisboa (AML).
<http://lisboadeantigamente.blogspot.pt> 38
- Fig. 6** – Alçado da ‘Real Barraca’ ou ‘Real Paço de Madeira’: Ajuda (Gravura), s. a., séc. XVIII.
<http://restosdecoleccao.blogspot.pt> 38
- Fig. 7** – Panorâmico do Bairro da Ajuda: Vista no topo da ‘Real barraca da Ajuda’ (gravura, 6x9 cm), Filmarte, s. d.
Arquivo Municipal de Lisboa (AML).
<http://arquivomunicipal2.com-lisboa.pt> 39
- Fig. 8** – Carta topográfica de Lisboa e os seus subúrbios: Expansão da cidade desde a zona Ribeirinha até a colina da Ajuda, Duarte Fava, 1807.
<http://lxi2.cm-lisboa.pt/lxi/> 39
- Fig. 9** – Perspetiva da Junqueira na «vista» de Lisboa que o Ex.^{mo} Sr. Dr. Perry Vidal estudou. Vêem-se entre outros: o palácio dos Saldanhas (nº35), hoje Arquivo Histórico Colonial, a casa de Lázaro Leitão (nº32); o forte de S.João, quando prisão de Estado (à beira do rio), o atual palácio Burnay (nº 36), e a quinta dos Álamos (hoje estação dos «elétricos») (nº40), Eduardo Portugal, s.d.
In RIBEIRO, Mário De Sampayo, ‘Do sítio da Junqueira: Conferência realizada no salão nobre dos Paços do Concelho na tarde de 8 de Junho de 1939’, p.119. 40
- Fig. 10** – Relação da Colina da Ajuda com a topografia: Palácio da Ajuda visto desde o Tejo (Pintura), Charles Landseer, 1825.
<http://almada-virtual-museum.blogspot.pt> 40
- Fig. 11** – Planta geral do primitivo projeto do Real Palácio de Ajuda: Arq. José da Costa e Silva, Arq. José Silva, 1802.
<http://restosdecoleccao.blogspot.pt> 40
- Fig. 12** – Mapa da Cidade de Lisboa e de Belém em 1812: Implantação da rua do Cruzeiro (escala 1:8000), Duque de Wellington, 1812.
Lisboa Interativa da Câmara Municipal de Lisboa (CML).
<http://lxi.cm-lisboa.pt> 43
- Fig. 13** – Principal Vetor de entrada e saída de Lisboa no séc. XIX: Interpretação das possíveis terras que ladeavam a rua primitiva, destinadas para cultivo, (com base) Duarte Fava, 1807.
Elaborado pelo autor. 43
- Fig. 14** – ‘Plataformas de união’ («pontes») e respetivo cruzamento com linhas de água: ligação de uma margem à outra.
Elaborado pelo autor. 45
- Fig. 15** – Diferentes troços de rua, e.a., 2017.
Elaborado pelo autor. 46
- Fig. 16** – Evolução histórica do assentamento urbano: Volumetria tangentes à: R.do Cruzeiro e Calçada da Tapada até Alcântara, (sobreposição do Mapa da Cidade de Lisboa e de Belém) Duque de Wellington, 1812.
Elaborado pelo autor. 46
- Fig. 17** – Evolução histórica do assentamento urbano: Volumetria sucessivas por adição à: R.do Cruzeiro e Calçada da Tapada até Alcântara, (Sobreposição da Carta topográfica, de Lisboa e os seus subúrbios) Jozé Fava, 1807.
Elaborado pelo autor. 46

Fig. 18 – Evolução histórica do assentamento urbano: Volumetria sucessivas por adição à: R.do Cruzeiro e Calçada da Tapada até Alcântara, (Sobreposição da Planta da Cidade de Lisboa e Belém), s. a.,1834. Elaborado pelo autor.	46
Fig. 19 – Evolução histórica do assentamento urbano: Volumetria sucessivas por adição à R.do Cruzeiro e Calçada da Tapada até Alcântara, (Sobreposição da Planta da Cidade de Lisboa e Belém) Silva Pinto, 1911. Elaborado pelo autor.	46
Fig. 20 – Evolução histórica do assentamento urbano: Volumetria sucessivas por adição à R.do Cruzeiro e Calçada da Tapada até Alcântara. (Sobreposição da Planta da Cidade de Lisboa) artº 91-PDM, 1970-1983. Elaborado pelo autor.	46
Fig. 21 – Evolução histórica do assentamento urbano: Volumetria atuais tangentes R.do Cruzeiro e Calçada da Tapada até Alcântara, (Sobreposição da Planta da Cidade de Lisboa) CML, 2016. Elaborado pelo autor.	46
Fig. 22 - Largos no território da cidade (Relevantes para o estudo). Elaborado pelo autor.	49
Fig. 23 – Organização administrativa de Lisboa: Limites físicos das freguesias onde estão localizados os largos, à <i>posteriori</i> . Elaborado pelo auto.	49
Fig. 24 – Dimensão(m) do largo de menor escala (Lisboa): Largo das Gralhas, em São Cristóvão. Elaborado pelo autor.	50
Fig. 25 – Largo de grande escala: Malha urbana reticulada, não ortogonal (planeada) - Sudoeste da freg. da Ajuda. Elaborado pelo autor.	50
Fig. 26 – Largo de escala Intermédia : Malha urbana reticulada, radial (planeada) - Restelo, Sudoeste da freg. de Santa Maria de Belém. Elaborado pelo autor.	50
Fig. 27 – Largos de pequena escala: Malha urbana não reticulada, orgânica (não planeada) - Alfama, Nordeste da freg. de Santa Maria Maior. Elaborado pelo autor.	50
Fig. 28 – Dimensão(m) do largo de maior escala, no panorama dos menores: Largo de São Miguel, em Santa Maria Maior. Elaborado pelo autor.	50
Fig. 29 – Largo de São Miguel: Relação com o construído envolvente. Elaborado pelo autor.	50
Fig. 30 – Largos no território da cidade (relevantes para o estudo). Elaborado pelo autor.	51
Fig. 31 – Limites dos Largos: Pontuados no território e nas imediações da Ajuda. Elaborado pelo autor.	52
Fig. 32 – Traçado rodoviário contidos no limite dos largos. Elaborado pelo autor.	53
Fig. 33 – Transição entre pavimento pedonal e rodoviário: Estereotomia genérica da colocação da calçada. Elaborado pelo autor.	54

Fig. 34 – Largo da Memória: Regeneração Bip-zip 2020 / Concluído em Dezembro 2017 Elaborado pelo autor.	54
Fig. 35 – Largo da Paz: Reabilitação dos pavimentos concluída em 2012. Elaborado pelo autor.	54
Fig. 36 – Largo das Fontainhas: Regeneração Bip-zip 2020 / Concluído em Outubro 2017. Elaborado pelo autor.	54
Fig. 37 – Largo do Calvário: Regeneração Bip-zip 2020 / Concluído em Outubro 2017. Elaborado pelo autor.	54
Fig. 38 – Largo Vitorino Damásio: Concluído em Dezembro 2003. Elaborado pelo autor.	54
Fig. 39 – Largo do Intendente: Reabilitação dos pavimentos concluídos em Julho 2012. Elaborado pelo autor.	54
Fig. 40 – Largo de São Miguel: Uniformização do pavimento. Elaborado pelo autor.	54
Fig. 41 – Largo de Santa Isabel: Regeneração Bip-zip 2020 / Concluído em Junho 2017. Elaborado pelo autor.	54
Fig. 42 – Largo do Cruzeiro no contexto da apropriação dos vazios: Planta de 2017. Elaborado pelo autor.	56
Fig. 43 – Local de intervenção: Cartografia histórica, s. a., 1950. Lisboa Interativa da Câmara Municipal de Lisboa (CML). http://lxi.cm-lisboa.pt	56
Fig. 44 – Local de intervenção: Ortofotomapa, José Aguiar, 2017. José Aguiar, 2017. Fotomontagem pelo autor.	56
Fig. 45 – Largo do Cruzeiro: Esquema da fusão das distintas parcelas. Elaborado pelo autor.	57
Fig. 46 – Acessibilidade desde o largo, nos diversos momentos: Circulação pedonal. Elaborado pelo autor.	57
Fig. 47 – Implantação do Clube desportivo: Ampliação da cartografia histórica, s. a., 1970-83. Lisboa Interativa da Câmara Municipal de Lisboa (CML). http://lxi.cm-lisboa.pt Fotomontagem pelo autor.	58
Fig. 48 – Traçado do vão de escadas do séc. XX: Ampliação da cartografia histórica, Silva Pinto, 1911. Lisboa Interativa da Câmara Municipal de Lisboa (CML). http://lxi.cm-lisboa.pt	58
Fig. 49 – ‘Moldura’ sobre as Fa-ragioni: Casa Malaparte, Adalberto Libera, 1937. <i>In</i> ‘L’Architecture d’aujourd’hui, oct. 1993 n°289’, p. 125.	58
Fig. 50 – Enquadramento da paisagem: (Frame-time: 1:26:53) Le mépris, Jean-Luc Godard, 1963. Filme referente.	58

Fig. 51 – Alçado Este do ‘Largo do Cruzeiro’, junto à Rua do Cruzeiro: ‘Moldura’ de enquadramento da Torre do Galo, presente entre edifícios. Elaborado pelo autor.	59
Fig. 52 – Alçado Corte Sudeste do ‘Largo do Cruzeiro’: ‘Redesenho’ do acesso vertical do séc. XX. Elaborado pelo autor.	59
Fig. 53 – Tanque da Travessa do Chafariz: Vista para sudoeste, a. d., c. 1940. http://fotold.com/a-importancia-da-agua-em-portugal-146467580.html .	59
Fig. 54 – Tanque da Travessa do Chafariz: Vista antiga sobre o local onde fora projetada a rampa, a. d., 1940. http://fotold.com/a-importancia-da-agua-em-portugal-146467581.html	59
Fig. 55 – Segundo momento: Percurso previsto para mobilidade reduzido até ao interior do vale. Elaborado pelo autor.	59
Fig. 56 – Planta de pavimentos no contexto do Plano Urbano: Proposta do ‘Largo do Cruzeiro’ e da ‘Ponte Nova’. Elaborado pelo autor.	60
Fig. 57 – Chafariz da R. Eduardo Bairrada: Terceiro momento: Rampa de acesso. Elaborado pelo autor.	62
Fig. 58 – Poço primitivo: Ampliação da cartografia histórica, a. d., 1950. http://lxi.cm-lisboa.pt/lxi/	62
Fig. 59 – Esquema da fluidez do pavimento: Casa da Música. Elaborado pelo autor.	62
Fig. 60 – Esquema da fluidez do pavimento: Ribeira das Naus. Elaborado pelo autor.	62
Fig. 61 – Esquema da fluidez do pavimento: Auditórios da Reitoria da UNL. Elaborado pelo autor.	62
Fig. 62 – Esquema da fluidez do pavimento: Auditórios da FMDUL. Elaborado pelo autor.	62
Fig. 63 – Shift (‘Deslocamento’) Instalação em King City, ontario (Canadá), Richard Serra, 1970-1972. <i>In</i> ‘Richard Serra’, p. 155.	63
Fig. 64 – Exercício de projeção: 1º Imaginário soterrado. Elaborado pelo autor.	63
Fig. 65 – Exercício de projeção: 2º Imaginário soterrado. Elaborado pelo autor.	63
Fig. 66 – Exercício de projeção: 3º Imaginário soterrado. Elaborado pelo autor.	63
Fig. 67 – Exercício visto na globalidade. Elaborado pelo autor.	63
Fig. 68 – Alegoria da fluidez espacial segundo Deleuze: A ‘casa barroca’, Gilles Deleuze, s. d. <i>In</i> ‘Le pli: Leibniz et le baroque’, p. 7.	64

Fig. 69 – Espaço quebrado / segmentado; Espaço fluído. Elaborado pelo autor.	65
Fig. 70 – Espaço ‘ <i>plissé</i> ’: Simplificação da ‘dobra barroca’. Elaborado pelo autor.	65
Fig. 71 – ‘ <i>Le pli</i> ’: Espaço intersticial. Elaborado pelo autor.	65
Fig. 72 – Esquício da primeira fase. Elaborado pelo autor.	66
Fig. 73 – Planta ao nível da Rua (à cota 71,77): Entrada para o parque de estacionamento. Elaborado pelo autor.	66
Fig. 74 – Planta do Parque de estacionamento (cota 65,75). Elaborado pelo autor.	66
Fig. 75 – Maquete de implantação (escala 1:200): Vista exterior: Em planta; Vista perspetiva a sudoeste e Nordeste. Elaborado pelo autor.	67
Fig. 76 – Maquete da proposta de primeira fase: Vista interior: Piso de estacionamento para bicicletas e veículos. Elaborado pelo autor.	67
Fig. 77 – Esquício da praça D. Diogo de Menezes: Vista aérea das superfícies. Elaborado pelo autor.	67
Fig. 78 – Esquema da praça D. Diogo de Menezes: ‘Dobras’. Elaborado pelo autor.	68
Fig. 79 – Limite Praça / largo: Relação de proporcionalidade. Elaborado pelo autor.	68
Fig. 80 – Praça D. Diogo de Menezes: Planta de Implantação, Miguel Arruda, 2010. https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/768200/plaza-d-diogo-de-menezes-miguel-arruda-arquitectos-associados	68
Fig. 81 – Praça D. Diogo de Menezes: Planta de Cobertura, Miguel Arruda, 2010. https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/768200/plaza-d-diogo-de-menezes-miguel-arruda-arquitectos-associados	68
Fig. 82 – Dobra como um pano retalhado: Maquete de <i>Standed Sears Tower</i> , Greg Lynn, 1992 (Chicago). http://www.artic.edu/aic/collections/artwork/218446?search_no=1&index=25	68
Fig. 83 – Dobra ortogonal: <i>Right Angle Prop</i> (Chumbo antimónio), Richard Serra, 1969 http://www.revuepinaultcollection.com/en/numero_8/hors-les-murs/richard-serra .	69
Fig. 84 – Maquetes evolutivas do Largo do Cruzeiro (1:100): Vista da cobertura. Elaborado pelo autor.	69
Fig. 85 – Espaço intersticial pelo recurso à ‘dobra’ -Esquematisação da evolução do conceito e da sua respetiva ‘charneira’. Elaborado pelo autor.	69
Fig. 86 – Vista obstruída do local de implantação do mirante sobre a Torre do Galo, 2017. Elabora por Joana Rodrigues... [et al.].	69



Fig. 87 – Posicionamento do miradouro em relação à torre do galo. Elaborado pelo autor.	70
Fig. 88 – Esquício geral da dobra do pavimento final. Elaborado pelo autor.	70
Fig. 89 – Maquete de estudo mais próxima do projeto final. Elaborado pelo autor.	70
Fig. 90 – Maquetes evolutivas do Largo do Cruzeiro: Vista da fachada Este: Estudo do rompimento dos planos de rampa. Elaborado pelo autor.	70
Fig. 91 – Esquematização da evolução dos cheios e vazios na fachada. Elaborado pelo autor.	70
Fig. 92 – Planta final de pavimentos do Largo do Cruzeiro no contexto urbano (1:125): Traçado final da 'dobra' sobre o mirante. Elaborado pelo autor.	70
Fig. 93 – Estudo prévio da 'via rápida interior', Levantamento e desenho de IGOT, 1948. Arquivo Municipal de Lisboa (AML).	71
Fig. 94 – Placa da R. Eduardo Bairrada: Moldura com base na arte da calçada-mosaico. Elaborado pelo autor.	71
Fig. 95 – Vestígios do antigo pavimento: 'Camada basáltica' encoberta por alcatrão/Travessa do Pátio Seabra. Elaborado pelo autor.	72
Fig. 96 – Materialidades não Uniformes. Elaborado pelo autor.	72
Fig. 97 – 'Dégrader ': Uniformização da matéria. Elaborado pelo autor.	72
Fig. 98 – <i>Suprematist Composition: White on White</i> , Óleo sobre tela, 78.7 x 78.7 cm, Kazimir Malevich, 1950. <i>In 'Malevich', p. 146.</i>	72
Fig. 99 – Fotomontagem do pavimento (zona somente pedonal): Calcário sobre calcário. Elaborado pelo autor.	72
Fig. 100 – 'Dégrader' no Cruzeiro (proposta): Passeio em Lioz a esvanecer-se na Calçada em Vidraça. Elaborado pelo autor.	73
Fig. 101 – 'Dégrader' no Cruzeiro (proposta): Matéria na rodovia - Calçada basáltica dissipada no asfalto. Elaborado pelo autor.	73
Fig. 102 – 'Dégrader' no Cruzeiro (proposta): Espaço desguarnecido - Espaço verde/calçada em vidraça. Elaborado pelo autor.	73
Fig. 103 – Esquema das entradas existentes no limite do território. Elaborado pelo autor.	73
Fig. 104 – Fotografia do arco / ponte da Rua Dom João de Castro (Zona S-E): Tabuleiro da Cruzeiro, Fernando Pozal, 1953. Arquivo Municipal de Lisboa (AML). http://arquivomunicipal2.cmlisboa.pt/sala/online/ui/searchbasic.aspx?filter=AH;AI;AC;AF	74

- Fig. 105** – Fotografia viaduto do Rio Seco (Zona S.): Zona baixa do vale, Fernando Pozal, 1953.
Arquivo Municipal de Lisboa (AML).
<http://arquivomunicipal2.cmlisboa.pt/sala/online/ui/searchbasic.aspx?filter=AH;Al;AC;AF> 74
- Fig. 106** – Ponte de Alcântara (gravura), José Bárcia, s. d.
Arquivo Municipal de Lisboa (AML).
<http://arquivomunicipal2.cmlisboa.pt/sala/online/ui/searchbasic.aspx?filter=AH;Al;AC;AF> 74
- Fig. 107** – Ampliação da 1ª bifurcação entre Alcântara: Ponte sobre a linha de água, Duque de Wellington, 1812.
Lisboa Interativa da Câmara Municipal de Lisboa (CML).
<http://lx.cm-lisboa.pt> 74
- Fig. 108** – Ampliação da bifurcação da R. do Cruzeiro, onde se pensa ter sido localizada a Ponte Nôva do Rio Seco, Duque de Wellington, 1812.
Lisboa Interativa da Câmara Municipal de Lisboa (CML).
<http://lx.cm-lisboa.pt> 75
- Fig. 109** – Ampliação da Bifurcação da R. do Cruzeiro, onde se pensa ter sido localizada a Ponte Nôva do Rio Seco, Silva Pinto, 1911.
Lisboa Interativa da Câmara Municipal de Lisboa (CML).
<http://lx.cm-lisboa.pt> 75
- Fig. 110** – Pormenor da ponte proveniente da planta geral do Real Palácio D’Ajuda, Inácio de Sousa, 1818-1821.
Arquivo Nacional Torre do Tombo (ANTT).
<http://digitarq.arquivos.pt/details?id=4644235>. 75
- Fig. 111** – Esquisso (grafite sobre papel) sobre a possível implantação da “Ponte Nôva do Rio Seco”: Interpretação das cartografias em paralelo à gravura. À esquerda: Gravura e cartografia de 1911, de Silva Pinto; ao centro: Cartografia de 1812, de Duque de Wellington; à direita: Tentativa de perspetiva destas imagens bidimensionais e planta da bifurcação.
Elaborado pelo autor. 75
- Fig. 112** – Bica da Ponte Nôva do Rio Seco (gravura), s. a., s. d.
Arquivo Municipal de Lisboa (AML).
<http://arquivomunicipal2.cmlisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=344885&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1> 75
- Fig. 113** – Ampliação da planta de 1912: Posição da bica: Projeto para a construção de uma casa situada na rua do Cruzeiro D’Ajuda em frente ao nº 118 (Troço da ponte), Luís Nunes, 1912.
Arquivo Municipal de Lisboa (AML) 76
- Fig. 114** – Esquisso (grafite sobre papel) atual do prédio do “Zé das ovelhas”: Acrotérios.
Elaborado pelo autor. 76
- Fig. 115** – Ampliação de cartografia: Suposta “Ponte” e respetiva cota alta do tabuleiro de 71,77 m e baixa do vale de 67 m, CML, 1950.
Lisboa Interativa da Câmara Municipal de Lisboa (CML).
<http://arquivomunicipal2.cmlisboa.pt/sala/online/ui/searchbasic.aspx?filter=AH;Al;AC;AF> 76
- Fig. 116** – Intermédio entre duas margens: Ponte do Vale da Figueira. Golegã, s.a., s.d.
In ‘Arquitectura Popular em Portugal’, p. 12. 77

Fig. 117 – Maquetes de estudo evolutivas da ‘Ponte Nova’ (1:200): Do vetusto viaduto à conseqüente desconstrução.
Elaborado pelo autor.

77

II. CAPÍTULO 3

Fig. 1 – Vista do Palácio da Ajuda e zona envolvente: R. do Cruzeiro no troço Noroeste, séc. XIX (5,5 x 18,2 cm), Francisco Rocchini, 1822-1895.
Direcção-Geral do Património Cultural: Arquivo de Documentação (DGPC).
<http://matrixpix.dgpc.pt>

82

Fig. 2 – Vista do Palácio e Bairro da Ajuda: R. do Cruzeiro no troço Nordeste, séc. XIX, s.a., 1852.
Postal 537 do Bairro da Ajuda, 1852.
Feira de Antiguidades, Velharias e Artesanato de Belém.

82

Fig. 3 – Limite do Bairro do Rio Seco: Construído / natural.
Elaborado pelo autor.

83

Fig. 4 – Evolução urbana do Bairro do Rio Seco: Adição das habitações marginais,
Elaborado pelo autor.

83

Fig. 5 – Panorâmica sobre a Ajuda com o Palácio ao fundo: Com vista sobre o construído a N-O do terreno e a R. do Guarda-Jóias, s.a., s.d.
Arquivo Municipal de Lisboa (AML).

84

Fig. 6 – Fotografia da Rua do Guarda-Jóias e largo da Ajuda (1948-12): Antiga casa dos Conde Seabra / Testemunho: Helena e Palmira Ribeiro, Eduardo Portugal, 1948-12.
Arquivo Municipal de Lisboa (AML).
<http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/sala/online/ui/SearchBasic.aspx>

84

Fig. 7 – Travessa do Pátio Seabra - Marcos pétreos: Vetusta entrada para as cavalariças, e. a., 2017.
Elaborado pelo autor.

85

Fig. 8 – Vista sobre Torre do Galo e a rua Augusto Gomes Ferreira: Antiga habitação de um coronel. Testemunho: Eduardo Ferreira, Paulo Guedes, s. d.
In ARAÚJO, Norberto de ‘Peregrinações em Lisboa, Livro 9’, p. 97.

85

Fig. 9 – Vista do Palácio da Ajuda e zona envolvente: Vista atual sobre as hortas da residência dos criados, séc. XXI, José Aguiar, 2017.
Montagem cromática elaborado pelo autor.

85

Fig. 10 – Fotografia da rua Augusto Gomes Ferreira: Antiga residência dos criados. Testemunho Luís Ribeiro, Vasco de Figueiredo, s. d.
Arquivo Municipal de Lisboa (AML) - [Consult. 2 março 2017].
<http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/sala/online/ui/SearchBasic.aspx>

85

Fig. 11 – Rua do Cruzeiro, 235-237: Vivência nas hortas da vizinhança, ACM, 2002.
Arquivo Municipal de Lisboa (AML).
<http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/sala/online/ui/SearchBasic.aspx>

85

Fig. 12 – Fotografia com vista sobre a Rua Augusto Gomes Ferreira (1964-08): Habitação (atual zona situada no vazio) onde fora encontrada, aquando da reabilitação uma bola de canhão. Testemunho: José Carlos, Paulo Guedes, 1964-08.
In ARAÚJO, Norberto de ‘Peregrinações em Lisboa, Livro 9’, p. 97.

86

Fig. 13 – Planta do levantamento das tipologias do edificado e limites fundiários.
Elaborado por: Dinis Ricardo, Joana Rodrigues, João Alves e pelo autor.

86

- Fig. 14** – Panorâmica sobre a Ajuda com o Palácio: Com vista sobre o construído a N-O do terreno e a Rua do Guarda-Jóias, José Aguiar, 2017.
Montagem cromática elaborado pelo autor. 87
- Fig. 15** – Fortaleza do deserto, no sul de Marrocos: Volumetrias *sui generis*, Bernard Rudofsky, 1964.
In RUDOFSKY, Bernard, 'Architecture without architects: A Short Introduction to Non-Pedigreed Architecture', p.60. 87
- Fig. 16** – Montagem do abarracado do Bairro do Rio Seco: Analogia volumétrica, e. a., 2017.
Elaborado pelo autor. 87
- Fig. 17** – Travessa da Ajuda: Volumes construídos, Fernando Pozal, c. 1953.
Arquivo Municipal de Lisboa (AML) - [Consult. 3 março 2017].
<http://arquivomunicipal2.cmlisboa.pt/sala/online/ui/searchbasic.aspx?filter=AH;Al;AC;AF> 88
- Fig. 18** – Pátio de distribuição: Ancoragens das casas (umas às outras) nº 22, e. a., 2016.
Fotografia elaborada pelo autor...[et al.] 88
- Fig. 19** – Galeria de acesso a 8 habitações, e. a., 2016.
Fotografia elaborada pelo autor. 88
- Fig. 20** – Galeria interior: Volumetrias construídas da casa n. 36, e. a., 2016.
Fotografia elaborada pelo autor. 88
- Fig. 21** – Habitações criadas por sobreposição volumétrica: Frente de vale n. 45: A, B, F, I; 49; 50; 47, e. a., 2016.
Fotografia elaborada pelo autor. 88
- Fig. 22** – Distensão da galeria de acesso a três casas n.13, 16, 17, e. a., 2016.
Fotografia elaborada pelo autor. 88
- Fig. 23** – Lance exíguo de acesso ao 'pátio' desservidor: Cérceas elevadas e assimétricas, e. a., 2016.
Fotografia elaborada pelo autor. 88
- Fig. 24** – Pátio: Entrada comum para quatro residências n. 5, 6, 7 e 8, e. a., 2016.
Fotografia elaborada pelo autor. 88
- Fig. 25** – Panorâmica das casas surgidas por adição: n. 37, 38A e 39, e. a., 2017.
Fotomontagem elaborada pelo autor. 89
- Fig. 26** – Planta das habitações clandestinas mais antigas do bairro (5 fogos): Organização dos acessos exteriores das casas.
Elaborado pelo autor. 89
- Fig. 27** – Planta da habitação clandestina (63 fogos): Limite fundiário das habitações agrupadas por um acesso comum.
Elaborado pelo autor. 89
- Fig. 28** – Casa de Palmira Ribeiro: Quarto com cerca de cem anos.
Elaborado pelo autor. 90
- Fig. 29** – Volumes de habitação coletiva no interior, CML, 1989.
Arquivo Municipal de Lisboa (AML) 90
- Fig. 30** – Planta do mamarracho no prolongamento da rua do Rio Seco, CML, s. d.
Arquivo Municipal de Lisboa (AML) 90

- Fig. 31** – ‘Cavidade artificial escavada’: Vazio resultante dos explosivos.
Elaborado pelo autor. 91
- Fig. 32** – ‘Abrigo artificial’: Aperfeiçoamento da superfície pelo engenho do Homem.
Elaborado pelo autor. 91
- Fig. 33** – Esquismo para a instalação: Wrapped Coast, One Million Square Feet, Little Bay, Sydney, Australia. Christo and Jeanne-Claude, 1968-69.
Realized Projects - [Consult. 10 Dez. 2017].
<http://christojeanneclaude.net> 91
- Fig. 34** – Fotografia com vista para Sul do I e II quadrante: Rocha do vale do Rio Seco sem intervenção da mão humana, Ana Magalhães, 1995.
In MAGALHÃES, Ana Manuela... [et al.], ‘Vale do Rio Seco e área envolvente’, p. 20. 92
- Fig. 35** – Fotografia com vista para Norte do I e II quadrante: Encosta à esquerda sem a intervenção da mão humana, Ana Magalhães, 1995.
In MAGALHÃES, Ana Manuela... [et al.], ‘Vale do Rio Seco e área envolvente’, p. 18. 92
- Fig. 36** – Fotomontagem com vista para Este do I quadrante: Rocha do vale do Rio Seco, 2017 + Encosta sem a intervenção da mão humana, Ana Magalhães, 1995.
Fotomontagem e Fotografia, elaborado pelo autor, 2017.
Encosta sem a intervenção da mão humana, *in* MAGALHÃES, Ana Manuela...[et al.], ‘Vale do Rio Seco e área envolvente’, p. 23. 92
- Fig. 37** – Fotografia com vista para Este do I quadrante – Rocha do vale do Rio Seco, e. a., 2017.
Elaborado pelo autor. 92
- Fig. 38** – Fotografia da Primeira entrada de túnel descobertas no Bairro do Rio Seco, e. a., 2017.
Elaborado pelo autor. 94
- Fig. 39** – Planta da primeira entrada de túnel descobertas no Bairro do Rio Seco: Situado no tardo do edifício de frente ao Cruzeiro e desboca para o exterior, e. a., 2017.
Elaborado pelo autor... [et al.]. 94
- Fig. 40** – Fotografia da segunda entrada de túnel descobertas no Bairro do Rio Seco, Joana Cardão, 2017.
Elaborado pelo autor... [et al.]. 94
- Fig. 41** – Planta da segunda entrada de túnel descobertas no Bairro do Rio Seco: Interior de uma habitação de pequena escala e desboca para o quarto de jantar, e. a., 2017.
Elaborado pelo autor... [et al.]. 95
- Fig. 42** – Ampliação da cartografia Histórica: Pormenor das fontes, Silva Pinto, 1911.
Lisboa Interativa da Câmara Municipal de Lisboa (CML)
<http://lxi.cm-lisboa.pt> 95
- Fig. 43** – Suposição corredor soterrado: Projeção do traçado sob as duas fontes.
Elaborado pelo autor.
- Fig. 44** – Fotografia da terceira entrada de túnel descobertas no Bairro do Rio Seco, e. a., 2017.
Elaborado pelo autor. 95
- Fig. 45** – Planta da terceira entrada de túnel descobertas no Bairro do Rio Seco: Situado no muro de suporte do jardim, junto ao Guarda-Joias, e. a., 2017.
Elaborado pelo autor... [et al.]. 96

Fig. 46 – Nomenclaturas do 'lôcus'. Elaborado pelo autor.	96
Fig. 47 – Classificação das terras a manter, (com base) PDM, 26 de Abril de 2001. Elaborado pelo autor.	96
Fig. 48 – Mapeamento dos túneis obsoletos: Abordagem interpretativa do traçado, e.a., 2017. Elaborado pelo autor.	96
Fig. 49 – Projeto para galerias subterrâneas acompanhadas com canos para a "agoa": Abóboda em canhão característica, s. a., (aprovado) 3 de março de 1773. <i>In</i> CAETANO, Joaquim, ' <i>D.João V e o abastecimento de Água Lisboa</i> ', p. 45.	97
Fig. 50 – Esquema da simbiose ente a III galeria e a laje do parque. Elaborado pelo autor.	97
Fig. 51 – Fotografia da mesquita de Sidi Brahim d'El Atteuf, s. a., s. d. http://www.explorewithmwnf.org/monument.php?cn=dz&location=246&th=1&mid=372	97
Fig. 52 – Vista interior da Mesquita: iluminação pontual, Fátima Chaoui, 2016. http://tectonicablog.com/?p=98762	97
Fig. 53 – Croquis elaborados em 1910 em Tivoli, na Villa Adriana: Estudo da entrada de luz. <i>In</i> BOESIGER, Willy, ' <i>Le Corbusier</i> ', p. 119.	97
Fig. 54 – Capela de Notre-Dame-du-Haut, Ronchamp: Destaque das volumetrias para entrada luminosa, Anna & Eugeni Bach, s. d. http://hicarquitectura.com/2017/04/aeb-08-le-corbusier-notre-dame-du-haut-ronchamp/	98
Fig. 55 – Vista Interior dos tipos de iluminações zenitais: Pela fresta e pelos volumes em torre, s. a., s. d. <i>In</i> CORBUSIER, Le, ' <i>Ronchamp</i> ', p. 94.	98
Fig. 56 – Campanários ilusórios de Notre-Dame-du-Haut: Iluminação interior, s. a., s.d. <i>In</i> CORBUSIER, Le, ' <i>Ronchamp</i> ', p. 96.	98
Fig. 57 – Planta e corte de um torreão uma torre de ventilação do aqueduto, Carlos Mardel, s. d. <i>In</i> CAETANO, Joaquim, ' <i>D.João V e o abastecimento de Água Lisboa</i> ', p. 18.	98
Fig. 58 – Túnel III: Proposta de Intervenção. Elaborado pelo autor.	99
Fig. 59 – POR. 1 - Planta de estacionamento e túnel: Traçado sobre a suposição. Elaborado pelo autor.	99
Fig. 60 – POR. 1 - Planta de piso térreo e túnel: Corte cota 68.50. Elaborado pelo autor.	99
Fig. 61 – Muro existente na zona de intervenção, AML, s. d. Arquivo Municipal de Lisboa (AML) http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/sala/online/ui/SearchBasic.aspx	100
Fig. 62 – Evolução dos muros de inícios de séc. XIX: Surgimento dos primeiros limites fundiários, Duarte Fava, 1807. Lisboa Interativa da Câmara Municipal de Lisboa (CML) - [Consult. 3 Março 2017]. http://lxi.cm-lisboa.pt	100

Fig. 63 – Evolução dos muros de suporte: Definição dos limites fundiários das propriedades de frente de rua e toque com o interior de vale, Silva Pinto, 1911. Lisboa Interativa da Câmara Municipal de Lisboa (CML) - [Consult. 7 Março 2017]. http://lxi.cm-lisboa.pt	100
Fig. 64 – Evolução dos muros de suporte: Acrescento tangentes aos pré-existentes, subtração e quebra, CML, 1950. Lisboa Interativa da Câmara Municipal de Lisboa (CML) - [Consult. 8 Março 2017]. http://lxi.cm-lisboa.pt	100
Fig. 65 – Evolução dos muros de suporte: Diminuição dos acrescentos e quebra, CML, Artº 91-PDM, 1970-83. Lisboa Interativa da Câmara Municipal de Lisboa (CML) - [Consult. 7 Março 2017]. http://lxi.cm-lisboa.pt	100
Fig. 66 – Muros no estado atual de conservação: Acrescentos finais, CML, 2016. Lisboa Interativa da Câmara Municipal de Lisboa (CML) - [Consult. 7 Março 2017]. http://lxi.cm-lisboa.pt	100
Fig. 67 – Origem do fragmento sul do muro I.1, E. Portugal, 1936. <i>In</i> RIBEIRO, Mário, ‘Do Sítio da Nossa Senhora ao actual Largo da Ajuda’, p.9.	101
Fig. 68 – Vista panorâmica sobre o muro I, e. a., 2017. Elaborado pelo autor.	102
Fig. 69 – Orientação do muro I Elaborado pelo autor.	103
Fig. 70 – Suposição do alçado relativo ao muro I.1, e. a., 2017. Elaborado pelo autor.	102
Fig. 71 – Orientação do muro I.1. Elaborado pelo autor.	103
Fig. 72 – Vista panorâmica sobre o muro II, e. a., 2017. Elaborado pelo autor.	102
Fig. 73 – Orientação do muro II. Elaborado pelo autor.	103
Fig. 74 – Vista panorâmica sobre o muro II.1, e. a., 2017. Elaborado pelo autor.	102
Fig. 75 – Orientação do muro II.1. Elaborado pelo autor.	103
Fig. 76 – Vista panorâmica sobre o muro II.2, e. a., 2017. Elaborado pelo autor.	102
Fig. 77 – Orientação do muro II.2. Elaborado pelo autor.	103
Fig. 78 – Chafariz da Travessa do Chafariz: Tanque a Este, s. a., 1940. http://fotold.com/a-importancia-da-agua-em-portugal-146467581.html	104
Fig. 79 – Chafariz em estado de ruína: Interior da mina, parcialmente a descoberto, e. a., 2018 Elaborado pelo autor.	104
Fig. 80 – Gravura nº24 do Chafariz da Ajuda: Vista sobre o tanque de encosto a Oeste, s. a., s.d. <i>In</i> MOITA, Irisalva, ‘D. João V e o abastecimento de água a Lisboa’, p.242.	104

Fig. 81 – Vista sobre a fachada e o tanque a Oeste do muro II, s. a., 1940. http://fotold.com/a-importancia-da-agua-em-portugal-1624409163.html	104
Fig. 82 – Tanque Este e Oeste do Chafariz da Travessa do Chafariz: Corte transversal. Elaborado pelo autor.	105
Fig. 83 – Muro Chafariz da Travessa do Chafariz: Restituição dos dois tanques ‘de encosto’. Elaborado pelo autor.	105
Fig. 84 – Zona da mácula referenciada pelos habitantes, e. a., 2017. Elaborado pelo autor.	105
Fig. 85 – Tanque da Travessa da Ajuda, e. a., 2018. Manipulado pelo autor.	105
Fig. 86 – Canalização e tanque: Corte transversal pelo muro II.1. Elaborado pelo autor.	106
Fig. 87 – Imaginário do local do Chafariz com base nos testemunhos. Elaborado pelo autor.	106
Fig. 88 – Gravura nº96 do Chafariz da Bica do Rio Seco, s. a., s. d. Arquivo Municipal de Lisboa (AML) - [Consult. 6 jan. 2017]. http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=347614&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1	106
Fig. 89 – Zona a extremo norte do muro II.2: Bica do Rio Seco na atualidade, e. a., 2017. Elaborado pelo autor.	106
Fig. 90 – Respiradouro / Clarabóias da galeria de abastecimento de água do aqueduto das águas livres na estrada de Caneças, João Goulart, 1940. Arquivo Municipal de Lisboa (AML) - [Consult. 3 jan. 2017]. http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/sala/online/ui/searchbasic.aspx?filter=AH;AI;AC;AF	107
Fig. 91 – Arquétipo junto à galeria e reservatório de abastecimento de água do aqueduto das Águas Livres na estrada de Caneças, Rita Gomes, 2017. Arquivo Municipal de Lisboa (AML) http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=345218&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1	107
Fig. 92 – Esquisso de pormenor do muro II.2: Zona técnica para as águas, e. a., 2017. Elaborado pelo autor.	107
Fig. 93 – Tipo de encosto ou espaldar: Gravura do Chafariz da Junqueira ou da Cordoaria nº25, s. a., 1821-1828. <i>In Do sítio da Junqueira - Conferência realizada no salão nobre dos Paços do Concelho na tarde de 8 de Junho de 1939</i> , p. 13.	108
Fig. 94 – Imaginário do pressuposto Chafariz: Composição da moldura com duas carrancas e um tanque, e. a., 2018. Elaborado pelo autor.	108
Fig. 95 – Alçado sul: resquícios da moldura encastrada no muro II, e. a., 2018. Elaborado pelo autor.	108



- Fig. 96** – Imaginário sobre o hipotético Chafariz com base na gravura anónima.
Elaborado pelo autor. 108
- Fig. 97** – Imaginário das vivências em torno do sistema de abastecimento, e. a., 2018.
Elaborado pelo autor. 109
- Fig. 98** – Kolumba, Diocesab Museum, Cologne, Alemanha: Alçado Oeste e Sul, Peter Zumthor, 1997.
In ZUMTHOR, Peter, 'Peter Zumthor Works – Buildings and Projects 1979-1997', p. 290. 109
- Fig. 99** – Integração da Matéria/substância: Pormenor Alçado Este, David Giebel, 2009.
<https://www.stylepark.com/en/news/the-brick-avant-garde> 109
- Fig. 100** – Novo e antigo: Pormenor da pigmentação bege claro da matéria sobreposta: Alçado Norte, David Giebel, 2009.
<https://www.stylepark.com/en/news/the-brick-avant-garde> 109
- Fig. 101** – Kolumba, Diocesab Museum: Alçado Este (Alemanha, Cologne), Peter Zumthor, 1997.
In ZUMTHOR, Peter, 'Peter Zumthor Works – Buildings and Projects 1979-1997', p. 291. 110
- Fig. 102** – Muro II.2 adaptado à proposta de projeto: Alçado sul e corte longitudinal pela galeria.
Elaborado pelo autor. 110
- Fig. 103** – Enquadramento urbano do Muro II.2 (1:500)
Elaborado pelo autor. 111

II. CAPÍTULO 4

- Fig. 1** – Apropriação da água nos Banhos: Exemplo de um Duche, s. a., s. d.
In 'Mundo da arte — Revista Mensal de Arte, Arqueologia e Etnologia, n. 6, maio-1982', p.18. 116
- Fig. 2** – Piero Della Francesca: O Baptismo de Cristo por João Baptista nas águas do Rio Jordão, s.a., s.d.
In DORIA, Miguel de França, 'O Culto da Água e A Água do Culto', p. 57. 117
- Fig. 3** – *Shintô misogi*: O banho frio na cultura japonesa ato psíquico e o espiritual, James Arendt, 2018.
<https://www.jamesjpn.net/events/misogi-japanese-ritual-of-standing-under-a-waterfall-in-the-winter/> 118
- Fig. 4** – Modulor como exemplo de sistema de proporções para a profundidade dos Tanques: As duas à esquerda, relativas à morfologia: Local (*Locaes*) 0,70 e 1,13 m; à direita, relativa à morfologia – Geral (*geraes*) 1,83 m, Le Corbusier, 1950.
<https://www.letemps.ch/societe/design-une-affaire-dhommes> 119
- Fig. 5** – Fotografia aérea do monte da cidade de Mohenjo-Daro, Michael Jansen, s.d.
In JANSEN, Michael, 'Mohenjo-Daro, city of the Indus Valley (volume 9 / núm.4)', p. 166. 119
- Fig. 6** – Implantação dos banhos público: *The Great Bath*, de Mohenjodaro, Michael Jansen, s.d.
In *ibid.* 119





- Fig. 7** – Planta axonométrica dos banhos públicos: *The Great Bath*, de Mohenjodaro – Planta axonométrica, Iravatham Mahadevan, 1931.
In MAHADEVAN, Iravatham, 'Bulletin of the Indus Research Centre, (núm. 2)', p. 16. 119
- Fig. 8** – A cúpula perfurada, Rudas Bath, Budapest, s.d., s.a.
<http://geriatrictraveller.com/kiraly-medicinal-baths-budapest> 121
- Fig. 9** – Atmosfera de 'opacidade', kiraly Bath house, s.d., s.a.
<https://havago.co/2019/02/04/kiraly-bath-house/> 121
- Fig. 10** – Fachada do prédio dos Almada: Lápide romana, s.a., s.d.
In MACEDO, Luiz De, 'A Rua das Pedras negras', p. 33. 122
- Fig. 11** – 'Termas dos Cássios': Desenho do troço das termas de Cassios, situado na R. das Pedras Negras e levantada por D.Tomás Caetnao de bem, 1771.
In FERNANDES, Lídia, 'Capitel das Thermae Cassiorumde Olisipo in Revista Portuguesa de Arqueologia', p. 201. 122
- Fig. 12** – Termas Romanas dedicadas a Esculápio: planta e posicionamento em relação à R. da Prata, Augusto da Silva, 1936.
In *id.*, *ibid.*, p. 313. 123
- Fig. 13** – Termas Romanas dedicadas a 'Esculápio': Cortes verticais atualmente visíveis na atualidade, Augusto da Silva, 1936.
In SILVA, Augusto Viera da, 'Dispersos, vol. II', p. 313. 123
- Fig. 14** – Túnel da Rua da Conceição: Parte das Termas descobertas, s.a., s.d.
In MOITA, Irisalva - 'As Termas Romanas da Rua da Prata', p. 5. 123
- Fig. 15** – Planta dos "banhos público": Banhos do Doutor, Cristina Ramalho, s. d.
In RAMALHO, Elsa Cristina, LOURENÇO, Maria Carla, 'As águas de alfama – memória do passado da cidade de Lisboa', p. 12. 124
- Fig. 16** – Planta do "Banhos público": Alcaçarias do Duque, Cristina Ramalho, s. d.
In *id.*, *ibid.*, p. 14. 124
- Fig. 17** – Planta do "Banho público": Alcaçarias de D.Clara, Cristina Ramalho, s. d.
In *ibid.*, p. 13. 124

III. CAPÍTULO 5

- Fig. 1** – O reflexo, a duplica e sobreposição. São dois ou um? Quantos tanques vê? Ele(s) te(ê)m fundo, sobre o qual repousam águas estagnadas ou são as mesmas que as do 'Mar Palha' que o envolvem? Então, e se...
Fotomontagem elaborada pelo autor. 132
- Fig. 2** – Sistema encontrado no local: Desenho *in situ*.
Elaborado pelo autor. 133
- Fig. 3** – Localização do sistema de captação de água: Tanque este / Oeste, junto à atual R. Eduardo Bairrada (topo do Vale do Rio Seco), e. a., 2017.
Elaborado pelo autor. 133
- Fig. 4** – Corte transversal do sistema de captação de água.
Elaborado pelo autor. 134
- Fig. 5** – *Cetto di Burri*: Metáfora à transformação do território natural. Artificialização do solo enquanto memória da antiga aldeia Gibelina (Sicília) devastado pelo terramoto em 1968, Alberto Burri, 1995.
<http://www.infobelice.it/cretto-di-burri-assegnati-i-lavori-per-la-conservazione/>
<http://agnescruz.blogspot.com/2014/04/cretto-di-burri-gibellina-1980s.html> 134

- Fig. 6** – Vistas gerais e corte da sobreposição dos tanques onde assentam as águas: Açude e Chafariz da Travessa do Chafariz.
Elaborado pelo autor. 135
- Fig. 7** – Esquema da sobreposição dos planos: Tanques.
Elaborado pelo autor. 135
- Fig. 8** – Construído a Noroeste: Habitação marginal e frente de Rua do Cruzeiro, e. a., 2017.
Elaborado pelo autor. 135
- Fig. 9** – Estudo da forma para a obra: O enigma sem fim, versão: ‘Rosto do grande ciclope cretino (papel sobre grafite), Salvador Dalí, 1938.
In DESCHARNES, Robert; NÉRET, Gilles, ‘Dalí a obra pintada’, p. 7. 136
- Fig. 10** – Estudo da forma para a obra: ‘O enigma sem fim’, versão: Galo (papel sobre grafite), Salvador Dalí 1938.
In *Id.*, *ibid.*, p. 8. 136
- Fig. 11** – Estudo da forma para a obra: ‘O enigma sem fim’, versão: Filósofo encostado (Grafite sobre papel), Salvador Dalí, 1938.
In *ibid.*, p. 9. 136
- Fig. 12** – Seleção crítica dos desenhos: Ideia de fusão do natural com o construído.
Elaborado pelo autor. 138
- Fig. 13** – Esquícios de permanência: Elementos evidentes do lugar.
Elaborado pelo autor. 138
- Fig. 14** – Decomposição do movimento: «*The Horse in Motion*», Eadweard Muybridge, 1878.
<https://artbite.fr/Eadweard-Muybridge-1830-1904.html?lang=fr> 139
- Fig. 15** – Sobreposição de *frames*: Estudo *Chronophotographique sobre «La Locomotion Humaine»*, Étienne-Jules Marey, 1886.
<https://artbite.fr/Eadweard-Muybridge-1830-1904.html?lang=fr> 139
- Fig. 16** – «Caminhos de Movimento + seqüências dinâmicas», Giacoma Balla, 1913.
In GRAHAM-DIXON, Andrew, ‘*Art: The definitive visual guide*’, p. 429. 139
- Fig.17** – Diagrama para a Biblioteca de l’Huei (Genebra, Suíça), Peter Eisenman, 1997.
In EISENMAN, Peter, ‘*Diagrama Diaries*’, p. 205. 140
- Fig. 18** – ‘*Photographs of the air streams under varying conditions*’, Étienne-Jules Marey, 1900-1901.
<http://quilime.com/aggregate/?l=etienne-jules%20marey%201901-1902%20-%20doraballa-ommo.png> 140
- Fig. 19** – Superposição de diagramas conceituais: Biblioteca de l’Huei, Peter Eisenman, 1996-1997.
In EISENMAN, Peter, *op. cit.*, p. 208. 140
- Fig. 20** – Plano de linhas a sobrepor sobre o território, e. a., 2018.
Elaborado pelo autor. 141
- Fig. 21** – Plano de linhas a sobrepor sobre o território.
Elaborado pelo autor. 141
- Fig. 22** – Conjunto de linhas resultantes: Primeira maquete.
Elaborado pelo autor. 141
- Fig. 23** – Trajetória conceptual do movimento dado ao território: Linhas resultantes da segunda maquete.
Elaborado pelo autor. 141

Fig. 24 – Maquetes conceituais do território, segundo traçado planimétrico. Escala 1:500. Elaborado pelo autor.	142
Fig. 25 – Axonometria a Noroeste do I quadrante: Dia-grama da sobreposição da junção dos pontos intermédios no espaço, e. a., 2017. Elaborado pelo autor.	142
Fig. 26 – O limite como resultado do método: Grelha de pontos intermédios de maior cêrcea e cota, respetivamente, do construído e do natural. Elaborado pelo autor.	143
Fig. 27 – Planta final do limite através do traçado planimétrico, e. a., 2017. Elaborado pelo autor.	143
Fig. 28 – Maquetes conceituais para a « <i>structure de surface</i> ». Escala 1:500. Elaborado pelo autor.	144
Fig. 29 – Esquema para a composição da maquete 4: Vetores análogos ao estudo de Étienne-J. Marey. Elaborado pelo autor.	144
Fig. 30 – O estrangulamento do vale e espaços exíguos: Em cima: Esquissos perspetivos com vista para norte, junto à atual, R. Eduardo Bairrada; Em baixo: Receção, balneários e rampas e nichos soterradas; O estrangulamento do vale e espaços exíguos. Elaborado pelo autor.	145
Fig. 31 – Estudo da « <i>struture profonde</i> » em confronto com a linha de água do Vale do Rio Seco. Escala 1:200. Elaborado pelo autor.	146
Fig. 32 – Mudança de localização em Intervalos, (Fotografia em papel), Klaus Rinke, 1972. http://www.maximsurin.info/blog/klaus-rinke-time-space-body-transformations/	147
Fig. 33 – <i>Les trois Sphinx</i> de Bikini (Óleo sobre tela), Salvador Dalí, 1947. <i>In</i> GÉRARD, Max; ROUMEGUÈRE, Pierre, 'Dali...Dali...Dali', pp. 58-59.	148
Fig. 34 – <i>La métamorphose de Narcisse</i> , (Óleo sobre tela), Salvador Dalí, 1937. <i>In</i> PUPPO, Alessandro Del, 'Dalí et le surréalisme', p. 160.	148
Fig. 35 – « <i>El arco gótico</i> » (I.º estado): ' <i>Carceri d'invenzione</i> ': <i>Vedute dos espaços piranesianos</i> da sobreposição, Giovanni Piranesi, 1720-1778. <i>In</i> FICACCI, Luigi, 'Piranesi: Catálogo complete das águas-fortes', p. 170.	149
Fig. 36 – Vista sobre o alçado principal: <i>House III</i> (residência Miller), Lakeville, Connecticut. Peter Eisenman, 1969-1971. http://conversations.aaschool.ac.uk/peter-eisenman/ maio 1974	149
Fig. 37 – Vista interior ascendente da « <i>struture profonde</i> ». http://arch1101-2016jy.blogspot.com/2016/04/peter-eisenman-did-you-notice-internal.html	150
Fig. 38 – Axonometria da residência: Conjunção das estruturas. https://eisenmanarchitects.com/House-III-1971	150
Fig. 39 – Perspetiva interior ascendente da « <i>struture profonde</i> ». http://ofhouses.tumblr.com/post/157722396535/403-peter-eisenman-house-iii-miller-house	150
Fig. 40 – Perspetiva interior descendente sobre a sala de estar. https://eisenmanarchitects.com/House-III-1971	150

- Fig. 41** – Vista sobre a volumetria adjacente à piscina interior lúdica: Concurso para o 'Complexo aquático' da *Ville du Havre, France*, Jean Nouvel, 2004 - 2008.
<http://ensaiofragmentados.blogspot.com/2010/12/les-bains-des-docks-piscinas-docks.html> 151
- Fig. 42** – Vista Frontal exterior sobre espaço da piscina desportiva de 50 m: Nichos como resultado de subtração da massas e extrusões decorrente da adição por justaposição dos corpos que compõem o espaço interno, *s.d., s.a.*
<https://www.blogdecodesign.fr/architecture/bain-des-docks-le-havre-par-jean-nouvel/> 151
- Fig. 43** – Corte longitudinal do equipamento de banhos, AJN, 2004-2018.
<https://eumiesaward.com/work/2495> 152
- Fig. 44** – Justaposição de escadas: Tanque sobre piscina. Observa-se o esmagamento deste primeiro e os diferentes pés direitos da segunda, AJN, 2004-2018.
<https://eumiesaward.com/work/2495> 152
- Fig. 45** – Vistas interiores e exteriores.
<https://www.blogdecodesign.fr/architecture/bain-des-docks-le-havre-par-jean-nouvel/>;
<http://www.jeannouvel.com/projets/complexe-aquatique-les-bains-des-docks> 152
- Fig. 46** – Emprego entre técnicas variadas, provocam uma metamorfose da forma submetida a processos de desmaterialização / Imagem duplicada com base nas mesmas propriedades formais = DALí e Dalí, s.t., Abdelkader Benchadi, 2011. 
<http://drawingroom.es/en/artistas/abdelkader-benchamma/> 152
- Fig. 47** – Esquema de reflexo entre pré-existências - o Chafariz da Travessa do Chafariz e o Açude - e repetição do mesmo esquema a outra escala - equipamento de banhos para outro, desta vez de maior dimensão. 
 Elaborado pelo autor. 153
- Fig. 48** – Ampliação do reflexo da pré-existência: de maior escala o - Chafariz da Travessa do Chafariz - e menor - o açude.
 Elaborado pelo autor. 153
- Fig. 49** – Limites (II e I): Transposição do *Topos* para a implantação do projeto.
 Elaborado pelo autor. 153

III. CAPÍTULO 6

- Fig. 1** – Imagem de um 'filme': Ação focada numa determinada ação (segundo Berger), *s. a., s. d.*
 Fotomontagem elaborado pelo autor. 158
- Fig. 2** – Imagem de 'uma pintura': Ação simultaneamente dispersa (segundo Berger), *s. a., s. d.*
 Postal 537 do Bairro da Ajuda, 1852.
 Feira de Antiguidades, Velharias e Artesanato de Belém. 158
- Fig. 3** – Origem da Ideia: Posicionamento do Chafariz da Travessa do Chafariz e do Açude; Linha de água e Muro I, na Orla inferior do Parque Natural do Rio Seco.
 Elaborado pelo autor. 160
- Fig. 4** – À direita: Esquiço da promenade à cota baixa (Zona centro).
 Elaborado pelo autor. 161

Fig. 5 – Em baixo: Limite penetrável: cota baixa, de transição entre o parque o a promenade pública; Em cima: Estratificação do limite: Acesso à cota alta. Elaborado pelo autor.	161
Fig. 6 – Limite penetrável, e. a., 2017. Elaborado pelo autor.	161
Fig. 7 – Dois quarteirões a norte do Terreno de intervenção: Muros de séc. XIX integrados na divisão de lotes, e. a., 2017. Elaborado pelo autor.	161
Fig. 8 – Plano Urbano: Planta de cobertura e infraestrutura de interior de Parque (1.500). Elaborado pelo autor.	162
Fig. 9 – Limite penetrável. Elaborado pelo autor.	164
Fig. 10 – Perspetivas da cota baixa: <i>Promenade</i> , junto ao equipamento. Elaborado pelo autor.	164
Fig. 11 – Volumes dos 4 corpos: ‘Grelha estrutural’. Elaborado pelo autor.	165
Fig. 12 – Fotomontagem conceptual com vista sobre a ‘Calçada do Gigante’, Antrim, Irlanda do Norte (Reino Unido): Primas naturais, e. a., 2017. Elaborado pelo autor.	165
Fig. 13 – ‘Grelha estrutural’ tipo-Maquete de estudo para a <i>Unité d’habitation de Marseille</i> . Le Corbusier, 1947-1953. Elaborado pelo autor.	165
Fig. 14 – Cortes Transversais pelo corpo ‘secundário’ (2), de ‘interstício’ (i) e da ‘piscina em linha’ (3): (com destaque) Poço(s) de luz natural. 1.200. Elaborado pelo autor.	165
Fig. 15 – Cortes longitudinal pelo corpo ‘principal’ (1) e ‘de interstício’ (2): (com destaque) Poço(s) de luz natural e meios pisos. 1.200. Elaborado pelo autor.	166
Fig. 16 – Corte longitudinal pelo corpo ‘principal’ (1) e ‘secundário’ (2): (com destaque) Meios pisos. 1.200. Elaborado pelo autor.	166
Fig. 17 – Manifesto: ‘ <i>WAR AND ARCHITECTURE: The Sarajevo window</i> ’: Paredes Prototípicas vistas pelo interior. Lebbe Woods, Bósnia, 1994. https://lebbeuswoods.wordpress.com/2011/12/02/war-and-architecture-the-sarajevo-window/	166
Fig. 18 – Corpo principal – localização da piscina de 25 m. Elaborado pelo autor.	166
Fig. 19 – Decomposição das pré-existências através da ‘grelha estrutural’. Elaborado pelo autor.	167
Fig. 20 – Esboço da estrutura: ‘Grelha estrutural’. Elaborado pelo autor.	167
Fig. 21 – Maquete do molde negativo do aglomerado de produção autónoma (escala 1:100): Linhas de interseção com a grelha. Elaborado pelo autor.	167

Fig. 22 – Maquetes do Prisma resultantes da interseção (escala 1:100): Estudo dos tetos da piscina principal. Elaborado pelo autor.	167
Fig. 23 – Esboço perspético da ideia dos tetos piscina de 25 m. Elaborado pelo autor.	168
Fig. 24 – Tetos da piscina de principal (25 m): Planta e axonometria. Elaborado pelo autor.	168
Fig. 25 – Planta de tetos e pavimento da piscina de principal (25 m): Contexto topográfico. 1:120. Elaborado pelo autor.	168
Fig. 26 – Pintura que se pressupõe representar um ambiente arquitetónico: Decomposição dos planos, Lyonel Feininger, <i>s.d.</i> <i>In</i> PRADA, Manuel de, <i>'Arte, Arquitectura y Mimesis'</i> , p. 203.	169
Fig. 27 – Catedral de Santa Maria de Neviges, Alemanha: Alçado, Gottfried Böhm, 1963-1964. <i>In</i> id., <i>ibid.</i> , p. 203.	169
Fig. 28 – Igreja Católica da Ressurreição de Cristo, Cologne, Alemanha: Corte transversal, Gottfried Böhm, 1963-1970. <i>In</i> <i>ibid.</i> , p. 203.	169
Fig. 29 – Corte/Alçado Este longitudinal pelo corpo 'principal' (1) e 'de interstício' (3): Vista sobre o muro I.1. 1.200. Elaborado pelo autor.	170
Fig. 30 – Corte Longitudinal (parcial) do volume situado no topo junto ao muro I.1: Galeria de circulação e vista sobre o II quadrante (lado oposto do vale). 1.200. Elaborado pelo autor.	170
Fig. 31 – Corte longitudinal pelo corpo 'principal' (1) e 'secundário' (2): (com destaque) Poço(s) de luz natural; Vista sobre a envolvente: II quadrante. 1.200. Elaborado pelo autor.	170
Fig. 32 – Diagrama programático do equipamento de banhos públicos do Rio Seco. Elaborado pelo autor.	171
Fig. 33 – Esboço do estacionamento, com apontamentos do túnel III e axonometria do miradouro. Elaborado pelo autor.	172
Fig. 34 – Planta da cobertura do parque de cafetaria / estacionamento / galeria e equipamento. 1.200. Elaborado pelo autor.	172
Fig. 35 – Planta parcial do Parque de estacionamento (Entrada /cota 72.70): Contextualização da cobertura ajardinada (redesenho do antigo jardim e dos miradouros a Este) e abertura sobre o muro II.2. 1.200. Elaborado pelo autor.	173
Fig. 36 – Planta parcial do Parque de estacionamento (Saída / cota 70.00): Contextualização do Túnel III, cafetarias a Sul e aberturas sobre o muro II.2. 1.200. Elaborado pelo autor.	173
Fig. 37 – Piso da receção: Cota 68.40. Elaborado pelo autor.	174
Fig. 38 – Piso de entrada do auditório: Cota 66.30. Elaborado pelo autor.	175

Fig. 39 – Piso inferior: Cota 61.85. Elaborado pelo autor.	175
Fig. 40 – Piso da Recepção e Balneários. Elaborado pelo autor.	176
Fig. 41 – Piso do tanque exterior e da bancada da piscina em linha. Elaborado pelo autor.	177
Fig. 42 – Meios pisos: Zona da bancada ou contemplação, sauna e repouso. Elaborado pelo autor.	177
Fig. 43 – Piso térreo, à cota do Parque Natural do Rio Seco. Elaborado pelo autor.	178

ANEXOS

Nota – Constam nos 'anexos' os elementos de apoio que não foram apresentados (anteriormente) no decorrer do escrito.

I. FOTOGRAFIAS DO LUGAR

I. 1 - ANCESTRAL PRÉ-EXISTENTE

Nota – A tonalidade das fotografias, que se seguem, foram mantidas conforme origem e apresentadas desde Vale do Rio Seco até o construído de bairro.

- ◀ **Ref. Cap. 3.1.3 e 3.4.2** - Vista desde o I sobre o II quadrante: Aglomerado construído sobre/junto ao 'Muro II'. No contexto da topografia natural do Vale do Rio Seco, Eduardo Portugal, [s. d.].
In RIBEIRO, Mário De Sampaio, 'Do sítio da Nossa Senhora ao actual Largo da Ajuda', p. 7.



Outro aspecto do Vale da Sacóta

Foto E. Portugal.

- **Ref. Cap. 3.1.3** - Vista para Este do I quadrante: Rocha do vale do Rio Seco e encosta sem a intervenção da mão humana, Ana Magalhães [et al.], 1995.
In MAGALHÃES, Ana Manuela... [et al.], 'Vale do Rio Seco e área envolvente', p. 25.

- **Ref. Cap. 3.1.3** - Fotografia com vista para Sul do I e II quadrante : Rocha do vale do Rio Seco sem intervenção da mão humana, Ana Magalhães [et al.], 1995.
In MAGALHÃES, Ana Manuela... [et al.], 'Vale do Rio Seco e área envolvente', p. 21.



- ▼ **Ref. Cap. 3.1.3 e 3.4.2** - Vista panorâmica desde o I sobre o II quadrante e Vale do Rio Seco, com a intervenção da mão humana: Contextualização do 'Muro II', Ana Magalhães [et al.], 1995.
In MAGALHÃES, Ana Manuela... [et al.], 'Vale do Rio Seco e área envolvente', p. 24.





- **Ref. Cap. 3.1.3** - Vista Sul sobre o Vale do Rio Seco: Volumetria artificial no interior tangente ao limite natural (encosta rochosa), Ana Magalhães [et al.], 1995.
In MAGALHÃES, Ana Manuela... [et al.], 'Vale do Rio Seco e área envolvente', p. 23.



- **Ref. Cap. 3.1.3** - Vista sobre o I e II quadrante, a Norte do Vale do Rio Seco: Encosta Este (à esquerda) sem a intervenção da mão humana, Ana Magalhães [et al.], 1995.
In MAGALHÃES, Ana Manuela... [et al.], 'Vale do Rio Seco e área envolvente', p. 23.



- **Ref. Cap. 3.1.3** - Vista desde o III sobre o IV quadrante: Volumetria artificial no interior e 'agrafada' ao limite natural (encosta rochosa), Ana Magalhães [et al.], 1995.
In MAGALHÃES, Ana Manuela... [et al.], 'Vale do Rio Seco e área envolvente', p. 22.







- **Ref. Cap. 1.1.3, 2.3, 2.3.1 e 3.4.2** / Maq. II. 2.3; fig. 1 a 7 - Topografia natural 'encoberta'/ 'Volumetria artificial sobre e no aplanamento do Vale do Rio Seco: Linha de água, tanque 'de encosto' e 'toque' do 'Muro II' com o/a talvegue/rocha (agora) soterrados, Ana Magalhães [et al.], 1995.
/n MAGALHÃES, Ana Manuela... [et al.], 'Vale do Rio Seco e área envolvente', p. 25.



- **Ref. Cap. 1.1.3, 2.3, 2.3.1 e 3.4.2** / Maq. II. 2.3; fig. 1 a 7 - Vista sobre o tanque, 'de encosto'/adossado a Oeste, do 'Muro II' (atualmente soterrado ou demolido) e vivências do 'imberbe' (abastecimento e água) no Lugar. No contexto da topografia natural a Norte do Vale do Rio Seco, [s.a.], 1940.
/n <http://fotold.com/a-importancia-da-agua-em-portugal-1472560921.html>



- **Ref. Cap. 1.1.3, 2.3, 2.3.1, 3.4, 3.4.2 e 5** / Maq. II. 2.3; fig. 1 a 7 - 'Muro II' e vista sobre o aglomerado de 'l'ócus' da proposta de projeto, no contexto da topografia natural no topo do Vale do Rio Seco (atual R. Eduardo Bairrada), Eduardo Portugal, [s.d.].
/n RIBEIRO, Mário De Sampaio, 'Do sítio da Nossa Senhora ao actual Largo da Ajuda', p.8.

Consequências de cento e cinquenta anos de abandono...

Foto E. Portugal.



◀ **Ref. Cap. 2.3, 2.3.1 e 3.4.2 /** Maq. Il. 2.3; fig.1 a 7 - Alçado parcial do 'Muro II' e do tanque 'de encosto'/adossado e vivências da 'lavadeira' junto à infraestrutura de abastecimento, [s.a.], 1940.
/n <http://fotold.com/1940-cruzeiro-ajuda-lisboa.html>



◀ **Ref. Cap. 1.3 e 3.4.2 -** Vista sobre o tanque 'de encosto'/adossado a Oeste do 'Muro II' e de suporte da Ribeira do Rio Seco (delimitado na proposta do Parque Natural) e vivências da 'lavadeira' no Lugar. No contexto da topografia natural do Vale do Rio Seco, [s.a.], 1940.
/n <http://fotold.com/1940-cruzeiro-ajuda-lisboa-1155557667>.

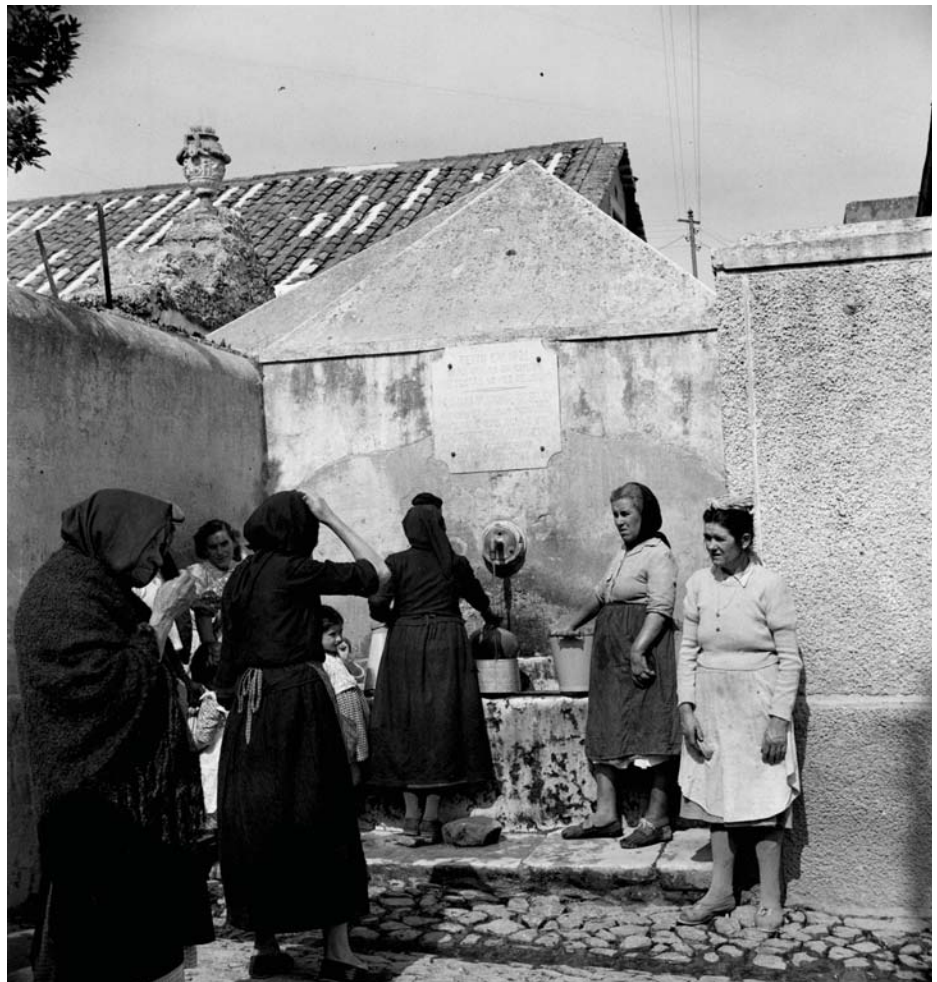


◀ **Ref. Cap. 2.3, 2.3.1 e 3.4.2 /** Maq. Il. 2.3; fig.1 a 7 - Vista baixa do tanque 'de encosto'/adossado a Oeste do 'Muro II', acesso vertical (restituído na proposta do Largo) e vivências multigeracional no Lugar. No contexto da topografia natural do Vale do Rio Seco, [s.a.], 1940.
/n <http://fotold.com/a-importancia-da-agua-em-portugal-2102220475.html>

- **Ref. Cap. 1.1 e 1.1.3** - O Vale e a linha de água a descoberto: A ribeira do Rio Seco junto Largo do Rio Seco e vista sobre o Chafariz, Paulo Guedes, [s.d.]. Arquivo Municipal Fotográfico de Lisboa, in <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=267766&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1>



- **Ref. Cap. 1.1.3** - Chafariz do Rio Seco, FERNANDO POZAL, c. 1953. Arquivo Municipal Fotográfico de Lisboa, in <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt-w/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=280230&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1>



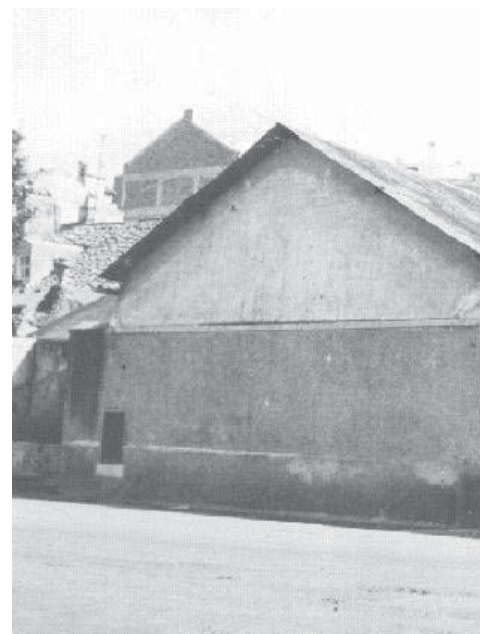


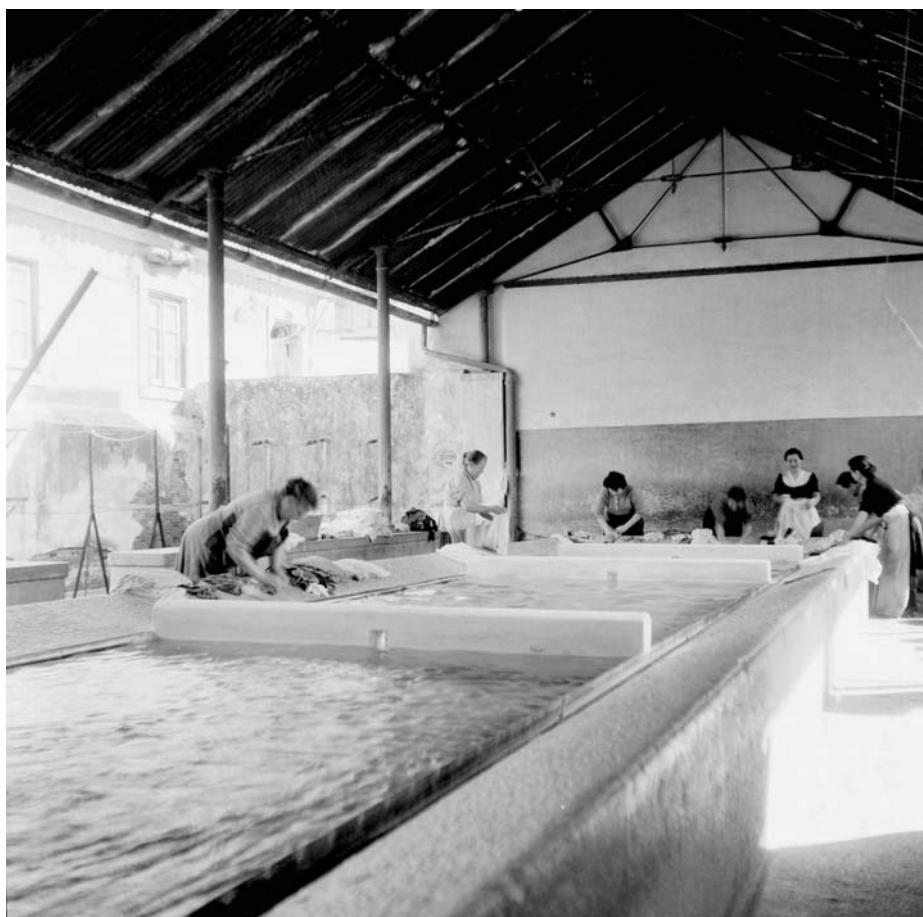
◀ **Ref. Cap. 1.1.3** - Chafariz do Largo do Rio Seco, Eduardo Portugal, [s.d.].
Arquivo Municipal Fotográfico de Lisboa, *in* <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=345650&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1>



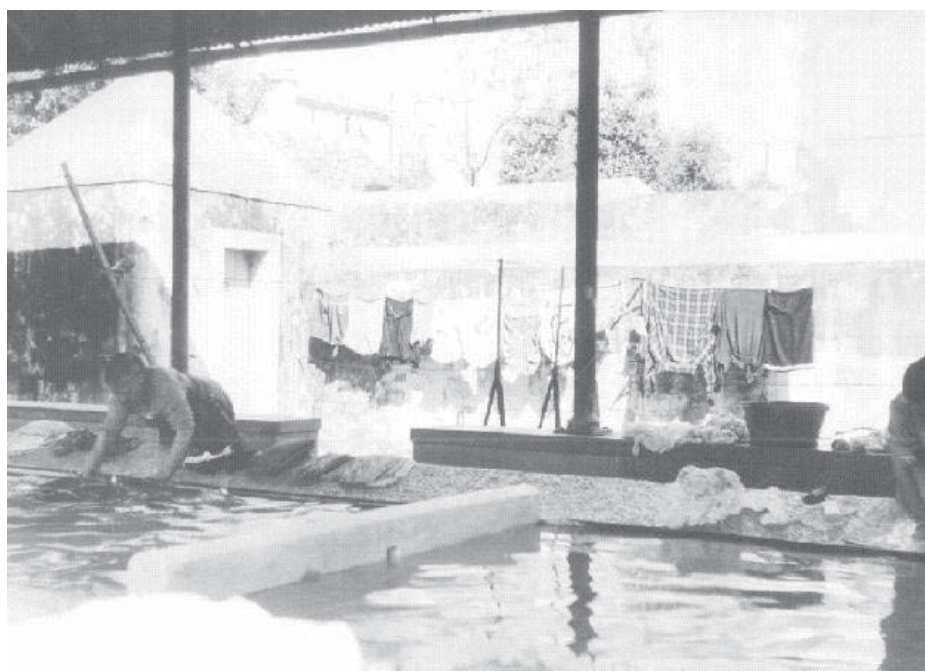
▲ **Ref. Cap. 1.1, 1.1.3 e 3.4.2** - Vista de contexto entre o Vale e o Largo do Rio Seco: O Lugar habitado entre o lavadouro e o a volumetria artificial (extremo Sul), Eduardo Portugal, 1939.
Arquivo Municipal Fotográfico de Lisboa, *in* <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=343540&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1>

▼ **Ref. Cap. 1.1.3 e 3.4.2** - Lavadouro do Rio Seco (junto ao Largo): Alçado Sul, João Goulart, 1966.
Arquivo Municipal Fotográfico de Lisboa, *in* <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/sala/online/ui/searchbasic.aspx?filter=AH;AI;AC;AF>





◀ **Ref. Cap. 1.1.3 e 3.4.2** - Lavadouro do Rio Seco (junto ao Largo): Vista interior (Noreste) sobre os tanques e vivências da 'lavadeira' no Lugar, Vasco Figueiredo, [s.d.].
Arquivo Municipal Fotográfico de Lisboa, in <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=310807&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1>



▲ **Ref. Cap. 1.1.3 e 3.4.2** - Lavadouro do Rio Seco (junto ao Largo): Vista interior (Norte) sobre os tanques e vivências da 'lavadeira' no Lugar, Vasco Figueiredo, [s.d.].
Arquivo Municipal Fotográfico de Lisboa, in <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/sala/online/ui/searchbasic.aspx?filter=AH;AI;AC;AF>



◀ **Ref. Cap. 1.1.3 e 3.4.2** - Lavadouro público do Rio Seco (junto ao Largo): Vista sobre o Alado Oeste e sul, Vasco Figueiredo, [s.d.].
Arquivo Municipal Fotográfico de Lisboa, in <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/sala/online/ui/searchbasic.aspx?filter=AH;AI;AC;AF>



A Torre do relógio exhibe ainda as cicatrizes
que lhe ficaram
da amputação do edificio da Patriarcal
Foto E. Portugal.



- ▲ Ref. Cap. 2.3.2 - Torre sineira da Capela Real da Ajuda (Torre do Galo ou da Ajuda): Vista Sudoeste desde o Largo da Ajuda, Eduardo Portugal, [s.d.].
In RIBEIRO, Mário De Sampaio, 'Do sítio da Nossa Senhora ao actual Largo da Ajuda', p.8.



- ◀ Ref. Cap. 2.3.2 e 2.3.3 / Maq. II. 2.3; fig. 1 a 7 - Acesso pré-existente com vista para o I quadrante de apoio à proposta para o 'Largo do Cruzeiro': Articulação entre a cota baixa e alta do Vale do Rio Seco, e ligação direta para o Clube desportivo 'Império do Cruzeiro', Ana Magalhães [et al.], 1995.
In MAGALHÃES, Ana Manuela... [et al.], 'Vale do Rio Seco e área envolvente', p. 26.

◀ **Ref. Cap. 2.3.2** -Torre sineira da Capela Real da Ajuda (Torre da Ajuda com o catavento (galo)): Vista Sudeste desde o o Largo da Torre, Eduardo Portugal, 1948. Arquivo Municipal Fotográfico de Lisboa, in <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=255648&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1>



◀ **Ref. Cap. 2.3.2 e 6.1** -Torre sineira da Capela Real da Ajuda (Torre da Ajuda ou do Galo): Vista sobre o aglomerado (consolidado na proposta urbana) a Noroeste do 'Bairro da Ajuda' desde o o Largo da Torre, Eduardo Portugal, 1948. Arquivo Municipal Fotográfico de Lisboa, in <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/sala/online/ui/searchbasic.aspx?filter=AH;AI;AC;AF>

◀ **Ref. Cap. 2.3.3 / Maq. II. 2.3; fig. 1 a 7** - Vista obstruída do local de implantação do mirante sobre a Torre do Galo: Apoio para a proposta do 'Largo do Cruzeiro' (miradouro), Ana Magalhães [et al.], 1995. In MAGALHÃES, Ana Manuela... [et al.], 'Vale do Rio Seco e área envolvente', p. 26.



▲ **Ref. Cap. 6.1** - Travessa da Ajuda, Fernando Pozal, c. 1953. Arquivo Municipal Fotográfico de Lisboa, in <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=280206&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1>

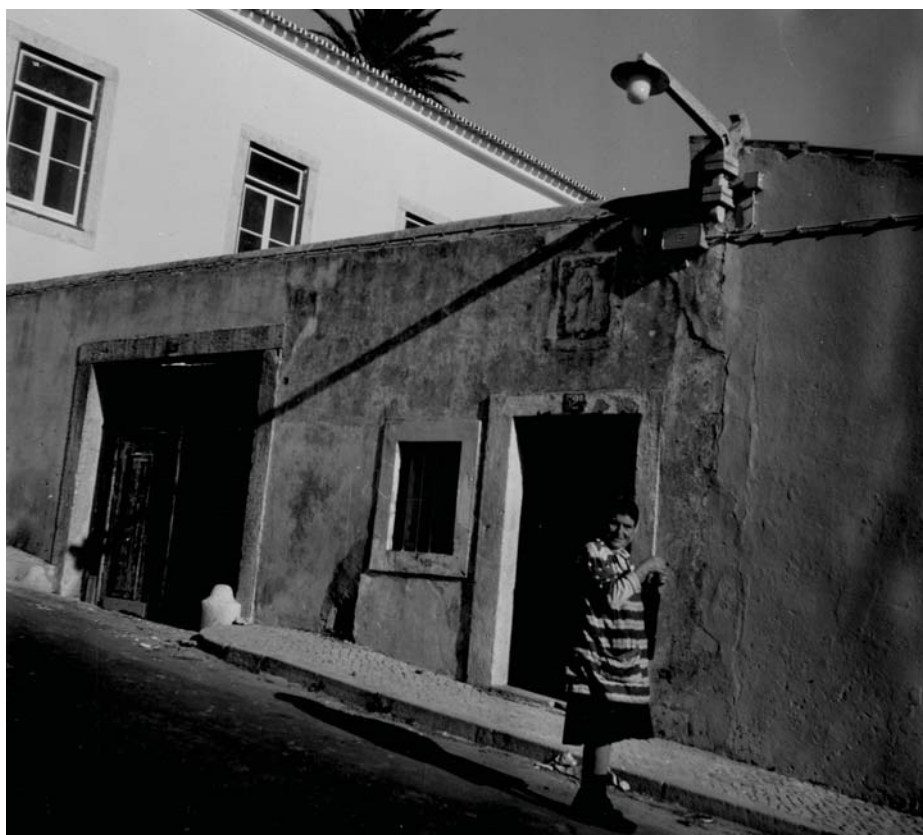
◀ **Ref. Cap. 2.3.3** - Imaginário para o mirante sobre a Torre da Ajuda ou do Galo, parte integrante da proposta de 'Largo do Cruzeiro': Enquadramento e reflexo das habitações frontais aos Terraços de Bragança sobre a R. do Alecrim, Luís Moreno [et al.], 2012. In MORENO, Luís, Siza - *Arquitetura de la memoria*, p. 99.



▲ Ref. Cap. 3.1.1 e 6.1 - Alçado tardoz de um edifício de habitação unifamiliar de 'frente de rua' do Cruzeiro, nº 235-237: Vivências exterior, [s.a.], 2002.
In Arquivo Municipal Fotográfico de Lisboa, obra 14563, f. 16.

▲ Ref. Cap. 3.1.1 e 6.1 - Alçado principal de um edifício de habitação unifamiliar de 'frente de rua' do Cruzeiro, nº 183, [s.a.], 1972.
In Arquivo Municipal Fotográfico de Lisboa, pro. 7984/08/72, f. 6.

▼ Ref. Cap. 3.1.1 e 6.1 - Habitação (nº13) de 'frente de rua' junto ao Largo da Ajuda mantida, [s.a.], 1972.
In Arquivo Municipal Fotográfico de Lisboa, pro. 7984/08/72, f. 5.

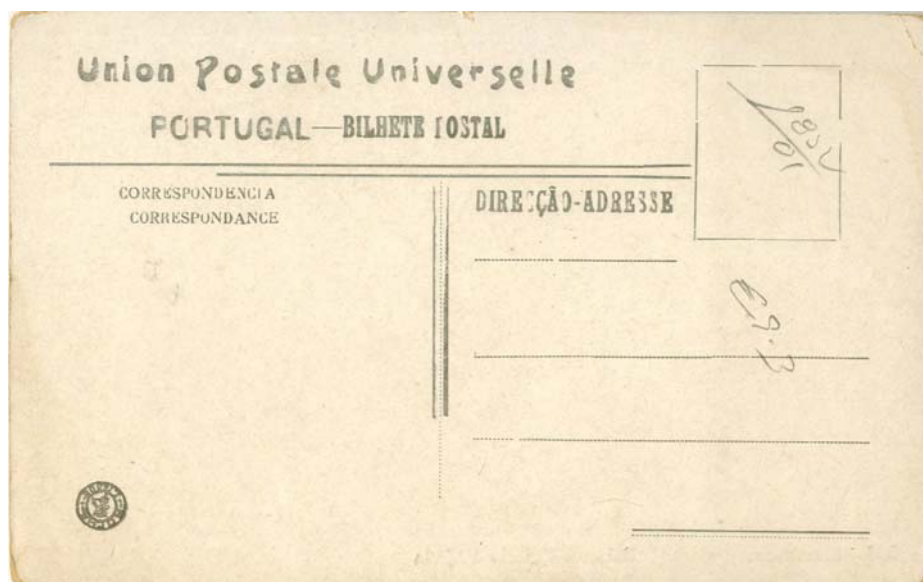


▲ Ref. Cap. 3.1.1 e 6.1 - Antigo Centro Social e Paroquial NªSª da Ajuada e atual sede espiritual 'Brahma Kumaris. Edifício (nº 52 (A,B e C)) de 'frente de rua' do Guarda-Jóias, Augusto Fernandes, 1966.
Arquivo Municipal Fotográfico de Lisboa, in <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizaca-ocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=313693&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&>



537—Lisboa Bairro e Palacio d'Ajuda

◀ Ref. Cap. 3.1 e 6 - Postal (frente) ou Gravura do Bairro e Palácio d'Ajuda, [s.a.], 1918.
In Feira de Antiquidades, Velharias e Artesanato de Belém.



◀ Ref. Cap. 3.1 e 6 - Postal (verso) ou Gravura do Bairro e Palácio d'Ajuda, [s.a.], 1918.
In Feira de Antiquidades, Velharias e Artesanato de Belém.

▼ Envelope de suporte.
In Feira de Antiquidades, Velharias e Artesanato de Belém.



I. 2 - ATUAL IN SITU

Nota – Alçados DWG. com base nas fotografias e cartografias do Lugar.





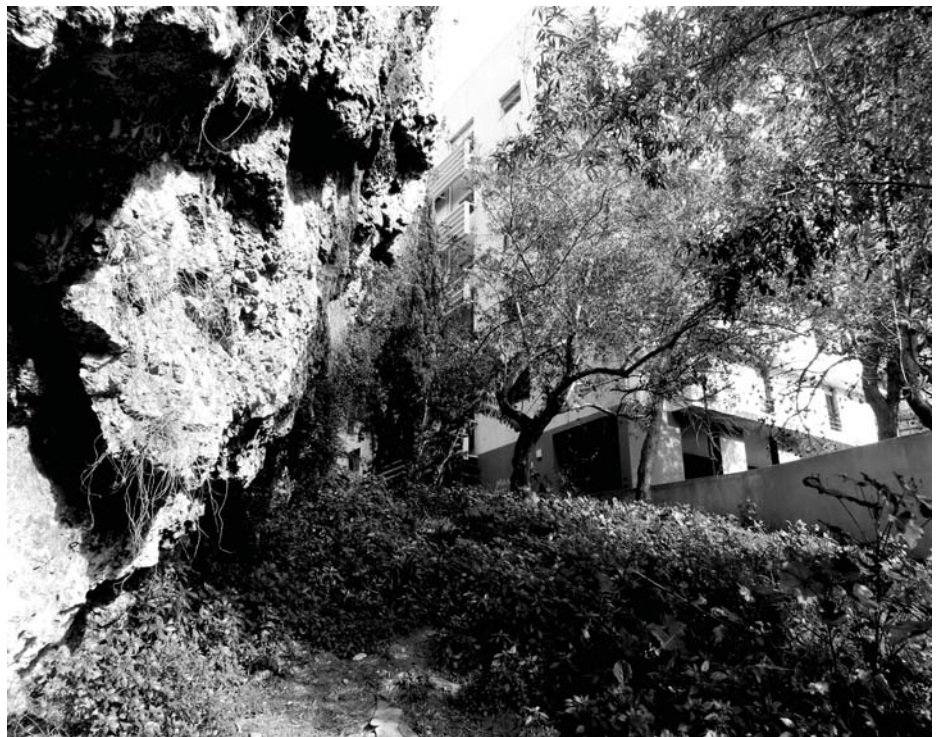
◀ **Ref. Cap. 3 e 3.1** - Enquadramento do terreno de intervenção: Vista Noroeste sobre o I quadrante, José Aguiar do laboratório ArchC_3D/CIAUD/Fa-ULisboa, 2017.



▲ **Ref. Cap. 3 e 3.1** - Vista aérea e enquadramento do terreno de intervenção no contexto do Vale do Rio Seco: Vista sobre a escarpa a Oeste e destaque sobre o I quadrante, José Aguiar do laboratório ArchC_3D/CIAUD/Fa-ULisboa, 2017.



- ▲ **Ref. Cap. 1.3, 5.1.2 e 5.1.2.1** - Limite natural do terreno de intervenção na orla inferior do Vale: Relação do construído com a esarpa rochosa e vista a extremo Sul do I quadrante, fotografia do autor, 2017.
- **Ref. Cap. 1.3 e 3.1.2** - Paradigma da intervenção do Homem sobre o Vale do Rio Seco, junto ao Geomonumento, fotografia do autor, 2017.
- ▼ **Ref. Cap. 1.3 e 2.1** - Gruta do Vale do Rio Seco no limite do Geomonumento, fotografia do autor, 2017.





▲ **Ref. Cap. 1.3 e 3.1** - Fotografia à cota média (orla superior no IV quadrante) do Vale do Rio Seco sobre a escarpa Oeste (limite natural) e cêrceas do construído envolvente, fotografia do autor, 2017.



▲◀ **Ref. Cap. 1.3** - Estado de correlação da rocha (limite natural) com a orla superior (massa artificial) e inferior (vegetação) do Vale, fotografia do autor, 2017.

▶ **Ref. Cap. 1.3, 3.4 e 3.4.1** - Simbiose entre o natural e o artificial: Toque da rocha sobre o muro de suporte I.1: Resultado da intervenção do Homem, fotografia do autor, 2017.

▼ **Ref. Cap. 1.3** - Pormenores da extratificação / expressão / textura da rocha calcária, a Sul do terreno de intervenção, fotografia do autor, 2017.





▲ Ref. Cap. 2.1, 3, 3.1 e 3.1.1 - Enquadramento panorâmico do Bairro do Rio Seco / tereno de intervenção e relação com as diferentes escalas envolvidas: Vista Norte-Sul sobre o edificado de 'frente de rua' do Cruzeiro, fotografia do autor, 2017.



▼ Ref. Cap. 2.2, 2.3.1 e 2.3.4 - Vista aérea sobre os vazios urbanos pré-existent na R. do Cruzeiro junto ao II quadrante integrados, *à posteriori*, na proposta do 'Largo do Cruzeiro': Sistema de vistas Este-Oeste, elaborado pelo autor, 2018.





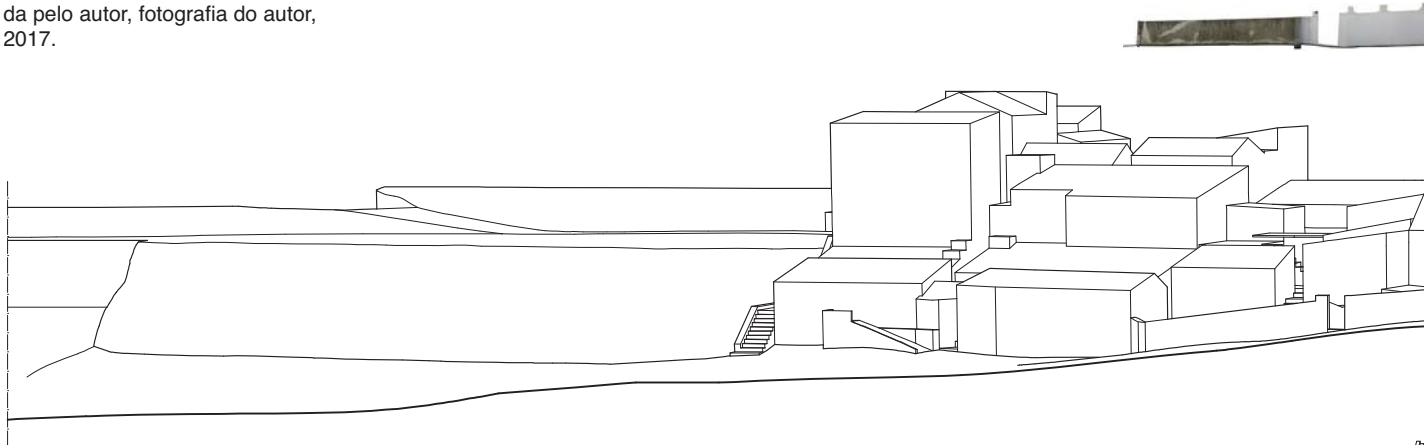
◀ **Ref. Cap. 2.2 e 2.3.1** - Delimitação da R. do Cruzeiro: Vista aérea dos possíveis sistemas de vistas sobre a Torre do Galo, José Aguiar do laboratório Arch-C_3D/CIAUD/Fa-ULisboa, 2017.



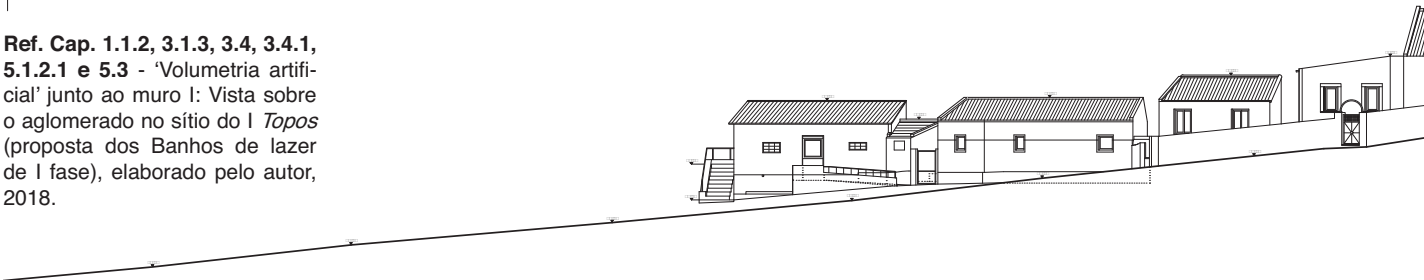
◀ **Ref. Cap. 2.2, 2.2.1.1.1, e 2.3** - Primeiro vazio urbano ao longo do percurso do Cruzeiro: 'Moldura' / enquadramento da Torre do Galo no *Skyline* do Bairro do Rio Seco entre o prédio nº 173 e 175, fotografia do autor, 2018.

▶ **Ref. Cap. 2.2, 2.2.1.1.1, e 2.3** - Segundo vazio urbano ao longo do percurso do Cruzeiro: 'Moldura' / enquadramento sobre o topo da Torre do Galo (cata-vento e sinos) / camanário, entre os prédios nº 211 e 213, fotografia do autor, 2017.

- **Ref. Cap. 3.4 e 3.4.1** - Alçado do muro tipo I, junto à R. Eduardo Bairrada, fotomontagem elaborada pelo autor, fotografia do autor, 2017.



- ▲ **Ref. Cap. 1.1.2, 3.1.3, 3.4, 3.4.1, 5.1.2.1 e 5.3** - 'Volumetria artificial' junto ao muro I: Vista sobre o aglomerado no sítio do I *Topos* (proposta dos Banhos de lazer de I fase), elaborado pelo autor, 2018.



- ▲ **Ref. Cap. 3.4, 3.4.1** - Alçado do muro I com vista sobre o primeiro plano das habitação adjacentes, elaborado pelo autor, 2018.



- ▲ **Ref. Cap. 2.2, 2.2.1.1.1, 3.1.1 e 5.1** - Edificado de 'frente de rua' o Cruzeiro, junto ao I quadrante: Enquadramento da Bica e da recepção (habitação nº32) referente ao projeto de I fase e relação de escala / cromática / textura dos alçados, fotomontagem elaborada pelo autor, 2017.





◀ **Ref. Cap. 2.2 e 3.1.1** - Alçado do 'eficado e 'frente e rua' do Cruzeiro e relação co a Torre do Galo, elaborado pelo autor, 2018.



▲ **Ref. Cap. 3.1 e 3.1.2** - Vista aérea do Bairro do Rio Seco: Vista frontal (Este) sobre o aglomerado clandestino de enquadramento das fotografias 'pedestres', José Aguiar do laboratório ArchC_3D/ CIAUD/Fa-ULisboa, 2017.

▲ **Ref. Cap. 3.1 e 3.1.2** - Vista aérea do Bairro do Rio Seco: Contextualização do edificado de auto-construção de enquadramento das fotografias 'pedestres', José Aguiar do laboratório ArchC_3D/ CIAUD/Fa-ULisboa, 2017.

► **Ref. Cap. 1.1.2 e 3.1.2** - 'Volumetria artificial' no edificado 'intercalar': Iluminação e vista ascendente (Este-Oeste) sobre as habitações clandestinas junto à Travessa da Ajuda e Torre do Galo, fotografia do autor, 2017.

▼ **Ref. Cap. 1.1.2, 3 e 3.1.2** - Panorâmica da volumetria das habitações de autoconstrução junto à Travessa da Ajuda: Torre do Galo, construção 'intercalar' e luz, fotografia do autor, 2018.





◀ **Ref. Cap. 3, 3.1, 3.1.1, 3.1.2 e 3.4.2** - Vista descendente (Oeste-Este) sobre o primeiro troço da Travessa da Ajuda: Relação luz-sombra com o construído 'intercalar' e envolvente do Vale do Rio Seco, fotografia do autor, 2017.

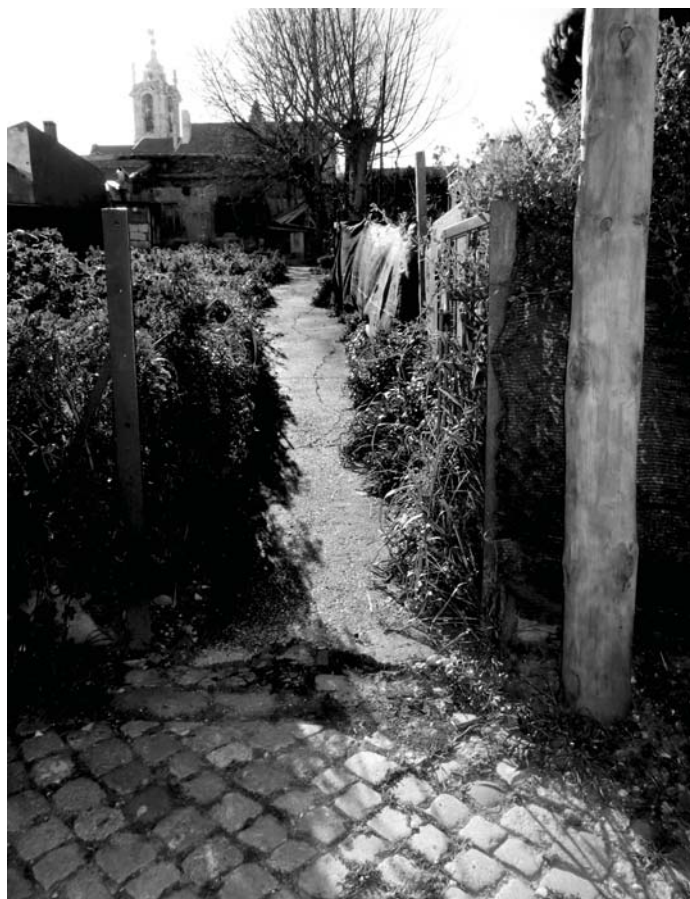
▶ **Ref. Cap. 3.1.1** - Vista descendente (Oeste-Este) do segundo troço da Travessa da Ajuda, fotografia do autor, 2017.

◆ **Ref. Cap. 3** - 'Presença' omnipresente da Torre do Galo no interior do Bairro do Rio Seco: Vista ascendente (Este-Oeste) junto às hortas existentes entre o 'abarracado', fotografia do autor, 2017.

▼ **Ref. Cap. 3.1.2** - Panorâmica das casas surgidas por adição: nº 37, 38A e 39, fotografia do autor, 2017.



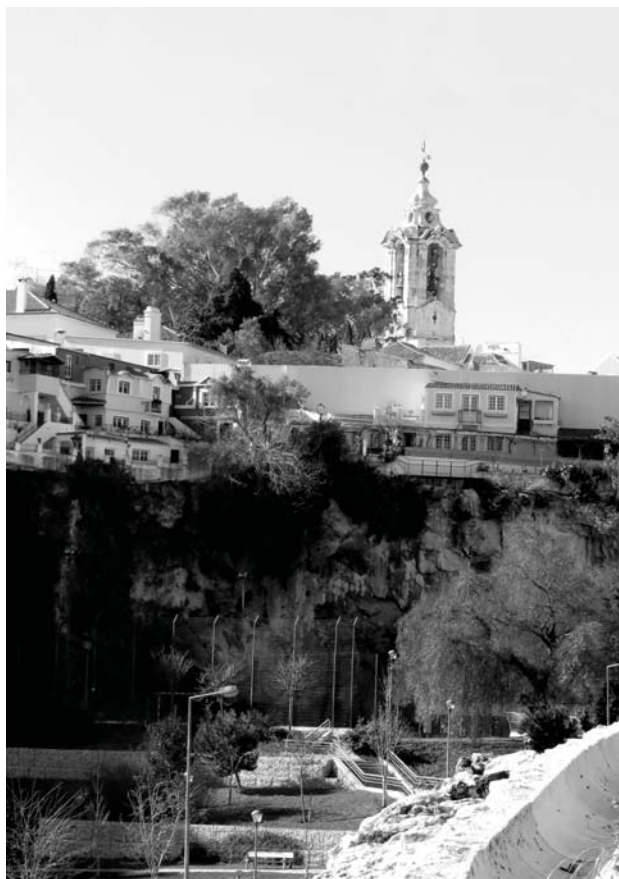
▲ **Ref. Cap. 3 e 3.1.1** - Vista ascendente (Este-Oeste) d primeiro troço da Travessa da Ajuda: 'Moldura' da Torre do Galo e relação luz-sombra, fotografia do autor, 2017.





- ▲ **Ref. Cap. 3, 3.1.3, 3.4 e 3.4.2**
- Vista aérea do construído a extremo Sul do terreno de intervenção: Contextualização dos muros de tipo II.2, do aglomerado de auto-construção (mais antigo do Bairro) e parte dos jardins da antiga casa dos Conde Seabra, José Aguiar do laboratório Arch-C_3D/CIAUD/Fa-ULisboa, 2017.
- **Ref. Cap. 3.1 e 3.1.1** - Vista desde o interior da sede espiritual 'Brahama Kumaris' (edif. nº52 (A, B e C)/R. do Guarda-Jóias): Cota alta do jardim da casa dos Conde Seabra, vídeo de Joana Cardão e fotomontagem do autor, 2017.





▲ Ref. Cap. 1.3 e 3.4.2 - Vista a extremo Sul do terreno de intervenção, escarpa rochosa, *skyline*, o muro II.2 e a sua escala 'imponente' sobre o Vale do Rio Seco: Destaque do aumento da cêrcea do muro e obstrução sobre o Vale, fotografia do autor, 2017.

▼▲ Ref. Cap. 3, 3.1.2, 3.4.2, 3.5 e 6.1 - Abertura no muro pré-existente II.2: Entrada semi-privada para o núcleo das habitações clandestinas mais antigas do Bairro e marcos pétreos no pavimento, fotografia do autor, 2017.

▼► Ref. Cap. 3, 3.1.1 e 3.5 - Vista descendente (Norte-Sul) sobre o primeiro troço do caminho junto ao muro II.2: Relação do edifício adjacente e respetiva obstrução visual sobre o Vale, fotografia do autor, 2017.



▼ Ref. Cap. 3.1.1 e 6.1 - Vista ascendente (Este-Oeste) sobre a Travessa do Páteo Seabra: Marcos pétreos e calçada 'encoberta', fotografia do autor, 2017.

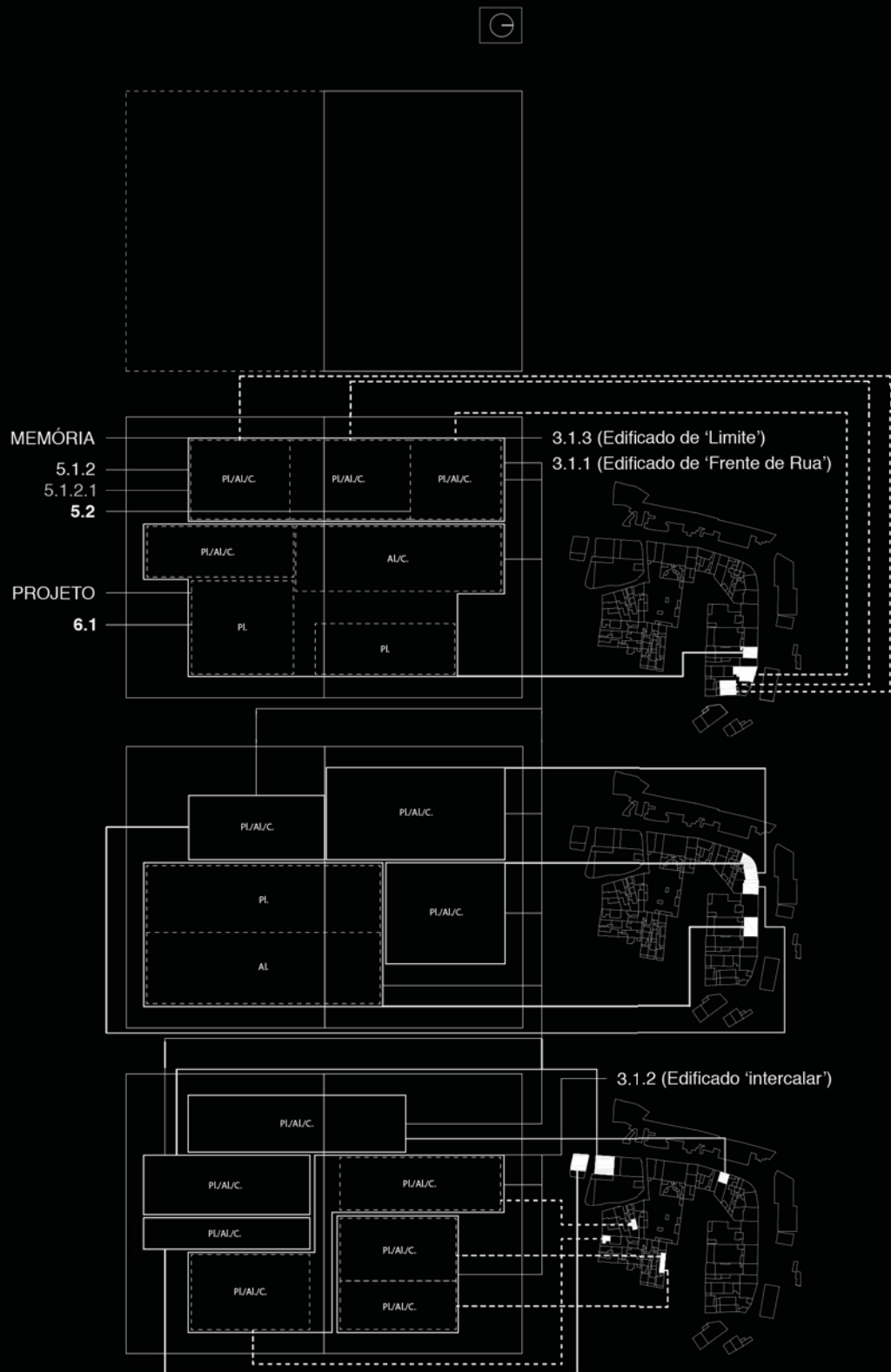


▲ Ref. Cap. 3 e 3.1.1 - Vista entre o edificado de 'frente de rua' do Guarda-Jóias, da entrada para a Travessa do Páteo Seabra e vazio resultante da demolição do prédio nº 12, fotografia do autor, 2017.



II. DOCUMENTAÇÃO DE APOIO

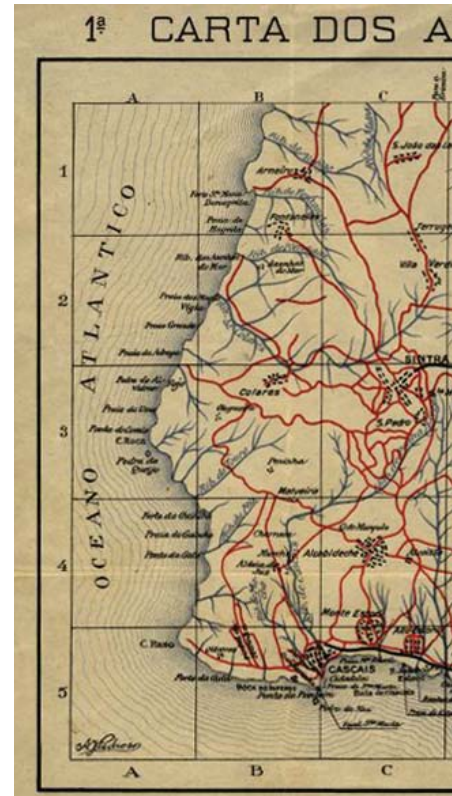
Sumário ilustrado – Paralelismo com o texto



Nota – Abreviaturas: (P.) Planta; (Al.) Alçado; (C.) Corte / O sumário acima representado, diz respeito somente aos desenhos técnicos do edificado.

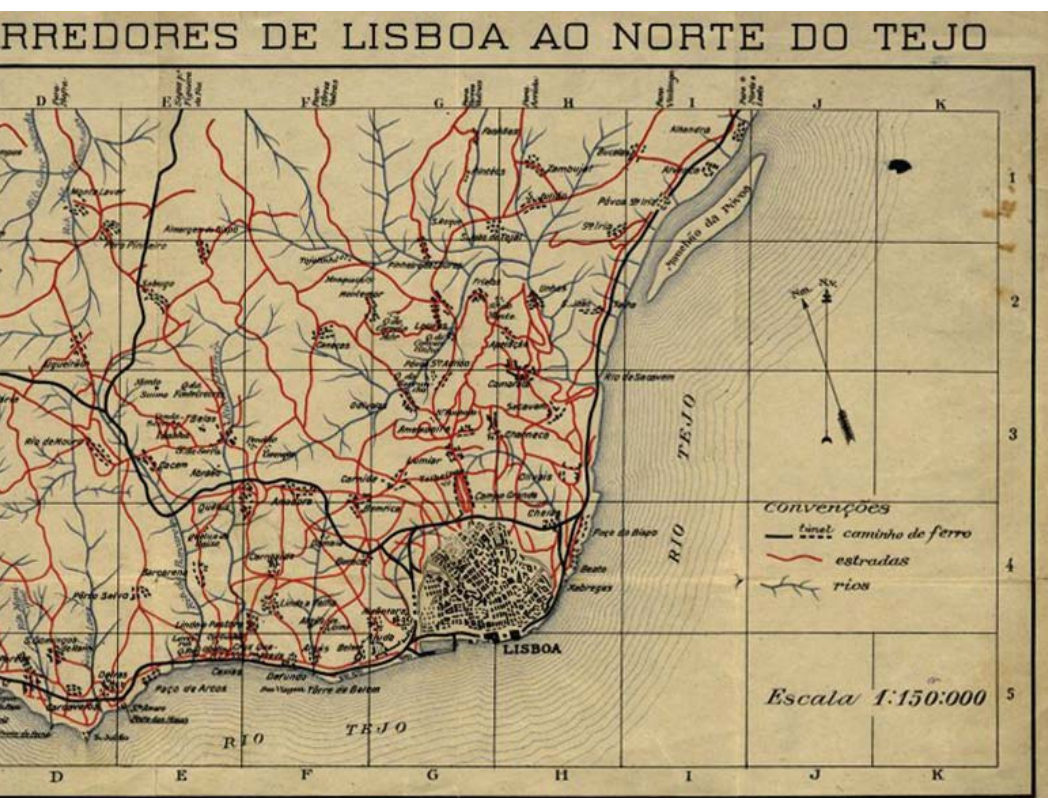
II. 1 - ARQUIVO CARTOGRÁFICO / DESENHO TÉCNICO DO EDIFICADO CML

Nota – Os alçados e as plantas do edificado serão apresentados por ordem, conforme percurso enunciado no Cap. 2: 2.2.1.1.1).



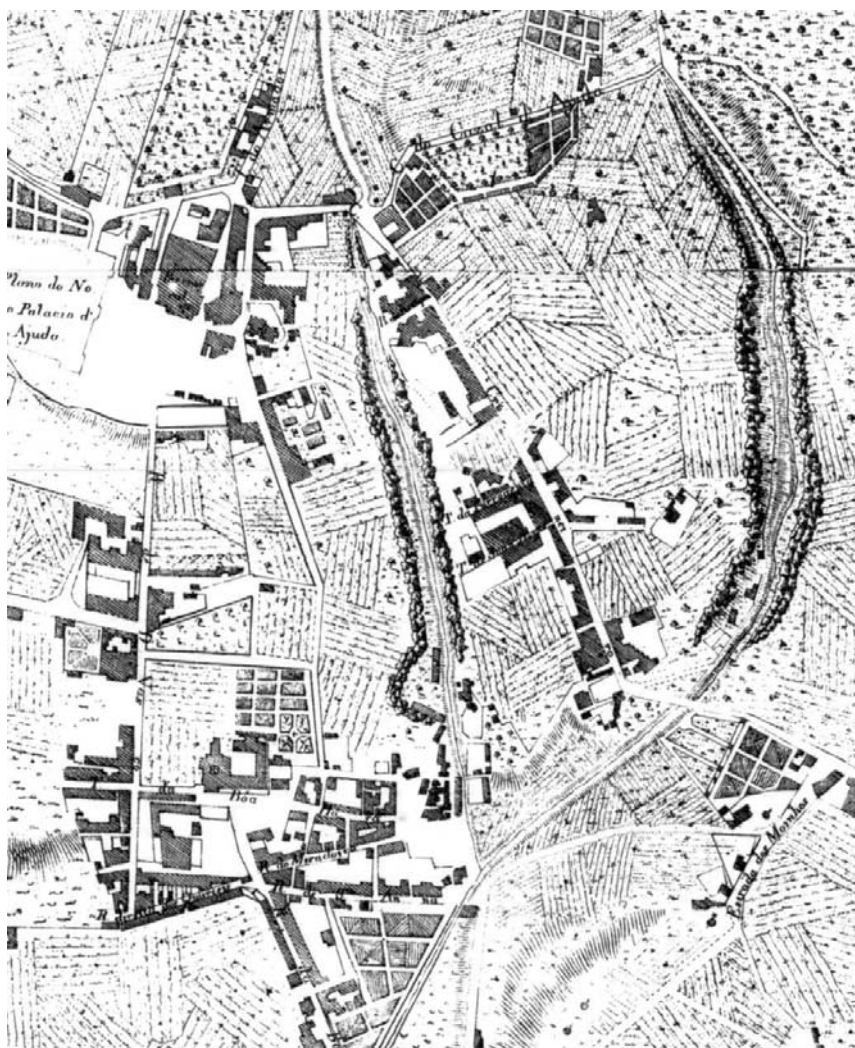
- ▼ **Ref. Cap. 1 e 1.1.2** - Planta da Cidade de Lisboa e os seus subúrbios ('centros periféricos'), Duarte Fava, 1807.
Lisboa interativa, *in* <http://lxm.lisboa.pt/lxm/>.





◀ **Ref. Cap. 1.1 e 1.1.1** - 1ª Carta dos Arredores de Lisboa ao Norte do Tejo, A. J. Pedroso, séc. XX. Centro cartografico da FAUL.

▼ **Ref. Cap. 1.1 e 1.3** - Vale do Rio Seco no contexto do Sítio da Ajuda, Duarte Fava, 1807. Lisboa interativa, *in* <http://lxi.cm-lisboa.pt/lxi/>.

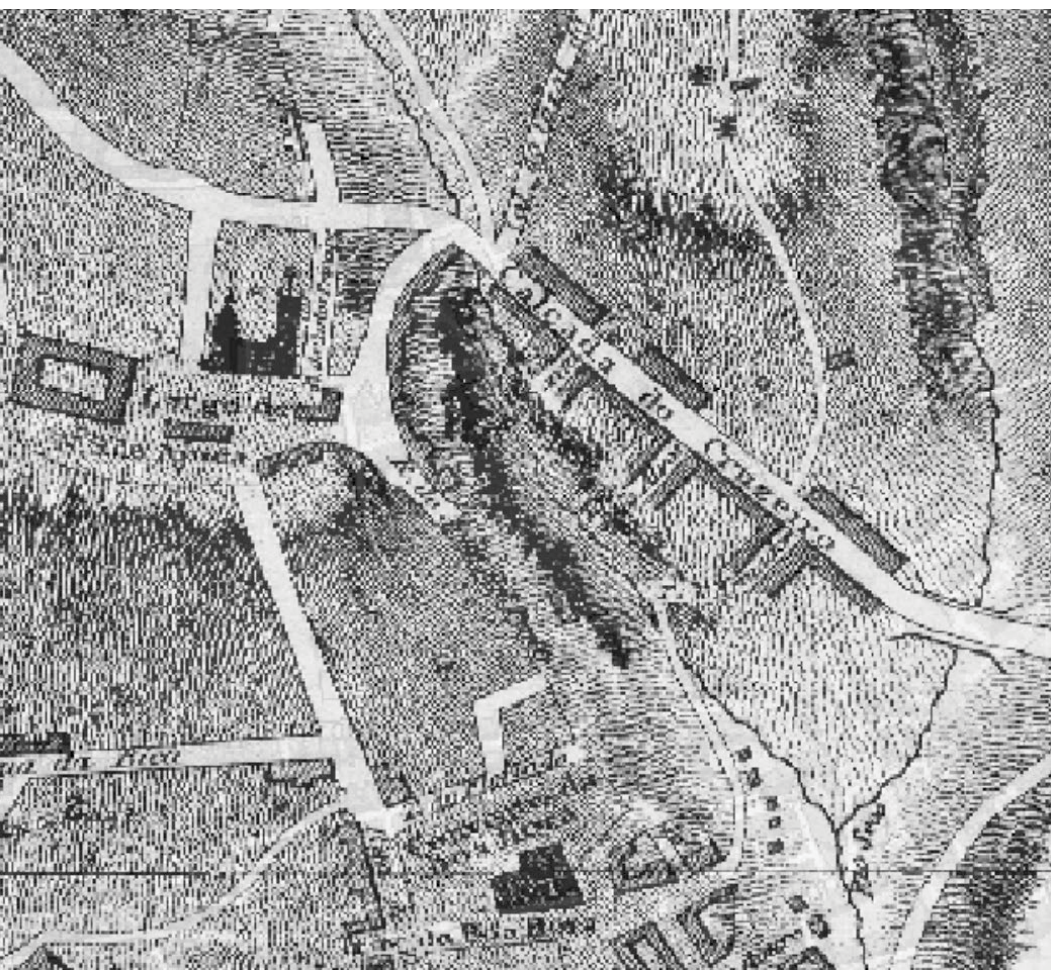




- ▲ **Ref. Cap. 1 e 1.1.1** - Planta da Cidade de Lisboa: De Belém ao Centro Histórico (Baixa-Chiado), Duque de Wellington, 1812. Lisboa interativa, in <http://lx.cm-lisboa.pt/lxi/>..



- **Ref. Cap. 1 e 1.1.2** - Planta da Cidade de Lisboa e Belém, [s.a.], 1834. Centro de cartografia da FAUL.



◀ **Ref. Cap. 1.1 e 1.3** - Vale do Rio Seco no contexto do Sítio da Ajuda, Duque de Wellington, 1812. Lisboa interativa, *in* <http://lxi.cm-lisboa.pt/lxi/>.

▼ **Ref. Cap. 1.1 e 1.3** - Vale do Rio Seco no contexto do Sítio da Ajuda, Duque de Wellington, [s.a.], 1834. Centro de cartografia da FAUL.







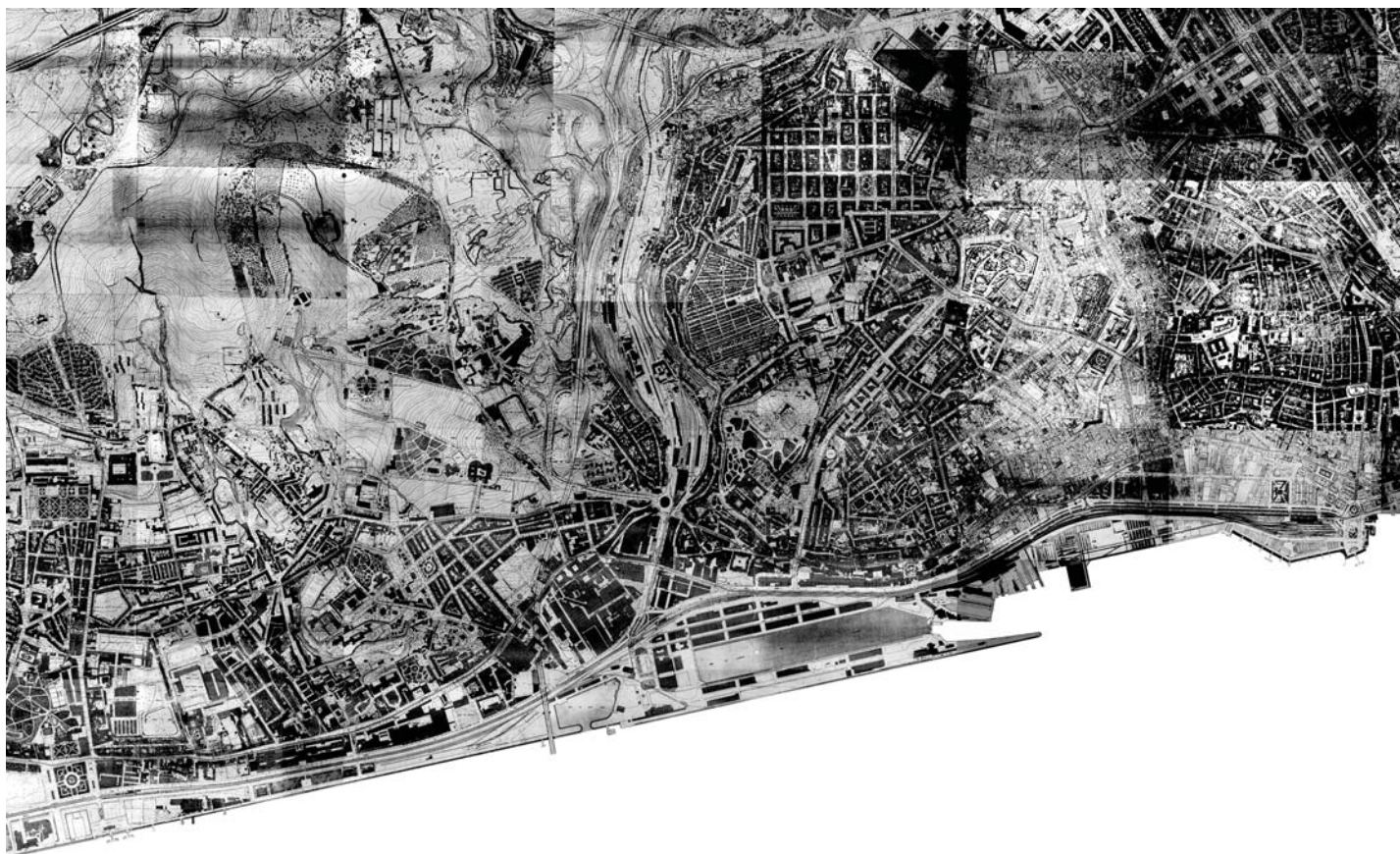
◀◀ **Ref. Cap. 1 e 1.1.2** - Planta da Cidade de Lisboa e os seus 'centros periféricos', J. M. F. Palha, 1875.
Lisboa interativa, in <http://lxi.cm-lisboa.pt/lxi/>.

▶◀ **Ref. Cap. 1 e 1.3** - Vale do Rio Seco no contexto do Sítio da Ajuda, Duque de Wellington, J. M. F. Palha, 1875.
Lisboa interativa, in <http://lxi.cm-lisboa.pt/lxi/>.

▼◀ **Ref. Cap. 1 e 1.1.2** - Planta da Cidade de Lisboa: Desde a atual Doca da Pesca até ao Vale de Alcântara, Silva Pinto, 1911.
Lisboa interativa, in <http://lxi.cm-lisboa.pt/lxi/>.

▼▶ **Ref. Cap. 1 e 1.1.2** - Vale do Rio Seco no contexto do Sítio da Ajuda, Duque de Wellington, Silva Pinto, 1911.
Lisboa interativa, in <http://lxi.cm-lisboa.pt/lxi/>.







◀▲ **Ref. Cap. 1 e 1.1.2** - Planta da Cidade de Lisboa: Desde a atual Doca da Pesca até ao Centro Histórico (Baixa-Chiado), [s.a.], 1940-50. Lisboa interativa, in <http://lxi.cm-lisboa.pt/lxi/>.

▶▲ **Ref. Cap. 1 e 1.3** - Vale do Rio Seco no contexto do Sítio da Ajuda, [s.a.], 1940-50. Lisboa interativa, in <http://lxi.cm-lisboa.pt/lxi/>.

◀◀ **Ref. Cap. 1 e 1.1.2** - Planta da Cidade de Lisboa: De Belém ao centro Histórico (Baixa-Chiado), [s.a.], 1970-83. Plano Diretor Municipal, in Art.º 91.

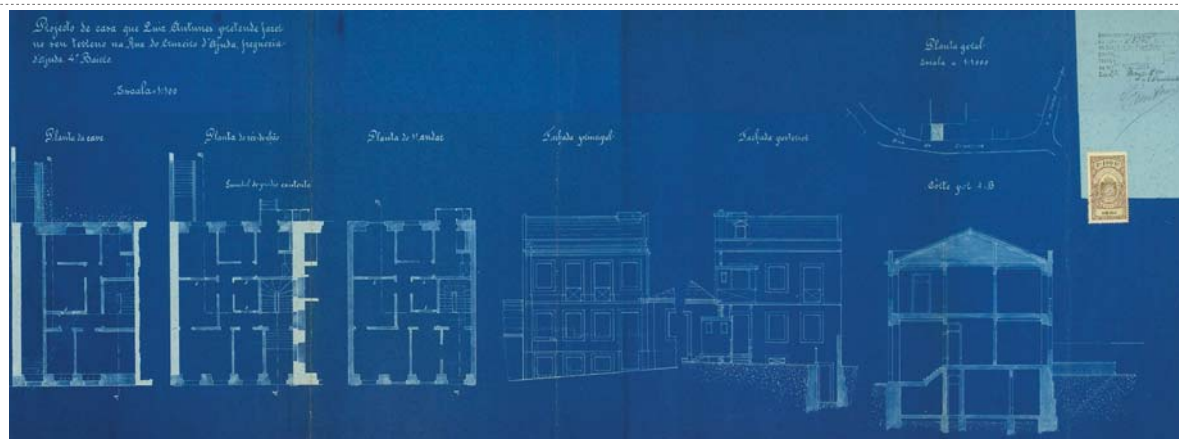
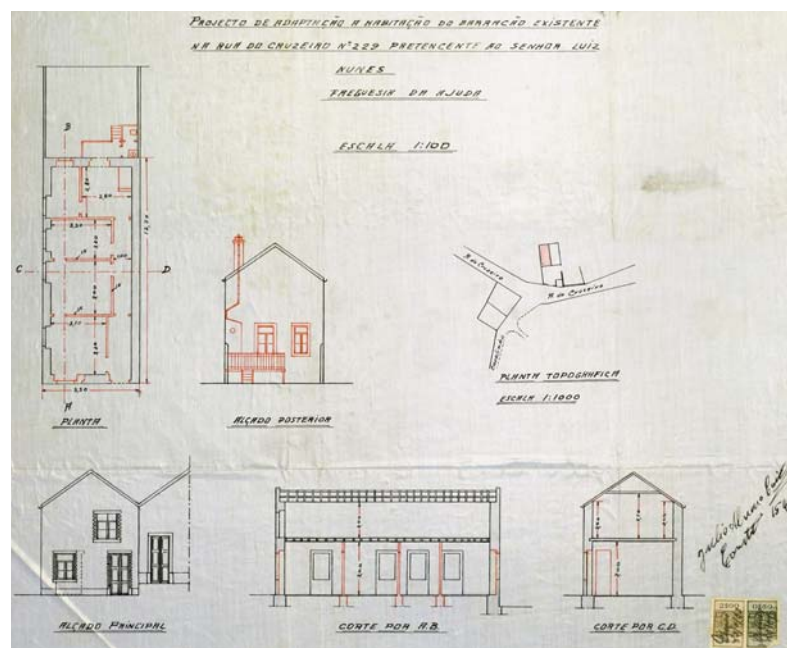
▶▶ **Ref. Cap. 1 e 1.3** - Vale do Rio Seco no contexto do Sítio da Ajuda, [s.a.], 1970-83. Lisboa interativa, in <http://lxi.cm-lisboa.pt/lxi/>.

- ◀ **Ref. Cap. 3.1.3, 3.4.1, 5.1.2 e 5.1.2.1** - Casa nº 229 'de limite' do muro tipo I situada no Pátio Luís Vaqueiro: Cércea de apoio para obtenção do Limite de I fase, [s.a.], 1933.

In Arquivo Municipal Fotográfico de Lisboa, proc. 22932/SEC/PET, f. 2.

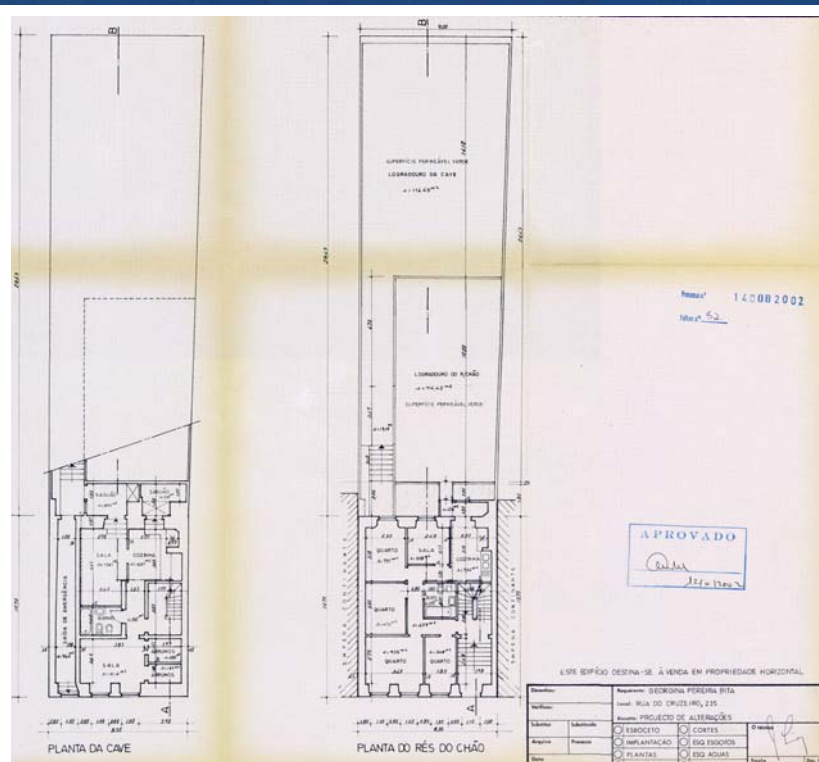
- ▶ **Ref. Cap. 3.1.3, 3.4.1, 5.1.2 e 5.1.2.1** - Edifício 'intercalar' tangente ao nº 229 junto à bica situada a extremo Norte do Vale do Rio Seco: Cércea de apoio para obtenção do Limite de I fase, [s.a.], 1912.

In Arquivo Municipal Fotográfico de Lisboa, proc. 5057/1ªREP/PG, f. 2.



- ▶ **Ref. Cap. 3.1.1** - Projeto inicial do edifício (habitação coletiva) nº 235 de 'frente de rua' do Cruzeiro, [s.a.], 1900.

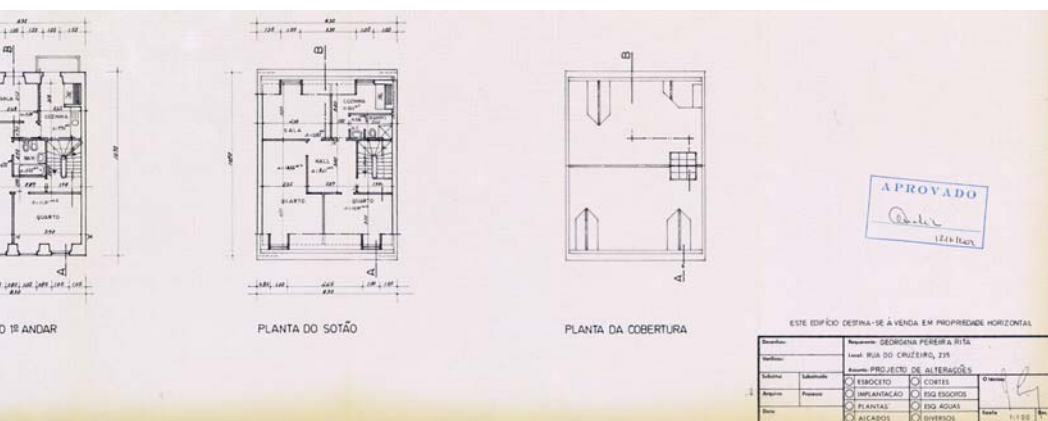
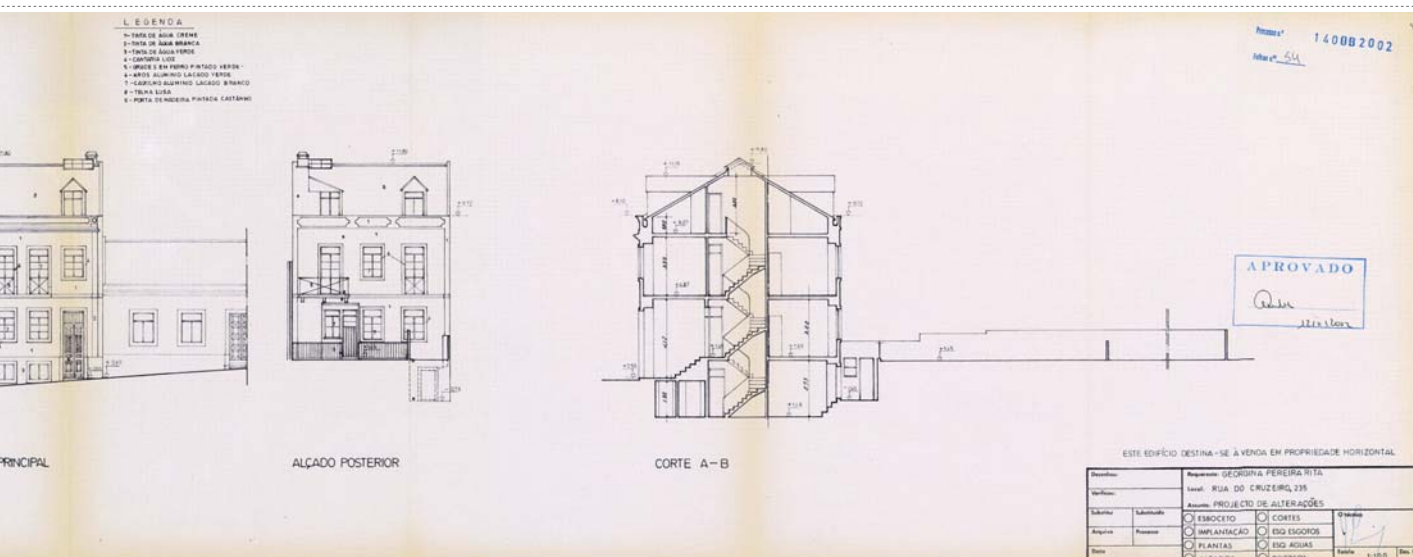
In Arquivo Municipal Fotográfico de Lisboa, proc. 1006/DAG/PG, f. 2.



- ▶ **Ref. Cap. 3.1.1 e 6.1** - Projeto de renovação e limite fundiário do edifício (habitação coletiva) nº 235 de 'frente de rua' do Cruzeiro: Apoio ao desenho urbano, [s.a.], 2002.

In Arquivo Municipal Fotográfico de Lisboa, proc. 140/DMPFU/OB, f. 52.

A CONSTRUÇÃO DE DIVISÕES QUE LUIS NUNES
NA SUA CASA SITUADA NA RUA DO CRUZEIRO
D'AJUDA EM FRENTE AO N° 118
ESCALA 1-100



▲ **Ref. Cap. 3.1.3 e 5.2** - Casa nº 231 de 'frente de rua' do Cruzeiro junto ao Pátio Luís Vaqueiro: Local de recepção do projeto de I fase, [s.a.], 1912.

In Arquivo Municipal Fotográfico de Lisboa, proc. 6669/1ªREP/PG, f. 2.

► **Ref. Cap. 3 e 3.1.1** - Projeto de renovação do edifício (habitação coletiva) nº 235 de 'frente de rua' do Cruzeiro: Apoio ao desenho do alçado (conjunto), [s.a.], 2002. In Arquivo Municipal Fotográfico de Lisboa, proc. 140/DMPGU/OB, f. 54.

► **Ref. Cap. 3 e 3.1.3** - Projeto de renovação do edifício (habitação coletiva) nº 235 de 'frente de rua' do Cruzeiro: Apoio à planta (conjunto), [s.a.], 2002. In Arquivo Municipal Fotográfico de Lisboa, proc. 140/DMPGU/OB, f. 53.

- **Ref. Cap. 3 e 3.1.3** - Edifício nº 247 E e 249 e 'frente de rua' do Cruzeiro: Apoio ao desenho do alçado e à planta (conjunto), [s.a.], 1922.

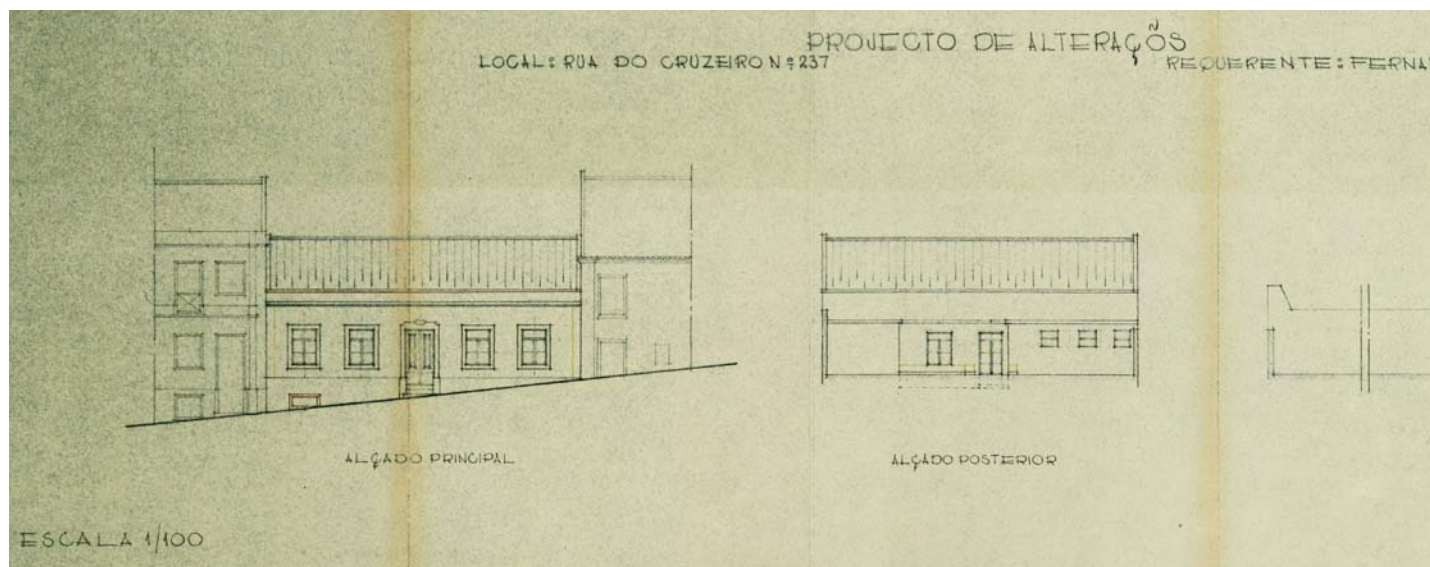
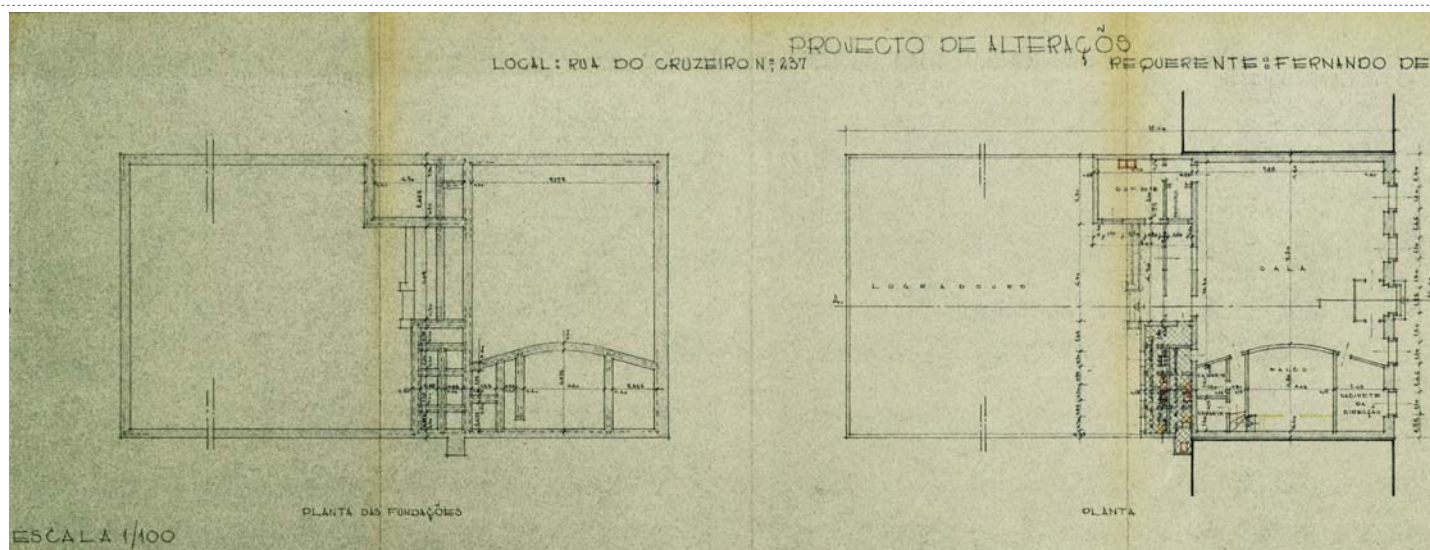
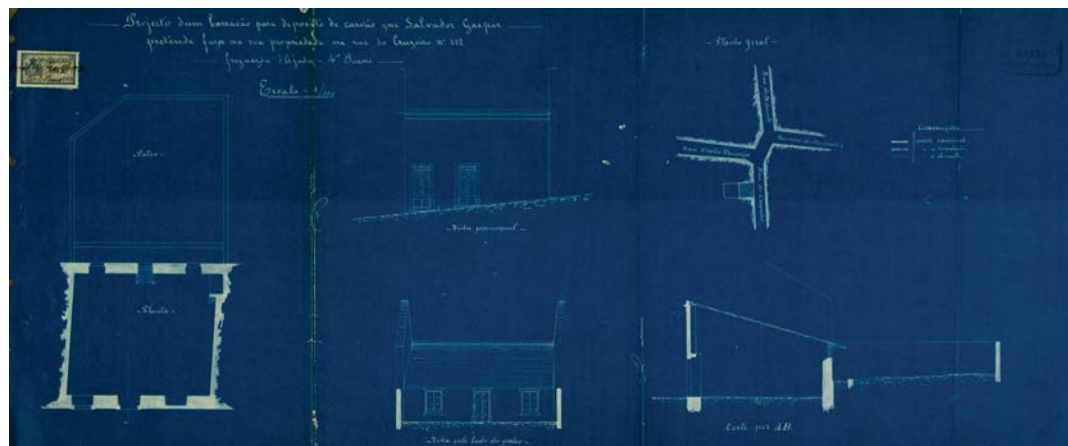
In Arquivo Municipal Fotográfico de Lisboa, proc. 11762/1ªREP/PG, f. 4.

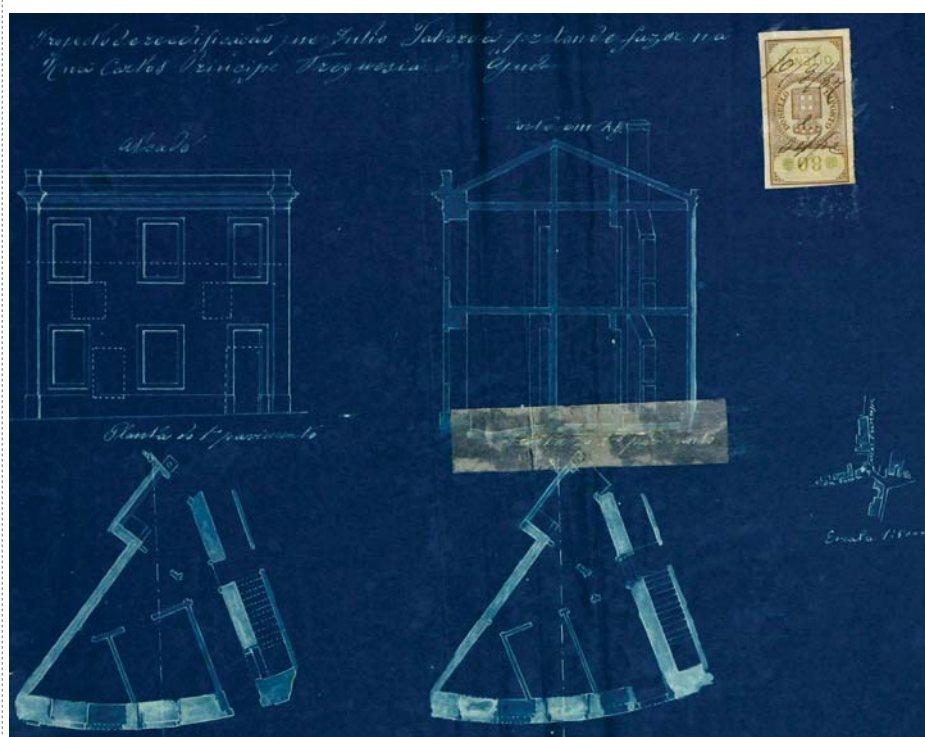
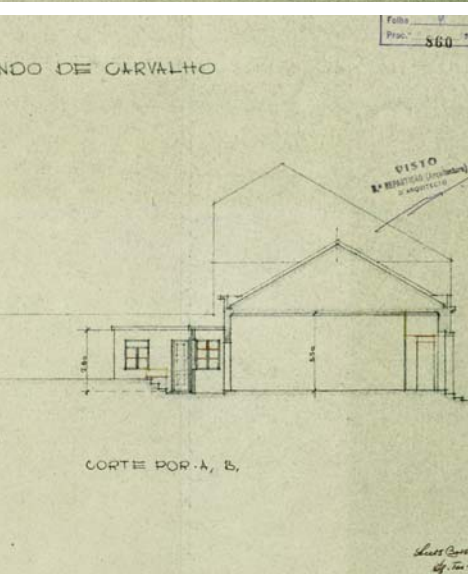
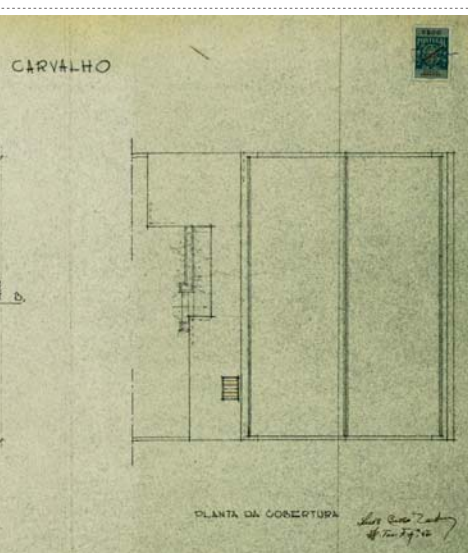
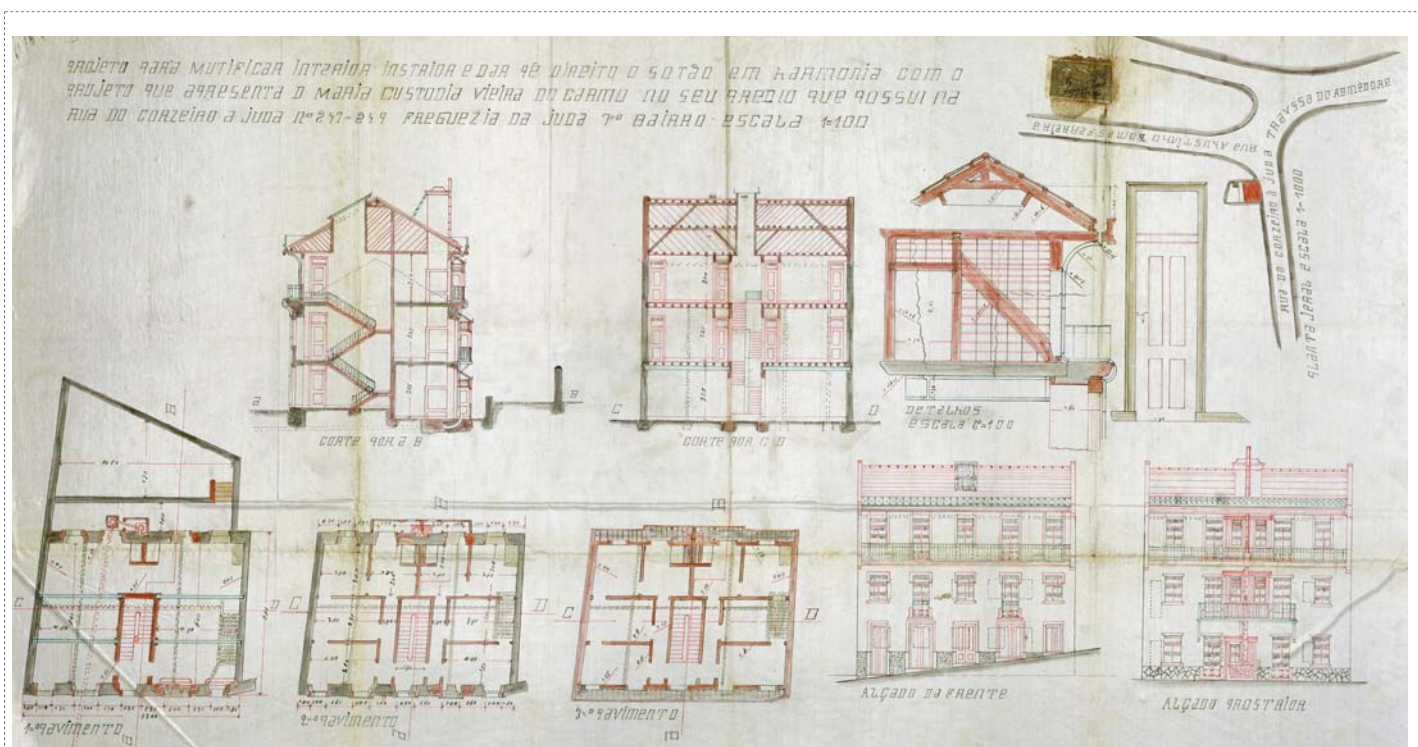
- **Ref. Cap. 3 e 3.1.1** - Edifício nº 243 e 245 e 'frente de rua' do Cruzeiro: Apoio ao desenho do alçado (conjunto), [s.a.], 1908.

In Arquivo Municipal Fotográfico de Lisboa, proc. 3584/1ªREP/PG, f. 2.

- ▼ **Ref. Cap. 3 e 3.1.1** - Edifício nº 237 e limites fundiários de 'frente de rua' do Cruzeiro: Apoio à planta (conjunto), [s.a.], 1955.

In Arquivo Municipal Fotográfico de Lisboa, proc. 860/DAG/PG, f. 3.





▲ **Ref. Cap. 3 e 3.1.1** - Edifício nº 237 e limites fundiários de 'frente de rua' do Cruzeiro: Apoio ao desenho do alçado (conjunto), [s.a.], 1955.

In Arquivo Municipal Fotográfico de Lisboa, proc. 860/DAG/PG, f. 4.

▲ **Ref. Cap. 3 e 3.1.1** - Edifício nº 26 A e 28 de 'frente de rua' e charneira entre o Cruzeiro e a R. Augusto Gomes Ferreira: Apoio ao desenho do alçado (conjunto), [s.a.], 1887.

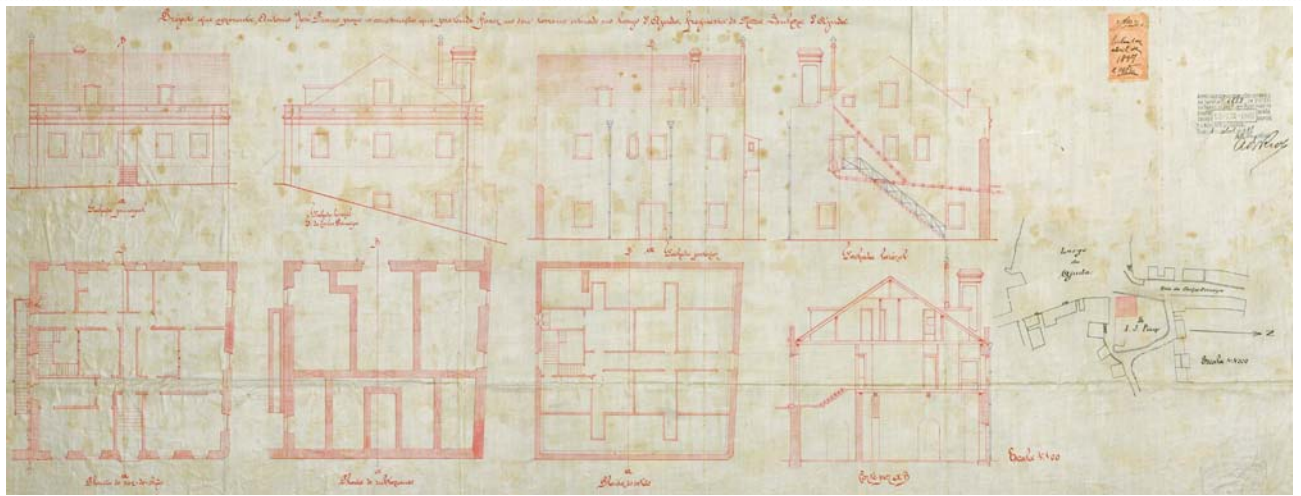
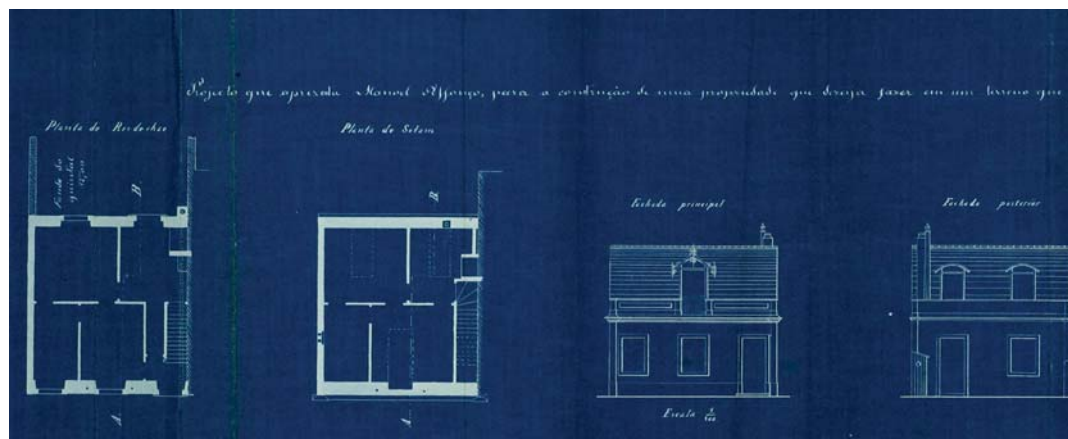
In Arquivo Municipal Fotográfico de Lisboa, proc. 5192/1ªREP/PG, f. 2.

- **Ref. Cap. 3 e 3.1.1** - Edificado nº 24 e limites fundiários de ‘frente de rua’ Augusto Gomes Ferreira: Apoio à planta (conjunto), [s.a.], 1890.

In Arquivo Municipal Fotográfico
de Lisboa, proc. 4972/1ªREP/
PG, f. 2.

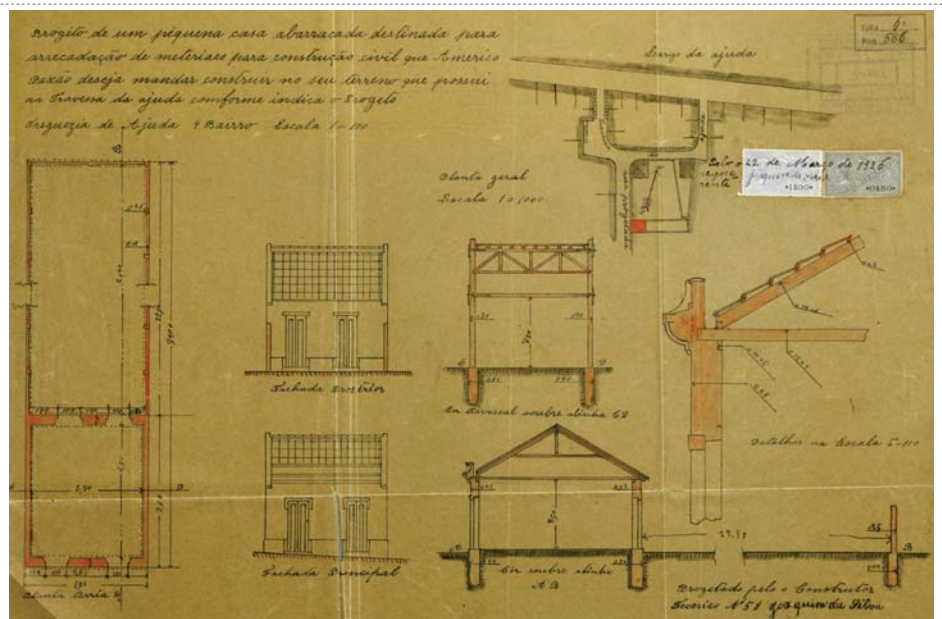
- ▼ **Ref. Cap. 3 e 3.1.1** - Edificado nº 1 e 2 de 'frente de rua', charneira entre o Largo e a Travessa da Ajuda: Atual APIA, [s.a.], 1897.

In Arquivo Municipal Fotográfico
de Lisboa, proc. 1670/1ªREP/
PG, f. 2.



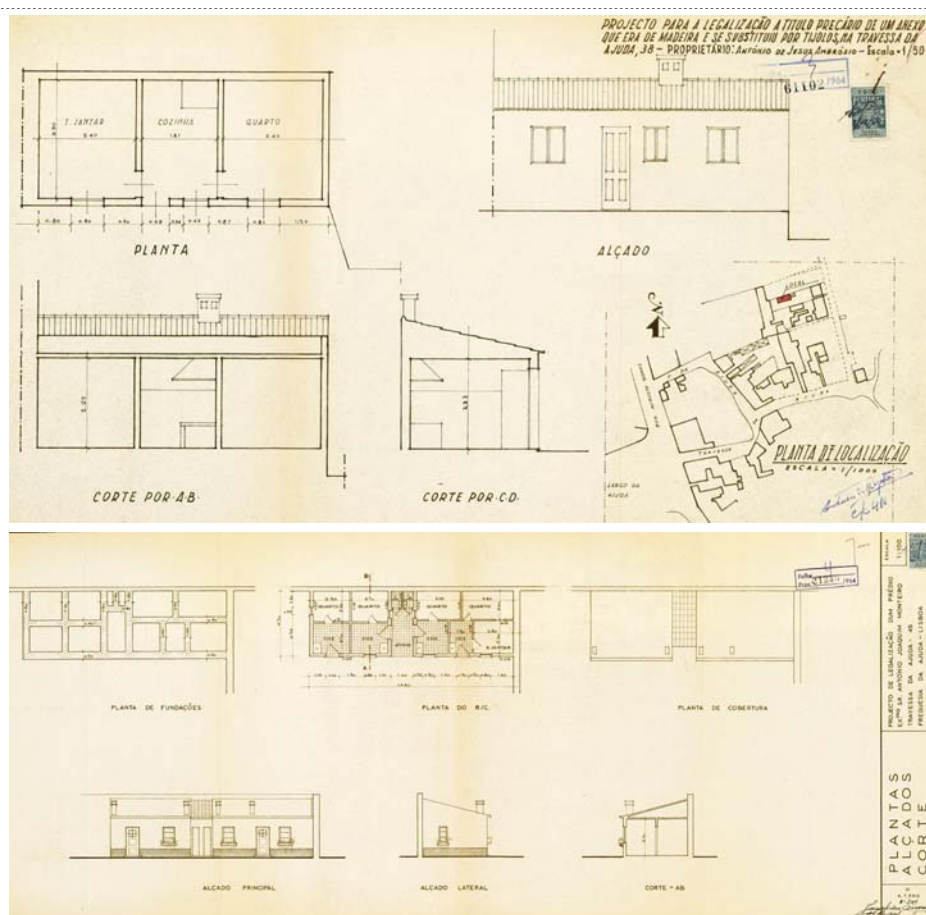
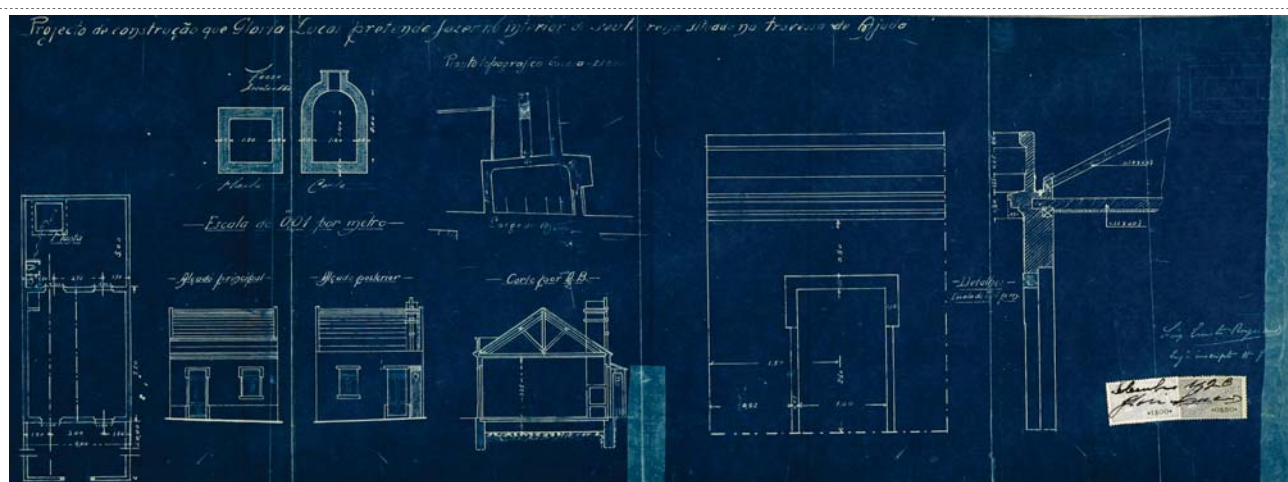
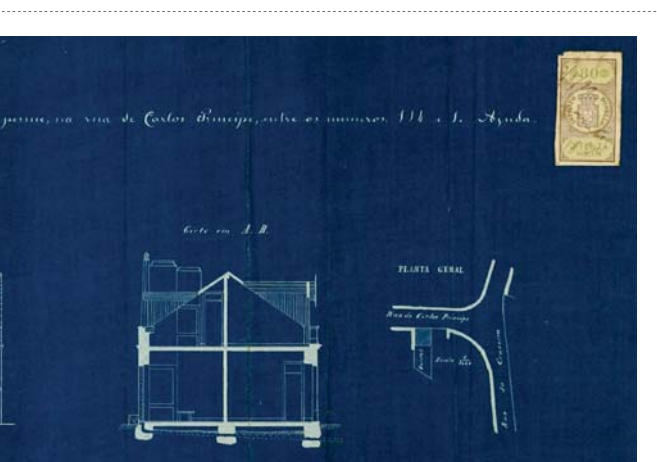
- ▲ **Ref. Cap. 3 e 3.1.1-** Edificado nº 3E e 5 de ‘frente de rua’, charneira entre o Largo e a Travessa da Ajuda: Apoio à planta (conjunto), [s.a.], 1893.

In Arquivo Municipal Fotográfico
de Lisboa, proc. 8241/1ªREP/
PG, f. 3.



- **Ref. Cap. 3 e 3.1.2** - Construção 'intercalar' junto à Travessa da Ajuda A. P.: Tipologia do abarracado, [s.a.], 1926.

In Arquivo Municipal Fotográfico de Lisboa, proc. 586/1ªREP/PG, f. 5.



▲ **Ref. Cap. 3 e 3.1.2** - Construção 'intercalar' junto à Travessa da Ajuda A. P.: Tipologia do abarracado, [s.a.], 1926., [s.a.], 1926. In Arquivo Municipal Fotográfico de Lisboa, proc. 1148/1ªREP/PG, f. 6.

◀ **Ref. Cap. 3 e 3.1.2** - Construções 'intercalar' nº 36/37 AJA e 45 junto à Travessa da Ajuda: Tipologia do abarracado, [s.a.], 1964. In Arquivo Municipal Fotográfico de Lisboa, proc. 61102/DAG/PG e 21256/DAG/PG, f. 3 e f. 4.

III. PROCESSO DE TRABALHO EVOLUTIVO

III. 1 - EM DESENHO
'IMAGEM PROVISÓRIAMENTE DEFINITIVA'

Nota – Os diários serão apresentados segundo a ordem cronológica.

III. 1.1 - DIÁRIO DE BORDO O MOMENTÂNEO

III.1.1.1 - Projeto I

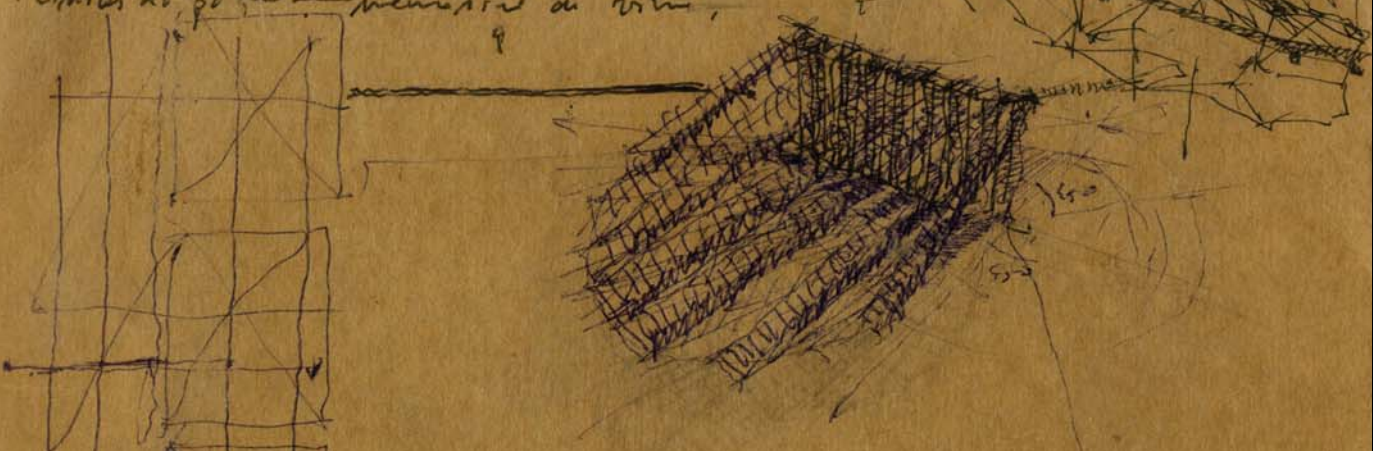
- **Cad. 1 / Cap. 1, 2 e 3; ref. 1.1, 1.2, 1.1.1, 1.1.2 1, 1.2.1 e 3.2, 3.1.1, 3.4.2 / Maq. II 2.2; fig. 1 à 5 e 7**
– Processo inicial '*naiï'*: Reconhecimento do território e primeiras notas de um possível programa, conceito e referências.

Nota – Nome do diário gráfico conforme 'capa de origem'.
Grafite sobre papel e canetas tipo: *paper mate Flair Original* e esferográfica tipo: *Bic Cristal*. **Caderno gráfico tipo: *Moleskine* liso (21x13 cm).**

PROJECID 1

- L. NYND MATEYS.

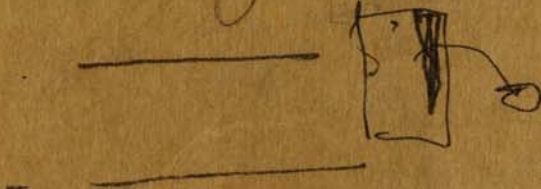
Limites do poço - mensurado em Rbhi,

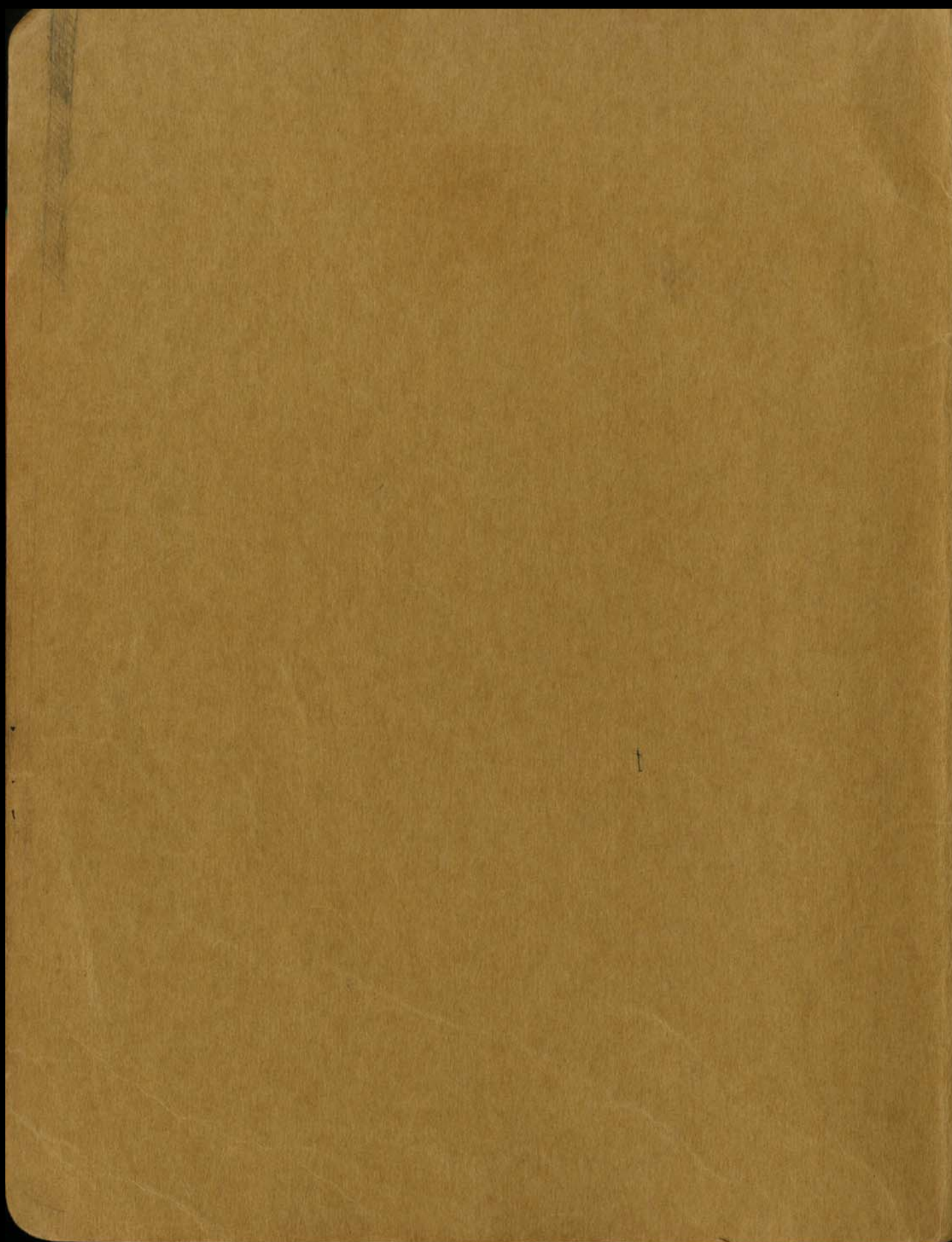


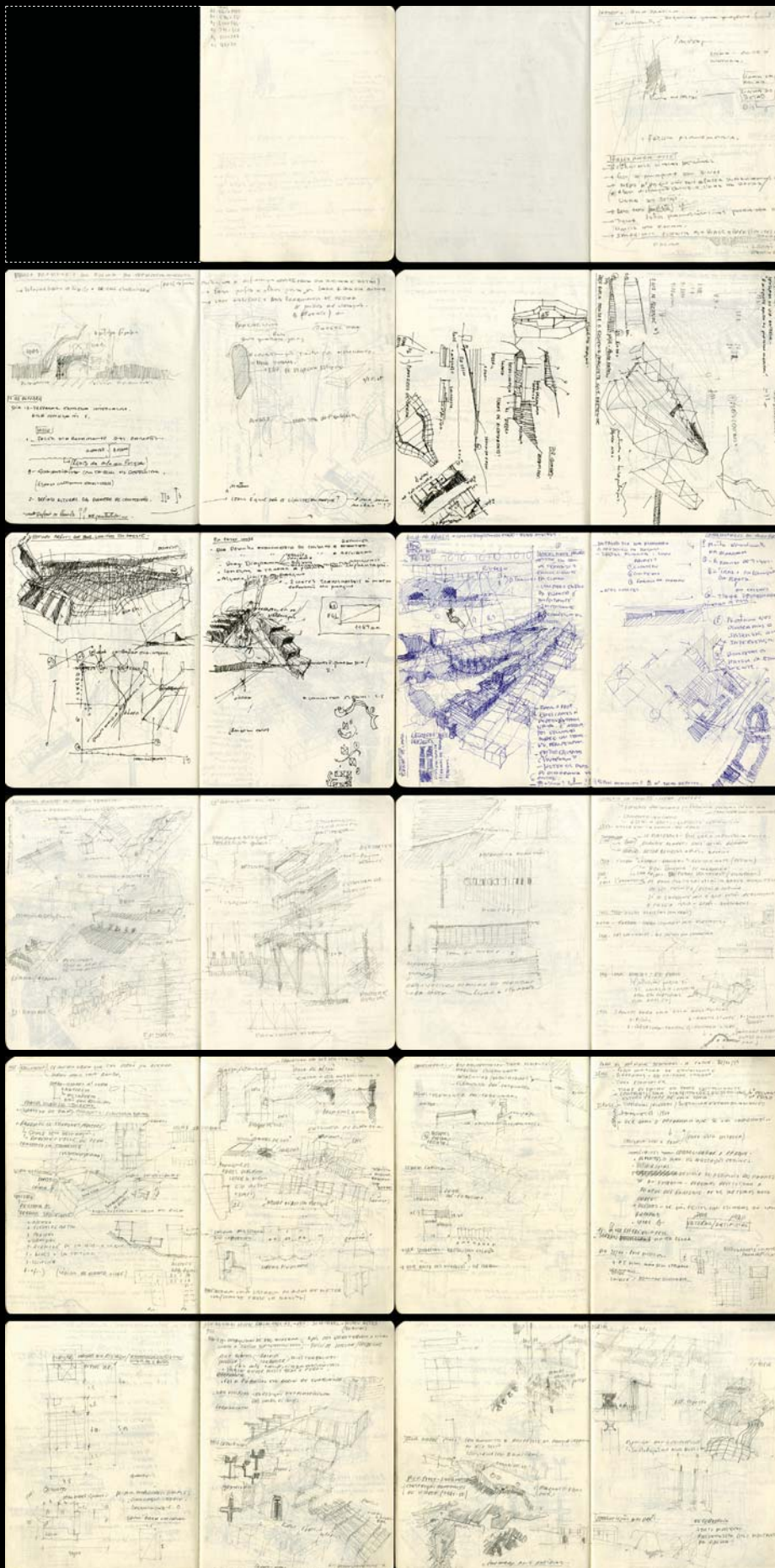
DETALHES POR ENFOQUE



WATERIN



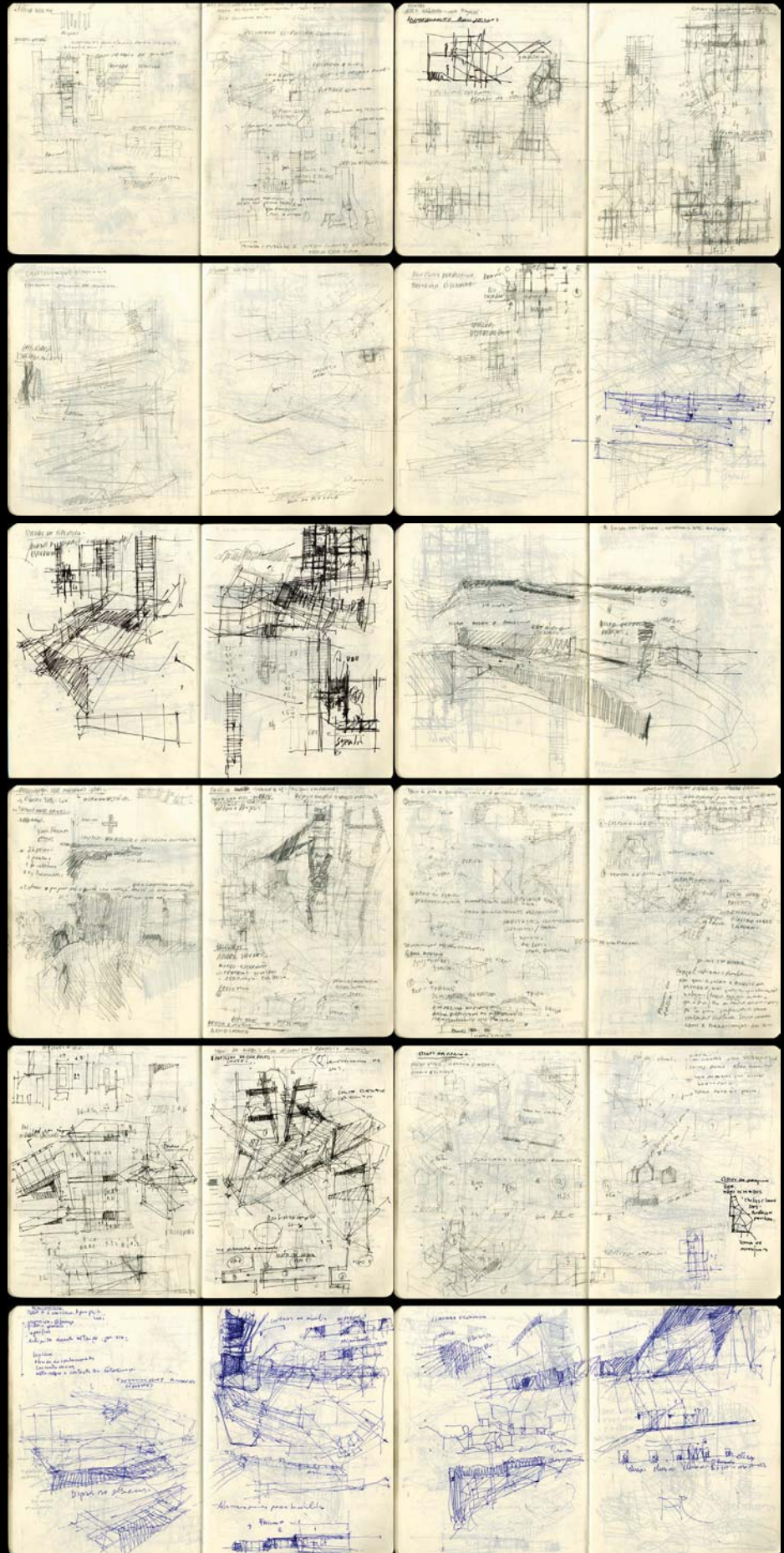




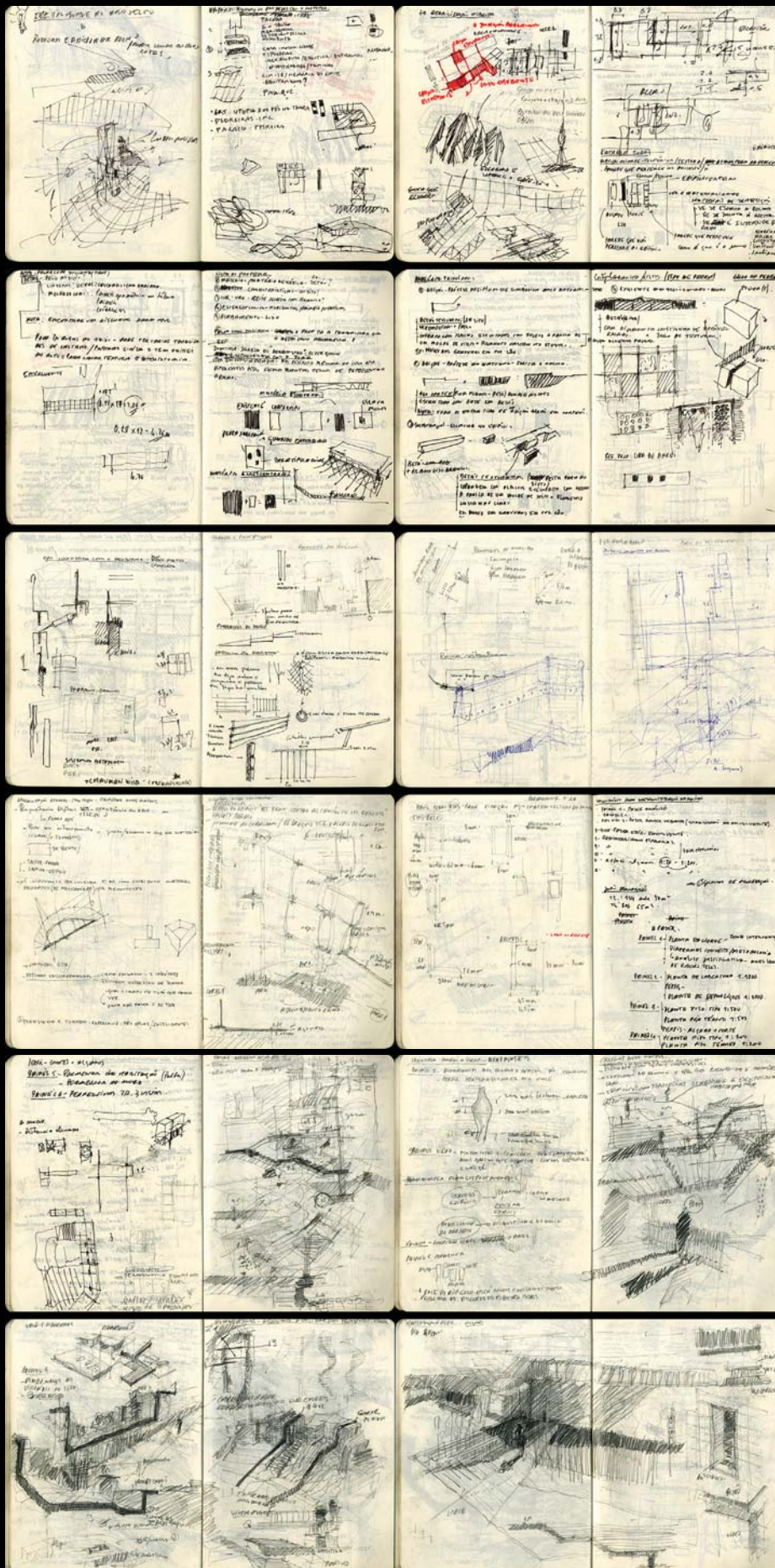
▲ Ref. Cap. 1.2 / Maq. II. 2.2; fig. 3, 4 e 5 - Território e cêrceas envolventes.

▼ Referências 'soltas'.

► Ref. Cap. 2 e 3.1.1 / Maq. II. 2.2;
fig. 7 - Reconhecimento da estrutura fundiária do sítio e possível recuperação (conceito) das habitações de 'Frente de Rua'.



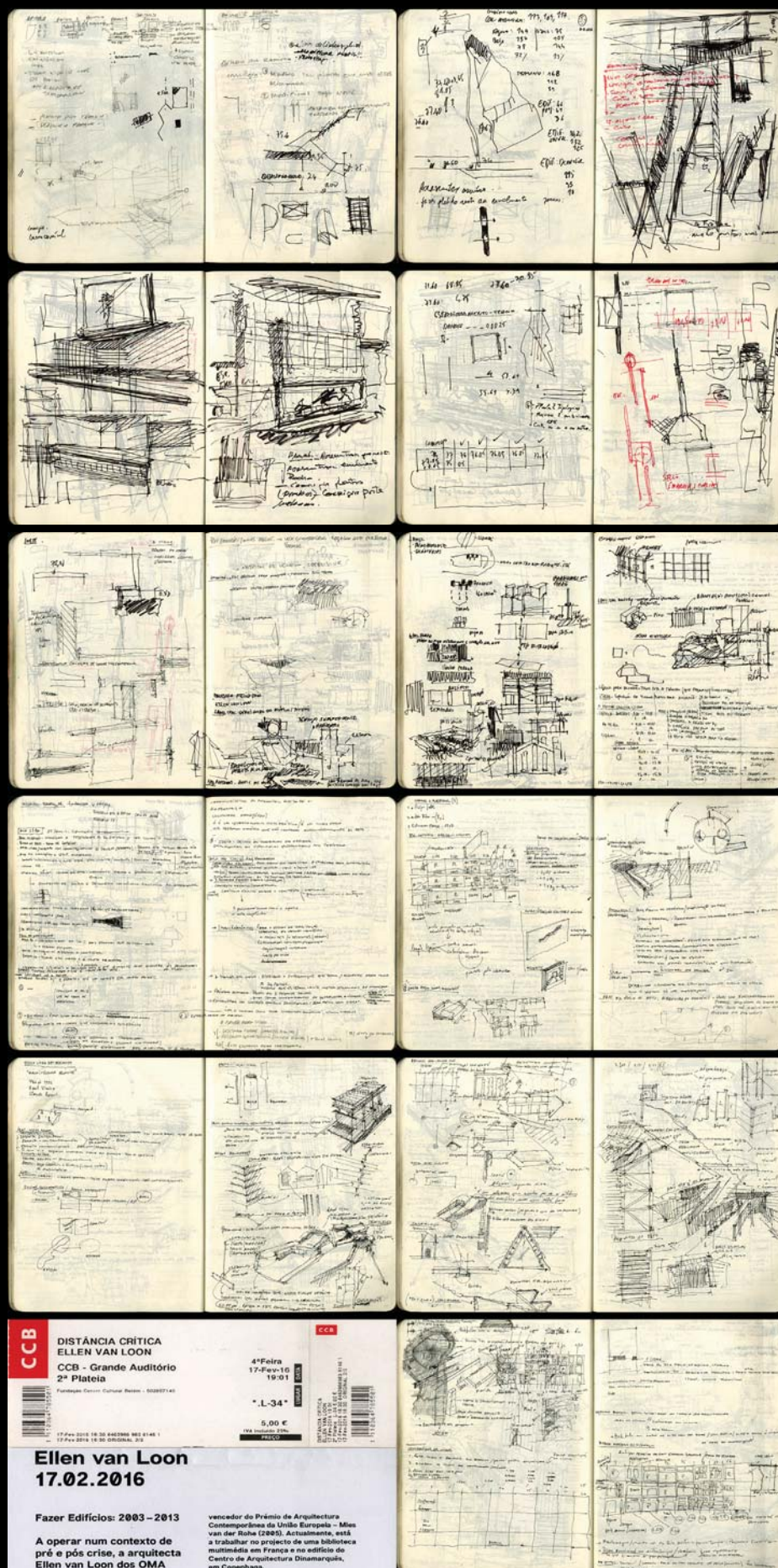
► Ideia *naïf* de uma possível passagem permeável entre orlas.



▼ Recolha de informação superficial: Referências (soltas) formais, de matéria e detalhes; Primeiras ideias de projeto.

▼ ◀ Ref. Cap. 1.1.1 e 1.2.1 / Maq. II. 2.2, Fig. 3 - Fase analítica da 'topografia natural': Percepção da orla inferior e superior do vale do Rio Seco; Primeira noção de limite e esboços *Wnaif* de uma possível passagem permeável entre os 'extratos' naturais.

- ▼ Compreensão global das peças necessárias à elaboração dos painéis e planificação inicial das diferentes escalas em paralelo com a recolha de referências 'solitas'.



▼ Compreensão global dos painéis e referências 'soltas' (continuidade).

▼ Ref. Cap. 1.1.1 e 1.1.2 / Maq. II. 2.2; fig. 1 e 3 - Primeiras Noções de limite da cidade, topografia natural e volumetria artificial: Limite sobre o Rio Tejo (cidade) e rochoso (do lugar); Diagramas conceituais do território: Base na análise da cartografia histórica e fotografias aéreas.

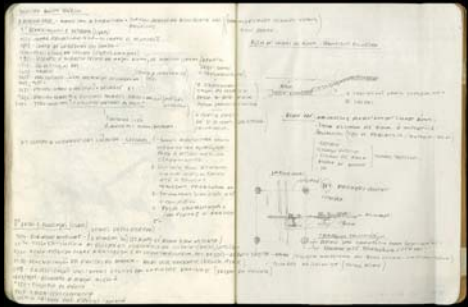
◀ Ref. Cap. 3.2 e 3.4.2 - Fase analítica de campo: Recolha, *in situ*, da pré-existência (túneis e muros) com base nos primeiros testemunhos.

◀ Ref. Cap. 1 e 1.1 / Maq. II. 2.2; fig. 1 e 2 - Levantamento geral das características próprias do território (curvas de nível): Linha de água, aterro, afloramento rochoso e noção de limite entre o natural e o artificial.

▼◀ Recolha de informação geral

HETEROTOPIA EM TORNO DOS BANHOS
Articulação entre Pré-existências e a Água I A propósito do Parque Natural do Rio Seco

► Conversas no bar.





Polimento firme - Para desodorizar / Estudar no trigono
Polimento não firme - (Próximo ao centro)
Dito

Wendy mitner - Estudante arquitetura

Juliana Baptista - Estudante arquitetura

(Estudo)

Rafael Ferro - Estudante arquitetura

Patricia Palma - Estudante em arquitetura

Fabiana Leão - Estudante em arquitetura

Israel Dias

Joana Cardoso dos Santos

Rita Gomes - Estudante arquitetura

Carolina Franco

Maria Magalhães

Kenneth

Paula Martins

Sofia Jacinto

III. 1.1.2 - Projeto II

Nota – Nome do diário gráfico conforme ‘capa de origem’.
Grafite sobre papel. **Caderno gráfico tipo: *Moleskine* liso (21x13 cm).**

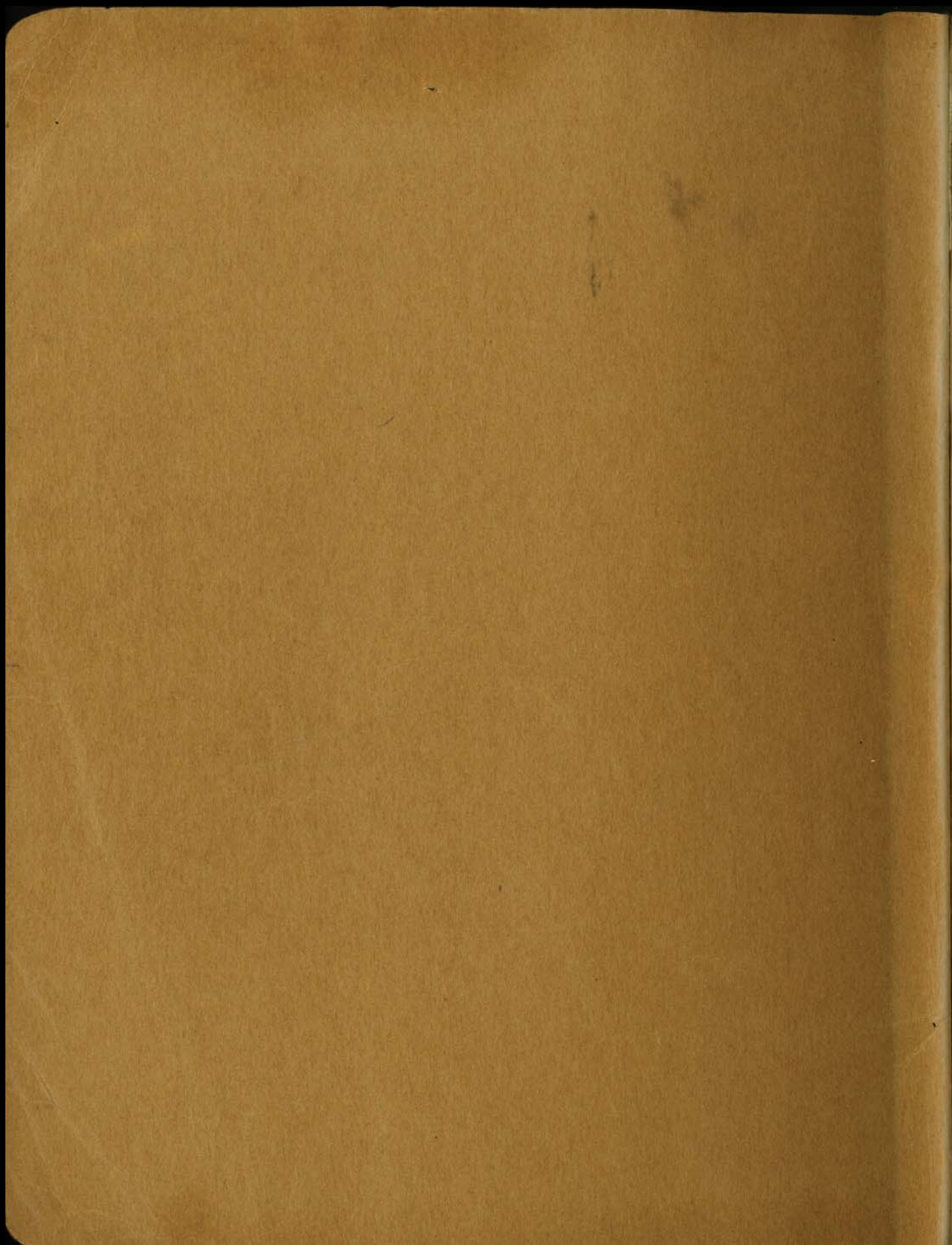
- **Cad. 2 / Cap. 1 e 3; ref. 1.1, 1.3, 1.1.3, 1.1.2, 3.1, 3.1.2, 3.2 e 3.4 / Ref. maq. II 2.2; fig. 1, 2, 4 à 12 e Por. 1** – Fase analítica e de levantamento , *in situ*, com apoio na cartografia histórica atual do geomonumento e do sítio (bairro), respetivamente, enquanto limite natural e flancos rochosos restantes; No vale: possíveis paralelismos entre pré-existências e conceitos base.

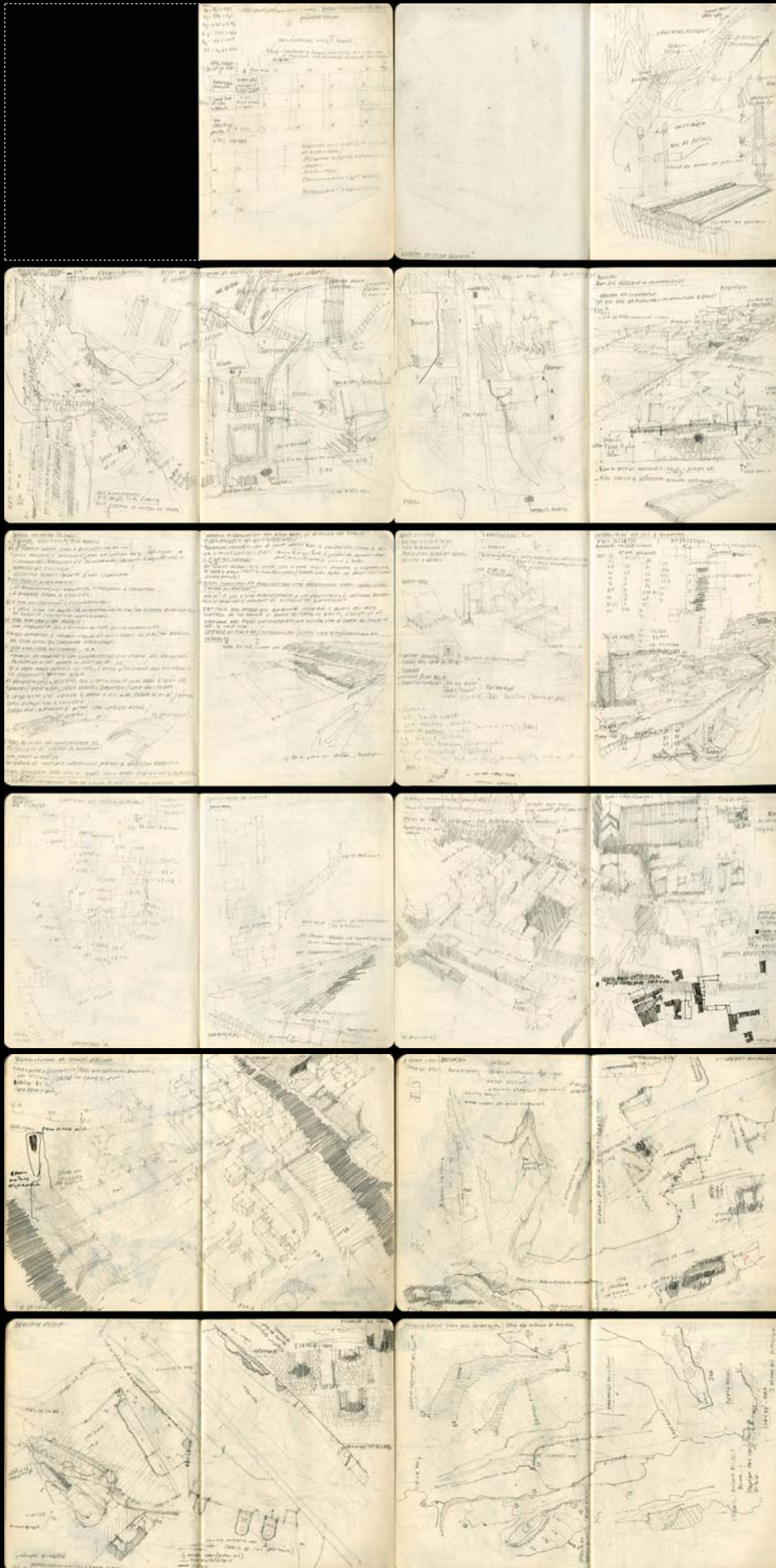
PROJETO II

- PROF. NUNO MATEUS
- PROF. JOSE FIRM. INO NUNO

PROJETO II

- PROF. NUNO MATEUS
- PROF. JOSE FIRM. INO NUNO





◀ Clarificação (em metamorfose) da planificação geral dos painéis.

▶ **Ref. Cap. 1.1, 1.3 e 1.1.3** - Estudo inicial do território artificializado (topografia natural) e programático (infraestrutura/palavra-chave) necessário para a definição do Parque Natural do Rio Seco: Implantação da linha de elétrico; Fase analítica das características do Vale (orla inferior), cotas do entulho, consequente aterro da linha de água e identificação da sua localização com base na cartografia histórica.

▼ **Ref. Cap. 1.1.2, 3.1 e 3.1.2 / Maq. II. 2.2; fig. 7, 8, Por. 1 e 9** - Fase analítica inicial: Estudo e percepção dos limites fundiários do construído 'intercalar' e posicionamento da linha de água perante a volumetria artificial; conceito (cheios/vazios) e programa de requalificação urbana.

▼ **Ref. Cap. 1.3 e 1.1.3 / Maq. II. 2.2; fig. 1, 4, 5 e 6** - Vale e os seus limites (curvas de nível): Estudo (mais aprofundado), *in situ*, com apoio na cartografia histórica, dos afloramentos rochosos e possível restituição das antigas margens e talvegue (rio); Levantamento das pré-existências 'agrafadas' ao geomonumento.

- **Ref. Cap. 1.3 / Maq. II. 2.2; fig. 2 e 6** - Estudo inicial para a introdução de uma bacia de retenção: Restituição das curvas de nível; Proposta inicial para a restante infraestrutura e levantamento da pré-existência 'agrafada' ao geomonumento (continuidade).

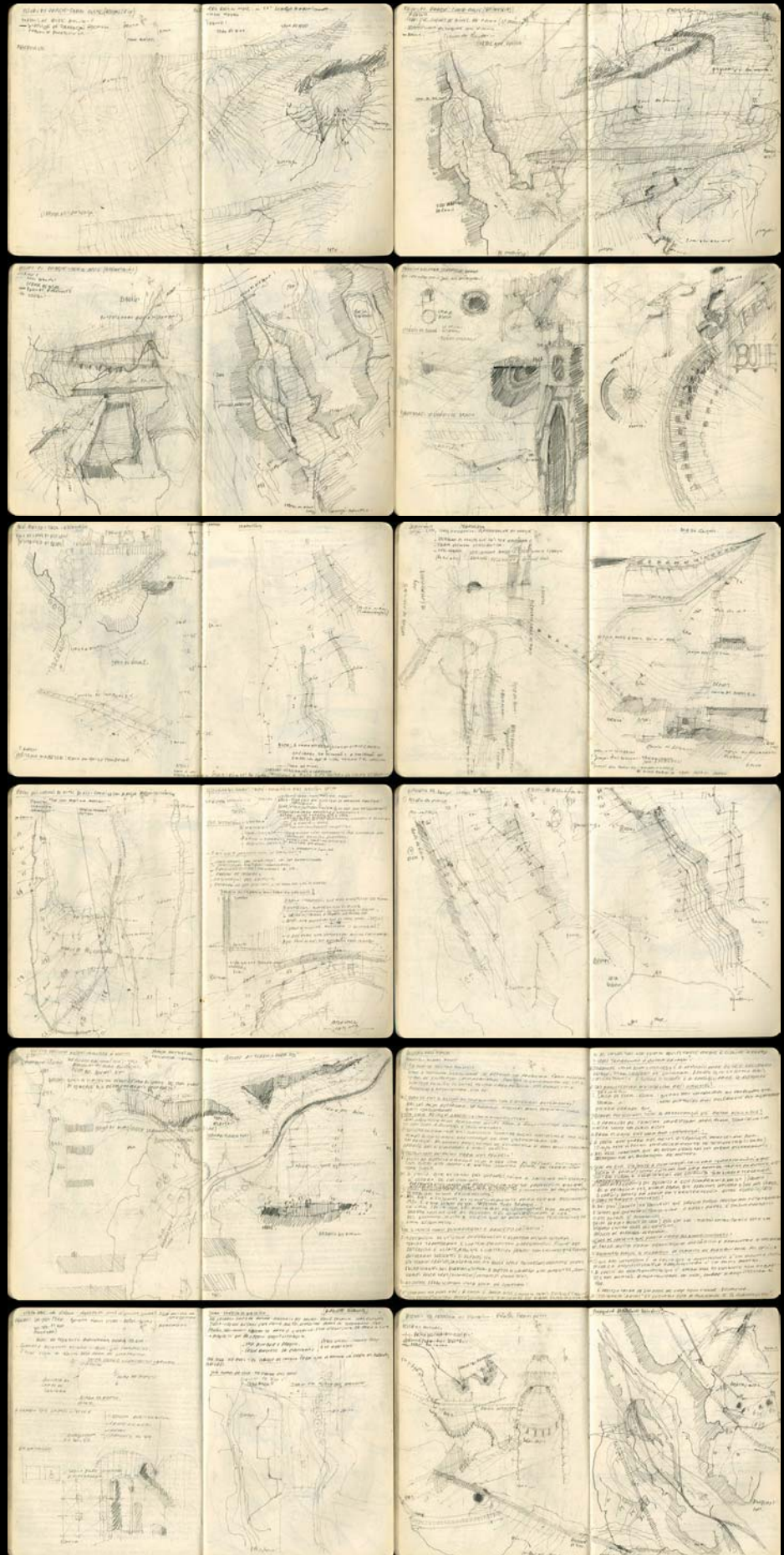
- Estudo do programa: Teste (quotidiano), *in situ*, para a possível introdução de uma via ciclável.

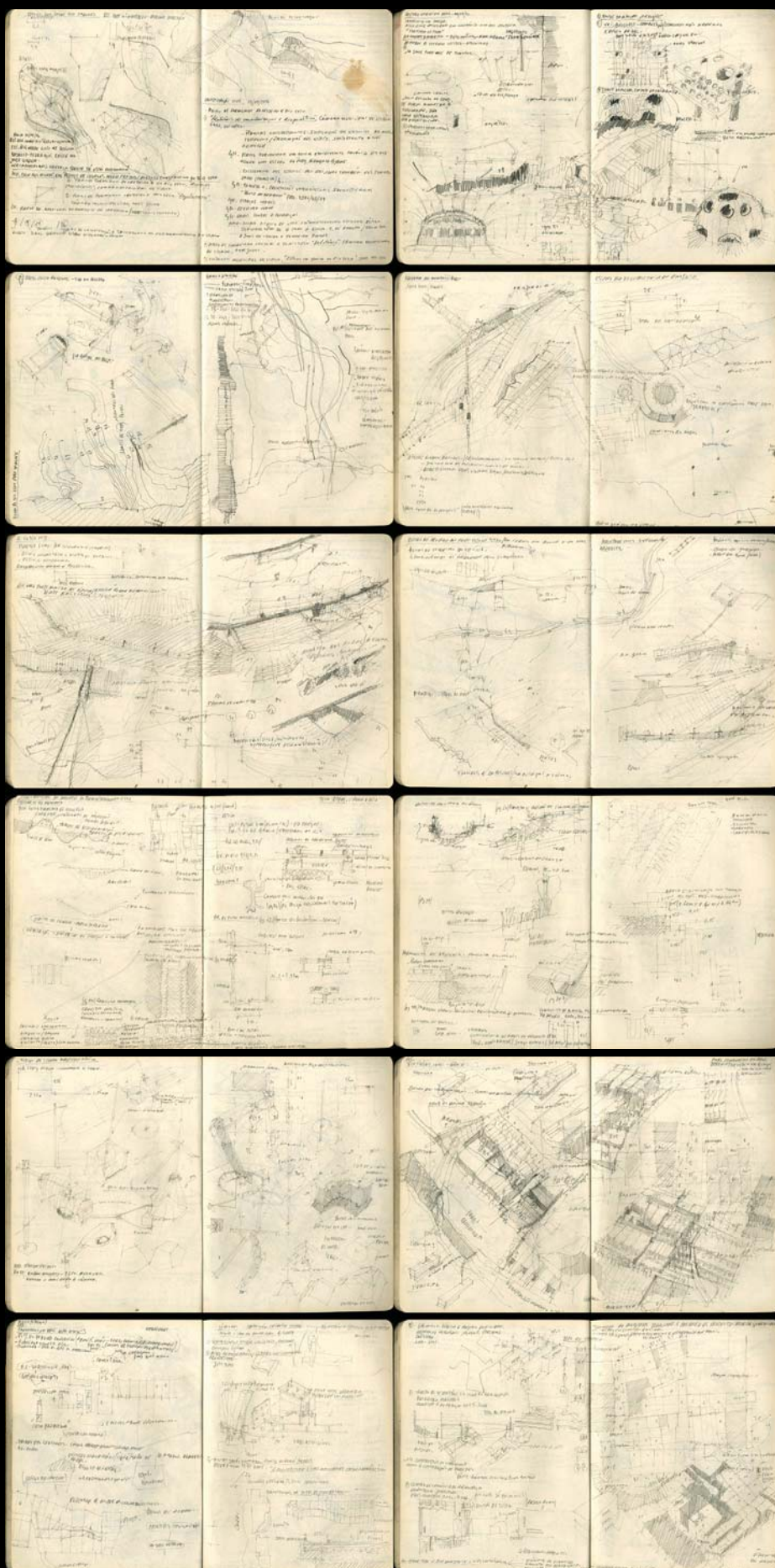
- ◀ Estudo e definição das novas margens da linha de água com base na cartografia histórica;

- **Ref. Cap. 1.3 / Maq. II. 2.2; fig. 6** - Fase inicial de uma infraestrutura 'agrafada' à bacia de retenção (continuidade).

- 'Exploração' de mancha arbórea e hierarquização de diferentes *especies*, conforme implantação no território.

- ▼ **Ref. Cap. 1.3 / Maq. II. 2.2; fig. 6** - Fase analítica do interior do Vale (continuidade): Fornos de Cal e limites naturais; Novo traçado da linha de eléctrico, das curvas de nível e consequentemente da 'silhueta' (margens) e linha de água com apoio em conceitos/referência.





▶ **Ref. Cap. 1.3** - Estudo para a definição da linha de água: Conceito (aqueduto) matéria de 'remate' com o verde (Parque), detalhes construtivos 'vagos'; Reestruturação da planificação dos novos painéis, conforme novas peças.

▶ **Urban Furniture:** Pensamento vago para a orla inferior do Parque Natural.

▶▶ **Ref. Cap. 1.3, 3, 3.1 e 3.1.2** / Maq. II. 2.2; fig. 7 e 10 à 12 - Proposta inicial para a consolidação urbana 'intercalar' e 'no limite', conceito (socalco/talude 'pétreo') e acessibilidade permeável.

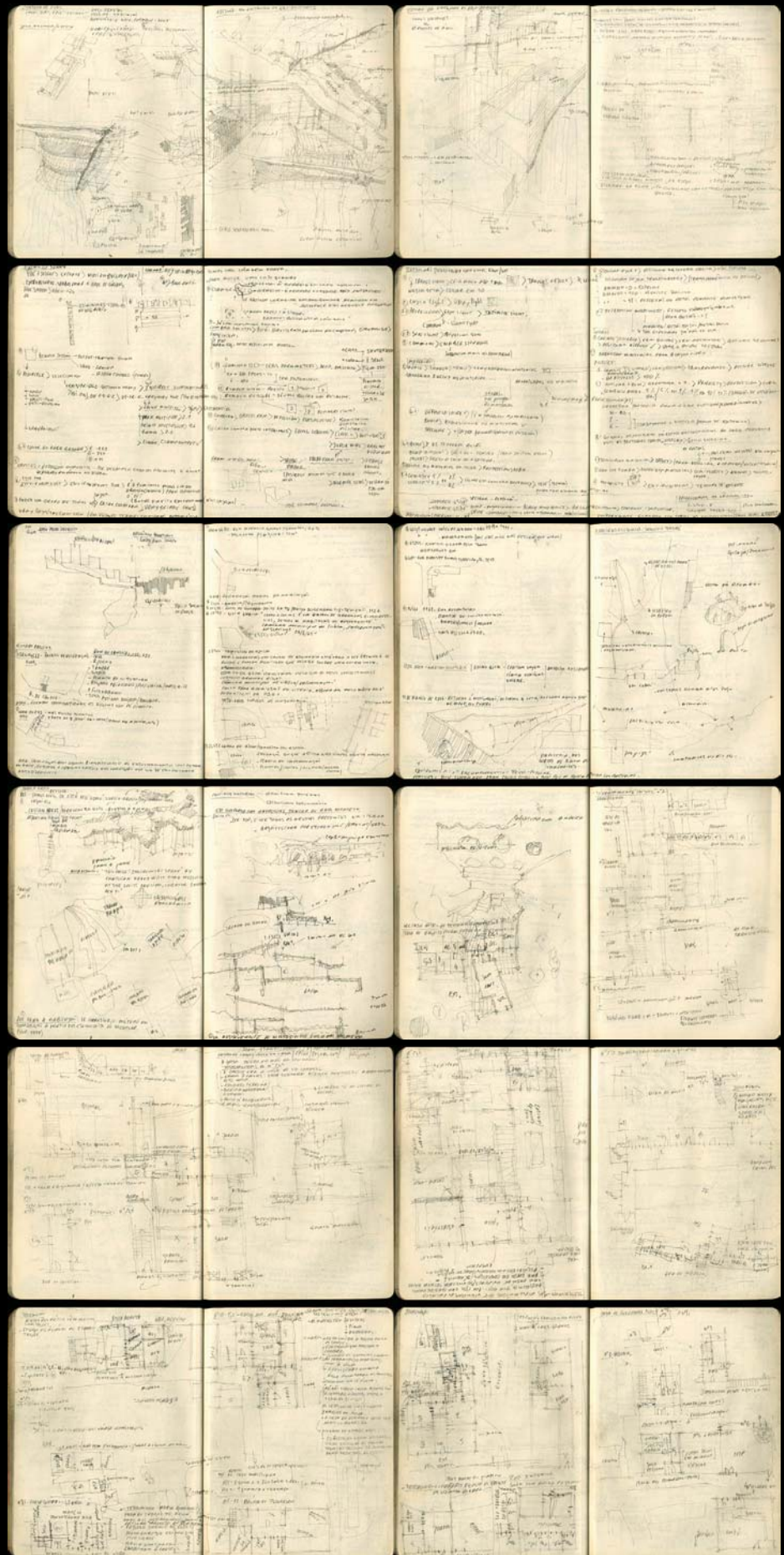
► Informação de apoio ao modelo tridimensional.

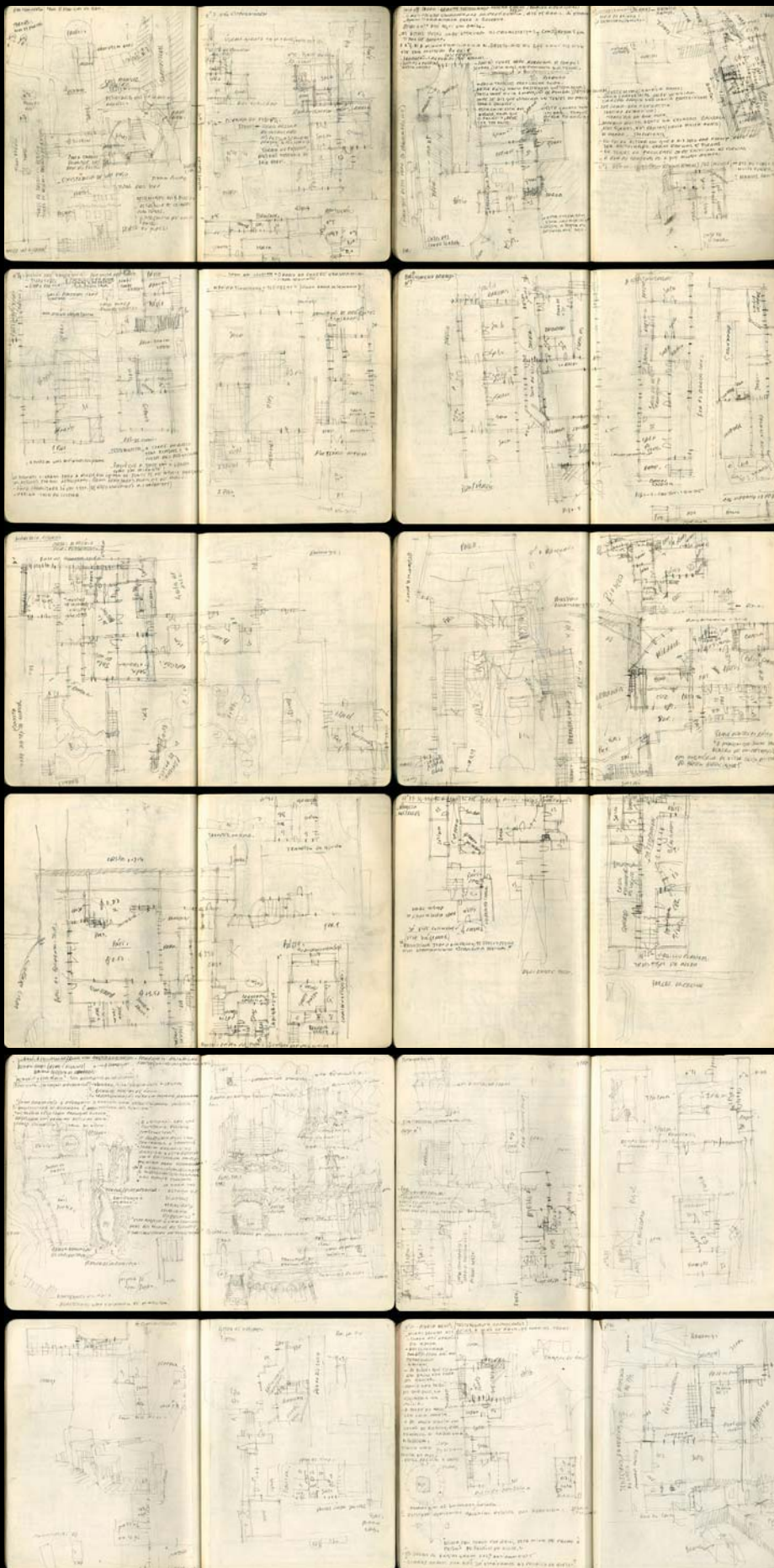
◀ Ref. Cap. 1 / Maq. II. 2.2; fig. 2 - Estudo geral das cêrceas do construído e topografia natural, em simbiose (conceito) e retorno aos cheios/vazios (conceito) para definição do loteamento.

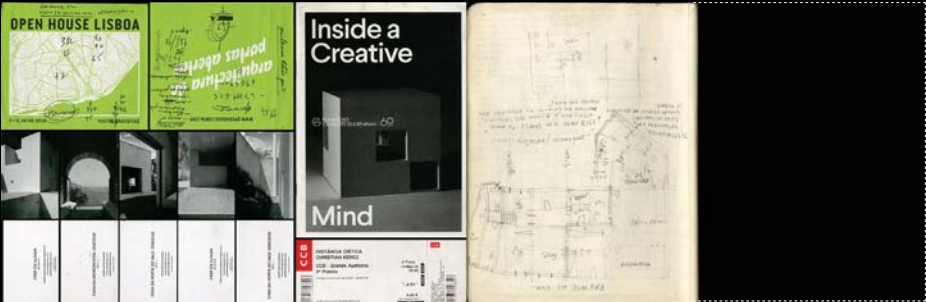
► Ref. Cap. 1 - Diagrama e esquemas (resumo/síntese) do território.

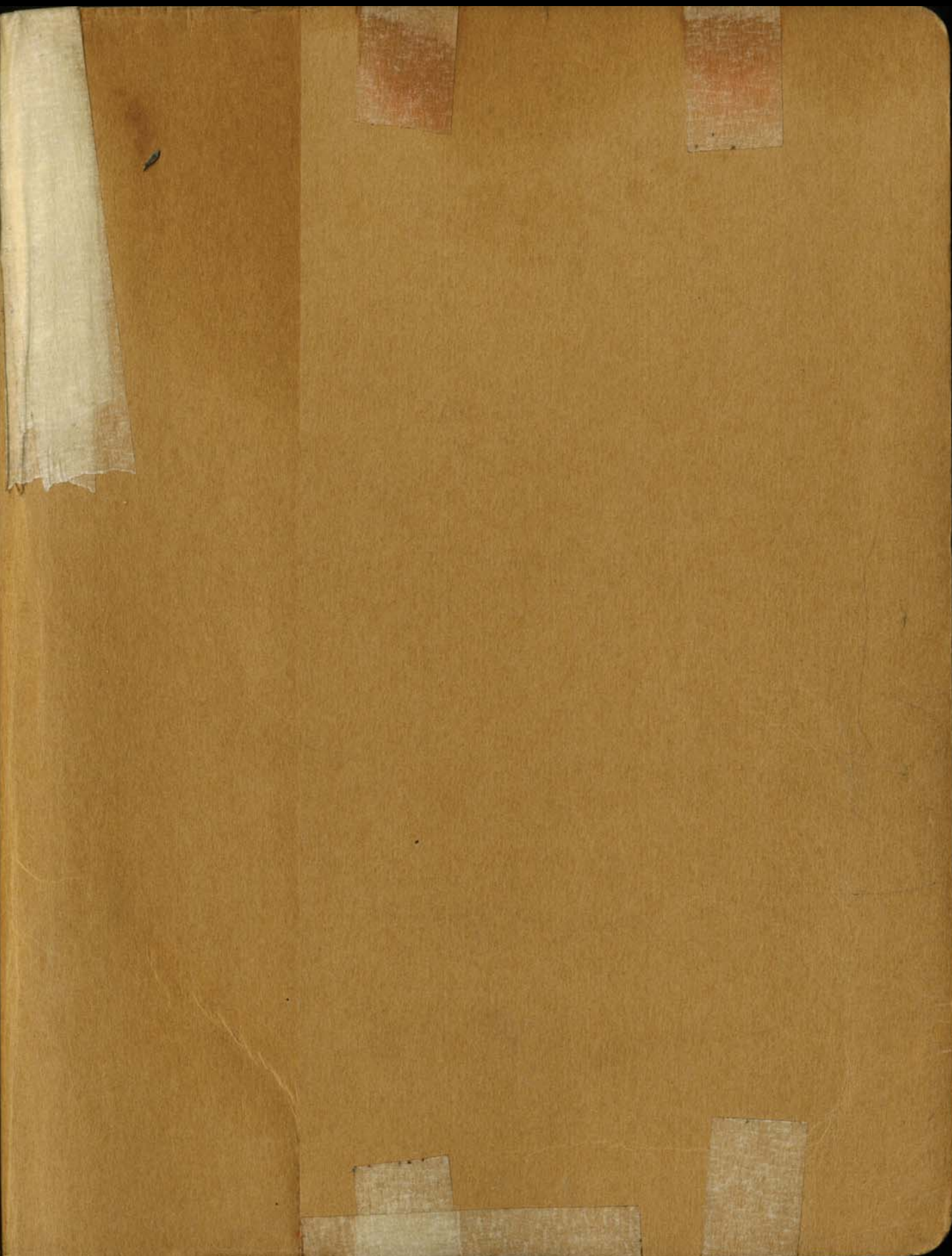
► Referências para coberturas e entradas de luz zenital em paralelo com o levantamento, *in situ*, das tipologias de habitação.

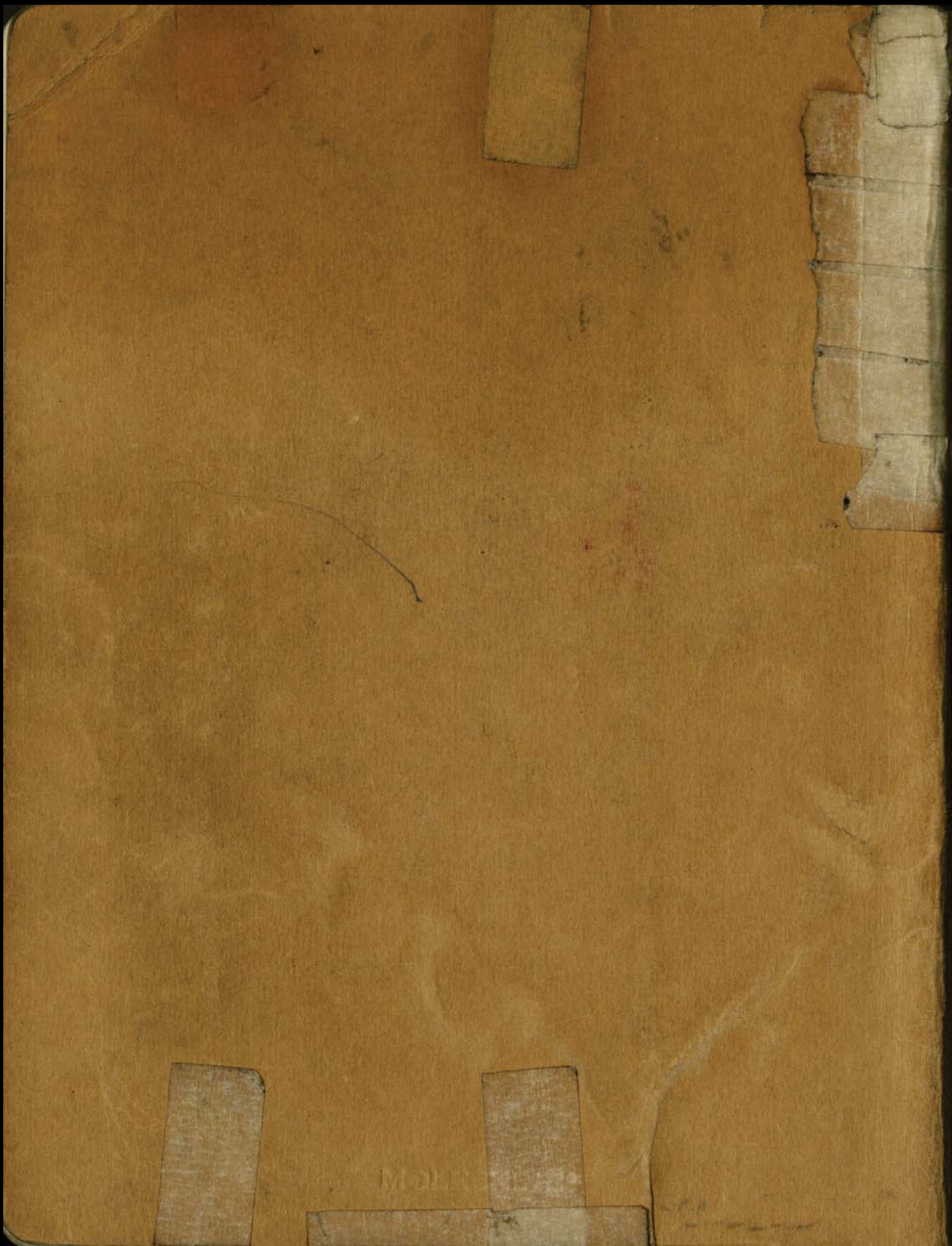
► Ref. Cap. 3, 3.1, 3.2 e 3.4 / Maq. II. 2.2; fig. 9 - Fase de levantamento das tipologias, *in situ*, e transcrição das conversas, histórias ou testemunhos dos residentes locais/proprietários.









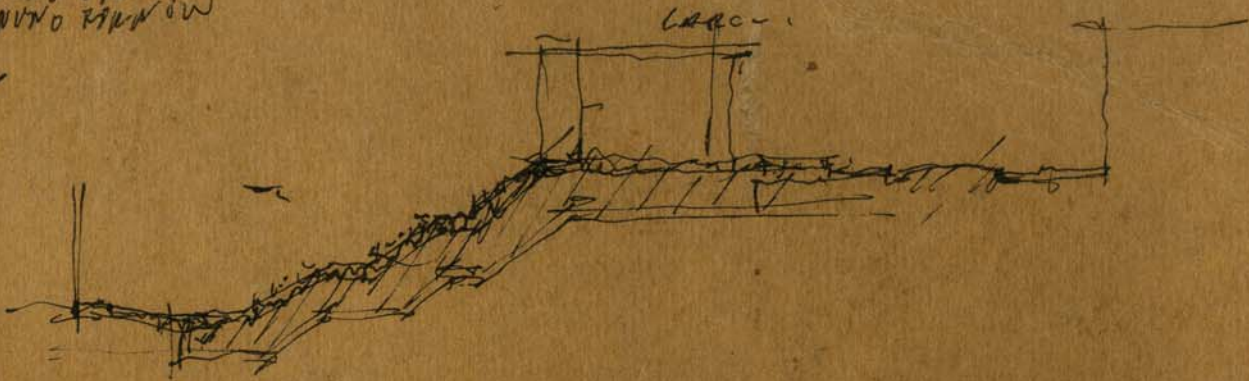


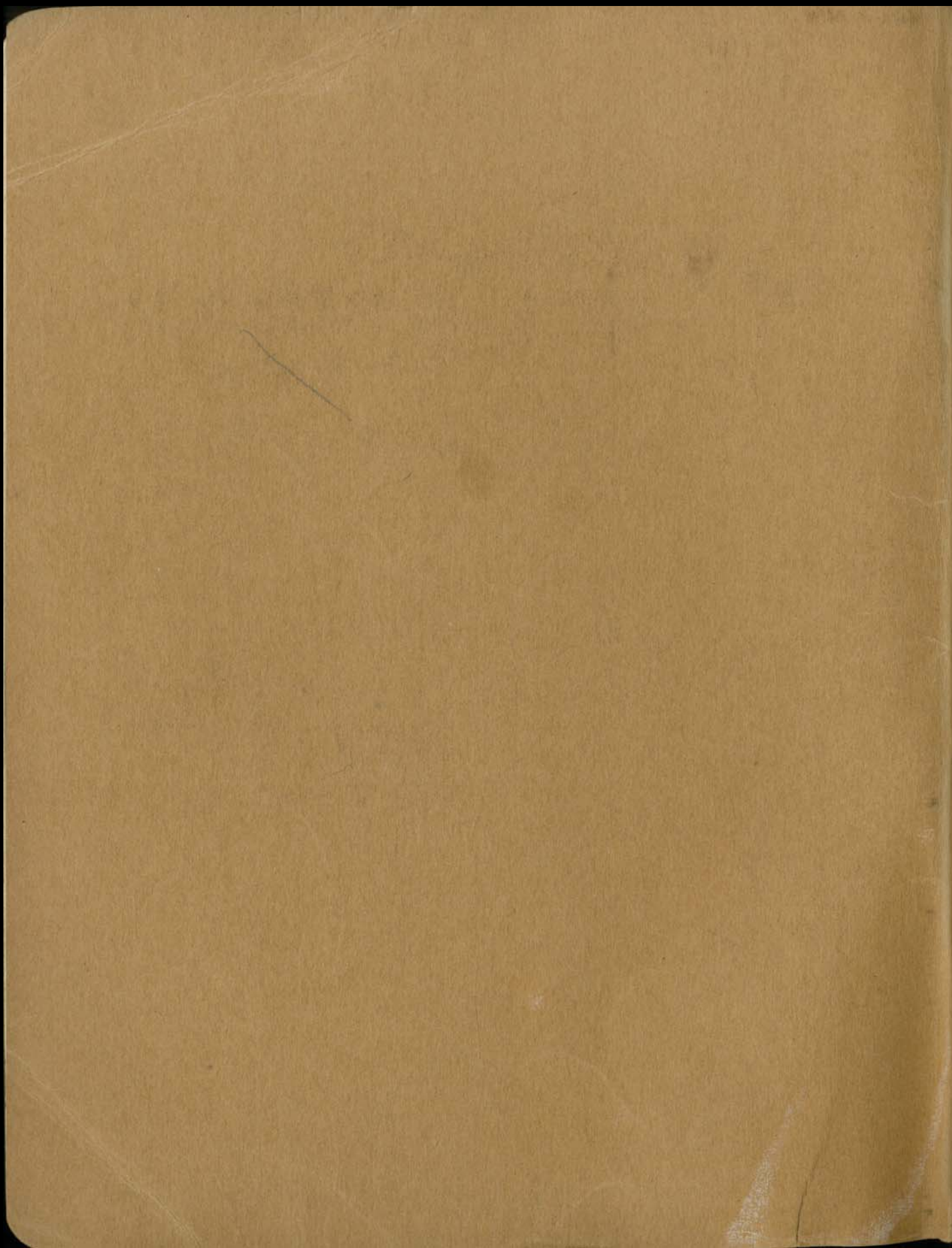
III. 1.1.3 - Caderno I

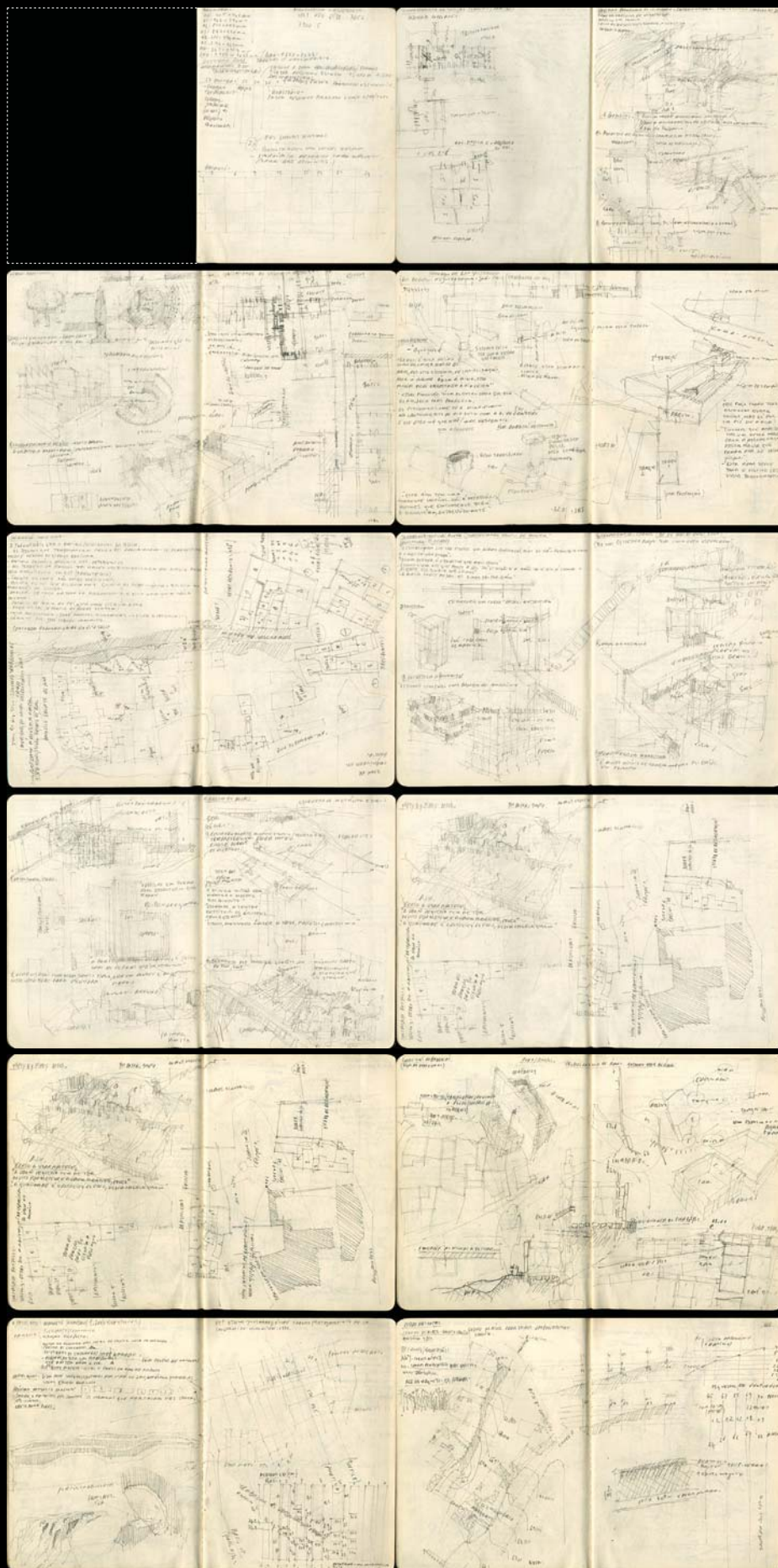
Nota – Nome do diário gráfico conforme ‘capa de origem’.
Grafite sobre papel. **Caderno gráfico tipo: *Moleskine* liso (21x13 cm).**

- **Cad. 3 / Cap. 1 a 3, 5 e 6; ref. 1.1, 1.1.1 e 1.1.2, 2.1 a 2.3, 2.3.1, 2.3.2 e 2.3.5, 3.1, 3.1.1 a 3.1.3, 3.2, 3.4, 3.4.1, 3.4.2, 5.1, 5.1.1, 5.1.1.1, 5.1.2, 5.1.2.1, 5.2, 5.2.2.1, 5.2.2.1.1 e 6.1 / Ref. maq. II 2.2; fig. 8 à 9 e 11 à 14; maq. II 2.3; fig. 1 à 6, 7, 7.1 à 7.6, 8, 9, 14, 14.1, 15.2 e 15.3** – Fase analítica (continuidade); Fase inicial da metodologia conceptual: com base no levantamento, *in situ*, do construído ‘de limite’ (3.1.3) e consequente busca de conceito através do paralelismo entre pré-existências, palavras-chaves e referências; Fase I da proposta de projeto.

LAACCO
- NINO PATON
- NINO RINOW







▼ **Ref. Cap. 3, 3.1, 3.2 e 3.4 / Maq. II. 2.2; fig. 9** - Fase de levantamento das tipologias, *in situ*, e transcrição das conversas, histórias populares ou testemunhos, dos residentes locais/proprietários e referências 'momentâneas' (continuidade).

◀ **Ref. Cap. 5** - Descoberta, *in situ*, do 'Açude' de Rui Branquina e transcrição das palavras do proprietário; Detalhe do 'sifão' e funcionamento da estrutura e irrigação.

▼ **Ref. Cap. 3.1, 3.1.1, 3.1.2, 3.1.3 / Maq. II. 2.2; fig. 9 e 7** - Estudo (mais aprofundado) sobre os limites de propriedade no edifício 'de frente de rua', 'intercalar', e 'de limite'; Quantificação dos lotes/habitantes e referências 'momentâneas'.

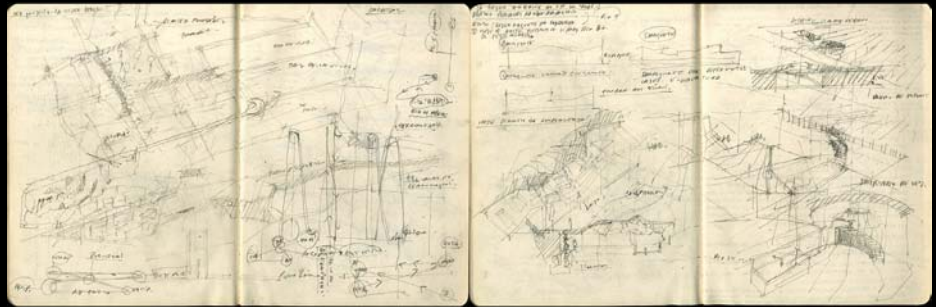
▼ **Ref. Cap. 6.1 / Maq. II. 2.2; fig. 8** - Evolução do conceito de cheio/vazio (continuidade) e referências 'momentâneas'.

Ref. Cap. 3.4, 3.4.1 e 3.4.2, 5, 5.1.1 e 5.1.1.1 - Fase 'embrionária' do conceito principal

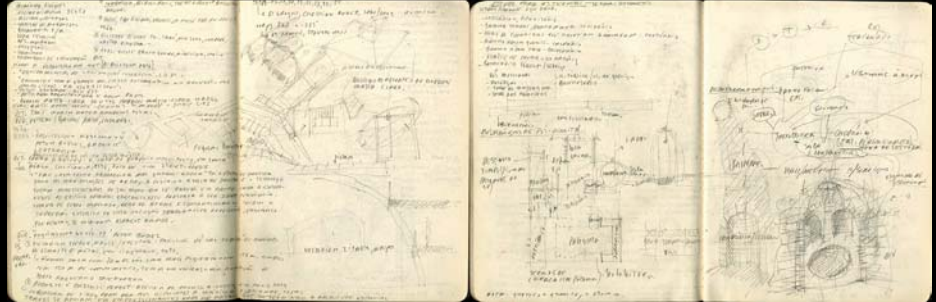
▶ de projeto: Levantamento das pré-existências no lugar (continuidade) e esboços, *in loco*, das construções ligadas ao sistema hídrico do território (almoxtarifado); Detalhes construtivos: modo de funcionamento de cada 'engenho' e fluidez da água; Diagrama (reflexão) sobre o funcionamento do sistema global de abastecimento e hierarquização de escalas.

▶ **Ref. Cap. 5.1.1.1 e 5.1.2 / Maq. II. 2.3; fig. 8 e 9** - I fase do Processo Conceptual (Interpretação do território): 'Topografia natural' e 'volumetria artificial' enquanto esqueleto unitário (exoesqueleto); Nova definição do território (conceito) sendo o construído indissociável da topografia natural: Tudo é território sem discriminação das partes, i.é, visão das partes pelo todo.

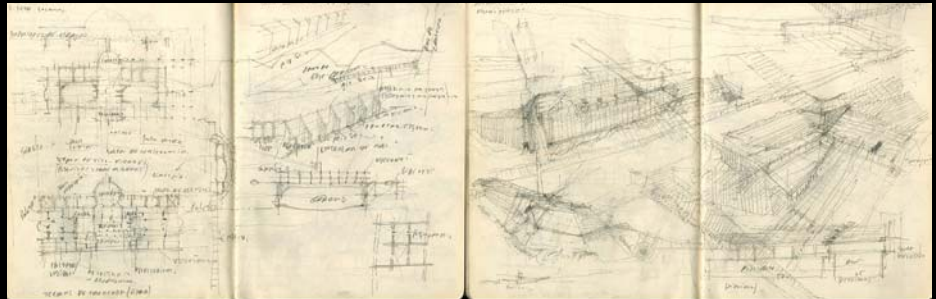
- ▶ **Ref. Cap. 5.1, 5.1.2.1 e 6.1** - I fase do Processo Conceptual (continuidade): Diagrama sobre a possível circulação no setor 'intercalar' de Bairro; Noção de circulação e fluidez urbana entre orlas;



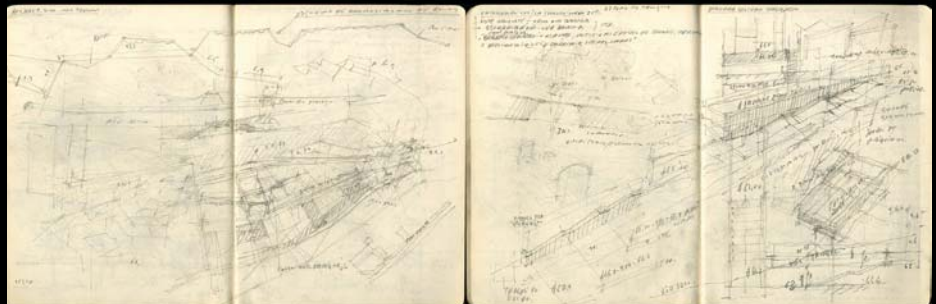
- ▶ **Diagrama conceituais urbanos e entrada de luz zenital/referências (termas romanas/programa/construção).**



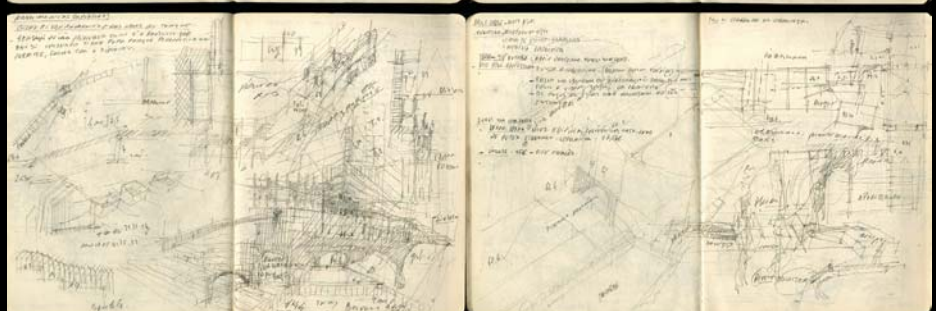
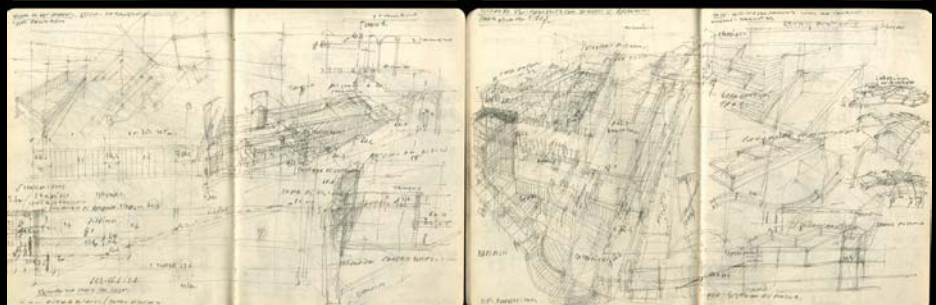
- ▶ **Ref. Cap. 5.1.2 e 5.1.2.1 / Maq. II. 2.2; fig. 11 à 14** - I fase do Processo Conceptual (continuidade) após resultado da aplicação do método, movimento/ limite: Ideia geral de um equipamento no interstício do Parque; Prolongamento da linha se 'limite': 'Vazio expectante': Piscinas desportivas/cultura enquanto edifício único (ideia 'vaga' da volumetria).



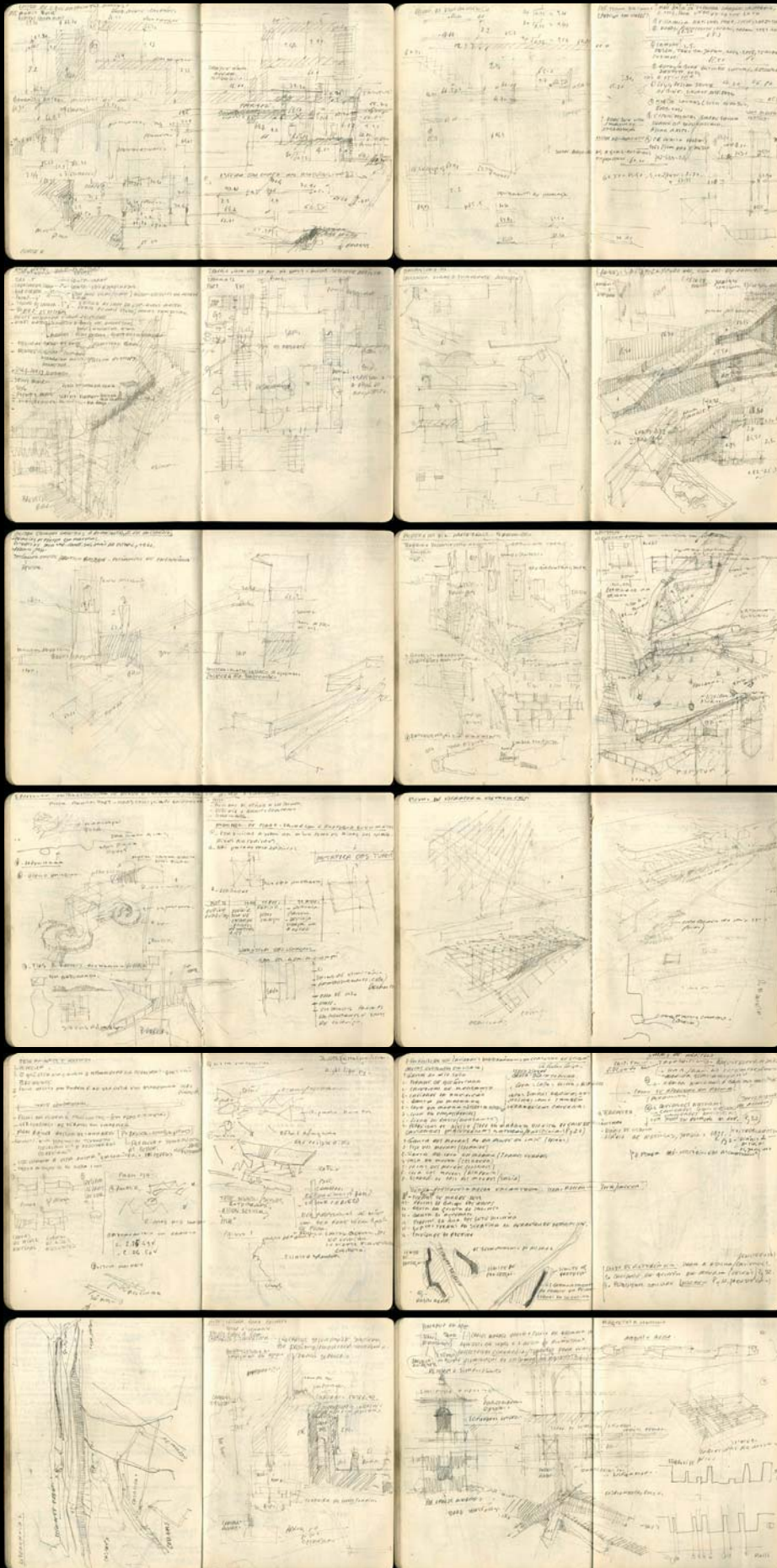
- ▶ **Ref. Cap. 5.1.2 e 5.1.2.1 / Maq. II. 2.2; fig. 14** - Prolongamento da linha de 'limite', no topo do Vale: banhos de lazer; Bases 'naïve' para II fase.



- ▶ **Ref. Cap. 5.2 e 5.2.1 / Maq. II. 2.3; fig. 14 e 15.2** - Complexificação do espaço interno do equipamento no de I loco (topo do vale); Programa (em metamorfose) e ideia geral da cobertura fluida entre pavimento (imper e permeável); Alçado e cotas sobre o Parque Urbano.



- ▶ **Definição dos tanques semi-soterrados.**



▼ Ref. Cap. 5.2 / Maq. II. 2.3; fig. 14.1 e 15.3 - I fase do Processo Conceptual (étapa final): Ajustes de cotas/correções de pés-direitos min.; Desenvolvimento de um 'motor' destinado à circulação pública/serviço, articulado com o pré-existente.

◀ Orla superior: Circulação baixa da promenade.

▶ Ref. Cap. 5.2.2.1 e 5.2.2.1.1 - Fase final do equipamento no I Loco; Referência estrutural (suporte para o aterro) e surgimento sucessivo da estrutura para o II loco.

◀ Conceito de movimento para a circulação interna: esquícios (interior) com o princípio de fluidez.

◀ Ref. Cap. 1, 1.1 e 1.1.1 / Maq. II. 2.2; fig. 1, 5 e 6 - Recapitulativo dos geomonumentos e limites rochosos no território Lisboaeta e 'centro periféricos'; Referências e palavras-chave.

◀ Ref. Cap. 1.1.2 / Maq. II. 2.2; fig. 11 - Muro de limite entre o natural e o artificial; Referência: Galerias do aqueduto em paralelo com as pré-existências, no território; Ideia esquemática para a silhueta da cobertura.

- ◀ Detalhes superficiais para entrada luminosa destinado ao 'motor' de circulação em paralelismo com a referência (aqueduto).

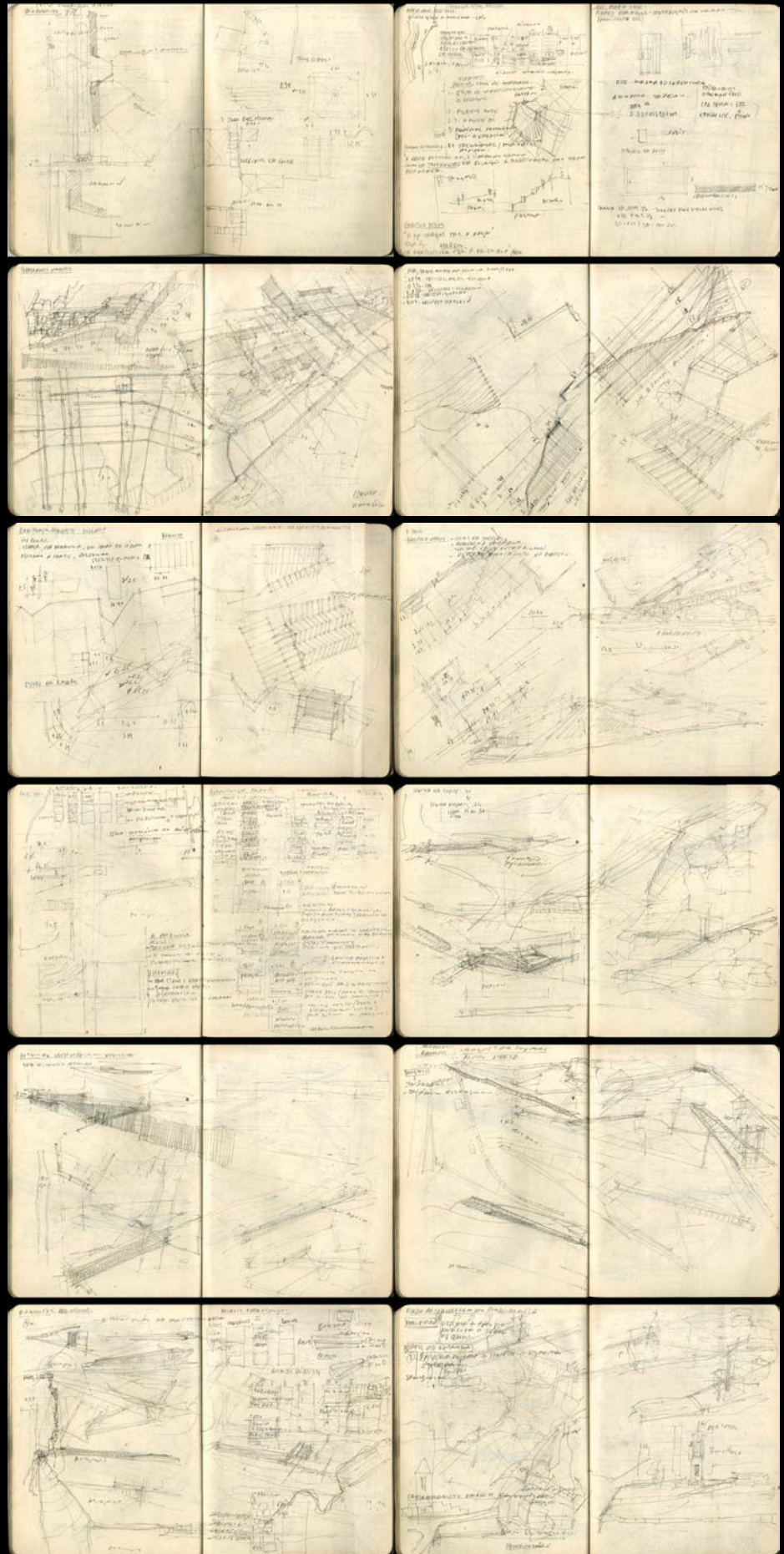
- ▶ Reformulação dos painéis
- ▶ Ref. Cap. 3.1.3 e 5.1.2.1 / Maq. II. 2.2; fig. 9 - Estudo estrutural para a silhueta da cobertura (continuidade) com base no construído 'de limite' identitário do lugar (I loco): Cotas de apoio ao modelo tridimensional.

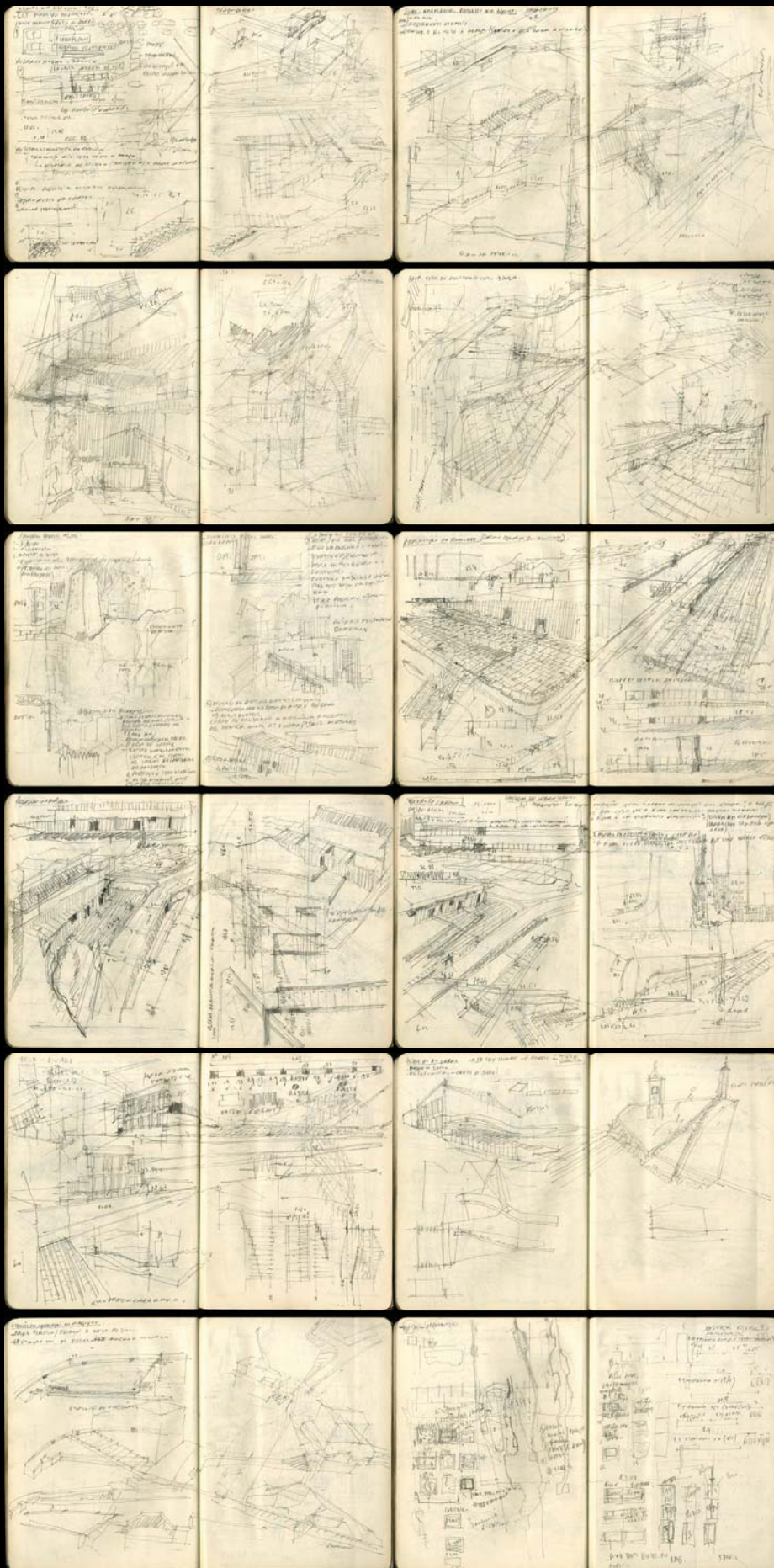
- ▶ Ref. Cap. 5.1.2.1, / Maq. II. 2.3; fig. 8 e 9 - Introdução 'suave' para a II fase: Levantamento, *in situ*, das cotas do 'vazio expectante' (II loco), *i.é.*, muro de suporte I.1 (pré-existente); Silhueta da rocha/terra vegetal adjacente e definição (mais aprofundada) do limite de fase.

- ▶ Reestruturação dos painéis.

- ▶ 1 - Ref. Cap. 5.1.2.1 - Estudo sobre a volumetria 'limite artificial' associado ao 'motor' de circulação; Persistência da ideia de ocupação do 'vazio expectante'; Reestruturação dos painéis.

- ▶ 2 - Ref. Cap. 2.3 e 2.3.1 / Maq. II. 2.3; fig. 1 à 6 - O largo e ideia de consolidação urbana da área envolvente ao equipamento no topo do vale (II quadrante): Remate a norte do Parque (linha de água), sistema de vistas desde a R. do Cruzeiro sobre a Torre do Galo (I quadrante) enquanto marco histórico-religioso pré-existente.





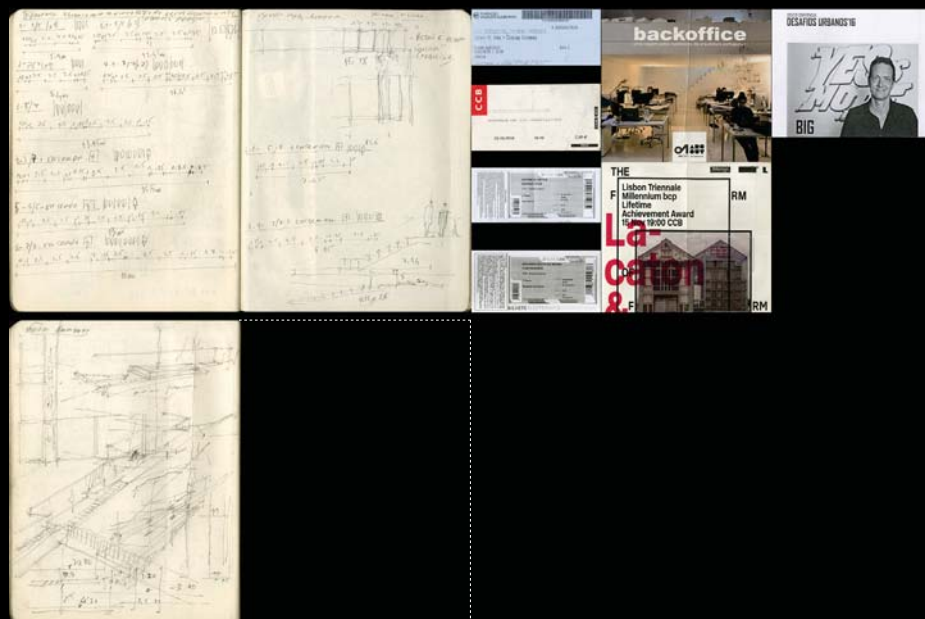
▼ **Ref. Cap. 2.3, 2.3.1, 2.3.2, 2.3.3 e 2.3.4 / Maq. II. 2.3; fig. 1, 2, 3, 4, 5 e 6 - O largo e a consolidação no topo do vale (II quadrante/continuidade):** Tópicos para a organização urbana; Acesso vertical desde a R. do Cruzeiro até os Banhos de I fase e/ou Parque urbano; Estudo da estereotomia e referências 'momentâneas'.

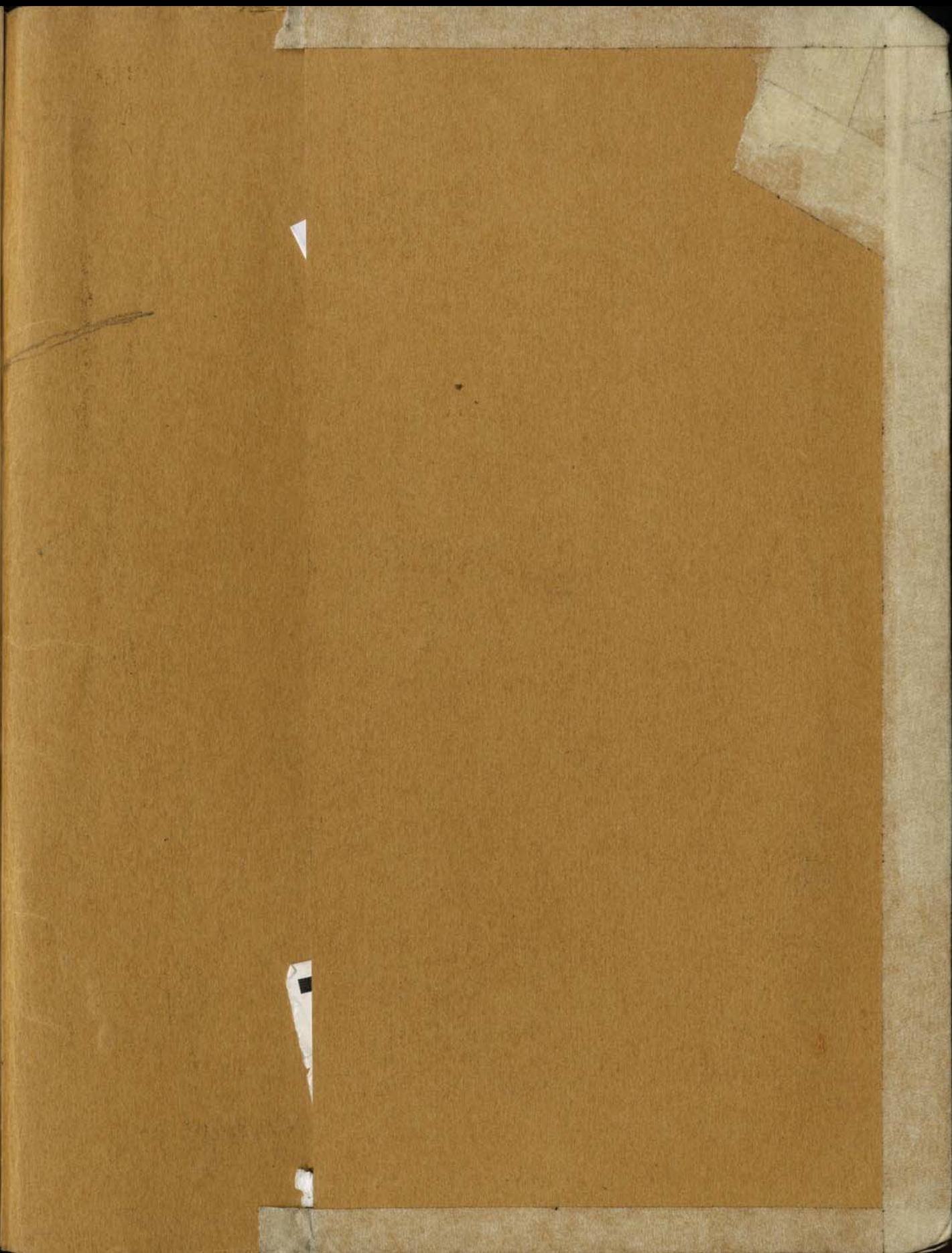
▶ **Ref. Cap. 2.3, 2.3.1 e 2.3.2 - O Largo (continuidade):** Definição do segundo acesso (público) entre R. do Cruzeiro e o Clube Desportivo 'Império do Cruzeiro' e visão geral do todo; Matéria e estereotomia.

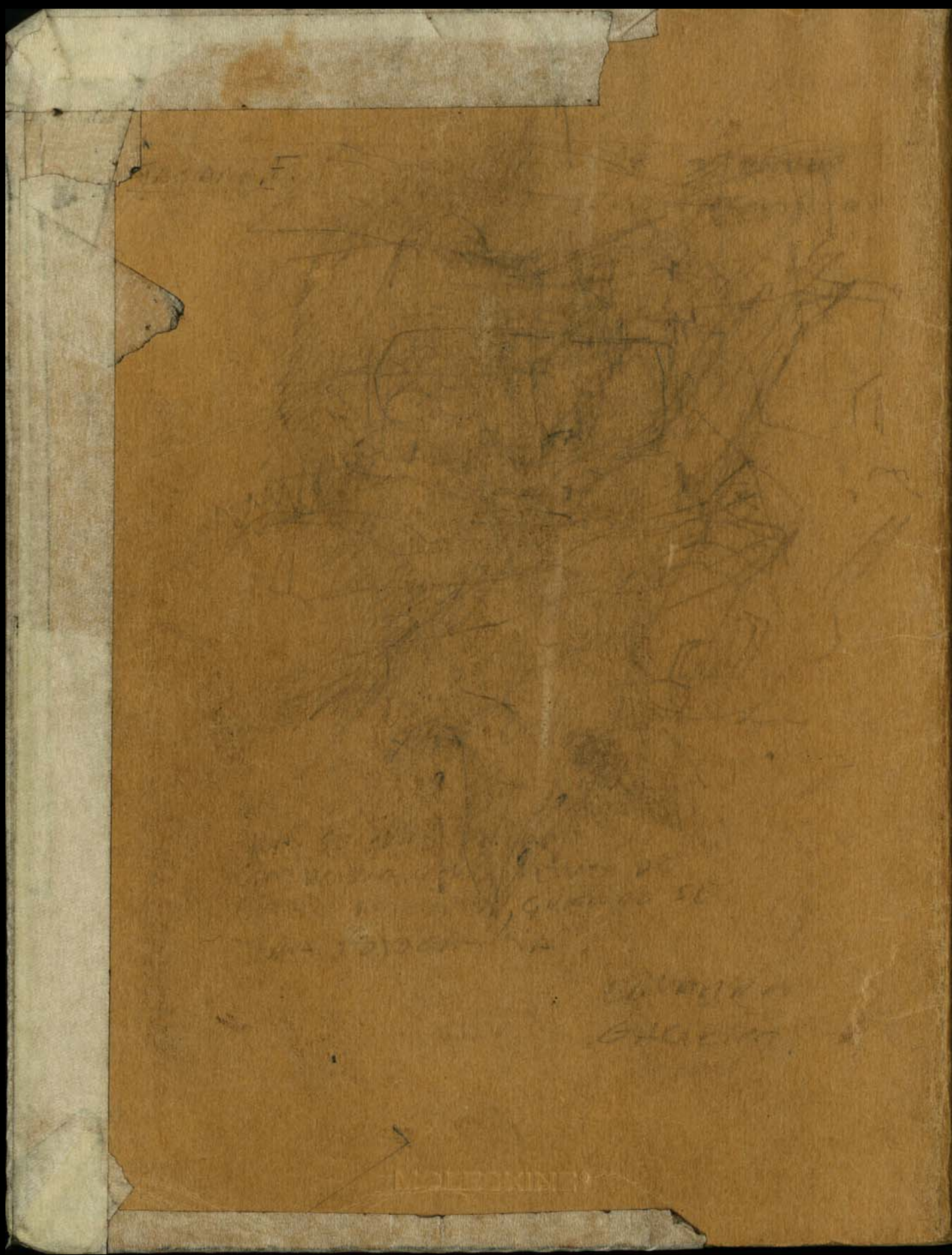
◀ **Ref. Cap. 2.1, 2.2, 2.3 e 2.3.5 / Maq. II. 2.3; fig. 7 e 7.1 à 7.6 -** Ideia de Ponte como remate do Largo com a pré-existência relevante ao 'ancião do Cruzeiro' e referência para o sistema de vistas.

▶ **Reestruturação dos painéis (em metamorfose).**

- ▼ **Ref. Cap. 2.3.2** - Unidade de passagens e estudo para a circulação pública: Acessibilidade fluída para os utilizadores entre Parque urbano e R. do Cruzeiro; Largo e Clube 'Império do Cruzeiro' e respetiva entrada para o recinto desportivo.





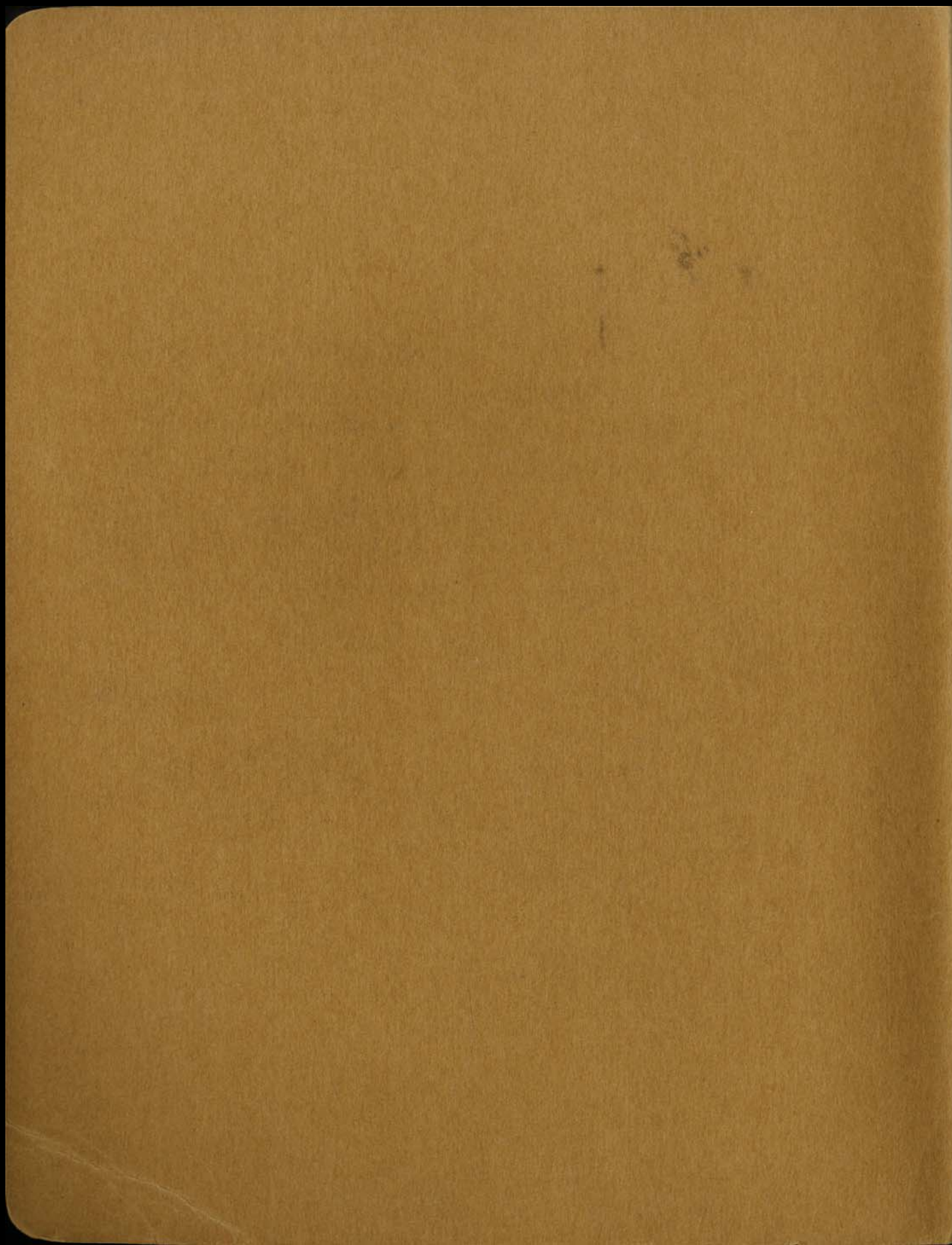


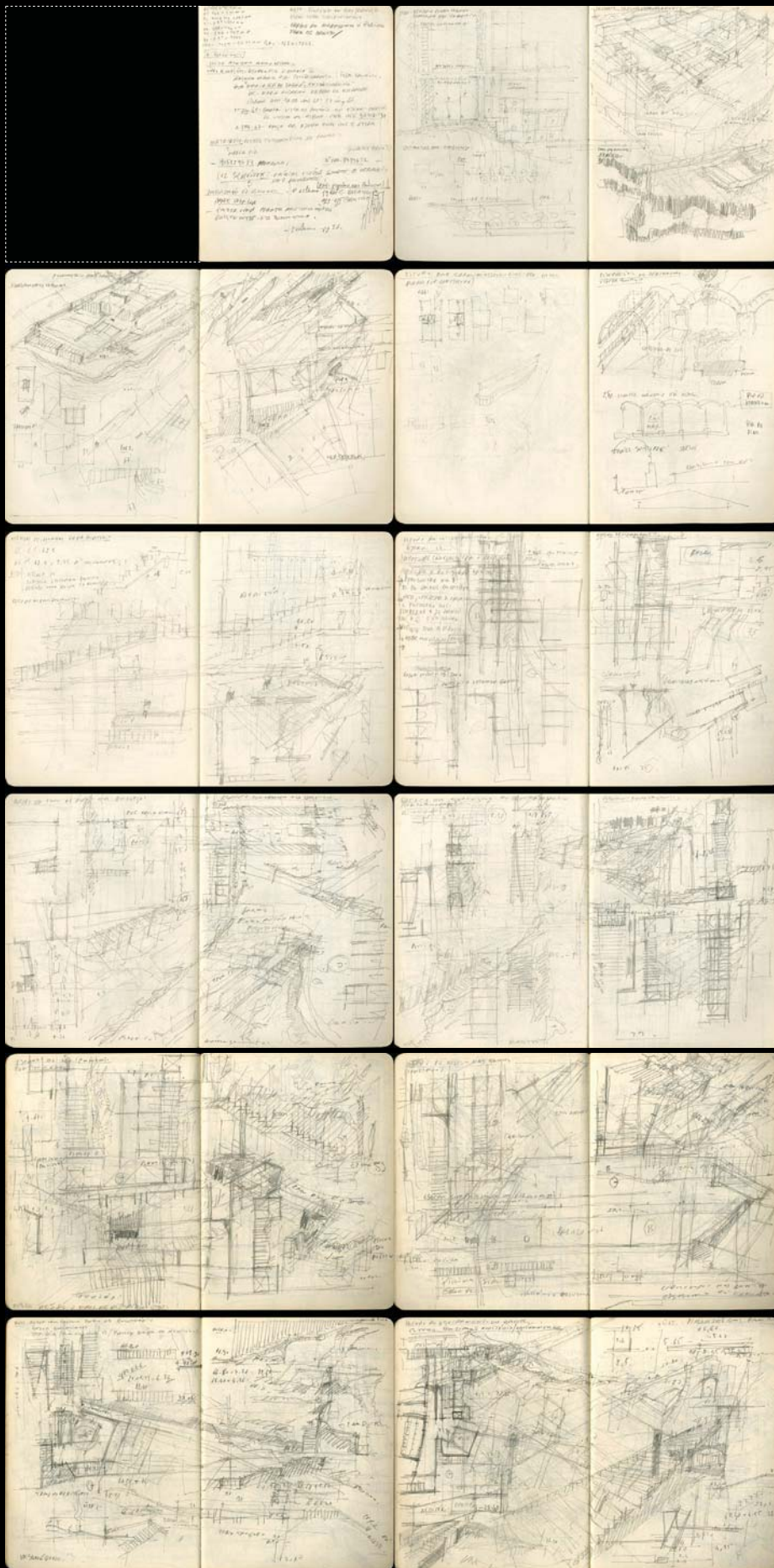
III. 1.1.4 - Caderno II

Nota – Nome do diário gráfico conforme ‘capa de origem’.
Grafite sobre papel. **Caderno gráfico tipo: *Moleskine* liso (21x13 cm).**

- Cad. 4 / Cap. 1, 3, 5 e 6; ref. 1.2.2.3, 1.3, 3.2.3, 3.5, 5.2.1, 5.3, 6.1 a 6.3, 6.3.2 e 6.3.3 / Ref. maq. II 2.2; fig. 11 a 14, 14.3, 17, 18, 18.1 à 18.4, 18.6.1 (1), (3), (4), (6) e (7), 18.6.2, 21 – Segunda etapa do projeto de I fase: emprego do conceito e consequente complexificação da espacialidade interna interposta com a fase de levantamento, *in situ*; Fase II de projeto com a aplicação do método; Reestruturação do programa e definição e/ou adaptação volumétrica e espacial articulada com as pré-existências.

WINDMILL 1011
WINDMILL
WINDMILL





► **Ref. Cap. 1.2.2.3, 1.3 e 6.1** - Consolidação urbana: Estudo para definição de lote e implantação arbórea (escala conforme localização).

► **Ref. Cap. 3.2.3 e 6.1** - Consolidação urbana: Ideia de estacionamento e habitação unifamiliar como 'ressalto' sobre o muro II.2 e enquadramento geral; Referência estrutural de suporte ao pré-existente (túnel pré-existente de III locus).

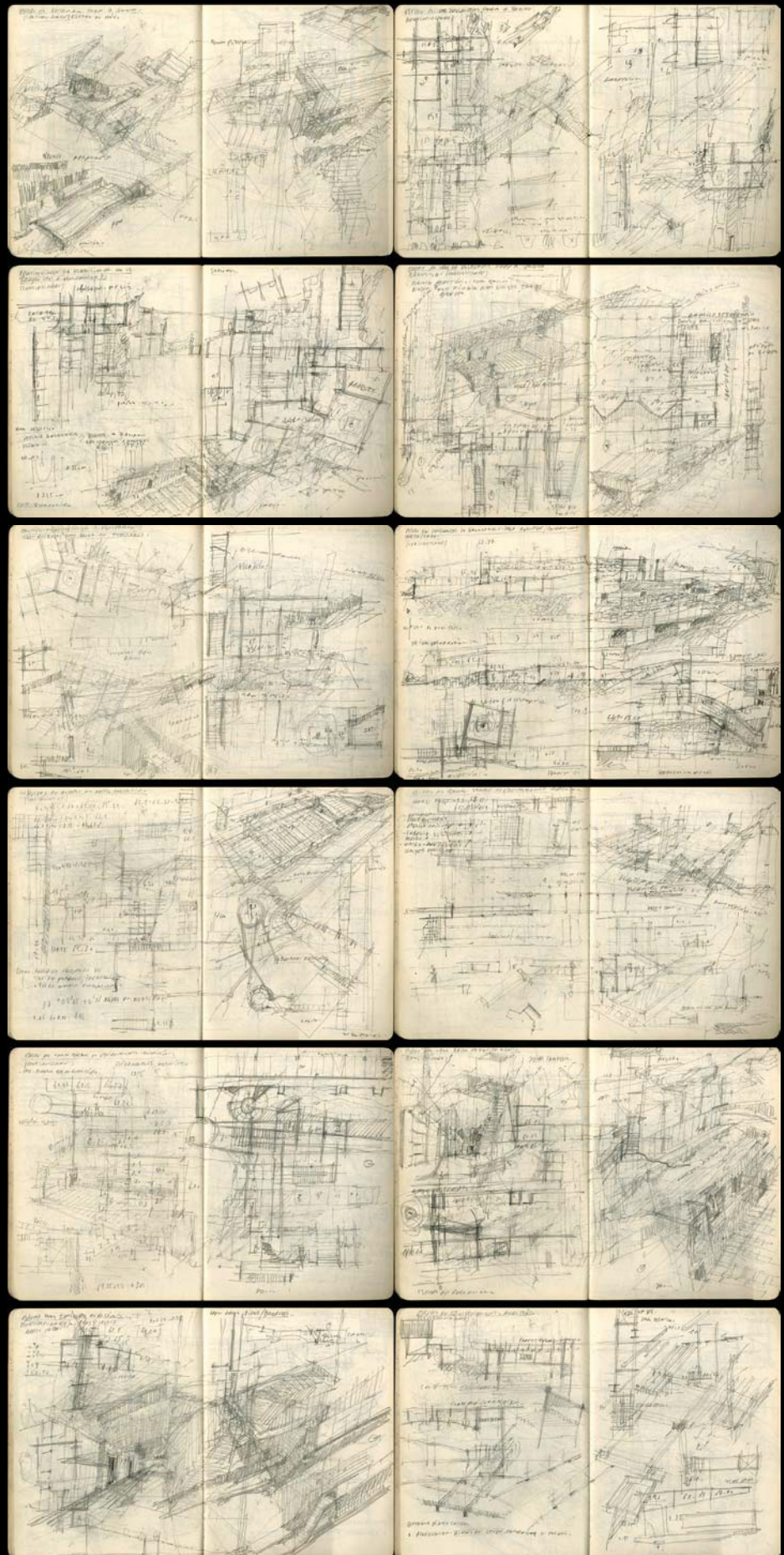
► **Ref. Cap. 5.3 / Maq. II. 2.2; fig. 14 e 14.3.1** - Fase II do Processo Conceptual (transposição do *Topos*): Reflexão sobre a intervenção no 'Limite II'; Estudo 'vago' em torno do corpo do Auditório (plateia).

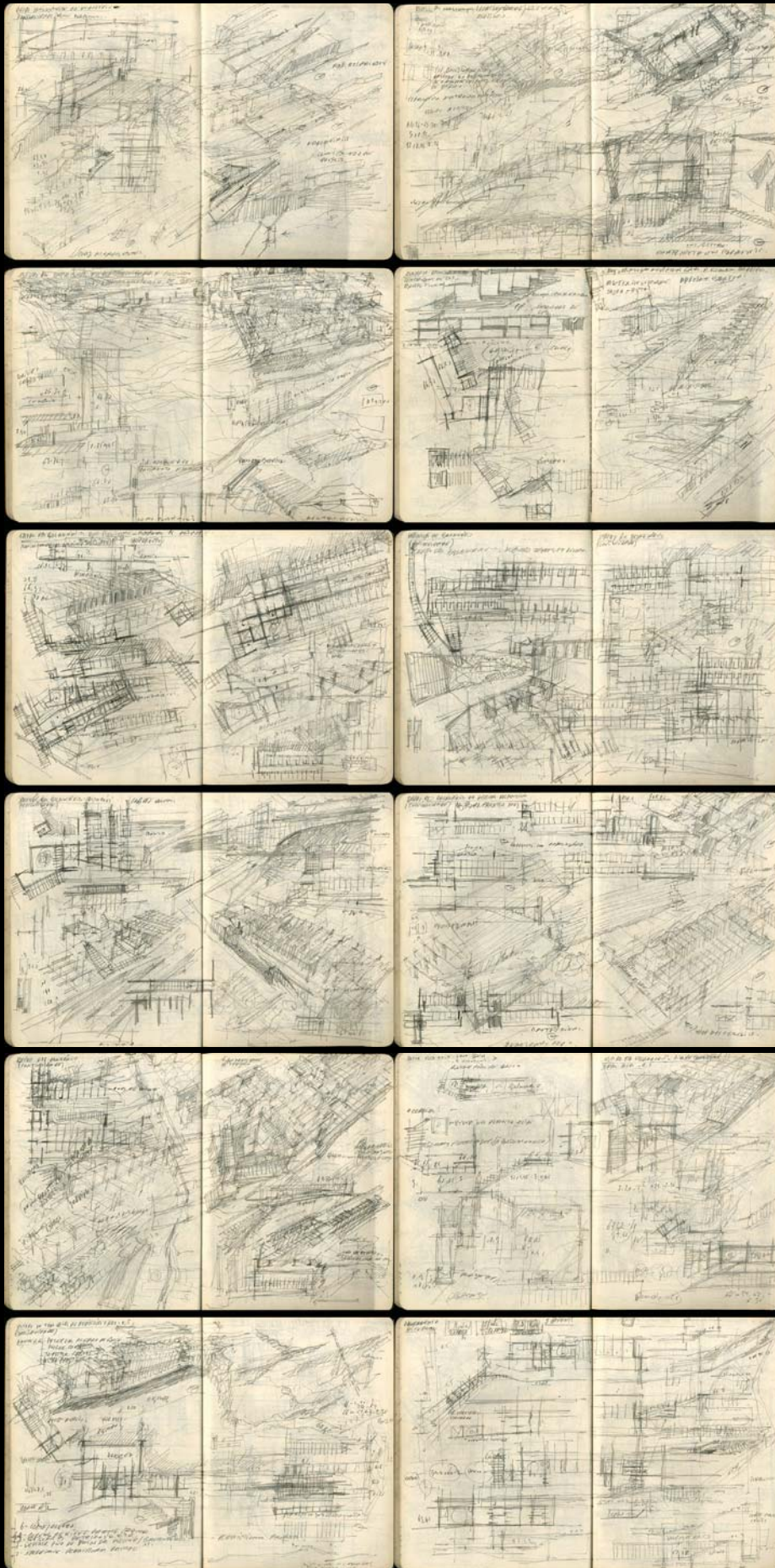
► **Ref. Cap. 5.2.1 e 5.3 / Maq. II. 2.2; fig. 11, 12, 14 e 18.6.1 (4)** - Intervenção no 'vazio espectral': Estudo do corpo 'amarrado' ao muro de suporte I.1; Ligação entre: Auditório - Foyer - Banhos (Apoditério/balneários); Acessibilidades e rocha aparente (espaço interno).

► **Ref. Cap. 6.3** - Circulação vertical (saída de emergência e/ou M.R. dos Banhos).

► **Simbiose do construído (matéria) com o natural (rocha):** Ideia de pátio e acessos circundantes.

- ▶ **Ref. Cap. 5.2.1 e 6.3 / Maq. II. 2.2; fig. 13 e 14** - Exploração volumétrica do Auditório; Foyer e circulação vertical (saída de emergência e/ou M.R. para os Banhos).
- ▶ **Ref. Cap. 6.3.2 / Maq. II. 2.2; fig. 18.6.1 (4)** - Estudo do Apoditório e dos Balneários (continuidade) e saída de emergência (extremo Norte); Sublimar o natural (rocha) e relação de proporção: Métrica da fachada associada ao espaço interno.
- ▶ **Ref. Cap. 6.3 / Maq. II. 2.2; fig. 18.6.1 (3) e (4)** - Exploração volumétrica e programática do Auditório: Plateia e Balcões; Acessibilidade entre: Foyer, I.S (de apoio) e pátio; Estudo de proporção e métrica dos possíveis vãos (continuidade), estrutura e definição da cota inferior (camarins).
- ▼ **Ref. Cap. 5.2.1, 5.3, 6.3, 6.3.2 / Maq. II. 2.2; fig. 18.6.1 (3)** - II Fase do Processo Conceptual (inicial) e clarificação da ideia de 'união' entre corpos: Cultural (auditório) e de lazer (banhos): Índices de complexibilidade espacial dita heterotópica por reflexo da fase I (final); A Plateia (auditório): saída de emergência (Sudeste), estrutura e diagrama programático (em metamorfose).
- ▶ **Ref. Cap. 3.5, 6.3 / Maq. II. 2.2; fig. 18.6.1 (1) e (3)** - Fase inicial da integração do muro II.2 entre o estacionamento e a recepção (auditório/banhos): Surgimento de dois 'silos' adjacentes destinados à saída pública de emergência (Sudoeste) de apoio ao Auditório e à entrada principal para oradores (em desenvolvimento) e articulação com o Palco; Exploração forma e perspetiva a Oeste dos Balcões.
- ▶ **Ref. Cap. 5.2.1 / Maq. II. 2.2; fig. 18.1 à 18.3** - Exploração das lajes associadas à saída de emergência (Sudeste) do Auditório: 'Acentuação' da ideia de complexificação pela juxtaposição.
- ▶ Breve apontamento estrutural e tetos falsos.





◀ **Ref. Cap. 6.2 e 6.3 / Maq. II. 2.2;** fig. 18.6.2 - Vista geral e estudo da cobertura (sinuosa); Possível revestimento interior dos tetos; Introdução de um recinto técnico e estudo de cotas dos acessos verticais (adjacentes): Camarins e Banhos, que interferiam até então com a laje do recinto técnico.

◀ **Ref. Cap. 6.1, 6.3 / Maq. II. 2.2;** fig. 18 e 18.6.1 (1) - Axonometria geral de contexto (vista Noroeste); Muro II.2, silos, *promenade* pública e zona de contemplação (sul), auditório (plateia, palco, balcões): Breve apontamento, do acesso desde os camarins e I.S. (oradores) até o *Foyer*; Estudo dos acessos em torno do do pátio e ideia 'momentâneas' da estrutura e métrica.

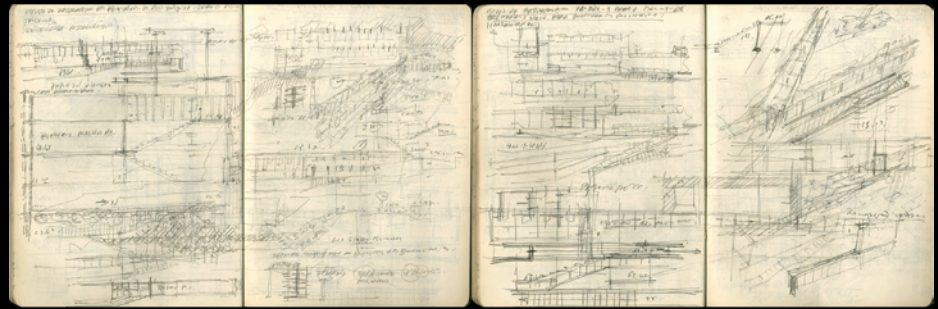
▶ **Ref. Cap. 6.3 e 6.3.3 / Maq. II. 2.2;** fig. 17, 18.6.1 (4) e (7) - Desenvolvimento e consolidação programática do núcleo secundário (Apoditério/Balneários): Métrica estrutural, escala das 'cabines' e perfis de juntas de betonagem dos muros (projetados sobre a rocha); Ideia 'momentânea': Piscina principal (desportiva, alçada sinuosa em paralelismo com a gruta do Rio Seco).

◀ **Ref. Cap. 6.3 / Maq. II. 2.2;** fig. 18.6.1 (3), (4) e (7) - Visão axonométrica (geral) entre: *Foyer*, acesso circundante (de apoio aos Banhos) e Apoditério; Vestiários e diagrama programático (em metamorfose).

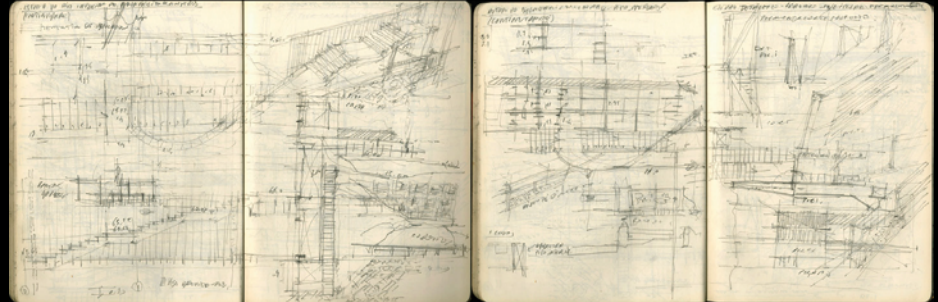
▶ Diagrama programático em paralelo com os lances de escadas e meios pisos; Resolução de problemas agravados pela 'fase II' do método projetual.

▶ Axonometria geral (vista Noroeste) do piso superior (núcleo secundário) associado aos flancos rochosos (evolução); Proporção da I.S. masc. à cota inferior.

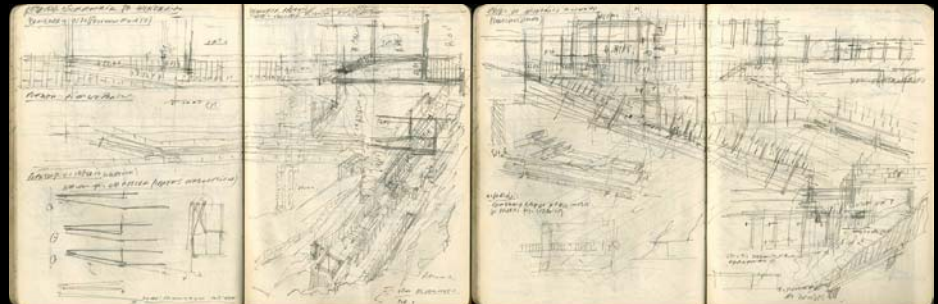
- **Ref. Cap. 6.3.2 e 6.3.3 / Maq. II. 2.2; fig. 18.6.1 (3) e (4) -** Estudo da passagem entre o Auditório e Apoditério: Resolução formal e altimétrica dos acessos verticais.



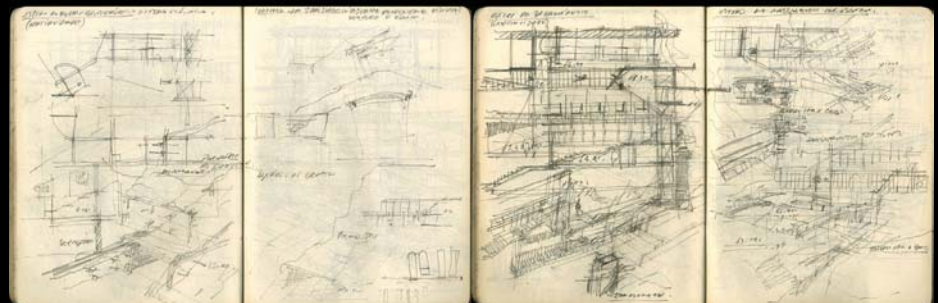
- ◀ Maq. II. 2.2; fig. 18.6.1 (3), (6), (7), 21 - Especificação da circulação vertical/horizontal (extremo Norte) do equipamento desde a cota 66.00 à 63.12 e definição de duplo e triplo pé direito sobre o corredor (circulação); Matéria.



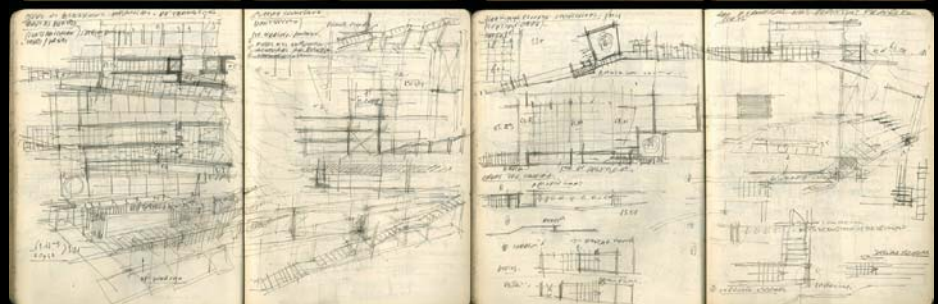
- Fase inicial dos Balneários (piso inferior).
- ◀ Detalhes 'momentâneos': Estrutura, vão e ancoragem à rocha e esboços resultantes da troca de opiniões (conversas).



- **Ref. Cap. 6.3, 6.3.3 / Maq. II. 2.2; fig. 18.6.1 (7) e (6) -** Definição dos Balneários, I.S. masc. e M.R. (continuidade); Ajustes de cotas (lajes (continuidade)).
- ◀ Retificação de cotas de circulação (continuidade): Acesso a extremo Norte e estereotomia de pavimento.

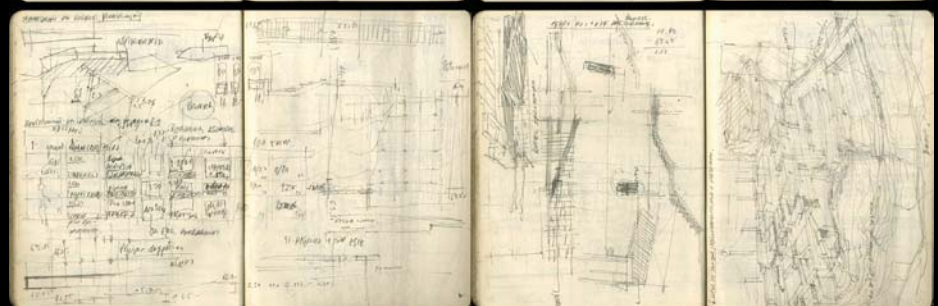


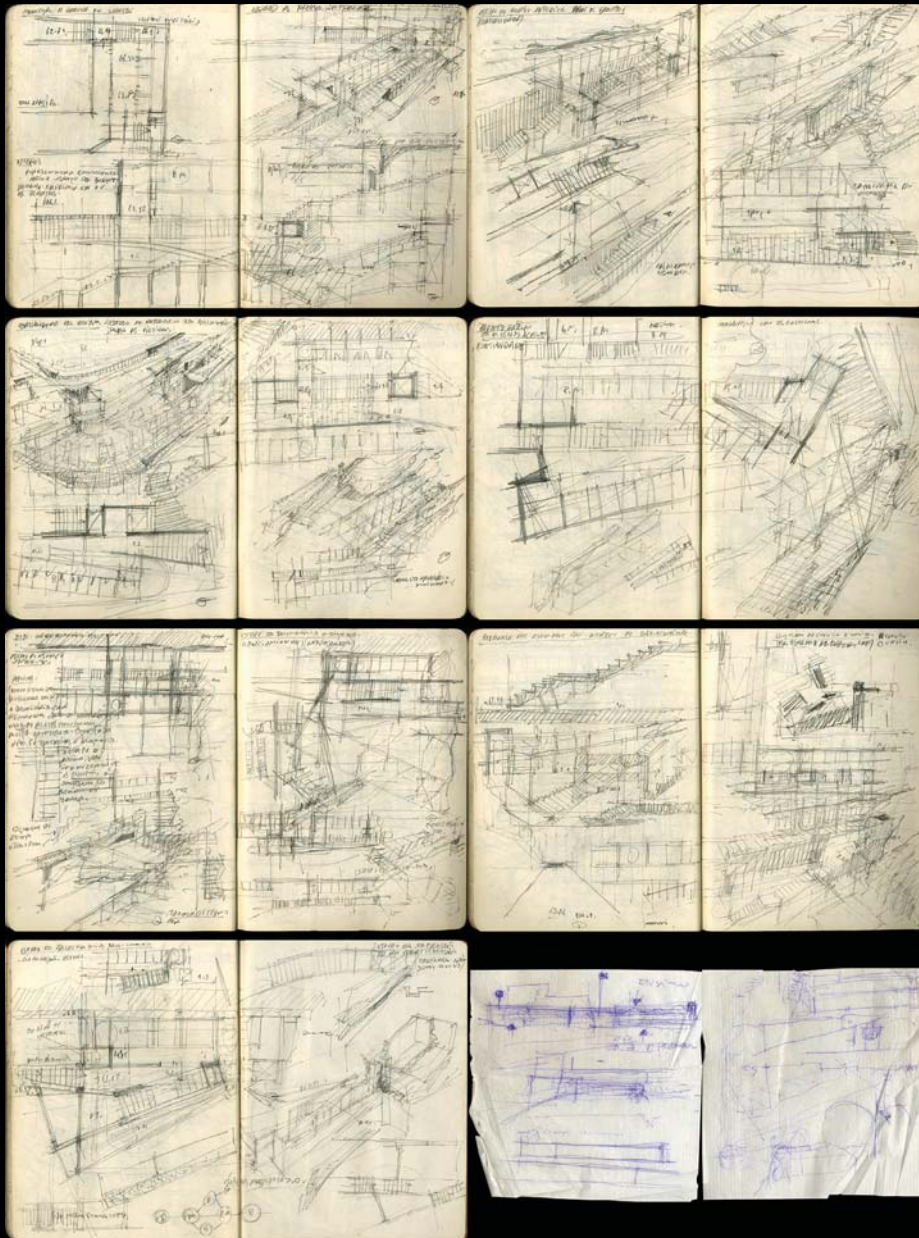
- **Ref. Cap. 5.3, 6.3.2 e 6.3.3 / Maq. II. 2.2; fig. 18.6.1 (3), (4) e (7) -** Visão do 'motor de circulação II' (reflexo da proposta I (última fase) ao longo de uma linha contínua e pavimento descontínuo: Auditório (cotas) e Banhos (acesso Norte).



- ◀ Reestruturação dos painéis tendo em vista a evolução programática do equipamento.

- **Ref. Cap. 3, 3.2.3 e 6.1 / Maq. II. 2.2; fig. 18 e 18.6.1 (1) -** Contexto urbano junto ao equipamento: Axonometria geral da integração dos jardins pré-existentes, habitação, *promenade* e miradouro com o muro II.2; Breve apontamento sobre o acesso vertical a extremo Norte.





▼ Resolução dos acessos ao Auditório (Oeste) entre o porão e o foyer destinado aos oradores (auditório): Axonometria do conjunto e breve apontamento sobre tetos falsos e integração na rocha;

▼ Ref. Cap. 6.1 / Maq. II. 2.2; fig. 18.3 e 18.4 - Axonometria dos 'poços' de luz e circulação vertical à cota baixa da *promenade* pública: Surgimento de um novo muro, estudo (evolutivo) do acesso a extremo Norte e estereotomia de pavimento.

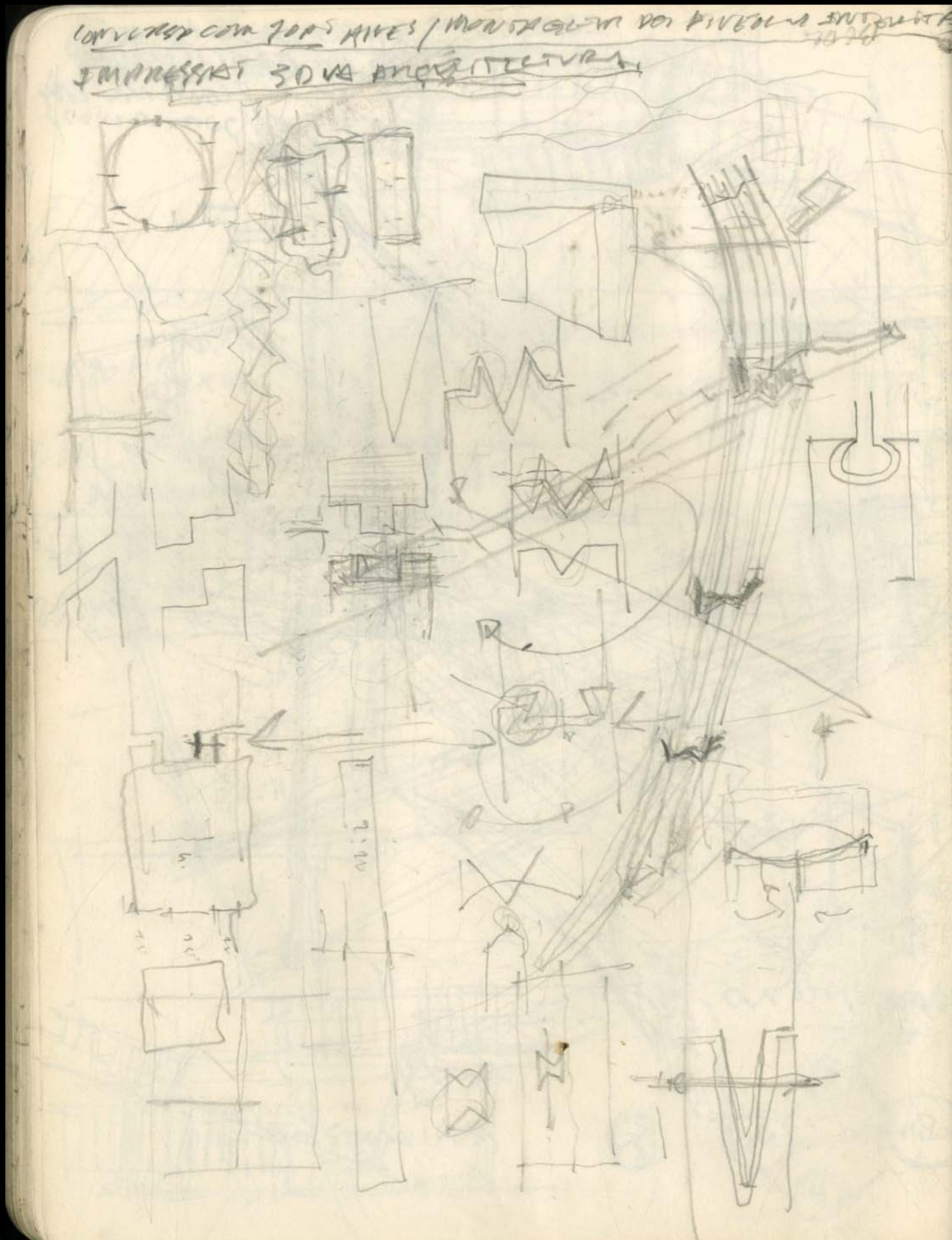
▼ Ref. Cap. 6.1 / Maq. II. 2.2; fig. 18.6.1 (1), (4), (6) e (7) - Fase inicial da definição do piso inferior (zona onde finda a futura rama da *'promenade architecturale'* em torno do núcleo secundário e culmino do acesso vertical (contínuo) de extremo Norte em paralelo com o piso superior: Vestiários/cacifos de serviços, I.S. masc. e balneários.

▼ Ref. Cap. 6.3 e 6.3.3 - Definição do nicho de contemplação sobre o tanque exterior e acesso adjacente (cota 63.12); diagrama de circulação e visão geral do todo.

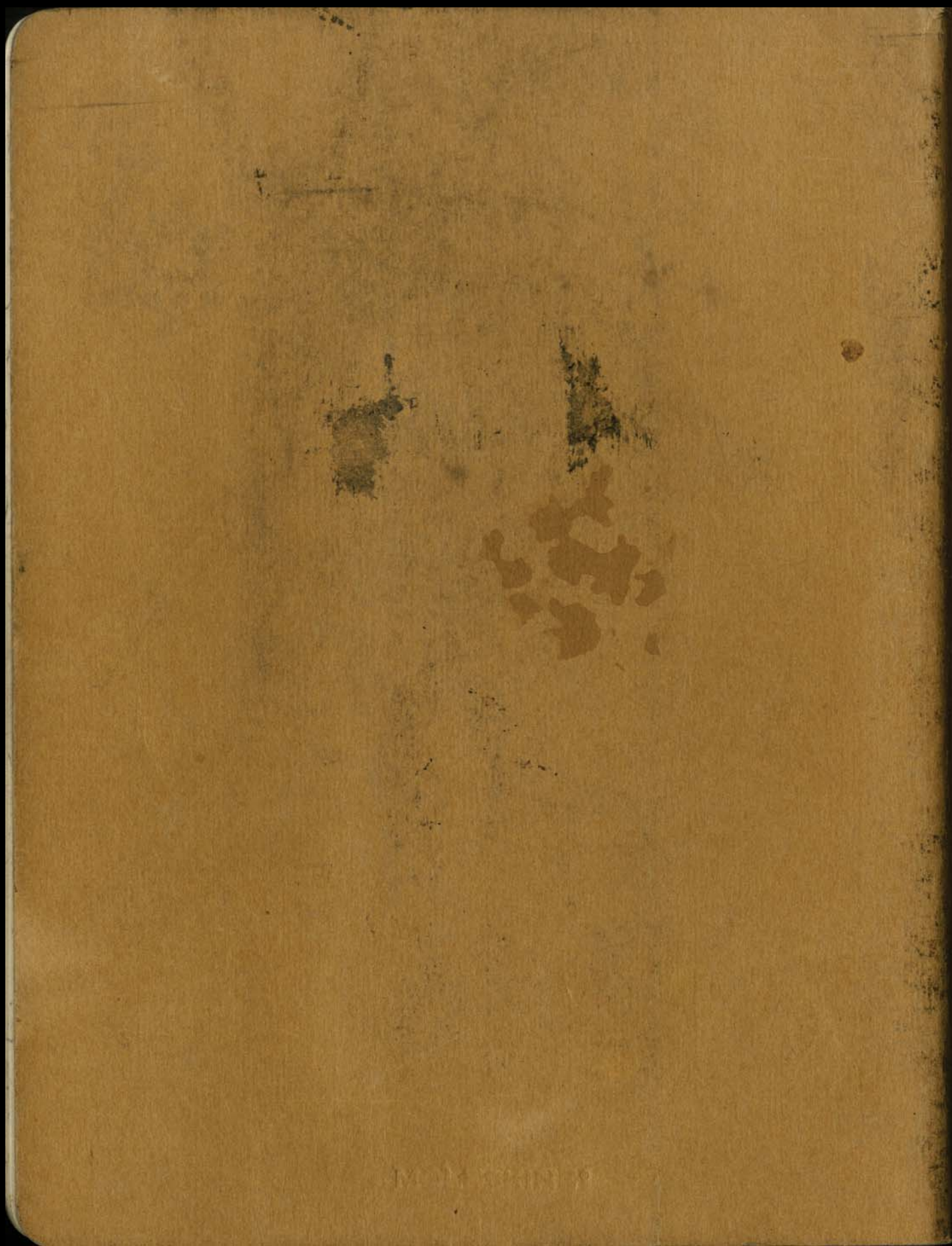
▼ Troca de ideias resultantes de conversas no bar: Estrutura, acessibilidade e intervenção no vazio.



▼ Troca de ideia (continuidade)/ Esquícios 'momentânea': Pormenores e encaixe para estrutura resultante de impressão/prototipagem tridimensional (outro projeto).







III. 1.1.5 - Caderno III

Esquissos de permanência ≠ Esquissos de viagem I

Nota – Nome do diário gráfico conforme ‘capa de origem’.
Grafite sobre papel. **Caderno gráfico tipo: *Moleskine* liso (21x13 cm).**

► Cad. 5 / Cap. 3, 5 e 6; ref. 3.4.2, 3.5, 5.1.2.1, 5.2.1, 5.3, 6.1 a 6.3 e 6.3.1 a 6.3.3 / Ref. maq. II 2.2; fig. 17, 17.2.1, 17.2.2, 18, 18.1 à 18.6, 18.6.1, 18.6.1 (1, 3, 4 e 7 a 9), 19 e 20; maq. II 2.3; fig. 1, 16 à 19 – II Fase de projeto e aplicação do conceito heterotópico: Morfologia dos tanques/piscinas, estereotomia de pavimento e de revestimento; Justaposição (conceito) e articulação das partes pelo todo (programa); Consolidação urbana no 'limite' e articulação com as pré-existências; 'Toque' da proposta (equipamento) com o paque: Estudo de acessos permeáveis com o natural, alçado e estrutura.

ADIRONDACK 1816 1817

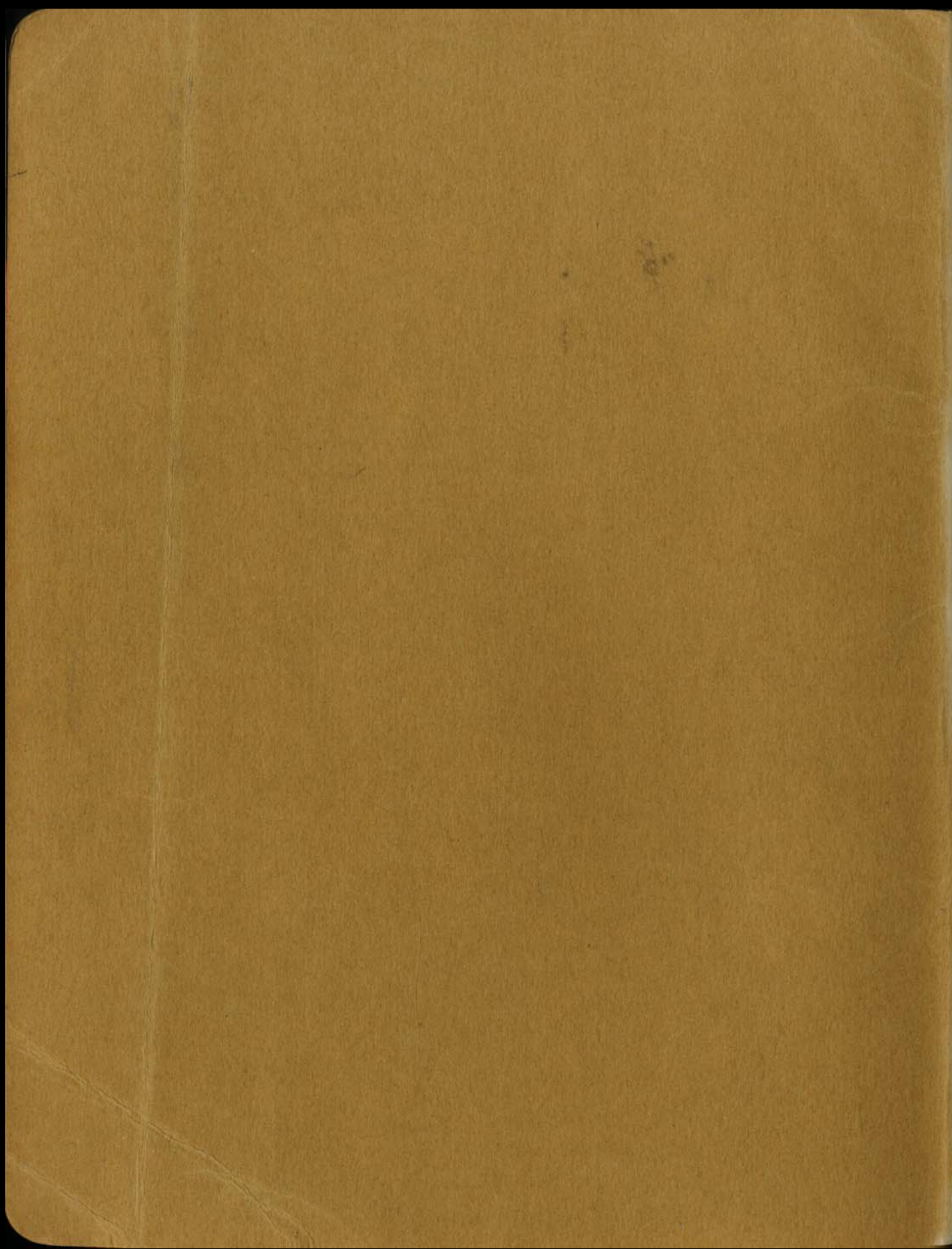
WATER & WIND
FORDS & FALLS

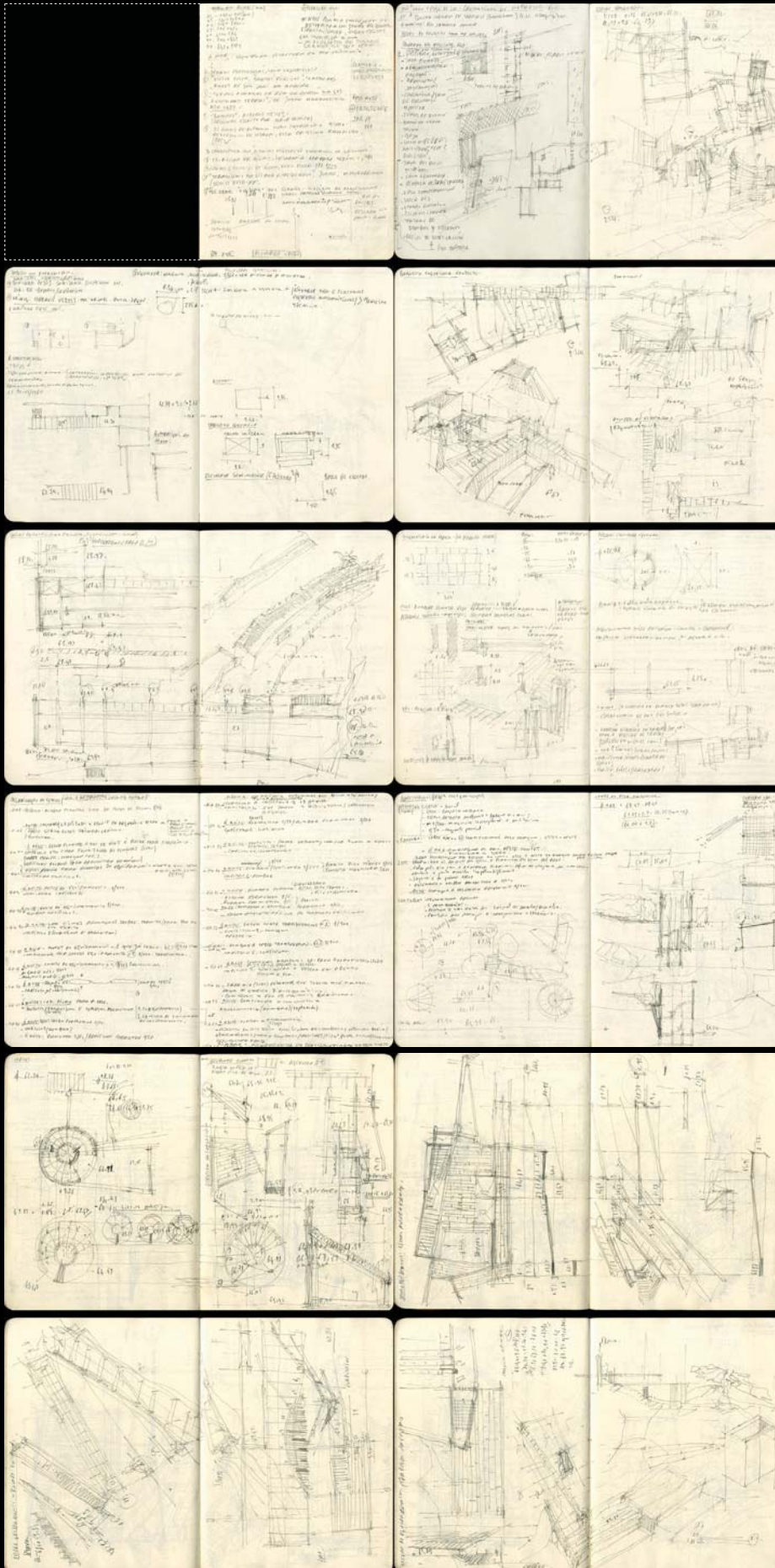
1700 1800 1900 2000

1800 1900 2000

V.







◀ Referências soltas: Leituras, filmes e obras de arquitetura.

▶ **Ref. Cap. 6.3.3 / Maq. II. 2.2; fig. 18.6, 18.6.1 (3)** - Perspectivas interiores 'vagas' dos banheiros. Ideia de *promenade* contínua: Sistema de vistas e pés direitos; Referências para a sauna: matéria e construção.

◀ Apontamentos gerais das diferentes unidades de passagem: Circulação interior dos Banhos e tipos de elevadores.

▶ **Ref. Cap. 6.3** - Estudo das diferentes coberturas (entradas luminosas) ao longo da circulação exterior do núcleo secundário: Estereotomia e evolução do programa (infraestrutura).

◀ **Ref. Cap. 6.3.3 / Maq. II. 2.2; fig. 18.6.1 (9)** - Estudo da cobertura (piso térreo à cota do Parque) / Acesso da 'piscina em linha': Forma, estrutura e integração do construído à rocha.

▶ Maq. II. 2.2; fig. 21 - Breves apontamentos de escala: Estereotomia (máx. aproveitamento do corte da pedra *standard*), guarnição de vão/matéria, elevadores e lajes desconstruídas; Referências.

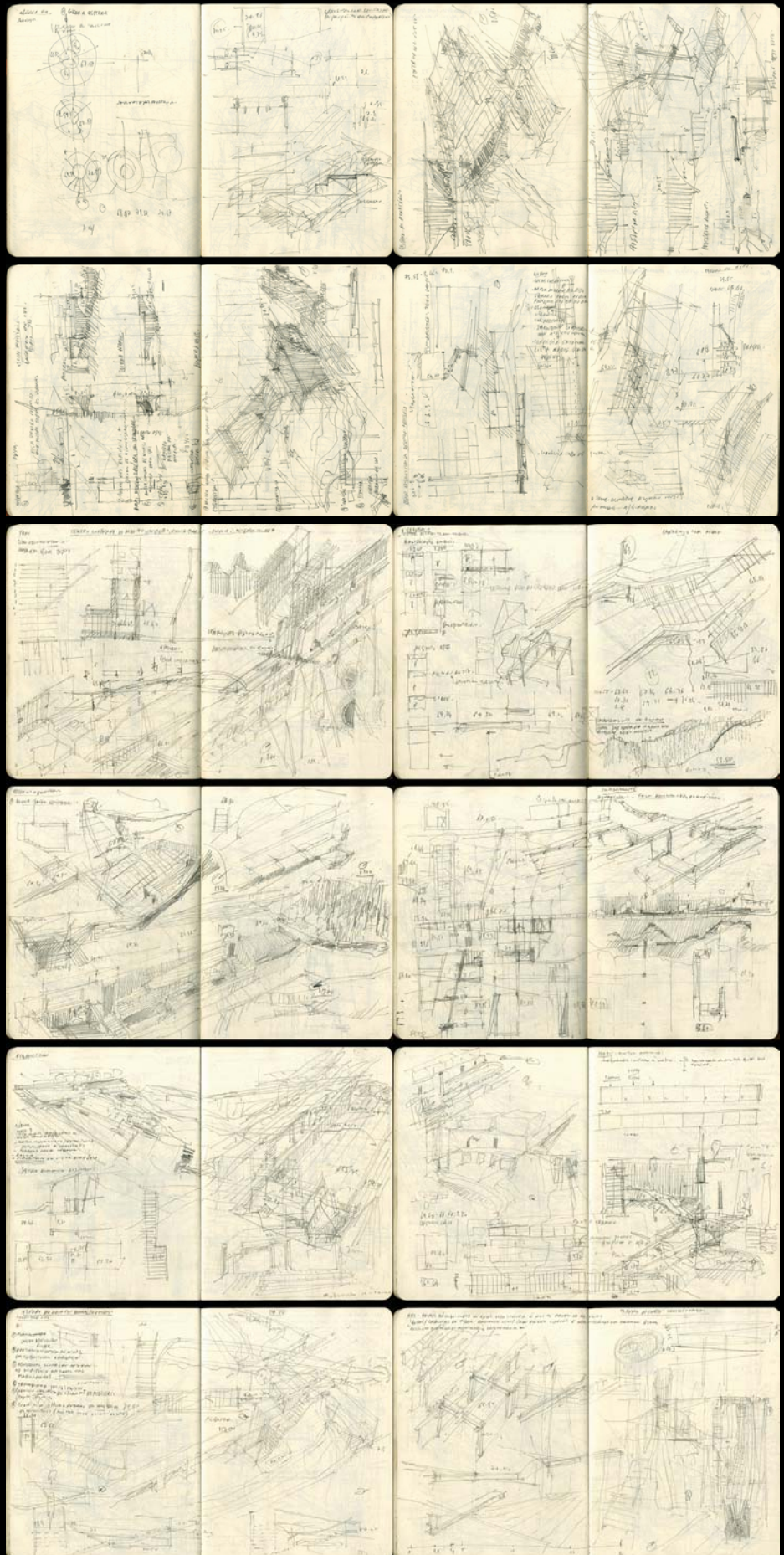
◀ Organização de tarefas.

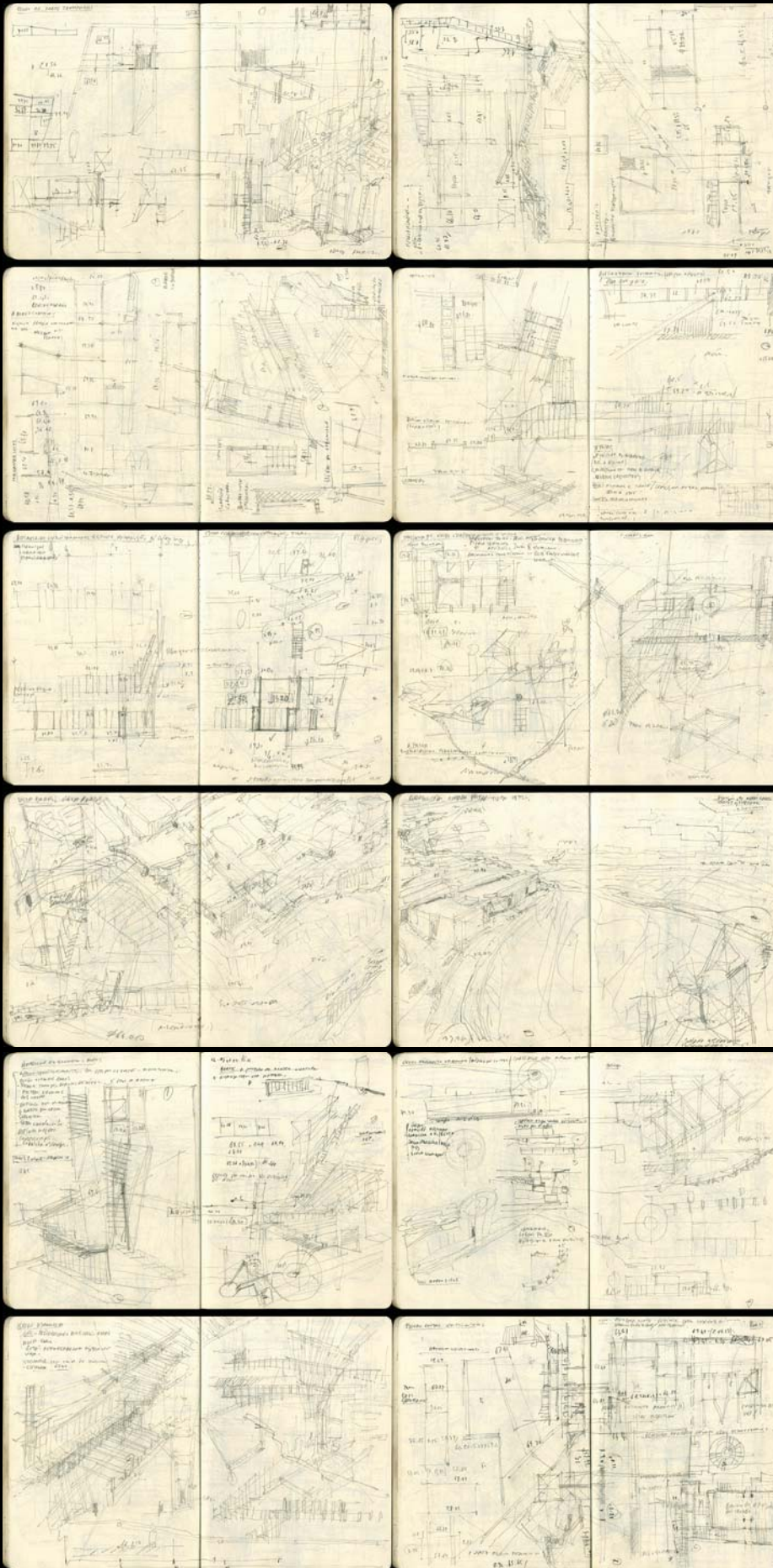
▶ **Ref. Cap. 6.3 e 6.3.2 / Maq. II. 2.2; fig. 18.1 e 18.6.1** - Reestruturação dos painéis; Aprofundamento da circulação no interior dos dois 'silos' (Noroeste e sul (cotas)): Corte e perspectivas.

◀ Maq. II. 2.2; fig. 18.6, 18.6.1 (4), (7) e (8) - Definição dos lances irregulares ao longo do Silo a Noroeste: Cotas de patamares de entrada e saída; Estudo (em corte) do núcleo secundário.

▶ **Ref. Cap. 6.3.3 / Maq. II. 2.2; fig. 18.6.1 (7)** - Estudo do percurso contínuo (*promenade architecturale*) em torno do núcleo secundário (continuidade): Rampa de ligação entre banheiros, tanque exterior e patamar de escadas (lentas) da 'piscina em linha'; Perspectivas e cotas.

- ◀ Definição esquemática dos lances irregulares ao longo do Silo a Sul (continuidade): Cotas dos patamares de descanso e 'vagos' apontamentos da relação com as lajes dos Balcões (auditório) a Oeste.
- ▶ Ref. Cap. 6.3.2 e 6.3.3 / Maq. II. 2.2; fig. 18 e 18.6 - Ideia de elemento portante (encastrado à rocha e ao muro de suporte I.1) a sul de suporte à cobertura do auditório e 'poço' de luz para iluminação dos banhos (tanques) de lazer: Estudo formal do alçado (Norte e Sul), estereotomia e cotas.
- ▶ Breve apontamento para a circulação interna do Auditório (em paralelo com a ideia de elemento portante); Retorno ao estudo da circulação/promenade do núcleo da 'piscina em linha': Lajes, patamares e estereotomia; Referências.
- ▶ Ref. Cap. 6.1, 6.2 e 6.3.3 / Maq. II. 2.2; fig. 18.6.2 - Reformulação dos painéis novos conforme novos elementos do programa; Evolução do estudo das coberturas (núcleo secundário) ao longo da circulação contínua (*promenade architecturale*) pública e do equipamento; Visão geral da transição entre a cota baixa da *promenade* pública (orla superior) e o Parque (inferior); Desfecho do construído sobre a rocha.
- ▶ Ref. Cap. 6.3.2 / Maq. II. 2.2; fig. 18.6.1 (3) - Definição formal e altimétrica do nível inferior do auditório: Vestíbulo (oradores), circulação, porão e sala de ensaio; Estudo dos muros portantes a encastrar na rocha; Perspetiva e plantas.
- ▶ Ref. Cap. 6.3, 6.3.2 e 6.3.3 / Maq. II. 2.2; fig. 17, 18.6 e 18.6.1 (3) - Definição da piscina principal (desportiva): Saída de emergência dos oradores, camarim individual e tetos dos espaços que a envolvem; Estudo geral da circulação vertical à cota da plateia e da piscina de 25 m; Perspetivas, cortes e plantas.
- ▶ Estudo 'vago' dos elementos estruturais e ideia de 'poço' de luz, de apoio à galeria de acesso à recepção.





▼ **Ref. Cap. 5.2.1, 5.3 e 6.3.3 /** Maq. II. 2.2; fig. 18.6.1 (3) e 18.6.2 - Clarificação do conceito de justaposição heterotópica (II Fase do Processo Conceptual): Percepção tridimensional do espaço compreendido entre os balcões (Este), camarim individual, varanda de contemplação e espaço (Oeste) que circunda a piscina principal; Breve apontamento sobre tetos falsos e relação de escala.

► **Ref. Cap. 6.1 e 6.2 /** Maq. II. 2.2; fig. 21, 18.6.1 (9) e 18.6.2 - Ideia 'embrião' para a cobertura/estrutura do recinto da piscina principal (Morfologia II) e estudo de cotas do volume (Oeste) que a circunda (continuidade); Circulação pública enquanto cobertura da 'piscina em linha' e referências.

◄ **Ref. Cap. 3.4.2, 3.5, 6.1, 6.3 e 6.3.1 -** Estudo do estacionamento 'agrafado' ao muro pré-existente II.2: Adaptação dos acessos verticais às habitações unifamiliares sobre ele implantadas, escala e cotas de soleira.

► **Ref. Cap. 3.4.2, 3.5 e 6.3.1 /** Maq. II. 2.2; fig. 18 e 18.6.1 (1) - 'Rasgos' no muro pré-existente II.2: Ligação do estacionamento à cota do miradouro (jardim antigo a Sul).

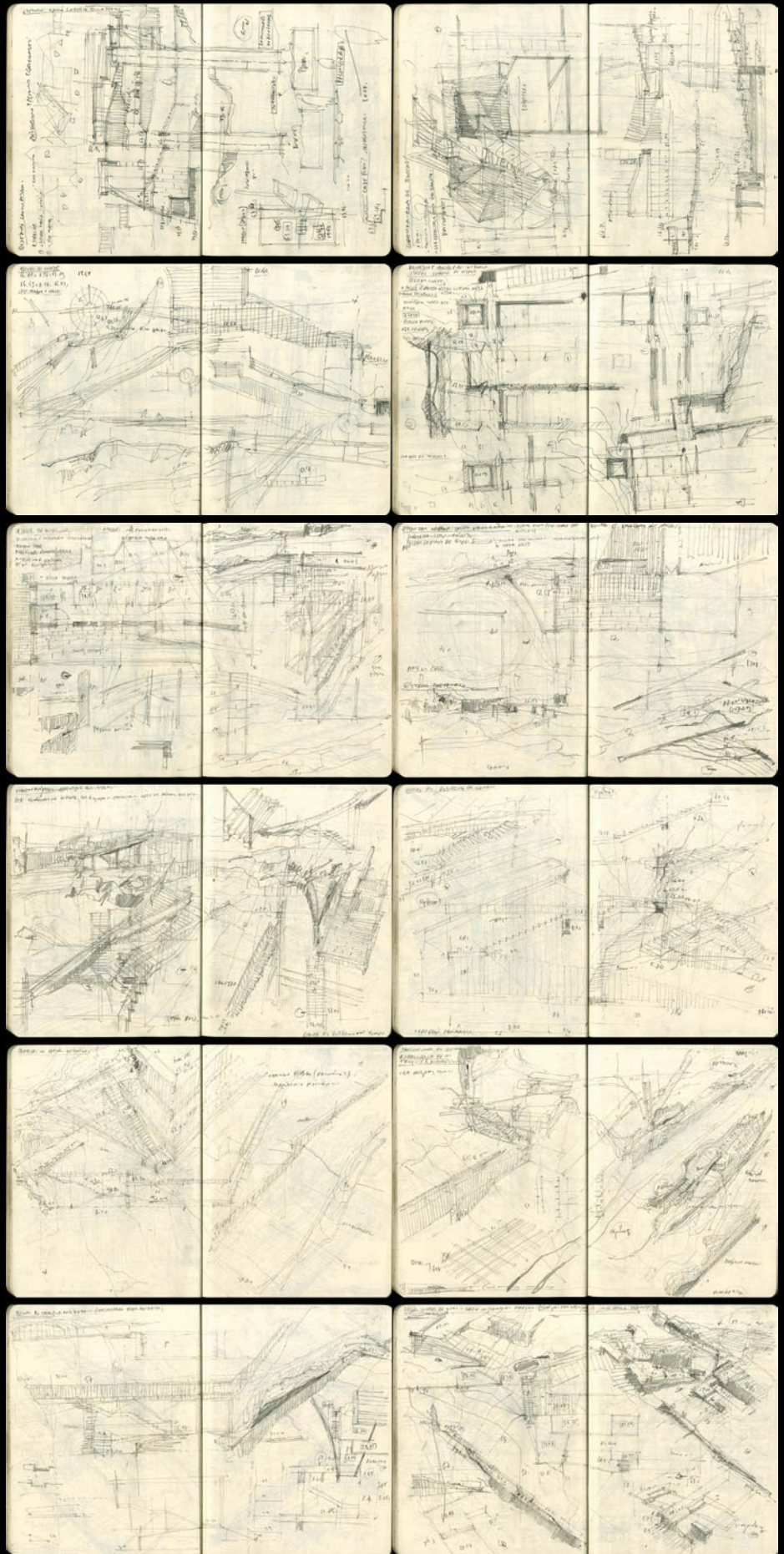
◄ **Ref. Cap. 3.5, 6.1 e 6.3.1 /** Maq. II. 2.2; fig. 18, 18.6.1 (1) - Vista aérea de contexto do muro II.2: Articulação entre a *promenade* pública, miradouro (jardim), habitações unifamiliares e zona de cafetaria (Sul); Perspectiva do pátio e linha esquemática do tipo de passeio pretendido para o percurso urbano.

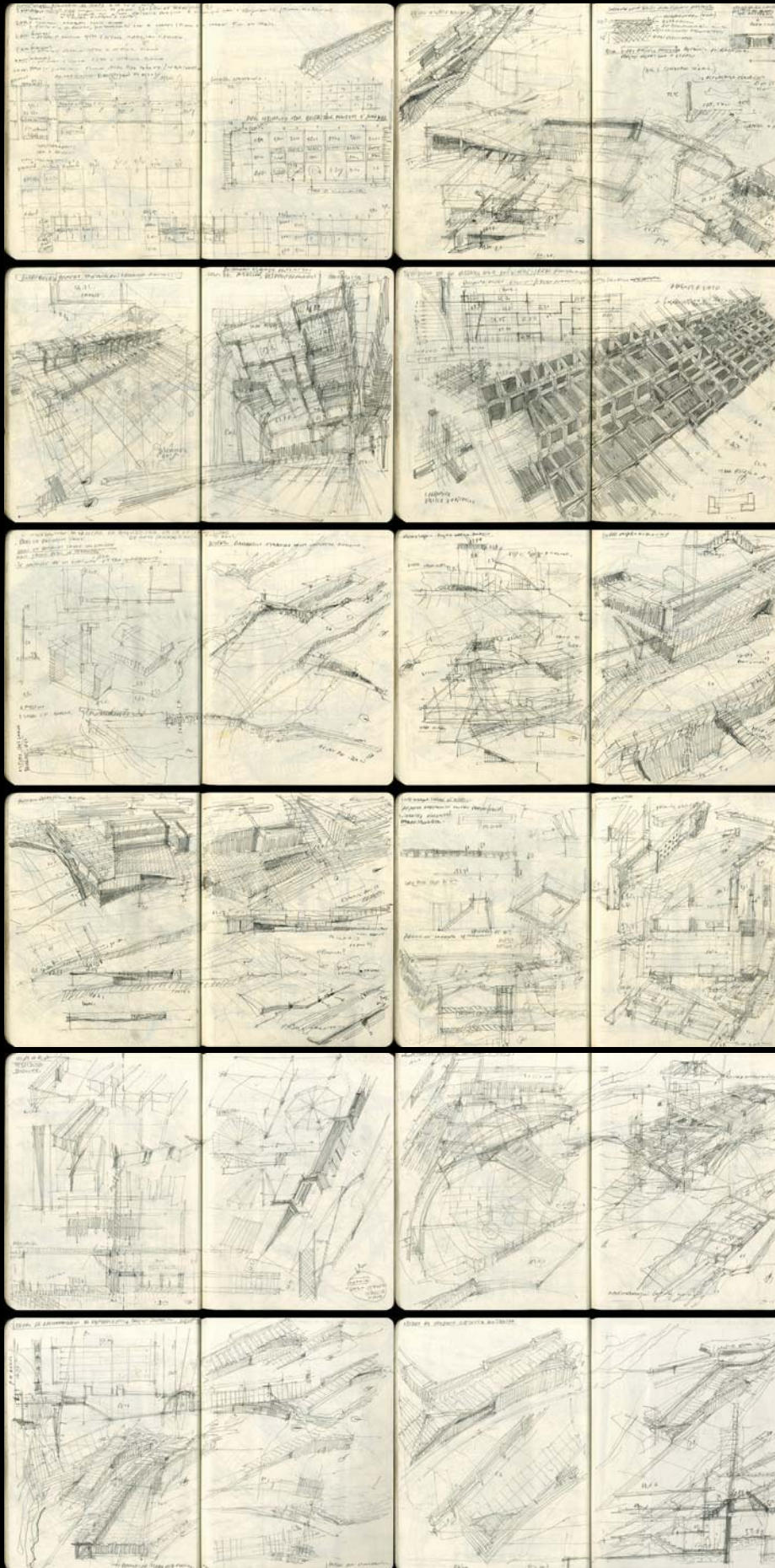
◄ **Ref. Cap. 3.5, 6.3.1 /** Maq. II. 2.2; fig. 18.6.1 (1) - Desenvolvimento esquemático: Surgimento de uma galeria soterrada junto ao muro II.2 e desenvolvimento do 'poço' de luz/espelho de água adjacente; Apontamento sobre as vigas que sustentam a *pom-enade* pública (sobre a galeria).

◄ **Ref. Cap. 5.3 e 6.3.1 -** Perspectiva interna sobre a estrutura da galeria (continuidade): Perfil de corte longitudinal e estereotomia.

► **Ref. Cap. 5.2.1, 5.3, 6.3.2 e 6.3.3 /** Maq. II. 2.2; fig. 18.1 e 18.2 - Justaposição espacial (continuidade) de meios pisos existentes entre a plateia (Auditório) e cota da piscina principal (Banhos).

- ◀ **Ref. Cap. 5.2.1 e 6.3 / Maq. II. 2.2; fig. 18.1 a 18.6** - Obtenção da heterotopia pela Justaposição (conceito) em torno dos dois corpos: Cultural e lúdico-desportivo: Corte longitudinal figurativo (conceito) e referências.
- ▶ **Ref. Cap. 6.3.3 / Maq. II. 2.2; fig. 18.6.1 (9)** - Estudo da cobertura percorrida do núcleo da 'piscina em linha' (continuidade).
- ◀ **Ref. Cap. 5.3 e 6.3.1 / Maq. II. 2.2; fig. 18, 18.6.1 (1)** - Definição urbano da saída (Sul) da galeria soterrada: Rampa contínua 'encastrada' ao muro II.2 e silos; Estereotomia e vista aérea de contextualização do conjunto perante a escapa (Sul).
- ▶ **Ref. Cap. 6.3 e 6.3.3 / Maq. II. 2.2; fig. 18.5, 18.6.1 (4), (7) e (8)** - Especificação dos pisos inferiores ao vestiário e adapção do programa ao limite natural/rocha (onde finda a laje): Elevadores técnicos de acesso condicionado a M.R.; Piso dos balneários fem./ masc. e circulação vertical adjacente.
- ◀ **Ref. Cap. 6.3.3 / Maq. II. 2.2; fig. 18.6.1 (4)** - Vestiário: Métrica/escala das cabines, abertura de vãos na fachada, surgimento de uma zona exterior de contemplação sobre o parque e estereotomia de pavimento (ext./int.); Axonometria parcial do 'motor de circulação' junto à rocha.
- ▲ **Ref. Cap. 1.3, 6.3, 6.3.2 e 6.3.3 / Maq. II. 2.2; fig. 18, 18.1 e 18.6.1 (5)** - Evolução do programa do auditório: surgimento de zonas de fumador e contemplação destinadas aos oradores e espetadores; ideia de limie artificial (muro) sobre o Parque; Axonometria da articulação entre saída de emergência (sul do auditório) e Parque.
- ▼▲ **Ref. Cap. 6.3.3 / Maq. II. 2.2; fig. 18.1 e 18.6.1 (5)** - Estudo (aprofundado) sobre a articulação das cotas compreendidas entre os terraços do auditório e a cota do Parque; Ideia de agregação do miradouro, i.é, cobertura em simbiose com a rocha (limite onde finda a rocha).
- ▼▶ **Ref. Cap. 5.2.1 e 5.3 / Maq. II. 2.2; fig. 18.1 e 18.6.1 (5); Maq. II. 2.3; fig. 17** - Evolução dos terraços sucessivos e limite artificial à cota do Parque Urbano / conceito de reflexo (etapa inicial desta fase); definição da cobertura do corpo principal.





◀ Reestruturação dos painéis conforme novos elementos.

▶ **Ref. Cap. 6.2 e 6.3.3 / Maq. II. 2.2; fig. 17.2.1, 17.2.2 e 18** - Surgimento da cobertura da piscina principal e ideia de sólidos extrudidos (análogo às referências naturais e arquitetônicas) e surgimento de cobertura percorrível: miradouro público.

◀ **Ref. Cap. 5.1.2.1, 5.2.1, 5.3, 6.2 / Maq. II. 2.2; fig. 17, 18.6.2, 19 e 20; Maq. II. 2.3; fig. 16 a 19** - Transposição de características do I para o II *topos* (heterotopia / conceito): Perspectiva da estrutura da cobertura (métrica, cotas, referências) dos tetos da piscina de 25 m.

▶ **Ref. Cap. 6.2 / Maq. II. 2.2; fig. 18 a 20** - Evolução da cobertura sobre o Parque Urbano: Visão de contextualização do miradouro e estudo do acesso de articulação entre Auditório e Parque (continuidade); Paralelismo com a linha de água (à superfície) e estereotomia de pavimento público; Detalhes 'momentâneos'.

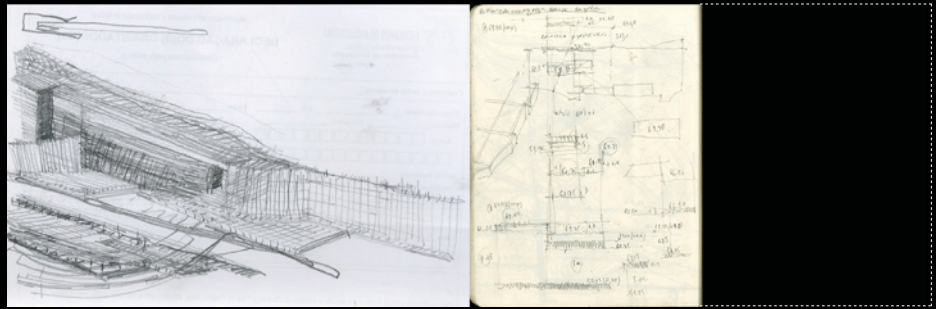
▶ **Ref. Cap. 6.3 / Maq. II. 2.2; fig. 11, 17 18 e 18.4** - Desenvolvimento do programa e Banhos: Surgimento de volumes adjacentes e detalhes 'momentâneos' sobre a integração do muro de suporte (pré-existente) I.1.

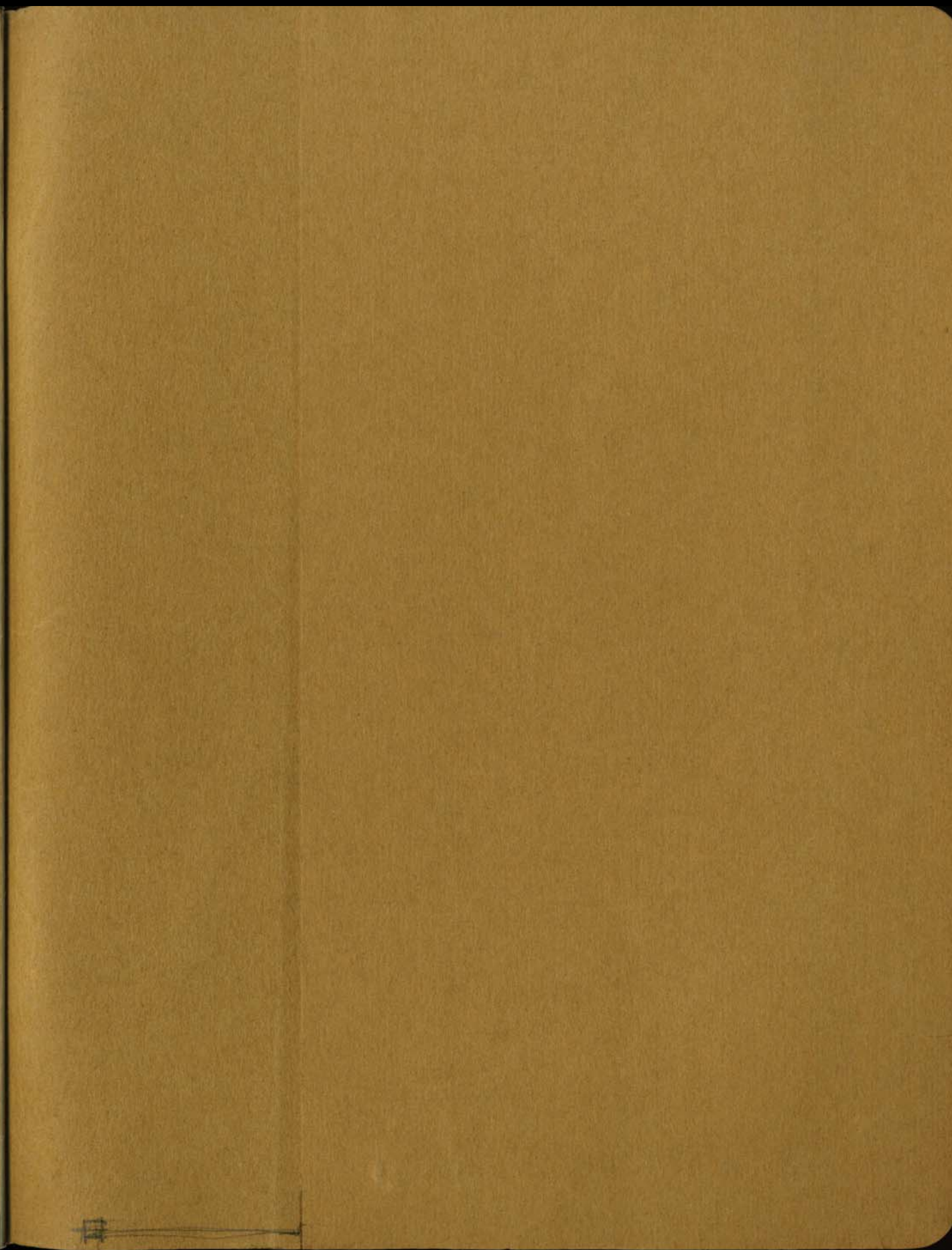
◀ Evolução e detalhes 'momentâneos' do corpo que circunscreve a Oeste, a piscina principal.

▶ Outra proposta para a cobertura da piscina principal: Em fluidez (movimento/conceito) com o Parque renaturalizado.

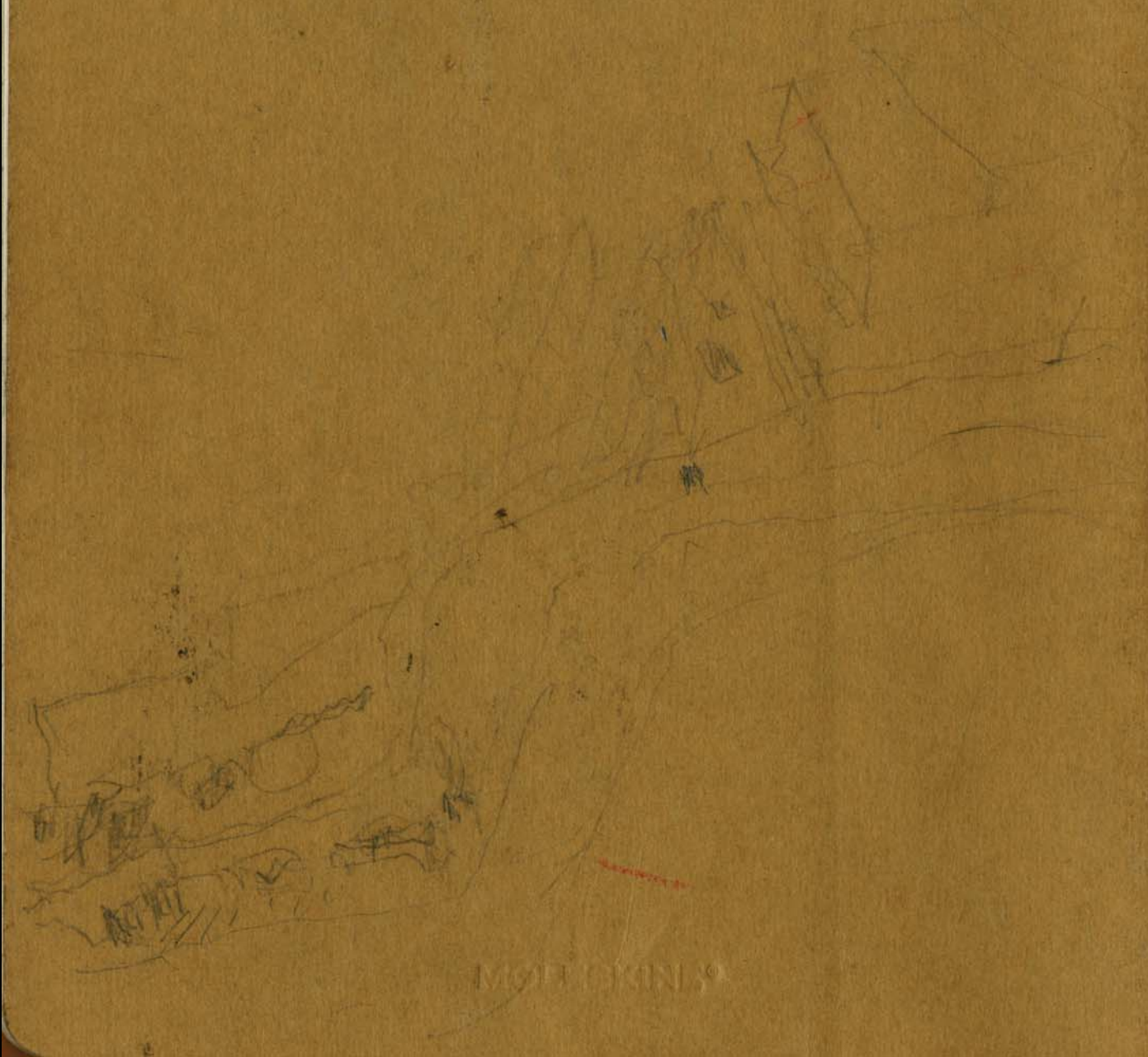
◀ **Ref. Cap. 6.1 e 6.2 / Maq. II. 2.2; fig. 18 e 18.6.1 (9) e 21** - Ideia de embasamento público percorrível (rampa / escadas lentas) ao longo do corpo da 'piscina em linha' e principal como limite artificial sobre o Parque; Apontamento (em corte) sobre o resultado do processo no espaço interno do equipamento.

- **Ref. Cap. 6.1** / Maq. II. 2.2; fig. 17.2.1, 17.2.2 e 18; Maq. II. 2.3; fig. 19 - Desenho *'naif'* do embasamento percorível através de patamares (conceito / referência / volumes extrudidos) e estudo de cotas da cobertura adjacente.





DEPARTMENT OF THE INTERIOR



III. 1.1.6 - Caderno IV

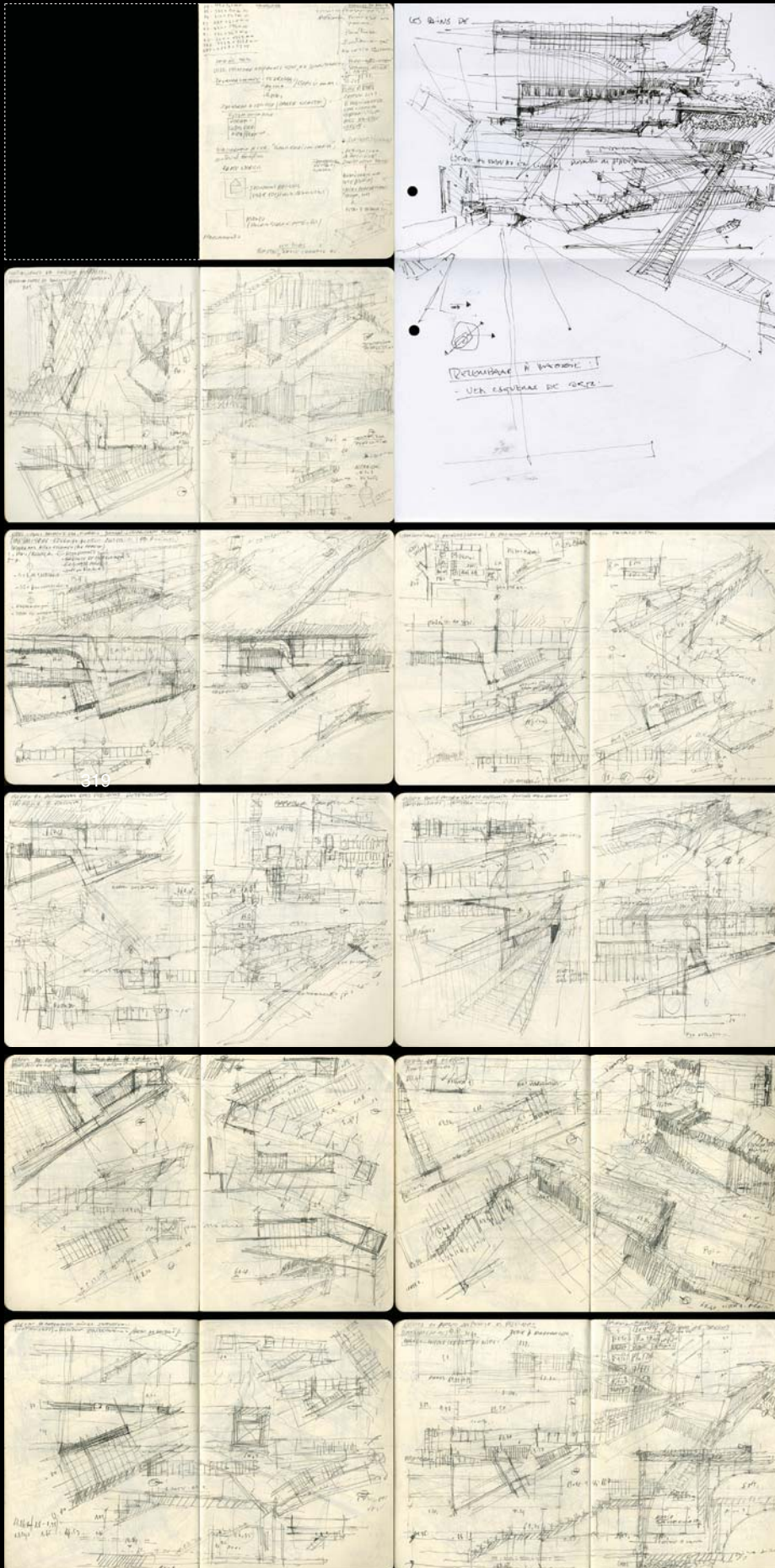
Esquissos de permanência ≠ Esquissos de viagem II

Nota – Nome do diário gráfico conforme ‘capa de origem’.
Grafite sobre papel. **Caderno gráfico tipo: *Moleskine* liso (21x13 cm).**

- **Cad. 6 / Cap. 6; ref. 4.2, 4.2.1, 4.2.2, 4.3, 6.2, 6.3, 6.3.2 e 6.3.3 / Ref. maq. II 2.2; fig. 17, 18, 18.3 a 18.6, 18.6.1 (2, 4, 7 e 9) e 18.6.2** – II Fase de projeto (continuidade): Estudo aprofundado dos meios pisos e aesso adjacentes e articulação com o programa (nesta etapa, em constante metamorfose); Estudo de detalhes e referências adjacentes.

- TERESA.

933 1951291



► **Ref. Cap. 6.3 e 6.3.3 / Maq. II. 2.2; fig. 18.5, 18.6 e 18.6.1 (9)** - Esboço resultante de troca de ideias sobre o núcleo da 'piscina em linha': 'Aceleração' perspectiva potenciada pela cobertura percorrível (inclinada); Recinto semi-soterrado alçado (int. e ext.) e contextualização com a envolvente.

▼ **Ref. Cap. 6.2 e 6.3.3 / Maq. II. 2.2; fig. 18.6.1 (4, 7 e 9)** - Corpo secundário (Desenvolvimento): Estudo do meio piso, acesso vertical de articulação entre o vestiário e o nicho de contemplação, ora sobre o piso à cota do Parque, ora sobre o recinto do Tanque exterior e muro em *trompe-l'oeil*; Axonometria de contextualização: Relação da cobertura semi e pública percorrível; Diagrama programático (evolutivo).

► **Ref. Cap. 4.2, 4.2.1, 4.2.2, 4.3, 6.3 e 6.3.3 / Maq. II. 2.2; fig. 18.6.1 (7)** - Clarificação do acesso com desfecho na cota 63.14 e articulação com o 'motor de circulação'; Definição (inicial) dos balneários masc. em paralelo com o estudo formal do alçado principal (Este); Referência e programa (em metamorfose).

► **Ref. Cap. 6.3.3 / Maq. II. 2.2; fig. 18.6 e 18.6.1 (4 e 7)** - Surgimento da I.S. fem., acesso condicionado à M.R. / de apoio aos serviços (de união com o apoditério), vestiário e triplo pé direito sobre o espaço onde finda o percurso contínuo interno (*promenade*); Perspectiva do muro enviesado (motor de circulação) e estrutura portante.

▼ Programa (em evolução): Definição de um acesso (extremo Norte) condicionado a M.R. em continuidade com a rampa (*promenade*) e estudo de pés direitos (aprofundamento).

► **Ref. Cap. 6.3 e 6.3.3 / Maq. II. 2.2; fig. 18.6.1 (7), 18.6.2** - Definição de meios pisos articulados à cota 63.14 (continuidade); Pormenorização de tetos falsos e ideia de entrada de luz (cobertura); Reestruturação dos painéis conforme evolução programática.

► **Ref. Cap. 4.2.2 e 6.3.3 / Maq. II. 2.2; fig. 18.6 e 18.6.1 (4 e 9) -** Correção de cotas do acesso em *trompe-l'oeil* e desenvolvimento de outro subsequente (motor de circulação); Ideia formal de continuidade do percurso rampiado e toque com a rocha; Possível entrada para a sala das máquinas e referências.

► **Ref. Cap. 6.3 e 6.3.3 / Maq. II. 2.2; fig. 18.6.1 (7) -** Evolução dos balneários masc. e estudo da percurso rampeado enquanto elemento de ligação entre núcleos (secundário / piscina em linha); Trajecto regular ou sinuoso; Axonometria do conjunto.

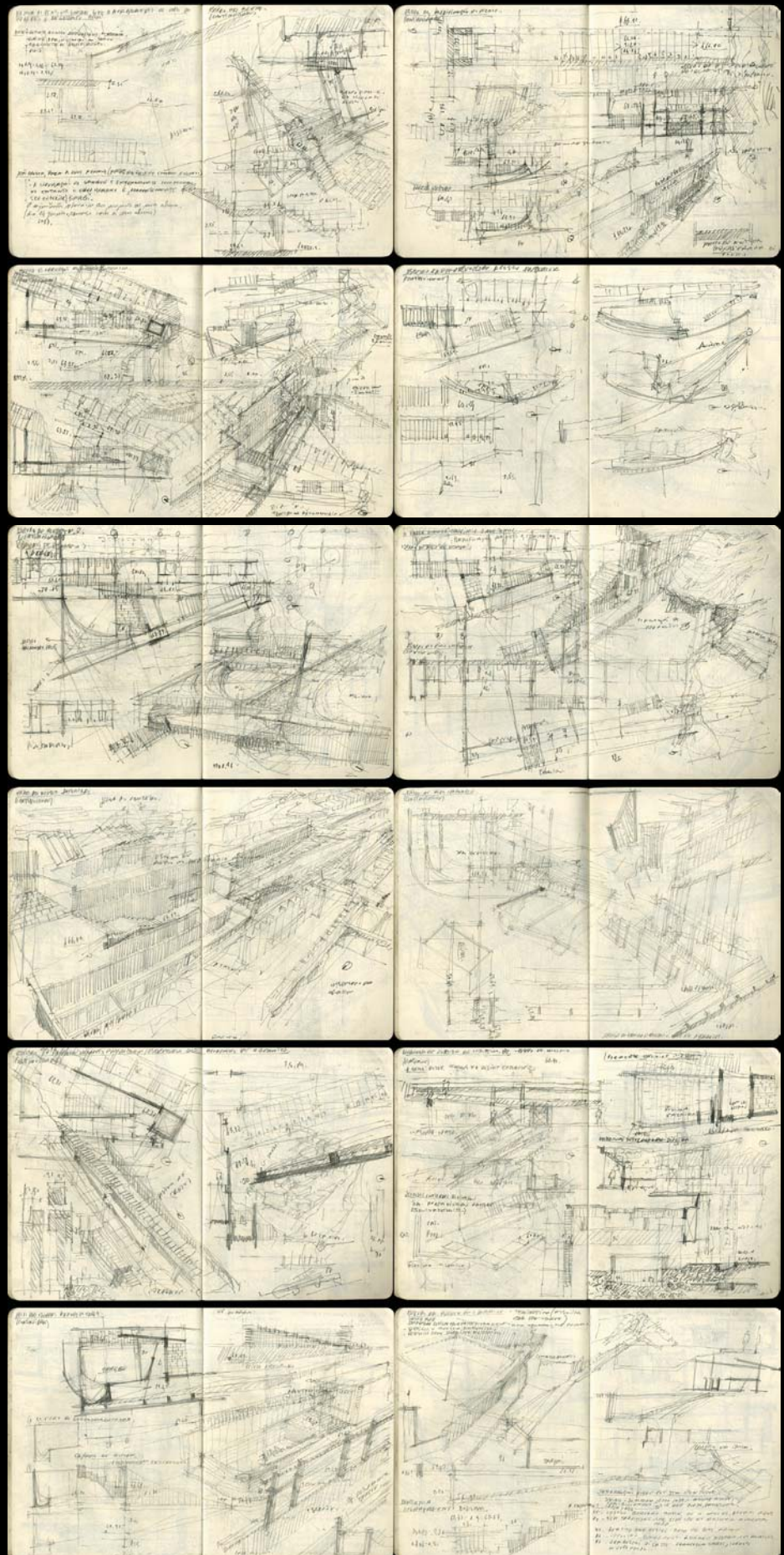
◀ **Ref. Cap. 6.3 e 6.3.3 / Maq. II. 2.2; fig. 18.4 -** Clarificação dos meios pisos associado à cota 63.14: Introdução do recinto exterior com aparecimento de um tanque (fase 'ambrião') e nicho de contemplação I.S. fem., balneários masc., triplo pé direito e rampa regular; Métrica estrutural.

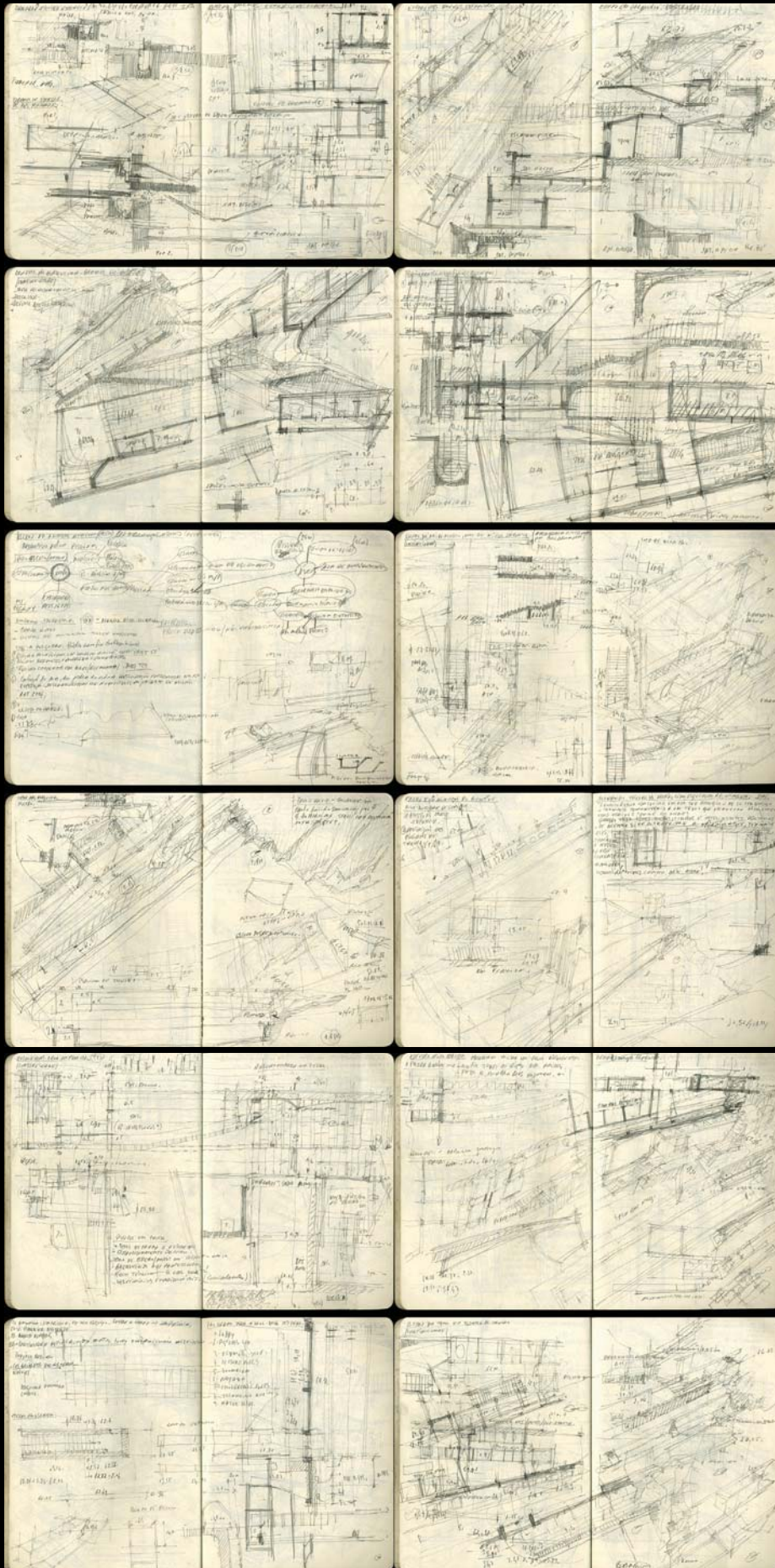
► Axonometria de compreensão para uma possível entrada de luz no patamar inicial da rampa associada à silueta da rocha e ao acesso vertical público.

► **Ref. Cap. 6.3.3 / Maq. II. 2.2; fig. 18.5 e 18.6.1 (7) -** Visão geral do percurso pretendido e dos espaços a ele interligados; Estudo de fortificação do muro tangente ao núcleo da 'piscina em linha' (aprofundamento).

► **Maq. II. 2.2; fig. 18.6.1 (7) -** Consolidação / evolução do muro tangente: Tipo de fundação necessária e estudo (detalhes 'vagos') para o assentamento da cobertura inclinada; Desenvolvimento do recinto do banho exterior, nichos e visão do conjunto.

► Breve esboço sobre a relação da rampa com o tanque exterior e cobertura inclinada; referência.





► **Ref. Cap. 6.3.3 / Maq. II. 2.2; fig. 18.4** - Visão geral da passagem para o recinto exterior enquanto 'muro habitado': Definição de zonas de duche, pés molhados e entrada de luz zenital pela cobertura inclinada; Breve apontamento sobre o prolongamento do percurso rampeado (desenvolvimento); Detalhes/pormenores: Dreno ou possível *overflow*, pedra de remate e estereotomia.

► **Ref. Cap. 6.3 / Maq. II. 2.2; fig. 18.6** - Definição da cota inferior / Programa (evolutivo): Zona das máquinas e entrada (sob o acesso do 'motor de circulação'), vestiários e cacifos (serviço), balneários fem. e ligação à cota da 'piscina em linha'; Estereotomia 'vaga' e prolongamento do muro de suporte.

► Diagrama de readaptação do programa.

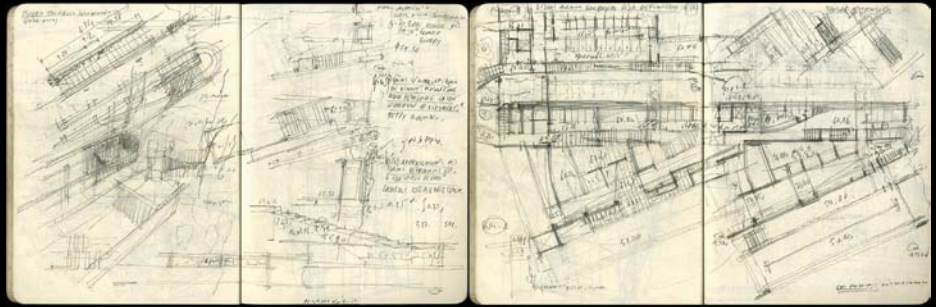
► **Ref. Cap. 6.3.3 / Maq. II. 2.2; fig. 18.6 e 18.6.1 (7 e 8)** - Entrada de serviço para a sala das máquinas; Acesso 'oculto' sob o lance de escadas presente no 'motor de circulação'; Possível nicho de repouso e respetivo tetos falsos; Estudo formal para a entrada de luz zenital (duche de apoio ao recinto exterior).

▼ **Maq. II. 2.2; fig. 18.6 e 18.6.1 (7)** - Estudo da *promenade* interior (desenvolvimento): Percurso ao longo do núcleo da 'piscina em linha' e definição formal do muro sinuoso (noção de infinito) onde finda a rampa.

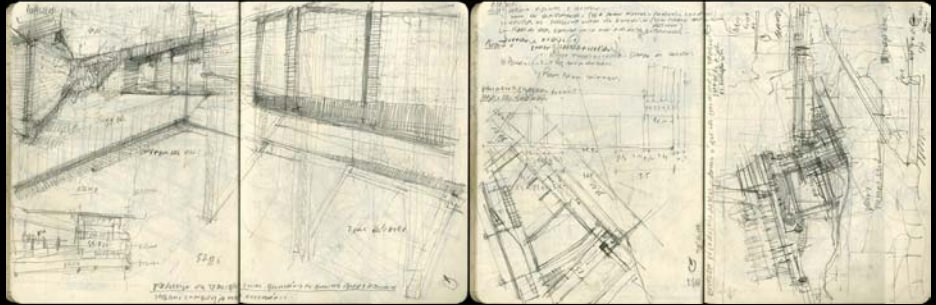
▼ **Ref. Cap. 6.3 e 6.3.3 / Maq. II. 2.2; fig. 18.4 a 18.6** - Estudo evolutivo da sequência: Acesso vertical condicionado (sul) / zona de cacifos (serviço) / vestiário (serviço) / Hall / sala das máquinas / balneários fem. / hall / entrada para a 'piscina em linha'; Axonometria sobre o possível sistema de vistas e pormenorização (superficial) do muro de suporte e estereotomia.

▼ **Maq. II. 2.2; fig. 18.6** - Detalhes 'vagos': Acesso sobre a entrada da sala das máquinas, corrimão de entrada para a piscina e abertura de vãos no muro; Visão geral do muro de suporte e toque no limite natural (rocha) e estudo ('ambrão') das bancadas (cota superior).

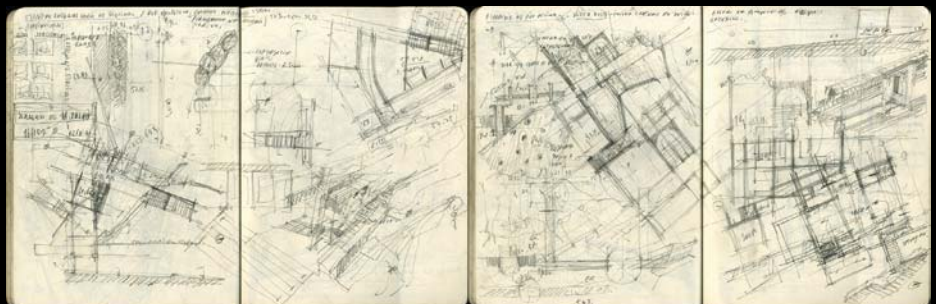
- ◀ Listagem figurativa e parcial dos acessos definidos no núcleo secundário e referências.
- ▶ **Ref. Cap. 4.2, 4.2.2 e 6.3.3 /** Maq. II. 2.2; fig. 18 e 18.4 a 18.6 - Vista geral do núcleo secundário (pisos e meios pisos) e evolução das plantas; Perspetiva ascendente (par Norte) sobre a *promenade* interior: Muro de suporte, vãos e bancada longitudinal; Referências.



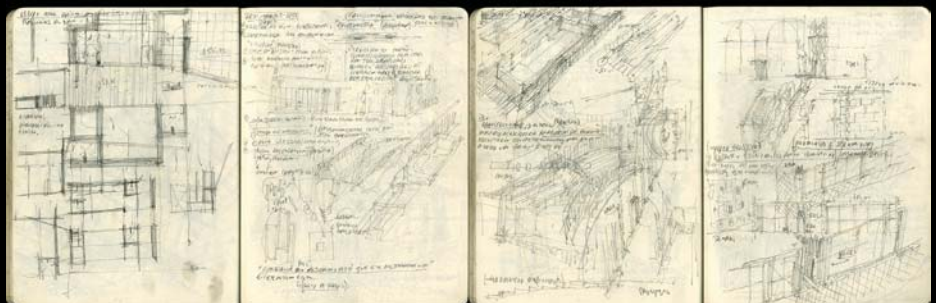
- ▶ Maq. II. 2.2; fig. 18 - Visão geral do equipamento no contexto do Parque e breve diagrama.
- ◀ **Ref. Cap. 6.3 e 6.3.3 /** Maq. II. 2.2; fig. 17, 18.6 e 18.6.1 (7) - Reestruturação dos painéis; Ligação da *promenade* em torno do núcleo secundário de encontro principal; Fase inicial do desenvolvimento do recinto da piscina de 25 m; Sistema de vistas e perspetivas gerais dos espaços definidos até então.



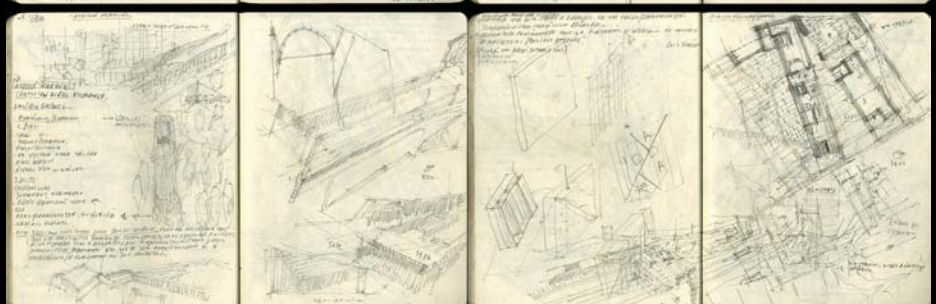
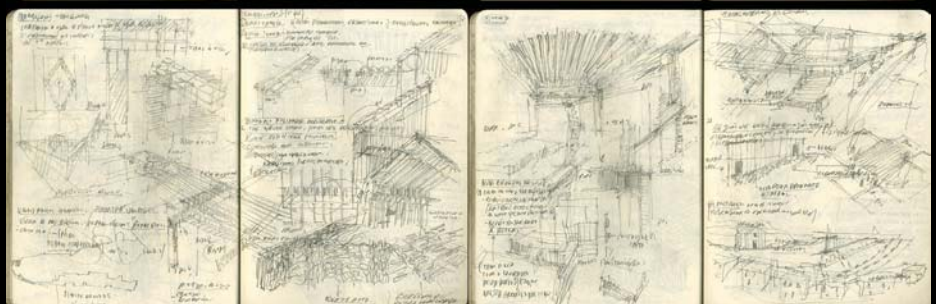
- ▶ **Ref. Cap. 4.2 e 6.3.3 -** Estudo do Hall tangente aos acessos verticais (sul) e pátio; Detalhes 'vagos' do pátio: Porta de saída, entrada de luz zenital controlada (referência *hammam* e toque com a rocha).

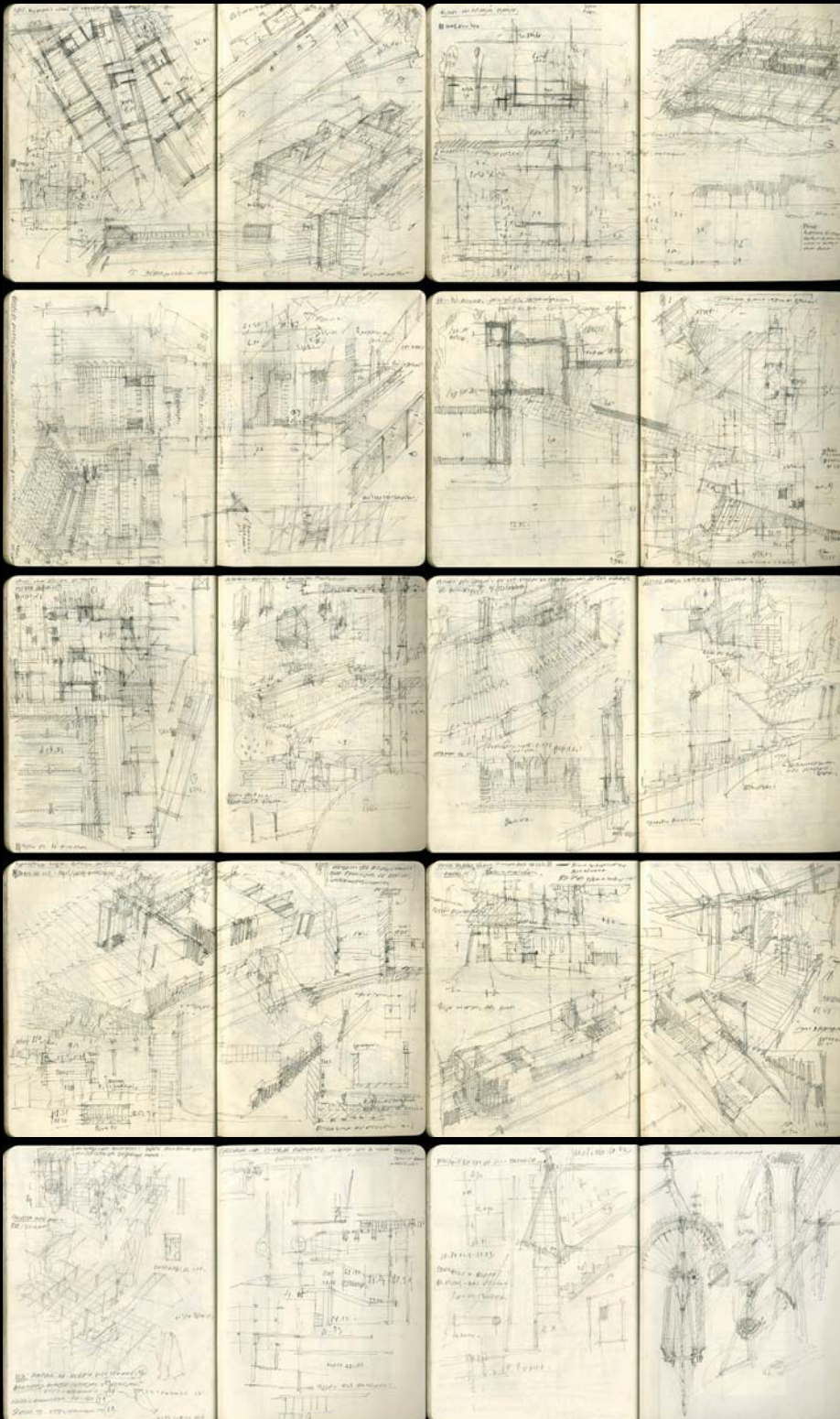


- ▶ Referências: Programáticas, formais, estruturais e de matéria / estereotomia.



- ▶ **Ref. Cap. 6.3 -** Esquícios 'montâneos': Tipo de cofragem dos muros; Definição da zona de transição entre núcleo secundário e principal (continuidade); Sauna(s), banhos turco(s) e pátio; Ideia de muro 'opaco ou habitado' (continuidade); Introdução de duches; Visão geral da volumetria e escala da piscina principal.





▶ **Ref. Cap. 6.3.2 e 6.3.3 / Maq. II. 2.2; fig. 18, 18.1 a 18.3 e 18.6.1 (2)** - Resultado do processo de aglomeração por justaposição heterotópica: Exploração das 'colunas luminosa' (entrada de luz zenital) que penetram os diferentes pisos e meios pisos; Auditório: Axonometria e planta da possível localização das colunas, nos pisos e meios pisos, conforme acústica e lugares da plateia; Breve esboços da 'pele' e sistema de revestimento da fachada.

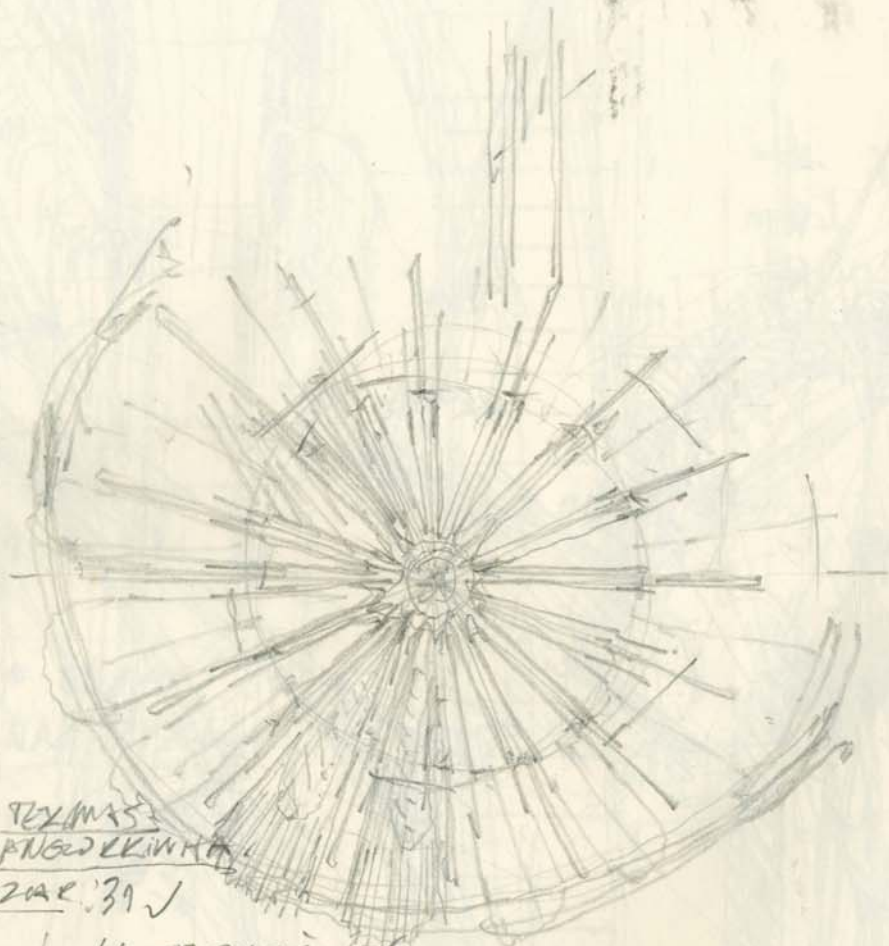
▶ Definição espacial à cota da piscina principal (volume circundante): Duches, enfermaria e sala de massagens; Justaposição de desenho para compreensão da localização das 'colunas luminosas' (Oeste); Axonometria, detalhes 'vagos' do conjunto e estudo de tetos falsos (zonas técnicas).

▶ **Ref. Cap. 6.3, 6.3.2 e 6.3.3 / Maq. II. 2.2; fig. 18.6** - Volume circunscrito à piscina desportiva: Estudo volumétrico em paralelo com as 'colunas de luz' (Este) e desenvolvimento do programa em planta: Tanque 1, entrada direta e indireta ao recinto, sala de massagens e duche (Oeste) em paralelo com a axonometria do Auditório (evolução).

▶ Esboços resultantes da troca de ideias: Estrutura geral do corpo principal e espelho de água / entrada de luz da recepção e corredor lateral de acesso ao centro da plateia.

▶ Esboço 'momentâneo' do acesso sob os balcões a Oeste do Auditório; Quadro de bicicleta (pista) adaptado à cidade, em aço tipo: *Columbus*.

▶ Raios (bicicleta); Breves eferências de projeto: Livros, filmes e conceito.



A VOIÇA DAS TERMAS
DE JORGE MANOEL KINHA
- 19. A SCLERIZAR 39 ✓

49 - OS CHEIOS ✓

51 - PAISAGENS SOMBRIAS ✓

57 - O EXERCÍCIO DAS PÉAS - (JUSTIFICA A PARTE DESTRUCTIVA
DIABOLICA) ✓

131 - ANTÍPODAS - II ✓

NOTA: EXISTEM EXEMPLOS DE MUITAS TERMAS (NAS PÁGINAS NÃO
MENCIONADAS) ESTRANGEIRAS.

135 - OS PÍCEIS DAS TERMAS ✓

155 - CUMAR, REABICITAR, PREVENIR ✓

MIT. EXEMPLOS PORTUGUESE

AMB - 265 -

VER TAMBÉM MANOEL KINHA, JORGE "TERMAVISMO NA VISÃO RIBEIRINHA.
Século XVIII-XX"



III. 1.1.7 - *Carnet de la Recherche Patiente I* Esquissos de permanência ≠ Esquissos de viagem

Nota – Nome do diário gráfico conforme ‘capa de origem’.
Grafite sobre papel. **Caderno gráfico tipo: *Moleskine* liso (21x13 cm).**

- **Cad. 7 / Cap. 1 a 6; ref. 1.3, 2.2.1.1.1, 2.3, 2.3.1, 2.3.1.1, 2.3.4 e 2.3.5, 3.4, 3.4.1, 3.4.2 e 3.5, 4.2.2.1.2, 5.1.2, 5.1.2.1, 5.2 e 5.3 / Ref. maq. II 2.2; fig. 14, 17, 18.6, 18.6.1 (1 e 5), 18.6.2, 19 e 20; maq. II 2.3; fig. 1 à 7, 7.1 à 7.6, 8 à 13, 10, 16 à 19 e 21 (1 e 2) – Fase analítica (mais aprofundada) para consolidação da área envolvente ao topo do vale: definição da estereotomia de pavimento público e semi-público, assim como a consolidação da R. do Cruzeiro (Largo e 'Nova' Ponte); Levantamento aprofundado (com apoio na documentação histórica) das pré-existências relevantes para o projeto de II fase e estudo de detalhes construtivos; Consolidação urbana no 'limite' e articulação com os 'resquícios históricos' (continuidade); Reestruturação dos painéis.**

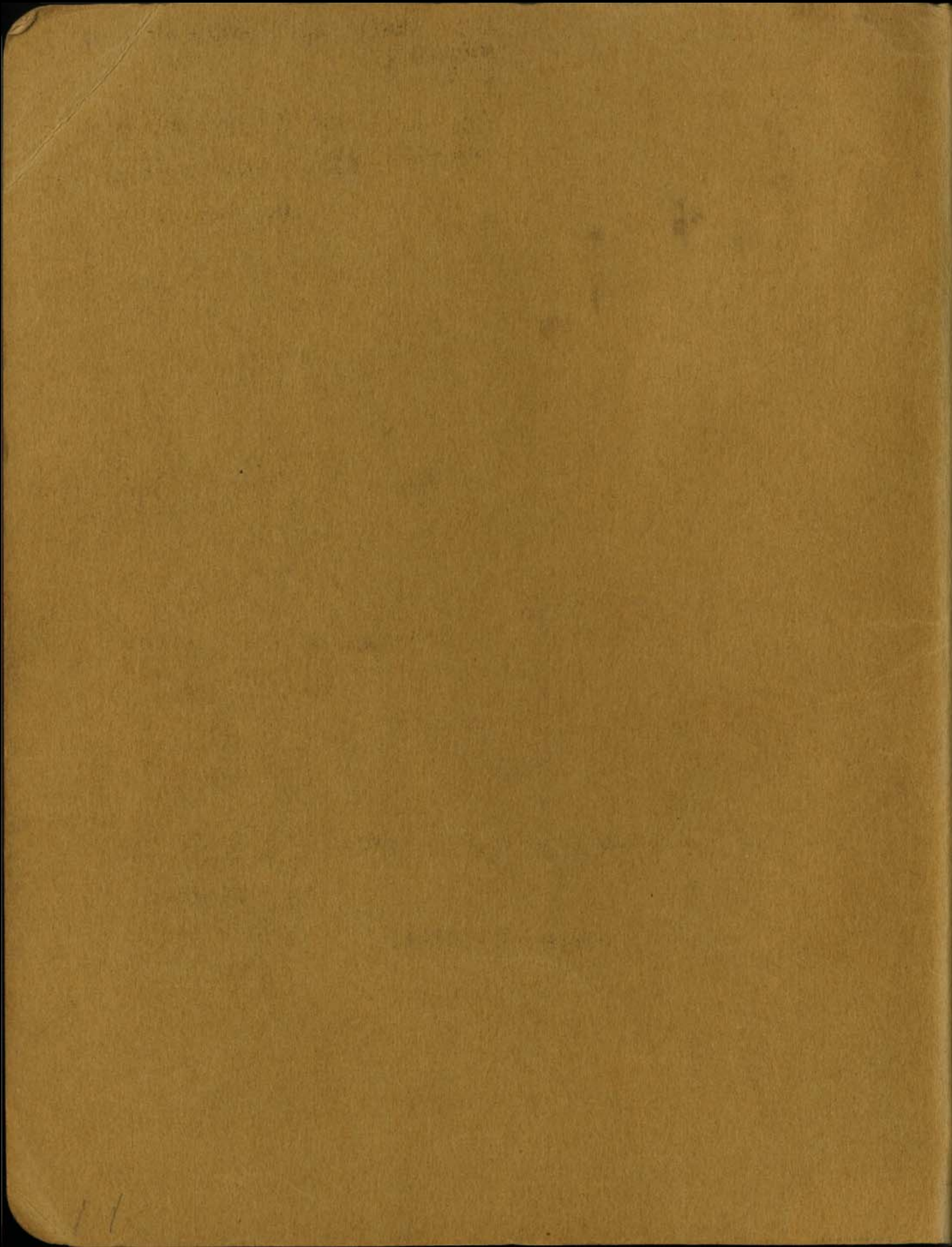
LETTER TEST 257
MINIATURE
10/10/13

EXQUIS DE PERMANENT NOIR

EXQUIS DE VIOLETTE

EXQUIS DE ROSE

CARRET DE LA ROSE
PILANTE I



▶ Listagem de referências, palavras-chave e conceito(s).

▶ **Ref. Cap. 5, 5.3 e 6.2 / Maq. II. 2.2; fig. 18.6.1 (5) e 18.6.2** - Fase inicial do desenvolvimento das coberturas dos Banhos (corpo principal)/transposição do *topo* I para o II (conceito): Exploração do construído (pré-existente) 'espelhado' no espaço interno; Possíveis módulos estruturais de corte 'em grelha' do negativo das coberturas de *topo* I; Esquícios/planificação (superficial) dos tetos da piscina principal.

▶ **Ref. Cap. 4.2.2.1.2, 5.3, 6.2 / Maq. II. 2.2; fig. 18.6** - Volume de circunscrição da piscina desportiva: Estudo do meio piso (fase inicial); Cortes e recortes/silhueta do volume geral (piso assimétrico) tendo em consideração as 'colunas luminosas'; Referências.

▶ **Ref. Cap. 5, 5.3 e 6.2 / Maq. II. 2.2; fig. 19 e 20; Maq. II. 2.3; fig. 17 a 19** - Estudo da métrica estrutural (grelha de extrusão); Perspetiva geral *naïf* do conceito heterotópico aplicado à cobertura e ao volume de extrusão no contexto do Parque Natural; Referências e palavras-chave.

▶ **Reestruturação dos painéis conforme novos resultados da cobertura, embasamento e circulação.**

Maq. II. 2.2; fig. 18 e 18.6 - Ideia de embasamento público percorível sobre o Parque (continuidade) em paralelo com referências: Planta, alçado; Perspetiva de contexto (antecedente): Módulos da cobertura da piscina principal e embasamento.

- ▼ **Ref. Cap. 6.2 / Maq. II. 2.2; fig. 18.6, 19 e 20; Maq. II. 2.3; fig. 17** - Desenho 'vago' da grelha estrutural para o recinto principal dos Banhos (evolução): Retificação das vigas.

- ◀ **Ref. Cap. 6.2 / Maq. II. 2.2; fig. 17** - Métrica (base) da estrutura do recinto, sem extusão das partes.

- ▶ **Ref. Cap. 5.1.2 e 5.1.2.1 / Maq. II. 2.3; fig. 8 a 13** - Tentativa de transposição do conceito heterotópico e surgimento contínuo ao longo de todo o processo: Processo (desenho/maquete) num texto síntese como tentativa de tornar legível o conceito abstrato; Referências e palavras-chave.

- ◀ **Ref. Cap. 2.3, 2.3.1 e 2.3.5 e 5.3 / Maq. II. 2.2; fig. 14; Maq. II. 2.3; fig. 1 e 7** - Transposição do *topos* I para II: *Topos* de I fase indefinido e espaço não consolidado (consequência); Nova intervenção (resolução) a Norte do Parque; Ideia/conceito de consolidação da R. do Cruzeiro e restituição dos marcos temporais desvanecidos, *in situ*, relevantes à renaturalização do Vale; Ideia de Largo/Ponte 'Nova'.

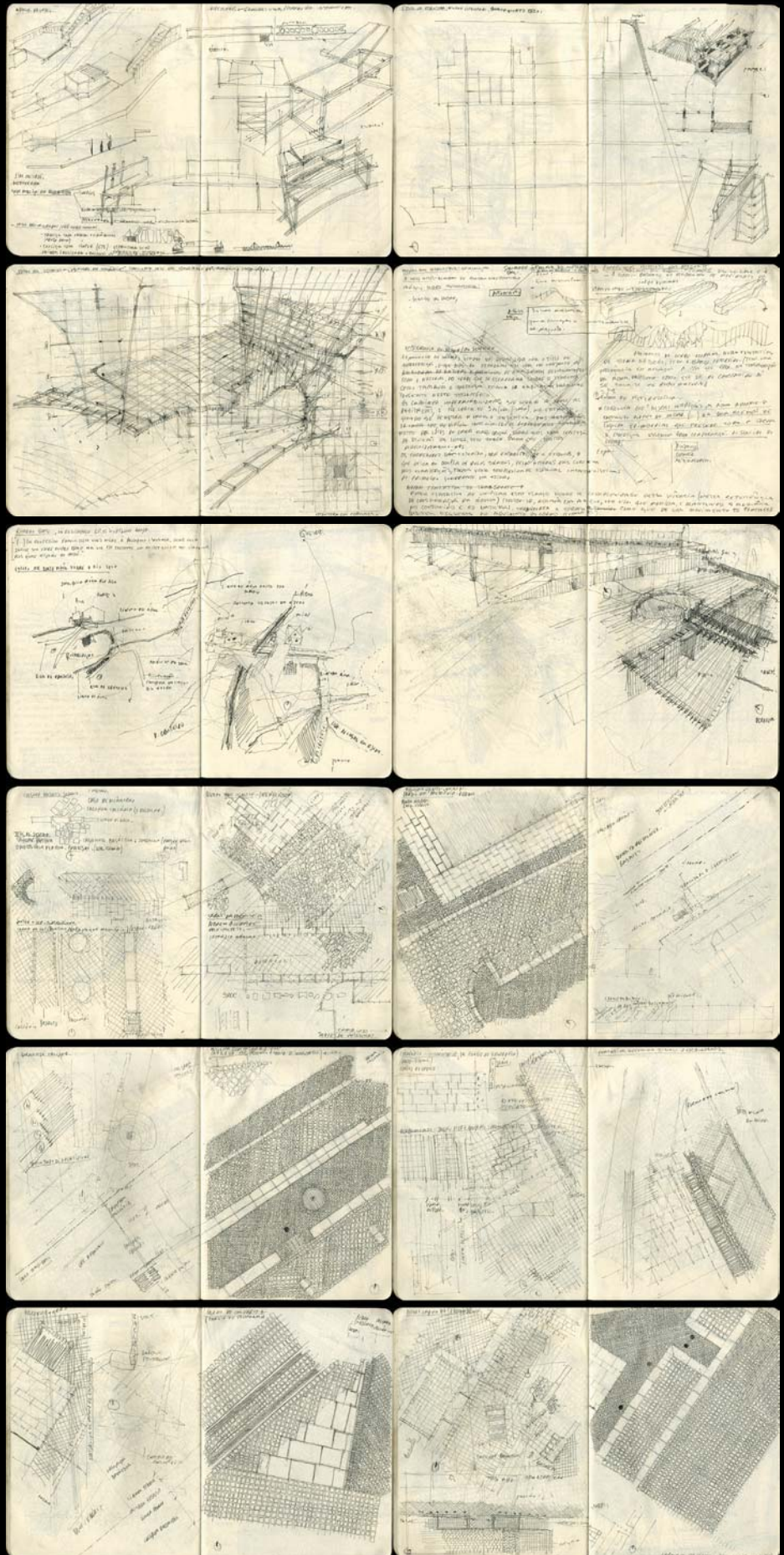
- ▲ O limite artificial (muro): Retorno o resultado da aplicação do método (movimento/limite de I fase); Perspetiva 'vaga' dos extratos de muro.

- ▶ **Ref. Cap. 2.3** - Ideia de definição de pavimento e permanência: Estudo da estereotomia presente nos largos da cidade, matéria e contraste cromático (mancha/escala); Esquema geral da colocação da calçada calcária (regular) e basáltica (irregular de menor escala), lancil; Estudo, *in situ*, do largo da Paz e da memória.

- ◀ **Ref. Cap. 2.3** - Estudo, *in situ*, da estereotomia dos largos Lisboaet- as (continuidade): Largo da Paz.

- ▲▼ **Ref. Cap. 2.3** - Estudo, *in situ*, da estereotomia (continuidade): Largo do Calvário.

- ▶ **Ref. Cap. 2.3** - Estudo, *in situ*, da estereotomia (continuidade): Largo do Intendente.





► **Ref. Cap. 2.3** - Estudo, *in situ*, da estereotomia (continuidade): Largo de São Miguel.

► **Ref. Cap. 2.3** - Estudo, *in situ*, da estereotomia (continuidade): Largo Vitorino Damásio.

► **Ref. Cap. 2.3** - Estudo, *in situ*, da estereotomia (continuidade): Largo de Santa Isabel.

► **Ref. Cap. 2.3** - Estudo, *in situ*, da estereotomia (continuidade): Largos das Fontainhas.

► Esquízo 'momentâneo': Detalhe(s) em torno dos tetos, pátio, estereotomia de pavimento do largo e respetiva entrada de luz; Informações 'vagas'.

► **Ref. Cap. 2.3.1, 2.3.1.1, 2.3.4, 2.3.5 e 5.1.2** / Maq. II. 2.3; fig. 2 a 6 - Definição do Largo do Cruzeiro (continuidade): Processo de aglomeração, *i.é.*, limites/silhueta, palavras-chave e união das partes pelo todo; Estereotomia de pavimento em paralelo com as referências e contextualização da matéria 'fundida' com o *topos* I; Conceito de 'plie' (dobra); Movimento (fase I) e axonometria da referência nacional.

► **Ref. Cap. 2.2.1.1.1, 2.3.1 e 2.3.5** - Esquícios no lugar e descoberta de resquícios (pré-existent): Índícios da matéria original do pavimento da R. do Cruzeiro e localização; Conceito de movimento aplicado ao largo (persistente).

► **Ref. Cap. 2.3.5** / Maq. II. 2.3; fig. 1 e 7 - Suposição do local da antiga ponte: Desenho perspetivo com base nos testemunhos populares (literários), *in situ*, do cruzamento 'espectante' e posicionamento do edifício dito 'Zé das Ovelhas' e os seus acrotérios.

► **Ref. Cap. 2.3.5** / Maq. II. 2.3; fig. 7 e 7.1 à 7.6 - Esquícios 'momentâneos' da possível Ponte 'Nova': Relação com linha de água, estrutura, perspetiva do interior do poço (memorial) e breve pormenor; Notas adjacentes.

► **Ref. Cap. 2.2.1.1.1, 2.3.4, 2.3.5 e 5.1.2.1** / Maq. II. 2.3; fig. 1 à 7 e 7.1 à 7.6 - Percorso da R. do Cruzeiro, do possível largo com o muro/limite (fase I/aplicação do método) e estereotomia do pavimento (contínuo); Ponte 'Nova' (fase inicial) em corte.

▼ **Ref. Cap. 1.3, 3.4, 3.4.2 e 5.3**

- Levantamento dos muros/elementos pré-existent (relevantes) relacionados com a água, *in situ*, de apoio à definição de limite (l *topos*) em continuidade com o Largo: Muro (localizado em frente) e do Chafariz da Travessa do Chafariz (parte integrante) e contexto com a linha de água (cartografia histórica); Estudo do corte construtivo e possível sistema de encanamento (água), desde o *topos* da R. Eduardo Bairrada; Alçado e relação com a cota baixa do Vale.

▲ **Ref. Cap. 3, 3.4, 3.4.2**

- Levantamento, *in situ*, do muro II.2 e elementos obsoletos (continuidade): Alçado e resquícios evidentes do Chafariz da Bica do Rio Seco.

► **Atmosfera:** Esquços perspetivos, *in situ*, das possíveis vivências geradas pelo seu uso.

▲ **Ref. Cap. 3.5**

- Imaginário sobre o hipotético Chafariz com base na gravura anónima, alçado e cotas do possível pavimento original 'encoberto'.

► **Estudo do sistema de encanamento/abastecimento (interior do muro) até o Chafariz da Bica do Chafariz/encanamento de manilhas:** Perspetiva axonométrica, alçados, cortes e métrica; Contextualização geral do todo.

▲ **Ref. Cap. 3.4.2 e 3.5**

- Cofragem/negativo (referência em Le Corbusier) das manilhas na fachada, croquis do possível pormenor: Simplificação arquetípica do sistema de abastecimento; Métrica, remates (matéria) do alçado e referência adjacente.

▼► **Ref. Cap. 3.4 e 3.4.1**

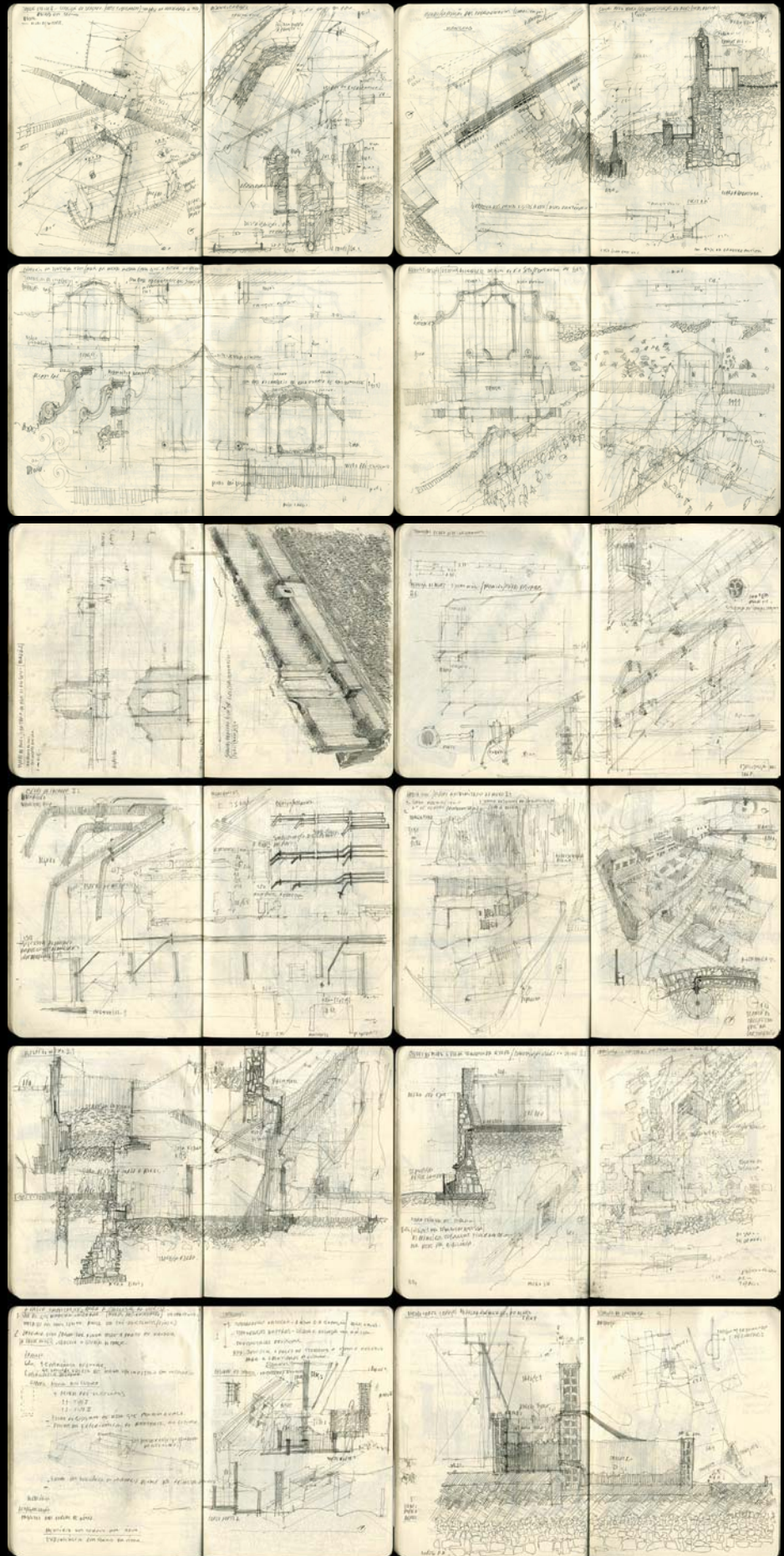
- Estudo do muro II.1: Perspetiva de contexto (especulativo) da possível Bica; Corte construtivo e perspetivo.

► **Ref. Cap. 3.4 e 3.4.2**

- Esquços, suposição do corte construtivo e perspetiva de contexto; Estudo (aprofundado) do alçado da Bica pré-existente e contextualização do sistema de abastecimento; Surgimento da ideia de habitação/remate sobre o muro II.2.

▼ **Ref. Cap. 5 e 3.4.1**

- Referências/notas para a ampliação do programa conforme descobertas, *in situ*; Descoberta do elemento fundamental de projetual (heterotopia): Esquço, *in situ*, do hipotético corte construtivo do 'Açude' de Rui Branquina, junto ao muro I e localização; Esquço ('ambrião') de um possível paralelismo com o Chafariz da Travessa do Chafariz (conceito heterotópico).





► **Ref. Cap. 5** - Esquema conceitual dos diferentes extratos/níveis/planos onde 'estagnam' as águas; Contextualização do 'Açude' e do Chafariz da Traversa do Chafariz com o Vale do Rio Seco.

► **Ref. Cap. 5.2 e 6.1 / Maq. II. 2.2;** fig. 18.6.1 (1); Maq. II. 2.3; fig. 10 - Surgimento do volume conceitual (fase inicial) de simbiose entre topografia natural e artificial; Estudo (superficial) da *promenade* pública (orla superior) de consolidação do muro II.2.

► Surgimento de um tanque de remate da *promenade* (continuidade).

► **Ref. Cap. 6.2 / Maq. II. 2.2;** fig. 18.6.2, 19 e 20; Maq. II. 2.3; fig. 21 (1 e 2), 16 à 19 - Detalhes construtivos dos tetos do recinto da piscina principal: Abertura de vãos estanques, relação de escala (homem, pé-direito e profundidade dos tanques) e estereotomia da fachada.

► Breves notas literárias/conceito e outros.

► **Ref. Cap. 6.1 e 6.3.3 / Maq. II. 2.2;** fig. 18.6 - Estudo da fachada (Banhos) e cobertura/*promenade*: Perspectiva da laje sobre o Parque: Levar o utente à ideia de percurso no interior da linha de água, espécie de reflexo.

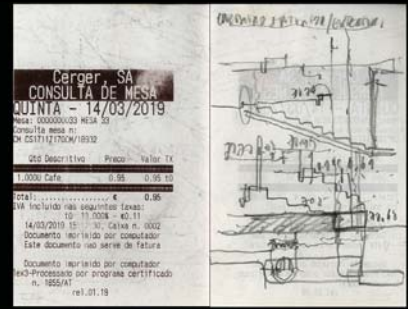
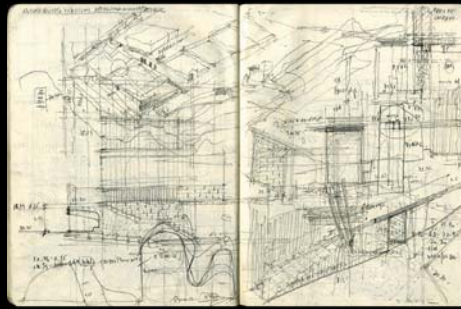
► **Ref. Cap. 5.2.1, 5.2.2.1.1 e 6.3.3** - Heterotopia na justaposição (fase II): Perspectiva interior do espaço (Oeste) dos tanques de lazer (sob o auditório): Complexificação espacial (referência).

► Apontamento 'vago': cadeira da recepção; Perspectiva e alçado: Remate a Sul (orla inferior) com o equipamento e estudo do volume (coluna luminosa) portante de apoio à cobertura do Auditório.

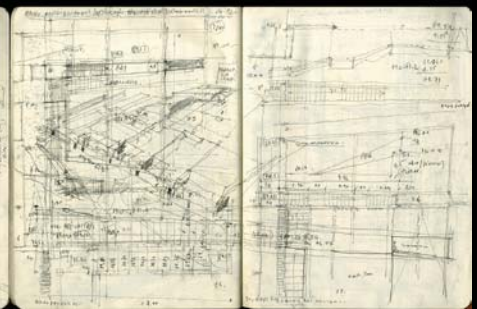
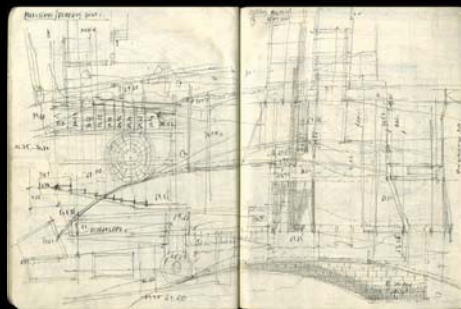
► Estudo da *promenade* pública (continuidade): Poço de luz/galeria (auditório)/espelho de água; Estudo volumétrico das habitações e 'toque' do muro II.2 com a '*promenade* habitada'.

► **Ref. Cap. 5.3, 6.1 e 6.3.1 / Maq. II. 2.2;** fig. 18, 18.6 e 18.6.1 (1) - Estudo (aprofundado) do estacionamento e articulação com as cotas envolventes. Acessos verticais para: Miradouro/jardim Sul e estereotomia do alçado/pavimento; Para a recepção no centro da *promenade* pública, corte construtivo e perspectiva geral das possíveis habitações (muro II.2).

- Pausa em torno do remate da escada (galeria) com a *promenade* pública.



- ◀ Estudo (aprofundado) do silo (referência) da saída (Este) para o interior da galeria; Definição da 'abertura' no muro II.2, *promenade* (rampeada) e espaço exterior de contemplação pública (evolução).



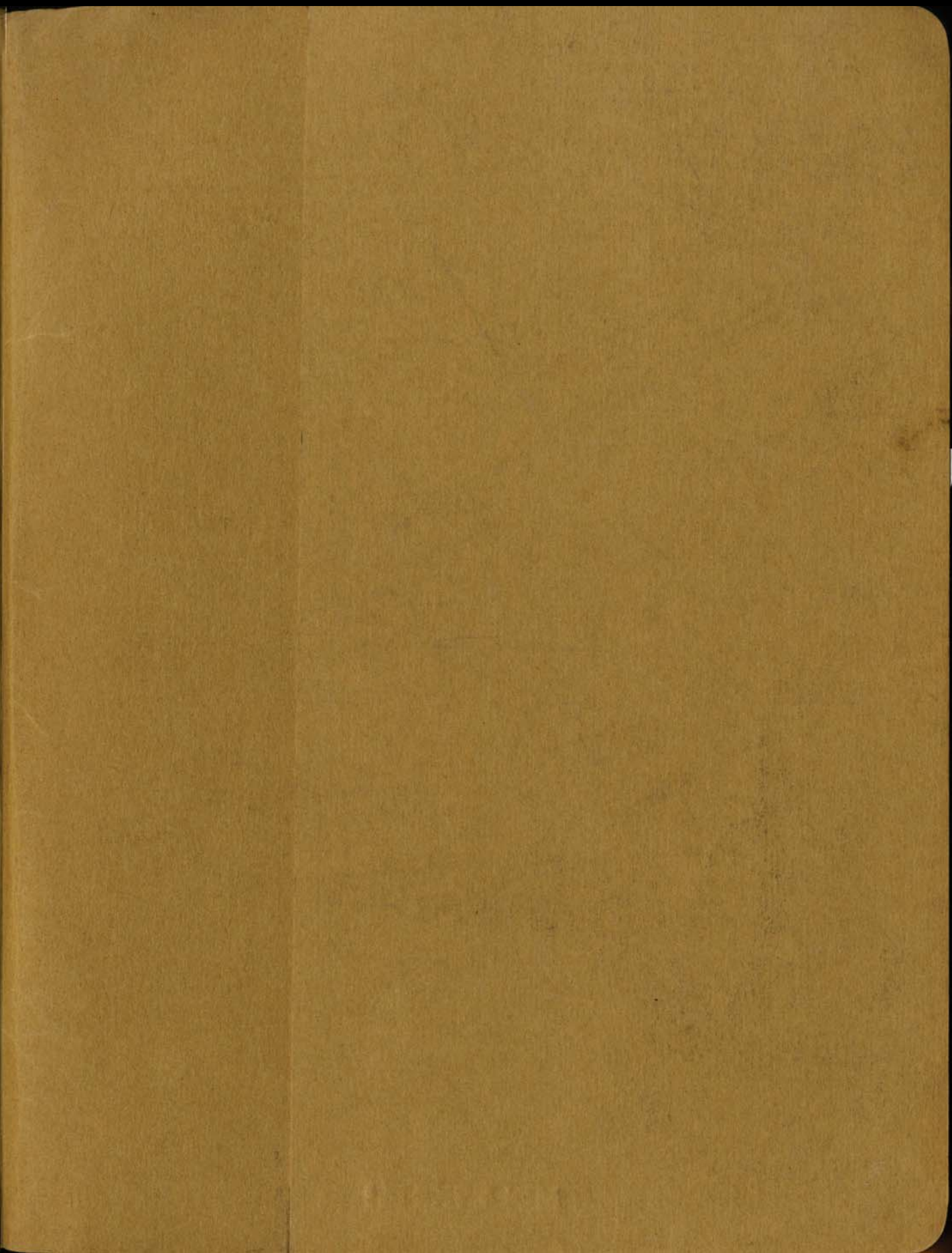
- Desenvolvimento das habitações sobre o muro II.2: Acesso(s) vertical(ais) privado(s) desde o estacionamento em paralelo com os acessos até a *promenade*.

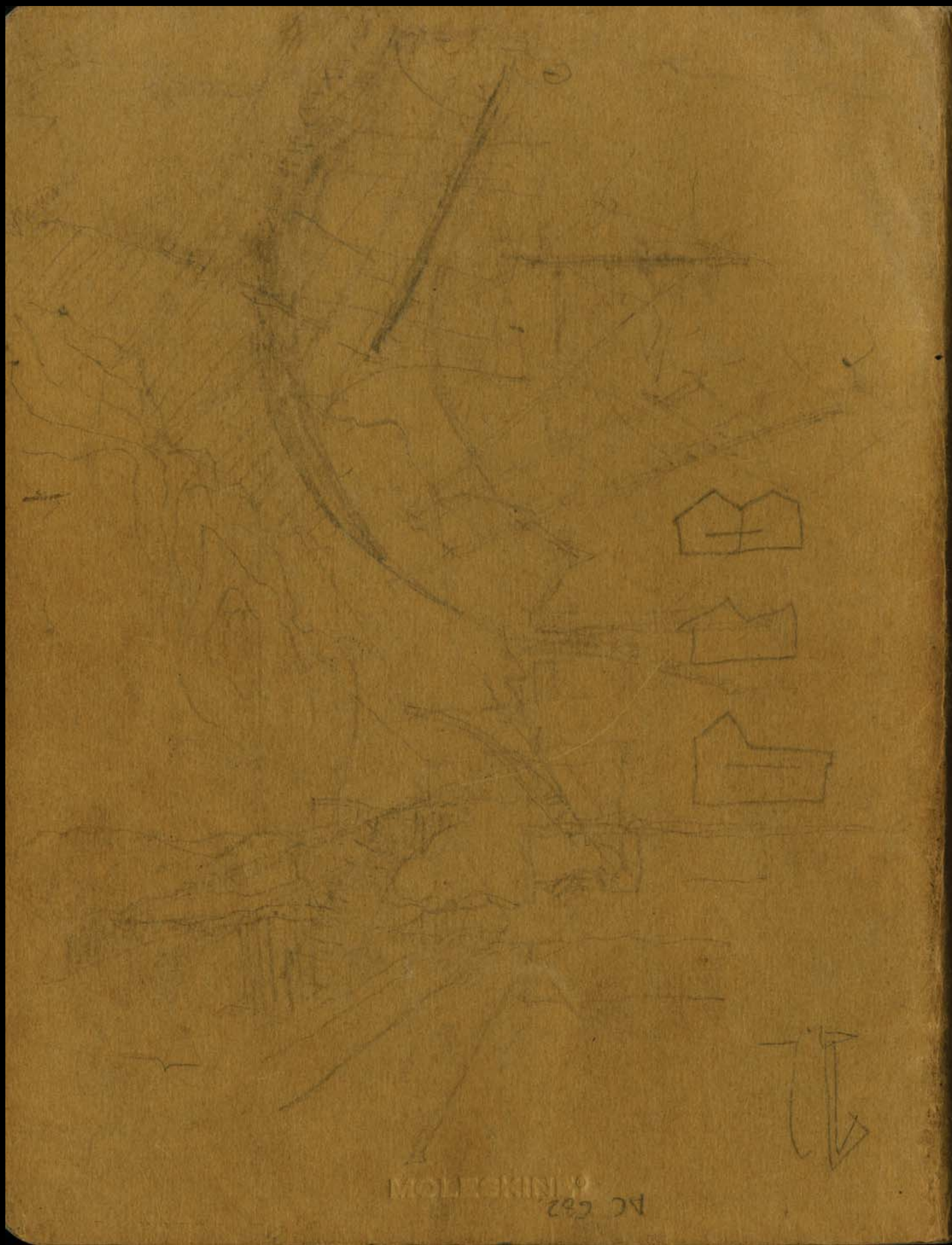
- ◀ Ref. Cap. 6 e 6.1 / Maq. II. 2.2; fig. 18, 18.6, 18.6.1 (1) - Estudo dos acessos (Sul) entre o jardim do miradouro (maior escala) e o parque, correções de cotas (jardim) de encontro ao acesso a Sudoeste; Perspetiva 'vaga' do todo.



- ▼ Breves esboços sobre referências.







III. 1.1.8 - *Carnet de la Recherche Patiente II*

Esquissos de permanência eterna ≠ Esquissos de viagem

Nota – Nome do diário gráfico conforme ‘capa de origem’.

Grafite sobre papel e caneta tipo: *paper mate Flair Original* e esferográfica tipo: *Bic Cristal*. **Caderno gráfico tipo: *Moleskine* liso (21x13 cm).**

- Cad. 8 / Cap. 1, 3, 5 e 6; ref. 1.3, 3.1, 3.1.1, 3.1.2, 3.4, 3.4.2 e 3.5, 5.1.2, 5.1.2.1, 5.2, 5.2.1 e 5.3, 6.1, 6.2, 6.3, 6.3.1 e 6.3.3 / Ref. maq. II 2.2; fig. 2, 14, 16, 17.1, 17.2 e 19 à 21; maq. II 2.3; fig. 8 à 13 e 16 à 19 – Fase de ‘finalização’ do processo ‘em desenho’: ‘acoplamento’ do espaço interno do estacionamento, galeria e entrada principal do equipamento (adjacente), com a cota do pavimento (*promenade*) público; Reestruturação final de todo o bairro dito da Ajuda: definição de lotes e tipologias assim como a correção das cotas de soleira com o espaço público; Definição das diferentes escalas de miradouro; detalhes e matéria relevantes.

CADRE 135 2013

AVANT PROPOS

JOKEE WUMU

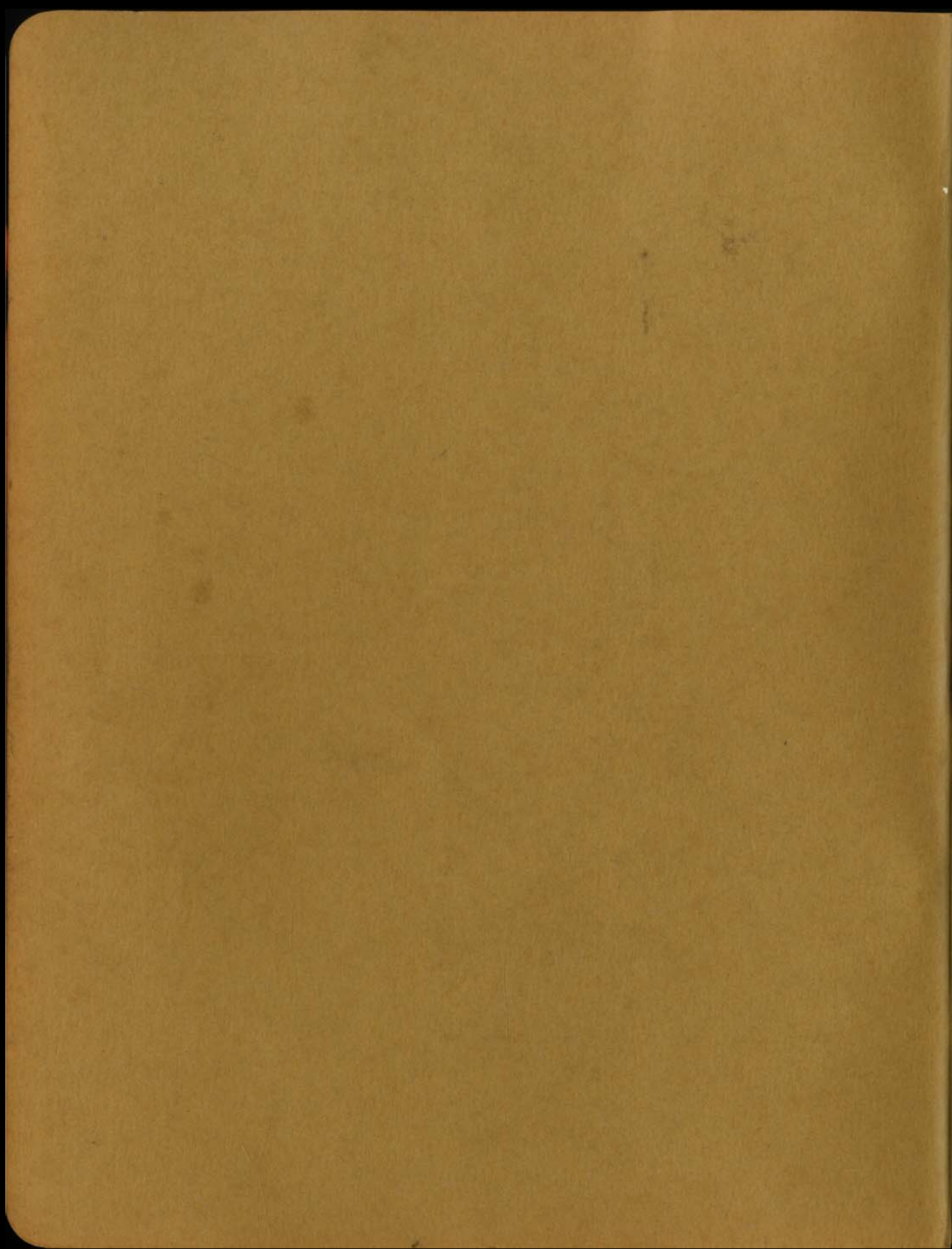
ESQUIS DE TERRAUVENCIS

ETERNA - ESQUIS DE VASCIS

CADRE DE RECHERCHE

PATENTE II

archiver





◀ 1 *Papier*, 1 *Café*, 1 *Pause* = *Trop de pause! Ceci est n'est pas une réalité!*

▶ **Ref. Cap. 3.4.2, 3.5 e 6.1** - Estudo (aprofundado) dos acessos verticais, espaço público e estereotomia à cota das habitações 'de remate' com o muro II.2; Corte construtivo e perspectiva de contexto.

▼ **Ref. Cap. 6.1** - 3 *Papier*, em torno da pausa: Perspetiva do acesso desde o jardim/miradouro até a cota (superior) das habitações; Volumes gerais sobre o muro perpendicular ao II.2 e circulação pedonal no jardim (extremo Sul); Apontamentos perspetivos e em planta: Casas, acessos e estereotomia.

◀ **Ref. Cap. 6.1 / Maq. II. 2.2; fig. 18 e 18.6.1 (1)** - Desenvolvimento (aprofundado) dos acessos que ponteam o muro (Sul) perpendicular ao II.2: Estacionamento e cotas de soleira das habitações; Reestruturação da métrica do parque (inter e exterior); Perspetivas (internas): Lances, corte pela entrada principal (galeria) e visão volumétrica global.

▶ **Ref. Cap. 6.1** - Reestruturação do acesso vertical semi-privado (serviço/utentes) a Sudeste do muro II.2 e definição do canteiro junto ao P. de estacionamento exterior (residentes).

◀ Nota: Matéria/reflexo e referência.

▶ **Ref. Cap. 6.1** - 2 *Papier*, em torno da pausa: Croquis 'momentâneo' da saída (Sul/Norte) e ideia de 'aceleração perspetiva'.

◀ Aprofundamento do muro (extremo Sul) e vão de 'enquadramento' do acesso anterior; Perspetiva do todo: Cotas de pavimento público e de soleira.

▼ **Ref. Cap. 5.3, 6.1 e 6.3.1 / Maq. II. 2.2; fig. 18, 18.6.1 (1)** - Estudo da saída do estaci. para o espaço público: A Sudeste do muro II.2 com a *promenade*; Alçado e aberturas (luz/ventilação n.) entre o P. de estacionamento e galeria.

▶ **Ref. Cap. 3.1, 3.1.1 e 6.1** - Tentativa de 'enquadramento' do túnel de II *locus* (pré-existente) com a definição urbana à cota das habitações 'de remate' com muro; Estudo do acesso privado para o jardim das antigas Cavaleiriças (casa do Conde Seabra).

- ◀ Consolidação urbana e ligação do jardim/miradouro com a T. do Pátio Seabra. Correção dos acessos: de Norte/Sul do estacionamento e de Este, tangente ao túnel; Perspetiva de contexto.

- ▶ **Ref. Cap. 6.1 e 6.3.1** - Definição (final) do último núcleo do P. de estacionamento: Planta em paralelo com o corte transversal e axonometria de contexto urbano; Definição dos canteiros que pontuam o jardim antigo (cartografias históricas) e perspetiva dos acessos (referência/caos).

- ▶ 3 *Papier*, em torno da pausa: Conversa sobre um possível concurso.

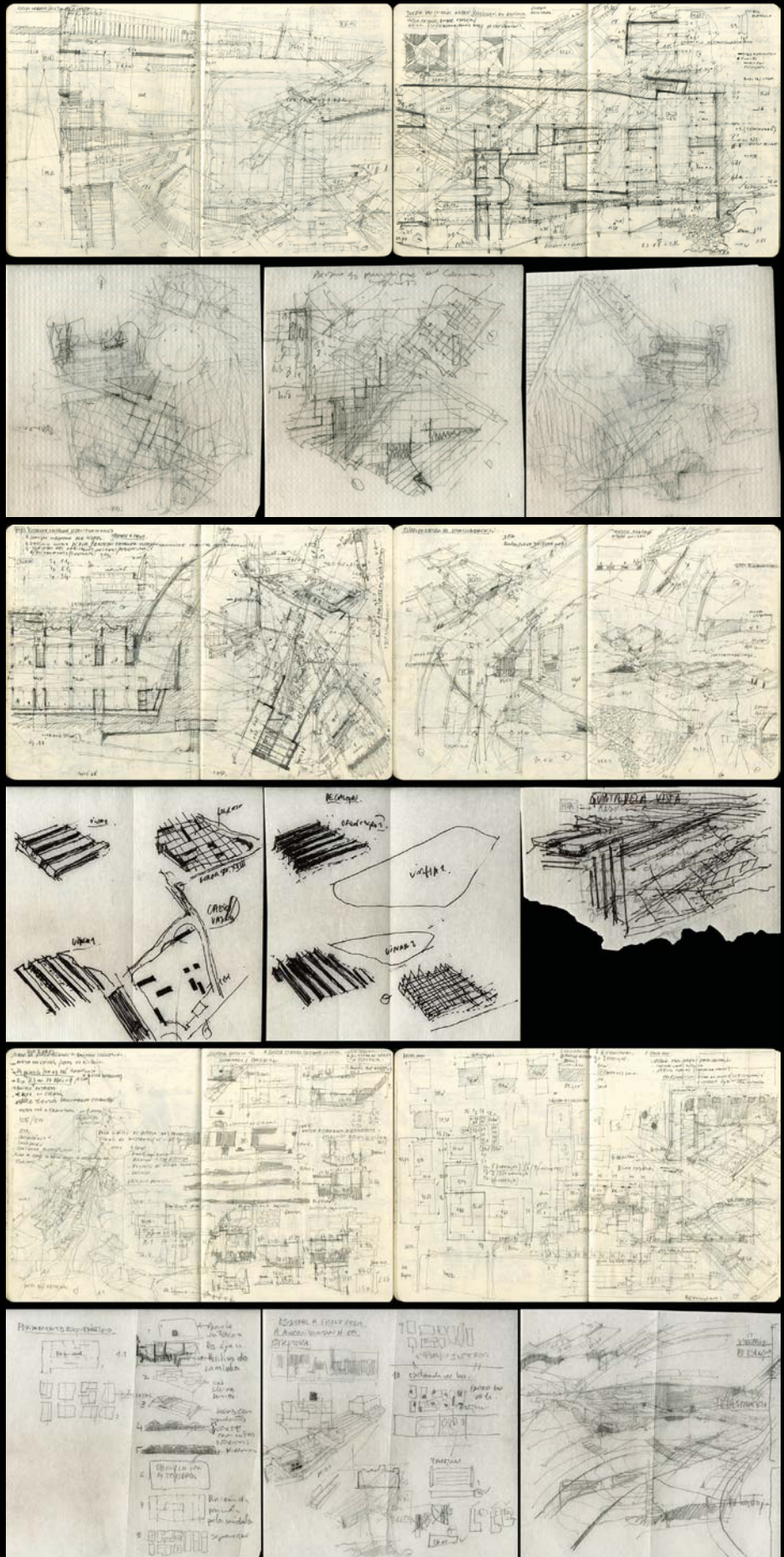
- ◀ **Ref. Cap. 6.1 e 6.3.1** - Estudo (aprofundado) da entrada automóvel (Norte) do P. de estacionamento; Clarificação dos acessos privados (parque/habitações), públicos (parque/*promenade*) e perspetiva/corte de contexto urbano.

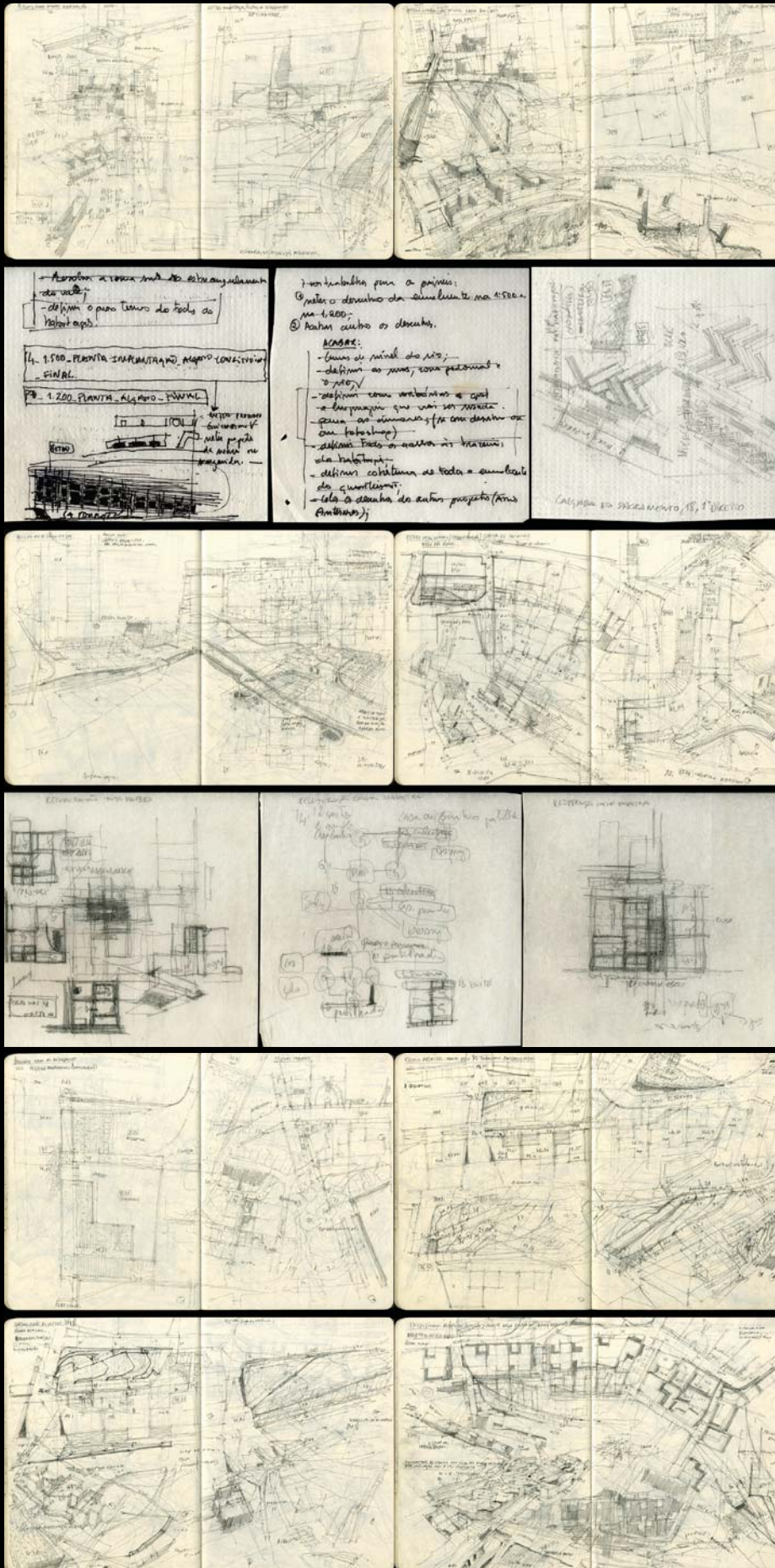
- ▶ **Ref. Cap. 6.1 e 6.3.1** - Esboço 'vago' da entrada a Norte (continuidade) do P. de estacionamento: Sistemas de vistas com a ideia de entrada 'angular' (automóvel) e respetivo revestimento interno da entrada com a matéria pré-existente (paralelismo), 'restituição' da antiga calçada; Visão geral do aglomerado e entrada para as habitações.

- ▶ 3 *Papier*, em torno da pausa: Ideia/conceito urbano para um possível concurso (continuidade).

- ▼ **Ref. Cap. 5.3 e 6.1** - Sintetização geral da heterotopia desenvolvida até então: Tópicos, calendarização e reestruturação dos painéis conforme novos elementos; Perfis de cheios/vazios para a definição dos espaços exteriores privados (habitações) conforme o volume geral dos lotes obtidos anteriormente; Cérceas, tipologias 'tipo' e contexto geral.

- ▼ **Ref. Cap. 5.1.2, 5.1.2.1, 5.2, 5.2.1, 5.3 e 6.2 / Maq. II. 2.2; fig. 2, 14, 16, 17.1, 17.2 e 19 à 21; Maq. II. 2.3; fig. 8 à 13 e 16 à 19** - 3 *Papier*, em torno da pausa: Esquemáticação geral (volume artificial/topografia natural) das ações produzidas sobre o território no decorrer da aplicação do método/processo concetual.





▼ **Ref. Cap. 3.1.1 e 6.1 / Maq. II. 2.2; fig. 16** - Estudo urbano (cheios/vazios) do loteamento a Sudeste junto a R. Guarda-Jóias: Introdução das volumetrias 'tipo', circulação automóvel, pedonal (*promenade*) e ideia de mancha arbórea; Perspetiva de contextualização do loteamento perante a escarpa, materialidade (pública/privada) e definição das coberturas (fase inicial).

▼ **3 Papier**, em torno da pausa: Lista de elementos para painéis e ideia de estereotomia do pavimento.

◀ **Ref. Cap. 6.1** - Definição do limite percorrível (*promenade*) junto à zona de cafetarias e habitações a Sul: Ideia de embasamento pético sobre o P. de estaci.; Estudo urbano do loteamento junto ao muro II.2: Escala dos passeios, vias automóveis e canteiros.

▶ **Ref. Cap. 3.1.1 e 3.1.2** - Consolidação do construído 'intercalar' e 'de limite': Escalas de miradouros ao longo de um percurso intercalar; Arruamento (por demolições) junto à R. Augusto Gomes Ferreira com desfecho num miradouro (pequeno); Muro II.1 suporte do miradouro (médio) e cotas da T. da Ajuda; Acessos verticais privados nos limites fundiários das habitações de 'frente de rua'.

◀ **3 Papier**, em torno da pausa: Desenhos dispersos das tipologias (habitações) e diagrama programático.

◀ **Ref. Cap. 3.1.2 e 6.1** - Desenvolvimento do miradouro (Norte/pequeno); Acesso rampeado contínuo, mancha arbórea sobre os muros fundiários, pavimentação e relação de proxi. com a habitação tangente; Definição de loteamento 'intercalar' e arruamentos (ligação à T. da Ajuda) e acessos verticais privados (habitações de 'frente de rua').

▶ **Ref. Cap. 6.1** - Zona central [...]*

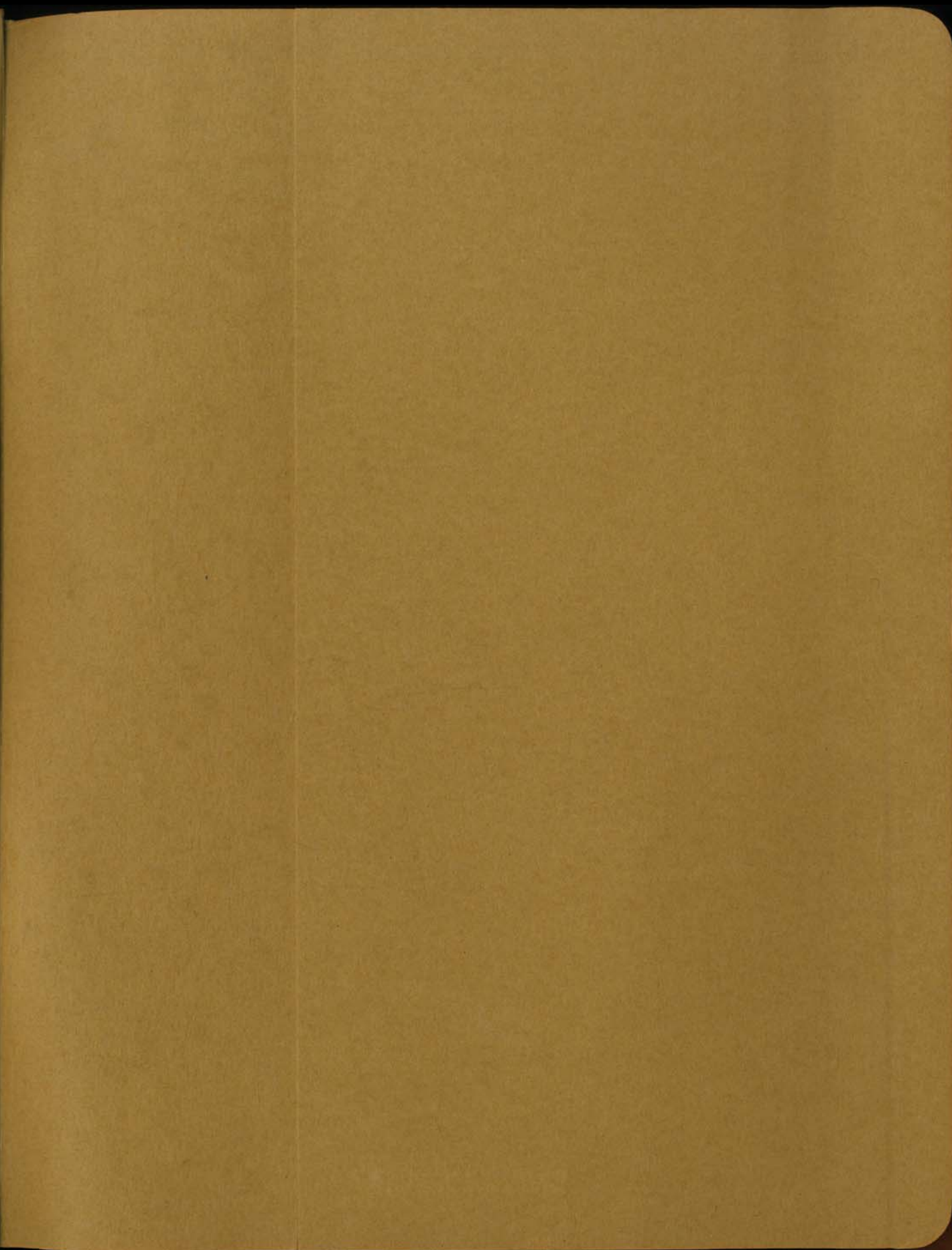
◀ **Ref. Cap. 6.1** - Consolidação do loteamento, espaços exteriores e jardim 'intercalar': Cotas, perspectiva de conjunto e relação com o miradouro (médio).

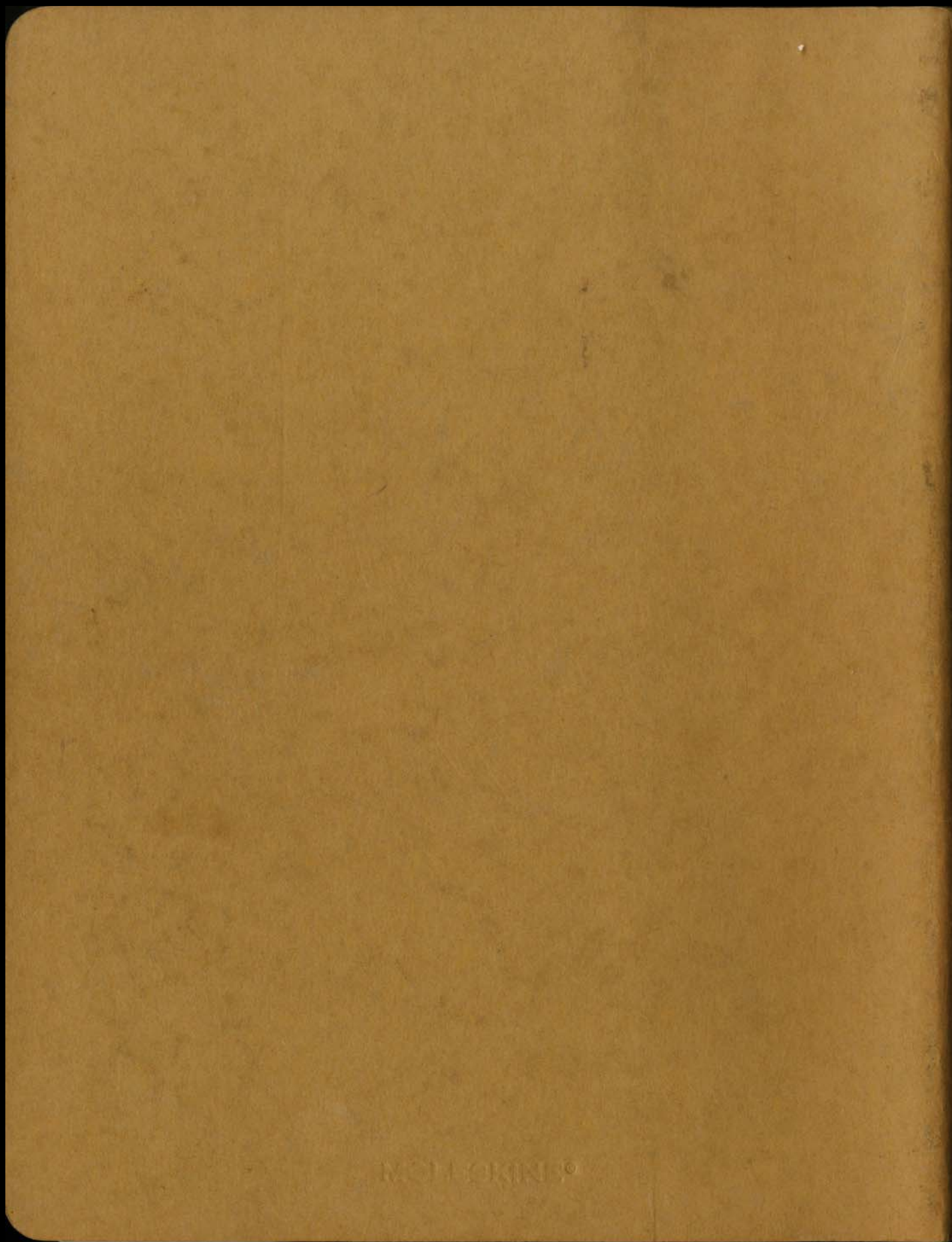
▶ **Ref. Cap. 3.1.2, 3.4 e 6.1** - 'Limite penetrável': Consolidação do loteamento 'intercalar' e limite fundiários (continuidade); Vista perspectiva do conjunto definido até então.

- ◀ **Ref. Cap. 6.1 / Maq. II. 2.2; fig. 18.6.1 (1)** - Perspetiva da 'cota baixa': *Promenade* junto ao equipamento, aberturas zenitais e estereotomia no/do pavimento.
- ▶ **Ref. Cap. 6.1** - Perspetiva de consolidação do lote/habitação de 'encosto' com a zona Sul do muro II.2 e correção de cotas (acessos); Estudo do possível acesso pedonal.
- ◀ **Ref. Cap. 6.1** - 1 *Papier*, em torno da pausa: Desenho 'momentâneo' da definição urbana junto à *promenade* (cota baixa).
- ▶ **Ref. Cap. 6.1 e 6.3.3 / Maq. II. 2.2; fig. 18 e 18.6.1 (1)** - Estudo do limite da *promenade* à cota baixa (continuidade): Perspetiva das rampas e abertura (luz), miradouro (remate de lote) e possível acesso; Reestruturação dos painéis.
- ◀ **Ref. Cap. 1.3, 6.1 e 6.3 / Maq. II. 2.2; fig. 18 e 18.6.1 (1)** - Definição/consolidação urbana junto ao Palácio Nacional da Ajuda tendo em consideração o projeto de Guilherme Pedrosa; Resumo/esquema da infraestrutura/programa para o Parque Urbano do Rio Seco; Revisão geral dos diferentes acessos verticais públicos (equipamento).



* [...] do loteamento 'intercalar' (continuidade): Definição do percurso pedonal contínuo entre as diferentes escalas de miradouro; Aprofundamento do miradouro médio, a Este do I quadrante, e ideia de espelho de água junto à Bica do muro II.1; Surgimento de um jardim intermédio (junto à via automóvel e interior de quarteirão) e organização das tipologias 'tipo' e respetivas cérceas; Vista perspética do conjunto.

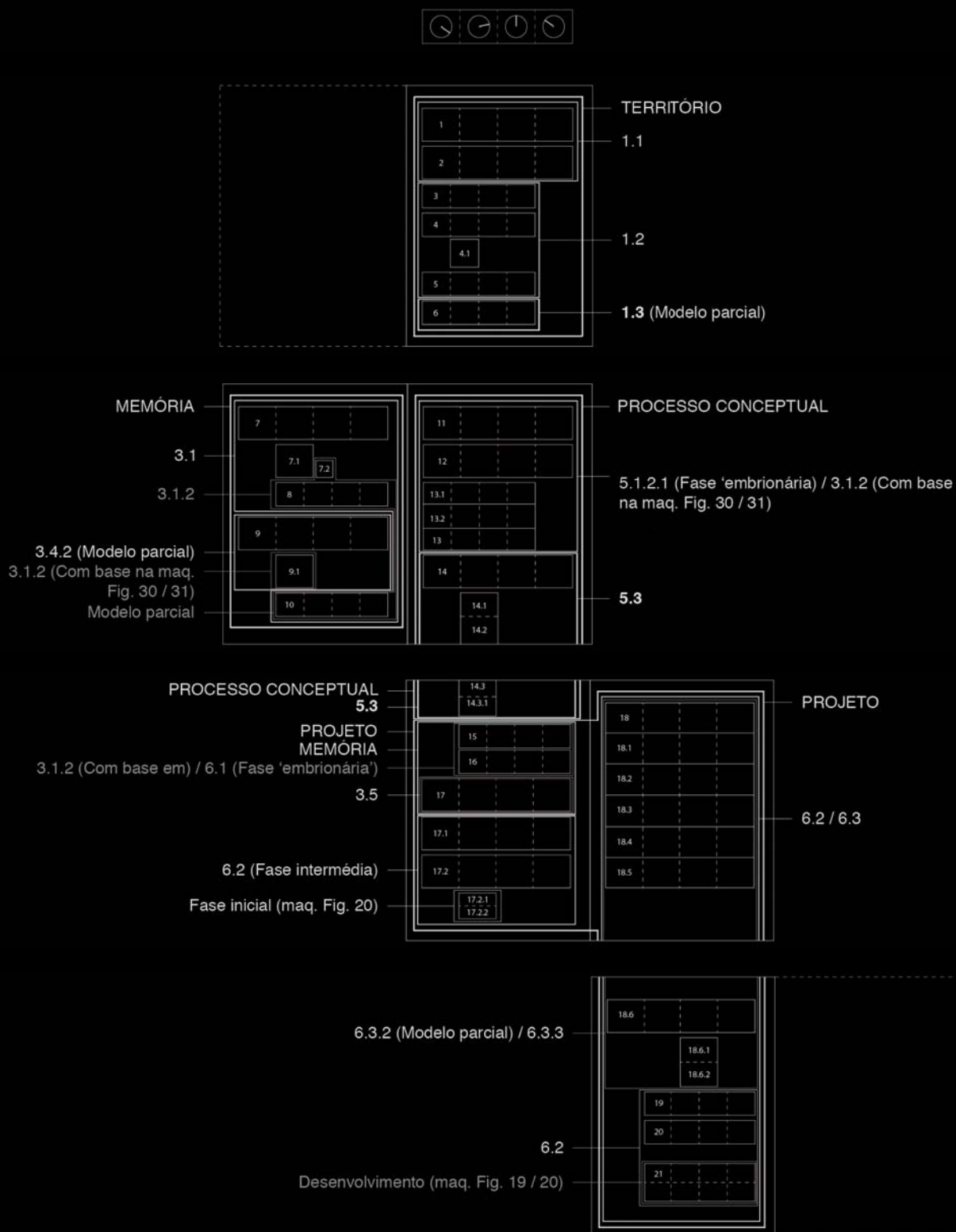




III. 2 - EM MAQUETE CONCEITO / CONCRETO

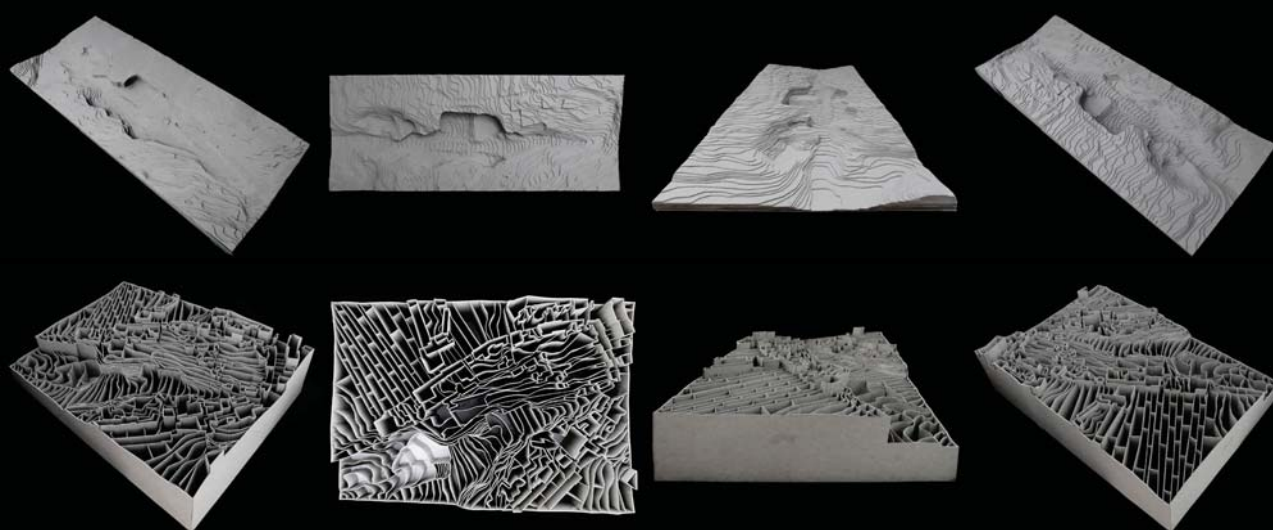
Nota – Deste o início até a ‘finalização’ do projeto, apenas foram elaboradas maquetes ditas ‘de estudo’ não constando, como tal, nenhuma acabada. Estes modelos foram somente resultantes da evolução do processo.

III. 2.1. Sumário ilustrado – Paralelismo com o texto



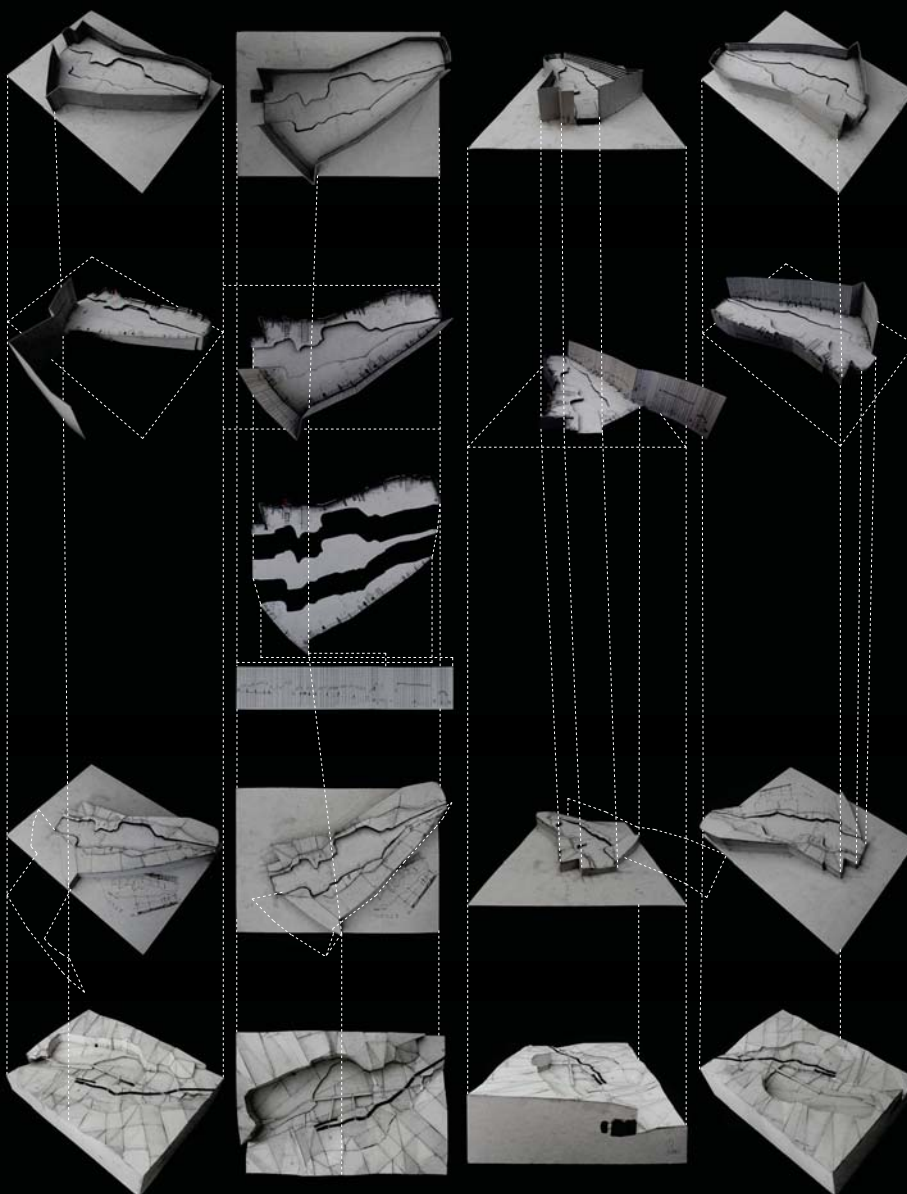
Nota – As maquetes posteriormente apresentadas estarão organizadas segundo a evolução do processo. Estando parte deste estudo exposto, *a priori*, ao longo do texto, não constará no decorrer desta sequência, estando apenas ilustrado num 'resumo esquemático (2.3)' que permite a sua posição no espaço/tempo.

III. 2.2. Maquetes – Sequência



▲ **Fig. 1 / Capítulo 1** – Volumetria natural do Vale do Rio Seco; Cartão prensado. **Escala 1:2000.**

▲ **Fig. 2 / Capítulo 1** – Simbiose entre volumetria artificial e natural nos quadrantes adjacentes, a Norte, ao Vale do Rio Seco; Cartão prensado. **Escala 1:2000.**

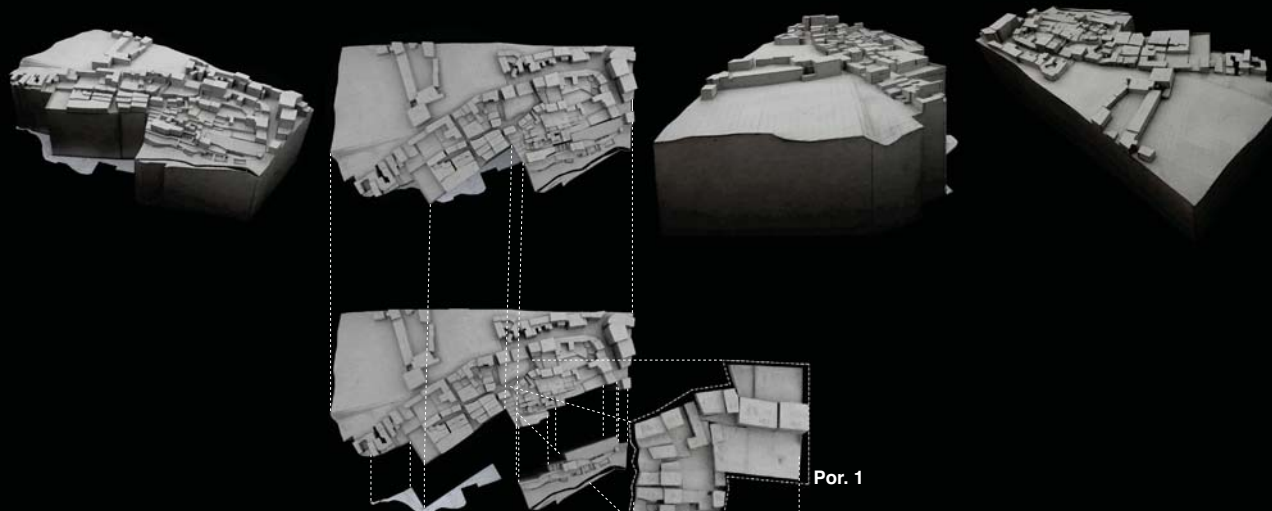


▲ **Fig. 3 / Capítulo 1** – Estudo geral do Limite natural e artificial do Vale e cêrceas gerais. Cartão prensado. **Escala 1:2000.**

◀ **Fig. 4 / Capítulo 1** – Estudo específico da orla superior e inferior do Vale: Pontos de confluência com - R. do Cruzeiro, R. Augusto Gomes Ferreira e R. Guarda-Jóias - e cêrceas do edificado envolvente. Cartão prensado. **Escala 1:2000.**

▼ **Fig. 5 / Capítulo 1** – Volumetria natural da orla superior: Estudo geral; Cartão prensado. **Escala 1:2000.**

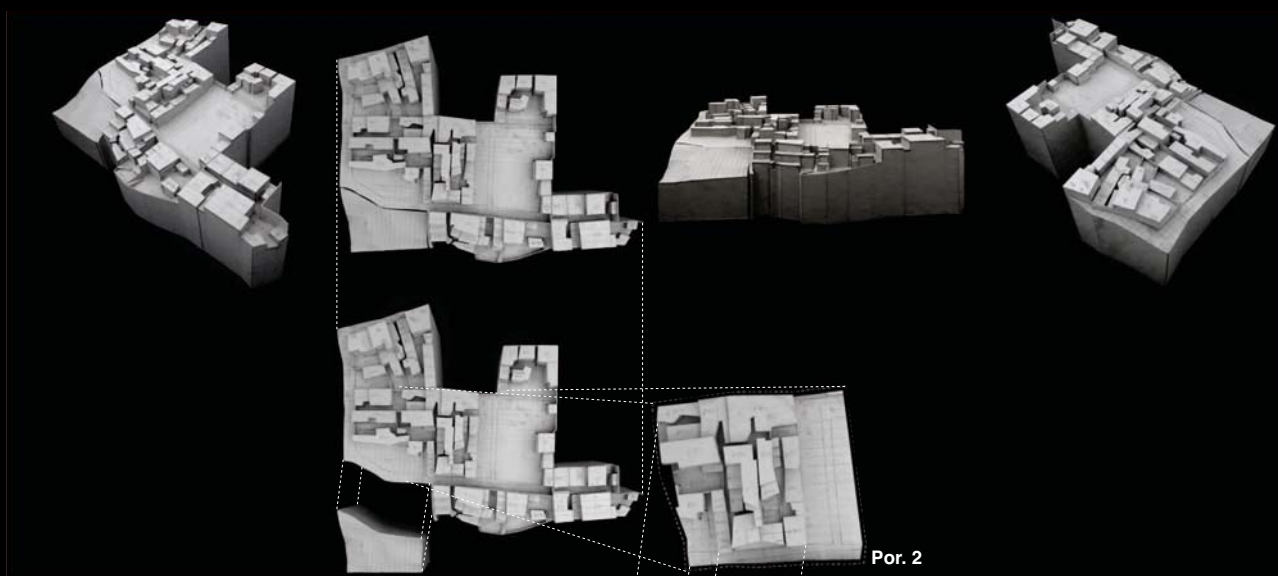
▼ **Fig. 6 / Capítulo 1** – Orla superior: Estudo específico da topografia; Orla inferior: Proposta inicial para o parque natural do Rio Seco - Bacia de retenção (com base nas curvas de nível da cartografia de 1950) e linha de água, à superfície; gruta pré-existente e infraestrutura de transporte (elétrico); Introdução da proposta de Raquel Serralheiro para a ligação de cotas. Cartão prensado. **Escala 1:700.**



▲ **Fig. 7 / Capítulo 3** – Edificado do 'Bairro da Ajuda' (I quadrante): Proposta inicial do 'limite entre o natural / artificial' e exploração para a ocupação do vazio após remoção das habitações de 'clandestinas'; Cércea pré-existente: Frente de Rua, Muros/ limites fundiários - altimetrias dos logradouros - e topografia parcial do pavimento impermeabilizado. Cartão prensado. **Escala 1:500.**



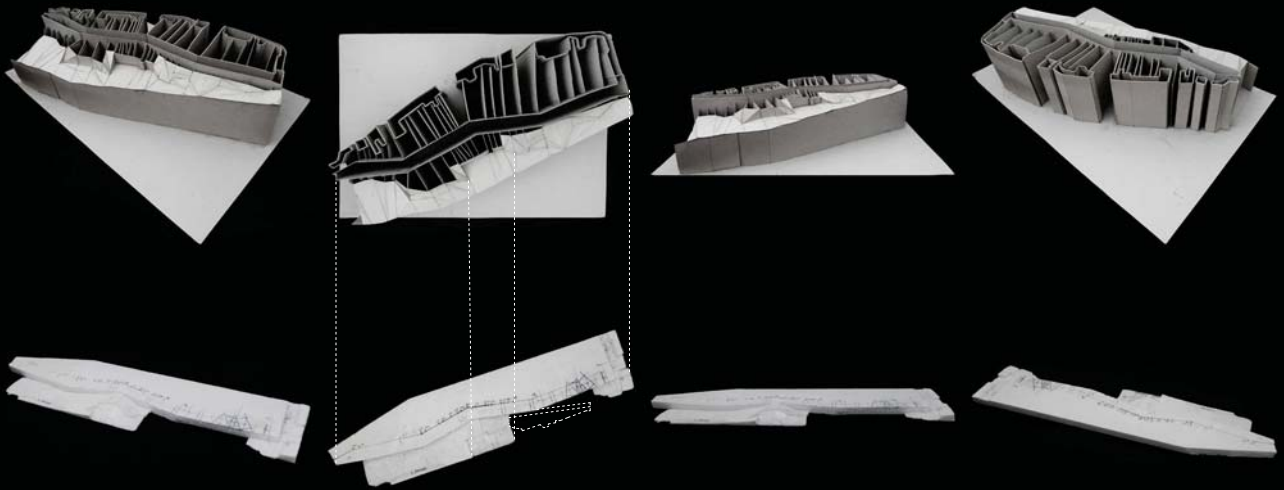
▲ **Fig. 8 / Capítulo 3** – Cheios e vazios resultantes da demolição parcial do 'abarracado'. **Por. 1** Cartão prensado. **Escala 1:500.**



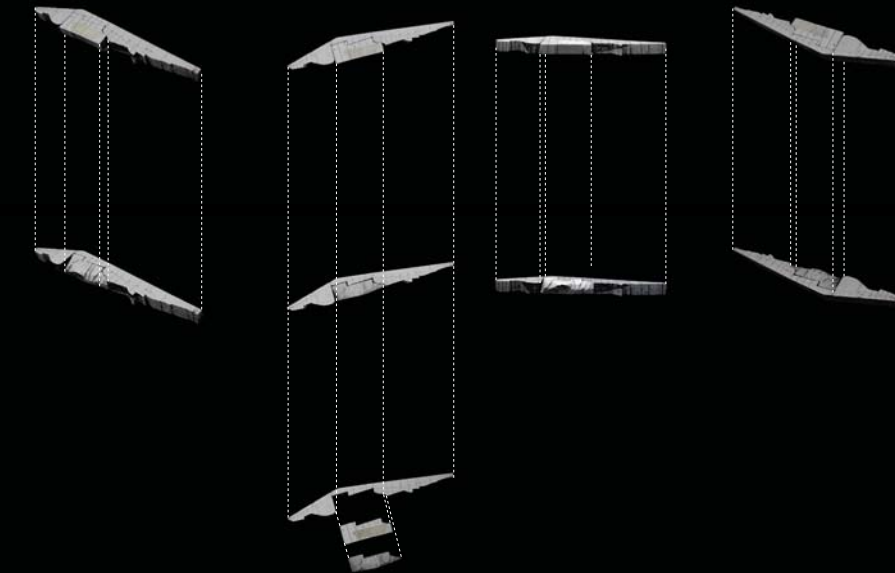
▲ **Fig. 9 / Capítulo 3** – Volumetria artificial 'Intercalar e de Limite' adjacentes aos muros pré-existent (limites fiscais das habitações de Frente de Rua) de Tipo I: Cotas, acessos comuns (próprio do quad. I) às casas para clarificação da divisão de propriedades; Destaque do natural (rocha / terra vegetal) sobre o limite. Cartão prensado. **Escala 1:300.**



▲ **Fig. 10 / Capítulo 3** – Estudo de ocupação do vazio 'intermédio' por adição: Tentativa de introdução de habitações unifamiliares . **Por. 2.** Cartão prensado e poliestireno. **Escala 1:100.**



▲ **Fig. 11 / Capítulo 5** – Limite natural e artificial: Estudo da silueta rochosa e do 'vazio espectral' após proposta de demolição do 'mamarracho'; Definição inicial da orla superior (intervalo entre limites).
Cartão prensado. **Escala 1:500.**

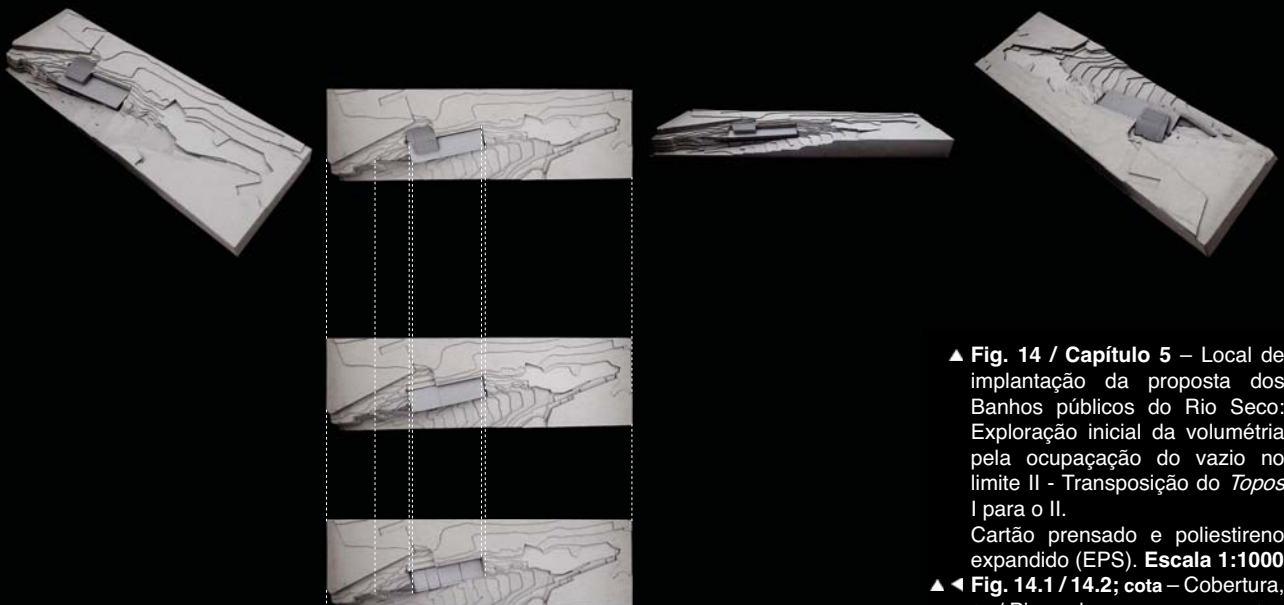


▲ **Fig. 12 / Capítulo 5** – Limite artificial: Permeabilidade entre a escala natural (Parque) e de bairro. Poliestireno. **Escala 1:500.**

◀ **Fig. 13.1 / Capítulo 5** – Volume estilizado e/ou bruto.

◀ **Fig. 13.2 / Capítulo 5** – Artificialização volumétrica da rocha.

◀ **Fig. 13 (11.1+11.2) / Capítulo 5** – 'Apêndice' à rocha: Ideia de ocupação volumétrica no 'vazio espectral'. Poliestireno expandido (EPS). **Escala 1:500.**



▲ **Fig. 14 / Capítulo 5** – Local de implantação da proposta dos Banhos públicos do Rio Seco: Exploração inicial da volumetria pela ocupação do vazio no limite II - Transposição do *Topos* I para o II.
Cartão prensado e poliestireno expandido (EPS). **Escala 1:1000**

▲ ◀ **Fig. 14.1 / 14.2;** cota – Cobertura, 65 / Piso sobre o parque, 57 e 60.

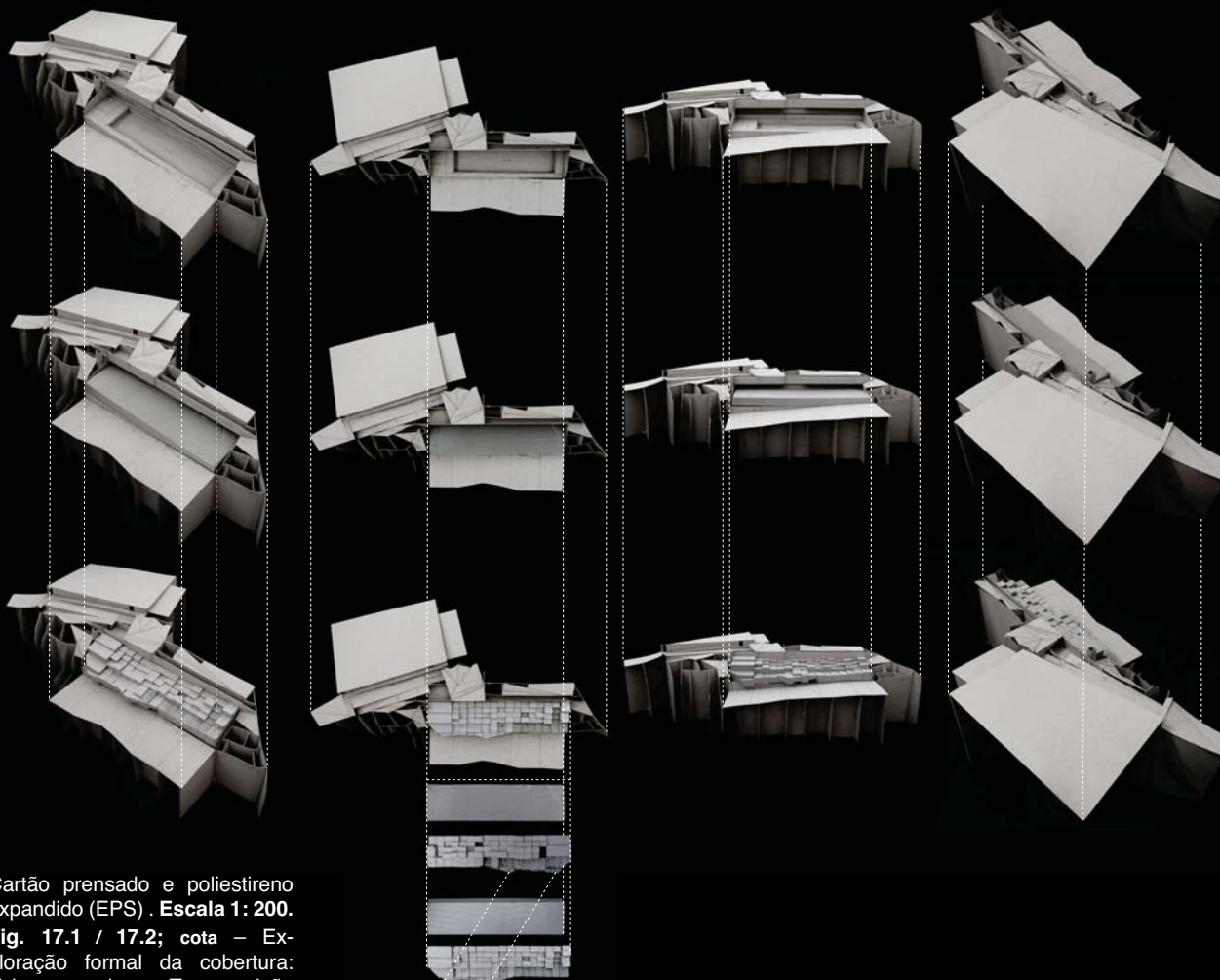
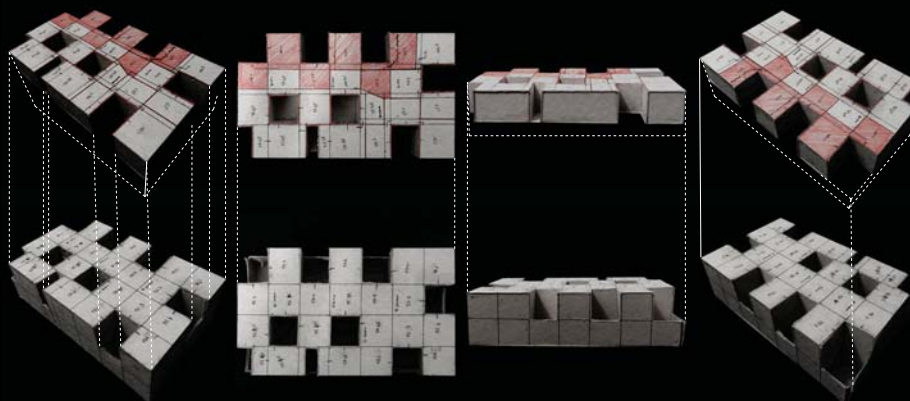
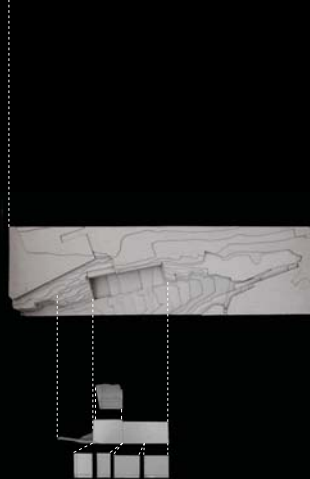
► **Fig. 14.3; cota / Capítulo 3, sub. 3.4** – Resquícios do prédio de habitação coletiva (demolido na proposta): lajes de fundação referentes ao prédio de habitação coletiva (demolido) e muro I.1 (adjacente);

► **Fig. 14.3.1** – Exploração formal dos equipamento: Volumes e cotas gerais removíveis.

► **Fig. 15 / Capítulo 3** – Proposta inicial para os lotes à escala intermédia de bairro: Exploração formal segundo 'sensações volumétricas' produzida *in situ* pela pré-existência. Cartão prensado. **Escala 1: 500.**

► **Fig. 16 / Capítulo 3** – Exploração estilizada do lotemanento: Pátio como espaço comum entre habitações segundo tipologias pré-existentes. Cartão prensado. **Escala 1: 500.**

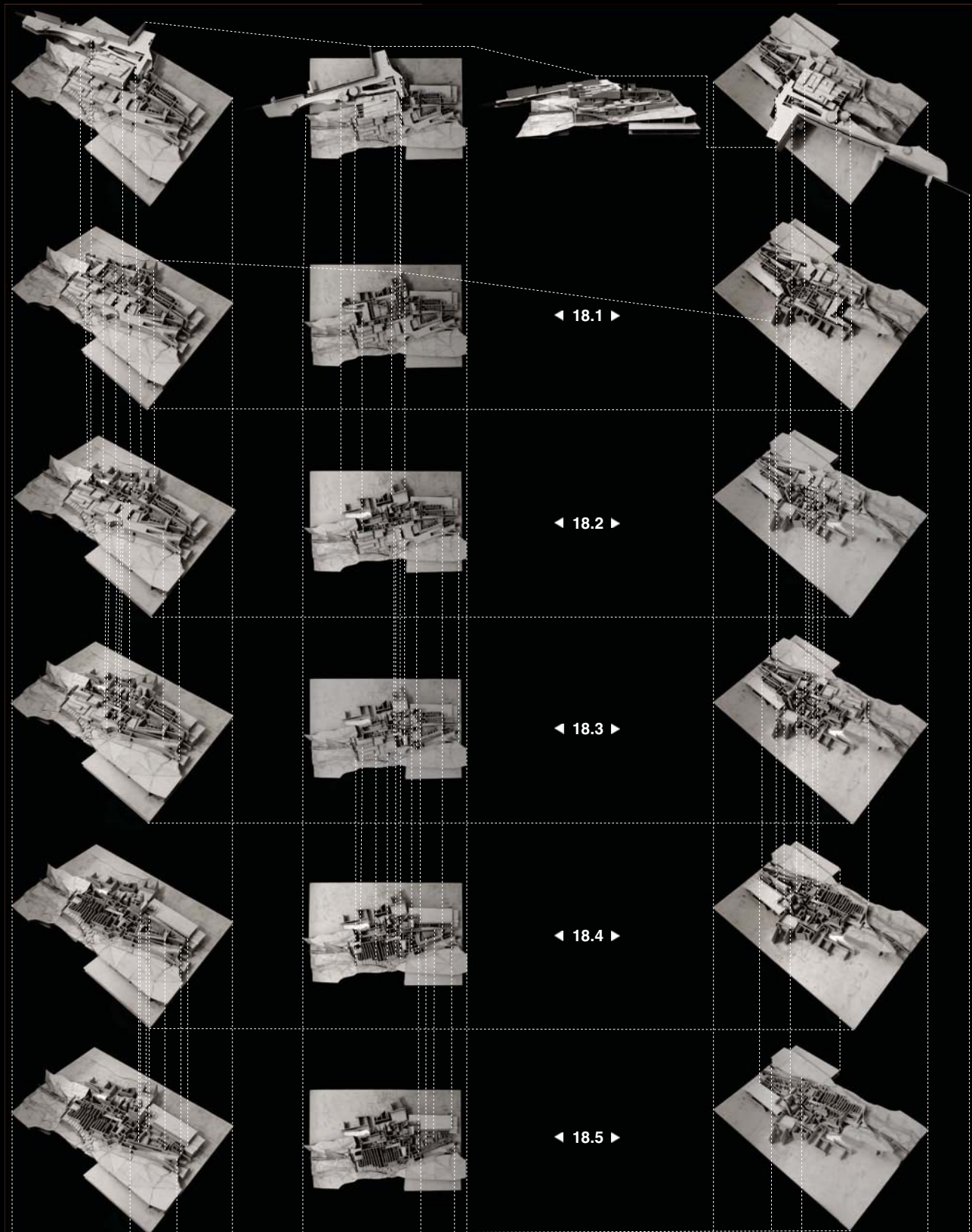
▼ **Fig. 17 / Capítulo 6** – Estudo geral das entradas na orla superior; cota / inferior; cota: Parque de Estacionamento e muro II. 2; 71/ Ideia de piscina principal (Olimpica (desportiva) de 50 m); 59.



Cartão prensado e poliestireno expandido (EPS). **Escala 1: 200.**

▲ **Fig. 17.1 / 17.2; cota** – Exploração formal da cobertura: Volume geral; 63 / Transposição volumétrica (Fig. 13 e 14); *idem*.

▲ **Fig. 17.2.1 / 17.2.2** – Vista inferior / Vista superior: Volumes removíveis.



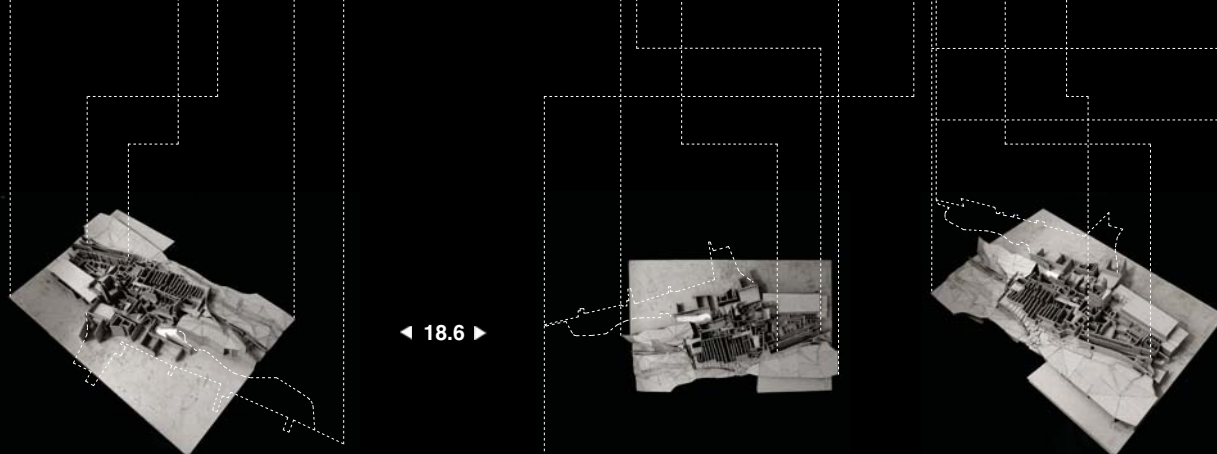
▲ **Fig. 18 / Capítulo 6** – Fim do processo em maquete: Estudo final (inacabado) do equipamento, lúdico-desportivo, de Banhos Públicos do Rio Seco e Auditório de apoio.

Nota: Não consta da maquete: O Parque de Estacionamento tangente ao muro II. 2; O piso do Auditório, recinto técnico e meios pisos adjacentes (circulação vertical); O remate a norte: circulação pedonal referente à *promenade* e passagem até a cota inferior do Parque.

Cartão prensado. **Escala 1: 200.**

▲ **Fig. 18.1**, cota máx. a mín. – * 1- Silo principal, 61.85 a 63.47; Piso inferior do Auditório, 61.85 a 64.14;

2- Piso inferior do Auditório, 61.85 a 64.14; 3- Saída de emergência de apoio aos camarins, 63.80 a 65.45; 4- I.S. F. e M. do Auditório, 63.42; 5- I.S. M. dos Banhos; 63.42; 6- Entrada de luz/pátio, 65.95 e 7- 'Apoditério'/vestiário,



▲ Fig. 18.1 (continuidade) — 66.00 a 66.10.

▲ Fig. 18.2, cota máx. a mín. — * 1- Compartimento administrativo, 60.27; 2- Camarim individual e acesso, 61.85 a 63.80; 3- Saída para oradores (desde o piso dos camarins até ao *Foyer* (não visível)), 63.80 a 65.42; 4- Espaço (parcial) de observação superior sobre a 'piscina de 25 m': Triplo e duplo pé-direito, respetivamente, do duche e da entrada do recinto da piscina principal, bancada e saída (acesso não visível), 60.27; 5- Estrutura dos banhos (tanque 1, 2, 3 e 4), 57.75 a 58.05; 6- Tanque exterior, 60.24 a 61.47; 7- Cobertura verde e 'poço' de luz, 57.75 a 62.90.

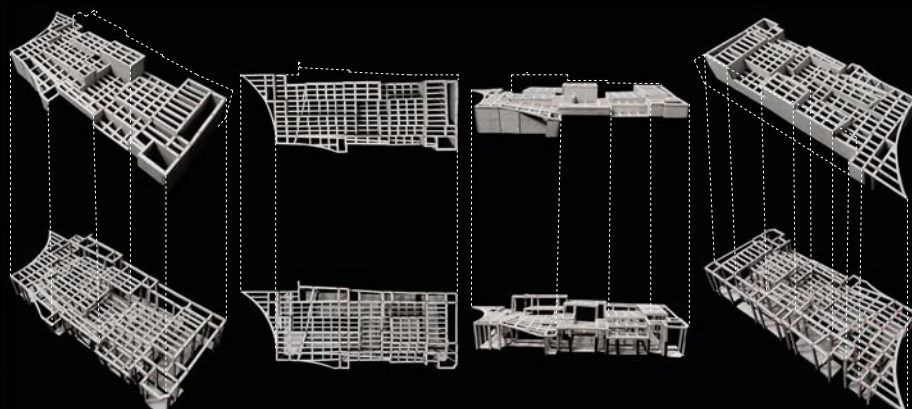
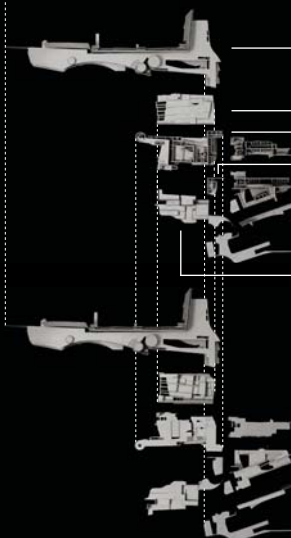
▲ Fig. 18.3, cota máx. a mín. — * 1- Zona de observação e bancada superior à 'piscina em linha', 61.47; 2- 'Nicho de repouso e contemplação', 60.27; 3- Espaço exterior de contemplação sobre o Parque, 60.27; 4- Vista (parcial) sobre zona superior da bancada de observação da 'piscina de 25 m', 60.27; 5- Duplo pé-direito sobre da extremidade sul da 'piscina em linha', 59.00.

▲ Fig. 18.4, cota máx. a mín. — * 1- Estrutura da 'piscina principal', cotas diversas; 2- I.S. F., M.R. e espaço exterior de contemplação sobre o recinto do 'banho exterior' e paisagem envolvente, 63.37 a 63.42; 4- Saunas: pé-direito duplo, 63.42; 5- Pé-direito duplo da saída de emergência / entrada de luz natural sobre a rocha, 57.75; 6- Zona exterior de contemplação para o Parque, 60.95 a 61.00.

▲ Fig. 18.5, cota máx. a mín. — * 1- Rampa (parcial) de Acesso ao piso e varanda de contemplação sobre o pé-direito duplo, 60.57 a 60.06; 2- Balneários públicos mistos e de de serviço, respectivamente, 59.30 a 60.06; 3- Sala das máquinas (núcleo secundário) e de arrumos, 58.80; 4- Pátio, 57.75.

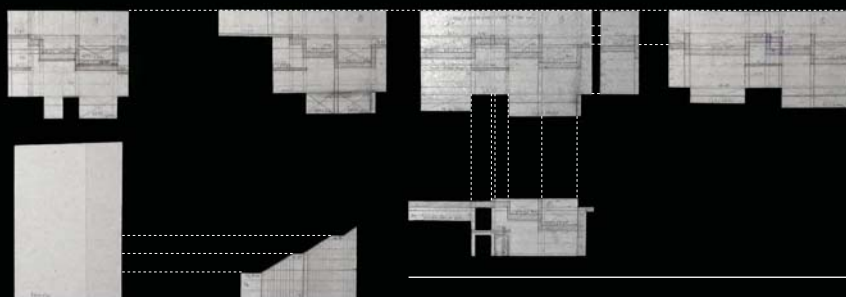
* Espaço interno aparente (pela desconstrução).

◀ 18.6 ▶



▲ Fig. 19 / Capítulo 6 — Ideia e estrutura referente ao espaço da piscina desportiva e circulação envolvente. Cartão prensado. Escala 1: 100.

▲ Fig. 20 / Capítulo 6 — Estrutura da piscina principal e para lajes dos espaços exteriores para fumadores, de apoio ao Auditório (plateia, palco e camarins). Cartão prensado. Escala 1: 100.



◀ **Fig. 18.6, cota máx. a min. – * 1-** 'Piscina em linha', 59.00 a 57.00; **2-** Sala das máquinas (corpo principal), 57.58 a 57.40; **3-** Saída de emergência de apoio à 'piscina em linha' (Este), 61.00 a 58.95.

◀ **Fig. 18.6.1 / corpo ou núcleo –** Vista aérea das peças removidas, referentes a:

1- Galeria soterrada de acesso principal: ao equipamento, à *promenade* e serviços externos (cafés e esplanadas) e ao parque de estacionamento; silos e muro II.2 / principal;

2- Cobertura: Auditório e recinto técnico / principal;

3- Circulação vertical destinada aos oradores desde o Porão até ao Palco e piso inferior à Plateia / principal;

4- Apoditério / vestiários e saída de emergência ou M.R. do equipamento / secundário;

5- Cobertura da 'piscina em linha' (25 m) e zona superior; Varanda interior, saunas, banho turco, bancadas e zona de repouso / principal;

6- Espaço administrativo, I.S. e acesso vertical de serviço / principal;

7- Espaço de arrumos; I.S. F. e M.R.; Balneários F.; Espaço externo de contemplação, ora sobre o parque, ora sobre a cobertura ajardinada; Pé-direito triplo de acesso à 'piscina em linha'; Tanque exterior / secundário e da 'piscina e linha';

8- Cobertura: Espaço de repouso e de bancadas da 'piscina principal' e pé-direito duplo subjacente; Saunas e átrio de apoio à circulação vertical pública e do volume da 'piscina em linha' / principal e da piscina em linha;

9- Escadaria projetada no espaço público de acesso à cota do Parque e cobertura do núcleo da piscina em linha.

▲ **Fig. 18.6.2–** Vista inferior: Tetos.

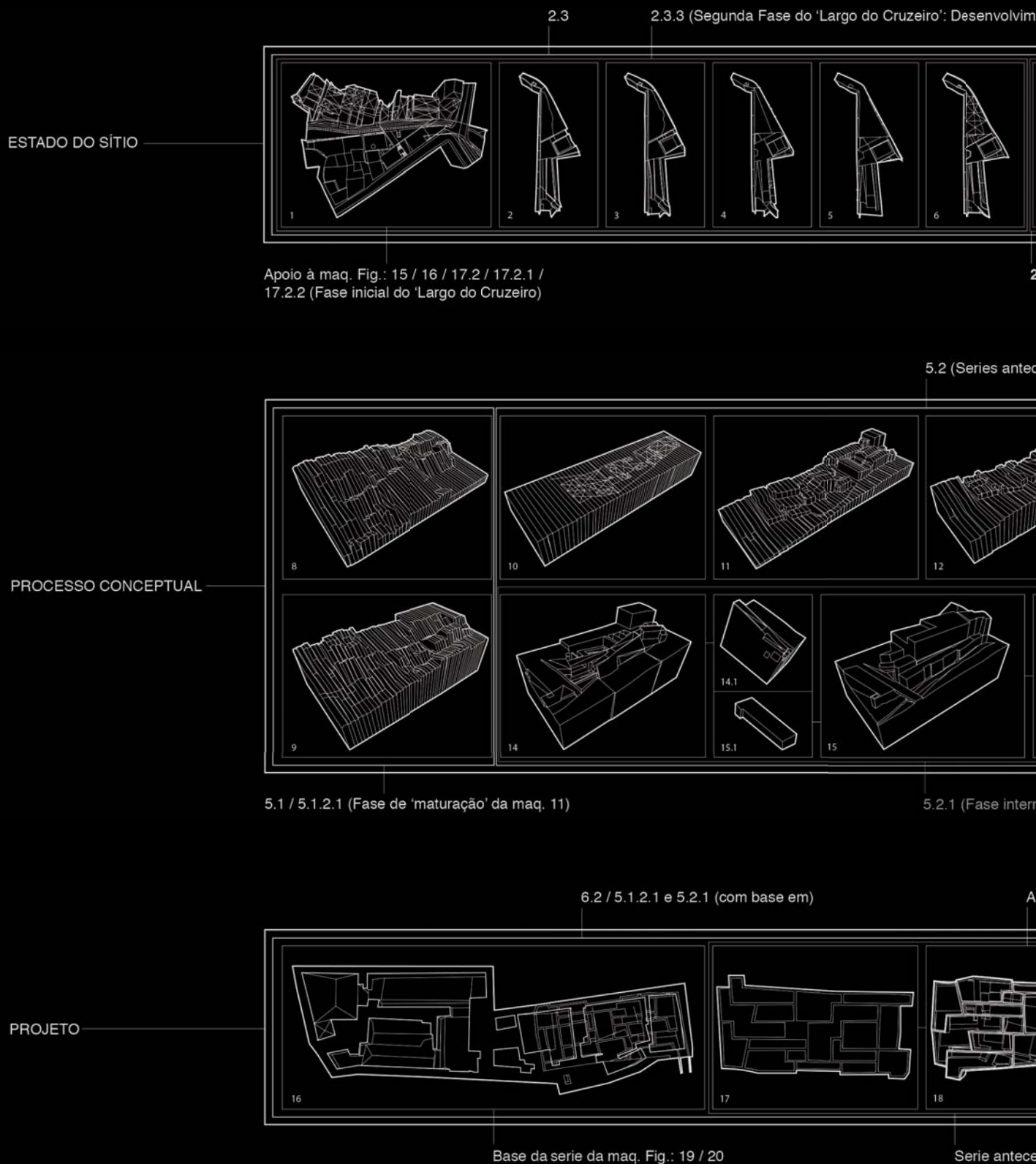
◀ **Fig. 21 / Capítulo 6 – Planos** (em corte) resultantes de um estudo parcial (tridimensional inacabado) do espaço interior do equipamento à cota do Parque:

1- Pisos e meios pisos da estrutura dos banhos associada à profundidade dos tanques;

2- Acessos.

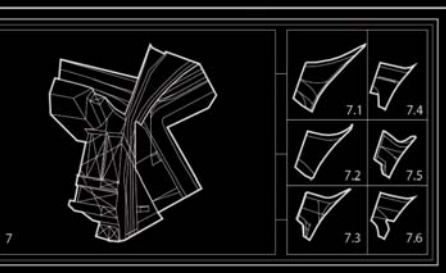
Cartão prensado. **Escala 1: 100.**

III. 2.3. Resumo esquemático – Paralelismo com as maquetes e o texto



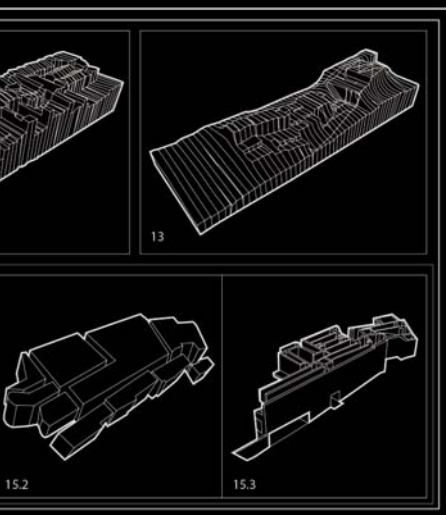
Nota – Deste 'resumo esquemático' (2.3) constam as maquetes desenvolvidas ao longo da sequência (2.2) a integrantes do processo evolutivo (2.2) este resume permite facilitar a correlação existente entre estas e as prec

ento completo)



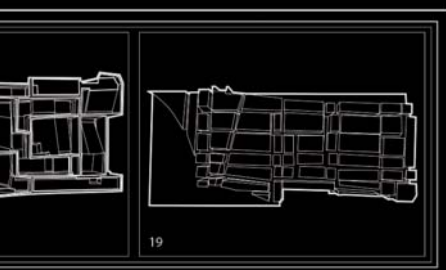
3.5 (Desenvolvimento completo da 'Nova Ponte')

pendentes da maq. Fig: 17.2.1 / 17.2.2)



média entre a maq. Fig.: 14 e 17)

poio à maq. Fig.: 18.6.2



dente da maq. Fig.: 18.6.1(5) / 19 / 20

anteriormente apresentadas no escrito. Partes
edentes maquetes no espaço/tempo e no texto.

IV. APRESENTAÇÃO

IV. 1 - ELEMENTOS GRÁFICOS PAINÉIS

Nota – A tonalidade das fotografias, que se seguem, foram mantidas conforme origem e apresentadas desde Vale do Rio Seco até o construído de bairro.

IV. 1.1. Índice de Painéis – Paralelismo com o texto

P01 / Capítulo 1 – TOPOGRAFIA DO TERRITÓRIO

Ref. Cap. 1.1, Enquadramento Natural
1.1.1, 1.2, 1.2.3.3 e 1.3. **Escala 1:20000.**

P02 / Capítulo 1 – TOPOGRAFIA DO TERRITÓRIO

Ref. Cap. 1.2.2.3. Enquadramento Artificial
Escala 1:5000.

P03 / Capítulo 1 – PARQUE NATURAL DO RIO SECO

Ref. Cap. 1.3. Enquadramento do Vale
Escala 1:1500.

P04 / Capítulo 1 e 6 – PLANO URBANO

Ref. Cap. 1.3 e 6.1 Planta de Coberturas e Alçado Principal
Escala 1:500.

P05 / Capítulo 1 e 6 – PLANO URBANO/ARQUITETÓNICO

Ref. Cap. 1.3, 6.1 e 6.3.3. Planta de Piso Térreo (cota 59.00)
Escala 1:500.

P06 / Capítulo 2 – PLANO URBANO

Ref. Cap. 2.3.1 e 2.3.5 Proposta do 'Largo do Cruzeiro' e da 'Nova' Ponte
Planta de Pavimentos
Escala 1:135.

P07 / Capítulo 6 – PROPOSTA ARQUITETÓNICA

Ref. Cap. 6.1 e 6.2. Planta de Coberturas
Escala 1:200.

P08 / Capítulo 6 – PROPOSTA ARQUITETÓNICA

Ref. Cap. 6.3.1. Planta parcial do Estacionamento (cota 72.70)
Escala 1:200.

P09 / Capítulo 6 – PROPOSTA ARQUITETÓNICA

Ref. Cap. 6.3.1 e 6.3.2. Planta parcial do Túnel de Ill Locus, Estacionamento e Auditório
(cota 70.00)
Escala 1:200.

P10 / Capítulo 3 e 6 – PROPOSTA ARQUITETÓNICA

Ref. Cap. 3.2.3, 6.3.1, 6.3.2 e 6.3.3.3. Planta do auditório e dos Banhos (cotas 64.40 e 67.40)
Escala 1:200.

P11 / Capítulo 6 – PROPOSTA ARQUITETÓNICA

Ref. Cap. 6.2, 6.3.1 e 6.3.2. Cortes/Alçados Longitudinais
Escala 1:200.

P12 / Capítulo 6 – PROPOSTA ARQUITETÓNICA

Ref. Cap. 6.3.3. Cortes Transversais e Longitudinal/Desenhos Argumentativos
Escala 1:200.

P13 / Capítulo 6 – PROPOSTA ARQUITETÓNICA

Ref. Cap. 6.2 e 6.3.3. Piscina Principal - Planta de Tetos e Pavimentos
Escala 120.

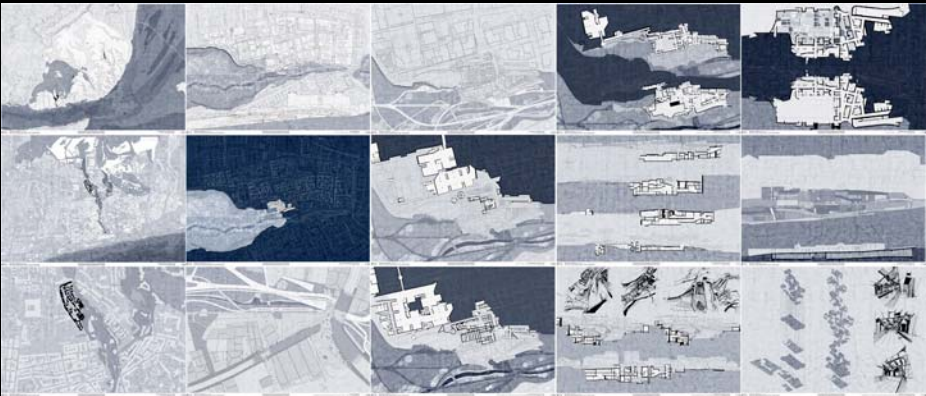
P14 / Capítulo 3 e 6 – PROPOSTA ARQUITETÓNICA

Ref. Cap. 3.4, 3.5 e 6.2. Alçado Principal, Galeria e Muro II.2
Escala 1:120.

P15 / Capítulo 5 e 6 – PROPOSTA ARQUITETÓNICA

Ref. Cap. 6.2. Axonometria - Sistema de decomposição Modular dos Tetos
Desenhos argumentativos
Escala 1:300.

IV. 1.2. Sumário ilustrado



P01	P04	P07	P10	P13
P02	P05	P08	P11	P14
P03	P06	P09	P12	P15

